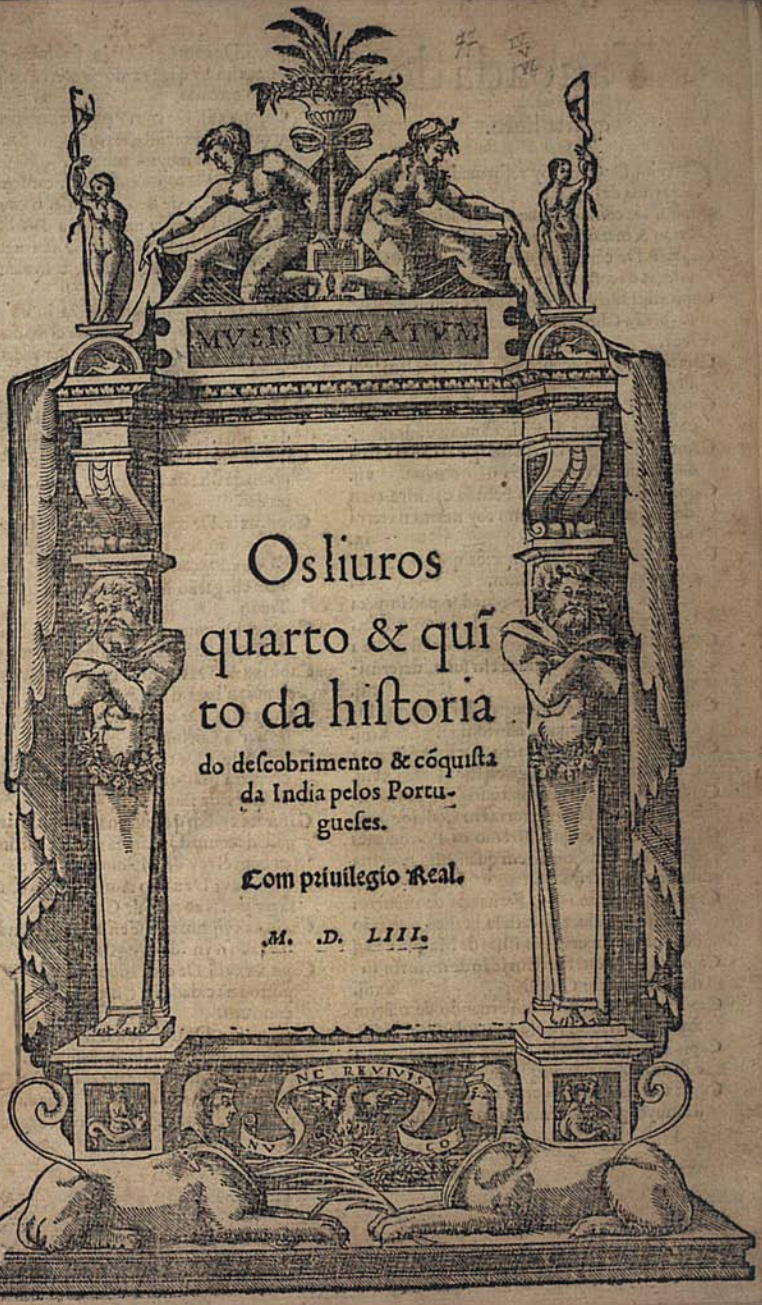


Os liuros quarto & quĩto da hiſtoria

do deſcobrimento & cõquiſta da India pelos Portugueſes.

Com priuilegio Real.

M. D. LIII.

1447

Tauoada do

quarto liuro.

CApit.j. De como foy reformada a paz com a raynha de Coulão. pagina.j.

Capit.ij. De como os mouros de Baticala se leuantarão & matarão vinte quatro Portugueses. j.

Capit.iij. De como ho gouernador visitou as fortalezas da costa da India, & do mais q̃ fez. ij

Capit.iiij. De como Fernão perez dandrade partio pera a China & arribou com tempo a Malaca. iij.

Capit.v. Do que aconteceo a Anrrique leme em Pegu. iiij.

Capitolo.vj. De como dom Aleixo de meneses chegou a Ormuz & prẽdeo Simão dãdrade.vj.

Capit.vij. Da segunda armada que ho Soldão mãdou aa India, & porque laa não chegou. vij.

Capit.viij. Do que passou Fernão caldeira com dom Goterre, & de como foy morto na terra firme. ix.

Capit.ix. De como forão mortos quatro Portugueses no sertão de Cochim. x.

Capit.x. De como ho gouernador partio pera ho estreito embusca da armada do Soldão. x.

Capit.xj. De como sabendo ho gouernador que a armada do Soldão estaua em Iuda, determinou de pelejar coela. xiij.

Capit.xij. De como ho gouernador chegou a Iuda, & a causa porque a não tomou. xiiij.

Capit.xiij. De como o gouernador se partio pera Camarão, & da muyta gẽteq̃ lhe morreo.xviij.

Capit.xiiij. De coma Eytor rodrigez de Coimbra fez hũa casa de feytoria em Coulão. xx.

Capit.xv. Do risco que correrão os Portugueses que estauão em Coulão em quanto ho gouernador foy ao estreito. xxj.

Capit.xvj. De como dom Fernando de monrroi & Ioão gonçaluez de castelo branco tomarão duas naos d mouros nas ilhas de Maldiua.xxij

Capit.xvij. Do que fez dom Ioão de monrroi indo darmada ate Chaul. xxiij.

Capit.xviij. De domo dom Fernando de mõrroi foy desbaratado na terra firme de Goa. xxiiij.

Capit.xix. De como ho gouernador queimou a cidade de Zeila, & doq̃ lhe fizerão e Adẽ.xxvj.

Cap.xx. De como o gouernador foy a Ormuz: & da muyta gẽte q̃lhe morreo no caminho.xxviij

Cap.xxj. De como çufolarim foy sobre Goa.xxx

Capit.xxij. Do que fez dõ Goterre despois que se vio cercado. xxxj.

Capit.xxiij. De como çufolarim assentou seu arrayal, & do ardil que teue dom Goterre pera lhe matar muytos mouros. xxxij.

Capit.xxiiij. De como çufolarim começou de bater a fortaleza de Benestarim, & como lhe quebrarão hũ camelo com que a daua. xxxij.

Capit.xxv. Do que fizerão sete Portugueses no arrayal dos immigos: & de como leuantarão ho cerco. xxiiij.

Capit.xxvj. De como chegou aa India Antonio de saldanha capitão moor da armada de Portugal: & de como ho gouernador chegou Dormuz. xxxv.

Capit.xxvij. De como Fernão perez dandrade tornou a partir pera a China, & da discripção da China. xxxiiij.

Capit.xxviij. De como Fernão perez chegou ao porto da ilha da Beniaga, & como se ouuera de perder. xl.

Capit.xxix. De como Fernão perez se partio pera Canrão, & do sitio de Cantão, xlij.

Capit.xxx. De como chegado Fernão perez a Cãtão: chegarão ho Conquão, Compim & ho Tutão xliiij.

Ca.xxxj. De como o capitão mòr mãdou recado ao Tutão, & se tornou â ilha da Beniaga.xlvj.

Capit.xxxij. Das armadas que ho gouernador mandou fora da India. xlvij.

Capit.xxxiij. De como ho gouernador foy inuernar a Cochim. xlix.

Capit.xxxiiij. De como dom Aleixo de meneses chegou a Malaca & achou que lhe fazia guerra el rey de Bintão. l.

Capit.xxxv. Em q̃ se escreuem as ilhas de Maldiua. E de como dõ Ioão da silueira assentou trato com el rey delMaldiua. lj.

Capit.xxxvj De como Antonio de saldanha foy fazer presas ao cabo de Goardafum. liii.

Capit.xxxvij. Em que se escreue ho grande & bastado reyno de Bengala.

Capit.xxxviij. De como dom Ioão da s portou na cidade de Chetigão: & do conteceo.

Capit.xxxix. Da treição que ho Lascar tigão armou a dom Ioão da silueira.

Capit.xl. De como Iorge mazcarenhas ra dos Lequios, & do que laa passou.

Capit.xlj. De como Fernão perez chegou a M

laca. lxj.
Capit.xlij. De como o gouernador foy fazer hũa fortaleza aa ilha de Ceilão. lxij.
Capit.xliij. De como vendo el rey de Ceilão desbaratada sua gente pedio paz ao gouernador. E de como começou a fortaleza. lxv.
Capit.xliiij. De como chegou aa India Diogo lopez de siqueira q̃ hia por gouernador dela. lxvj.
Capit.xlv. De como Afonso lopez da costa não podetomar a trãqueira de Muar, & dũ ardil cõ q̃ el rey de Bintão quisera tomar Malaca. lxvij.
Capit.xlvj. De como el rey de Bintão pos execução hũ ardil pera tomar a nossa fortaleza, & de como os seus forão desbaratados. lxix.
Capit.xlvij. De como Duarte de melo capitão mor do mar de Malaca foy cõ outros capitães sobre a tranqueyra de Muar & a tomou. lxxi.
Capit.lxviij. Do q̃ aconteceo em Malaca despois da partida de dõ Aleixo de meneses. lxxiiij.

Tauoada do quinto liuro.

CApitolo.j. De como Lopo soarez entregou a gouernança da India a Diogo lopez de siqueyra, & se partio pera Portugal. pagina. lxxviij.
Capit.ij. De como ho gouernador tornou Batica la aa obediẽcia del rey de Portugal. lxxviij.
Capit.iij. De como Christouão de sousa foy darmada a Dabul, & do q̃ lhe aconteceo. lxxviij.
Capit.iiij. De como ho gouernador despachou certos capitães pera diuersas partes. lxxxj.
Capit.v. De como a raynha de Coulão deu consentimento pera se fazer fortaleza. lxxxj.
Capit.vj. De como Eytor rodriguez de Coimbra começou edificar a fortaleza de Coulã. lxxxiij.
Capit.vij. De hũ grande serviço que a raynha de Coulão fez a el rey de Portugal. lxxxiiij.
Capit.viij. De como ho gouernador foy ver hũ para, & do que lhe aconteceo. lxxxv.
Capit.ix. De como mouros de Cambaya matarão a Ioão gomez nas ilhas d Maldiua. lxxxvj
Capit.x. De como despois Dantonio correa socorrer Malaca se partio pera Pegu. lxxxvj.
Ca.xj. Em q̃ se escreue ho reyno de Pegu. lxxxviij.
Capit.xij. De como Antonio correa assentou amizade com el rey de Pegu. xciij.
Capit.xiij. De como Antonio pacheco & outros forão catiuos pelos Achẽs. xciij.
Capit.xiiij. Do que ho gouernador fez em Cochi, & Antonio de saldanha chegou dormuz. xciiij
Capit.xv. De como partio de Portugal Iorge dalbuquerque por capitão moor darmada da India. E de como dom Luys de guzmão arribou ao Brasil por lhe quebrar ho leme. xcv.
Capit.xvj. Das brigas que dom Luys ouue com ho seu piloto: & de como os Brasis matarão sessenta Portugueses. xcvij.
Capit.xvij. De como dom Luys de guzmão se leuantou com ho galeão, & do que fez aos Portugueses que ho não quiserão seguir. xcix.
Capit.xviij. De como dom Luys mandou enforcar cinco Portugueses, & do mais que fez. cij.
Capit.xix. De como os mouros matarão Manuel de sousa & .xl. Portugueses, & se perdeo. ciij.
Capit.xx. De como Iorge dalbuquerq̃ inuernou em Moçambique com algũs capitães. cv.
Capit.xxj. De como ho gouernador foy ver a fortaleza de Coulão. cv.
Capit.xxij. De como Ioão gonçaluez de castelo branco foy por embaixador ao Hidalcão. cvj.
Capit.xxiij. De como indo ho gouernador pera Iuda se perdeo a nao em que hia, & como foy surgir em Maçua. cvij.
Capit.xxiiij. Como ho gouernador chegou a Maçua & soube que Mateus era embaixador. cix.
Capit.xxv. De como ho capitão Darquico foy falar ao gouernador, & despois noue frades do mosteiro de Bisam. cxj.
Capit.xxvj. Do sitio do mosteiro de Bisam: & da regra que goardão os seus frades. cxiij.
Capit.xxvij. De como ho gouernador se vio com ho Barnegais, & jurarão ãbos amizade. cx vj.
Cap.xxviij. De como o gouernador mãdou dõ Rodrigo de lima por ẽbaixador ao Preste. cxviij.
Capit.xxix. Do q̃ aconteceo a Gõçalo de loule, & como ouue a artelharia do galeão de Manuel de sousa. cxiij.
Capit.xxx. De como Iorge dalbuquerque foy em busca do gouernador. cxxj.
Capit.xxxj. De como Iorge dalbuquerq̃ quisera prender Raix xabadim & não pode, & do dãno que recebeo. cxxij.
Capit.xxxij. Da grande tormenta q̃ ho gouernador passou saido do estreito. E como se perdeo a gale de Ieronimo de sousa. cxxiij.
Cap.xxxiij. De como ho gouernador foy inuernar a Ormuz. cxxiiij.
Cap.xxxiiij. De como foy por capitão mõr darmada da India Iorge de brito: & do q̃ acõteceo ao galeão de Ruy vaz pereyra cõ hũ peixe. cxxv
Cap.xxxv. De como Antonio correa foy sobre a tranqueyra do pago & a destruyo. cxxvj.
Cap.xxxvj. De como el rey de Bintão fugio Dantonio correa com toda sua gente. cxxix.
Cap.xxxvij. Do façanhoso feyto q̃ fizerão cinco Portugueses. cxxx.
Cap.xxxviij. De como se leuantarão a raynha de Coulão & a de Comorim cõtra Eytor rodriguez capitão da fortaleza. cxxxij.
Cap.xxxix. De como a raynha de Coulão & a de Comorim quiserão tomar a fortaleza por treiçon. cxxxv.

Cap.xl. De como as raynhas mandarão cercar a fortaleza de Coulão. cxxxvij.
Cap.xlj. De como dõ Aleixo de meneses mandou socorrer a fortaleza de Coulão. cxxxviij.
Cap.xlij. Do que socedeo na guerra aos Portugueses & aos immigos. cxl.
Cap.xlliij. De como a raynha de Comorim pedio paz a Eytor rodriguez & foy decercada a fortaleza. cxlij.
Cap.xliiij. De como se assentou a paz com a raynha de Coulão. cxliij.
Cap.xlv. De como indo ho gouernador pera a India forã tomadas duas naos de mouros. cxliiij.
Cap.xlvj. De como Meliqueaz quis saber se hia ho gouernador sobre Diu. cxlvj.
Ca.xlvij. De como Meliq̃ saca & Hagamahmut se fortalecerão sabẽdo que ho gouernador hia a Diu. cxlvj.
Ca.xlviij. Como o gouerna. chegou a Diu. cxlvij.
Cap.xlix. De como ho gouernador se vio cõ Meliq̃ saca & com Hagamahmut. cxlviij.
Cap.l. De como mudado o gouernador de tomar Diu mãdou ver ho rio de madrefaba pera fazer hi fortaleza. cxlix.
Cap.lj. De como auendo ho gouernador dir inuernar a Ormuz deixou na India dom Aleixo de meneses em seu lugar. clj.
Capi.lij. De como ho gouernador mandou pedir a Nizamaluco lugar pera hũa fortaleza, & se partio pera Ormuz. clij.
Cap.liij. De como auido Fernão miz cuãgelho p Diogo fernãdez de beja se foy pa Ormuz. cliij.
Ca.liiij. De como partirão Iorge dalbuquerq̃ pera Malaca, & Iorge de brito pera Maluco. cliij.
Cap.lv. De como dõ Iorge de meneses foy ajudar el rey de Cochim cõtra el rey de Calicut. cliiij.
Cap.lvj. como el rey de Portugal mãdou q̃ ouuesse officiaes Portugueses nalfãdega Dormuz. clv.
Cap.lvij. De como Ruy de melo capitão de Goa tomou as tanadarias da terra firme d Goa. clvj.
Cap.lviij. De como Raix xarafo fez com ho sogro del rey Dormuz que ho fizesse leuantar cõtra os Portugueses. clviij.
Cap.lix. de como Antonio correa pelejou com el rey Mocrim & ho desbaratou. clix.
Cap.lx. De como Antonio correa mãdou a cabeça del rey Mocrim ao gouernador. clxiij.
Cap.lxj. De como Iorge dalbuquerq̃ chegou a Paçẽ per a restituyr no reyno ho principe. clxiiij.
Ca.lxj. De como el rey Dauru foy sobre Pacẽ pera pelejar cõ ho tirano q̃ tinha ho reyno. clxvj.
Cap.lxiij. De como ho tirano de Pacẽ foy morto & desbaratado por Iorge dalbuquerq̃. clxvj.
Cap.lxiiij. De como Iorge dalbuquerque fez hũa fortaleza em Pacem. clxviij.
Cap.lxv. De como Iorge de brito foy morto & desbaratado em Achem. clxviij.
Cap.lxvj. De como per morte de Iorge de brito sucedeo na capitania Antonio de brito. clxxj.
Cap.lxvij. De como ho gouernador mãdou por capitão mor Diogo fez de beja a Cãbaya. lxxij
Cap.lxxiij. Como Hagamahmut desbaratou Nunofez & lhe meteo hũ nauio nofũdo. lxxiiij.
Cap.lxix. De como dõ Duarte de meneses q̃ hia por gouernador da India chegou a ela. clxxvj.
Cap.lxx. De como Antonio correa ouue a ilha de Bahare, & a fortaleza de Catifa. lxxvij.
Ca.lxxj. De como o pay del rey Dormuz lhe cõ se lhou q̃ nã fizesse treiçã aos Portugueles. clxxs.
Cap lxxij. De como ho gouernador começou de fazer a fortaleza de Chaul. clxxx.
Cap lxxiij. De como Hagamahmut correo per mar a Chaul. clxxxj.
Cap.lxxiiij. De como dom Aleixo pelejou algũas vezes com Hagamahmut. clxxxiij.
Cap.lxxv. De como foy morto Diogo fernandez de beja. clxxxvj.
Cap.lxxvj. De como Iorge dalbuquerq̃ foy sobre Biutão, & do que lhe aconteceo. clxxxix.
Cap.lxxvij. De como Antonio de brito se partio pera a ilha da Iaoa. cxcj.
Cap.lxxviij De como Iorge dalbuquerque se tornou pera Malaca. cxcij.
Cap.lxxix. Como Bastião de sousa foy pa fazer fortaleza na ilha d sã Lourẽço & a nã fez. cxcij
Cap lxxx. De como se leuantarão os Chins cõtra os Portugueses, & o que fizerão. cxciij.
Cap.lxxxj. De como Hagamahmut foy desbaratado per Antonio correa. cxciiij.
Cap.lxxxij. De como el rey Dormuz & Raix xarafo se leuãtarão cõtra os Portugueses. cxcvij.
Cap.lxxxiij. De como dom Garcia mandou pedir socorro aa India. cxcix.
Cap.lxxxiiij De como Manuel de sousa tauares socorreo a fortaleza Dormuz. ccj.
Cap.lxxxv. de como os mouros derão bateria aa fortaleza Dormuz. cciij.
Cap.lxxxvj. de como os mouros despejarão a cidade Dormuz. ccv.
Cap.lxxxvij. do que passou antre os Portugueses despois q̃ os mouros despejarão a cidade. ccviij.
Cap.lxxxviij. de como el rey Dormuz foy morto pormandado de Raix xarafo. ccix.
Capitolo.lxxxix. de como Diogo lopez de sequeyra se partio pera Portugal. ccx.

Fim da Tauoada.

Prologo no quarto & quinto liuros da historia do descobrimento ⁊ conquista da India pelos Portugueses. Dirigido á serenissima ⁊ excelentissima Princesa dona Joana nossa senhora. Por Fernão lopez de Castanheda.

Antiguo costume he em Persia, ⁊ q̃ se guarda ẽ toda Asia serenissima ⁊ excelentissima. Princesa nossa senhora/nenhũa pessoa visitar sem presente a elrey, nem a outras pessoas reaes: porque se tem por grande sinal damor ⁊ obediencia: custume muyto notauel ⁊ digno de ser vsado em toda parte: porq̃ são nossos señores na terra, ⁊ na que he sua viuemos: ⁊ temos nossas fazendas ⁊ nos dam leys per q̃ somos gouernados ⁊ regidos: ⁊ finalmẽte nos mantem em paz ⁊ em justiça que he parte da bem auenturança deste mundo Polo que não somẽte os deuemos de visitar com presentes do q̃ temos, mas ter as vontades muy prõptas pera seu seruiço. E seguindo eu este custume auẽdo de visitar. V. A. como seu vassalo lhe quis fazer hũ presente: mas de q̃ se pode ele fazer a. V. A. princesa tão singular dos bẽs dalma ⁊ da fortuna sobre todas tã excelentemente dotada, q̃ cõ ho muyto q̃ lhe deles sobeja podião outras ser bẽ auẽturadas. Deyxo agora a nobreza ⁊ antiguidade de vosso esclarecido sangue de todas as partes, dos mais excelẽtes ẽperadores Dalemanha, de tãtos ⁊ tão famosos ⁊ bẽ auẽturados Reys do antigo ⁊ muyto nobre sangue dos godos, abasta ser. V. A. filha daq̃lles dous lumes do mũdo/ Carlos quinto rey dos Romãos ⁊ Emp̃ador Dalemanha ⁊ rey de Castela ⁊ doutros ẽ espanha ⁊ fora della, ⁊ señor de grãdes senhorios: cuja boa fortuna foy em tãto crecimẽto q̃ per seus capitães rompeo cõ estrago espãtoso ho cãpo de Frãcisco Rey de França, que nele estaua em pessoa com poder que parecia inuenciuel, ⁊ ho desbaratou ⁊ prẽdeo com muytos senhores de Frãça: a quem ho Turco terror do mundo entrando com seu temeroso exercito por Ungria volucõ as costas ⁊ não ousou dir auante cõ medo de pelejar com sua magestade que tinha diãte: ⁊ cõ ardentissimo zelo da gloria do eterno Deos todo poderoso ⁊ da religião christaã, esquecido dos immensos trabalhos da guerra, penetrou polas frialdades grandissimas da alta Alemanha, ⁊ desbaratou aquelas duas crueis ⁊ danosas bestas, cabeças ⁊ colunas da pessima ⁊ abonimauel heresia luterana ho duque de Saxonia ⁊ ho Lanstgrauio: ⁊ someteo todas aquelas terras que estauão corruptas desta maluada heresia a santa Se Apostolica: ⁊ fez outras muytas ⁊ muy notaueis cousas, que deixo por não parecer que screuo historia. Ho outro lume do mundo foy sua molher a emperatriz dona Isabel vossa may, exemplo de todas as virtudes, q̃ com tanto assessego gouernou Castela, ⁊ os outros Reynos despanha: em tantos annos que. S. M. foy ausente, que nunca seus vassalos ho acharão menos, ⁊ pera que lhe não faltasse nenhũa cousa pera ser a mais bem auenturada princesa do seu tempo, casou com ho muyto alto Principe dom Johão nosso senhor herdeiro da real casa de Portugal, ⁊ de seus grandes senhorios, nacido do vosso real tronco que não tem enueja a nenhũ dos principes Cristãos assi em ser zeloso do culto diuino, piadoso pera os pobres ⁊ necessitados, manifico liberal ⁊ benigno pera todos: amigo dos caualeiros, ⁊ muy prõto ẽ ouuir suas façanhas: ⁊ muyto dado a todo estudo das boas letras, em quẽ se achão todas as boas ⁊ virtuosas inclinações que conuem a hũ bom principe, ⁊ sobre tudo lhe deu nosso senhor hũ singular dom, que he tão sogeito a rezão que

posto que lhe pareça q̃ lhe tẽ feitos grandes erros, com lhe darem rezão fica logo satisfeito. E pera que me detenho eu em cousas tam notorias, nem pera que he ter isto por muyto, pois não se espera menos de. S. A. sendo filho do muyto alto & muyto poderoso Rey dõ Johão nosso senhor, & da muyto esclarecida Rainha nossa senhora vossos padres, que assi ho souberão criar & instituir, que juntamente com a boa inclinação natural de que ho eterno Deos ho dotou sayo tal como he. Pois considerando eu serenissima Princesa a singularidade & excelencia de vossa real pessoa & vossa manificencia, não achey de que lhe fizesse melhor presente que de cousas que sam de muyto mor preço que ouro, nem prata, nem outras riquezas. Estes são os milagrosos feitos ẽ armas que os Portugueses cujos descendentes hão de ser vossos vassalos fizerão no descobrimento & conquista da Jndia: porque de que tem os Principes & senhores mais necessidade que de hõs vassalos, que os fazem ser amados de seus naturais & temidos de seus imigos, que lhes seguirão seus Reynos, & acrecentão outros a seus senhorios, com que os fazem ricos, & estendem por toda a terra seu nome com muyto grande louvor & fama. E bem sentia isto aquele grande Rey Dario quando disse que queria tantos Zopiros como erão os grãos da romã, por ser Zopiro tam esforçado & prudente na guerra que lhe conquistou Babilonia, & assi fizerão outros muytos & hõs vassalos muy grandes & assinados seruiços a seus senhores, como as historias antigas & modernas dão testemunho: que cotejados cõ os que fizerão os Portugueses ficão muyto abaixo deles, pois os das outras naçoẽs acabarão, & os seus sempre permaneçem: os Assirios, os Medos, os Persas, cujas monarchias forão de tantos Reynos, de cidades tam notaueis, de gente sem conto / emnobrecidas com tam grossas riquezas, fortificadas com tão medonhos & espãtosos exercitos que cobrião a terra & secauão os rios, todos acabarão & se desfizerão em pouco tempo: & estes Reynos no mundo tam celebriados ficarão sugeitos a outros. A monarchia dos Gregos & dos Romãos que forão muyto mayores que estoutras, & q̃ pareceo que auião de someter todo mundo a seu imperio, quasi que não durarão nada pera ho começo que leuauão: & assi outras muytas de barbaros, gregos, & latinos, que se apagarão: de maneira q̃ não ha nenhũa memoria delas. O que tudo foy por culpa dos vassalos destes monarcas, que ou por treiçoẽs ou por outras maldades forão causa de se apagarem & desfazerem. O que não se pode dizer dos Portugueses, que criado este Reyno de Portugal de tam pouca cousa como começou, seruindo a seus Reys cõ esforço & lealdade sobre as outras naçoẽs, não somente ho engrossarã em Espanha, nem se contentarão de ho estender por Africa: mas abrindo nouos mares & descobrindo nouos mundos, dobrando aquele espantoso cabo de boa esperança, estenderão ho senhorio de Portugal & ho fizeram conhecer em Ethiopia, Arabia Persia, & nas Jndias. E não descansando ainda aquis seus bravos coraçoẽs, ho leuarão ate a riquissima China pela banda do norte: & ate as odoriferas ilhas de Maluco pela bãda do sul: cousa nunca cuidada em nenhũ tempo, nem q̃ entrasse em pensamẽto humano pera se fazer. & forão de geração em geração tam leais todos, que sem temor de immẽsos trabalhos, sem receo de medonhos perigos sosteuerão ho senhorio de Portugal nestas partes, arreigandoho de cada vez mais. E in tãto q̃ parece que a terra, ho mar, & agente se cõuidão pera ho receber. Rezão tenho logo serenissima & excelẽtissima princesa de fazer a. V. A. presente das cousas de mayor preço que se achão nestes reynos, q̃ sam os milagrosos feitos em armas q̃ fizerão os Portugueses no descobrimento & conquista da Jndia, para que saiba. V. A. que sam os melhores vassalos q̃ pode ser: & como a taes os trate, fauoreça, empare & ajude.

Ad inuictissimum Lusitaniæ, & Algarbiorum Regẽ. Ioanem. III. &c. Ferdinandus Coronellus de historia Indica nunc recens edita.

Omnes, quem Turca timet, quem Maurus adorat,
Quemq; pharetratæ Persidis ora tremit.
Cui Parthus, cui cedit Arabs, cui punica tellus
Seruit, & occiduo terra fretumq; solo.
Inclyta perpetuis cur non tua gloria fastis
Crescet, & ætherei surget ad astra poli?
Cum tua lysiades acri gens aspera bello
Ausa sit ignotam fluctibus ire viam.
Perq; procellosum numerosis classibus æquor
Cogat mansueto barbara regna iugo:
Qua vagus Euphrates, quà deuius exit Orontes,
Quaq; fluit gelidis barbarus ister aquis.
Iamq; pererrato superest nil deniq; mundo,
Per freta longa tuus nauita vicit iter.
Quaq; patet domitis tua magna potentia terris,
Intemerata dei crescit vbiq; fides.
Rex igitur merito tibi quis celeberrime regũ
Non grates imo pectore semper agat?
Cum tua stent adeo sacris onerata trophæis
Limina, sint armis tot freta victa tuis.
Maxime rex regum tituli, insignibus ambit
Quem decor, & tantis ornat imaginibus.
Viue diu patriæ, nec te plaga lucida cœli
Auferat è nostro ciuibus orbe tuis.
Candidus astra petes sero, cum nulla superstes
In terris hominum quæ dare iura queas.
Tunc iam lysiadasq; tuos, gentemq; beatam
Aspicies superos promeruisse Deos.
Qui bene pro patria quondã cecidere sub armis,
Qui bene pro Christi relligione iacent
Felices animas, iam nunc super æthera raptos,
Non vos indecores desinet ulla dies.
Non vos liuor edax, non vos longæua uetustas

Arguet in patrio non cecidisse solo.
Dum Phœbus superos pulcherrimus ambiet orbes,
Dum Thagus auriferas in mare vertet aquas.
Vix unquam virtus sine nomine vestra iacebit,
Non erit in cineres fama sepulta suos.
Nam casus rerum varios durosq; labores
Castanheda sacro proferet ore potens.
Vincet & eterni inimica silentia libris,
Tollet & obscuro nomina vestra situ.
Ille quidem patriæ facta immortalia nunquam
Defraudata suis laudibus esse sinet.
Quæ tibi tot victis rex inuictissime terris.
Gratatur forti parta trophæa manu.

Eiusdem in authorem epigramma.

Iuius historiæ quondam celeberrimus author
Duxit ab æterna posteritate decus.
Dum scribit latium, commissaq; prælia, nec non
Missa sub hesperium Punica regna iugũ.
Tu quoq; lusiadum scriptor facunde tuorum,
Immortale tuũ nomen ad astra feres.
Nam licet exiguæ laudis res ipse referres
Te tamen at fandi copia proueheret
At cum facta tuis scriptis ingentia narres
Euenet merito gloria summa tibi.

Amici cuiusdã Castanhedæ ad ipsum.

Tamuarijs exculta modis facundia tantũ
Dicendi est lumen, copia, visq; tibi.
Vt licet exiguam rem scribas, arte magistra
Æternæ facias posteritatis opus
At modo quam scribis tanta est, vt vel sine docto.
Artifice, haud unquam thura timere queas
Ergo scriptori cum res amplissima par sit
Quod scribetur opus die fore qualle putas.

Ho quarto liuro da historia do

Descobrimento & conquista da India pelos Portugueses: no tempo que a gouernou Lopo Soarez/do conselho del rey dom Manoel de gloriosa memoria: & capitão dos ginetes do Principe.

Feyto por Fernão Lopez de Castanheda.

¶Capitulo primeyro. De como foy reformada a paz com a Raynha de Coulão.

DEspois q̃ ho gouernador foy ẽ Cochim como disse no liuro terceiro: entendeo logo na carrega da pimenta q̃ auia de mãdar pera Portugal. E como parte dela se auia de fazer em Coulão que algũ tanto estaua aleuantado, como disse no liuro segundo: mandou ho gouernador lá certas naos pera que carregassem. E foy por escriuão dõsta carrega hũ João aluarez de caminha. E juntamente mandou ho gouernador quem reformasse a paz com el rey de Coulão: mas a quẽ se deu este cargo não lhe soube ho nome: E quẽ quer que foy assentou a paz com hũa irmãa del rey de Coulão que se chamaua raynha: por ter algũa parte na cidade & assi em sua comarca: & gouernaua aquella terra por el rey q̃ ho mais do tẽpo estaua no sertão como disse. E os capitulos das pazes forã estes, que a raynha mandasse fazer aa sua custa a igreja do orago do apõstolo sam Thome que os mouros queimarão & derribarão quando matarão ho feytor Antonio de Sá: como disse no liuro segundo: & que lhe fossem tornadas as rendas que tinha assi de terras como de vereitos que lhe pagauão. E assi pagasse a raynha pola fazenda del rey de Portugal que fora tomada a Antonio de Sá quinhentos bares de pimenta: que polo nosso peso sam dous mil quintaes: & que auia de dar carrega de pimenta ás naos que hi fossem carregar, polo preço de Cochim. E q̃ el rey de Portugal mandaria ter em Coulão mercadorias que a gente da terra comprasse. E a tudo isto se obrigou per hũa escriptura a raynha, & assi os regedores & pulás: q̃ sam os fidalgos/de ho comprirem & goardarẽ. E isto fizerão por lhes ser muyto necessaria esta paz pera conseruação da terra. E logo começarão de pagar os dous mil quintaes: & foy dada carrega aas naos que despois de carregadas se tornarão a Cochim: donde partirão cõ as outras pera Portugal.

¶Capit. ij. De como os mouros de Baticalá se leuantarão: & matarão. xxiiij. Portugueses.

VEndo os mouros da India que era falecido Afõso dalbuq̃rque a q̃ auião medo como a mesma mor-

te: ⁊ que auia outro gouernador de que não tinhão experiencia: determinarão desprementar que tal era: ⁊ assi como vissem que fazia, assi ho temerião, ou não terião em conta. E os que logo começarão de fazer esta experiencia forão os de Baticalá: em cujo porto estaua Simão dãdrade cõ hũa nao d̃ que era capitão carregando pera Ormuz: ⁊ andando algũa gente desta nao em terra trauarão os mouros com eles brigas, em que forão mortos .xxiiij. Portugueses, ⁊ os outros escaparão no batel. E não podendo Simão Dandrade castigar aq̃le insulto ho mandou dizer ao gouernador ⁊ partiose pera Ormuz.

¶ Capit. iij. De como ho gouernador visitou as fortalezas da costa da India: ⁊ do mais que fez.

Partidas pera Portugal as naos da carga, despachou ho gouernador pera Malaca a hũ fidalgo chamado Jorge d̃ brito que era copeiro mor del rey de Portugal, q̃ hia prouido da capitania da fortaleza, ⁊ partio em hũa nao, ⁊ foy em sua cõserua em outra Antonio pacheco que leuaua a capitania mór do mar: ⁊ ambos chegarão a Malaca a saluamẽto, ⁊ forão entregues de seus carregos. E partidos estes capitães partiose ho gouernador a visitar as fortalezas da costa, que ateli não fizera por amor da carregação das naos. E a primeira q̃ visitou foy a de Calicu. Cujo rey estaua muyto agastado pola morte d̃ Afonso dalbuquerque: ⁊ por ser antes de auer reposta da embaixada q̃ mandara a el rey dõ Manuel: ⁊ mays por ho gouernador não querer que mandasse certas naos com pimenta a Adem, que lhe Afonso dalbuquerque tinha concedido q̃ mandasse, porq̃ era de fora do contrato que ambos fezerão sobre as pazes, não ho queria ho gouernador consentir. E sobre isto se quis ver cõ el rey: ⁊ sobre a maneira de que auia d̃ ser a vista ouue grãdes altercações porque ho gouernador queria q̃ lhe fosse el rey falar á fortaleza, ⁊ el rey queria que se vissem no çarame: ⁊ cada hũ se injuriaua de ir onde ho outro estaua: ⁊ sobristo se gastarão doze dias: ⁊ ho gouernador quisera quebrar a paz ⁊ recolher a gente da fortaleza se lho não cõtrariarão os capitães ⁊ fidalgos. E por fim d̃ tudo virãose antre a fortaleza ⁊ a cidade, não leuãdo cada hũ mais d̃ tres homẽs. E com tudo não tomarão cõcrusam se mãdaria el rey as naos ou não: ⁊ com tudo mandou as despois. E se ele não desejara muyto d̃ cõseruar a paz que tinha, ela ficaua quebrada. E daqui se foy ho gouernador a Cananor, ⁊ dahi a Goa: ⁊ foy surgir no porto de Baticalá: ⁊ sabendo ho ho seu rey cuydou q̃ ho hia destruyr por amor dos Portugueses que hi matarão os mouros: ⁊ por isso quis temporizar coele, ⁊ mandoulhe muyto refresco, ⁊ tres mouros velhos: dizendo que lhos mãdaua pera fazer deles o q̃ quisese por quanto aqueles forão causa do arroido em que matarão os .xxiiij.

Portugueses. E coeste comprimẽto se ouue ho gouernador por satisfeyto, ⁊ se partio pera Goa: o q̃ deu grande ousadia aos mouros pera lhe perderem ho medo. E dali por diante ouue ladrões pela costa que roubauão os amigos dos Portugueses, ⁊ a elles mesmos se os achauão desapcibidos. E ido ho gouernador por sua viagem, lhe deu hum temporal com que se acolheo a Anjadiua: donde mandou dõ Aleixo d̃ meneses a Ormuz por capitão mór de sete naos carregadas d̃ mercadoria pera a feytoria, ⁊ mandoulhe q̃ soubesse se auia noua darmada de rumes no estreito pera os ir buscar: ⁊ elle foyse a Goa, cujos moradores, principalmente os casados sabendo que leuaua por regimento q̃ a derribasse se achasse q̃ não era necessaria, lhe derão por apõtamẽtos quanto rendia a alfandega, ⁊ quãto rendião as tanadarias dos passos, ⁊ os dereytos dos caualos Dormuz, ⁊ assi as ilhas comarcãs. E co isto muy viuas rezões, de quão importante era pera se soster na India ho estado del rey de Portugal, ⁊ offerecendose por cima de tudo a defẽdela ⁊ sostentala á sua custa com lhe el rey somente dar artelharia: ⁊ por amor di sto não quis o gouernador poer em conselho se era bẽ derribar se Goa, ⁊ deixou ha estar, ⁊ tornouse a Cochim, onde auia dinuernar,

¶ Capit. iiij. De como Fernão perez dandrade partio de Malaca pera a China, ⁊ de como arribou com tempo.

E De Cochim espedio logo hũa carauela pera Moçambique cõ recado aos capitães das naos de Portugal que hi fossem ter ho ãno seguinte, q̃ se fossem ajuntar coele em Judá ate õde esperaua de ir buscar os rumes, pera que ho ajudassem se ouuesse de pelejar, porq̃ a gente que tinha era pouca. E partida esta carauela, despachou ho gouernador a Fernão perez dandrade pera ir a Bẽgala ⁊ á China: ⁊ ouue antreles desgosto muyto grande, porq̃ não leuãdo Fernão perez de Portugal embaixador dirigido pera elrey da China se não quẽ elle quisesse: deu o gouernador este officio a hũ Thome pirez que fora boticairo do principe dom Afonso, ⁊ deulhe ho gouernador este cargo por ser homem discreto ⁊ curioso, ⁊ pera conhecer muytas drogas q̃ lhe dizião q̃ auia na China, ⁊ com Fernão perez foy hũ Antonio lobo falcão por capitão dũ nauio. E nauegãdo por sua viagẽ foy ter a Pacẽ na ilha de çamatra, onde auiã de carregar de pimenta pera a China, por ser lá de muyto preço. E pera fazer esta carrega estaua ja em Pacẽ Joãnes impolim que fora cõ Antonio Pacheco na conserua de Jorge de brito: ⁊ hia fazer esta carrega a Pacẽ por valer lá a pimenta mais barata que em Cochim. E chegado Fernão perez a Pacẽ, achou q̃ tẽdo Joãnes a nao carregada lhe ardera. E vendo Fernão perez q̃ não tinha carrega pera ir á China, ⁊ q̃ não podia carregar outra vez por se lhe gastar a

moução determinou de ir a Bengala, & primeyro mãdou por Joãnes a el rey de Pacẽ hũa carta del rey dõ Manuel em reposta doutra sua damizade, rogãdo lhe q̃ quisesse consentir sua feytoria ẽ Pacẽ, q̃ lhe era necessaria pera ho trato da China: & tambẽ lhe mãdou hũ presente. E sabẽdo el rey como lhe leuana Joãnes a carta & ho presẽte, mãdou ho receber polos principaes õ sua corte todos em cima dalifantes cõ grande magestade, & per sua pessoa ho recebeo muyto bẽ, & se mostrou muyto contente cõ a amizade del rey de Portugal, & õ querer ter feytoria ẽ sua cidade, pera o q̃ deu consentimẽto per hũa escriptura assinada por ele & por algũs senhores principaes do reyno. Isto feyto, determinãdo Fernão perez de ir a Bẽgala foy primeyro a Malaca pera hi tomar a nao espera, q̃ era da ordenança da sua capitania: & chegado lá não achou a nao q̃ era darmada: E Jorge de brito capitão de Malaca quãdo soube q̃ ele hia pera a China & queria ir a Bengala, lhe reqreo muy estreitamẽte q̃ em todo caso fosse á China por se presumir q̃ estaua lá preso Rafael perestrelo cõ os outros q̃ forão no jungo, como disse no liuro terceyro: & posto q̃ lhe falecesse a nao espera, lhe daria a nao sãcta Barbora. E cõ quanto Fernão perez se quisera escusar de ir por ser gastada parte da moução não pode, & partio se leuando a carrega de Malaca, & forão ẽ sua cõserua Manuel falcão & Antonio lobo falcão ẽ dous nauios, & hũ Duarte coelho ẽ hũ jungo: & partio õ Malaca a .xv. dagosto de mil & quinhentos & de saseys, & meado Setembro chegou junto da enseada de Laucõchina: & foy de noyte com os outros capitães oar co terra, onde milagrosamẽte os saluou nosso senhor q̃ se ouuerão de perder ẽ hũs baixos. E por lhe ser ja ho vento por dauante passarão aqui doze dias. E vẽdo que era por demais por ser a moução gastada, arribarão a Malaca, & Duarte coelho pedio licença a Fernão perez pera ir inuernar a Sião / que conhecia ho rey de quando lá foy cõ Antonio de miranda & sabia que auia de fazer proueito. E tornado Fernão perez a Malaca achou Rafael perestrelo que era chegado da China cõ tamanho ganho no empreguo q̃ leuou q̃ fez õ hũ vinte & certificou que os Chis querião paz & amizade com os Portugueses, & q̃ era muyto boa gente.

Capit. v. Do q̃ acõteceo a Anrrique leme em Pegũ.

Despois da partida õ Fernão perez pa Malaca qñ quisera ir a Bengala, vendo Joãnes q̃ não tornaua foy se a Malaca na nao que hi ficaua carregando, cõ tenção de fazer lá a mesma feytoria que ouuera de fazer em Pacẽ. E ho capitão de Malaca, chegado elle lá / deu por rogo de Jorge dalbuquerque que ainda estaua em Malaca a capitania da nao a hũ Anrrique leme pera que fosse a Martabão porto de Pegũ com fazenda del rey / & deulhe sessenta Portugueses pera irem

coele, & ido tomou no caminho hũ junco de mouros mercadores de Pegú, & leuouho consigo pera ho mandar a Malaca carregado darroz, & não podendo tomar Barta bão arribou á boca do rio onde está Pegú, nouenta legoas por ele acima á bozda dagoa: & a dezoito está hũa cidade chamada Cosmi que he ho porto de Pegú: onde por cõsentimẽto do gouernador da terra foy leuada a fazẽda que hia na nao com hũ feitor, & algũs dos nossos pera estarẽ coele ate se acabar de vender & Anrriqueleme ficou na nao a boca do rio, & com ho junco em sua cõpanhia, & começandose a nao de carregar souberão os senhores do jũgo que os nossos tomarão que estaua na barra carregãdose darroz, & escãdalizados disto se fozão queixar a el rey de pegú cõ grandes brados dizendo que os nossos sem nenhũ temor trazião ho seu junco que lhe tomarão sem nenhũa rezão pois tinhão paz coeles, pedindolhe q̃ lhes fizesse justiça, & os mataſſe, a todos pois erão ladrões que se ho não forão, não tomarão ho junco, nẽ lho trouuerão diante dos olhos, & ouuido isto por el rey, porque queria ter contẽtes os mercadores de que lhe vinha muyto proueito mandou logo recado ao regedor de Cosmi que mandaſſe tomar todos os nossos que estauão na feytoria/ & quãdo não que os mataſſem. E ho regedor os quisera auer por mãa, mas não pode porque ho feytor se goardaua, que foy logo auisado per mercadores gentios do que el rey mãdaua. E vendo os mouros senhores do junco que estauão em Cosmim/ que se não podia ho feytor nẽ os nossos auer por manha, ajuntaranse com outros muytos, & assi algũs gentios, & derão na feytoria com grande impeto, em que auería quatro dos nossos com ho feytor & oyto Jaos escrauos del rey de Portugal que logo acodirão á porta da feytoria com espingardas/ bẽstas & lanças defendendose tão valentemente, que não somente tolherão aos immigos que entraſſem mas ainda matarão algũs: o que visto polos mouros poserão fogo á feytoria que logo começou varder por serem as casas cubertas de palha. E vendo ho feytor ho fogo, & que não tinha remedio sayose por detras das casas em que batia ho rio, onde se meterão ate a cinta/ que logo os immigos acodirão sobre eles com grandes gritas & frechadas sem conto/ & pedradas. E era cousa despanto/ & milagre euidẽte como se defendião todos doze sem os immigos lhes poderẽ empecer em espaço de quatro oras que durou esta briga. E no cabo chegou ho batel da nossa nao onde se recolherão & se fozão á nao que estaua no rio. E logo ao outro dia apparecerão por ele a baixo obra de q̃trocentos paraós cheos de gente armada & com muytas fangadas de rama seca, pera que se não podeſſem tomar a nao a queymaſſem coelas. E vẽdo os Anrriqueleme, & conhecendo ao que vinhão deixou ho jũgo despejando a gente dele na nao/ & em hũa champana com que se carregaua, em que mandou lo cõ apõ-

tar toda sua artelharia: & em os paraos chegando perto a mãdou desparar neles. E os inmigos como erão muytos não deixarão de a cõbater/tirando multidão de frechadas, cercando a nao de todalas partes. E passando hũ pedaço que a artelharia começou ò jugar atroou se toda a nao cõ a furia dos tiros/& por ser podre & passada do bicho começa de cuspir ho breu por onde era furada, & ficauão os buraquinhos descubertos: & sendo muytos, entroulhe tanta soma dagoa que nem com bombas, nem cõ baldes se não podia esgotar, o que deu assaz de trabalho aos nossos, porq̃ se trabalhauão em esgotar a nao/falecião pera se defender dos inmigos que os combatião continuamente sem descançar/que ho podião fazer por serem tantos como disse: & se se querião defender deles entrauaos a agoa de modo que os metia no fundo: assi que não sabião a qual acodissem, & tres dias continos teuerão este trabalho/que tão to durou a peleja sem nunca terem nenhũ repouso, porque comião pelejando: & toda a noyte vigiauão com medo que lhe não queimassem os inmigos a nao. E cõ trabalho tão immenso aprouue a nosso señor de os tirar do rio/leuando os ho batel á toa, & assi hũ calaluz de Malaca, & a champana. E vendo os inmigos que os seguião que sayão pela barra tornaranse, sendo hũa hora ante do sol posto. E os nossos ficarão tão cansados & tão roucos do muyto bradar que não podião falar nem deitauão mais que vêto: & tudo isto se fez sem nenhũ ser morto nem ferido, & dos inmigos muytos, & muytos paraos arrõbados, & outros metidos no fundo. E tudo isto erão milagres de nosso Deos todo poderoso. E vendo ho capitão que a nao se não podia sostener pola muyta agoa que fazia/repartio a gente dela & artelharia, & mantimentos na champana, calaluz & batel que leuou a este fim: & ainda a gente não era toda acolhida quãdo a nao se foy ao fundo & ficou a gauea por cobrir/& vali seguro sua rota pera çamatra, & no caminho se perderão ho batel & ho calaluz com hũ temporal, & morrerão neles vintoyto dos nossos & vinte Jaos. E ho capitão com os outros & algũs mercadores de Cosmi que se forão coele pera viuerem em Malaca foy ter ao porto de Pedir em çamatra, & hi os recolheo ho rey & os teue cõ muyto gasalhado tres meses/ate Fernão perez tornar a Pacẽ/onde tornou despois darribar da viagẽ da China, como direy a diante.

Capitolo vj. De como dom Aleixo de meneses chegou a Ormuz & prendeo Simão dandrade.

Artido dom Aleixo de meneses pera Ormuz com as naos de sua conserua chegou coelas a saluamẽto/& mandou entregar a fazenda delas na feytoria. O que fauoreceo muyto os nossos que lá estauão por estarem muyto tristes pola noua da morte Dafonso dal-

buquerque que sa sabião, & temião que os mouros se alevantassem. E estando dom Aleixo em Ormuz da ua mesa aos que querião ir comer coele, que erão muytos: & hũ dia estãdo comẽdo ẽtrou hũ fidalgo chamado Martim afonso de melo ainda moço, & deu hũa grande cutilada polo rosto a outro chamado Francisco degá que comia á mesa de dom Aleixo. E segundo se despois soube, foy a causa de lha dar ter lhe dado Francisco de Sá hũa bofetada quando hião pera Ormuz, onde Martim afonso se aqueixou disso a Simão vandrade que ja lá estaua, & a outros seus parentes q̃ lhe aconselharão que se vingasse on de podesse, & ele não achou outro melhor lugar que aquele: & assi como lhe deu a cutilada se acolheo, & dom Aleixo com quantos estauão á mesa foy apos ele ate a pousada de Simão vandrade onde se meteo, & dali foy logo passado por detras aos paços del rey, donde foy posto em saluo, & por isso ho não pode dõ Aleixo prẽder. E sabẽdo como quãdo foza a dar a cutilada sayza da pousada de Simão dãdrade, aqueixouse muyto coele polo consentir. E ele disse que Martim afonso fizera muyto bẽ de se vingar, & ele em lhe dar ajuda pa isso, & assi outras palauras: pelo que dom Aleixo ho prendeo sem lhe querer goardar hũ aluara do gouernador em que ho isentaua de dõ Aleixo: & por mais requerimentos que lhe fez Simão vandrade lho não quis goardar, & tomoulhe a capitania da nao & deu ha a Frãcisco pereyza de berredo.

E em quanto esteue em Ormuz ho teue preso na sua nao: & assi ho leuou ate a India, ôde ho gouernador ouue por bẽ feito o q̃ fizera dõ Aleixo.

Capit. vij. Da segunda armada que fez ho Soldão pera mãdar á India cõtra os nossos: & a causa porque lá não foy.

O liuro segundo foy dito ho desbarato da armada do Soldão, de que Mirocem foy por capitão mór á India, & como ele se foy despois da India. E como ho Soldão tinha grande desejo de lançar os nossos foza da India, & assi ho tinha determinado, não disistio de sua determinação, & começou logo de mãdar armar outra frota mayor que a primeyza, que foy armada em quatro annos: & posta no mar & aparelhada pera nauegar se affirma que custou oytocentos mil cruzados. E erão estas velas seys galés reaes cada hũa de vinte sete bãcos de tres remos em banco, & nouе sotis cada hũa de vinte cinco de tres remos em banco, & doze fustas, hũas de vinte sete bancos, outras de vinte cada hũa de dous remos em banco: & fez pera esta frota seys mil homẽs de peleja em q̃ entrauão setecentos Mamelucos & trezentos Turcos, & mil mouros mogaueres de Tunez & d'Arguela que falauão espanhol, de que os quinbentos erão espingardeiros, & os cento bombardeiros, de que os vinte erão mestres dartelharia

& darteficios de fogo, & os outros ſe chamauão ſeruidores, & dous mil frecheiros & outros tantos de lanças & eſpadas. E deſtes os quinbentos armados de ſayas de malha, & dez darmas brancas & cinco de coyraças: & antre toda eſta gente auia cincoenta Chriſtãos. A artelharia deſta frota fozão cẽto & dez tiros groſſos de metal, baſaliſcos, cães, pedreiros & outros. E trezentos & vinte cinco berços de metal, & muyta poluora, & grande quantidade de pelouros de toda ſorte. Armada eſta frota deu bo Soldão a capitania móz a hũ Turco chamado çalmão rex que fugira ao Turco cõ ſete galés de que andaua poz capitão, & lbas foza vender & aſſentara coele viuẽda. E ſa antes diſto em tempo q̃ Afonſo dalbuquerque gouernaua a India, ſabendo çalmão rex que bo Soldão queria mandar eſta frota á India foy lá primeyro poz ſeu mandado pera ver a noſſa armada, & hũ noſſo calafate bo conbeceo que bo vio em Chaul, & bo diſſe a Afonſo dalbuquerque. E tornado ele da India, diſſe ao Soldão que facilmẽte eſperaua de deſbaratar a noſſa frota, pozque era de nauios dalto bordo, que não podião nauegar ſem vento, & a ſua era de galés, que poſto que não ouueſſe vento andauão a remos: & como tomaſſe os noſſos em calmaria os auia de meter no fundo. E eſta foy a cauſa pozque lhe bo Soldão deu a capitania móz da armada que digo, & mandoulhe que foſſe pola cidade de Judá & ſe ajũtaſſe com Mirocem que bi eſtaua & faria o que lhe moſtraſſe per hũ regimento que lhe tinha mandado. E partio de çuez no começo Outubro de mil & quinbẽtos & quinze, & no caminho ſe lhe perdeo hũa das galés com cento & cincoenta homẽs: & chegou a Judá a quatro de Nouembro, & a dezanoue partio dali com Mirocem que tinha duas naos que leuara de Diu que fez como as noſſas, & hũ galeão & dali fozão ter a Camarão, õde lhe Mirocem moſtrou como bo Soldão mandaua que fizeſſem alt ambos hũa fortaleza, em que Mirocem ficaria com quinbentos Mamelucos. E paſſados oyto meſes que a fazião, eſcreueo Mirocem hũa carta dameaço ao rey Dadẽ poz eſtar eſcandalizado dele de ſem rezões que lhe fizera quando paſſara deſbaratado da India. E poz amoz deſta carta mandou el rey Dadem que não vendeſſem mantimentos aos de Mirocem, que poz eſſa cauſa concertou com çalmão rex q̃ fizeſſem guerra a el rey Dadem, & Mirocem lha foy fazer com dous mil homens, & prometeo cem cruzados a cada hũ ſe tomaſſem hũa cidade chamada Zebit ſobre que foy que eſtá ſete legoas pelo ſertão. E com a eſperãça da promeſſa a tomarão, & na peleja matarão hũ filho dl rey Dadem. E tomada a cidade apertarão os ſoldados com Mirocem q̃ lhes compriſſe ſua promeſſa dos cem cruzados. Do que ſe ele eſcuſaua, dizendo que lhos não podia dar pois roubarão quanto auia

na cidade. E q̃ lhe eles nã quiserão leuar em conta & quiserãno matar se ele não pedira espaço pera mandar pedir dinheiro a çalmão rey/ que sabendo o que passaua/ porq̃ não tinha dinheiro mandou dizer aos soldados que ele ficaua por fiador do dinheiro que esperassem, & a Mirocem que fugisse: pera o que ele buscou maneyra & fugio & foyse pera çalmão rey, que despois q̃ ho teue mandou recado aos soldados q̃ se fossem embarcar/ & q̃ lhes pagaria: & que não esperassem por Mirocẽ que era morto. E eles não quiserão sem lhes pagar primeyro. E determinando çalmão rey com Mirocem de ir sobre Adem/ posto que tinha pouca gente mandou rogar aos soldados, que pois ho não querião ajudar que deitassem fama que ficauão em Zebit pera irẽ por terra a Adem õde ele hia, & eles ho fizerão assi/ & Salmão & Mirocem forão sobre Adẽ/ a que derão combate/ & tomarão hũ balurte, & derribarão hũ lanço de muro: mas não a poderão tomar, & por não terem gente não quiserão passar á Jndia & tornarãse a Camarão. E isto tudo soube dom Aleixo em Ormuz, q̃ vindo ho tempo de sua partida se partio pera a Jndia.

Capit. viij. Do que passou Fernão caldeira com dom Soterre, & de como foy morto na terra firme.

Quãdo ho gouernador hia de Portugal pera a Jndia, que chegou a Moçambique: hia na nao de dom Soterre hũ Fernão caldeira que fora page Dafonso dalbuquerque, q̃ por mexericos fora preso a Portugal, onde despois de se liurar lhe fez el rey merce, & lhe deu licença pera se tornar á Jndia, & foy na nao de dom Soterre que hia por capitão de Goa/ onde ele tinha sua molher & casa/ & por auer hũa deferença em Moçambique cõ dõ Soterre não quis ir mais coele, & tomou secretamente hũ nauio, & foyse com outros caminho da Jndia/ onde cuydou dachar Afonso dalbuquerque que lhe valeria. E como soube que estaua em Ormuz, & por amor da fortaleza que fazia não auia de tornar se não tarde/ deseperou de se poder saluar de dom Soterre que auia de ser capitão de Goa onde auia de morar/ & por isto determinou de se acolher á terra firme pera Ancoscão capitão de Pondá, & leuou muyta fazenda com que tratasse: & despois de ser lá tomou Ancoscão coele tamanha amizade que não se aparta ua nunca dele & daualhe todos os proueitos que podia, de modo que se fez muyto rico. E determinando dom Soterre de ho matar polo de Moçambique, despois que foy em Goa trabalhou por isso, mãdando algũs que ho matassem/ principalmente hum João gomez escriuão da feytoria de Goa, homẽ esforçado que fez que hia agrauado de dõ Soterre, & q̃ fugia pera os mouros: & por ser Christão ho agasalhou Fernão caldeyra, & daualhe dos seus cauallos em que andasse: & fazia com Ancoscão que lhe

fizesse honrra. E não diſsimulando cõ tudo isto João gomez de ho matar esperou tempo pera isso, ate que hũ dia sayo Ancoscão a folgar pola terra a cavalo, & sendo hũa legoa do passo de Benestarim, adiantou-se João gomez com Fernão caldeyra & matou ho á treição com hũa lança a vista Dancoscão, que auẽdo disso muyto grande menencoria mandou apos João gomez que se acolhia a Benastarim, & foy tomado & trazido diãte Dancoscão, que por sua mão lhe cortou a cabeça. O que sabido por dom Goterre, ficou muyto mal com Ancoscão com que dantes estava bẽ, & determinou de se vingar dele.

¶ Cap. ix. De como forão mortos quatro dos nossos no sertão de Cochim.

Nuernando ho gouernador em Cochi, hũ fidalgo chamado Salpar da silua foy folgar á terra firme & leuou em sua companhia seu irmão Christouão de sousa, Jorge de brito, Lopo de brito, Aires da silua, Pero ferreyra & Antonio ferreyra. E andádo á caça de pauões como a gente da terra lhes queria mal saltou coeles hũ caimal bem acompanhado de Naires, dizendo q̃ matauão os pauões que erão dos seus pagodes. E posto que os Portugueses se deiculpauão q̃ ho não sabião, nãolhes valeo, & ho Caymal os quisera matar todos, & fizerão os recolher aos tones cõ muyta afronta, ficando mortos quatro criados destes fidalgos, que forão presos em chegando a Cochim per mandado do gouernador, porque forão sem sua licença. E neste inuerno faleceo Diogo mendez de vascõcelos capitão de Cochim antes de ter acabado ho tempo de sua capitania. E por ho gouernador ter por elrey de Portugal estas vagantes, deu esta ao feytor Lourenço moreno de que era grande amigo: do q̃ se Aires da silua aqueixou ao gouernador por entrar na vagante de Diogo mendez, & por lhe não desfazer seu queixume com lhe dar a capitania ficarão de quebra. E passado ho inuerno chegou dom Aleixo de meneses a Cochim, & contou ao gouernador o que soubera da armada do Soldão.

¶ Capit. x. De como ho gouernador partio pera ho estreito a buscar a armada do soldão.

Om a noua que dom Aleixo deu ao gouernador da armada do Soldão, determinou ele de a ir buscar ao estreito como tinha em seu regimẽto. E como ja começaua de deitar ao mar a armada q̃ tinha varada, assi como as velas erã aparelhadas assi as mãdaua caminho ó Goa, ôde se auia dajũtar a frota q̃ auia ó leuar. E ele se partio apos elas por derradeiro, & ó caminho foy visitãdo as fortalezas & prouẽdo as do necessario. E por quãto ele determinaua ó fazer hũa fortaleza ẽ Coulão pa ter segura a feitoria q̃ lá ouuesse óstar.

E pa este negocio era necessario hũ homem de siso, escolheo pera isso hũ canaleyro de Coimbra chamado Eytor rodriguez/em que tinha muyta confiança, que estaua prouido da feytoria de Cananor/ & por saber que ele melhor que outro sabe ria assentar a terra de Coulão & tratar a gente dela, ouue por mais seruiço del rey mandalo lá por feytor que estar em Cananor. E assi lho disse, & ele ho aceitou por seruir el rey, que era seu crtado & canaleyro de sua casa. E dandolhe ho gouernador ho regimento do que auia de fazer ho despachou de Cananor a seys de Janeyro pera Cochim dõde se partio pera Coulão. E ele partido, se partio tambem ho gouernador: & chegado a Goa achou muytos mantimentos/muyta poluora & muytas munições que lhe dom Goterre tinha prestes. E fazendo aqui alardo da gente & dos nauios da frota achou menos Jeronimo de sousa hũ fidalgo capitão dũ nauio. E assentando que era fugido, & que não podia ser em outra parte senão nas ilhas de Maldiua/ determinou de ho mandar lá buscar, porque por as ilhas estarem de paz poderia hi fazer muyto dãno com as fazer leuantar: & mandou ho buscar por dom Fernando mõrroi, a q̃ mandou que por ir por capitão dũ nauio dalto bordo fosse pola banda do mar das ilhas, & assi por João gonçalues de castelo bráco capitão de hũa galé, a que por esse respeito mãdou que fosse por antre as ilhas & a terra firme/ & a ambos deu regimento que se achassem Jeronimo de sousa, & não quisesse tornar cos les que ho meteisem no fundo. E despois disto ho gouernador se embarcou pera se partir, & estando embarcado soube dom Goterre per gẽtios da terra firme que estauão prestes quatro capitães do Hidalcão pera entrar na ilha como ho gouernador partisse/pelo que dõ Goterre aperton com ho gouernador que lhe deixasse mais de quatrocentos homẽs que lhe deixaua, & mais artelharia que a que lhe ficaua. E ho gouernador lhe respondeo que abastauão os homens & a artelharia que lhe ficaua: & quando os mouros ho apertassem tanto que deixasse os passos da ilha & se recolhesse á cidade/ & despois tornaria ele & os tomaria: o que ele não podera fazer antes se os mouros tomarão qual quer deles, tomarão tambem a cidade. E deixando ho gouernador Goa desta maneyra, se partio pera ho estreito na entrada de Feuereyro de mil & quinbentos & desasete, cõ hũa armada de trinta & seys velas. s. quinze naos com a sua em q̃ hia por capitão dom Aleixo de meneses, dom João da silueira, dom Aluaro da silueira, dom Diogo da silueira, Aluaro barreto, Antão nogueira, Antonio raposo, Jorge de brito/Aires da silua, dom Garcia coutinho, Afonso lopez da costa/ Francisco de tauora, Gaspar da silua/ Duarte de melo, Gonçalo da silueira. E dez nauios & caranelas, de que forão capitães, Pero ferreyra, Antonio ferreyra fogaça, João gomez cheira dinheiro/ Tristão de gá/ Lopo de vilhalobos/

Garcia da costa / Pero lopez de sam Payo. Francisco de gá. Fernã d̃ resende, ho pintor: ⁊ oyto galés, capitães Lopo de brito / Christouão de sousa. João de melo / Dom Aluaro de castro, Dinis fernãdes de melo / Dom Afonso de meneses. Antonio dazeuedo. Antonio d̃ miranda dazeuedo, ⁊ hũ carauelão, ⁊ hũ bargantim. E hũ jungo em que hião quinhentos naires del rey de Cochim / ⁊ por capitão Diogo pereyra de Cochim. E nesta frota leuou tres mil Portugueses / ⁊ Duarte galuão que hia por embaixador ao Preste / ⁊ Mateus embaixador do mesmo Preste. E partido de Goa foy fazer agoada a çacotorá / ⁊ seguindo sua viajẽ pera Adem ouue vista dela hũ dia pola menhaã seys legoas alamar, ⁊ ali surgio ⁊ teue conselho com os capitães ⁊ fidalgos da frota, a que declarou que auia de pelejar com os rumes se esteuessem no mar ⁊ não na terra / porque assi ho leuaua por regimẽto delrey seu senhor: ⁊ deu a dianteira a dõ Garcia coutinho. E se os rumes nã estiuessem no porto que surgiria diante da cidade pera tomar pilotos que ho leuassem ate as portas do estreito / ⁊ ali mandou aos capitães das carauelas ⁊ das galés que fossem ao longo da costa / ⁊ que as velas que achassem Dadẽ lhes não fizessem mal. E chegado ao porto Dadem com toda a frota / não achando os rumes surgio dentro na baya / ⁊ saluou a cidade com a artelharia ⁊ com as trombetas, ⁊ os capitães fizerão despois outro tãto / o que durou bem duas horas / ⁊ da cidade não respondeo ninguem. E estãdo pera fazer conselho do q̃ faria / chegarão á capitaina tres mouros hõrrados em hũa barquinha com hũa bãdeira de paz / ⁊ postos diante do gouernador lhe derão as chaues da cidade da parte do regedor dela / dizendo q̃ a cidade ⁊ ele erão del rey de Portugal. E ho gouernador as não quis, dizẽdo q̃ por então não se queria deter em assentar amizade por quanto hia muyto de pressa em busca dos rumes, que cuydando dachar naq̃le porto fora ali ter: ⁊ pois os não achaua auia dir buscalos a Camarão ⁊ a Judá / pera q̃ queria q̃ ho gouernador Dadem lhe desse pilotos / ⁊ da volta assẽtaria coele paz ⁊ amizade. Do que se logo muytos espantarão não tomar ho gouernador a cidade que lhe dauão em paz / nem tomar conselho se faria ali fortaleza ou não. E tornãdo os mouros com esta reposta ao regedor Dadẽ / ficou ele muy desaliuado do medo que tiuera, ⁊ mandou de noyte fazer muytos fogos polos muros ⁊ torres em sinal de festa / ⁊ tanger muytos instormẽtos. E ao outro dia mãdou ao gouernador tantos paraós carregados de refresco que cobrião ho mar, ⁊ assi quatro pilotos q̃ ho leuassem ate as portas. E sem mais ho gouernador fazer conselho do que faria se partio pera as portas do estreito: ao domingo seguinte que era ho de Lazaro, mandando diante a Diogo pereyra no jungo pera tomar Rubaẽs / ⁊ hi tomou

hũa nao de mouros, com que esperou pelo gouernador/ho qual chegou quasi noyte ás portos/& logo lepartio q̃ foy bẽ mao conselho polos baixos & ilhas que auia dali pera dentro/& quando vay hũa frota tamanha como aquela era, pera ir segura ha de surgir das portas pera dentro com sol & leuarse coele, & assi lhe sobreueo logo hũ tẽporal tão furioso, que esteue toda a frota em risco de se perder. E a galé de dom Aluaro de castro desapareceo, & creose que a comeo ho már: & ãtre os fidalgos que se nela perderão foy Jorge galuão filho de Duarte galuão. E correndo a frota esta tormenta foy amanhecer sobre hũas ilhas em q̃ se ouuera de despedaçar se não amanhecera.

¶ Capit. xj. De como ho gouernador soube que çoleimão rey era senhor de Judá: & tinha hi varadas as galés: & determinou de pelejar coele.

Estas ilhas tornou a proseguir sua viagem, & ora cõ ponentes, ora com leuãtes chegou a vitelegoas de Judá: & aqui apareceo hũa gelua que tão to que vio a nossa frota se foy dereita a ela: dizendo os q̃ hião nela que erão dezoito, q̃ erão Christãos que vinhão fugidos de Judá. E leuados ao gouernador, disserãlhe q̃ erão calafates & carpinteiros: & que trazião sete turcos, & que trabalhauão nas galés q̃ çoleimão rey tinha varadas em Juda. E contarão ao gouernador toda a historia de Adrocem, & de çoleimão rey: & que partidos Dademantes dabocarem as portas do estreito lhes dera hũ temporal com que a galé de çoleimão se perdera da frota & fora ter a Zeila: & Adrocem a Camarão: donde sem esperar por çoleimão se fora a Juda/& mandára varar as galés: & as duas naos & ho galeão ficarão por não serem agoas viuas. E hi soubera como ho Turco desbaratara ho Soldão, & ho matara, & lhe tomara toda sua terra: pelo que quando Soleimão rey chegou a Juda, Adrocem ho não quisera recolher na cidade, com medo de lha tomar por treição. E sabendo xarife parcate senhor de Meca (que he como papa antre os mouros) a imizade q̃ auia antrestes dous, fez paz antreles: mas logo Adrocẽ a quebrou: querendo matar çoleimão com peçonha. Que sabendoho saltou em casa de Adrocem pera ho matar: & ele fugio pera Meca: & por isso çoleimão ficou señor de Juda, & leuãtou logo bãdeira polo turco: & escreueo a xarife parcate que logo lhe mandasse Adrocem, senão que não seria amigo do Turco, porque aquele ho mẽ ho tinha muyto de seruido. E elelho mandou preso, auisando aos que holeuauã que ho matassem no caminho, como matarã. E despois disto se dezia q̃ çoleimão rey queria ir ao cairo dar obediẽcia ao Turco E q̃ estaua tã desapercebido de gẽte q̃ não teria mais de .cccc. ate .ccccc. turços: & Judá estaua fraca cõ hũ muro baxo, & hũa fortaleza peq̃na, q̃ tomariã facilmtẽ: por não auer lá dadeira nona de ir o gouernador

q̃ sabendo como as galees dos rumes estauão varadas em Judá publicou pola frotz que as auia dir queymar. E na paragẽ onde soube estas nouas lhe deu hũ ponẽte muyto brauo com quea nao Dantonio rapoſo pozſer velha ſe foy ao fũdo, t apartaranſe da frota a nao de dõ João da ſilueira t ho iungo de Diogo pereyza, que deſpois forão ter a Camarão. E este ponẽte durou obra de quinze dias, t durando tãto fez crer a todos que era de todo a mouçāo dos ponentes: t poz iſſo t poz auer dias q̃ na frota auia muyta falta dagoa cõ que adoecia muyta gente dizião todos que arribaſſem a Camarão a tomar agoa. Do q̃ ho gouernador ſe indinou grãdemente, t dizia q̃ os iudeus t couardos dirião aquilo t não os caualeyros: jurãdo que não auia darribar a Camarão, mas q̃ os auia õ meter onde lhes não foſſem boõs os pés nẽ as mãos, t ali auia deſperar ate paſſar ho ponente, t quando duraſſe tanto que arribaria a Camarão, t tornando os leuantes auia de tornar a Judá t tomala, poz q̃ não partira da India ſe não pera iſſo. E vẽdo a gente que adoecia, t q̃ começaũão algũs de morrer: aqueixauãſe publicamente do gouernador t tinhãlhe odio, t braſfemauão delle: mas a elle não lhe daua diſſo nẽ queria tomar ho conſelho de ninguem, t daua a entender que de ſeu poder abſoluto queria fazer tudo. E com quanto a gẽte via que iſto era mal, era tão obediente que morrião poz não deſobedecer: t muytos fidalgos teuerão deſgoſto cõ ho gouernador ſobreſta cõtumacia, t hũ deles foy Duarte galuão, que ſempre diſſe que ele não auia de peleiar cõ os rumes, nẽ queimar as galés. E andando coeſte temporal, forão os mouros da terra dar auiſo a çoleimão rey que eſtaua em Judá de caminho pera conſtantinopla a chamado do Turco. E como ſe ſoube na cidade a ida do gouernador, foy ho medo tamanho nos mouros q̃ a começauão de deſpejar. E como çoleimão iſto ſoube deſembarcouſe de hũa galee em q̃ eſtaua embarcado, t foyſe a terra, t deteue a gente cõ boas palauras: t aſũtando a mais que pode dos alarues da comarca foztaleceo a cidade, aſſeſtando muyta parte de ſua artelharia ao longo da praya: de modo que ſe os portugueſes paſſaſſem lhes ficaſſem de roſto t os meteſſe no fundo.

Capit. xii. De como ho gouernador chegou á cidade de Judá, t a cauſa porque a não tomou.

PAſſados eſtes quinze dias de ponẽte, acodio hũa bafagẽ de leuante com q̃ a frota chegou a Judá, q̃ he hũa cidade na coſta Darabia cẽto t oytẽta legoas das portas do eſtreito t. cl xv. de quez q̃ he no cabo dele em vinte hũ graos t meyo largos da banda do norte. A duas legoas do porto tẽ muytos baixos, ẽ q̃ ha muytos penedos, t daqui tem dous canays per q̃ entrão pera ho porto t vão ẽ voltas, hũ deleſte oeſte, outro de nordeſte ſudueſte, t quẽ vay poz eles leua ho prumo na mão

& sam tã estreitos que escassamente cabe hũa nao por cada hũ: & por isto esta barra he muyto perigosa. ¶ O sitio desta cidade he em terra tão seca, que não ha nenhũ aruoredo nem verdura deruas, & muyto pouca agoa doce, porq̃ choue poucas vezes: seria a este tempo de mil vezinhos. As suas casas de pedra & cal sobradadas, & de muytas genelas & cheminés. ¶ He muyto abastada de mantimentos que lhe vão de fora, & de muytas mercaderias porque ali se asuntauão todas as q̃ hião da India pera o cayro & Alexandria: & as destas duas cidades pera á India. A sete legoas desta cidade pera ho sertão está a maldita casa de Meca, a que os mouros fazem suas romarias (como os Cristãos fazem ao sancto sepulcro de Hierusalẽ) por estar nela ho çancarrão, q̃ chamão do abominauel Mafamede. ¶ Chegado ho gouernador a estes baixos que digo foy surgir com toda a frota hũa legoa da cidade, a vista dela na praya: donde tambẽ a frota foy vista: & começarãlhe a tirar cõ a artelharia q̃ estaua na praya. E os pelouros erão tam furiosos que fazião chapeletas no mar, & todos de ferro coado: & muitos cayrã na frota. E na capitaina se pesou hũ que pesaua setenta arrates. E daqui mandou ho gouernador sondar os canaeis por dõ Afonso dmeneses, & por Dinis fernãdes de melo: que despois de sondados lhe forão dizer a maneira dos canaeis: porq̃ bẽ poderião as galés entrar por eles, porẽ que sempre auião de ficar com os costados de rosto com a artelheria dos imigos, pelo q̃ não auiã de poder jugar com a sua q̃leuauão nas proas, & por isso não poderião fazer nenhũ dãno coela, ãtes receberiã tãto da de terra, q̃ ou os meteria no fundo/ ou os mataria a todos antes que chegassem aterra. ¶ O q̃ ouuido polo gouernador praticou o q̃ faria nisto cõ dõ Gonçalo coutinho: & cõ Afonso lopez da costa, que erão os dous mais ãtigos capitães da frota: & assentou coeles que se podesse mãdar encrauar a artelharia que os imigos tinhão na praya que desse na cidade: porq̃ cõ a artelharia encrauada ho faria sem perigo. E quando não se podesse encrauar que não desse na cidade, porque estaua certo matarlhe a artelharia quantos leuase, quando lhe não metesse as galés no fundo: & porq̃ a artelharia se podesse milhor encrauar, que mãdasse queimar as duas naos, & ho galeão que estauão surtos no porto: porq̃ cõ a reuolta do fogo perderião os imigos ho têto da artelharia. E isto assẽtado falou ho gouernador secretamente cõ dous christãos q̃ fugirão, o de Judá na gelua, encomendãdolhes q̃ quando fossem queimar as naos lhe fossem encrauar a artelharia dos imigos ¶ que eles logo ouuidarão de fazer auendo por inconueniente a muyto grande vigia q̃ os rumes tinhão, & cõ tudo ho gouernador os mandou em hũa almadia, de volta cõ certos capitães q̃ forão em bateis cõ algũa gente a q̃mar as naos & ho galeão. E como todos os da frota estauão aluoroçados & desejosos de dar na cidade/ não sabendo a tençã com

que ho gouernador mandaua queimar as naos cuydarão que se qria contetar coisso: & logo disserão que não auia de dar na cidade (& assi se soube que ho disse Soleimão rey) & foy sobre isso grande murmuração per toda a frota. E posto q̃ as naos fozã queimadas os dous christãos não poderão encrauar a artelharia poz a grande vigia que os mouros tinhão. E com quanto isto foy muyto secreto soubeselogo, pozq̃ eles ho disserão a Gaspar da silua, em cuja galé se agasalhauão: & ele ho disse a outros de q̃ se rompeo. E sabẽdo o gouernador como se a artelharia não podera encrauar ficou muyto triste & agastado, poz perder tamanho gosto como trazia pera dar na cidade: & tamanha honrra como fora queimar a frota do soldão, & destruir aq̃la cidade, onde ele foza ho primeiro capitão Portugues que chegara: & tão imenso trabalho comoleuou cõ todos os da frota em chegar ali. E com muyto grãde magoa de tantas perdas, que não podia encobrir no rosto, assentou de não dar na cidade, com receo de perder quantos leuaua. E pera ho dizer aos capitães, fidalgos, & pessoas principaes da frota, ao outro dia ás noue horas chamou a cõselho: & jũtos lhes disse. ¶ Sẽ sabeis todos como poz mandado del rey meu senhor viemos buscar a frota do soldão pera pelejar coela, esperando ẽ nosso senhor de a desbaratar, & desa pressar a India dos rebates q̃ tinha cadãno cõ a esperança de sua ida: & não a achãdo em Aden, nẽ em Camarão, nos foy forçado chegar a esta cidade cõ tãtos trabalhos, fadiga & perigos como passastes. E cuydãdo de a achar no mar a achamos varada, & os rumes em terra tão fortalecidos como vedes: & eu sey que estão per dom Afonso de meneses & & Dinis fernãdes de melo, poz quẽ mandey sondar os canaeis per q̃ auiamos dentrar no pozto: que me disserão que sam em voltas: & tam estreitos, que as nossas galés em q̃ fazia conta dentrarmos não podẽ entrar se não hũas diante das outras: & sempre com os bordos no rosto da artelharia dos imigos, q̃ primeiro que tomemos terra nos pode matar a todos & meter nos no fũdo: & nos a eles não podemos fazer nenhũ dãno, poz não ficar ẽ nunca a tiro da nossa artelharia que vay toda de proa. E ainda que eu tenho regimẽto del rey meu senhor que não pelejasse em terra se não no mar: cõfiãdo em nosso senhor que nos ajudaria quisera pelejar coestes rumes ẽ terra, se não foza ho perigo grandissimo da entrada em q̃ nos podemos perder. E respeitando a ele, & não ao desgosto que nos ha de ficar de não pelejarmos, não diga nenhũ de vos o que disserão os cayados, que pelejassem pois ali estauão: pozq̃ posto que nossa vinda aqui fosse coessa determinaçã, não se ha dauer respeito senão ao q̃ podemos fazer a nosso saluo: pozque cometermos esta cidade com ficarmos vencidos não me parece q̃ he esforço pois lhe não podemos fazer nenhũ nojo: & eles a nos tanto, que nos matarão antes que tomemos terra: quanto mais q̃ a gente que temos q̃ pode pelejar he

muyto pouca, assi pola que morreo & he doente como pola que nos falece da nao de dõ Joã da silueira meu sobrinho, & os malabares q̃ nos auiã de fazer grande ajuda cõ suas frechas. E ainda esta pouca q̃ ha pera pelejar he necessario que se reparta, & fique dela goardando a frota: porque os imigos a não queimẽ em quanto formos. Assi q̃ nos fica tão pouca gente pera cometermos a cidade que não faremos nada. E acõtecẽdo o q̃ eu receo perdesea a India porq̃ não terão os seus reys q̃ temer pera se leuantar cõtra as nossas fortalezas, q̃ sam as que importão ao estado del rey meu senhor, & q̃ ymar as galees do soldão nenhũa cousa, & tomar esta cidade menos: porque elas achandoas no mar sam nossas: E ela posto q̃ não se tome não se perde nisso nada, pois por ser tão lõge da India não se pode soster: & parece me muyto mal auenturarse gente em cousa que se ha de deixar. E acabando de dizer isto os primeiros q̃ falarão forão dom Gonçalo coutinho, & Afonso lopez da costa: & sem dar ẽ seus pareceres, disserão: q̃ quẽ tinha visto mais cousas q̃ ho gouernador, nem quẽ era mais esforçado & pozel rey saber que era assi confiara dele a India, & pois a cõfiaua, & a ele lhe parecia q̃ não era bẽ cometerse a cidade, que pera q̃ era mais cõselho de niguẽ, se não tomarse ho seu que era ho principal. Do que todos os outros ficarão muyto escãdalizados, porq̃ crerão que ho gouernador tinha praticado ho caso com aqueles dous, & por seus pareceres somẽte, & polo seu, não queria pelejar, sem tomar mais ho de niguẽ, & q̃ deles fazia conta, & não dos outros. E os mais vẽdo a cousa como hia, se forão cõ ho parecer daq̃les dous. E outros mais azedos forão cõtra isso q̃rendo dar rezões por onde era necessario pelejar dizẽdo. Que cousa vergonhosa seria, & com q̃ os Portugueses perderião todo o credito, não pelejar hũa frota tam poderosa como aquela parecia, com todo ho poder do soldão, quanto mais cõ tam pouco como tinhão sabido q̃ estaua naquela cidade? Porque os mouros auião de saber muyto bẽ a muyta gente q̃ se embarcara naquela armada, que passauão de tres mil pessas, & não auião de adiuinhar a q̃ lhe morrera na viagẽ: nem a q̃ lhe faltaua, nem a q̃ estaua doente: & vendo que não pelejauão crerião que era de medo: pelo q̃ todo o que ateli tinhão dos Portugueses auião de perder, & não os terião em conta, o que era tão necessario que não fosse como soster as fortalezas da India, aque os mouros logo poerião cerco como perdessem ho medo a quẽ as auia de defender: & por isso sómente era necessario pelejar, que posto que se corresse perigo no desembarcar, não era tamanho, nẽ tamanha perda morrerem nisso algũs homẽs, pois não auião de morrer todos, camanho era perderse ho credito dos Portugueses & camanha seria crerẽ os mouros como estaua certo crerẽ que por medo & não por outra causa deixauão de pelejar. E mais que pera q̃ era fazerse tamanho caso da artelharia dos imigos, que parecia desesperar

da misericordia de nosso señor, que tantas vezes liurara na India os Portugueses de muytos mayores perigos que aqueles: ⁊ que assi os liuraria entã: porq̃ não mostraua ele seu poder se não õde ho humano desfalecia: ⁊ por isso auião de pelejar. E cõ todas estas rezões, como erão mais os que forão de voto q̃ não pelejassem, não se tomou ho parecer destes.

¶ Capit. xiij. De como ho gouernador se partio pera Camarão, ⁊ da muyta gente q̃ lhe morreo.

Rubricado pola frota q̃ ho gouernador não auia de dar na cidade, foy ho escandalo tamanho em toda a gente q̃ era cousa espantosa: ⁊ dezião sem nenhũ medo que não podia ser mayor judaria q̃ aqla, não cometer hũa cidade tão pequena com tanta gente ⁊ tão esforçada: ⁊ cõ tãtas munições: q̃ tinhã poder pera pelejar cõ ho turco, quãto mais com aquela cidad̃: ⁊ outras cousas q̃ a gẽte da guerra diz q̃ndo os seus capitães não fazẽ as cousas que lhes parece bẽ. E os q̃ erão do tempo d'Afonso dalbuquerq̃ traziã á memoria seus cometimentos sem medo: seu esforço ⁊ suas grandes vitorias. E dezião todos muytas injurias contra ho gouernador por não cometer a cidade: ⁊ cõtra os capitães porq̃ lho consentião. E bẽ ho sabia elle/ mas não ousaua de falar, ⁊ estaua muyto triste. E pera ver se podia amansar a gente deitou fama que auia dir com os nauios peq̃nos a costa d'Abéxia a leuar Duarte galuão ao porto de Maçua: ⁊ assentar amizade com ho preste. Mas nẽ cõ isto se contentou a gente: ⁊ mais por amor que se deteue ho gouernador algũs dias por causa do tempo que era contrairo pera a partida: ⁊ forã neste espaço os da frota muyto ap̃ssados dos tiros dos ĩmigos. E passados quatro dias se lançou na frota hũ Christão chamado Lourẽço catiuo d̃ Soleimão rex, que disse na galé de Gaspar da silua onde foy ter primeiro, que porq̃ não desembarcaua ho gouernador, ⁊ que esperaua mais, porq̃ Soleimão rex estaua cõ muyto grande medo dele: ⁊ assi quãtos estauão na cidad̃: ⁊ a tinhão despejada de suas fazẽdas, pera que se ho gouernador a ẽtrasse as terẽ em saluo, ⁊ que se ele desembarcara em chegando, q̃ ainda achara tudo. E de tudo isto q̃ Lourenço dezia/ não disse mais nenhũa cousa despois q̃ ho gouernador falou coele. E neste tẽpo virão da frota poer em terra a borda dagoa hũa vara aruorada cõ hũa carta pendurada. E cuydando os Portugueses que era algũ auiso forão algũs por ela, ⁊ derãna ao gouernador, que vio que era de Soleimão rex escrita em castelhano. E dizia que estando ele de partida pera o cayro soubera sua vinda, pelo q̃ deixara de partir, porq̃ pera tal ospede como ho gouernador/ era necessario tal homẽ como ele pera o agasalhar: ⁊ tẽdolhe as pousadas prestes ho via partir sem querer pousar, q̃ folgaria de saber a causa. E entendẽdo ho gouernador a rebolaria de ço

leymão, & como zombaua dele. Respondeolhe por escripto, dizendo q̃ ele ho fora buscar a Adẽ & a Camarão pera pelejar coele, no que perdera duas naos & hũa galé/ & polo nã achar fora ali ter cuydando de hoachar no mar õde lhe mostrasse a võtade que trazia: & q̃ ho achaua em terra onde não podia sayr/ & por isso não pelejaua coele, mas q̃ se hia inuernar a Camarão, õde se ele quisesse ir por todo Agosto veria quãto melhor galalhado lhe fazia do q̃ ele fazia a ele. E deixada a carta em terra foy tomada & leuada a çoleymão, que não repricou nem foy buscar ho gouernador a Camarão, por que sabia q̃ no mar os Portugueses auião de leuar a vitoria. E despois visto dous ou tres dias se partio ho gouernador pera Camarão, dizendo q̃ não queria ir a Maçua por nã partir a armada & ficar pouca cousa em cada parte: porque çoleymão rex tinha armada, & sabẽdo que hião apartados sayria a eles, & darlhes hia fadiga. E prosseguido sua viagem pera Camarão, esteue a gente em risco de morrer toda de sede, por auer tão pouca agoa na frota/ que pera abastar não se daua a cada pessoa mais de meo q̃rtilho dagoa pera todo ho dia/ sendo aq̃la paragẽ tão quente de seu natural, q̃ não podem os homẽs viuer sem se lauarem todos muytas vezes & os abanarẽ: & mais era a grande calmaria, com que se deteue na viagem ho tres dobro do que se ouuera de deter cõque a gẽte mais desmayaua/ & muyta morria de pura sede que se lhe secauão os bofes & outra adoecia. E era medonha & piadosa cousa de ver os gemidos & clamores q̃ todos fazião contra ho gouernador polos leuar a morrer sem fazer nenhũ seruiço a Deos nẽ a el rey: & assi chegou a Camarão em Mayo, que se mais tardara hũ dia quasi toda a gente lhe morrera, porq̃ algũs nauios chegarão sem bocado dagoa. E se passarão na viagẽ trabalho de sede, em terra passarão immẽso de fome: porque como a ilha estaua despouoada não se acharão mãtimentos, & na frota hião tão poucos que ninguem não comia mais que arroz cozido & hũa vez no dia/ & quẽ podia pescar algũ peixe ou mesturado coele: & coesta fome lhe morreo aqui grande soma de gente principalmente da do remo/ & cayão mortos como que fora péste/ & de fracos não podião os viuos soterrar os mortos, & nunca se tamanho desbarato vio ó gẽte como este foy. E cuydando ho gouernador q̃ podesse auer algũs mantimentos da terra firme mandou lá/ & os mouros q̃ erão immigos & sabião como ho gouernador não pelejara em Juda não somẽte não quiserão dar os mantimentos, mas ainda matarão algũs Portugueses, & ho mesmo a conteceo na ilha de Malaca, mandãdo ho gouernador ho caravelão a Maçua a saber se poderia hi mandar Duarte galuão pera ir da hi ao Poente, & antre os mortos foy ho capitão do caravelão, por cuja morte deu ho gouernador a capitania ao piloto q̃ se chamaua Pero vaz deuera, & não foy necessario mãdar o gouernador Duarte galuão, por

que foy nosso señor de ho leuar dest te mundo/nesta ilha tão apartada de sua natureza/que foy grande perda por ser homẽ de tanto preço como disse no liuro terceiro.

¶ Capit. xliij. De como Eytor rodriguez de Coibra cõ licẽça da rainha de Coulão fez hũa casa de feytoria em Coulão.

Eytor rodriguez q̃ hia por feytor a Coulão/despois q̃ partio ó Cochim chegou a Coulã ho primeyro dia de fevereyro de mil & quinhẽtos & desasete, & logo foy falar á rainha de Coulão, a quẽ deu hũ presente q̃ lhe leuaua da parte do governador, & outros aos seus regedores. E estando jũtos ela & eles lhes requereo como leuaua por regimento q̃ per virtude da capitulação das pazes q̃ estaua feyta mandassem logo fazer a igreja do apostolo sam Thome/& pagassem cento & sessenta & seys bãres de pimẽta q̃ ficarão devẽdo do anno passado dos quinhẽtos que auião de pagar como disse atras. E responderão q̃ estauão muyto prestes pera cõprir toda a capitulação das pazes/porem que logo não podia ser por a rainha estaua pera partir ao outro dia a fazer guerra a el rey de Tranuancor seu vezinho que a tinha desafiada/& por isso não podia deixar aquela empresa/& tambem por ter sua gẽte junta & os pulás que auião dir coela: & que em quanto fosse delaria dada ordem pera que se ajuntassem os materiaes pa edificação da igreja q̃ se auia de fazer. E a mesma rainha disse apartadamente a Eytor rodriguez que lhe rogaua q̃ em quanto ela fosse á guerra não apertasse sobre os dereytos & rẽdas da igreja que se auia de fazer, que ela era obrigada a restituyr por tudo ser dado a Pulás & Nairs muy principaes que ho não auião dalargar sem ela ser presente. E apertando sobrisso em sua ausencia poderia suceder hũ mao recado de que lhe pesaria muyto, por isso lhe aconselhaua q̃ esperasse ate sua tornada/porque ela compriria tudo como era obrigada: & que nisto descansasse, porque ela desejaua muyto de cõseruar a paz que estaua assentada, & que era grande seruidor del rey ó Portugal. O que lhe Eytor rodriguez agardeceo muyto de sua parte/& se lhe offereceo muyto pera a seruir: & vendo a boa vontade que a chaua nela pera ho seruiço del rey de Portugal pediolhe apousentamẽto pera pousar com seu escriuão & homẽs da feytoria, em que podesse bem agasalhar as mercadorias q̃ leuaua/& quando não ouuesse este apousentamẽto lhe desse lugar pera fazer hũa casa pera isso, que assi ho leuaua por instrução do governador/de quem sabia em segredo que determinaua de fazer ali hũa fortaleza trazendo ho Deos do estreito, por isso que se lhe dessem licença pera fazer a casa a fizesse em lugar que fosse boõ pera fortaleza. E a rainha lhe respõdeo/que posto que aquilo era fora da capitulação, das casas, que ela desejaua tanto de seruir a el

rey de Portugal/ & de ter paz coele que era contente de dar lugar pera se fazer a casa onde lhe a ele parecesse bẽ/ & ao outro dia lho assinaria cõ os regedores q̃ a isso auião de ser presentes. E com quanto a rainha isto prometeo tão leuemente, teue grandes contradições pera se com prir: pozq̃ como os mouros da terra ho souberão & lhes pesaua em estremo de os Portugueses ali assentarem: pozq̃ tinhão certo deitalos fora, conselharão aos regedores q̃ por nenhũ modo cõsentissem fazerse aquela casa, porque com nome de feytoria se auia logo de tornar fortaleza com q̃ os Portugueses lhe auião de tomar a terra, que assi ho costumauão os Portugueses, & cõ nome de feytorias tinhão feytas todas suas fortalezas, & fizerão com outra rainha q̃ le chamaua de Comorim por ser irmaã del rey de Comorim, & com dous filhos seus q̃ conselhassem ho mesmo a rainha ô Coulão & aos regedores. E com tudo nunca poderão mouer a ela nẽ a eles, porque ela por desejar muyto a paz os abrandou de maneyra que forão muyto contentes de dar licẽça pera se fazer a casa: & tambem a grande diligencia que pos Eitor rodriguez em os peitar & persuadir q̃ lhe dessem lugar pera fazer a cala. E juntos com a rainha lhe derão a licença, mostrandose todos muyto desejosos do seruiço ôl rey de Portugal: & pozq̃ ho lugar onde se auia de fazer esta casa foy deixado ẽ escolha Eitor rodriguez, escolhe ho detras do circuito da igreja que foza de sam Thome/ & tão perto do mar que se podia chegar a ele com hũa pedra/ começou logo de fazer hũ grande cerco de taipa com hũ poço dentro de muyto boa agoa.

Capit. xv. Do risco q̃ correrão os Portugueses que estauão ẽ Coulão em quanto ho gouernador foy ao estreito.

Assinado ho lugar em q̃ Eitor rodriguez auia de fazer a casa a rainha se partio pera sua guerra deixando ho muyto encomendado aos regedores, q̃ ho fauorecessem & ajudassem em tudo o de que teuesse necessidade. E prosseguindo ele sua obra despois de ter feyto ho cerco que digo, começou de fazer hũa casa sobradada cõ as paredes de taipa & cuberta dola/ & nã ficou pessoa em Coulão que a não fosse ver quando a fazião: & os mouros dizião aos gẽtios q̃ aquilo era fortaleza/ & que dali auião os Portugueses de tomar a cidade. E como os gentioo crẽ ligeiramente qual quer cousa crião isto, & indinauão se muyto contra os Portugueses principalmente despois que a casa foy acabada/ & faziãlhe mil sobrãçarias & danãlhe encontros onde os topauão/ & vindo ho inuerno se desauergonharão mais a isso/ porque sabião que ho gouernador era ao estreito. E os mouros lhes fazião crer q̃ os rumes ho auião ô matar com quantos hião coele: & tanto affirmauão isto q̃ passando por junto dos Portugueses lhes

brádirão as eſpadas nos olhos, pera os prouocarem a ira com que deſembainhaſſem coeles pera terẽ cauſa de ſe leuantarem, que doutra maneyra não ouſauão com medo dos regedores que eſtes fazião que ſe teueſſem em ſi. E como Eitor rodriguez iſto entẽdia mandou aos Portugueſes q̃ não foſſem á cidade nem ſayſſem do cerco da feytoria, & diſſimulaua com tudo por não vir a rõpimento & lhe acontecer como a Antonio de ſá. E aſſi eſteue neſta opreſſam até que veyo noua de como ho gouernador era viuo & ficaua em Ormuz: & q̃ não ouſarão os rumes de ſayr de Judá a peleiar coele: & iſto quebrou muyto os ſpiritos aos mouros, & temendo que ho gouernador os caſtigaſſe polo paſſado, não vſarão de mais ſobrançarias cõ os noſſos, & tambẽ os gentios. E neſte tẽpo veyo a rainha de Coulão de ſua guerra que tambẽ fauoreceo Eitor rodriguez, & os que eſtauão na feytoria & ficarão em paz.

Capit. xvj. De como dom Fernãdo de monrroi & João gonçaluez de caſtelo bráco tomarão duas naos de mouros nas ilhas de Maldiua.

PArtidos dom Fernãdo de mõrroi & João gonçaluez de caſtelo branco em buſca de Jeronimo de ſouſa forão ter ás ilhas de Maldiua, & tomando a cada hũ por ſeu cabo como leuauão por regimento do gouernador, não acharão Jeronimo de ſouſa, mas derãlhe noua q̃ fora ali ter, & q̃ ſe fizera logo na volta de Melinde, õde ſe douue tão mal com ho piloto & com ho meſtre do ſeu nauio q̃ lhes fez lembrar como ele hia leuantado, & a pena q̃ tinhão por irẽ coele, polo q̃ determinarão de ho prender & leualo ao gouernador. E aſſi ho fizerão, & polo Jeronimo de ſouſa, ſe partirão com ho nauio pera ho cabo de Boa eſperança õde eſperauão dachar ho gouernador: & neſte caminho por ho nauio fazer muyta agoa ſe mudarão a hũa nao, & neſta mudãça ſe ſoltou Jeronimo de ſouſa, & foy de pois ter a Goa, & por iſſo dom Fernando nem João gõçaluez ho não acharão. E andãdo em ſua buſca toparão duas naos del rey de Cambaya que auia annos que andauão fora de Cambaya tratãdo por muytas partes, & por iſſo trazião muyta riqueza, & andaua por capitão delas hũ mouro chamado Cogeaquim que foy catiuo cõ quãtos vinhão nas naos q̃ forão tomadas (poſto q̃ el rey de Cambaya eſtaua de paz) porq̃ não leuauão cartazes. E deſpois de Cogeaquim catiuo, comeo & durmio cõ tanto repouſo, & tanto deſagaſtamento como ſe eſtiuera em ſua caſa. E eſpantandoſe daquilo dõ Fernando & João gonçaluez: diſſe lhes ele que não ſe agaſtaua porq̃ aquilo era ventura (a que os mouros chamão nacibo) & q̃ quando partira de ſua caſa partira pera ſer ſeu feytor & ſeu catiuo, por iſſo q̃ não ſe auia dagaſtar. E não achando dom Fernãdo & João gonçaluez mais preſas, & por ſe chegar ho inuerno, partirãſe pera Cochim, & dali pera Goa, onde leuarão as naos.

¶ Capit. xvij. Do que fez dõ João de Monrroi indo darmada de Goa ate Chaul.

Em quanto dom Fernãdo ⁊ João gonçaluez forão ás ilhas de Maldiua mandou dõ Goterre capitão de Goa a dom João de mõrroi seu sobrinho com sete fustas darmada ao longo da costa ate alem de Chaul pera fazer presas ⁊ segura a nossos amigos q̃ por ali nauegassem ⁊ forão por seus capitães domingos de seixas, Anrrique de touro, palos cerueira/ Pero jorge ⁊ outros dous a que não soube os nomes. E indo assi darmada foy ter ao rio do pagode onde ate Baçaim tomou hũa nao de mouros do mar roxo carregada d̃ mercadoria, ⁊ os mouros escaparão por fazerem varar a nao/ ⁊ acolherãse a terra sem pelejarem: ⁊ estando na barra de Baçaim foy ter coele hũ Aluaro da madureyra que auia dias que andaua leuantado ⁊ forasse pera os mouros, ⁊ disse a dom João que se queria tornar pera os nossos, q̃ lhe fizesse esmola dalgũ dinheiro pera se vestir. O que dom João fez de boa võtade, ⁊ prometeolhe que se quisesse tornar pera os nossos de lhe auer perdão de dom Goterre do leuãtamento que fizera/ ⁊ com o que lhe deu ⁊ ajuntou polos da armada forão duzentos pardaos / com que Aluaro da madureyra disse que se hia a Chaul atauiar do que tinha necessidade, ⁊ que lá ho esperaria. Porẽ não ho fez assi/ antes se foy a Dabul, ⁊ disse a Miralmelique onde dom João ficaua com á armada ⁊ que auia de passar a vista de Dabul, que se lhe quisesse dar a capitania mór das suas fustas q̃ erão quatorze que ele hiria tomar dõ João ⁊ quantos hião na sua armada. E Miralmelique sabendo que Aluaro da madureyra era ja mouro ⁊ nã Christão, foy contente de ho fazer capitão mór das suas fustas. E nã sabendo dom João disto nada partiose de Baçaim caminho de Goa ⁊ foy ter a Chaul donde em saindo achou a armada de Meliquias que era de quatorze fustas / ⁊ andaua por capitão delas hũ valente mouro chamado Xequegi que fora ali esperar dom João pera pelejar coele, ⁊ em os nossos saindo do rio começarão delhe tirar ás bõbardadas/ ⁊ os nossos a eles, ⁊ apertarãnos tão rijo que lhes foy forçado porẽse de balrrauento dos nossos/ ⁊ fugirem pera ho mar, ⁊ os nossos os seguirão hũ pedaço ⁊ tomarão hũa fusta de q̃ a gente se lançou ao mar, ⁊ assi fugio/ ⁊ por os immigos fugirem não os quis dõ João seguir mais ⁊ seguio auante caminho de Goa. E neste mesmo dia indo alamar de Dabul foy topar com Aluaro da madureyra que ho esperaua com sua armada toda encadeada como que queria pelejar: ⁊ dõ João disse aos seus que os cometessem/ ⁊ logo arribarão todos pera os immigos com determinação de os abalrroar/ ⁊ hião desparãdo toda sua artelharia, ⁊ os immigos parece que ouuerão medo de os esperar ⁊ desencadearanse, ⁊ poendose hũ

pouco ás bombardadas cõ os nossos ficando de balarrauento, fugirão ao remo/salno hũa fusta q̃ foy varar em terra & fugio a gẽte/& os nossos a tomarão com a artelharia que tinha. E vendo dom João que não auia poz al mais que fazer tornouse a Goa com as duas fustas que tomou.

¶ Capitolo. xxiij. Da entrada que fez Dom Fernando monrroi na terra firme de Goa/& de como foy delbaratado & forã mortos muytos dos que leuaua.

REcolhidos dõ João & dom Fernando a Goa/& começando de entrar ho inuerno, determinou dõ Goterre de se vingar Dancoscão tanadar de Pondá poz amor de João gomez que lhe matara. E ceesta determinação fez grande festa de touros & canas em dia do Spirito sancto. E as festas acabadas ajuntou a gente de canalo que serião sesẽta homẽs/& seys centos piães da terra em que entrauão trinta dos nossos bésteiros & espingardeiros, & saindo de Goa tomou ho caminho pera Benastarim ja de noyte. E chegando ás duas aruores fez deter a todos/& ali lhes declarou como hião a Põdá a destruyr Ancoscão poz comprir muyto a seruiço del rey fazerse assi/& mandou q̃ fosse poz capitão da gente de canalo dom Fernando seu irmão, & irião coele dom João seu sobrinho, & outros fidalgos. E da gente de pé fose poz capitão João machado que ra[illegible]tanadar mór da ilha de Goa, & disselhes que os mandaua a taes horas/ porque como Pondá era perto, podião lá chegar antes manhaã & dar no lugar/cujos moradores estauão sem nenhũa sospeyta de sua ida, & poz isso os poderião tomar ás mãos, principalmente ao Tanadar/ que folgaria muyto q̃ lhe leuasse viuo: porem que selhes amanhecesse antes de chegáren a Pondá que não cometessem naca, & se tornassem, porque ele não queria que pelejassem nem que se posessem a perigo/ & coisto forão passar a Benastarim da banda da terra firme a gente em almadias/& os caualos a nado/ & passados abalarão dom Fernando & João machado com sua gẽte pera Pondá ficando dom Goterre com algũa gente em goarda das almadias, pera que quando seu irmão tornasse achasse em q̃ passar. E partidos dom Fernando & João machado, João machado q̃ hia diãte chegou primeyro perto de Pondá & poz isso esperou poz dom Fernando: & neste tẽpo tomou dous piães de Pondá que vigiauão a terra, & destes soube que no lugar não auia nenhũa sospeita dos nossos nem se temião deles. E chegado dom Fernando/ disselhe João machado o que soubera dos piães, & pois a causa principal de sua vinda era pera tomarem Ancoscão que lhe parecia que os seus piães poz irem de

sarmados & saberem a terra & alingoa dela ho farião melhor que os nossos de caualo q̃ hião armados & embaraçados com os caualos, & se auião dembaraçar mais por ser ainda de noyte, & por isso estarião melhor em goarda dos piães: & q̃ assi lhe parecia melhor que irem lá os nossos, & como dom Fernando pretẽdia esta honrra não quis que a ganhasse João machado, & disselhe que pois a terra estaua sem sospeita de sua ida que bem poderião esperar que amanhecesse & verião oque fazião, & darião todos no lugar & farsebia ho feyto melhor que de noyte: & a isto ajudarão Jeronimo de sousa & Jorge de magalhães, & João rodriguez pesso, & João machado lhe disse que pois assi queria, que assi se fizesse, mas que prouuesse a Deos que se não arrepẽdesse de não tomar seu cõselho, q̃ era muito bõ. Mas não ho tomou dom Fernando, porque auia de ser o que foy: & como ainda auia hũ pedaço por passar da noite não poderão os nossos estar tam calados que nã fossem sentidos: & foy dado auiso a Ancoscão, que se leuantou muyto de pressa, & com a mayor parte da sua gente se passou logo alẽ de hũ rio que passaua por junto do lugar: & fez hũ corpo de sua gente, esperando ate ver o que os nossos querião fazer, que em amanhecendo entrarão no lugar, cuydando dom Fernando que tinha muyto certo Ancoscão: & quãdo achou ho lugar despejado vio quam mal fizera em não tomar ho conselho de João machado. E nisto algũs dos nossos assi de pe, como de caualo vendo estar os immigos em corpo, receeolhes a cobiça de pelejar: & passando a ponte conuidauãos pera isso, escaramuçando coeles, porque tambem lhe sayrão algũs que mostrauão ter boa vontade de pelejar. E vendo dom Fernando que aquilo não seruia de nada, mandou dizer a João machado que estaua diante com a gente de pe, que fizesse volta por q̃ se hia. E dandolhe lugar passou João machado auante: & dom Fernando lhe ficou nas costas. Ancoscão que vio que os nossos se hião sem fazer mais nada, pareceolhe que era com medo, & com isso cobrou mais esforço, & foy dar nos nossos, tirandolhe muyta soma de frechadas, & ferirã lhe tam de riso os caualos, & os que estauão encima deles, que desmandarão, & começarão de fugir, & derão nos de diante, que tambẽ se desmandarão. Os immigos os seguirão: & como sabião que auião de passar por hum passo estreito polo pé de hũas ribas, parte delles os forão esperar sobrelas, & outra parte os hia seguindo. E em chegando a aquele passo, como os immigos que estauão sobre as ribas ficassem muyto senhores dos nossos, apertaramnos tam brauamẽte, & ajudandolhe os debaixo, que matarão muytos dos de pe, & dos de caualo ficarão quarenta antre mortos & feridos, & estes que forão feridos ficarão ali catiuos, E antre os mortos forão Jorge de magalhães, João Machado,

ꝛ João rodriguez pessoa. E foy tamanho ho medo dos nossos que os mais deles deixarão as armas pera fugirẽ melhor/ ꝛ a dom Fernando mataranlhe ho caualo/ ꝛ se lhe logo não acodirão com outro ouuerãno de matar, ꝛ assi foy ferido ho caualo de dom João/ ꝛ se os immigos seguirão ho alcanço aos nossos nenhũ não ouuera descapar: ꝛ não os seguirão, porque ho primeyro morto dos nossos que acharão foy hũ João rodriguez pessoa que cuydarão que era ho capitão por leuar boas armas/ ꝛ por isso não quiserão seguir os nossos, que despois que virão q̃ os ĩmigos os não seguião se ordenarão ꝛ forão ate chegar onde dom Goterre estaua esperãdo que lhe leuassem Ancoscão, ꝛ sem ele se tornou a Goa com tamanha perda como foy perderense corenta dos nossos. E vencida a batalha por Ancoscão recolheo ho despojo que forão caualos, armas ꝛ catiuos/ que serião ate dezoyto/ ꝛ nisto foy dado hũ recado do Hidalcão a Ancoscão que ho fosse seruir em hũa guerra que tinha com Nizamaluco senhor de Chaul, ꝛ sendo forçado a Ancoscão de ir, temeo que ficando de guerra com dõ Goterre que lhe tomaria aquelas tanadarias que auia pouco que lhe dera ho Hidalcão, ꝛ por isso mandou dizer a dom Goterre q̃ ele não tinha culpa no dãno que fora feyto a dõ Fernando/ ꝛ q̃ queria ser seu amigo/ ꝛ se ho quisesse tambem ser seu ꝛ ter coele paz como dantes que lhe daria os Portugueses que lhe ficarão catiuos. E pera se isto assẽtar se ho quisesse auia lá de mãdar hũ homem honrrado pera que ho assentassem. Do que dom Goterre foy contente por ver q̃ tinha a culpa do passado/ ꝛ por João gõçaluez de castelo branco ser homem de confiança, ꝛ ter conhecimento cõ Ancoscão do tempo que fora ao Hidalcão por embaixador/ como disse no liuro terceyro, ho mãdou a Ancoscão com q̃ assentou de nouo paz ꝛ amizade, ꝛ entregue dos catiuos q̃ erão dezoito se tornou a Goa.

¶ Capit. xix. De como o gouernador queimou a cidade de Zeila/ ꝛ do que lhe fizerão ẽ Adem.

Inuernãdo o gouernador em Camarão cõ tãtos trabalhos de fome/ doenças ꝛ mortes como ja disse: pola necessidade dos mantimentos que ho apertaua se partio na entrada de Julho posto q̃ era cedo pera os ir tomar a Zeila/ ou a Barbora ou a Adẽ. E leuando a rota pera Zeila, tardou algũs dias mais dos costumados por lhe serem os ventos contrairos. Esta cidade está na costa de Ethiopia a cĩco legoas das portas do estreito de fora delas: está em onze graos da banda do norte. Na terra em que está assentada ha muyto grande criação de gado assi grosso como miudo, de q̃ he bem abastada de manteiga ꝛ de leyte. Colhesse tambẽ grãde multidão d̃ trigo/ ceuada ꝛ de milho, d̃ maneira q̃ he muy grossa de mãtimẽtos.

Dá tambem a terra muyta soma den censo macho & de mel/de que se faz muyta cera branca que serue de mercadoria. A cidade he de bõ tamanho & rasa á borda do mar: he de casas de pedra & cal & de sobrados cubertas de terrados como as Dadê. Seus moradores sam mouros & mercadores de grande trato: & pola mayor parte sam pretos/assi homẽs como molheres & algũs brancos, & tratanse bem. Estes forão auisados por recado dos pilotos Dadê que hião cõ ho gouernador como hião lá/& por isso a despejarão eles de toda sua fazenda, molheres & meninos, & ficarão algũs homẽs, & assi os senhores de certas naos que hi estauão de fora que tinhão consigo algũa gẽte de peleja. E sabendo eles da maneyra que ho gouernador hia/determinarão de lhe não dar cousa algũa & defender se se podessem: & por isso lhe não mãdarão recado despois de chegar/antes se mostrarão pola praya com suas armas, & por isso determinou ele de dar na cidade & destruyla. E acordado nisso com seus capitães/ao outro dia em amanhecẽdo se embarcarão todos com sua gẽte, & os primeyros que desembarcarão forão dom Garcia coutinho & dom João da silueira: a que ho gouernador deu a dianteira, & ele desembarcou por derradeiro: & porque tinha mandado que ninguem não bolisse consigo ate ele não desembarcar/esteue a gente queda na praya/o que vendo os mouros começarão de tirar das naos que estauão varadas algũas bombardadas, & outros se mostrarão nas bocas das ruas. E o que vẽdo ho gouernador estene suspenso no que faria/porque parecia auer gente na cidade pois lhe não fugião: & por derradeiro mandou a dom Garcia & a dõ João que dessem cada hũ por seu cabo onde parecião os mouros: mas não teuerão que fazer, porque detendose ho gouernador tanto em se determinar/não poderão Gaspar da silua & Aires da silua, & Antonio ferreyra fogaça sofrer as algazaras q̃ os mouros fazião, & remetrão a eles com sua gente/& elles lhe sayrão ao encõtro como homẽs determinados: & vendo que os nossos lhe tinhão ho rosto como erão poucos retirarãse logo pera dẽtro da cidade, & os nossos carregarão sobreles & leuaranos ás lãçadas fora da cidade antes de chegarem dom Garcia & dõ João. E Simão dandrade mãdou dizer ao gouernador que podia entrar/porq̃a cidade era despejada. Do q̃ ho gouernador ouue muyto grande menencoria, parecendolhe q̃ Simão dandrade lhe mandaua dizer aquilo polo injuriar: & que dauaa entender q̃ outrẽ lhe leuara a honra de despejar a cidade, & disse contrele muyto mas palauras, & mandou despois que se passasse da nao de Francisco de tauora seu cunhado (com quẽ andaua preso) pera a galé de João de melo & isto polo auexar. Entrada a cidade acharão os nossos preso ho comitre do bragãtim õ Grigorio da q̃dra capitão da armada de Duarte delemos q̃ se perdeo como disse no liuro segũdo, & disse ao gouernador que auia no

ue annos que estaua ali catiuo. E recolhidos algũs mantimẽtos da cidade/ho gouernador lhe mãdou logo dar fogo, porq̃ se a gente não embaraçasse com ho roubo & tornasse os mouros sobreles & os desbaratassem. E posto fogo á cidade ardeo toda em quatro dias q̃ não ficou casa nẽ cousa nenhũa que não fosse queimada/& como ho gouernador estaua no porto nunca os mouros ousarã dacodir ao fogo/& queimaranse grande soma de mãtimẽtos que fizerão assaz de mingoa aos nossos. Queimada a cidade/que foy hũa cousa bẽ espantosa de ver: partiose ho gouernador pera Adem, & chegãdo mãdou dizer a Mirameregena que lhe mandasse vender agoa & mantimentos por seu dinheiro. E sabendo ele como ho gouernador vinha, & ho pouco que fizera em Judá perdeolhe ho medo/& por fazer escarnio dele deteueo dez ou doze dias cõ promessa de lhe dar mantimẽtos/& polo deter daualhe cada dia tão pouca cousa/que quãdo se desenganou achou que tinha gastado do que trazia ho tres dobro do q̃ lhe derão da cidade: & então conheceo ho erro q̃ fez ẽ se não prouer em Zeila & queimar os mantimentos que queimou. E porque muytas naos de sua armada os não tinhão/ouue de tornar atras pera os tomar ẽ Barbora. E Dadẽ atrauessou á costa de Ethiopia, onde ela está vinte legoas de Zeila: o que foy má pilotajem por que ouuera dir pola banda Darabia ate se poer leste oeste com barbora: porque daq̃la bãda fazião as agoas reuessa & hião brandas: & da bãda de Ethiopia erão as correntes tamanhas que hião pera ho estreito com os ponentes que afracauão naquele tẽpo (por ser fim Dagosto) que podia mais a agoa q̃ ho vento/& não se podia nauegar por aquela banda da Ethiopia.

¶ Capit. xx. De como despois do gouernador partir Dadem lhe morreo muyta gente/& a frota foy ter a diuersas partes: & de como ele foy a Ormuz.

POr isso a nossa frota nã podia surdir auãte, & foy necessario pairar o q̃ foy com assaz de trabalho da gente que morria desede & de fome. E andãdo assi sobreueo hũ dia hũa tornoada de ponente: & como ho gouernador andaua enfadado dauer quinze dias que pairaua em dando esta tornoada que lhe seruia pera a viagem Dormuz, determinou de se ir pera la & não ãdar ali mais, & mãdou dar á vela sem fazer final que se partia: o que vẽdo os capitães das naos grossas se fizerão tambem aa vela os que poderão, & assi outros nauios que se atreuerão a sofrer ho vento & seguirão apos ho gouernador q̃ se foy caminho Dormuz sem mais curar de Barbora/nem desperar polas outras velas da frota, q̃ ficarão em grande risco delhes morrer quanta gẽte leuauão á sede, por que as galés & outros nauios dalto bordo pequenos, & assi algũas naos grossas que não poderão sofrer a vela com a tornoada ficarão com a necessidade dagoa que digo & cada dia adoecia & morria gente,

cião cõ sede: & ainda q̃ hião ao lõgo da terra/ninguẽ pola primeyra hia buscar agoa/porq̃ ouuirão dizer q̃ se não achaua naquela terra por ser muyto seca. E porẽ ho grande aperto em que estauão lhes fez irẽ ver se auia agoa/& os primeyros q̃ ho fizerão forão Gaspar da silua, Christouão de sousa/Aires da silua & acharão muyta agoa/assi de chuuas q̃ auia pouco que passarão, como abrindo fontes. E a gẽte da terra os recebeo mansamente, & lhes venderão algũas cabras & carneiros/& apos estes forão os outros capitães de q̃ algũs quãdo isto foy não leuauão ja mais q̃ mea pipa dagoa: & hũ destes foy dõ Aluaro da silueira q̃ acertou de ir soo sem outra cõpanhia a buscar agoa, & pola nã achar se meteo tanto no estreito que quãdo quis sayr não achou vento q̃ ho ajudasse q̃ era passada a mouçã/& por isso ouue de inuernar no estreito, & andou dũ cabo pa ho outro a buscar onde inuernasse, no q̃ passou assaz de trabalho & fadiga: & lhe fizerão da terra mil treições em q̃ lhe matarão algũa gẽte. E foy ter a hũ porto, õde achou hũ mouro que se chamaua Adão / por isso lhe pos assi nome/& ali inuernou não tẽdo mais de vinte quatro pessoas de cẽto & trinta & quatro homẽs q̃ leuaua quando partio de Judá q̃ todos os mais dos outros lhe morrerão de sede. E inuernando aqui saindo hũ dia dõ Aluaro em terra a fazer agoada, ficando ele soo com hũ Jeronimo dolliueira filho Dantão dolliueira goarda mór da rainha dona Lianor/& com hũ Mẽdafonso criado do barão / foy morto por eles ambos por dizerẽ que tinha injuria do de palaura a Jeronimo dolliueira em vido na nao como injuriaua a outros com fauor de ser capitão & sobrinho do gouernador. E despois da morte de dom Aluaro, Jeronimo dolliueira & Mendafonso se tornarão á nao, onde não bolio ninguẽ coeles por os q̃ estauão nela serẽ os mais doentes: & despois da hi a dias como os da nao ouuessem por afronta andar assi antreles quẽ lhes matara ho seu capitão, leuantou se hũ João rodriguez pao, valente caualeyro, & tendo costas ẽ hũ Marti cozrea & outros, matou por sua mão ás punhaladas a Mẽdafonso sem ho ninguem ajudar/& foy preso Jeronimo dolliueira, & assi foy leuado á India onde esta nao foy ter despois de ho gouernador lá ser/& Jeronimo dolliueira foy degolado por sentẽça de Diogo lopez de sequeira q̃ chegara de Portugal por gouernador: & assi passarão muyto trabalho todos os q̃ ficarão no estreyto/& lhes morreo muyta gente & forão deles ter á India em diuersos tẽpos despois de ho gouernador lá ser, & outros forão ter a Ormuz/onde acharão ho gouernador q̃ indo pera lá foy ter a Calayate, dõde mãdou pera a India dõ Aleixo de meneses cõ poderes ó gouernador, pa q̃ soubesse ẽ na India q̃ era viuo: & cõ dõ Aleixo mãdou a Pero vaz deuora capitão do caraueláo, cõ recado a el rey de Portugal do q̃ lhe acõtecera no estreito, & as causas porq̃ nã foza a judá, nẽ a Maçua, nẽ fizer a fortaleza

nas portas do estreito que el rey de Portugal não ouue por boas. E de Calayate se foy a Ormuz, deixãdo hi toda a frota/ & em Ormuz achou tudo tambem assentado por Afonso dalbuquerque, que não teue que fazer mais que verse cõ el rey Dormuz, & deranse presentes hũ ao outro/ & ficarão grandes amigos.

¶ Capit. xxi. De como ho Idalcão mandou çufolarim seu capitão com trinta mil homẽs sobre a ilha de Goa.

ESacupado ho Idalcão da guerra de Nizamaluco por cõcerto que ouue ãtreles, determinou de tomar a ilha & cidade de Goa, parecendolhe que ho poderia fazer por ho gouernador ser fora da India, & que não poderia ser socorrida por não auer gente pera isso. E coesta determinação fez trita mil homẽs de peleja, em q̃ entrauão cinco mil de caualo, & fez capitão deles a çufolarim, de q̃ faley no liuro terceiro: parecendolhe que entraria na ilha assi como da outra vez/ & mandoulhe que a fosse tomar, dandolhe a capitania das tanadarias de Põdá & Salsete. E sabendo dõ Goterre q̃ chegaua, onde claramente se via q̃ hia pera Goa escreueolhe hũa carta (porq̃ dãtes erão amigos & se escreuião & visitauão cõ presentes) & dizia nela que fosse boa sua vinda/ & q̃ lhe fizesse boa prol cõ as terras de Goa, que dizião que lhe dera ho Idalcão: & que folgaua muyto polo ter por vezinho. E mandou ao portador desta carta que soubesse o que çufolarim determinaua/ & a certeza do numero da gente que trazia. çufolarim recebeo bẽ este portador, & por sospeitar q̃ hia espialo mais q̃ a leuarlhe carta deteueo obra doyto dias, porq̃ dom Goterre não fosse auisado de sua determinação que era ẽtrar na ilha de Goa da maneyra que entrou quando a cidade se entregou a Afonso dalbuquerq̃ como disse no liuro terceiro. E despois de dõ Goterre mãdar outro mesegeiro a çufolarim por ver que tardaua ho primeyro, lhe respondeo elle por escripto, dizendo que hia tomar Goa que ho Idalcão dera a Afonso dalbuquerque ate quando lhe aprouuesse. E sabendo dõ Goterre q̃ a determinação dçufolarĩ, era entrar pelo passo de Benestarĩ/ & polo caminho q̃ leuaua auia vir ao longo do passo de çancalim/ mãdou la dõ Fernando por mar cõ dez fustas darmada, de q̃ a fora ele forão por capitães Anrrique de touro/ Palos çerueira/ Domingos dseixas/ Pero sorge/ Pero gomez casado ẽ Goa & outros q̃tro/ & leuaria pto de cẽ homẽs, & logo ẽ chegã do não virão nenhũa gẽte. E parecẽdo a dõ Fernãdo q̃ ainda os imigos não erão chegados quiseraſſe tornar/ se não quãdo sae multidão deles dãtre ho mato dãdo grãdes alaridos/ & sayrão tão desupito que deitarã hũa grãde nuuẽ de frechas primeyro q̃ os nossos desparassem a artelharia, & matarão hũ marinheiro, & os nossos lhe matarão muytos dspois q̃ começou dlugar & estenerão coeles hũ bõ pedaço ás

bombardadas, ate que se retirarão pera o mato, & tirauão dãtre le muytas frechadas. E porq̃ podiã fazer dãno aos nossos não quis dõ Fernãdo ali estar mais: & contẽtouse cõ ho dano q̃ tinha feito aos imigos, & porq̃ lho não fizessem mandou afastar as fustas hũa & hũa: & tornouse pa goa, õde partio na madrugada seguinte pa o rio Dagaci: & indo ao lõgo das prayas do de Benastarî, da bãda da terra firme achou muyto mais gente q̃ ao dia dãtes, por ir ali çufolarî. E os imigos vendo os nossos lhes derão hũa çurriada cõ espigardões & frechadas: & os nossos outra de bõbardadas, cõ q̃ matarão muytos: & antreles foy o que leuaua ho sombreyro a çufolarim, que se soube despois q̃ se baçou cõ medo das bõbardadas, por nã ter por onde fugir, se não por hũa ladeira em que ficauão a melhor tiro. E em quanto os imigos passarão este ue ali dom Fernãdo: & matou muytos: & despois se foy poer na boca da rio Dagacim, pera goardar aq̃les rios. E por assi parecer bẽ a dõ Soterre & seruiço delrey de Portugal tirou da alcaydaria mór do passo seco a João gonçaluez de castelo branco que estaua nela: pera ajudar á seu irmão a goardar aqueles rios por saber bẽ da guerra pela muyta experiencia q̃ tinha dela, & ser muyto esforçado. E mandou q̃ hũa noyte fosse ele com a metade das fustas correr ho rio de Põda, & seu irmão ficasse na boca do rio de Benastarî com a outra metade: & outra noyte fosse seu irmão, & ficasse João gonçaluez. E isto porque se temia de os mouros entrarẽ em sangadas por aq̃le rio, como no tẽpo dAfonso dalbuquerque, como disse no liuro. iij.

Capit. xxij. Do que fez dom Soterre capitão de Goa depois q̃ se vio cercado.

Endo dõ Soterre como ho cerco não se escusaua dobrou logo a gente em todos os passos da ilha E porque sabia q̃ quando Afonso dAlbuquerque deixara Goa se lhe leuantara a gente da terra, porq̃ lhe não fizessem outro tãto a todos os casados, gentios & mouros tomou as molheres & os filhos, & meteolhas na cidade, ondelhes deu gasalhado: & aeles mandou q̃ ajudassem a guardar os passos da ilha aos nossos, o que fizerão de boa vontade por amor das molheres & filhos q̃ tinhão em penhor. E pera q̃ tiuesse mantimentos em abastança & lhe não falecessem, mandou tomar quãtos auia na cidade, assi aos da terra como aos nossos: & mandou os meter nas casas que forão do çabayo: pera dali os dar de sua mão a seus donos: porq̃ os não gastassem sẽ regra & despois lhes falecessem. E porq̃ tambẽ os cocos sam mantimẽto mandou apanhar quantos auia nos palmares & recolhelos nas casas que digo. E cõ isto mandou certas espias ao arrayal dos imigos pera ter auiso do que çufolarim determinasse: & ele por terra visitaua cada dia todos os passos porque lhes não faltasse nada pera sua defensam: & daua esforço á gente, que

não ouuessem medo aos immigos por mais que fossem, porq̃ com a juda de nosso senhor os auião de desbaratar. E seu jrmão dõ Fernando por mar, & João gonçaluez de castelo brãco como disse correrão todos os rios sem estar ẽ nunca quedos.

¶ Capit. xxiij. De como çufolarim assentou seu arrayal na terra firme, & do ardil q̃ dõ Goterre teue pera se matarẽ muytos mouros.

ENtre tanto que dõ Goterre isto fazia assentou çufolarim seu arrayal detras daqueles outeyros, que vão ao longo do rio de Benastari, & chegaua ate a baya Dauacim, porq̃ ali determinaua de mandar fazer jangadas pa passar á ilha de goa, como fizera da outra vez, que passou em tempo de Afonso dalbuquerq̃: o que ele não pode nunca fazer, porq̃ era tão espiado polos nossos, que como as jãgadas erão no mar logo dõ Fernãdo: & João gonçalues selhe punha diãte com a sua armada. E q̃ vendo çufolarim não ousaua decometer a entrada da ilha: & com tudo não deixaua õ mostrar que ho queria fazer, & daua muytos rebates de noite, a q̃ dom Fernãdo & João gonçaluez acodião logo, que cõtinuamẽte estauão no mar sofrendo jmenso trabalho de grãdes tormẽtas de chuuas & de vẽtos, que as armas & os vestidos lhes apodrecião nos corpos a eles & aos outros. E todo homes õ Julho sofrerão este trabalho, cõ os que andauão coeles, sem nunca dormirẽ senão de dia. E muytos se acostumarão a dormir em pé, como q̃ dormissem em cama. E vendo a gente da terra que estaua cõ os nossos que çufolarim não ousaua dentrar perderã todo ho medo q̃ tinhã que entrasse na ilha: & os piães pedião a dõ Goterre q̃ os deixasse ir furtar ao arrayal dos jmigos, & q̃ assi lhe farião a guerra, pois não podião doutra maneira. E elelha deu, mandando apregoar que por cada cabeça de mouro ou de turco daria hũ pardao douro aquẽlha leuasse: & os piães pola ganhar hiãse ao arrayal & como andauão do mesmo modo que os do arrayal, não os desenferẽ çauão deles, & podião andar por onde querião: & como vião tempo não fazião se não matar nos jmigos: & tomadas as cabeças as leuauão a dõ Goterre, & dauãlhas cõ grãdes festas de tangeres: & dom Goterre lhes pagaua logo: no q̃ gastou muyto, porq̃ as cabeças erão muytas, que ho premio que daua por elas fazia não se estimar ho perigo q̃ custauão. E vẽdo dom Goterre ir tão devagar a entrada de çufolarim, escreueolhe que pera q̃ tardaua tanto em entrar a ilha: & que se determinaua de ho fazer q̃ lhe mandasse dizer ho dia, & q̃ lhe tiraria as fustas do rio, & a gẽte da terra pera poder desembarcar: cõ cõdição que auia de ir em pessoa com sua gente. E elere spondeo por escripto em letra q̃ nunca se soubeler.

¶ Cap. xxiiij. De como çufolarim começou de dar bateria á nossa fortaleza: & como lhe os nossos q̃ brarão hũ camelo com q̃ a dauã.

TEndo çufolarim que por nenhũ modo não podia entrar a ilha pola defensa q̃ achaua nos nossos a que não podia resistir por não ter nauios em que sua gente embarcasse, determinou de dar bateria á nossa fortaleza de Benastarim & arrasala por aquela maneyra. E como tinha muyta gente mãdou fazer hũa noyte hũ pedaço de muro defronte da nossa fortaleza que quando amanheceo apareceo feyto & assestadas nele algũas peças dartelharia: & assi outras estancias de bombardas ao lõgo do rio pera varejarẽ delas as nossas fustas. E como foy menhaã despararão os immigos a sua artelharia do muro na nossa fortaleza em que não fez nenhũ nojo por a artelharia ser pequena & de ferro, & por isso mandou logo çufolarim a Bilgão por hũ camelo de metal q̃ lá tinha pera derribar coele a nossa fortaleza & derribada ẽtrar na ilha. E sabendo dom Soterre que esta bombarda hia por caminho que a leuauão bois em hũa carreta, mandou a hũ Maique canarim chamado Ralu que lhos fosse decepar, & isto por ser homẽ esforçado: & ele hoy fazer leuãdo consigo dez piães, & decepou os bois despois que entrarão pola serra. E posto que isto causou dilação em ir a bombarda, todauia foy leuada com tanta goarda q̃ Ralu não pode mais decepar outros bois. E assentado este camelo no muro/ começarão os imigos de tirar coele/ & do primeyro tiro deu em hũ canto da torre da menagem/ & meteo por dentro hũa grãde pedra & fela tremer de modo que cayo quanto estaua dentro. E a este tempo estaua dom Soterre dentro na mesma torre/ mandãdo assestar dous camelos pera tirar a bombardeira deste dos immigos & quebralo, porque doutra maneyra arrasaria a fortaleza. E eles assestados tirou ho condestabre com cada hũ & dambos os tiros errou a bombardeira/ mas desapontou ho camelo de modo que ao segundo tiro errou a torre, & deu no muro de que derribou algũa parte que logo foy repairado com madeira: & dõ Soterre prometeo vinte pardaos douro ao condestabre se lhe quebrasse ho camelo dos immigos: & tirando ele ho terceiro tiro, lhe tirou ho cõdestabre cõ ho nosso camelo, q̃ parece que desparou a hũa cõ ho dos imigos/ & no ar se toparão os pelouros/ & ho nosso lhe leuou hũa iasca com que ho fez cair na praya/ & passando auante entra pola bombardeira, & pola boca do camelo & espedaçou ho, & cõ os pedaços matou quatro bõbardeiros dos imigos/ a que os nossos derão hũa grande grita cõ prazer, louuando nosso senhor. Quebrado este camelo mandou dõ Soterre assẽtar hũa espera em hũ oyteiro que está jũto da nossa fortaleza pera dar bateria ao muro dos immigos com os dous camelos da fortaleza, & assi ho fazia/ & de noyte mandaua armar trabucos cõ que deitaua pedras detras do muro ondestauão os immigos, de que matauа muytos/ & dom Fernando & João gõçaluez varejauão de dia as suas estancias, & dauãlhe

tanto trabalho que mais se podião os immigos chamar cercados que cercadores.

¶ Capit. xxv. Do que fizerão sete dos nossos no arrayal dos immigos, & cõmo ho Idalcão mãdou leuantar ho cerco.

DUrando assi esta guerra ja em Agosto chegarão a Goa duas naos ó Portugal, & em hũa hia por capitão hũ fidalgo chamado João da silueira / que partira de Portugal ho anno passado por capitão mór de tres naos, ele ẽ hũa / ẽ outra Francisco de sousa mãcias, & em outra Antonio de lima. E chegando a Moçambique / achou ho mandado do gouernador pera se ir ajuntar coele no estreito. E querẽdo João da silueira cõprir este mãdado / se partio com os dous capitães pera Quiloa / & estando hi lhe deu hũ temporal muy furioso com que a nao Dantonio de lima deu á costa & salvouse a gente / & a capitaina escapou cõ os mastos cortados, q̃ se lhos não cortarão perderasse / & pera se João da silueira prouer ó mastos foy necessario inuernar em Quiloa / & inuernou coele Francisco de sousa. E prouido de mastos vinda a mouçã se partio pera a India & chegou a Goa neste tempo da guerra, & cõ sua vinda se reformou dom Soterre de gẽte & fazia a guerra mais aspera aos immigos, principalmente por mar com a frota de dom Fernando que nunca saya do longo de terra fazendolhes muyto mal. E hũ dia estando as fustas ao longo de terra como costumauão / disse hũ Duarte tauares que andaua na fusta Danrrique de touro a outros companheiros, q̃ ele sabia que hũa das estancias dos imigos tinha muyto poucos q̃ a defendessem que dessem nela, & que os matarião, & tomarião a artelharia. E estes a que ho disse erão seys. s. Domigos de seixas / Gomez muacho / Antonio ramos, Esteuão diaz, Diogo daueiosa & Antonio Nunez ho cafre dalcunha: & sendo eles cõtentes sem ho dizer ao capitão saltarão em terra supitamente & remetem á estancia que estaua defronte da fusta ó destauão ate doze rumes com perto de cẽ piães canaris, que vendo a ousadia dos nossos se retirarão algũ tanto tirandolhes muytas frechadas / & cinco dos rumes que virão que não acodia mais gẽte chegaranse pera os nossos / que pelejarão coeles com tanto esforço que ẽ pouco espaço os derribarão mortos. E nisto Anrrique ó touro não fazia se não desparar sua artelharia, porque vendo saltar os nossos em terra supitamẽte tão, ficádo muy salteado fez afastar a fusta pera foza & desparar sua artelharia pera os fauorecer & ho mesmo fizerão os capitães das outras fustas: & isto estorvou que os outros imigos acodissem á estancia em que os nossos pelejauão / que despois de matarem os cinco rumes forão cometer os sete que estauão retirados cõ os piães que forão tão cortados de medo vẽdo a determinação dos nossos, q̃ fugirão & deixarão a estã-

cia/ & os nossos cortarão as cabeças aos rumes pera as leuar a dõ Soterre/ & recolheranse á fusta sem nenhũa afrontatdo que çufolarim ficou muyto injuriado quando ho soube. E continuando os nossos a bateria ao seu muro, lho desfizerão em poucos dias, & sabendo cada dia ho Hidalcão nouas do que socedia no arrayal, & quão pouco no jo çufolarim fazia aos nossos, & por ser ja verão mandoulhe que leuantasse ho cerco & se fosse. E ele ho fez, & ficando a ilha decer cada/ os Canarins que estauão nos passos se recolherão pera suas casas com suas molheres & filhos que tinhão na cidade/ & ficarão com grãde credito nos nossos por quão bẽ se defẽderão/ & perdido todo quanto tinhão dãtes nos mouros por quão pouco fizerão. E leuantado ho cerco veose logo pera a cidade ho embaixador do Xeque ismael que estaua na terra firme/ onde se foy quando começou ho cerco fingindo que hia visitar hũ seu amigo/ & isto com medo de lhe parecer que por os nossos serẽ poucos & os mouros muytos auião de vencer: & tambem chegou dõ Aleixo de meneses que hia de Mazcate/ & deu noua do gouernador que ficaua em Ormuz/ & foy selogo a Cochim a fazer a carga pera as naos de Portugal.

¶ ¶ Capit. xxvj. De como chegou á India Antonio de saldanha por capitão mór de cinco naos, & de como o gouernador chegou Dormuz, & do que fez a Fernão dalcaçoua.

Onde este ãno de mil & quinhẽtos & desasete partio Antonio de saldanha por capitão mór de cinco naos/ cujos capitães forão a fora ele dom Cristão de meneses, Manuel dlacerda/ Pero coresma, & Rafael catanho/ & despois Dantonio de saldanha poucos dias partio Fernão dalcaçoua hũ fidalgo q̃ el rey mãdaua á India pera vẽdor de sua fazenda isento do gouernador/ por que ele cõ ho cuydado & ocupação da guerra não podia entender na fazẽda como compria a seruiço del rey: & Fernão dalcaçoua foy por capitão mór de tres naos com a sua q̃ era del rey, & as duas hũa de dom Nuno manuel, & outra de Duarte cristão hũ mercador/ & esta arribou ao Brasil onde inuernou: & Fernão dalcaçoua dobrou cõ a outra ho cabo & dobrado achouse cõ Antonio de saldanha, & não querẽdo ir coele se apartou de sua conserua com tempo, & despois se ajuntarão em Moçambique, donde forão ter a India & surgirão na barra de Goa: mãdo sendo ainda o gouernador vindo Dormuz. & Fernão dalcaçoua não quis esperar pelo gouernador q̃ lhe desse a posse de seu officio & tomou a logo/ tirando em Goa ho cuydado da fazenda del rey a dom Soterre que ho tinha & entendia em tudo o que ho feytor fazia. E nisto ouue antreles algũ escandalo/ por interuirẽ mexericos que dom Soterre não fazia o q̃ deuia, & daqui mãdou Fernão dalcaçoua hũ Fernão martiz euãgelho a Diu cõ fazẽda del rey

pa a vẽder lá como fey toz. E partido Fernã dalcaçoua de Goa foy ẽtẽdendo poz essas fortalezas no que tocaua á fazenda del rey ate Cochim. E nisto chegou ho gouernadoz a Goa que vinha Dormuz/ & quando soube da vinda de Fernão dalcaçoua & ho officio que trazia/ com quelhe tiraua a metade do mã do que tinha, mostrouse disso muyto agrauado, & dizia publicamente que se ele teuera parentes em Portugal que Fernão dalcaçoua não fora á India aquele officio, mas que os não tinha, & logo lhe quis mal. E esses a que Fernão dalcaçoua tinha tirado dentenderem na fazẽda indinauão ho gouernadoz mais cõtrele, dizendo que não era pera se sofrer ter ele vẽdoz da fazẽda que mãdasse mais que ele: & assi ho fez ho gouernadoz/ q̃ chegado a Cochim mostrãdolhe Fernão dalcaçoua a prouisam de seu officio, ele a beijou & mãdou que se compzisse, mas poz debaixo disso tinha maneyza com q̃ lhe tiraua ho poder dusar de seu officio/ & todos hoajudauão a isso porque poz amoz dele querião mal a Fernão dalcaçoua, & não ho via ninguem. Do que ele andaua muyto acanbado & cozrido/ & não ousaua de bolir comigo. E tanto foy isto auante que ainda que sabia que pera ho anno seguinte auia dir poz gouernadoz da India Diogo lopez de sequeira/ disse ao gouernadoz q̃ se q̃ria tornar pera Portugal/ cõ q̃ ele folgou muyto & deulhe a nao ẽ que foza Antonio de saldanha, com quem lhe tambem pesaua muyto na India, porque leuaua a capitania móz do mar/ & tiraua este cargo a dom Aleixo de meneses seu sobzinho, a quẽ ho gouernadoz ho tinha dado, & isto se dizia pubzicamente.

¶ Capit. xxvij. De como Fernão perez dandrade tornou a partir pera a China/ & da discrição da China: & de seus costumes.

DStando Fernão perez dãdrade em Malaca despois darribar da viagẽ da China, ouue algũ escandalo antrele & ho capitão, porque Joãnes impolim feytoz de Pacem que se foza a Malaca pera estar hi se arrependia & queria tornarse a Pacem com Fernão perez que auia dir lá carregar pera a China, & poz que ho capitão não queria, ele se acolheo poz manha á nao de Fernão perez, onde ho capitão ho quisera mandar tomar poz foza. E tendo prestes pera isso a frota ỏ Malaca/ conheceo a pouca rezão que tinha & ho grande deseruiço del rey que seria/ & arrependeose. E despois de partido Fernão perez pera Pacem faleceo de doença, & antes de seu falecimento entregou a capitania a Nuno vaz pereyza seu cunhado a quem tomou a menagem poz ela & lha fez dar aos officiaes da fortaleza: do q̃ Antonio pacheco capitão móz do mar se agrauou muyto/ dizendo que a sucessam da capitania era sua, porque quando Afonso dalbuquerque tomou Malaca que se foy pera a India, deixou hũ regimẽto que falecendo ruy de brito pata-

lim que ficaua por capitão lhe socedesse Fernão perez dandrade que ficaua por capitão mór do mar / & que na feytoria estaua hũ aluara del rey de Portugal, em que mandaua que ate não verem regimento seu se vsasse dos que Afonso dalbuquerque deixara. E com tudo isto Nuno vaz não desistio da capitania / antes prẽdeo Antonio pacheco & Pero de faria sobre suas menagẽs por fazerem bando contrele. E pozem Antonio pacheco não se ouue por preso, & estaua na ilha das naos onde tinha sua armada / & faziase doẽte por não ir á fortaleza / que não queria ver Nuno vaz: com quanto ho ele mandaua visitar & mostraua não ser seu immigo / se não que ho que fazia era por fazer justiça. E estando a cousa neste estado, chegou Fernão perez de Pacem pera ir á China / & nesse tempo que esteue em Malaca os quisera concertar & nũca pode: & deixãdo os assi se tornou a partir pera a China no mes ó Junho de mil & quinhentos & desasete, & foy na nao espera que seria de duzentas toneladas / & em sancta Cruz Simão dalcaçoua / & Pero soarez em sancto Andre, & Jorge mazcarenhas em Sanctiago, & foy tambem coele Jorge botelho em hũ junco dũ mercador de Malaca chamado Curiaraja, & Manuel daraujo em outro de Pulata, & em outro seu Antonio lobo falcão, & era hũa armada de sete velas com que partio pera a China, cuja costa está pouco mais de quinhentas legoas de Malaca nauegando peraleste. He hũa prouincia muy grãde segundo se diz, abastada de todos os generos de mantimentos que se podem pedir, & assi de todas as fruytas que ha em espanha: ha nela muytas minas douro, prata & de todos os outros metaes, cria sse nela muyta seda & muy fina de que fazem muytos damascos, cetins / veludos / tafetás / bozcados & bozcadilhos, reubarbo, canfora & canela muyto fina, azougue, pedrabume, porcelanas: & em tudo isto tratão os mercadores chins que sam muytos & muy ricos & nauegão em grandes jungos pera fora da China, & assi ha muyto almizgre, ãbar & he pouoada de muytas & grandes cidades cercadas de muros / torres & cauas em que ha muy nobres edificios, assi de templos como de casas em que morão seus moradores, que todos sam gentios: posto que em muytas cousas parece que ouue Christãos naquela terra. Adorão hũ soo deos & tẽo por criador de todo mũdo: & adorã tres imagẽs domẽ / & tal he hũa como a outra / & todas sam hũ homem soo. Adorão duas imagẽs de molheres que crẽ que sam sanctas, hũa se chama Mãma & tẽna os mareantes por auogada, & eles: principalmente lhe tem muyta deuação, & lhe fazem grande festa / a outra se chama Conhãpuça que dizem que foy filha dũ rey da China / & que se foy de casa de seu pay a fazer vida solitaria em que acabou seus dias: esta dizem que goarda a terra, tem a sua imagem hũa pomba de bico vermelho. Tem tambem outras diuersas imagẽs que adorão & todas

em sumptuosos templos, a que eles chamão varelas & sam da feyção que contão os historiadores que fezão as piramides do Egipto/ & sam obrados muy ricamente, & assi as suas imagēs que tem em altares da maneyra dos nossos. Destas varelas ha dozmitorios, crastas & outras officinas como nos nossos mosteiros/ & tem relogios de sol/ & sinos de metal muyto bem feytos com letras douradas, & tangēnos com martelos/ & os frades vestem hūas lobas compridas amarelas & andão rapados, & não tem mais rēda que quanta lhes he necessaria pera comer/ & deles não comem carne nem pescado. E assi como ha varelas de frades/ as ha tambem de freyras: tem os Chins lingoa propria, & no tō da fala parecem alemães. Sam assi homēs como molheres alvos & bem dispostos/ ha antreles homens letrados em diuersas sciencias que se lem em escolas publicas/ & de que se imprimē muytos & bōs liuros, & sam os Chins homēs de singulares engenhos/ assi nas artes liberaes como nas machanicas, porque ha officiaes ō todos os officios que fazem obras muy primas como vemos nas porcelanas/ cofres, cestos & outras cousas muyto polidas que vem de lá. Vsasse antreles geralmēte toda a policia do mundo, & cuydão eles que a não ha em outra parte se não na China, nem tem por homem ho que não he chim. Tratanse todos muyto bem assi no vestir como no comer: & comem em mesas altas cō toalhas/ goardanapos & facas, & as igorias apartadas em prateis/ & tudo o que comem tomão com garfo, & isto por limpeza: sam geralmente homēs fracos pera guerra/ porem tem boas armas, s. cozçoletes com suas peças, & terçados de ferro mouro/ alabardas/ roncas, lanças & frechas & algūas bombardas de ferro. Ha antreles graos de honrra, & segundo sam honrrados assi se seruem: os fidalgos que se chamão mandarins andão a caualo, & quando vão polas ruas desi pesanlhas os homēs baixos que estão nelas. He gente muy obediente a seus mayores & goardão em estremo os regimentos de seu rey/ que não ha mais que hū em todo ho senhorio da China, & he hū dos mores principes que se sabe no mundo assi de tesouros como de gente, & he gentio, chamasse filho de deos & senhor do mundo: traz hūa letra que diz que a paz ho senhor de cima a deu, & que nunca a ninguem quis q̄ a não achasse: ho seruiço de sua pessoa he com capados: tem muytas molheres & muytas mancebas, & todas morão de dētro de hūa muy grande cerca ōde el rey tem os seus paços/ & ali tem cada hūa seu apou

sentamẽto/ & tẽ molheres q̃ as seruẽ & capados. Os reys da China soyão de ser antigamente por eleyção/ & de pouco tempo pera ca herda ho filho primeyro de qualquer de suas molheres & não das mancebas, os outros que não herdão estão em cidades deputadas pera isso metidos em fortalezas cõ grãdes goardas & ali estão cõ suas molheres & tẽ muytas maneyras de desenfadamentos, & não saem dali se não com licença del rey & vão em andas que não vem por onde vão. El rey tem posta ley em seu reyno que todo homẽ que for fora da China a outra terra não torne a ela sopena de morte, porque tẽ que não ha no mundo milhor terra que a China nẽ mais abastada de todas as cousas necessarias pera a vida humana/ & quẽ vay a outra terra he pera lhe fazer treição. E os Chins que tratão fora da China morão na ilha da Veniaga que está dezoyto legoas da cidade de Cantão principal da costa da china & grande porto de mar. El rey da China não despacha nenbũa cousa da gouernãça de seu reyno/ & pera todas as cousas tẽ officiaes que gouernão por ele, na justiça que he mór officio do reyno, tẽ tres homẽs grãdes letrados que se chamão colous: & hũ se chama colou grande, outro colou pequeno/ outro mais peq̃no: estes sam homẽs velhos & conhecidos por muyto bõs homẽs/ & vẽ a merecer estes cargos por letras & por bõdade, & seruẽ primeyro em outros officios mais baixos ate chegarem a ser tutões que sam gouernadores de comarcas: & despois Achancis que sam secretarios, & dali sobem a colous que he officio supremo. E estes officios de colous vẽnos a ter homẽs baixos/ que não se olha se não que sejão velhos bõs homẽs & letrados. Ha outros officios que chamão tutões, & conquões & compins: & estes todos tres se chamão conselho & gouernão cidades/ & ho principal deles he ho tutão: ha de ser homem letrado, velho & bõ homem/ ho compim he ho segundo & he capitão da guerra & não he letrado/ ho conquão he ho terceiro, & tẽ cargo das cousas da fazenda/ & ho somenos deste conselho. Coestes anda outro que se chama ceiui, que ha de ser letrado & conhecido por bõ homem/ este despacha com ho tutão as cousas da justiça & tẽ cargo de tirar as inquirições & deuassas geraes que manda a el rey. E tẽ grandes poderes/ & ho seu officio não dura mais q̃ hũ anno, os dos outros durão por annos. Ha outros officios menores que estes, q̃ se chamão pucbancis, amechacis, tocis, itaos, pios que sam almirantes & ticos que não soube de que seruião, & de cada hũ ha tres, grãde, pequeno, mais pequeno. Estes officiaes todos andão em andores & trazem sombreiros de pé/ & cada hũ segundo tem ho officio assi tem estas insinias mais ricas ou menos & por elas sam conhecidos, & assi por hũas tauoas que lhes leuão diante em que vão escriptas as hõras dos officios, & assi lhe leuão diãte maças hũas de prata outras destanho segũdo he ho officio. Ho

mais hõrrado sõbreiro he o õ seda amarela õ tres rodas, & o mais baixo de taféta preto de duas tres. Todos andão muyto ou pouco acompanhados de gẽte darmas segũdo a vinidade do officio/ & assi lhe fazẽ grãdes ou peq̃nos recebimẽtos q̃n do entrão nas cidades em q̃ gouernão, & assi lhe despejão as ruas por onde passam, porq̃ quãdo vão por elas leuão diãte homẽs q̃ bradão q̃ lhas despejẽ/ & ao Ceiuí as despejão de todo sem parecer ninguem.

Capit. xxviij. De como Fernão perez chegou ao porto da ilha da veniaga/ & de como se lhe ouuera de perder a frota estando no porto.

Continuando Fernão perez por sua viajem chegou ás ilhas da China em Agosto/ & hũ dia a tarde ouue vista delas/ & assi de hũa armada õ doze jũgos q̃ ali andaua, & anda sempre naq̃le tẽpo pera goarda dos jungos que vão tratar a China/ de Sião, Malaca, Patane & outras partes/ q̃ lhe ná fação mal os cossairos & ladrões õ q̃ na China ha muytos: assi no mar como na terra. E Fernão perez não se sobre salteou coesta frota, porque polos Chins õ sua cõpanhia sabia q̃ a auia dachar, & por ser tarde & auer de nauegar por antre ilhas não quis passar auãte & pairou ali aq̃la noyte, em q̃ disse a seus capitães q̃ mãdassem fazer prestes sua artelharia/ & fosse a gẽte apercebida pera pelejar se por vẽtura os Chins ho quisessem fazer: porẽ que fossem de maneyra q̃ eles ho não entẽdessem, & q̃ por nenhũ modo fizessem final õ guerra sem seu recado/ & q̃ fossem como homẽs pacificos cõ suas naos ẽbãdeiradas. E assi ho fizerão, & ao outro dia começarão de nauegar leuando os jũgos de Malaca no meyo, & Fernão perez hia diante & Simão dalcaçoua detras, & nas ilhargas hião Martim guedez & Jorge Mazcarenhas: & podião ir assi por ser ho mar brando & ho vẽto a popa/ & nesta ordẽ tirarão dereytos pera a ilha da Veniaga. Os Chins estauão cõ suas gauias postas & castelos armados, & partindo se em duas partes tomarão os nossos no meyo, & começarão de tirar algũas bõbardinhas q̃ trazião/ & dãdo grãdes gritas chegauãse aos nossos: & vẽdo q̃ eles não bolião cõ sigo nẽ fazião mostra de querer em pelejar afastauanse, & cõ quanto os Chins isto fazião como os nossos disso não recebião dãno deixauãse ir como quẽ hia de paz & não õ guerra, & assi forão ate chegar ẽ á ilha da veniaga onde surgirão, & esta ilha está tres legoas da costa, & os Chins lhe chamão Tamão/ & nos outros da veniaga: porq̃ naquelas partes chamão ao trato da mercadoria veniaga: & nesta ilha se faz ho trato da mercadoria dos mercadores estrãgeiros q̃ vão tratar á China que se apousentão em hũa grãde pouoação q̃ hi ha, & dali nã pode ir nenhũ a algũ dos lugares da costa sem licẽça do conselho de Cantão hũa cidade q̃ está dali dezoyto legoas, & ainda quãdo vão não entrão dentro & pousam nos arrabaldes & ali fazẽ

seus tratos. E pera se isto assi fazer & armar as frotas q̃ andão por aq̃la para jaõ/reside ho Pio. q̃ he como almirante de toda aq̃la costa ẽ hũa vila chamada Nantó q̃ está tres legoas da veniaga, & dali faz saber ao cõselho de Cãtão os jũgos q̃ vẽ & dõde sam & o q̃ querẽ, & q̃ fazẽda trazẽ: ho conselho determina o q̃ se ha de fazer/& se he cousa noua escreue ho logo a el rey pera q̃ seja auisado do q̃ passa. Chegado Fernão perez ao porto desta ilha achou hi Duarte coelho q̃ partira coele a primeyra vez q̃ partio õ Malaca, & inuernou em Sião como ja disse, & auia hũ mes q̃ chegara, & pelejou no caminho cõ trinta & tres velas de cossairos q̃ ho teuerão q̃si rendido cõ lhe matarẽ muyta gente, & milagrosamente ho saluou nosso senhor & lhe deu maneyra pera poder fugir, & nesta peleja fez Duarte coelho façanhas q̃ se não podẽ escreuer. E enformãdose Fernão perez desta ilha por Duarte coelho/mandou dizer ao capitão moor da armada dos Chins q̃ ele era capitão mór daq̃la armada del rey de Portugal, q̃ desejando de ter paz & amizade com el rey da China lhe mãdaua seu ẽbaixador q̃ ali trazia, & por isso nã quisera trauar coele peleja/pedidolhe q̃ lhe desse piloto q̃ ho leuasse á cidade de Cantão. Ho capitão mór lhe respõdeo q̃ fosse muy bẽ vindo/& q̃ polos Chins q̃ forão a Malaca se sabia noua dos Portugueses: & pois vinha por amizade q̃ goardasse os costumes da terra q̃ erão fazer saber sua vinda ao Pio de Nantó/& q̃ estelhe viria o q̃ auia de fazer/ porq̃ a ele nã cõuinha mais q̃ goardar ho mar. E tendo Fernão perez esta reposta, lhe chegou logo recado do Pio, em q̃ lhe pregũtaua que gẽte erão, & dõde vinhão/& q̃ buscauão. Fernão perez ho disse ao messegeiro, & q̃ polas obras q̃ ho gouernador Afonso dalbuquerq̃ fizera aos Chins q̃ achara no porto de Malaca q̃ndo a tomou poderia saber ho desejo damizade q̃ el rey de Portugal tinha cõ el rey da China & isso ho obrigara a mandarlhe seu ẽbaixador cõ hũ presente q̃ lhe leuaua/pedindo muyto ao Pio quelhe desse hũ piloto q̃ o leuasse a Cãtão pera mãdar dali ho ẽbaixador q̃ trazia: ao q̃ ele respõdeo q̃ mãdaria recado ao cõselho õ Cãtão como era chegado, & segũdo a determinação do cõselho assi faria, porq̃ se não podia fazer doutra maneyra. E cuydando Fernão perez que aquilo fosse logo, sayose pera foza do porto com os nauios Portugueses com que determinaua de ir a Cantão/& deixou dentro os jungos: & estando assi de foza esperando por despacho/sobreueo tamanho temporal de vẽto q̃ se ouuerão de perder todolos nauios cõ darem á costa se lhe não cortarão os mastos: & assi escaparão pola misericordia de nosso senhor/& este temporal não fez nenhũ nojo aos jungos por estarẽ dentro no porto. E ficando a nossa frota desemmastreada/quisera Fernão perez auer remedio de terra pera a ẽmastear/mas não pode porq̃ nunca os Chins lho quiserão dar: & isto porque não sabião o que ho conselho de Cantão determinaria.

E vendose Fernão perez sem remedio, remedeouse cõ ho seu, & do mastro do nauio de Martim guedez enmasteou ho ô Jorge mazcarenhas, & com ho da nao de Simão dalcaçoua enmasteou ho nauio de Martim guedez: & a nao de Simão dalcaçoua êmasteou com ho masto da sua que mandou meter no porto, onde mandou a Simão dalcaçoua que ficasse por capitão mór em quanto ele hia a Cantão, pera onde logo partio indo no nauio de Martim guedez: & leuando em sua companhia Jorge mazcarenhas no seu, & assi os bateys das naos & dambos os nauios, artilhados & apadessados, & partindo da ilha da veniaga foy surgir no porto ô Mató que está na entrada de hũ rio de hũa legoa de largo, & por ele acima está a cidade de Cantão obra de vinte cinco legoas de Mató.

¶ Capit. xxix. De como vendo Fernão perez que ho Pio lhe não queria dar despacho se partio pera Cantão, & do sitio de Cantão.

Surto Fernão perez ho Pio ho mandou visitar & lhe mandou muyto refresco, mandandolhe dizer que não podia dali passar sem recado do conselho de Cantão, & fazendo ho doutra maneyra lhe pareceria que vinha mais de guerra que de paz. E Fernão perez lhe mãdou dizer pelo feytor da armada que sa lhe mandara dizer pelo seu messegeiro que a principal causa que mouera a el rey de Portugal seu señor a mandalo á China fora de desejar a amizade de seu rey, & pera se assentar leuaua ali hũ embaixador, o que lhe parecia que nunca auería effeyto com tamanha detença camanha vsauão coele, & porque coela se perdia muyto do seruiço del rey seu señor, lhe requeria da parte del rey da China, & da sua lhe pedia muyto por merce que lhe desse hũ piloto que ho leuasse a Cantão & licença pera ir lá: & disto lhe mandasse logo a reposta, porque se lha não desse conforme a seu requerimẽto, ele passaría auãte & iria a Cantão como lhe el rey seu señor mãdaua, & protestaua de não encorrer por isso em nenhũa desobediencia contra el rey da China nem em quebra dos costumes de seu reyno: & que ele Pio ficasse obrigado a toda a perda & a todo ho dãno que sobrisso recrecesse, pois não fazia o que compria ao seruiço del rey da China, não estando ali pera outra cousa. E mandou ao feytor que cõ a reposta do Pio ou sem ela tirasse hũ estormento cuja sustancia fosse este recado que lhe mandaua, & mandou ho feytor bẽ acompanhado de criados del rey todos vestidos de festa, & diãte as suas trombetas. E coeste aparato chegou ho feytor ao Pio, que ouuindo ho recado de Fernão perez & suas protestações se espantou de auer nos nossos tãta rezão, q̃ fazião suas cousas por tão boa ordẽ, porq̃ os tinha por barbaros como os Chis tẽ a todas as outras nações & respondeo ao feytor que dissesse a Fernão perez que ele lhe mandaria a reposta per seu messegeiro, & foy

que esperasse Fernão perez ate ho outro dia que teria recado do Tutão de Cãtão que era seu superior/ que o que ele mandasse isso faria. E parecendo isto dilações a Fernão perez mandou dizer ao Pio que esperaria pola reposta do Tutão ate que a viração vẽtasse, porque coela iria por diante, & assi ho fez & nos bateys que hião diãte dos nauios hia ho seu piloto sondando. O que sabido pelo Pio lhe mandou hũ piloto que ho leuasse á cidade de Cantão, que como disse he por aquele rio acima: que he fermosa cousa de ver por auer nele muytas ilhetas & delas se cobrem dagoa com prea mar, & todas sam verdes & viçosas de ruas: & serue de pacerem nelas grãde multidão dadens & de patos que leuão ali em jangadas grandes q̃ sam cerradas como casas/ & tẽ hũa porta por onde saem as adens & os patos voando/ & ao recolher se recolhem ao som de hũ sino que tem cada jãgada, que conbecem tambẽ, que ainda que tanjão quatro sinos cada hũas acodem ao de sua jangada. Na terra de hũa banda & doutra deste rio ha muytos lugares murados, que tem muytas quintas/ hortas/ & muytos parques, & toda a terra muyto aproueitada: & por isso he muyto abastada de todolos mantimentos. E junto da cidade he ho rio de largura de tiro de berço daltura de sete braças/ ate tres: & ancorão ali grandes jungos & a cidade está perto dele, & sera de cerca algũa cousa mayor que Euora: & tem os muros de largura de cinco braças, ambas as faces sam de cãtaria de pedra vermelha & mole, he entulhado de terra ate ho meyo/ & ameado cõ ameas de seteiras & está sempre muyto limpo de ruas por ordenança da cidade. Tem este muro em roda setenta & oyto torres de sua altura todas entulhadas: & em cada hũa está hũa vigia que tem hũ masto aruorado pa se poer hũa bandeira no tempo de suas festas. Tem mais esta cerca sete portas: & & pola largura do muro: cada porta tem quatro portas, hũa defronte da outra antes que cheguẽ á derradeira. E cada portal tẽ no muro hũ postigo ỹ cada ilharga: & as portas sam forradas de ferro: porẽ sam mais fermosas q̃ fortes. Sobre estas portas ha grandes casas de vigia: em q̃ cabẽ quinhentos homẽs/ que tem ali suas armas defensiuas & ofensiuas: com que guardão aquelas portas de dia & de noite. No muro da parte da cidade não he tambẽ rematado como da banda de fora: E por ele ser tão largo como digo ho entulharão de terra, & donde se ela tirou ficou hũa fermosa cana ỹ grãde altura que se enche dagoa da bãda do rio: & não do sertão porq̃ vay por hũ alto: & não pode sobir ali agoa. Esta cana tẽ sete põtes com espõdetes á porta da cidade: & todas sam grãdes & bẽ obradas/ & tomarão toda sos dous terços da cidade q̃ não tẽ outra fortaleza senão as casas do Puchanci, q̃ he oq̃ a gouerna em ausencia do Tutão, estas tẽ algũa aparẽcia de fortes: & porẽ não ho sam & sam terreas, porq̃ não ha na cidade nenhũa casa que ho não seja (a rezão não pude saber) &

sam todas de taipa acafeladas por fora cõ cal de cascas dostras/ & forradas por dentro de madeira grossa, & pintadas fermosamente/ & todas tem oratorios com retauolos & imagẽs dos idolos dos Chins. Tem todas pateos lageados de fermosas pedras, & poços dagoa que não he boa, & as mais delas tem aruores ás portas que fazem sombras, tem a cidade de seu muytas casas pera os officiaes que a gouernão, & sam pera ver de fermosas: todas as ruas tem portaes nos cabos ou começos a modo de arcos triumphaes/ & sam de madeira muyto bem laurados & pintados & ha destes mais de quinhentos. ha tambem nesta cidade muytas varelas que sam as casas de oração dos Chins/ assi mosteiros como igrejas em que ha muyto singulares agoas. Tem esta cidade hũ arrabalde de mayor pouoação que a cerca/ & estendesse ao longo do rio/ & he muyto comprido & estreito: & assi nele como na cerca ha gente sem conto, fidalgos a que chamão mandarins na lingoa Chim/ mercadores & officiaes macanicos: & vendẽse aqui cousas tão lindas que he cousa despanto. Por ordenança da cidade as suas portas se fechão em se poendo ho sol, & abrense em saindo/ & isto por amor dos muytos ladrões que ali ha. E assi nisto como no mais he tambem regida que não tem enueja as millhores regidas Deuropa/ & heley do reyno não entrar da cerca pera dẽtro nenhũa pessoa estrangeira se não for Chim/ & por isto ha no arrabal de gente sem conto como ja disse, & no rio & na caua estão continuamente de dez mil paraós grandes pera cima & todos cheos de gente & em muytos morão como em casas, & he de maneyra que parece que quasi ha tanta gente no rio como na cidade/ porque tudo he cuberto dela: & não he marauilha porq̃ ali não ha peste, nem guerra/ nem fome.

¶ Capitolo. xxv. De como ho capitão mór chegou a Cantão, & de como despois chegarão ho Cõquam/ Compim & ho Tutão.

O piloto q̃ ho Pio mandou a Fernão perez não ousou de trar em nenhũ dos nossos nauios nem nos bateys & foy em hũ paraos seu, & seguia ho a nossa frota & poserão tres dias em chegar a Cantão, porque Fernão perez surgia de noyte. E chegado ao porto da cidade surgio pegado com a ponte principal/ ondestaua hũ cais de cantaria aó nosso modo, & dali saluou a cidade com toda sua artelharia/ tẽdo os nauios embandeirados, & ao estrondo da artelharia acodio ao cais toda a gente da cidade a foza a que estaua no rio em paraós como ja disse. E estando Fernão perez surto mandoulhe ho Pouchãci grãde de Cantão dizer/ que se espantaua muyto vindo ele de paz segundo lhe tinhão dito/ mostrar que vinha de geurra no q̃ fazia contra as leys que tinhão

que defendião nenhũa pessoa natural nem estrangeira, não tirar diante daquela cidade nenhũ tiro dartelharia, nem aruorar bandeira nem lança: & pois ele vinha de paz que assi ho deuia de fazer. Ao que ho capitão mór respondeo, desculpandose de não saber suas leys, & por isso vsara do nosso costume que era tirar sua artelharia em final de festa & damizade, & por essa causa embãdeirara suas naos, & não por quebrar suas leys nem costumes, que ele ajudaria a goardar com todas suas forças como vassalo del rey de Portugal muyto grande amigo del rey da China, & por isso mandaua assentar coele paz & amizade. E coisto ficou ho messejeiro do Puchanci satisfeyto, & disse ao capitão mór que se não agastasse de ho não despacharem logo, por que não podia ser ate não vir ho Lutão que era sobre ho Puchanci & sobre os outros, & este ho despacharia logo que ja erão a chamalo a hũa cidade vinte legoos daquela polo rio acima como ja disse. E tambem como os nossos chegarão forão preguntados os idolos dos Chins se hião os nossos por seu bem ou não, & hũs dizião que por bem outros por mal, porem que dali por diante goardassem melhor sua cidade, se melhor se podia goardar. E assi ho fizerão eles, & ho capitão mór não consentia q̃ nenhũ Chim entrasse nos nauios, nem que nenhũ dos nossos fosse a terra, & ho refresco que querião mãdauão comprar aos paraos que estauão no rio, nem menos consentio que nenhũ jungo dos que entrarão despois dele surgisse junto dos nossos nauios, & assi ho mãdou dizer ao Puchanci, que foy disso contente. E assi ele como os mãdarins da cidade ho mandauão visitar a miude com muytos presentes. E passados dous ou tres dias de sua chegada chegou a Cãtão ho Conquão grande, que como disse he hũ dos tres do conselho & da gouernança ho menor: & era capado como ho sam os destes cargos, & veyo polo rio muyto acompanhado, & sayo com grande aparato & dahi a cinco dias chegou ho Compim grande, tambem pelo rio & com muyto mor aparato que ho Conquão, porque tambem seu officio he mayor que ho do Conquam por ser capicão da guerra como disse: & ho Conquão ho sayo a receber com toda a cidade. E sabendo ho capitão mór sua chegada ho mandou visitar, com cuja visitação ele mostrou que folgaua muyto, & assi com ver os nossos. E respondeo ao capitão mor que sua chegada fosse embora, que como chegasse ho Lutão em que estaua todo ho poder de seu despacho que logo seria despachado, & ele veyo seys dias despois do Compim, a que se fez muyto mais solẽne recebimento que a nenhũ dos outros. E vinha ho Lutão pelo rio abaixo em hũ parao marauilhosamente laurado de maçanaria & cozido todo em ouro, & toldado & embandeirado de bandeiras de sedas de coores, que alem de ser muyto fermoso era muyto rico.

& acompanhauão muyta gẽte que vinha ẽoutros paraos laurados da meſma maneyra & pitados douro & vazul, & toldados & embãdeirados pelo meſmo modo. E era a gente tãta que ho acompanhaua, & a diuerſidade de inſtrumentos q̃ trazia, que parecia ẽtrar bũ grãde príncipe. E eſte dia foy embandeirada toda a cerca da cidade, aſſi polos muros como polas torres & ẽ cada hũa eſtaua hũ maſto groſſo com hũa verga atraueſſada cõ hũa bandeira tamanha como hũ papa figo de hũa naos & eſtas deuerſas & alegres cores, & todas de ſeda, & aſſi a dos muros que erão muytas. Mo Cõquão, & ho Cõpicõ todos eſſoutros officiaes ſayrã a receber ho Tutão acompanhados de toda a gente da cidade, & todos veſtidos de feſta. E em ele deſembarcando no caes, deſpararão cinco camaras de falcão que eſtauão ceuadas pera iſſo, porque ho tem por grande feſta. E ſobido ho Tutão em ſeu andor foy rodeado de muyta gẽte darmas q̃ antre os Chis ſe chamão laboes, & abalando pera a cidade hião algũs deſtes bradãdo diante q̃ deſpejaſſem as ruas q̃ hia ho Tutão. E aſſi ſe fazia, & com toda eſta ſolẽnidade chegou ás ſuas caſas onde ho deixou a gẽte que ho acompanhaua.

¶ Cap. xxvj. De como ho capitão móz mãdou recado ao Tutão, & foy eſcripto a el rey de ſua chegada. E de como deixãdo ho embaixador em Cantão ſe tornou á ilha Dauentaga.

SAbendo ho capitão móz q̃ ho Tutão era vindo, mandoulhe recado pelo feytor da cauſa de ſua vida naq̃la terra, & do embaixador q̃ trazia pera el rey da China, & do preſente que lhe auia de leuar, pedindolhe que ho deſpachaſſe logo. Foy ho feytor bem atauiado com os q̃ ho acompanhauão que erão muytos criados del rey & leuaua diante as trombetas do capitão móz. E chegado a caſa do Tutão que ſabia que ele hia, achou ho acompanhado do Comquão & do Compim, & ho Tutão eſtaua da mão ezquerda por ſer auido por lugar mais hõrrado antre os Chis & defronte deles eſtaua ho Ceitil que tira as deuaſſas como ja diſſe. E de todos ho feytor foy muy bẽ recebido: & ouuido ho recado do capitão móz, reſpondeo logo ho Tutão que ſua vinda foſſe muyto boa, & que tinha coela grande cõtentamẽto por eſtar enformado de ſua bondade & dos outros Portugueles: & que el rey ſeu ſenhor recebia muyta honrra em ſer viſitado de reys, que eſtando no cabo do mundo querião ſua amizade: que prazeria a Deos que ſeria pabẽ, & cõtẽtamẽto de todos: & coiſto outras alegres & corteſes palauras, & cada hũ dos outros officiaes fez ſobriſto ſua fala ao feytor, moſtrãdo o cõtẽtamẽto q̃ tinhão pola vida do capitão móz, & pola amizade q̃ el rey de Portugal q̃ria cõ el rey da China, q̃ ſabião q̃ auia de folgar coela, & q̃ logo lhe eſcreueriã: & ate nã verẽ ſua reposta nã poderia

ho embaixador partir de Cantão: & que entre tanto lhe mandarião dar todo ho necessario, & ele & os que ouuessem dir coele comerião á custa del rey da China, porque assi ho costumaua, & q̃ ho mandasse logo pera terra cõ ho presente que auia de leuar a el rey da China, pedindo tambem ao capitão mór que fosse a terra pera ho verem & se alegrarẽ coele. Do que se ele escusou, dizendo que não podia por nenhũ modo por quanto el rey seu senhor lho defendia, que se isso não fora ele folgara muyto õ ho fazer, & por lhe el rey seu senhor defender não podia consentir que se desse de comer ao embaixador á custa del rey da China & aos que auião dir coele, q̃ despois de se ele partir pera onde el rey estaua ẽtão farião o que quisessem/ & mãdou logo ho embaixador a terra com ho presente q̃ auia de leuar. E este foy metido em hũa casa deputada pera estarem os taes presentes/ & a chaue della se deu ao embaixador que auia nome Thome pirez & fora boticairo do principe dõ Afonso/ & por ser discreto & curioso pareceo bem ao gouernador mandalo coesta embaixada, q̃ el rey de Portugal não ho mandaua coela, antes cuydando q̃ el rey da China estaua perto mandoua Fernão perez que mandasse lá hũ dos seus embaixadores/ ou quem lhe bem parecesse. E ho gouernador não quis se não mandar este Tome pirez/ que mandou com conselho dos fidalgos & capitães da India, polas causas q̃ digo, & porque conheceria melhor que outro as drogas que auia na China. E dada a chaue da casa do presente ao embaixador, forão escriptos os nomes daqueles que auião dir coele. E ho tutão, Conquão/ & Compim escreuerão logo a el rey da China a chegada do capitão mór, & tudo quanto fez & lhe sucedeo despois que surgio na ilha da veniaga ate chegar a Cantão, & ho mesmo lhe escreuerão o Puchãci/ Ceiui, Amechacis, Tocis, Jtao Pio & Licos: & hũs dizião bẽ dos nossos, outros mal/ outros nẽ mal nem bẽ. E partidas estas cartas ho Puchãci por mandado do Tutão mandou apregoar na cidade que todos podessem cõprar cõ os nossos & venderlhe as mercadorias q̃ quisessem, & que nenhũ fosse ousado de lhe fazer nenhum agrauo sob graues penas: & mandou dizer ao capitão mór que mãdasse recado aos nauios que ficarão na ilha da veniaga que se viessem pera Cantão, porque ali descarregarião, & carregarião melhor que lá. Do que ho capitão mór se escusou por os nauios estarẽ lá mais seguros que em Cantão. E tambẽ porque se queria tornar pera lá como assentasse õde auia destar ẽ terra a fazẽda del rey/ pera que lhe logo foy dada hũa casa, & foy estar nela hũ escriuão da feytoria/ & assi outros nossos pera terẽ carrego da fazenda. De que ho capitão mór mandou leuar algũa, dizendo que como aquela fosse gastada leuarião outra: & coisto se começou ho trato antre os Chis/ & os nossos, & assi grande amizade, & eles hião a terra & andauão lá muy seguros, & tantas cousas contauão

ao capitão mór da grãdeza & riqueza da cidade/& de sua abastança de mantimentos & nobreza de gente, q̃ ele a foy ver desconhecido, & vio q̃ lhe dizião verdade. E cõ tudo Cã-tão era aldea pera outras cidades que ha pelo sertão. E vẽdo Fernão perez quanto os da cidade se contẽtauão com a conuersação dos Portugueses/mandou pedir licença ao Tutão pera fazer hũa casa ỏ pedra & cal na ilha Daueniaga, pera estar nela ho feytor del rey de Portugal com sua fazenda & a teuesse segura dos muytos ladrões que auia no mar & na terra: & o Tutão lha deu.

Capit. xxxij. Das armadas que ho gouernador mandou pera fora da India.

PArtidas pera Portugal as naos da carga ho gouernador mandou dom João da silueira a fazer a mizade com os reys das ilhas de Maldiua/& com el rey de Bengala & deulhe hũ nauio redondo em que fosse & hũa galeota de que foy por capitão João fidalgo capitão da ordenança em tempo Dafonso dalbuquerque, & hũ bargantim de q̃ era capitão hũ Tristão barbudo & hũa caruelota cujo capitão não soube ho nome. E despois da partida de dom João, mãdou ho gouernador a João gonçaluez de castelo branco por capitão de hũa caraueta, q̃ fosse correndo a costa de Cochim ate Diu, & mandoulhe que tomasse Baticalá, onde deixaria hũ homem cõ ho feytor pera comprar todo ho salitre que ouuesse, assi como em Honor & Mergeu, & q̃ qualquer zambuco q̃ achasse uo caminho assi com salitre como cõ cairo q̃ ho mandasse a Cochim pera lá lheser pago, & dahi seiria a Chaul, & saberia do feytor como estaua & assi a terra/& se lhe compriſſe estar algũs dias no porto pera assento da terra que esteuesse. E da hi seiria a Diu pera saber noua da mercadoria del rey se se despachaua & como estaua, & que toda a nao de caualos que achasse fizesse arribar a Goa, metendo algũs Portugueses em cada hũa/& que achando algũa em algũ porto/ou descarregando caualos q̃ a tomasse pera el rey seu senhor, ate os mercadores serem ouuidos: & ho mesmo faria a qualquer nao ou zambuco q̃ achasse com especiaria, ou droga. E despois da partida de João gõçaluez foyse ho gouernador á cidade de Goa, dõde despachou a Antonio de saldanha pera ho cabode Goardafum a fazer presas & dar vista a Adem pera ver sua disposição/& deulhe hũa armada de ate dez velas, quatro naos grossas & outros nauios/& forão seus capitães Simão gonçaluez de sousa/Antonio ferreyra fogaça/Fernão gomez de lemos/Nuno fernãdez de macedo/Antonio de lemos & outros a que não soube os nomes. E tambẽ despachou ho gouernador Manuel ỏ lacerda pa ir recolher algũas naos que ficarão da sua armada q̃ leuou ao estreito, & assi outros nauios de Portugueses que tratassem per esses lugares ỏ mouros & fosse a Diu por Fernão martiz euãgelho, & mã

dou coele a Garcia da costa irmão Dafonso lopez da costa/ & ambos fozão em naos. E chegado a Diu mandou recado a Meliquiaz poz João fernandez de Santarem escrivão da sua nao: & poz Meliquiaz ser muyto amigo de Manuel de lacerda, folgou muyto cõ sua vinda: & assi lho mandou dizer/ mandandolhe muyto refresco, & pedindolhe que não desembarcasse ate que ho seu patrão do mar ho não fosse receber. E ao outro dia ho mãdou cõ muytas fustas todas toldadas & embandeiradas & artilhadas/ & com muytos tangeres: & quando Manuel de lacerda desembarcou, ho recebeo Meliquiaz com muyto prazer, & lhe fez muyta festa todo aquele dia, porque de noyte Manuel de lacerda se recolheo a sua nao/ & assi ho fez em hũ mes que ali esteue, & ajuntaranse aqui muytos Portugueses, porq̃ a foza a que trazia Manuel de lacerda estaua ali João gonçaluez de castelo branco na sua caravela & outros nauios. E estãdo assi entrarão no porto de Diu algũas das fustas de Meliquiaz que vigiauão ho mar: & auendo vista da armada Dantonio d̃ saldanha que hia pera ho cabo de Boardafum forão dar recado a Meliquiaz/ & quãdo virão em Diu tãtos Portugueses/ & aquela armada no mar cuydarão que era algũa treyção pera tomar a cidade, & ho mesmo pareceo a Meliquiaz quãdo ho soube/ & poz isso meteo na cidade mais gẽte da que tinha: & esta que veyo de refresco dauão muytos encõtros aos nossos que andauão na cidade, & faziãlhe outras sobrãçarias. E não as podendo eles sofrer ho disserão a Manuel d̃ lacerda, que logo ho disse a Meliquiaz/ pregũtandolhe que era aquilo. E ele lho disse/ dizendo que se não esteuera na cidade que os mais dos Portugueses fozão mortos. E Manuel de lacerda lhe estranhou muyto cuydar ele q̃ per treição lhe auião de querer tomar a cidade, tendo a mizade & paz: & disselhe que el rey de Portugal não costumaua de tomar as fortalezas poz treição, se não poz guerra quando se lhe não querião dar. E coisto se seguron Meliquiaz & mandou despejar a cidade: & passado hũ mes em q̃ se vendeo a fazenda que Fernão martnz feytorizaua/ quileraſſe Manuel d̃ lacerda partir & leualo: mas ele se escondeo poz não ir coele, & dizião que com medo do gouernador poz estar ali da mão de Fernão dalcaçoua. E vendo Manuel de lacerda q̃ ho não podia leuar/ partioſe com todas as velas que estauão em Diu & foyse a Cochim/ onde achou ho gouernador.

Capit. xxxiij. De como ho gouernador foy iuernar a Cochĩ.

DE Goa se partio ho gouernador pera Cochim/ onde auia dinuernar, & ahi achou grãdes brigas antre Afonso lopez da costa & Lourenço moreno. E a causa foza poz q̃ hũ seu criado sabendo que ho compradoz Dafonso lopez tomara hũ pouco de pescado a hũ seu moço

saltou na cozinha do mesmo Afonso lopez & tomou quãto pescado hi achou, pelo q̃ Afonso lopez ho foy espancar á sua casa: do que Lourẽço moreno se ouue por muyto injuriado por ser homẽ honrrado, & dali por diãte andãa acompanhado de muytos homẽs armados de lãças & doutras armas como que esperaua de vingar a injuria que dizia ter recebido, & hũa noyte saltou com hũ irmão Dafonso lopez da costa pera ho matar: o que não pode fazer. E vendo isto algũs fidalgos que estauão em Cochim / porque a cousa não viesse a mais & se seguisse mór mal / pedirão a Aires da silua capitão da fortaleza que mandasse a Lourenço moreno que não trouuesse homẽs armados / & q̃ndo não quisesse se não trazelos que ho prẽdesse. O que ele fez: do que Lourẽço moreno se ouue por muyto mais injuriado que dantes, & chegãdo ho gouernador a Cochim lhe fez queixume assi Dafonso lopez como Dires da silua, & ajudou ho a isso Diogo pereyra de Cochim seu amigo muyto grande & priuado do gouernador / & ambos lhe afearão ho caso grandemente: & por isso & por ele estar algũ tanto desconte Dafonso lopez, sem se mais enformar da cousa como passara, ho prendeo logo na pousada / defendendo que não pousassem seus irmãos coele, & sem nenhũa ordem de juyzo tirou a capitania a Aires da silua & degradouho pera Malaca / pera onde determinaua de mandar dom Aleixo de meneses com poder de gouernador pera concertar a deferença que lá auia antre Nuno vaz pereyra & Antonio pacheco sobre a capitania da fortaleza: o que soube por Veriſsimo pacheco irmão Dantonio pacheco que chegara então de Malaca, & lhe disse que despois da partida de fernão perez pera a China / Nuno vaz se concertara com Antonio pacheco / pera q̃ gouernassem ambos Malaca: no q̃ se ele fiando se fora pera a fortaleza da ilha das naos donde estaua. E despois dalgũs dias vindo hũ dia ambos da igreja / ho tomarão vinte homẽs q̃ Nuno vaz pera isso tinha & leuarãno á fortaleza, onde Nuno vaz ho mandou meter na cova. E sabendo ele veriſsimo pacheco a prisam de seu irmão se acolhera no nauio con ceição de que era capitão, assi polo não prẽderem como pera vir dizer ao gouernador este caso como passaua, & pera concertar esta deferença & meter ỹ posse da capitania de Malaca a Afonso lopez da costa que a trouera de Portugal / queria ho gouernador mandar dom Aleixo.

Capit. xxxiiii. De como dom Aleixo de meneses chegou a Malaca & achou q̃ lhe fazia guerra el rey de Bintão.

PRestes a armada em que auia dir partio de Cochim ẽ Abril / indo ele ẽ Santiago menor / & Afonso lopez da costa na espera peẽna, & Duarte de melo q̃ leuaua a capitania mór do mar de Malaca em hũ jungo: & irião nestes nauios bẽ trezentos Portugueses, & muy

ta artelharia & munições & mantimẽtos de que Malaca tinha necessidade. E vendo Aires da silua que ho mandaua ho gouernador nesta frota degradado sẽ uenhũa causa/ determinaua ô ho matar ás punhaladas & irse pera os mouros: & tirarão disso Christouão de sousa/ Francisco de sousa tauares & Manuel de lacerda. E todauia ãtes de sua partida quis perguntar ao gouernador a causa porque ho degradaua, & foy lho pregũtar indo coele estes tres. E o gouernador ho não quis ouuir antes ho ẽpurrou muyto rijo dizendo que se fosse. E partido dom Aleixo em Abril de mil & quinhẽtos & dezoyto chegou a Malaca, onde achou que el rey de Bintão era vindo ao Pago hũ lugar dezoyto legoas ô Malaca pelo rio acima, & tinha feyta hũa fortte trãqueyra em Muar cinco legoas de Malaca no mesmo rio, & tinha hi muyta gente/ assi na terra como no mar em lancharas/ & por capitão hũ valẽte mouro malayo chamado çancotea deraja: & este corria a Malaca por mar & mataualhe os pescadores que andauão pescando, & assi outros nossos amigos q̃ hião tratar cõ suas mercadorias: de modo que ninguem ousaua de sayr fora, & não somente fazia isto no mar, mas tambem salteaua a terra muyto amiude que ninguem estaua seguro. E chegado dom Aleixo soltou Antonio pacheco & meteo de posse da capitania da fortaleza Afonso lopez da costa, & da do mar Duarte de melo/ que logo sayo ao mar com sua armada / cujos capitães forão ele, Diogo pacheco, Pero de faria & assi outros, mas nem por isso a armada dos ĩmigos deixaua de correr como dãtes, & ouue muytos recontros com a nossa armada & sempre lhe fugia leuando a peor. E assi andarão ate q̃ Fernão perez veyo da China, como direy a diãte quando os nossos destruyrão esta tranqueyra de Muar.

¶ Capit. xxxv. Em que se escreuem as ilhas de Maldiua, & o que ha nelas. E de como dom João da silueira assentou paz & trato com el rey de Maldiua.

PArtido dom João da silueira ô Cochim, seguio sua rota pera as ilhas ô Maldiua, q̃ se affirma serem sessenta legoas da costa do Malabar ou pouco mais/ & he hũ grandissimo arcepelago delas: & dizem os mouros nauegantes q̃ sam doze mil & corẽta & oyto, & começão ao mar de monte Deli õde estão os baixos de Padua/ & vão por aq̃la corda contra Malaca. E como dissena discrição do Malabar, tẽ os mouros q̃ estas ilhas forão terra firme/ & que se fez em ilhas com ho mar q̃ cobria a terra do Malabar/ & correo pera esta & fela em ilhas/ & ho Malabar ficou terra firme. E isto parece ser assi por quam juntas estas ilhas sam hũas com outras & quam pequenas, que andãdo eu antrelas do vi: as primeyras sam quatro pequenas & rasas como ho sam quasi todas, & hũa delas se chama Maldiua, & desta se chamão todas

em géral as ilhas de Maldiua, & nesta ha hũ rey & em outra ilha que se chama Cãdaluz ha outro/ & a estes obedece a gẽte das outras/ de que muytas sam despouoadas por amor da grãde multidão de moſquitos que ha nelas. E nas q̃ estão da banda do sul dizem que ha muyta prata & muyto boa/ & em todas ha muytos palmares que dão coquos de cujas cascas se faz ho cayro, que he boa mercadoria pera toda a Jndia, em q̃ fazem dele toda a cordoalha que se nela gasta, assi pera naos & nauios como pa outras cousas. Ha nestas ilhas muyto pescado q̃ seco lhe chamão moxama q̃ leuão por mercadoria a muytas partes/ & assi hũs buzios brancos pequenos a que chamão cauris que seruẽ de moeda miuda em Bengala/ por que sam mais limpos que ho cobre de que a auião de fazer/ que dizem que lhe çuja as mãos. Fazẽse nelas muytos & muy ricos panos douro & de seda, & algodão que antre os mouros valem muyto pera seu vestir: põe tambem aqui ás toucas os melhores viuos douro & de seda q̃ em outra parte do mũdo/ & assi ha muytas tartarugas cujas cõchas sam muyto boa mercadoria pera Cambaya. Achasse tambem neias ho mais ambar & ho mais fino que se acha em outra parte algũa, & dizẽ os seus moradores que se faz desta maneyra. Bem dentro no arcepelago destas ilhas/ nas mayores delas ha muytas eruas cheirosas de que se mantem hũas grandes aues que se crião nestas ilhas, & a que os moradores chamão anacangripas qui. Estas aues se ameiſoão ẽ hũas rochas que estão nas mesmas ilhas ao longo do mar, & ali deitão seu esterco que he ho ambar: & he de tres qualidades/ ho primeyro he brãco & este he muyto fino/ & achasse nas mesmas rochas que fica pegado assi como as aues ho deitão, & chamãlheos da terra ponáambar/ que quer dizer ambar douro/ & val mais que todos porque se acha pouco/ & com muyto móx trabalho que os outros dous que sam pardo & preto/ que se fazem do branco: que estando nestas rochas que digo per tempo vẽ a cair no mar cõ grandes tempestades de ventos, & caido este ambar em grandes pedaços anda no mar ate q̃ sae em algũas prayas, & chamanlhe cuambar/ q̃ quer dizer ambar dagoa, porque por ser muyto lauado tem perdida grande parte da fineza/ & a outro chamão manimbar/ que quer dizer ambar de pescado/ & he preto: porque tem que sendo pardo foy comido de Baleas ou doutros peixes muyto grãdes que ha antre estas ilhas/ & não ho podendo diſistir ho tornarão a lãçar assi preto, & este val pouco por ter perdida quasi toda sua virtude. Os moradores destas ilhas pola mayor parte sam gentios & tem a lingoa malabar, mas em Maldiua & Candaluz ha muytos mouros malabares: sam os moradores homẽs pequenos & não prestão pera guerra/ & assi tem poucas armas. Sam geralmente grandes feyticeiros, em tanto que viſiuelmẽte lhes vem falar os diabos: tem como diſse dous reys que tem grandes te-

ſouros de prata & dambar. E indo dom João da ſilueira por ſua viagẽ deſpois de fazer algũas preſas em naos de mouros noſſos immigos foy ter á ilha de Maldiua pera aſſentar trato com el rey/com quẽ ſe vio em terra com arrefens que lhe derão. E el rey ho recebeo com grande feſta eſtãdo acompanhado de muytos ſenhores ſeus vaſſalos, & ele atauiado ao modo dos reys do malabar, que aſſi ſe ſerue em toda maneyra de ſeu ſeruiço / & aſſi tem os paços como eles. E vendo ſe dom João com el rey aſſentarão paz perpetua: & que ho gouernador podeſſe mandar aſſentar feytoria em ſua terra/ onde lhe mandaria vender todo ho cairo de que teueſſe neceſſidade/ & aſſi as outras mercadorias que auia nas ilhas, onde dõ João eſteue eſperando a mouçõ pera Bẽgala/ & aſſi ficou ate q̃ veo.

¶ Capit. xxxvj. De como ho capitão móor do mar Antonio de ſaldanha foy fazer preſas ao cabo de Goardafum, & do que lá fez.

O capitão móor do mar Antonio d' ſaldanha que partio de Goa pera ho cabo de Goardafum chegou a ele com toda ſua armada em que leuaria paſſante de trezentos dos noſſos/ & hi fez algũas preſas neſſas naos de mouros que ſayão do eſtreito pera a Jndia a comprar ſuas mercadorias: & como ho mais do que leuão quando vão he dinheiro/ fez ho capitão mooz com os outros capitães muy ricas preſas. E daqui andãdo a viſta da cidade Dadem foy ter ás portas do eſtreito com determinação dẽtrar nele & ſaber algũa noua da armada dos rumes, de que todauia ſe tinha ſoſpeita que auia dir á Jndia. E poendo ſua determinação em conſelho com ſeus capitães/ foy acordado que não entraſſe no eſtreito, porque ſe entraſſe ſeria forçado inuernar nele por ſer tarde, & inuernando lhe morreria toda a gente: & por iſſo ceſſou de ſua determinação & foyſe inuernar a Ormuz: & fazẽdo volta pera iſſo ſe determinou que deſſe na cidade de Barbora que eſtá dali a vinte cinco legoas tornando pera ho cabo de de Goardafum na coſta de Ethiopia em onze graos da banda do norte abaſtada de muytos mantimentos que ha na meſma terrà/ em que tambem ha muyto ouro/ marfum & cera que lhe trazem do ſertão: & por iſſo he de grande trato/ & vão a ela muytas naos Dadem, & do reyno de Cambaya com ſuas mercadorias, & leuão deſtas da terra. Seus moradores ſam mouros & todos falão arauia: tem rey ſobre ſi tambem mouro/ & paga parias ao preſte & leuantaſelhe aas vezes. E chegando ho capitão móor com ſua armada ao porto deſta cidade achoua deſpeſada de todo que os ſeus moradores fugirão com medo dos noſſos ſabendo que tornauão das portas do eſtreito: receãdo que deſſem neles. E primeyro que ſe foſſem da cidade a deſpeſarão de ſuas fazendas: & por iſſo os noſſos quan-

do desembarcarão / nem acharão quem lhes resistisse, nem menos acharão que roubar, & não teuerão mais que dar fogo á cidade que ardeo toda. E isto feyto tornouse ho capitão mór a embarcar com sua gẽte, & partiose pera Ormuz onde foy ter em Mayo & hi inuernou / & em Agosto se tornou pera a India.

Capit. xxxviij. Em que se escreue ho grande & abastado reyno de Bengala

Om João da siluei-
ra q̃ estaua em Mal-
diua esperando pera
ir a Bengala, partio
se vinda á mouçã̃o, &
sem lhe acõtecer cou
sa que seja de contar a noue dias de
Mayo de mil & quinhẽtos & dezoy
to foy surgir na cidade de Chetigã
cidade de Bẽgala, que he hũ reyno
dos mayores & mais ricos & abasta
dos reynos de toda a India. Tem
cento & vinte legoas de costa pouco
mais ou menos ao longo daquela
enseada a q̃ os Cosmographos cha-
mã̃ signo gãgetico por amor do rio
ganges que se vay ali meter no mar
Indico per duas bocas / & outras
tantas legoas tem pelo sertão ao lõ
go do Gãges / dũa parte & doutra:
de modo que ocupa grande parte
de terra, de que algũa he montuosa
& a outra chaã: he geralmente muy
to abastado de mantimẽtos, & muy
to mais que todos os outros rey-
nos da India, assi de trigo como
darroz, de gado grosso & miudo de
que ha criação sem conto: & assi ha
muyta caça de montaria & dalte-
ria, & de muyto pescado & fruytas /
& tudo tão barato que parece cousa
impossiuel / porque hũ boy por grã
de que seja não val mais que duas
tangas que pola nossa moeda sam
seys vinteis, hũa duzia ô boas ga-
linhas hũa tanga, hũ fardo darroz
que sam tres alqueires dez ſs, & as-
si ho mais. Fazse em todo este reyno
muyto & bõ açucar, & leuãno ẽ far-
dos pera outras partes / & fazense
muytas conseruas de gengibre, de
que ha muyto & de fruytas despi-
nho & doutras. Criause tambem
neste reyno muytos caualos do ta-
manho de facas Dingraterra mace
geralmẽte por toda esta terra muy-
ta pimenta longa / & grande soma
dalgodão de que se fazem muytas
sortes de panos muyto delgados /
hũs brancos & outros pintados /
& todo ho fiado de que se tecem he
fiado em roda. Abeteisse por este rey
no como disse no mar ho rio gãges
por dous braços & da foz dũ & do
outro ha oytẽta legoas: os gẽtios
deste reyno tem a sua agoa por san-
ta / a rezão disso não a pude saber,
vão todos alauar se nele, & assi dou
tras partes: & he hũa das grandes
romarias que ha antreles, & crem
que lauando se com a sua agoa ficão
limpos de todos seus pecados, em
tanto que a el rey de Narsinga porq̃
não se podelá ir lauar lhe trazẽ ca-
da somana pola posta hũ barril da
goa & lauasse coela. ¶ O nacimento
dele não se sabe onde he: estão situa-
das ao longo dele dũa parte & dou-
tra muytas & muy fermosas cida-
des, principalmente hũa que se cha

ma gouro que está poz ele acima cẽ legoas do mar/ & será de bẽ feytas quatro legoas de compzido/ & a largura he pouca: he rasa pozem muyto forte/ pozque de diãte acerca ho ganges, & poz detras hũa alagoa grande & funda que nadarão nela naos de quatrocentos toneis: & detras desta alagoa vão grandes matas em que se crião muytos alifantes, tigres, onças & outras alimarias brauas: & pozque estas matas fortalecem a cidade não querem os reys de Bẽgala que se cortem, & poz isso sam muyto bastas. Ha nelas muytos & nobzes edificios, assi de mezquitas como de casas de senhores que andão na corte del rey de Bengala/ que aqui tem seu assento em hũs sumptuosos paços q̃ sam tamanhos como a cidade Deuoza, as casas sam terreas lauradas douro & dazul, & tem muytos patios & jardins/ & muyto abastada ỏ mãtimentos. He pouoada de mouros & de gentios, & mozão nela muytos estrangeiros, assi Persianos como Corazones, Rumes & Abexins/ q̃ vindo ali ter cõ suas mercadozias se deixarão ficar vendo a grossura da terra. Os Bẽgalas sam homẽs bẽ apessoados, discretos & muyto falsos: as molheres sam fermosas, & assi hũs como os outros se tratã muyto limpamẽte em seu vestido/ & sam muyto dados a comer bem & a beber/ & a outros vicios/ & seruense nobzemente/ & os mais dos seruidozes sam capados poz amoz das molheres de que sam muy ciosos/ & pera lhe oulbarem poz suas fazendas. Ha em Bengala outras muytas cidades/ assi polo sertão, como ao longo do ganges q̃ aqui estreita mais que em outras partes: & do gouro a vite legoas polo ganges acima acaba ho reyno de Bengala em hũa fortaleza chamada Gozi que está da banda dalem: & dizem os mouros q̃ ainda dali a cem legoas se nauega este rio. Na costa do mar não tẽ este reyno mais que dous pozros em duas cidades hũa chamada Chetigão vinte legoas dũa das fozes do ganges: & neste pozro se carregão & descarregão principalmẽte as mercadorias que vẽ doutras partes a Bẽgala & de Bẽgala pera outros reynos: & a alfandega desta cidade rẽde muyto a el rey de Bengala: ho outro pozro se chama Sategão na outra foz do gãges oytẽta legoas poz mar de Chetigão, mas não he de tamanho trato nem a sua alfandega não rende tanto como estoutra. El rey de Bengala he mouro & seruesse com grãde estado & muyta policia, & poz estado tẽ tres generos de musicas, a do seu reyno, de Narsinga & de Cambaya/ & de todos tem muytos musicos, & tẽ hũ cantoz móz q̃ tem doze mil cruzados de renda. Das portas a dẽtro se serue com capados que poz tempo faz grandes senhozes & gouernadozes ỏ cidades q̃ na lingoa da terra se chamão lascares: no betele q̃ come lhe lanção canfora de borneo, de q̃ val na India a cincoẽta cruzados ho arratel/ & desta cã fora que vay no cuspo que ele cospe em hũ cospidoz douro tẽ ho seu camareyro dous mil cruzados de

rẽda. E he muyto mais rico de tesou ro q̃ nenhũ rey da India, & muyto poderoso de gẽte/ assi de caualo como õ pé, & por isso lhe obedecẽ & pagão pareas algũs reys & senhores seus vezinhos/ & por ele ser mouro muytos gẽtios do reyno se tornarão mouros.

¶ Cap. xxxviij. De como dõ João da silueira aportou na cidade de Chetigão, & do q̃ lhe aconteceo.

DEspois de dom João da silueira partir de Maldiua pera Bengala foy aferrar sua costa a noue dias de Mayo de mil & quinhẽtos & dezoyto, em q̃ surgio na barra da cidade de Chetigão: muyto abastada da goa, tanto q̃ por cada rua corre hũ ribeiro & seruesse por pontes, as casas terreas & de taipa cubertas dola. E cidade de grande trato por auer nela muytos mercadores & todos ricos, & por isso se tratão muyto bẽ: & he gouernada por hũ gouernador a q̃ os da terra chamã lascar/ & he vassalo del rey de Bengala. E sabẽdo ele q̃ o capitão mór estaua na barra cõ medo de lhe fazer mal por se achar desapercebido pera se defender, lhe mandou pedir paz cõ hũ presente de refresco. E o q̃ ho capitão respõdeo q̃ era contente de lhe dar paz/ & por estar doente se não via logo coele a pa assentarẽ do modo q̃ auia de ser, q̃ como se achasse melhor se verião & a assentarião E sabẽdo ho Lascar q̃ tinha espaço pera se fortalecer, fortaleceose logo cõ hũa tranqueira de duas faces q̃ mandou fazer diante do porto ẽtulhada darea, & artilhada cõ algũas bombardas roqueiras cõ determinação de se defender dos nossos. E mandandolhe ho capitão mór dizer q̃ lhe mandasse vẽder algũs mãtimẽtos. Respondeo q̃ os não auia na terra. E q̃ ele tendo a mao final por saber q̃ toda Bengala era muy abastada deles, não quis gastar mais tẽpo, & mandou tomar per Tristão barbudo hũa champana q̃ esta ua surta no porto carregada darroz, q̃ era dũ Chatim da mesma cidade, & aos brados q̃ derão os que estauão na champana acodio grossa gẽte darmas da cidade á praya/ & começarão õ tirar frechadas aos nossos q̃ leuauão a Chãpana/ que vẽdo tanta gẽte junta detenueranse tirandolhe bombardadas. E como se a cousa assi trauou mandou dom João em socorro de Tristão barbudo ho seu batel cõ gente & artelharia, & assi João fidalgo na sua galeota/ & cõ sua vinda se ateou a peleja de maneyra q̃ durou ate noyte sem dos nossos morrer nenhũ & dos imigos muytos. E o q̃ ho Lascar ficou tão menencorio q̃ determinou de se vingar/ & logo aq̃la noyte mãdou fazer prestes cẽ calaluzes que tinha, & antemanhã se ẽbarcou neles cõ sua gẽte q̃ seria obra de cinco mil homẽs os mais deles frecheiros. E sabẽdo dõ João ho apercebimẽto dos imigos por suas espias/ apercebeose tambẽ pera ho dia seguinte/ & fez embarcar a mór parte de sua gẽte nos bateys do seu navio & da caravela/ & no bargantim, & na galeota: & mãdou a João fidalgo q̃ vindo os imigos fosse pelejar coeles leuando esta gẽte q̃ serião cẽ

to & cincoẽta homẽs portugueses/ & ele auia de ficar no nauio & na galeota pera lhe dar costas & fazer tirar cõ a artelharia auẽdo disso necessidade: porq̃ dali lhe auia de dar muyto mór ajuda q̃ indo coeles á peleja. E como os nossos estauão prestes pera receber os imigos, em os vẽdo abalar ja menbaã clara lhe sayrão tirandolhe a galeota/ & hũ bargãtim q̃ hião diãte muytas bõbardadas/ & assi a capitaina & a caravela, & como os imigos vinhão muyto jũtos começão os tiros de dar por eles & fazerlhe algũ dãno ỏ que eles começarão dauer medo/ & mais por não leuarẽ artelharia que não tinhão outra senão a q̃ ficaua na tranqueira/ que posto q̃ jugaua não fazia nenhũ nojo aos nossos, q̃ de cada vez lhe fazião mayor/ arrõbandolhe algũs calaluzes dos diãteiros. E parecẽdo ao Lascar que por esta causa os q̃ hião diante auerião medo mandou os mudar pera tras/ & ele pos se na diãteira cõ os traseiros/ & estes como vinhão de nouo, & cõ hũ Lascar q̃ os esforçaua perfiarão hũ pedaço por aferrar os nossos/ sofrendo ho ímpeto da nossa artelharia q̃ fez neles assaz de dãno: & os nossos q̃ bẽ ho vião não os deixauão aferrar, porq̃ pera q̃ntos os imigos erão ir lhes hia muyto mal se os abalrroassem, & por isso ho não consentirão desparãdo sempre sua artelharia em roda viua: & rõpẽdo por antreles muytas vezes de q̃ lhe arrombarão muytos calaluzes, & lhe matarão & ferirão muyta gente/ cõ o q̃ desmayarão, de maneyra q̃ por mais que ho Lascar os esforçaua nũca os pode ter & fugirão pera terra, & os nossos os não quiserã seguir por serẽ tãtos & eles tão poucos, & cõtẽtaranse cõ o que tinhão feyto & cõ lhe tomarẽ cinco calaluzes. E vẽdo ho Lascar q̃ os nossos ho não seguirão deixouse estar no mar pa ver o q̃ mais fazião & eles não fizerão mais q̃ tornarse pera ho capitão mór, q̃ lhe fez muyta festa por sua vitoria, & acrecentou sua armada cõ os cinco calaluzes dos imigos: & vẽdo ele q̃ se trauaua a guerra nã quis estar tão perto da cidade, receãdo que lhe poseſſem de noyte fogo á frota/ & determinãdo de ir pousar jũto dũ ilheo q̃ se fazia ao mar meia legoa da cidade/ mandou lá João fidalgo na sua galeota a sondalo pa ver se tinhão bõ surgidouro. E ho Lascar q̃ ainda estaua no mar vẽdo apartar a galeota da outra frota, despois q̃ vio pera õde hia pareceolhe q̃ a poderia tomar porq̃ fazia calma, & nãlhe poderião socorrer a capitaina nẽ a caravela/ & esforçãdose nisto & nos seus remeiros q̃ remarião riso, vẽdo q̃ a galeota era q̃si pegada cõ ho ilheo, arrãca do porto cõ toda sua frota a boga arrãcada, dãdo os seus hũa grita cõ prazer delhe parecer q̃ tinhão a galeota tomada. E q̃ vẽdo ho capitão mór mãdou logo ho bargãti & os dous bateys a socorrela, a q̃ os imigos por serẽ muytos ẽ demasia apertarão tãto q̃ por mais bõbardadas nẽ espingardadas q̃ os nossos tirarão não deixarão de chegar á galeota, ẽtão se seruirã os nossos dalgũas panelas ỏ poluora q̃ tinhã mas forão tão poucos que logo se

gastarão: & os imigos os ẽtrarão/ posto que sobisto foy hũa aspera peleja em que os nossos ho fizerão muy esforçadamente, derribando muytos dos imigos: q̃ como erão demasiadamente mais que os nossos os entrarão ferindo os todos de muytas frechadas. E durando assi a peleja/ & estando os immigos hũs pelejando com os nossos & outros pegados cõ ho leme da galeota/ & atoandoa pera a leuarem á cidade, posto q̃ os nossos pelejauão chega Tristão barbudo & os bateis & rompem pelos imigos como cozisco/ principalmẽte Tristão barbudo que chegou primeyro, despar rando sua artelharia & lançãdo os seus muytas panelas de poluora q̃ leuauão nos calaluzes dos imigos que logo começauão de arder/ & os imigos com medo se lançauão ao mar: & coeste ardil em muy pouco espaço foy a galeota desapressada dos imigos que a tinhão cercada, & como João fidalgo & os seus ficarão somente cõ os immigos que estauão dentro na galeota logo os fizerão despejar/ que todos se lançarão ao mar com medo/ & ela ficou chea doutros muytos q̃ os nossos matarão: & aprouue a nosso senhor q̃ nenhũ dos nossos não morreo/ nem então nẽ despois de muytas feridas de q̃ todos ficarão feridos. E desapressada a galeota que se fez em corpo cõ ho bargãtim & bateys desbaratarãse os imigos & fugirão pera a cidade, & passando por diãte da capitaina & da caruela forão sentidos de muytas bõbardadas: & assi se recolherão com muytos calaluzes queymados & metidos no fundo & muyta gente morta & ferida. E vendo ho Lascar quão pouco ganhaua na guerra, tornou a mandar pedir paz ao capitão mór por hũ Chatim de Chozamandel/ pro metendolhe de lhe consentir trato na cidade/ & darlhe todos os mantimẽtos de que teuesse necessidade, & disto deu arrefens com que a paz ficou segura: & dispois q̃ se começou a conuersação dos nossos com os da cidade/ foy a amizade tanta que ho capitão mór tornou os arrefẽs, & assi ficou ali ate passar ho inuerno q̃ hia auia de ter: mas como ho Lascar era homem de pouca fee & cheo õ treição, não durou muyto ẽ goardar a fee q̃ prometera, & logo q̃brou a paz: cuydando q̃ por ser inuerno poderia tomar os nossos/ & ajũtando muyto grande frota deu sobre os nossos q̃ se defenderão tambem q̃ os fizerão afastar: & assi se tornou a guerra a renouar, & ouue muytas pelejas ãtre os nossos & os imigos/ assi no mar como na terra/ & quis nosso senhor q̃ os nossos vencerão sempre. E vendo dõ João q̃ a guerra hia em crecimento/ foyse do porto pera a barra por tirar os nossos doppressam, & não se foy de todo por ser ja inuerno. E estando aqui soube hũ dia que polo rio acima dali a hũa legoa estauão na borda dagoa certas jangadas de fogo que os immigos querião lançar pera lhe queimarem os nauios. E porque isto era cousa de muyto perigo/ determinou dom João de lhe atalhar com mandar queimar as jangadas onde estauão/ & assi por conse-

lho de todos mandou lá Tristão barbudo capitão do bargantim, q̃ foy, & não achãdo nada se tornou: & tornandose ia a vista da frota ho alcançarão cinco lancharas em q̃ hião trezentos frecheiros. E receãdo dom João que tomassem Tristão barbudo ho mandou socorrer per hũ Gaspar fernãdez caualeyro fidalgo morador em Pombal, que mandou no seu batel com quinze Portugueses, & o batel leuaua hũ falcão. E como Gaspar fernandez era muyto esforçado fez remar ho batel tão rijo que chegou primeyro ás lancharas que ho bargantim, & cõ a furia dos remeyros foy enuistir com hũa que hia na dianteira, & em chegando a ela se deitou dentro cõ seus companheiros, posto que os immigos perfiarão bem cõ lãças das & frechadas por lhes defender a entrada, mas não poderão: & em os Portugueses entrando matarão algũs deles & os outros com medo se lançarão ao mar & saluarã sena terra que era perto. E sendo esta despejada tornouse Gaspar fernandez ao batel com os outros & remete a outra lancharaq̃ vinha pareler: porẽ os mouros não ousarão desperar & forão varar em terra dõde forão as frechadas tantas sobre Gaspar Fernadez & seus cõpanheiros que os tratarão muyto mal de feridas, & porque lhe não podião chegar virarão sobre as tres a que Tristão barbudo tirauaás bõbardadas. E os mouros como virão que ho batel hia contreles tendo ja desbaratadas as outras duas lancharas fugirão ho mais que poderão/ & Gaspar fernandez as não seguio por estar muyto mal ferido de hũa frechada em hũa perna q̃ não sepodia ter/ & assi os outros tambẽ, de que morreo hũ filho do mesmo Gaspar fernandez/ que com a ajuda de nosso senhor foy o que desbaratou as lancharas com seus cõpanheiros, sem Tristão barbudo ter que fazer/ posto que sua vontade foy boa pera ho ajudar. E desbaratadas as lancharas se forão pera dom João ũ cuja vista se fez este feyto/ & a quem Gaspar fernandez leuou a lãchara que tomou. E prosseguindo ho inuerno por diante foy a goa tanta que chouco que apodrecco toda a enxarcia dos nauios da armada/ & dom João com toda sua gente passou muyto má vida, assi cõ a grãde inuernada como com fome: & vendo a frota sem enxarcia & que não podia nauegar mandou em hũa aldea de pescadores que estaua hi perto tomar quãtas redes tinhão/ & delas mandou fazer em terra cordas pera as enxarcias. E estando nisto veyo ho Lascar com muyta gẽte pera ho estoruar/ & ouue hũa muyto grande peleja antre les & os nossos. E despois disto tornou a auer paz antre ho Lascar & dom João, de q̃ se ele não fiou sem lheo Lascar dar arrefẽs/ & êtregue deles se tornou ao porto õde ainda esteue quinze dias fazendo fazẽda.

Capit. xxxix. Como vẽdo ho Lascar de Cheligão q̃ não podia tomar ho capitão mór lhe armou hũa treição/ & de como ho nosso senhor liurou dela.

Neste tempo que era ja no cabo do inuerno lhe chegou hũ embaixador q̃ dizia ser do señor da cidade Barracão / & da sua parte lhe deu hũ rubi que despois foy aualiado em seys cẽtos cruzados, & quatro paraos carregados de mantimentos, dizẽdolhe da parte do senhor Barracão, que pola fama que tinha delrey de Portugal desejaua de ter amizade coele & que teuesse trato em sua terra. E sabendo ele que estaua naquele porto, lhe mandaua pedir que quisesse ir ao seu, onde acharia mais verdade y za amizade que naquele, porque a gẽte daquela terra onde estaua era muy falsa & enganosa: & bem lhe pesaua das mentiras & enganos que ho Lasçar de Cheligão vsara coele & sabia que auia dusar se hi mais estiuesse, por isso que se fosse pera a sua cidade & lá assentaria feytoria. E isto tudo era mentira / que vẽdo ho Lasçar que não podia desbaratar dom João: quis ver se ho podia desbaratar com este ardil que concertou coeste senhor Barracão tambem vassalo delrey de Bengala / a que se mandou queixar da destruyção que dom João fizera em Cheligão. E cuydando dom João que a embaixada era de verdade, partiose com ho embaixador que lhe disse q̃ dali a Arracão não auia mais doyto legoas / que era por hũ rio acima em cuja foz achou muytos calalu zes & lancharas que agoardauão por ele com muyto refresco: & dos que estauão nelas foy recebido cõ grande festa, & por dito do embaixador entrou por este rio acima, onde lhe dizia que estaua a cidade / & que poderião ir por ele os seus nauios / & dez legoas por ele acharão hũa estacada, & ali estreitaua bo rio tanto que escassamente a capitaina podia caber: & a foza isso era ho arnozedo tão basto dũa parte & doutra que cobria ho rio. Dom João não quis passar dali, parecendolhe que lhe querião fazer treição, & dissimulou com ho embaixador / dizẽdo que ho seu nauio não podia passar, & q̃ ho não auia de deixar soo: q̃ se ho senhor Barracão ali quisesse vir se não q̃ se tornaria. E coeste recado se foy ho embaixador & não tornou mais: & vẽdo dõ João q̃ passauão seys dias sem tornar não esperou mais & tornouse crendo de todo q̃ aquilo era treição, & tornando se achou no meyo do rio começadas grãdes estacadas q̃ os mouros fizerão despois q̃ ele passou, pera q̃ lhe tolhessem a passajẽ & lhe tomassem os nauios & ho matassem com quantos hião na frota: o que se fizera senão se tornara tão asinha / & ele não achou ninguem nas estacadas porq̃ os q̃ as fazião fugirão sabẽdo q̃ se tornaua. E vẽdo ele q̃ nã vinha ho señor Barracão nem seu recado não quis mais esperar & partiose pa a ilha de Ceilão onde sabia q̃ ho Gouernador auia õ ir fazer hũa fortaleza. E partido leuantouselhe Johão fidalgo, & tornouse aa boca desterio Barracão a fazer presas ẽ naos que sabia q̃ auião de sair delle, & pera dissimular mãdou hũ presente ao senhor Barracão por dous dos nossos / mandandolhe dizer que ho

capitão mór ho deixara ali pera assentar paz coele por quanto não podera esperar sua vinda por ser tarde ⁊ ter muyto q̃ fazer ẽ outra parte. E vendo ho senhor Darracão os nossos que lhe leuarão este recado com ho presente mandou os logo matar: ⁊ ia que se não pode vingar no capitão mór quilo fazer ẽ João fidalgo/ mãdando muytas lancharas ⁊ calaluzes com gente de guerra pera que ho tomassem, q̃ assi ho ouuerão de fazer se nosso senhor ho não liurara milagrosamente, pelejando com os immigos quasi todo hũ dia em que quasi ho teuerão entrado ⁊ lhe ferirão corẽta dos seus, ⁊ não teue outro remedio se não cortar as amarras com que estaua surto/ ⁊ com ho vento que ventaua acolheose sem os immigos ho poderem alcançar, ⁊ dali se foy ⁊ andou por outras muytas partes em que lhe matarão algũs homẽs ⁊ catiuarão outros sem fazer nenhũa presa, ⁊ por derradeyro tornouse á India onde gouernaua Diogo lopez de sequeyra que lhe perdoou.

¶ Capit. xl. De como Jorge mazcarenhas foy a terra dos Lequios ⁊ do que lá passou.

DEspois d̃ Fernão perez estar em Cantão soube que passada a cidade de Cãtão hia hũa terra muy grande ao sueste q̃ se chamaua Lequia: terra muyto rica douro ⁊ d̃ prata, sedas soltas ⁊ tecidas, porcelanas ⁊ outras mercadorias como na China: ⁊ por isso auia lá grandes mercadores. E pera saber se era assi mandou laa Jorge mazcarenhas que foy ter a hũa cidade chamada Chincheo/ em que lhe pareceo que auia mais rica gente que em Cantão/ ⁊ que vsauão de mais policia, ⁊ souue que dali hião cadãno quatro jungos a Malaca antes q̃ fosse del rey de Portugal carregados douro ⁊ de prata em barras/ ⁊ cõ outras mercadorias mais ricas q̃ a da China/ ⁊ trazião em retorno mercadorias da India/ ⁊ com medo dos nossos não forão laa mais: ⁊ dos Chins se prouião das taes mercadorias/ ⁊ por isso cõprarão bem as que Jorge mazcarenhas leuaua/ ⁊ ele os prouocou a dizerem que hirião dali por diante a Malaca. Mas não ho fizerão despois assi, porem em quãto ali esteue achou muyta amizade ⁊ boa cõuersação na gente daquela terra, que he gẽtia ⁊ alua ⁊ toda fermosa/ ⁊ tratasse muyto bem.

¶ Capit. xlj. De como sabendo ho capitão mór Fernão perez ho aperto em que estaua Malaca se partio da ilha da veniaga/ ⁊ de como chegou a Malaca.

DEspois d̃ partido Jorge mazcarenhas pera Lequia/ chegou de Malaca á ilha da veniaga ho jũgo de Jorge aluarez que deu recado ao capitão mór de como a sua partida chegara a Malaca dõ Aleixo de meneses cõ Afonso lopez da costa ⁊ ao q̃ hia: ⁊ q̃ Malaca ficaua apressada del rey de Bintão por estar no pago ⁊ trazer no mar grãde armada.

E por ho capitão mór saber como ficaua Malaca, & a necessidade que tinha de socorro, determinou de se partir na entrada do mes de Setembro por ser então a propria moução, porque no meyo auia grandes temporaes & çarrações: & tambem por que a este tempo era ja chegado recado del rey da China que fosse ho embaixador. Assi que por tudo isto determinou ho capitão de se partir pera Malaca, pera o que mandou por terra recado a Jorge mazcarenhas que estaua na cidade de Chincheo que se fosse á ilha da veniaga como foy: & ele vindo mandou ho capitão mór recado ao Tutão de Cantão como se partia, encomendãdolhe muyto ho embaixador q̃ bi ficaua de caminho pera el rey da China. E ficando assi assentada a paz na China, & sabidas polo capitão mór muy mindamente as cousas dela pera as contar a el rey de Portugal que por isso se deteue quatorze meses naquela terra, partiose pera Malaca na entrada de Setembro de dezoyto, leuando muyta riqza assi douro como doutras cousas, que todos os da armada hião grandemente ricos. E chegado ao estreito ó Cincapura achou hi hũa nao nossa de q̃ era capitão Diogo pacheco que dom Aleixo mandara ali darmada, pera que esperasse Fernão perez & se asuntasse coele pera ho ajudar se lhe saisse a armada del rey de Bintão, porque se temia que viesse desapercebido de gente & dar telbaria. E asuntandose Fernão perez cõ Diogo pacheco foyse a Malaca, onde chegou estando a fortaleza ẽmuyta necessidade, assi de mãtimentos como de dinheiro & mercadorias que não auia nela cousa al gũa: & Fernão perez deu dessas mercadorias q̃ trazia, s. seda solta, damascos, cetins, pedrahume, cobre, pregadura, & outras cousas que em Malaca tinhão muyta valia, & logo se venderão muytas delas a Guzarates, que estauão em suas naos no porto de Malaca, & do dinheiro que derão por elas se pagou soldo á gente que coisso se remio em al gũa maneyra da fome q̃ padecia, & dali quisera Fernão perez ir a Bẽgala pera assentar lá paz & trato como trazia por prouisam del rey de Portugal, visto como em Malaca não auia necessidade dele por auer bi gẽte que abastasse. E não foy por dom Aleixo lho defender por hũa prouisam do gouernador, dizẽdo que era mais seruiço de sua alteza irse dereyto á India, & isto por ter dada aquela ida a dom João da silueira seu sobrinho que lá foy como disse. E sabendo Fernão perez como não auia dir a Bengalá, entregou sa mercadoria que leuaua pera lá na feytoria de Malaca que se vendeo aos Bengalas q̃ ali vinhão naquele tẽpo, & coisto ouue dinheiro na feytoria por hũs dias, & Fernão perez esperou em Malaca pola moução pera se ir á India com dom Aleixo,

¶ Capit. xliij. De como ho gouernador se partio pera a ilha de Ceilão a fazer hũa fortaleza: & de como mouros de Calicut acõselharão a el rey de Ceilão que lhe não desse fotaleza.

HO gouernador como disse innernou em Cochim este anno de dezoyto, & nele fez prestes sua armada pera no verão seguinte ir fazer hũa fortaleza á ilha dõ Ceilão como lhe el rey mãdaua em seu regimẽto: & neste inuerno mandou por terra ao capitão de Goa que na fim Dagosto mandasse a Cochim a seu irmão dom Fernando monrroi com as oyto fustas de Goa pera ir coele a Ceilão. E tẽdo tudo prestes & prouida a fortaleza de Cochim se partio pera Ceilão quasi meado Setẽbro. E apressouse tãto a partir por que não chegasse antes de sua partida Diogo lopez de sequeyza que esperaua que fosse aquele anno por gouernador da India, & se fosse antes de sua partida ficaua ele cõ seu trabalho perdido. Assi q̃ partindo como digo foy ele em hũa galé de que era capitão Denis fernãdez de melo: & a foza desta galé hião outras quatro / de que hião por capitães Christouão de soula, Gaspar da silua / Antonio de mirãda dazeuedo / Manuel de lacerda, Lopo de brito & dom Fernando mõrroi com suas oyto fustas q̃ hião debaixo de sua capitania, & assi leuaua mais outros capitães cujos nomes não pude saber nẽ ho numero dos nauios da armada, q̃ leuaua doytocentos ate nouecentos homẽs todos Portugueses q̃ não queria outros pera a guerra. E passados q̃tro ou cinco dias q̃ partio de Cochim, chegou a Ceilão com toda a frota: & indo pera tomar ho porto de Columbo sobreueolhe vento ponteiro / & por não querer pairar errou ho porto de Colũbo & foy aferrar ho de Gale / õde em outro tempo fora ter dõ Lourenço dalmeida como ja disse / & neste porto se deteue hũ mes & meyo por amor do tempo que não tercaua pera poder ir a Columbo / & em todos estes dias esteue sempre no mar, & dos nossos capitães sayrão muytos em terra a fazer a carnajem. E andãdo hũ dia Antonio de miranda & Manuel de lacerda em terra / sobreueo muyta gente armada & cometeo os nossos que se poserão em som de pelejar coeles / mas eles se retirarão logo, & os nossos se ajuntarão que andauão espalhados & se cõcertarão / & Manuel de lacerda sepos diãte / & Antonio de miranda detras, & coesta ordem se forão ẽbarcar seguindo os immigos apos eles & os nossos fazião muytas voltas pa os fazer deter, & assi se embarcarão sem nenhũ perigo. Desta maneyza esteue neste porto ate que concertou ho tempo com que se foy a Columbo, & surgindo aqui mandou recado a el rey dizendolhe da parte delrey de Portugal seu senhor que pola amizade que tinhão auia dias / lhe rogaua muyto que lhe deixasse fazer hũa fortaleza em hũa põta q̃ tinha aquele porto / & não pera mais que pera ter segura hũa feytoria que ali tinha determinado de assentar pera proueito dambos de dous, & pera ter gente com que ho ajudasse quando teuesse dela necessidade, & a segurança da feytoria não a queria dele nem de seus vassalos os q̃ erão gẽtios, que bem sabia que todos erão muy

to leaes & verdadeyros/se não por amor dos mouros que erão immigos dos nossos/& como tratauão em sua terra receaua que fizessem o que fizerão em Calicut: & por esta causa queria a fortaleza. Ao que el rey respondeo que era contente. E neste tempo estauão em Columbo algũs mouros de Calicut, & sabẽdo como el rey concedia a fortaleza ficarão muy agastados vendo que de todo lhe cortauão as raizes nos melhores portos q̃ auia na India pera seus tratos/porque bẽ sabião da fortaleza q̃ se fazia em Coulão: & por isto se ajuntarão algũs desses principaes/& disselhe hũ deles.

¶ A amizade q̃ ha tão to tempo que temos comtigo, & a grande obrigação que sabes em que te somos por boas obras que nos fizeste, nos da ousadia pera te reprender do q̃ nos dizem que tẽs feyto/& pera te aconselhar se ainda podes tomar conselho: porque este bem podes crer que to daremos bõ polas causas q̃ digo. E espantamonos muyto de no lo não pedires antes de conceder a fortaleza aos frangues que nos dizem que concedeste/o que não podemos crer pola pouca necessidade q̃ tẽs disso ou nenhũa: porque se tu foras hũ reyzinho tão pobre que ouveras denrriquecer com a amizade dos frangues/nos mesmos forçamos de parecer que os conuidaras com a fortaleza, & não q̃ esperaras que ta pedirão: mas tu es tão grãde senhor de terra, tão poderoso de gente/tão rico de tesouros que te não falta nada pera seres hũ muyto grãde senhor, muyto rico & muyto poderoso. E tudo isto queres escurecer & apagar com dar licença q̃ gente estrangeira tenha fortaleza ẽ tua terra, que não he outra cousa se não hũ freo pera te enfrearem de cada vez que teuerem de ti desgosto, & mais os frangues de que temos tãta experiẽcia que ho fazem assi: que ja que se eles querẽ assentar em tua terra hão de estar á tua võtade & não turá sua, porque & quẽ ganha mais nisso tu ou eles: tu sem eles muyto bem podes vender tua mercadoria a tantos & tão diuersos mercadores como ta cada dia vem buscar, & eles não te trazẽ outra & tẽ necessidade da tua, nem podem viuer sem ela, & tu sem a sua: & ainda se de tua terra ouuera nauegação pera outras & temeras que te tomassem tuas naos cõ que eles ameação a muytos, tambẽ por esta causa parecera bem dares lhe fortaleza por teliurares de suas mãos, mas não tendo nenhũa necessidade por hũa via nẽ por outra de te meteres nelas & fazerelo es muyto de culpar/& q̃ digas que tomas exemplo em el rey de Calicut que lhe quis resistir & nã pode, faze tu como ele fez, porque ja pode ser que te torce melhor a vẽtura que a ele, & sendo assi ficas ho mais honrrado rey de toda a India acabando aquilo em q̃ muytos principaes dela faltarão/& não sendo não seras de culpar pois fizeste o q̃ podeste: nem perdes nada, por q̃ tua propria terra te da a renda que tẽs, & não ho mar como a el rey de Calicut/& os frangues não podẽ viuer sem ti, & tanto ás de ganhar coeles por paz como por guerra, antes em

atentares coeles pera te liurar de sujeição te terão em melhor conta/ por isso não lhe des fortaleza tão leuemente, & defendelhe a desembarcação, que têes gente & poder pera isso, & nos te ajudaremos. E se os frãgues querem o que ha em tua terra venhão carregar a ela como fazẽ os outros mercadores, & não ta tomẽ com nome de tratar nela/ porq̃ nenhũ dos que nela tratão te pedirão nunca fortaleza. C Oisto q̃ os mouros disserão a el rey o persuadirão tanto que se arrepẽdeo de dar a fortaleza/ & fizeranlhe quebrar a paz: & têdo assentado de ho fazer assi andando ainda recados antrele & ho gouernador pera se assentar ondese auia de fazer a fortaleza/ mandou lançar mão dalgũs nossos que forão a terra dessa gente baixa/ & mãdou os prender.

C Capit. lxiij. De como ho gouernador sayo em terra & desbaratou os imigos & se fortaleceo nela, & de como lhe el rey pedio paz & ele começou a fortaleza.

HAcabado que forão presos como el rey tinha sua gente junta, & tudo prestes pera a guerra mãdou na noyte seguinte fazer na ponta que ho gouernador pedia hũs valados que serutão de tranqueira/ & sobreles mandou assentar algũas bombardas de ferro que lhe derão os mouros/ & assi algũs espingardões & pos sua gente que era muyta em goarda daqueles valos/ & os mouros coeles/ & amanhecendo começarão de tirar coessas bombardas q̃ tinhão aos nossos q̃ estauão no mar. E sabido isto pelo gouernador cõ cõselho dos capitães & fidalgos da frota/ determinou de sayr em terra a pelejar com os immigos & tomarlhe a ponta por força/ & fazer a fortaleza, & hũ dia ãtemanhaã se embarcou com toda sua gẽte nos bateys, & em amanhecendo abalou pera terra/ onde desembarcou primeyro que todos cõ a bãdeira real, & despois os outros capitães. E os immigos neste tempo não fazião senão jugar com sua artelharia/ defendendose muyto rijo, & ferirão & matarão algũs dos nossos, & hum deles foy Meriſſimo pacheco. E cõ tudo os nossos passarão auante tirando muytas espingardadas & sétadas, & chegarão aos valos, & pelejarão com os immigos que se defenderão hũ pouco cõ muyta vileza, & apertados dos nossos desemparárão os valos & fugirão sẽ neubũ concerto: & Christouão de sousa os seguio com a gente de sua capitania ãte hũ ribeiro dagoa que era hũ pedaço dos valos fazendo neles muyta destruyção/ & passando os immigos ho ribeiro fizerão rosto aos nossos, & por ser hũ pouco longe dõde ficaua ho gouernador, não quis Christouão de sousa passar dali & tornouse pera õde ele ficaua. E chegando a ele lhe disse. A senhor que trazeis aqui caualeyros que cõquistarão bom mũdo. E ele em vez de os louuar mais/ respondeo que peleiauão como bestas. E por ser ia tarde & ho lugar não ser forte, não pareceo ao gouernador que os nossos fi

carião ali ſeguros aquela noyte, & poz iſſo ſe tornou á frota cõ propoſito de tornar ao outro dia a terra como tornou com toda ſua gente/ & achando deſpejada a ponta dos immigos mandou fazer nela hũa trãqueira q̃ chegaua de mar a mar poz ela ſer eſtreita. E feyta a trãqueira breuemente foy logo aſſentada algũa artelharia pera a defender dos immigos ſe vieſſem, & os noſſos ſe alojarão detras deſta tranqueira q̃ ficauão goardados õ todo perigo. E ſabido poz el rey a determinação do gouernador que pois fazia tranqueira determinaua õ fazer poz força a fortaleza / arrependeoſe de ter tomado ho conſelho dos mouros: & vendo que em que lhe pes ſe auia de fazer a fortaleza/ quis moſtrar q̃ era poz ſua vontade, & polo ſeu regedor mandou dizer ao gouernador q̃ ele conhecia ho erro que fizera em quebrar a palaura que lhe dera de fazer paz coele & darlhe fortaleza. E arrepẽdendoſe de ſeu errolhe pedia perdão, & pedia q̃ lheeſqueceſſe ho paſſado & foſſem amigos: & q̃ ele era muy contente de conſentir que fizeſſe a fortaleza. & pera iſſo lhe daria toda ajuda de que teueſſe neceſſidade. A o que ho gouernador reſpõdeo que pois el rey lhenão goardara a palaura q̃ lhe tinha dada que não auia de fazer paz coele ſem pagar algũ tributo a elrey ſeu ſenhor, porque a fortaleza ele ganhara poz força a terra em que a auia de fazer ainda que elenão quiſeſſe. E vendo el rey que ho gouernador eſtaua apoderado na terra/ & que lhe poderia fazer muyto mal poz a ſua gente não ſer boa de guerra/ mandoulhe dizer que pagaria ho tributo ſe foſſe coula arrezoada & com que podeſſe. E elelhe pedio dez alifantes cadãno/ & quatrocẽtos bahares de canela, & vinte aneis cõ ſenhas pedras finas das q̃ ſe achauã na ilha, do que el rey foy contente. E feyta diſſo hũa eſcriptura que el rey aſſinou, começou ho gouernador de fazer a fortaleza de pedra & barro pola acabar mais aſinha, poz que era detẽça fazerſe cal parela, ſelhe hia chegãdo ho tpo em q̃ ſe auia dir pera Portugal ſe vieſſe gouernador como eſperaua: & poz ter el rey contente/ & queſe lhe não leuantaſſe outra vez mãdoulhe algũs preſentes com q̃ ho cõfirmou ẽ ſua amizade.

Capit. xliij. De como Diogo lopez de ſequeira partio pera a India poz gouernador dela, & de como chegou lá.

Este ãno de mil & quinhẽtos & dezoyto em que ſe acabauão tres annos q̃ a auia q̃ Lopo ſoarez gouernaua a India, mãdou el rey de Portugal poz gouernador dela a Diogo lopez de ſequeira ſeu almotacé mõr, que como diſſe no liuro ſegũdo foza deſcobrir Malaca. E deſpachado de todo ho neceſſario pera ſua partida, partio de Belem a vinteſete de Março do ſobre dito anno leuãdo hũa armada de dez naos groſſas/ cujos capitães forão ele/ Garcia de ſa, Ruy de melo que leuaua a capitania de Goa/ dom João delima que hia prouido da de Cali

cut, dom Aires da gama irmão do conde almirãte: por capitão de Cananor Gonçalo rodriguez Dalmada, João gomez cheira vinheiro/ Pedro paulo filho d' Bertolameu, Pero cabreira & outro. E toda esta frota bem fornida dartelharia & de boa gente de peleja, porque leuaua ho gouernador por regimento q̃ fizesse hũa fortaleza em Diu, & que fosse descobrir ho porto de Maçuá & leuasse lá Mateus que dizia ser embaixador do Preste: & achando que era verdade mandasse cocele outro ebaixador ao Preste pois Duarte galuão falecera. E partido ho gouernador de Belem, chegou a Moçambiq̃/ & aos sete d' Setẽbro á barra de Goa & sem vsar do officio de gouernador, se partio indo correndo essas fortalezas em que tão pouco não vsou dele/ porque sabia que Lopo soarez tinha hũa prouisam que gouernasse a Indias ate partir pera Portugal, & por isso não se quis ẽtremeter nas cousas da gouernança nem pousar na fortaleza: o que lhe todos louuarão muyto & ho tenerão por muyto humano.

¶ Capitolo. xlv. De como Afonso lopez da costa foy cõ os outros capitães pera tomar a tranqueira de Quar & se tornou sem ho fazer, & dũ ardil com que el rey de Bintão quisera tomar Malaca.

Chegado Fernão pereza Malaca com sua armada, & não cessando a guerra que el rey de Bintão fazia aos nossos requereo Afonso lopez da costa a dom Aleixo que tinha os poderes do gouernador, que pois ali estauão juntos tantos dos nossos que fosse sobre a tranqueira de Quar & a tomasse/ pera que lançasse el rey de Bintão donde estaua & a nossa fortaleza ficasse liure da guerra que lhe fazia. E dom Aleixo mostrou hũ regimento do gouernador em quelhe mandaua q̃ ele em pessoa não saisse em terra a fazer guerra: porem que mandaria cocele todos aqueles capitães que a fosse ele fazer. Pera o que se logo apercebirão per mãdado de dom Aleixo que ficou em goarda da fortaleza: & Afonso lopez da costa se partio pera Quar hũ dia de madrugada & hia em hũa galeota, & hião cocele Duarte de melo capitão mór do mar, Diogo pacheco, Pero de faria, Fernão perez dandrade, Simão dalcaçoua/ Jorge mazcarenhas & outros capitães em galeotas/ lancharas/ & em bateis todos artilbados & apadessados, & leuauão trezentos Portugueses/ & antreles cento & vinte fidalgos & caualeiros todos escolhidos/ & tres mil homẽs da terra: de que erão capitães ho Bẽdara & ho Lascar, & hia hũa soma de gente pera fazer hũ bonrrado feyto. E indo assi chegarão a tiro de bombarda da fortaleza/ & não poderão passar dali por ser baixa mar de todo. Do que todos ficarão muyto tristes por irem muyto aluoroçados pera pelejarem cõ os immigos com esperança em nosso senhor gue os desbaratarião. Afonso lopez da costa sepos ẽcõselho

rõ aq̃les fidalgos & capitães: & cõ ho Bẽdara & Lascar sobre o q̃ faria / & disserão algũs q̃ sería bõ desembarcar ali & ir por terra ate a tranqira, & q̃ os bateys fossem no mais q̃ cõ os remeiros & hũ bombardeiro em cada hũ pera poderem ir, & assi pelejarião com os immigos: o que ho Bendara & Lascar contradisserão, dizendo que aquela terra era toda alagadiça dambas as bandas do rio / & os Malayos costumauão muyto meter estrepes vntados de ua, & que assi lhe parecia que deuia destar aquela / por isso que não era siso ir por terra, que ou auião dir abalrroar com a tranqueira ou se auião de tornar. E coisto acordarão Afonso lopez & os outros do conselho que esperassem a maré, & coela irião aferrar a tranqueira, & entretanto estarião ás bombardadas com os immigos que lhe não auião de fazer nojo, polas arrombadas que leuauão. E assi ho fizerão, & ás bombardadas começarão dũa parte & da outra / & algũs dos nossos forão feridos que morrerão despois / & antreles foy hũ fidalgo chamado Aluaro de sousa. E estando nisto recreceose hũa paixão antre Afonso lopez da costa & Jorge mascarenhas por onde se desmanchou a determinação em que estauão / & sem fazer mais nada se tornarão pera a fortaleza, o que foy causa dos immigos cobrarem mór coração contra os nossos, & os perseguirem mais que dantes / & como a sua armada andaua sempre no mar não ousaua ninguem de trazer mantimentos a Malaca / pelo que veyo a ser a fome tamanha que coela & cõ ho muyto grãde trabalho da guerra começarão todos dadoecer / & não ficarão sãos mais que cento & vinte / & estaua a fortaleza em grande perigo de se perder se el rey de Bintão foza sobrela / mas ele que ho não sabia / & parecendolhe que a não poderia tomar por guerra / aproueitouse de seus ardis pera a tomar por manha. E pera saber que taes estauão os nossos / porq̃ não podia tomar lingoa que lho disse mãdou seu embaixador ao capitão sobrelhe cometer pazes: & pera mór dissimulação lhe mandou hũ alifãte de presente, a que mandou dar peçonha determinada que não durasse mais de trinta dias / porque neste termo esperaua dacabar sua treição. E assi mandou pedir ao capitão que lhe mandasse seu embaixador pa se acabarẽ dassentar estas pazes. E cuydãdo dõ Aleixo q̃ isto tudo era verdade polas mostras q̃ via de ser assi / cõ conselho de todos aq̃les fidalgos & capitães q̃ ali esta não mãdou hũ embaixador a el rey d Bintão cõ sota êbaixador / & deu lhes instrução dos capitulos das pazes. E chegado este êbaixador a el rey de Bintão / esteue ele determinado de o matar & a q̃ntos hião coele, & teue sobrisso cõselho cõ os seus q̃ lhe cõselharão q̃ o não fizesse, porq̃ fazẽdo o impederia dauer effeito o q̃ tinha ordenado pa tomar a nossa fortaleza, & por isso o não fez & fazẽdolhe muyta hõrra / & dãdolhe dadiuas muy ricas o tornou a mãdar a Malaca, cõcedẽdolhe as pazes cõ q̃ntas cõdições o êbaixador leuaua

E cuydando el rey que os nossos estarião descuydados/ cõfiados na paz que estaua assentada posẽ obra sua treição/ & logo despois de poucos dias que ho nosso embaixador foy em Malaca mandou hũa frota de setenta lanchara bem fornidas de gente & dartelharia/ em que hia por capitão mór hũ que sendo regedor de Pacem matou ho rey q̃ era nosso amigo & se fez rey, & pera se segurar no reyno se confederou com el rey de Bitão/ & ho foy ajudar na guerra cõtra os nossos. E por terra mandou tambẽ el rey de Bintão muyta gente deitarse em cilada sobre a fortaleza: o que pode fazer por a terra ser muyto cuberta daruoredo muy basto/ & de grãdes & altos beruacais & sẽ nenhũs caminhos/ & por isso sea gente podia esconder sem ser vista, & ainda q̃ ho fosse os da terra não ho auião de dizer/ por que parecendolhe que os immigos estauão dauantajem querião antes seguir a sua parte que a dos nossos.

¶ Capit. xlij. De como el rey de Bitão pos em execução hũ ardil pera tomar a nossa fortaleza/ & de como os seus forão desbaratados pelos Portugueses.

POsta esta cilada acodirã os immigos por már/ & hũa manhaã muyto cedo sendo baixa mar chegarão a ilha das naos ondestauão algũs dos nossos, & assi nas naos que ali estauã surtas: & assi como os imigos vinhã auiados, de caminho desembarcarão muytos deles na ilha: & supitamente derão sobre os nossos q̃ ainda dormião bẽ descuydados de tal vinda, por estarẽ cõfiados nas pazes. E como os imigos os tomarão de supito poderão matar algũs primeiro que entrassem ẽ acordo ô se defender: o q̃ os imigos não esperorão/ & recolheranse logo E em q̃nto isto fizerão hũs: outros se chegarão ás nossas naos & deitarão nelas fogo, que por estarẽ molhadas do orualho da noite passada, & a menhaã ser muyto fria não pode pegar nelas mais q̃ em algũas obras mortas. Agrita da gente foy logo ouuida na cidade/ donde não poderão acodir por ser baixa mar. E como ouue maré sayrão algũs capitães nossos/ sem ho capitão do már, com obra de quarenta homẽs em algũas lanchara: & foranse dereitos aos imigos, que em os vẽdo abalar começaranse de retirar pera ho mar/ como q̃ fugião: & isto porq̃ os nossos lhes parecia q̃ erão a mór parte dos que estauão na fortaleza: & os mais sãos, & q̃ alargandose eles ao mar sayrião os da cilada, & tomarião a fortaleza, & eles entretãto tomarião a frota, & assi ficarião senhores de tudo. E porem os nossos porq̃ vião que a frota dos imigos era muy grande: & que no mar largo os cercarião & tratariã mal, por serem poucos/ não quiserão passar auante: & tambẽ por ser tarde, & não terem ainda comido/ & estarem fracos. E vendo os immigos que os não seguião fizeranse ao mar: & os nossos se tornarão a Malaca, onde desembarcarão a tempo q̃ os da cilada começauão ô sayr pera tomar

a fortaleza, & pera iſſo vinhão todos ajuramentados/per juramento que fizerão a el rey de Bintão/ que ou eles auião de tomar a fortaleza ou morrerem ſobriſſo todos/ & pera ſegurança de ho comprirem como lhe eles tinhão prometido/ lhe deixarão ſuas molheres & filhos em penhor. E ja a eſte tempo os noſſos erão ſaydos da fortaleza á pouoação dos da terra q̃ eſtaua alem da ponte/ & repartiranſe polas bocas das ruas/ em q̃ muyto de preſſa aſſeſtarão algũs tiros dartelharia com q̃ impedirão aos immigos que não chegaſſem á fortaleza: & niſto chegarão os noſſos que hião do mar, & ajuntaranſe coeles & teuerão os immigos que não paſſaſſem, & ajudauãnos os da terra que ſe ajuntarão logo coeles/ & deixaranſe ali eſtar porque vião q̃ ſenão afaſtarião os imigos como homẽs que todauia determinauão de romper. E aſſi era/ porque eſperauão por mais gente, que chegou aquela noyte cõ muytos alifantes, & cometerão a noſſa tranqueira que eſtaua daquela banda ao longo do mar: o que os noſſos virão por fazer lũarmuy claro/ aſſi os que eſtauão em terra como outros que andauão em bateys armados ao longo da terra. E aſſi hũs como outros começarão de tirar com ſua artelharia/ que deſparou nos alifantes que eſtauão diante: que eſpantados do eſtrõdo das bombardadas & cõ medo delas fizerão volta muyriſo ſem os ſeus ayos os poderem ter: & em voltando tomarão tão deſupito os que lhe ficauão detras q̃ derribarão muytos deles & os trilharão/ & arrebentarão: paſſando por cima deles/ & ficauão tantos mortos & aleijados que era paſmo, & ſe os noſſos forão mais que poderão ſair a eles matarão muytos ſẽ conto/ mas por ſerem poucos não quiſerão que ſaiſſem, que eles bem ſe conuidauão pera iſſo. E coeſta perda deixarão os immigos de cometer aquela vez os noſſos, não porem que ſe afaſtaſſem de ſua viſta/ & ſete dias com ſuas noytes tornarão a cometer os noſſos/ que a tanto ſe eſtendia ho termo em que eles tinhão jurardo a el Rey de Bintão que tomarião a noſſa fortaleza/ que todos quantos ali pelejauão tinhão iſto jurado. E os noſſos ho fizerão tão eſforçadamente ajudando os noſſo ſenhor q̃ aqui ſupria com ſua miſericordia, que ſempre os fizerão afaſtar, & por derradeyro fugir deſbaratados ficando deles muytos mortos, & indo muytos feridos, & dos noſſos não morreo nenhũ. E não aproueitando nada eſte ardil/ tornouſe el rey de Pacem muyto triſte pera el rey de Bintão: E por vingança ja que não podia empecer aos noſſos em outra couſa mandou matar algũs que eſtauão tratando em Pacem/ por onde ſe ſoube que ele era leuantado. E porem el rey de Bintão não deixou por iſto de fazer guerra aos noſſos & cozrerlhe com ſua frota que continuamente trazia por mar & daualhe aſſaz de fadiga, & a mór era dos mantimentos quelhes tolhia.

¶ Capitolo.xlvij. De como Duarte de melo capitão mõr do mar de Malaca foy com outros capitães sobre a trãqueyra de Duar ta tomou. E de como dom Alleixo mandou dom Tristão de meneses a Maluco assentar amizade com os seus reys.

ESTando a cousa neste estado / deu nosso senhor maneyra aos Portugueses pera tomarem esta tranqueira de Duar, de que lhe fazião tanto dãno. E assi foy que neste tẽpo vinha da ilha Dajaoa hũ grãde senhor Jao que com sua molher ⁊ casa hia morar a Malaca, parecendolhe que da hi trataria melhor q̃ Dajaoa / ⁊ leuaua tres jũgos carregados de fazenda ⁊ de seus escrauos, que erão muytos ⁊ todos casados: que assi he costumão naquela terra como ja disse. E em indo pera Malaca foy tomado da frota del rey de Sintão ⁊ leuarãlho com sua molher, que por parecer bẽ a el rey de Sintão trabalhou por auer parte coela sẽ ho Jao ser disso sabedor / ⁊ pera ficar coela mais á sua vonta de lhe deu a capitania da frota que trazia contra Malaca / dandolhe esperança que ainda ho auia de deixar ir pera Malaca com sua casa. E cuydando ho Jao que seria assi / aceitou a capitania ⁊ seruia a ho melhor q̃ podia pera lhe ganhar a vontade que ho deixasse ir. Do q̃ el rey de Sintão estaua bẽ forta por amor de sua molher / ⁊ dilataualhe a liçença de dia em dia: o que entendendo ho Jao determinou de fugir pera Malaca / ⁊ fugio hũa noyte do Pago ôdestaua com el rey de Sintão, ⁊ acolheose em hũas lancharas polo rio abaixo / ⁊ chegando á tranqueira que se fechaua de noyte com portas chamou as goardas / ⁊ nomeãdoselhe abrirão, ⁊ ho deixarão ir cuydãdo que hia correr a Malaca como fazia outras vezes. E saido da tranqueira não tardou mea hora que chegarão certas lancharas que hião apos ele por mãdado del rey de Sintão que logo soube q̃ era fugido / ⁊ por acharem que era ja fora da tranqueira ho não quisérão seguir, ⁊ ele não parou ate Malaca ⁊ foyse pera a nossa fortaleza / ⁊ deuse a conhecer ao capitão: dizẽdolhe a causa porque hia / ⁊ contoulhe que a trãqueira não era tão forte com muyta parte da banda da terra como da banda dagoa, ⁊ que se a cometesse por terra a tomaria, ⁊ que ele mesmo iria com a gente que fosse por terra, ⁊ que obrigaua a cabeça a tomarse logo. E que foy posto em conselho, em que algũs disserão que aquilo parecia treição das que el rey de Sintão costumaua / ⁊ que se fundaria em mandar gente ou tela em cilada como auia pouco que fizera pera tomarem a nossa fortaleza em quanto os Portugueses fossem sobre a tranqueira / porque sabia que auião de ficar poucos / ⁊ pois eles erão tão doẽtes ⁊ os sãos tão poucos / que seria muyto grande perigo repartilos ẽ duas partes, q̃ senão deuia dir sobre a trãqueira senã goardarse a fortaleza del rey q̃

era o que mais importaua ate que a tranqueira se podesse tomar sem perigo: & outros disserão que se aquilo fora treição q̃ ho Jao não ousara de vir com aquele ardil/ porque tinha certo matarẽ no tanto q̃ a treição se entendesse/ & mais estãdo ele em poder dos Portugueses com quẽ queria ir por terra a dar na trãqueira/ que de necessidade se auia ỹ tomar com ajuda de nosso senhor/ porq̃ doutra maneyra não podião ser liures do trabalho q̃ padecião, porque tomandoa, logo os imigos se auião de mudar pera outra parte como costumauão / & não tinhão outra se não ho pago que ja era mais longe, & lhe darião menos opressam/ & mais que ja terião algũ folego primeyro que os immigos lá assentassem. E quanto ao perigo em que dizião q̃ ficaua a fortaleza por sea gente repartir que não irião sobre a tranqueira mais de cento & vinte dos nossos/ & os outros ficariã: que ainda q̃ não fossem todos sãos abastauão pera defẽder as estãcias aos immigos, posto que viessem & ficaria hũa lanchara esquipada pera que em vindo fossem chamar os que fossem sobre a tranqueira que por ser perto tornarião logo. E praticados estes dous pareceres & bẽ examinados foy determinado que fossem sobre a tranqueira / porque sem a tomarem não se podião despachar daquela guerra / & que não fosse lá mais que Duarte de melo com seus capitães que iria por mar com sessenta Portugueses / & quinhentos frecheiros Malayos / & por terra iria hũ fidalgo chamado Manuel falcão cõ outra tanta gẽte & iria coelho Jao, & Afonso lopez, dõ Aleixo & os autros que lá forão da outra vez ficarião ẽ goarda da fortaleza com ho resto da gente. Jsto assentado partiose Duarte de melo indo ele em hũa galé & leuaua hũ batel grande cõ quatro falcões por bãda & hũ tiro grosso por proa pera aferrar a tranqueira: & assi todos os outros capitães leuauão seus bateis & lanchuras bem artilhados & com arrombadas/ & por terra foy Manuel falcão cõ a gẽte que digo/ & partirão vespera de todos os sanctos de noyte / a horas que ao outro dia pela menhaã chegarão todos juntamente sobre a tranqueira, de que Duarte de melo desembarcou com sua gẽte obra de dous tiros de bésta/ & mandou aos bombardeiros que a varejassem dali com a artelharia, que tãbem começou de tirar cõ a sua aos Portugueses/ que nẽ por isso deixarão de desembarcar & ajuntarse com os outros q̃ hião por terra/ em que le acharão com muyto trabalho & perigo por ela ser toda alagadiça & cheа de estrepes / & auer muyta lama de grande chuua que fora na noyte passada/ & ainda então auia algũa: & os nossos não tinhão por õde ir se não por algũas veredas tão estreitas que não podião ir se não a fio / & por isso se ferirão algũs nos estrepes de q̃ morrerão por serem cruados/ & antres tes morreo ho Jao que hia cõ Manuel falcão/ que com quãto hũ seu escrauo ho leuaua ás costas não deixou de se estrepar. Coeste tama

nho trabalho & perigo chegarão á
trãqueira rompẽdo per antre muy
tos pelouros q̃ lhe vela tirauão/ &
dos primeyros q̃ chegarão forão
Manuel falcão, & Antonio lobo fal
cão seu sobrinho/ & Manuel falcão
foy logo ferido de hũa bõbardada
q̃ lhe espedaçou hũa perna/ & cayo
ao pé de hũa palmeira quasi morto,
& os nossos ficarão sem capitão/
porque Duarte de melo ficaua com
a sua gẽte detras da de Manuel fal
cão q̃ quando desembarcou ja ho a
chou diante/ & por ser a terra tão a-
pertada ficou detras, & caindo Ma
nuel falcão da maneyra q̃ digo, hũ
João fernandez de Santarẽ escri
uão da nao de dõ Aleixo que se ali a
certou disse a Diogo pacheco q̃ hi
estaua. Señor pois ho capitão he fe
rido/ & vedes ho perigo em que esta
mos façamos corpo cõnosco & day
Santiago na tranqueira, porque se
tardarmos matarnos hão estes ti
ros/ & ele disse q̃ não queria tomar
aq̃le cargo pois ho nã derão: porẽ
q̃ desse Sãtiago & q̃ pelejaria como
lascarim. E dizẽdo isto ajũtaranse
coele Manuel pacheco seu irmão/
Antonio lobo falcão/ Diogo bran
dão do Porto, João guedez dõ Sã
tarẽ/ João fernandez/ & todos jũ
tos na dianteira da outra gente re-
meterão á tranqueira com q̃ ja os
nossos nauios estauão á bateria, & t
começouse hũa muy to braua & mui
ferida peleja, porq̃ dambas as par
tes erão os pelouros tão bastos q̃
se não enxergaua nada cõ ho fumo
da artelharia/ & as espingardadas
não tinhão cõto, & as frechas/ assi
darco como dzarauatanas cobriã
ho ár/ & ho chão cuberto de sangue
dos feridos. E assi durou a peleja
bẽ duas horas, porq̃ os imigos de-
fendianse como homẽs q̃ querião
antes morrer q̃ perder ho lugar em
q̃ estauão, & soubese q̃ durando assi
ho cõflito da peleja/ hũ valẽte mou
ro chamado çançarnã dera ja disse
ao seu capitão q̃ da outra vez q̃ os
nossos vierão sobre a tranqueira q̃
ele pelejara muy to valentemente/ &
q̃ a ele capitão se dera toda a hõrra
& a elenão, q̃ se auia de saluar ẽ quã
to tinha tempo & q̃ ele morreria. E
acabãdo de dizer isto fugio, & pare
ce q̃ adiuinhou a morte do capitão,
porque em pouco espaço despois de
sua fugida foy morto de hũa espin
gardada q̃ lhe tirou hũ dos nossos
chamado Gonçalo fernandez gan
cho/ & ele morto os seus se desbara
tarão & fugirão, & a trãqueira ficou
em poder dos nossos cõ grãde mor
tindade dos imigos & antreles fo
rão mortos quasi trezentos rasas
que sam homẽs como antrenos cõ
des ou outros senhores de titulo q̃
hião dar socorro a elrey de Bintão
& forão catiuos muytos com hũ
filho delrey de Sião que hi estaua
tambem ajudando a elrey de Bin
tão. E despois deste ser conhecido
ho mandou ho capitão a seu pay
que mandou por isso hũ jũgo car-
regado de mantimentos com que
se os Portugueses restaurarão. E
vendose Duarte de melo com a-
quela vitoria seguio auante com
proposito de ir ate ho Pago on-
de estaua elrey de Bintão que era
dali trezelegoas/ & deitalo fora/
& a quatro ou cinco legoas pelo

rio acima achou ho tão entulhado & atrauessadas nele tantas aruores que os immigos tinhão lançado a este fim que nunca pode passar/ & por isso se tornou, & mandou destruyr de todo aquela fortaleza em que achou sessenta tiros ẽcepados & outras muytas armas. E coeste despojo & muyto grande vitoria se tornou pera Malaca, onde foy recebido com grande solẽnidade. E com tudo el rey de Bintão não desistio da guerra que fazia a Malaca, & sempre lhe corria sua armada que de cada vez era mais poderosa, & ele fez outra fortaleza no Pago ôdestaua: & dali fazião tambem por terra os saltos que dantes fazião. E despois desta vitoria de Auarsa em Dezembro despachou dom Aleixo dom Tristão de meneses/ & mãdou ho a Maluco no nauio Santiago em que Jorge mazcarenhas viera da China/ & deulhe cartas del rey de Portugal/ & presentes pera os reys das ilhas de Maluco que fossem seus amigos & lhe deixassem ter trato em suas terras pera auer ho crauo que lá auia. E despachado dom Tristão partiose dõ Aleixo pera a India em Dezembro do anno de mil & quinhentos & dezoyto.

¶ Capitolo. lxviij. Do que aconteceo em Malaca despois da partida de dom Aleixo de meneses.

Coele se foy a mayor parte da gente que estaua em Malaca por saberem que estaua muy escandalizado Dafonso lopez da costa, que por ser de forte condição se soltara em falar cõtra ele algũas cousas em sua ausencia: o que ele sabia, & por isso lhe não deu muyto da gẽte que se foy coele. Do q̃ pesou grãdemente a Afonso lopez por quão pouca lhe ficaua ficádo de guerra, & era tão pouca que por conto não chegauão a mais de setenta Portugueses. O que logo soube el rey de Bintão/ & determinando de tomar a fortaleza & a nossa povoação mandou cometer pazes a Afonso lopez, & tão desapegadamente que se gastarão algũs dias sem auer cõcrusam/ & os embaixadores del rey hião muytas vezes com embaixadà a Afonso lopez q̃ de de cada vez que hião os mandaua saluar com a artelharia da fortaleza em que se gastaua muyta polvora que despois fez grande mingoa. E nestes dias destas embaixadas fez el rey mil & setecentos homẽs, & por mar hũa armada de oytenta & cinco lancharas: & como quer que as embaixadas andauão sobre pazes parecia a Afonso lopez que a cousa estaua segura. E esperando hũ dia polo embaixador del rey de Bintão pera se tomar concrusam nas pazes/ & q̃ aparece na propria manhãa a armada que digo cõ quinbentos homẽs que derão logo no porto & poserão fogo a duas naos de mercadores que hi estauão & a hũa galé nossa desemmasteada sem lhe os nossos poderem acodir por ser a maré vazia & sem ela não poderem nadar os nossos nauios pera irem ao porto. E estando os nossos da banda do mar ouuirão hũa grãde grita no sertão

da parte da nossa pouoação q̃ está junto da fortaleza. E esta grita dauão mil ⁊ duzentos dos immigos que hião por terra cometer a cidade com muytos alifantes armados: ⁊ repartidos em duas partes auia de cometer hũa a pouoação grande ⁊ outra a pequena que era a nossa/ com que Afonso lopez ficou muy agastado por os nossos serẽ tão poucos como disse: ⁊ por isso ⁊ por não saber se os da terra lhe terião ordenada algũa treição não ousaua de sayr da fortaleza em pessoa pera pelejar com os immigos que não lhe falecia esforço pera isso: posto q̃ os seus erão poucos. E com tudo por mostrar aos immigos que os não temia / ⁊ que ho soubesse tambem a gente da terra/ mandou a hũ Fernão de lemos que com dez dos nossos se fosse á entrada da ponte ⁊ acodisse á pouoação grãde, ⁊ a hũ Frãcisco fogaça mandou que acodisse com doze pela parte da nossa pouoação/ ⁊ assi hũs como os outros cõ quanto virão a demasiada auantajem que lhe os immigos tinhão determinarão de pelejar coeles esperãdo que Afonso lopez os socorresse/ ⁊ esperãnos com muyta ousadia, ajudando os tambẽ a gente da terra que logo acodirão ho Bẽdará ⁊ ho Lascar cõ seus piães, ⁊ os imigos se forão emburilhar coeles ás frechadas ⁊ azagayadas, ⁊ começouse hũa peleja muy trauada. E vendo Afonso lopez como a gẽte da terra era em ajuda dos nossos acodiolhe com a gente que lhe ficaua leuando diante dous berços encarretados com que fizerão muyto grande dãno nos immigos / matando muytos por andarem juntos / ⁊ coisso os fizerão afastar: ⁊ os nossos tambem se retirarão obra dũ tiro de pedra pera a fortaleza. E como neste tempo começou dencher a maré, mandou Afonso lopez a Duarte de melo capitão mór do mar que acodisse ao porto, ⁊ apagasse ho fogo q̃ andaua ateado nas naos, ⁊ deulhe trinta homẽs que se repartirão por cinco lancharas ⁊ hũ bragantim, hũ batel grande de que erão capitães a fora Duarte de melo/ Francisco fogaça/ dom Rodrigo da silua, Diogo mendez, Fernão figueira/ Carlos carualho, ⁊ Grauiel gago/ ⁊ cõ tão pequena armada pera camanha era a dos immigos com a esperãça em nosso senhor se forão chegando a eles dãdo grandes gritas de prazer por parecer que os não temião. E chegando a tiro de berço começa de desparar a artelharia dũ cabo ⁊ do outro/ ⁊ acertou que em a lanchara de Grauiel gago tirãdo a primeyra bombardada selhe acẽdeo fogo na poluora com que abrio a lanchara ⁊ se foy supitamente ao fundo, ⁊ quantos ãdauão nela dos nossos se afogarão por estarem armados. E durãdo a peleja foy morto Diogo mendez capitão doutra lanchara de hũa bombardada que lhe leuou a cabeça, ⁊ por derradeyro os nossos ho fizerão tão esforçadamente que deitarão os immigos fora do porto, matando algũs. E desacupado ho porto apagarão ho fogo que andaua nas naos ⁊ na galee. E assi acabou a peleja daquele dia no mar ⁊ na terra/

& com quanto os immigos se retirarão não se forão de todo, porq̃ era sua determinação de tomar a fortaleza, & posto que pola primeyra não leuassem ho melhor dos nossos nẽ por isso cessarã de sua empresa, porq̃ como erão muytos & os nossos poucos parecialhes q̃ os vencerião por derradeyro, & que por poucos que matassem os enecarião. E por isso os da terra assẽtarão suas estãcias hũ pedaço da cidade onde se recolherão, & os do mar surgirão jũto de hũa ilha perto do porto a cuja sombra esteuerão: & como foy menhaã tornarão a cometer os nossos por mar & por terra, & pelejarão coeles ate as dez horas do dia que se recolherão a suas estancias/ & tornarã a pelejar da vespera ate a noyte. E isto fizerão dezasete dias continos em que derão muyto grande o pressam & trabalho aos nossos/ q̃ milagrosamẽte saluou nosso señor de serem todos tomados segundo andauão cansados/ & feridos & desuelados de não dormir/ porq̃ vigiã não cõ medo que os imigos os não tomassem/ & de que sempre leuarão a vitoria pola piedade de nosso señor. E cuydando os immigos do mar q̃ acabo de tanto tempo não estarião os da nossa armada pera lhe resistir, os quiserão aferrar/ & acharão neles tão poderosa resistẽcia como se aquele fora ho primeyro dia da peleja: & por isso nã quiserão mais brigas coeles, & fugirão que não tornarão mais, & ho mesmo fizerão os da terra, de que morrerão nestes dias muytos, q̃ dos do mar acharão por conta que forão duzentos, & quinze q̃ achabarão soterrados na ilha em que se acolhião/ & dos nossos não morrerão mais de quinze ẽ todas estas pelejas. E com quanto el rey de Bintão soube quão pouco nojo os seus fizerão aos nossos nã desistio da guerra, & foyse assentar em hũ lugar q̃ se chamaua Pago donde a fazia de cada vez mayor assi por mar como por terra.

Aqui faz fim ho quarto liuro da historia da India. E segueſe ho quinto no tempo q̃ a gouernou Diogo lopez de sequeira.

Liruo quinto da historia do desco

brimento & conquista da India pelos Portugueses no tempo que a gouernou Diogo lopez de sequeira por mandado do inuictissimo rey dom Manuel de gloriosa memoria.

Feyto per Fernão lopez de castanheda.

¶Capitolo.j. De como Lopo soarez entregou a gouernança da India a Diogo lopez de sequeira & se partio pera Portugal.

REformada a amizade ãtre ho gouernador Lopo soarez & el rey de Ceilão desembarcou ho gouernador & apousentousse em hũa têda de dentro da nossa tranqueira, & têdo quasi acabada a fortaleza que seria na fim de Nouembro, chegou dom João da silueira de Bengala dõde partio como disse, & o gouernador lhe deu a capitania da fortaleza, & por ser ainda mancebo deu a capitania mór do mar a Antonio de miranda dazeuedo homem antigo na India & que sabia bẽ da guerra, & deu lhe hũa armada cõ que andasse naquela parajem pera goarda da fortaleza, como pera fazer presas nas naos de nossos immigos. E isto assi ordenado partiose o gouernador pera Cochim com determinação de fazer em Coulão outra fortaleza por ter licença do rey de Coulão pera fazer hũa casa forte, & ter prazme da raynha pera coeste nome de casa forte lhe deixar fazer hũa fortaleza por peita que por isso lhe auião de dar. E ho gouernador cessou desta determinação por saber que era chegado Diogo lopez de sequeira por gouernador, & prosseguio pera Cochim, onde foy recebido cõ muyta honrra de Diogo lopez de sequeira que foy coele ate a fortaleza, & dali por diante ho visitaua muytas vezes: & não quis entẽder em nada da gouernança da India em quanto Lopo soarez esteue nela saluo em repartir os nauios, & despachou Joã gomez cheira dinheiro pa as ilhas de Maldiua, onde elrey de Portugal mandaua que fizesse hũa fortaleza & fosse capitão dela. E porque sabia que Baticalá estaua leuãtado mandou a dom Afonso de meneses em hũa galé darmada que fosse surgir sobre a barra de Baticalá, & lhe tomassem as naos q̃ saissem de dẽtro: & ho mesmo mandou a Christouão de sousa q̃ fosse fazer a Dabul, q̃ foy em hũa galé por capitão mór de Ruy gomez dazeuedo & de Lourenço godinho que hião em duas caruelas, & mandoulhe que fosse por Goa & tomasse duas fustas das q̃ lá estauão: & por rogo d̃ Lopo soarez sentenceou Diogo lopez ho feyto da justiça contra Geronimo doliueira que matou dom Aluaro da silueira como ja disse, & foy degolado. E feyta a carrega das naos en-

tregou Lopo soarez a India a Diogo lopez de sequeira per hũ estormẽto publico/ declarando a gente que ficaua nas fortalezas/ & as peças dartelharia. E isto feyto partiose Lopo soarez pera Portugal, onde chegou a saluamento.

¶ Capit. iij. De como ho gouernador tornou el rey de Baticalá aa obediencia del rey de Portugal.

PArtido Lopo soarez ho gouernador se partio pera Goa em Janeyro de mil & quinhẽtos & dezanoue deixãdo por capitão de Cochim hũ fidalgo seu sobrinho chamado Antonio correa em quãto Aires da silua não vinha ô Malaca, & tirouba a Lourenço moreno, & leuou toda a armada da India, & de caminho visitou as fortalezas de Calicut & de Cananor/ & foy ter com dom Afonso de meneses que estaua sobre a barra ô Baticalá, cujo rey sabendo que ho gouernador ali estaua foy o seu medo tamanho de ho destruyr & q̃ logo lhe mandou pedir perdão do leuãtamento passado, & pedirlhe que ho tornasse a receber por vassalo ôl rey de Portugal, porq̃ estaua prestes pera pagar ho tributo que dantes pagaua, & mais pagaria tantos mil pardaos pera os gastos da armada. E ho gouernador foy contente, & assi se fez: & isto feyto partiose pera Goa.

¶ Capit. iiij. De como Christouão de sousa foy darmada sobre Dabul: & do que lhe á aconteceo.

PArtido Christouão de sousa pera Dabul foy ter a Goa onde pedio a Ruy de melo que estaua por capitão na vagare de dom Goterre que lhe desse as duas fustas que ho gouernador mandaua, & dãdolhas tornou a sua viagẽ pera Dabul/ & por ser ja tarde achou os nozoestes muy riios q̃ lhe erão por dauante/ & ho não deixauão surdir indo alamar: & por isso & por a caravela de Ruy gomez ser zorreyra deu a longa, porque cõ ho emparo da terra lhe pareceo que não fossem os ventos tão riios. E com tudo a caravela de Ruy gomez não pode ter coele nẽ cõ as outras velas & ficou a tras. E indo Christouão de sousa assi soube que dẽtro no rio de Citapor estaua carregando hũa nao de mouros nossos imigos posse na boca do rio/ & mãdou a hũ capitão dũ Catur que leuaua em sua conserua que fosse tomar a nao. E vendo ho os mouros que a carregauão entrar dẽtro no rio fugirão pera terra & deixarão a nao só/ & ho capitão do Catur a atoou & aleuou a Christouão de sousa/ q̃ metendo nela quẽ a goardasse a leuou em sua conserua/ & daqui leuãdo sua rota abatida foy surgir na barra de Dabul, onde soube por algũs da terra que lhe forão vender refresco, que em quanto se deteuera em Citapor a tomar a nao passara Ruy gomez & fora ter a Dabul, onde lhe logo sayrão as fustas. E estãdo coele as bombardadas se lhe acendera ho fogo na sua polvora cõ

que a caravela foy toda queimada & quantos estauão nela saluo hũa molher Portuguesa que os mouros catiuarão: & que auería sete ou oyto dias que aquilo acontecera. ❧ Q̃ Christouão de sousa creo por achar ainda algũa madeyra da caravela/ & ficou muyto triste por aquele desastre/ & quiserase vingar dos mouros se lhe sayrão, mas nũca ousarão/ nem ele não foy buscalos por estarem muyto dentro do rio. E auẽdo obra de doze dias que aqui estaua forão os ventos tantos & tão bravos que não podendo ele nem os outros sofrer a amarra lhe foy forçado arribarem a hũa enseada chamada dos Malabares que era abrigada pera estar hi ate amainar aquele vento, & hi queimou hũa povoação por ser õ nossos imigos. E amainãdo ho vẽto da hi a algũs dias se tornou a Dabul/ onde soube que em quanto esteuera na enseada dos Malabares encalando ho vẽto chegara hũa nao de Cananor em que hia por capitão hũ escriuão da nossa feytoria que leuaua fazẽda del rey de Portugal pera se vender em Cambaya (& esta passou de noyte pola enseada onde estaua Christouão de sousa & por isso a não vio) & chegando defronte de Dabul lhe sayrão as fustas & meterãna no fundo com bombardadas. E vendo Christouão de sousa que ho dãno que as fustas fazião hia em crecimẽto/ determinou dentrar no rio & vingarse, & porque não tinha mantimentos os foy tomar a Chaul aa nossa feytoria onde estaua por feytor hũ Diogo paez/ & em tornãdo dela pera Dabul quis dar em Calaci hũ ugar de mouros cinco legoas dele por ser de sua jurdição/ & estaua metido por hũ rio acima obra de mea legoa. E chegando á foz do rio deixou ali a galé & a caravela surtas por não poder ẽnadar nele, & ẽtrou no Catur fustas & bateys em q̃ lenaria ate cento dos nossos/ & chegou ao lugar tres horas ante manhaã/ mas fazia hũ lũar tão claro que parecia dia. Os immigos tanto que sentirão os nossos fugirão logo/ & a rezão de os sentirẽ tão asinha foy porque esta gẽte a mór parte da noyte anda acordada: os nossos seguirão hũ pouco a pos os immigos & deixarãnos por ser noyte, & tornaranse a queimar ho lugar q̃ era grãde & auia nele muytas mezquitas/ & queimarão todo despois de ho roubarẽ/ & assi duas naos que hi estauão varadas. Jsto feyto recolheose Christouão õ sousa á praya pera se embarcar, & hi esperou por algũs marinheiros q̃ ainda ficauão roubando. E estando assi esperando soo breueo hũ Tanadar dũa tanadaria dali a duas legoas, & sabẽdo do dia dãtes que os nossos estauão na foz do rio õ Calaci bialhe socorrer & leuaua trezentos piães Canarins todos frecheiros/ & em os nossos os vendo aluoraçaranse muyto/ & disserão a Christouão de sousa que fosse pelejar coeles, do que ele foy cõtente/ & assi pera isso como pera recolher os marinheiros que lhe ficauão no lugar abalou logo pa eles, & eles mostrando muyto esforço ho sayrão a receber/ & ho cercarão por diante & polas ilbargas tirãdo fre-

chadas sem cõto: Christouão d̃ sousa porq̃ lhe não frechassẽ os seus estando jũtos mãdou os espalhar da mesma maneyra q̃ se os ĩmigos espalhauão, posto q̃ lhe algũs disserão q̃ melhor seria apinhoarẽse ꝑa hũa parte ⁊ ficarẽ os ĩmigos descubertos á nossa artelharia q̃ lhes tirasse do rio q̃ os despachasse logo: ⁊ Christouão de sousa não quis / parece q̃ por de desejar de pelejar. E espalhados os nossos / trinta espingardeiros ⁊ algũs bẽsteiros q̃ auia antreles desfecharão nos ĩmigos ⁊ fizerãnos afastar, ⁊ os nossos se começarão d̃ recolher espalhados como digo, ⁊ tãto q̃ quasi senã vião hũs aos outros. E os ĩmigos q̃ virão este descõcerto acodirão logo sobreles apertãdo os muyto cõ frechadas ⁊ ferindo dessa gẽte baixa q̃ hia mal armada, q̃ cõmeçou d̃ fugir cõ menos cõcerto do que leuauão: sem Christouão de sousa nẽ os outros capitães os poderẽ ter, ⁊ vẽdo ele isto deixouse ficar cõ os ĩmigos, ficãdo coele Frãcisco de sousa tauares ⁊ outros principaes ⁊ fazião volta aos ĩmigos pera os deter, ⁊ eles se retirauão pera os cansar, ⁊ despois voltauão sobreles. E assi forão ate a praya voltãdo hũs aos outros bẽ q̃tro vezes em q̃ a peleja foy bẽ ferida assi dũa parte como doutra: ⁊ tã perfiada q̃ em chegarẽ os nossos á praya gastarão bẽ tres horas, ⁊ cõ os feridos q̃ se hião embarcar ⁊ cõ os outros q̃ fugião se desfizerã os nossos tãto q̃ nã chegarão cõ Christouão de sousa á praya mais q̃ ate trinta homẽs / ⁊ ainda aqui da pertado dos ĩmigos senã achou mais q̃ cõ dez pera sembarcar de q̃ hũ era Frãcisco de sousa tauares, ⁊ aqui passou Christouão de sousa grãde perigo, ⁊ esteue q̃si ꝑdido porq̃ erão ja ẽbarcados todos os nossos senã ele cõ os dez q̃ digo, ⁊ a maré ẽchia ⁊ daualhes a agoa pola cinta / ⁊ os ĩmigos chouião frechas sobreles / ⁊ coesta fadiga q̃si q̃ nã podião ajudar a ẽbarcar Christouão de sousa q̃ ho não podia fazer sem ajuda por ir armado em hũ arnes inteiro / ⁊ era necessario tomarẽno ẽ peso pera ho meterẽ no batel / ⁊ os ĩmigos nã dauão vagar pera isso. E vẽdo eles o q̃ os nossos tinhão em ho fazer ⁊ cuydãdo q̃ nã auia quẽ lhe resistisse meteranse pola agoa, ⁊ chegauanse aos bateys ⁊ ás fustas lãçãdo mão dos remos ꝑa os tomar: ⁊ quis d̃s q̃ a este tp̃o estaua ja Christouão de sousa embarcado ⁊ os outros q̃ ho ajudarão, ⁊ vẽdo a ousadia dos ĩmigos mãdoulhes tirar cõ a artelharia / de q̃ logo fugirão ficãdo muytos mortos / ⁊ dos nossos morreo hũ bõbardeiro ⁊ forão feridos trinta. Feyto isto porq̃ Christouão de sousa trazia por regimẽto do gouernador q̃ ate a ẽtrada de Janeyro fossẽ em Goa as duas carauelas q̃ leuaua pera irẽ cõ Antonio de saldanha a Ormuz / mandou a Lourẽço godinho q̃ se fosse / ⁊ ele ficou com a galé / fustas ⁊ catur, ⁊ cõ tão pouca gẽte q̃ não era nada ꝑa a das fustas de Dabul q̃ era muyta ⁊ elas bẽ artilhadas foysea Dabul ⁊ surgio na barra, õde achou João gõçaluez d̃ castelo branco q̃ por mãdado de Lopo soarez estaua ẽ goarda dela com tres fustas / ⁊ per hũa carta que lhe

Christouão de sousa deu gouernador se partio pera Goa.

¶ Capit. iiij. De como ho gouernador despachou certos capitães pera diuersas partes.

DE Baticalá se foy ho gouernador a Goa, donde mãdou Antonio de saldanha capitão mór do mar cõ hũa armada ao cabo d goardafum a fazer presas, & a saber se estauão os rumes ẽ Judá pera os yr buscar como trazia por regimento. E sabẽdo aqui como fora queimada a caravela de Ruy gomez dazeuedo & metida no fũdo a nao de Cananor, parecẽdolhe q̃ fora por culpa de Christouão de sousa ho mandou logo chamar por Antonio raposo capitão dũ nauio cõ quẽ mandou João gõçaluez d castelo brãco q̃ auião de ficar ẽ Dabul, & por ser ja ẽtrada d inuerno q̃ndo chegarão não foy necessario ficarẽlá, & tornaranse cõ Christouão d sousa a Goa dõde se forão a Cochi por ja lá estar ho gouernador. A q̃ Christouão d sousa mostrou como não tinha culpa na caravela nẽ na nao: & por isso ho gouernador lhe pedio perdão d ho mãdar assi vir de Dabul. E por q̃ ho gouernador foy auisado q̃ em Coulão auia algũ aluoroço d guerra por hũa fortaleza q̃ hi queria fazer ho feytor Eytor rodriguez, mãdou lá João gõçaluez d castelo brãco cõ tres fustas darmada, & q̃ não auẽdo q̃ fazer ẽ Coulão fosse fazer presas ao cabo de Goardafũ & tornasse a inuernar a Cochi: assi por ho gouernador saber de dõ Aleixo de meneses, & de fernão perez dãdrade, & doutros fidalgos q̃ chegarão de Malaca ho aperto em q̃ ficaua cõ a guerra del rey de Bintão q̃ era necessario mãdarlhe socorro: determinou delho mãdar por Antonio correa filho Daires correa que foy morto ẽ Calicut ẽ tempo d Pedraluarez cabral, a que tinha dada hũa viagem pera a China, & q̃ de caminho iria por Malaca. E por neste tẽpo lhe mostrar Simão vandradehũ aluara del rey per q̃ mandaua q̃ querẽdo ele ir á China despois de vir delá fernão perez seu irmão q̃ fosse. Não deu ho gouernador esta ida da China a Antonio correa, & se não a de Malaca somẽte, & a ida da China deu a Simão vãdrade a que despachou logo, & se partio em hũa nao: & apos ele partio em outra hũ fidalgo chamado Garcia de sá com gẽte em socorro Dafonso lopez dá costa: & despois mãdou ẽ hũa armada de tres velas por capitão mór a Antonio correa, a q̃ deu em regimẽto q̃ de cercada Malaca fosse assentar pazes cõ el rey de Pegũ, & das tres velas forão capitães, ele ẽ hũa nao, Antonio pacheco ẽ hũa caravela que leuaua a capitania mór do mar d Malaca, & hũ Frãcisco desẽ q̃ira ẽ hũ bargãti. E nesta armada q̃ partio de Cochi a seys d Mayo forão cẽto & cicoẽta Portugueses.

¶ Capit. v. De como a raynha de Coulão deu consentimento pera se fazer fortaleza.

DEsejãdo Lopo soarez no tẽpo q̃ gouernaua a India de fazer hũa fortaleza em Coulão, ouue licença

del rey de Coulão pa fazer hũa casa forte em que a fazenda del rey de Portugal estouesse segura, porque honã estaua na casa q̃ estaua feyta. E esta licẽça ouue cõ determinaçã de cõ nome de casa forte fazer hũa fortaleza, porq̃ tinha pera isso consetimẽto de Alepãdari: q̃ assi se chamaua a raynha õ Coulão, & coeste fundamẽto tornaua õ Ceilão (quãdo lá foy fazer a fortaleza) se não achara certeza õ ser chegado por governador da India Diogo lopez õ sequeira, q̃ auisado por Eytor rodriguez feytor de Coulão do q̃ passaua a cerca da fortaleza, lhe deu comissam pera q̃ por hũ aluara prometesse á raynha tres mil rajas q̃ sam moedas da terra q̃ val cada hũa trita & tres fs & hũ terço em q̃ pola valia da nossa moeda se mõtauão cẽto & trinta & dous mil fs, & a Chanei pulá seu governador & muyto grãde priuado mil fanões de Cochi q̃ val cada hũ desasseys fs, em q̃ pola moeda portugueza mõtão desasseis mil fs: & isto porq̃ dessem consentimẽto pa se fazer a fortaleza, & algũa desta copia lhes auia logo de ser paga/ & a outra despois da fortaleza acabada: & isto porẽ sẽ ser feyta guera aos Portugueses/ nẽ por el rey de Comori, nẽ pola raynha & seus filhos/ nẽ menos por ela raynha de Coulão. Do q̃ ela foy muyto cõtẽte/ offrecendose cõ seus pulás a morrerẽ cõ toda sua gẽte sobre se a fortaleza fazer & darẽ pera a edificação ũa toda a ajuda q̃ podesse ser/ posto q̃ sabião q̃ auião de nos fazer nisso muyto ao rey grãde de Coulão, & cobrar por imigos ho rey de Comori & a raynha & seus filhos: & porem q̃ lhes nã daua nada disso por seruirẽ a el rey de Portugal por cujos vassalos & seruidores se tinhão como se propriamẽte forão Portugueses. E pera mayor segurança a mesma raynha por sua pessoa entregou Eytor rodriguez a hũs tres irmãos Nayres q̃ morauão ao derredor dõde auia õ ser a fortaleza que viuião cõ a raynha de Comori, & erão grãdes senhores & punhão em cãpo seys cẽtos Nayres de peleja, & ho mais velho auia nome Vnirey pulá, ho meão Balapulá goripo, & o mais moço se chamaua coulégori po. E estes todos tres tomarão sobre si ho feytor & prometerão de ho ajudar em q̃nto podessem: & Eytor rodriguez se cõcertou muyto secretamẽte cõ Vnirey pulá q̃ ho ajudasse, & q̃ em q̃nto durasse a obra da fortaleza lhe daria cada dia hũa raja. E sendo ho governador auisado õ tudo per Eytor rodriguez, lhe deu comissam pera q̃ começasse a obra. E como ẽ Coulão foy sabido q̃ se auia de começar, foy cousa despãto ho rumor & alvoroço q̃ se leuãtou, assi antre os mouros como ãtre os gẽtios: aq̃xãdose todos disso. E el rey õ Comori & sua irmaã a jũtarão muyta gẽte, dizẽdo q̃ era pairẽ sobre Eytor rodriguez, & o matarẽ cõ q̃ntos estauão coele. E sendo ho governador auisado õste alvoroço mãdou lá como disse a João gõçalvez õ castelo brãco por capitão mór de tres fustas ẽ socorro: mas nã foy necessario porq̃ a raynha de Coulã & Chaneipulá erão tão verdadeyros seruidores del rey õ Portugal

& deseiauão tão to seu seruiço q̃ apazigoarão tudo, & a raynha ỹ Comorim cessou de sua furia, cõ quão to ficou ẽ grande odio cõtra os nossos. E vẽdo João gõçaluez como ali nã auia q̃ fazer foyse ao cabo ỹ Comorim, dõde sẽ fazer nenhũas presas se tornou a Cochim.

¶ Capit. vj. De como Eytor rodriguez de Coimbra começou ỹ edificar a fortaleza de Coulão.

Pacificandose mais a cousa ỹ terminou Eytor rodriguez de começar sua obra: & encomẽdãdo se a nosso senhor, ho mais dissimuladamente q̃ pode começou hũ dia dabrir os aliceces dãdo ele as primeyras enxadadas, & ajudãdo ho Christouão de bairros & Duarte varela seus gẽrros, & assi hũ Luys Aluarez q̃ estaua por capitão ỹ hũa galé, & Gaspar ferraz & Afonso ferraz seu irmão, & ho padre Frãcisco aluarez vigairo da igreja ỹ sã Thome, & outros q̃ per todos fazião numero de vinte sete Portugueses & dous pedreyros da terra, & quãdo dous mil Naires q̃ ali tẽ ho rey grãde de Coulão (pera cõseruação do estado da terra) virão os grãdes aliceces q̃ abria Eytor rodriguez tornaranse a aluoroçar, dizẽdo q̃ erão pera fortaleza & não pera casa, pelo q̃ ele os mãdou atupir & ficarão mais estreitos, pozẽ de largura de dez palmos, & assi como hia abrindo assi hia fazendo a parede da cerca da fortaleza q̃ fez de cõprimẽto doytẽta & cinco palmos & de largura de setenta & cinco, & tẽdo a parede daltura dũ homẽ: assẽtarão os nayres del rey ỹ Coulão q̃ tamanha cerca não era sena pera fortaleza, & aqueixaranse disso á raynha de Comori pozq̃ tinhão a de Coulão pozsospeita nas cousas dos Portugueses, a quẽ se queixou logo a raynha ỹ Comorim, dizẽdo q̃ ho não auia de sofrer, & mãdou a sua gẽte q̃ se posesse ẽ armas. O q̃ sabido por Eytor rodriguez nã quis ir cõ tamanha obra auãte, por apacificar a gente & não ter dõde se defendesse se lhe fizessem guerra, & atalhou ho vão da cerca cõ hũa parede ficãdo a hũa parte a casa da feytoria, & a outra a fortaleza, com q̃ prosseguio auãte, dizẽdo q̃ era a casa da feytoria. Porem os Naires del rey de Coulão, nẽ a raynha de Comori & seus dous filhos não asseseguauão nẽ perdião os ciumes q̃ tinhã daquilo ser fortaleza, & hora lhe tolhião os pedreiros, hora os cauouqiros: outras vezes se ajũtauão pa irẽ sobre Eitor rodriguez, & ỹ tudo ho auisaua a raynha de Coulão & seus pulás, apressando ho, q̃ se posesse na mayor altura q̃ podesse: pozq̃ lhe parecia q̃ auião os imigos de pelejar coele. E ele ho fazia assi, encomẽdandose sempre a nosso senhor de quẽ era muyto amigo q̃ ho ajudou ate poer hũa torre no primeyro sobrado. E por ser auisado q̃ dia de Pascoa auião os imigos de pelejar coele destapou ẽtão as bõbardeiras q̃ ateli tenera carradas por não ẽtẽder ẽ que era fortaleza, & assestou nelas sua artelharia. E recolhido dentro na torre cõ a gente q̃ digo, amanheceo assi dia

de Pascoa: o q̃ deu tamanho espãto aos imigos q̃ não ousarão de ho cometer cõ medo da artelharia: do q̃ a raynha de Coulão ꝛ seus pulás ficarão muyto ledos, ꝛ mandarão dizer a Eitor rodriguez q̃ não temesse dali por diante aos imigos, porque ja não auião dousar de ho cometer, ꝛ quando ho quisessem fazer q̃ ela com todos seus vassalos auião de morrer sobre ho defender. O que lhe ele agardeceo muyto/ pedindolhe que os deixasse chegar aa fortaleza pera ver como pelejauão os Portugueses: porẽ os imigos não ousarão de ho fazer/ ꝛ dali por diante abrandarão da furia q̃ trazião, nẽ fizerão mais sobrançarias aos Portugueses. E neste tempo foy ali ter hum fidalgo chamado Garcia da costa de Santarẽ cõ hũa galé de que era capitão/ q̃ ho mandou ho gouernador pera fauorecer ꝛ ajudar Eitor rodriguez: o que ele fez cõ muyto cuydado ꝛ diligẽcia.

¶ Capit. vij. Dũ grande seruiço q̃ a raynha de Coulão fez a el rey de Portugal.

Com muyto grande trabalho, assi do inuerno q̃ era muy forte cõ chuuas ꝛ cõ vẽtos/ como cõ temores de guerra hia Eitor rodriguez prosseguindo ẽ sua obra/ não somẽte na fortaleza mas na da igreja do apostolo sam Thome, q̃ tãbẽ começou/ porq̃ a raynha de Coulão, ꝛ ho regedor ꝛ outros pulás lhe fazião dar toda a pedra ꝛ outros materiaes q̃ erão necessarios pera estas obras. E assi tinhão todos cuydado delas como se forão Portugueses/ não lhes lembrãdo q̃ fazião nisso pesar ao rey de Coulão, nẽ que escãdalizauão a raynha de Comori ꝛ seus filhos/ nem que cayão em odio do pouo. O que parececia milagre de nosso senhor terẽ os gentios tanta fee ꝛ amizade cõ os Portugueses q̃ assi os fauorecião. E de tudo isto Eitor rodriguez auisaua ho gouernador, q̃ lhe mandou q̃ fosse assi cõ a obra como hia, porq̃ seria coele na entrada Dagosto. E cõ quãto Eitor rodriguez tinha este trabalho de fazer a fortaleza, não deixaua de ẽtẽder na pimẽta q̃ auia de cõprar pera a carregação das naos q̃ se esperauão aquele anno: ꝛ soube q̃ erão abertas na serra duas grandes estradas per que andauão a formiga tres mil boys de Charamandel, dõde leuauão arroz a Coulão ꝛ Caicoulão, ꝛ ẽ retor no pimẽta de seus termos. E vẽdo ele camanho perjuyzo isto era pera a carregação das naos de Portugal/ queixouse disso aos regedores de Caicoulão, req̃rẽdolhe q̃ vedassem q̃ nã se leuasse aq̃la pimẽta. Ao q̃ respõderão q̃ nã podião fazer nisso nada por sayr a pimẽta de lugares de Bramenes a q̃ não podião ir á mão: ꝛ por isso ho rey de Caicoulão perdia seus dereytos/ mas não podia al fazer se não perdelos. E vẽdo Eytor rodriguez ho mao remedio q̃ ali tinha/ escreueo ho ao gouernador: q̃ não achando pera isso remedio lhe não respõdeo, ꝛ então se socorreo ele á raynha de Coulão por saber quanto desejaua ho

seruiço del rey de Portugal/ & pediolhe que mãdasse por quinhẽtos dos seus Naires fazer hũ salto na cafila dos boys de Choramandel/ & que os escarmentassem de maneyra que não fizessem mais aquele caminho/ & que prometia de dar cem cruzados por cada cabeça de homẽ q̃lhe dessem da cafila. E a raynha por seruir el rey de Portugal se cõcertou com hũ rey irmão doutro/ per cuja terra as cafilas caminhauão que lhe daria quinhentos Naires pagos á sua custa com que fizesse guerra a seu irmão porque deixaua passar a cafila por sua terra, por que não passando por ela nã tinha caminho por outra parte. E este meſmo rey que auia de fazer a guerra a seu irmão, antes de a começar fez com os quinhentos Naires da raynha de Coulão hũ salto na cafila de Choramandel em que matou cinco homẽs dos que hião nela/ & tomou muytos boys & grande soma de pimenta, com que os outros ficarão tão escarmentados que desistirão de todo daquele officio/ & logo as estradas forão çarradas: do que a raynha ỹ Coulão mãdou pedir alviſaras a Eytor rodriguez notificandolhe o q̃ era feyto, & que em satisfação daquele seruiço que fizera a el rey de Portugal, & do gasto que fizera com os quinhentos Naires a que pagara hũ mes de sold, queria que lhe esperasse aquele anno por duzentos & oytẽta bares de pimẽta que viuia: & isto por estar pobre & gastada das guerras passadas. E q̃lhe Eytor rodriguez fez: cõ que ela ficou muyto contente.

¶ Capitolo. viij. De como ho gouernador foy ver hũ pará que se fazia antre hũs Caimaes na terra firme/ & do que lhe acõteceo.

O começo deste inuerno que ho gouernador teue em Cochim sucedeo auer hũ pará antre certos Caimaes vassalos del rey de Cochim & del rey de Calicut sobre certa deferença que tinhão. E este pará quer dizer na sua lingoa batalha de desafio/ em que se ha dauerigoar a verdade, & assi como hum rey ou senhor faz a outro qualquer offensa: ho offendido desafia o que ho offendeo pera se darem batalha campal, & ajuntão pera isso toda sua valia damigos & vassalos: & se ho offendido tem mais gente que o que ho offendeo dalhe a batalha em publico, & se não ho mais secretamente que pode. E sabendo ho gouernador que se daua esta batalha a mea legoa de Cochim polo sertão foy a ver acompanhado de quinhẽtos homens em que auia algũs fidalgos, & todos com capas & espadas somente: & foy ho gouernador ẽ tónes polo rio ate õde se auia de dar batalha, & ali desembarcou, & ãtre os q̃ auião de dar batalha/ & os q̃ a auião de ver serião q̃tro mil homẽs a foza os nossos. E começada a batalha/ quis hũ nosso bõbardeiro fauorecer ho Caimal del rey de Cochi cõtra ho del rey de Calicut, ajudãdo ho cõ hũa espada dam

bas as mãos. O q̃ vẽdo ho Caimal como q̃ria mal aos nossos / remete cõ parte de sua gẽte a algũs deles q̃ ãdauão espalhados tirãdolhe muytas frechadas: ao q̃ ho gouernador acodio logo / ⁊ recolheo os nossos: ⁊ feytos todos ẽ hũ corpo se quisera tornar se ho deixarão / porq̃ os naires como homẽs escãdalizados dos nossos os seguião, apertando os com frechadas muyto bastas: ⁊ por se o gouernador desembaraçar não quis q̃ os nossos trauassẽ coeles / se não q̃ se defendessem: porque erão muytos ⁊ se a batalha se trauasse passarião os nossos mal por serẽ poucos: ⁊ por isso ho gouernador se recolhia ho melhor q̃ podia / ⁊ os imigos apertauão todauia tãrio q̃ ho punhão ẽ muyto perigo, o q̃ vẽdo algũs fidalgos se poserão diãte dele pera ho emparar das frechas, ⁊ ho primeyro foy Christouã de sousa q̃ logo foy ferido de hũa ẽ hũ braço, de q̃ despois foy aleijado ⁊ assi forão feridos outros ⁊ mortos cinco / ⁊ antreles forão Diogo de pina filho de Ruy de pina. E despois q̃ os imigos virão q̃ os nossos não querião pelejar coeles / ⁊ tambẽ por acodirẽ aos companheiros q̃ ficauão na batalha deixarão os ir. E vendose ho gouernador desapressado dos imigos fez recolher os mortos, ⁊ foyse a Cochi onde teue ho inuerno / em q̃ mandou cõcertar a armada ꝑa ho verão seguinte.

¶ Capi. ix. De como mouros de Cambaya matarão a João gomez nas ilhas de Maldiua com outros nossos.

Atras fica dito como João gomez cheira dinheiro foy ás ilhas de Maldiua ꝑa fazer na hũa fortaleza: ⁊ despois q̃ foy ẽ Maldiua achou q̃ era ali escusada fortaleza ⁊ q̃ abastaua hũa feytoria ꝑa ho trato q̃ ali auia dauer. E assi ho fez ⁊ ele ficou por feytor, ⁊ tẽdo mãdada hũa nao fora em q̃ forão algũs criados seus q̃ nã ficarão coele mais q̃ ate oyto dos nossos ⁊ algũs da terra q̃ seruião na feitoria forão ali ter certas naos d̃ mouros d̃ Cãbaya, q̃ como erão nossos imigos ⁊ virão João gomez cõ tão pouca companhia / determinarão de ho matar ⁊ tomar q̃nto estaua na feitoria. E assi ho fizerão, ⁊ João gomez morreo defendẽdose tão esforçadamẽte como ele pelejou sempre nas pelejas ẽ q̃ se achou q̃ era muyto valẽte caualeyro: ⁊ assi acabou seus dias com q̃ntos estauão coele, ⁊ despois de mortos roubarão os mouros a feitoria ⁊ leuarão tudo sem ho rey da terra ousar de resistir por nã ter gẽte de peleja. E ho gouernador quãdo ho soube nã pode fazer nada naquilo por os mouros não serem de lugar certo.

¶ Capit. x. De como despois Dantonio correa socorrer Malaca se partio pera Pegú a assentar amizade.

Partido Antonio correa ẽ socorro de Malaca seguio por sua viagẽ, ⁊ indo atraues d̃ Ceilão por ser inueruo lhe deu hũa tormẽta cõ q̃ se apartarã dele os outros nauios

& ele ficou só, & assi foy ter a Pacê: & dali foy ter a Malaca õde estaua Afonso lopez da costa ẽ tamanho aperto de guerra como disse, assi por mar como por terra que lhe fazia el rey ô Sintão q̃ estaua ẽ hũa ponoação por dentro dũ esteiro q̃ se chama Pago q̃ sae do rio de Muar, & tinha ali hũa forte fortaleza de madeira, & mandaua sua armada pola costa de Malaca, & fazia arribar ao pago todos os jũgos q̃ hião a Malaca/ & outras quaesq̃r velas q̃ leuauão mercadorias ou mantimẽtos. E por esta causa não hia nenhũa vela a Malaca, pelo q̃ estaua ẽ grande aperto de fome, & valia hũa ganta darroz q̃ não leua mais q̃ hũa canada hũ cruzado & hũa canada de vinho ho meſmo/ & por falta dle auia dias q̃ndo Antonio correa chegou q̃ não se dizia missa, & os imigos vinhão muyto amiude correr por terra a fortaleza/ & por os nossos serẽ poucos & muyto doẽtes não ousauão de sayr a eles/ nẽ somẽte fazer trãqueiras fora da fortaleza pera dali defenderẽ ho impeto dos imigos, porq̃ temião q̃ ali os tomasse segundo erão muytos & sobejos & eles poucos por ja a este tpo Simã dãdrade ser partido pera a China & leuar cõsigo toda a gẽte q̃ fora coele da India. E por ho capitão de Malaca estar neste tamanho aperto folgou em estremo cõ a chegada Dantonio correa q̃ com os mãtimẽtos q̃ leuaua da India desaliuou algũ tanto os da fortaleza da fome q̃ padecião: & dali por diãte se disserã missas por amor do vinho q̃ leuou, & começouse de sẽtir menos ho cerco: & porq̃ os nossos ficassem mais desapressados tomou Antonio correa cargo de defender hũa trãqueira q̃ estaua da bãda da fortaleza hũ pedaço afastada dela/ & cõ sua defẽsam ficauão os da fortaleza liures dos rebates passados. E assi foy/ porq̃ vindo os imigos como dãtes acharão na trãqueira Antonio correa bẽ acõpanhado despigardeiros & de bẽsteiros & dalgũas peças dartelharia/ de q̃ os imigos receberão algũ dãno, & por serem muytos ho não estimarão nẽ deixarão de correr como dãtes/ & q̃si q̃ dauão cada dia rebates, pricipalmẽte despois q̃ entẽderão ho socorro q̃ era vindo porq̃ então insistião mais q̃ da primeyra ẽ vẽcer os nossos/ porq̃ não cuydassem q̃ cõ medo do socorro afroxauão de lhe fazer guerra/ & cõ isto dauão assaz q̃ fazer a Antonio correa cõ contino trabalho dos rebates q̃ lhe dauão/ a q̃ acodia com muyto perigo de sua vida & q̃brãtamẽto do corpo/ & fadiga do spirito porq̃ não comia nẽ dormia senã armado: cõ tão imẽso trabalho viueo dous meses sem nunca lhe neste tpo matarem nenhũ dos da sua companhia/ antes matando ele & eles muytos dos immigos: com que se escarmentarão de maneyra que afastarão seu arrayal pera mais lõge/ & afroxarão muyto de suas corridas. E ficãdo os nossos mais desaliuados da guerra & mais seguros pareceo bẽ a Antonio correa deir a Pegu, assi pa assẽtar paz cõ el rey pera os nossos irẽ lá tratar & virẽ de lá mãtimẽtos a Malaca, como pera os trazer logo pola necessida-

de q̃ auia deles. E deſpachados os ſũgos da China ⁊ doutras partes q̃ com ſua eſtada ẽ Malaca ſe atreuerão a partir, partioſe pa Pegú na nao em que fora da India, ⁊ foy primeyro a Pacẽ carregar ỏ pimẽta q̃ era bõ empreego pera lá. E carregada a nao partio do porto de Pedir quarta feyra q̃torze de Setembro do anno de dezanoue, ⁊ dahi ſeguio ſua rota pera Pegú.

¶ Capit. xi. Em q̃ ſe eſcreue ho reyno de Pegú ⁊ ſeus coſtumes.

Eſte reyno ỏ Pegú he na enſeada de Bẽgala da bãda do ſul poz õde comarca cõ outro chamado Tenaçari, ⁊ do norte cõ ho de Bẽgala, de q̃ eſtá cẽto ⁊ vinte legoas pola coſta do mar per hũa põta q̃ ſe chama de negrais, ⁊ em a do brãdo ẽtrão logo em hũ rio grãde q̃ ſe chama Coſmi onde começa ho reyno de Pegú: q̃ tera de coſta ate cincoẽta legoas. Da bãda do ponẽte tem ho mar indico ⁊ do leuãte ho reyno de Brema ⁊ Bauá, q̃ ſe eſtendẽ per hũa cozda de ſerras muy altas q̃ tẽ deſta parte de q̃ ha ao mar em hũas partes trinta ⁊ ẽ outras cozẽta legoas, q̃ he a largura deſte reyno, em q̃ ha muytas mõtanhas cõ grãdes matas ỏ alto ⁊ eſpeſſo aruoredo em q̃ ſe crião multidão dalifantes, de vacas ⁊ bufaras brauas ⁊ pozcos mõteſes ⁊ veados, com q̃ os da terra fazẽ muytas mõtarias principalmẽte os grãdes ſenhores. Ha neſte reyno muytas minas douro, mas nã ſe tira polo rey defẽder pozq̃ nã q̃reria tirar a gẽte outros metais de q̃ ha muytos na terra: ẽ que ſe da tambẽ muyto lacre ⁊ muyto fino, ⁊ ha nouidade dele muyta ⁊ pouca: procede de hũ genero ỏ fozmigas q̃ ho crião, ho bõ he ỏ canudo, ho ſomenos he de pão. Ha robis ſem cõto, ⁊ os melhozes q̃ ha ẽ outras partes, çafiras, eſpinelas ⁊ outra pedraria: de Sião lhe vem muyto beijoim ⁊ almizquere. Ha grãde criação de cauallos do tamanho de facas dirlanda, ⁊ aſſi tẽ ho andar, ⁊ todo ho ãno não comẽ mais q̃ erua: deſtes ſe ſeruẽ aſſi na paz como na guerra: daſſe neſta terra geralmẽte muyta ſoma darroz, ⁊ criãſe infinitos pózcos ⁊ galinhas grãdes ⁊ boas, ỏ vacas ⁊ outro gado miudo ha arrezoadamẽte, ⁊ aſſi ha muyta diuerſidade de fruytas: de modo q̃ he muyto abaſtada de mãtimẽtos, ⁊ poz iſſo os leuão poz mercadoria pera õde os nã ha. He eſta terra toda muyto ſádia, aſſi pa os naturais como pera os eſtrãgeiros, ⁊ não ſe cria nela nenhũ bicho peçonhẽto: he toda cortada de grãdes ríos q̃ nacẽ nas ſerras q̃ diſſe ⁊ deles ſam muyto altos, ⁊ ẽtra a mar é neles: a mayor parte das pouoações ſam ao lõgo deles, ⁊ ſe he em parte eſtreita ſam as caſas de hũa parte ⁊ da outra, ⁊ cada caſa tem hũ paraó peq̃no pera ſeu ſeruiço. A principal cidade ỏ todo eſte reyno ſe chama Pegú, de q̃ ele toma ho nome ſituada ao lõgo do rio de Coſmi em q̃ eſtão outras cidades notaues aſſi como Dixára, que eſtá na põta da barra, ⁊ Dalá mais acima ⁊ Pegũ quatro legoas da barra, Sirião ⁊ Coſmi que eſtá dezoyto legoas da coſta ⁊ ateli chegão os ſũ

gos ou naos estrãgeiras, & dali vão em champanas da terra ate Pegú q̃ he auante oytẽta legoas ou pouco menos. E assi estão outras cidades ô Cosmi ate Pegú a q̃ não sou beos nomes/ & muytas delas sam cercadas de muros & cobelos a nossa maneyra, & tudo ô cal & ladrilho. Ha outro rio principal ate cincoẽta legoas deste, q̃ se chama Martabão de cujo nome está em sua praya situada hũa fermosa cidade sete legoas da barra tãbẽ porto principal em q̃ se fazẽ as jarras martabanas q̃ lenão á India/ & assi outra muyta louça de massa de porcelana, porem não tão fina como a da China, nẽ daquelas cores & pinturas. Nestes rios & em outros muytos ha muytos & bõs pescados diuersos dos nossos saluo saués: vendese ho pescado viuo em paraós cheos dagoa. A gente deste reyno comũmẽte he fermosa / principalmente as molheres: os homẽs sam ô meaã estatura de membros grossos, baços como mulatos fracos pera guerra: suas armas sam espadas de ferro mouto do tamanho das nossas & muyto mais largas cõ bainhas de pao: tẽ padeses tão altos como hũ homẽ de coyros dalifantes cõ verniz por cima & capacete: do mesmo. E tambẽ costumão armar a cabeça & costas cõ hũas peles dũs bichos q̃ tem conchas muyto fortes, & laudeis acolchoados: tẽ lanças de ferros compridos & pelejão a pé & a cualo & em alifantes, & nos rios em paraós. Tem algũas espingardas & bombardinhas de ferro & algũas poucas de metal com letras chins, no q̃ parece que aquela terra foy senhoreada deles em outro tẽpo, por que tambẽ ha ainda sinos dos chis cõ as suas letras/ & assi idolos. Ho capitão que he vencido na guerra quando torna pera sua casa não se serue polas portas por q̃ se dantes seruia, se não por outras ate restaurar sua honrra. Ha neste reyno grãdes officiaes de officios macanicos/ assi douro como prata/ ferro & pao, & pintores muy singulares. A gẽte natural deste reyno he gẽtia (ainda q̃ algũs sam mouros) adorão idolos ô diuersas feyções hũs de figura domẽ dũ palmo daltura/ & dabi ate do tamanho dũ gigante, & outros tã altos como a mais alta torre & muyto bem obrados, & estes de cal & tijolo os outros de metal & de pao, & todos dourados & pintados de muytas cores, & deles tẽ tres rostos: & dizẽ os Pegús q̃ significão ao deos grande criador do mundo, & os outros a outros sanctos q̃ forão de boa vida & caualeyros. Adorão tãbẽ a hũs edificios q̃ chamão varelas feytos ao modo das dos Chins como disse atras, saluo que sam todas mociças ô cal & tegelo reuocadas por cima dũ betume de la cre, & por cima dourado douro de pão, & nas põtas tẽ hũs barões de ferro cõ hũa poma & sombreiro de metal cercado de cãpainhas/ & nestas pomas metẽ peças douro & pedraria q̃ offrecẽ a menos varela destas he daltura de quatro braças, & daqui pera cima em grande quãtidade, assi como se escreue que erão as piramides do Egipto. Em todas as pouoações deste reyno ha

muytas & hũa mayor que todas, cidade de Degũ está hũa tão al- que se véa mór parte do reyno, & nella vay muyta gente em romaria por hũ certo dia do anno. Estas va relas adorão por deos, & dizem q̃ assi como ele he grande assi as fazẽ grandes, & ao derredor delas ha casas de idolos & outras em q̃ prẽgão. Tem esta gẽte tambem outros templos como mosteiros em que morão os seus sacerdotes a q̃ chamão Rolis homẽs caridosos, principalmente aos estrangeiros, & em hũs morão trezentos & em outros quatrocentos: estes trazẽ as cabeças rapadas, & arrancão os cabellos da barba: vestem hũas roupas de mãgas que lhes chegão ao peito do pé & encima outros panos compridos & estreitos a maneyra destolas. Estes não conhecem molheres despois que se metẽ nestas casas & he lhes defeso: viuẽ apartados da conuersação dos outros homẽs. Estes mosteiros sam de madeira muyto fortes & dourados em muytas partes, tẽ sinos grandes & peq̃nos como os nossos, & deles mayores que os que estão em Santiago de Galiza, com letreiros & muytos lauores ao derredor, & vsam destes sinos nas cerimonias de sua seita. Antrestes Rolis ha hũs principaes a que os outros obedecẽ, & em todo ho reyno ha hũ sobre todos que tem por homẽ sancto. Destas casas hũas tem rẽda que lhes dotou quẽ as edificou, ou dos lugares onde estão, outras sam pobres, & os que viuem nelas se mantem desmolas. Tambem ha destas casas de molheres que rogão a deos polos defuntos que as fundarão. Tẽ tambem outras casas que não seruẽ se nã de ter idolos como em tesouro, principalmente hũa em especial em q̃ ha tantos grandes & pequenos que assomão a cẽto & vinte mil, & cada dia metem muytos que offerecem pessoas: a casa em que estão he muyto grande & de grande comprimento, cõ hũs poyaes altos de tigelo, & polas paredes hũs vãos como almarios cheos de idolos peq̃nos & por cima os grandes: em cada lugar ha hũa casa publica que serue de estarẽ nelas ataudes doutra feyção dos nossos com muytos lauores doura dos & tamanhos q̃ sam necessarios doze & quize homẽs pera os leuar, & nestes leuão os finados a q̃mar a certo lugar fora das pouoações, & segundo a calidade da pessoa assi leua ho ataude, & assi lhe fazem ho fogo com que a queimão, que a hũs ho fazem com sandolos & a outros com outra lenha. Crem q̃ ha outra vida despois desta, mas não como nos cremos, jejuão por sua deuaçã trinta dias no anno & não comẽ senão á noyte: neste tẽpo ha muytas pregações & outras cirimonias de suas idolatrias. Tẽ que quẽ leua ho alheo que na outra vida fica catiuo da pessoa a quẽ ho leuou, tem q̃ matar cousa viua pa comer q̃ he mao, & muytas vezes mãda elrey apregoar por sua deuação q̃ não matẽ nẽ pesquẽ, & a pena não se executa muyto por q̃ quẽ tẽ cargo disso lhes dá lugar por q̃ lhe peitã, & por isso afogão os poços ẽ rios q̃ndo os q̃rẽ matar nã morre nhũa pessoa por justiça, &

quando comete crime porq̃ mereça morte degradãno pera os lugares da costa ou pera algũas ilhas. Ha taixa pera hũ homem que mata outro pagar certa cousa segundo a calidade do morto a seus erdeiros ou a seu senhor/todo ho natural deste reyno que tem senhor quando morrelhe fica a fazẽda/& os herdeiros fazem hũ presente ao senhor segũdo he a cantidade da fazenda,& ele lhe faz merce dela: & desta maneyra do pião ao caualeyro,& dahi pera cima ate el rey. Casamos homẽs cõ hũa só molher,& deles com duas & tres o que os outros tem por má cousa: ao tempo que as molheres andão pera parir lhes fazẽ no quintal das casas em que morão hũa casa de terra & canas como sam as outras/& nestas estão trinta ou corenta dias despois de paridas/& tem por mal entrarem em suas casas sem passarem estes dias. A gente deste reyno comũmente he bẽ ensinada & de melhor condição que outros nenhũs gentios/& falão verdade/& mais chegada aos nossos costumes que outros algũs,& comẽ o que nos comemos o que outros não fazem: & parece q̃ serião Christãos sem trabalho se os conuersassem & doutrinassem/tratanse todos bem. Ha antreles homẽs letrados em outra lingoa que tem a foza a propria como antre nos ho latim, escreuẽ em papel com tinta & tem escripturas antigas: a cortesia que vsam he leuantar as mãos diante do rosto,& se a pessoa he de mór calidade que a que lha faz não responde assi, mas faz hũ geito disso: vsam de muyta policia os nobres em seu seruiço/& seruense das portas a dẽtro com anãos de que ha muytos no reyno/& assi com molheres pequenas corcouadas detras & diante & quebrãnas em crianças pera este fim porq̃ não empzenhem,& nestas tem suas senhoras grande confiança. Tem estes nobres muytas maneyras de folgar a foza montear q̃ costumão muyto/& hũa he meterense em paraós que tẽ, assi grandes como pequenos deles de hũ soo pao,& ô tal maneyra que leuão por banda cem remeyros de pãgayo/& dourados & pintados,& no meyo hũa casa de madeira do meimo modo, & nas proas hũa deuisa: & ha outra feição de paraós que tem por cima outra ordem de remos compridos, & os remeyros vestidos de libré. E metidos os senhores nestes paraós/apostão com outros a quem mais remara,& leuão instrumentos que tãgem & remão ao seu som: cousa muyto pera ver/& el rey vay ver esta festa a hũa casa que tem pera isso no meyo do rio,& ali esta ho preço da aposta,& os juyzes que ho determinão. E os da aposta sam muytos, & infinita gente polo rio & pola terra a ver esta festa em que se fazẽ grãdes gastos. Andão estes senhores em andores muyto ricos pintados & dourados/deles cubertos & outros descubertos & leuãnos dez & doze homẽs. Ho andor del rey & de seus filhos sam deferentes dos outros ẽ terẽ os tirãtes forrados de marfim,& tẽpor honra irẽ acõpanhados de muyta gẽte de pẽ os estrãgeiros não podẽ andar neste

andores se não per merce del rey. Neste reyno não se laura moeda, & correm por ela hũas bacias velhas de q̃ se seruirão & sam de fuzileira/ por peso se compra tudo coelas: ho peso comũ se chama biça q̃ he dous arratês & meyo & tem cem mitícaes & comprado ẽ ouro & leuado a Cho ramandel ou á India val de mil & quinhentos ate mil & seyscẽtos rs como outra mercadoria. Ha neste reyno grandes & ricos mercadores que tratão todos em lacre, & na pedraria que disse, & em almisquere/ ouro, prata & beijoim, & mantimẽtos/ & jarras martabanas & outra louça branca que se faz na terra: & todas estas mercadorias vem doutras partes, de que trazẽ emprego de cousas q̃ não ha na terra. El rey he gẽtio & seruesse cõ grãde estado/ poucas vezes tem guerra com seus vezinhos: ho mais do tempo reside na cidade de Pegu em que tẽ hũs muyto grandes paços de madeira aleuantados do chão muyto polidos com ouro & pinturas: sam cubertos de telha mouriſca, tẽ grãde terreyro diãte, & ao derredor deles sam tudo alpẽderes ou estrebarias dalifantes & de caualos. He muyto dado á caça, principalmẽte dalifantes/ de que toma muytos & feytos mansos manda vender os que lhe sobejão: traz na sua corte muytos fidalgos & senhores: tẽ por agouro ver abutre, & por isso nos seus paços estão sempre vigias pera q̃ os enxotem. Tem por costume ho principal senhor do reyno ser amo do principe & sua molher lhe dá ho leyte, porq̃ sendo seu amo não aja treição por sua causa. Seruese el rey de capados de Bengala que vem por tempo a ser grãdes senhores no reyno & a mandalo: & acha el rey q̃ lhe sam leaes/ & que não pretẽdẽ se não seu seruiço porque não tem outrẽ. Em hũa cidade deste reyno a q̃ não soube ho nome está junto dela na borda de hũ grande rio hũ templo & diante dele no rio ha hũa grande soma de peixes quasi do tamanho de tubarões que tem tres ordẽs de dentes & as bocas muyto grãdes/ & sam tão domesticos que batendo com a mão nagoa & chamando os por certo nome, acodem muytos a brindo a boca, & a gente lhe mete arroz nela. Cousa muyto pera espantar por ho rio ser grande & de maré perto do mar não se mudarem dali & serem contínos: & dizem que sam daquele templo, & tem que quẽ mata algũ que não viue despois hũ anno.

¶ Capit. xij. De como Antonio cozrea assentou pazes ẽ Pegú.

Partido Antonio cozrea pera este reyno ó Pegú foy surgir na barra de Martabão a vinte sete de Setembro, onde as agoas cozrẽ tanto que em deitando ancora acẽdeo ho auste fogo no escouuem, & ele surto acodirão logo pilotos da barra pera ho meterẽ no rio como meterão, & foy surgir diãte ó Martabão, & dali mandou por embaixadora a el rey de Pegú que estaua bẽ cozẽta legoas polo sertão a hũ Antonio paçanha natural Dalanquer & por seu escriuão hũ Belchior car-

ualbo, & pa bo acõpanhar ê algũs dos nossos ate sete ou oyto, & assi forão coele piães da terra. E chegado Antonio paçanha á cidade de Pegú falou a el rey / & despois de lhe dar hũ presente que lheleuaua, lhe deu a ẽbaixada da parte del rey de Portugal, cuja concrusam foy assentarẽ amizade & trato / & que pera isso bia aquele seu capitão Antonio correa q̃ ficaua no porto ỏ Martabão, onde poderia mandar hũ bo mẽ principal de seu reyno / pera q̃ ambos em nome del rey de Portugal & dele assentassem as pazes. Do que el rey foy cõtente, & despachou logo pa isso a hũ çamibelegão principal de sua casa / & assi bo rolaz móz do reyno, que como disse tem por santo pola grande austinẽcia q̃ faz. E chegados todos a Martabão viose Antonio correa em hũa mezquita com çamibelegão & com bo Roliz móz. E leuou comsigo bo seu capelão com sua sobrepeliz / por que ele & bo Roliz auião tambẽ de jurar as pazes em suas leys / & na mezquita se assentarão todos quatro no chão sobre hũa alcatifa. E çamibelegão tirou de hũa buceta de marfim hũa folha douro batida do tamanho de hũa nossa de papel escripta de suas letras, em que se cõtinhão os capitolos das pazes da parte del rey de Pegú q̃ ele auia de jurar: & disse a Antonio correa que lha mandaua el rey de Pegú pera a leuar ao gouernador da Jndia q̃ a mandasse a el rey de Portugal / & bo Roliz disse q̃ prouuesse a deos que fosse aquilo por bem. E tudo isto declaraua hũ lingoa, & logo tirou hũ grande maço dolas em que estaua escripta sua seita: & as letras erão tudo ós com pontos hũs com mais outros com menos: & ele & çamibelegão & Antonio correa poẽdo todos tres as mãos sobre aquelas olas jurarão cada hũ por si em nome de seu rey de manterẽ & goardarem a paz & amizade segundo se continha nas capitulações. E despois fizerão bo mesmo juramento Antonio correa, çamibelegão & bo nosso capelão sobre bo cancioneiro geral q̃ bo capelão acertou dabrir nas obras de Luys da silueira: na que fez sobre bo ecclesiastés ỏ Salamão q̃ começa vaidade das vaidades, & não quis que fosse bo liuro dos euangelhos / porque lhe não pareceo rezão jurar por eles a quẽ não cria neles, & mais porque sabia que aqueles não auião de goardar bo juramẽto se não em quãto lhes fosse necessario gardalo. E juradas as pazes / & ficando os nossos em grande amizade com os da terra começouse antreles bo trato: & ficou aqui Antonio correa ate bo mes de Junho do anno de vinte que era a mouçã pera Malaca.

Capit. xiij. De como Antonio pacheco & outros forão catiuos pelos Achẽs & a causa porq̃.

DEspois de partido Antonio correa pera Pegú Afonso lopez da costa capitão de Malaca que estaua muy to carregado cõ Antonio pacheco ser capitão móz do mar q̃ lhe auia medo por ter dous irmãos

& ſentia de ſi que por ſua forte condiçáo lhe podia dizer algúa couſa de que ſe elcandalizaſſe, & leuantarſe hia contrele. E deitando ſobriſto ſuas contas achou que ho melhor ſeria náo ho ter alí/ & por iſto buſcou achaque pera fazer autos dele, dizendo que ho deſacatara/ & q̃ ja ſe leuantara cõtra Nuno vaz pereyra ſendo capitão/ & prẽdeo ho & preſo ho mandou pera a India na nao eſpera de que era capitão Gaſpar da coſta irmão dele Afonſo lopez/ & indo de viagẽ forão dar hũa noyte na ilha de Gamiſpola onde ſe perdeo a nao/ & a gente ſe ſalnou. Eſtãdo alí ſem remedio pera ſe tornarẽ a Malaca forão hi ter certas lãchaaras del rey Dachẽ, que andauã darmada/ & como erão imigos dos noſſos pelejarão coeles, & por ſerẽ muytos os matarão deſpois de ſe defenderẽ muyto bẽ/ & matarẽ muytos imigos. E ãtonio pacheco, Gaſpar da coſta, Diogofernãdes, Brigozio gonçalues do Algarue/ & outros tres ô muyto feridos cayrão, & aſſi os tomarão & forão catiuos. E deſpois os mandou Garcia de ſa reſgatar ſendo capitão de Malaca na vagante dAfonſo lopez da coſta, que adoeceo deſpois diſſo: & porq̃ ſabía quão dificultoſamente alí auia dauer ſaude polos áres de Malata ſerem muyto roins/ determinou deſeir pera a India pera ver ſe podia lá ſarar. E porq̃ não tinha em q̃ ſe ir reconciliou cõ Garcia de ſá, comquẽ eſtaua mal: & cõcertou coele que lhe daria ho tẽpo q̃ tinha por ſeruir da capitania: & q̃ lhe deſſe ele a ſua nao. E ſabendo iſto ho alcaide mór quiſera ir á mão a iſſo: & poerſe em dereito cõ Afonſo lopez: & ãbos ouuerã ſobriſſo palauras roins. E por derradeiro a capitania ficou a Garcia de ſá: & Afõſo lopez partio pera Cochim em Dezẽbro do ãno d. xix. & la morreo deſpois, antes q̃ ho gouernador chegaſſe do eſtreito.

¶ Capi. xiiij. Do q̃ ho gouernador fez em Cochim na entrada do verão: & de como Antonio de ſaldanha chegou Dormuz.

Determinãdo o gouernador de ir no ãno ſeguinte a queimar as galés dos rumes q̃ eſtauão ẽ Juda & fazer hũa fortaleza, fez ſe preſtes naq̃le inuerno do ãno de. xix. & paſſado ho inuerno, porq̃ não podia partir ſenão dali a cinco meſes, mãdou entre tãto fazer guerra á coſta de cãbaya a porhũ fidalgo chamado Chriſtouão de ſa, que agora he frade da ordẽ de ſam Frãciſco/ a q̃ deu a capitania mór de tres galés: cujos capitães a forã ele forão dõ Jorge de meneſes/ & Jorge barreto ô beſa: & mãdoulhe q̃ na entrada de Janeiro foſſe coele em Goa. E a cauſa do gouernador mãdar fazer eſta guerra a cãbaya era/ porq̃ Meliquiaz capitão de Diu cõtra as pazes q̃ aſſẽtara cõ Afonſo dalbuquer q̃ trazia diſſimuladamente fuſtas pola coſta q̃ matauão os noſſos ſe os achauão de bõlãço, & tomauão as naos de noſſos amigos/ finalmẽte q̃ era hũa guerra encuberta: & poriſſo ho gouernador mandou a Criſtouã de ſa q̃ não perdoaſſe a nenhũa couſa de Cãbaya: o q̃ ele fez aſſi deſpois q̃ foy na

costa/ & desejaua muyto de topar cõ Xequegi capitão das fustas de Beliquiaz q̃ nũca ousou de sair sabẽdo q̃ Christouão de sá ãdaua pola costa/ onde fez muytas presas & matou muytos mouros, & despois se foy o Soa como lhe ho gouernador mandara: & tambẽ na entrada do verão chegou Antonio de saldanha á põta de Diu vindo Dormuz õde foza inuernar, & ali fez algũas presas cõ os seus capitães, principalmente Diogo de saldanha seu sobrinho capitão de hũa nao, & Lourẽço godinho capitão de hũa carauela/ q̃ abalrroarão ambos hũa nao de mouros q̃ foy ter á barra ó Diu & aferrandoa pelejarão cõ os mouros q̃ se defẽderão hũ pouco/ & despois se rẽderão & os nossos capitães ẽtrarão a nao & a roubarão de muyto dinheiro, & nã foy tão secretamẽte q̃ ho não soube Antonio de saldanha, & fez sobrisso tantas diligẽcias q̃ ouue a mayor parte do dinheiro/ & dahi se foy a Soa & de Soa a Cochim ao gouernador q̃ lá estaua.

¶ Capit. xv. De como partio de Portugal por capitão mór da armada da India Jorge dalbuq̃rque, & de como dõ Luys de guzmão arribou ao brasil por lhe q̃brar ho leme.

NEste anno de mil & quinhẽtos & dezanoue partio pera a India hũa armada de dezasete velas grossas de q̃ foy por capitão mór Jorge dalbuquerq̃ que ẽ tẽpo Dafonso dalbuquerq̃ foza capitão de Malaca, & hia prouido da mesma capitania na vagãte Dafonso lopez da costa. Forão os capitães da frota ho doutor Pero nunez pera védor da fazenda da India cõ hũ regimẽto em que el rey tirana ao gouernador todo ho poder/ & mãdo que dantes tinha na fazenda & ho dana a ele Pero nunez, & assi ho auia por iseuto da jurdição do gouernador nos casos ciueis & crimes. E coeste officio leuana mil cruzados ordenado cadãno/ & q̃ podesse mandar cadãno polo India cẽ quintaes de pimenta cõprados polo seu dinheiro/ & assi cẽ quintaes de cobre que compraria a el rey pelo preço q̃ lhe custauão na casa da India, & q̃ mãdasse cadãno a Portugal tres caixas forras & dous escrauos, & leuana vinte bomẽs pagos aa custa del rey pera ho acompanharẽ. No outro capitão foy Diogo fernãdez de beja pera capitão da fortaleza que el rey de Portugal cuydana que estaua feyta ẽ Diu/ Rafael catanho, & Rafael perestrelo pera irẽ aa China nas naos em q̃ hião: & ho outro capitão q̃ hia em hũa nao de dõ Nuno Manuel/ Pedreanes frances, Christouão de mẽdonça, Manuel desousa/ Pero da silua/ Jacome tristão, dom Diogo delima, Lopo de brito pera capitão de Ceilão/ João rodriguez Dalmada, Garcia chainho pera feytor de Malaca, & outro capitão a q̃ não soube ho nome/ & dõ Luys de Guzmão hũ fidalgo castelbano q̃ hia ẽ hũ galeão. Partidas estas naos de Lisboa arribou dõ Diogo delima a Portugal/ & nã foy aq̃le ãno: & os outros seguirão auãte todos em conserua

homais do tẽpo, saluo dõ Luys de guzmão q logo se apartou: & auẽdo quinze dias q passara as Canarias ouue vista de hũa caravela. E sabẽdo dõ Luys do seu piloto, q era da Mina & ho dinheiro q poderia trazer/ disse q pera q querião mais India q tomala, & irense polo estreito de Gibraltar, & em leuãte se farião mais ricos. E isto disse secretamẽte ao piloto como q ho atentaua pera ver se ho faria: & ho piloto fez q cuydaua q ho dizia zombando/ & assi lhe disse tambẽ que não tomassem a caravela. E este piloto era Portugues natural de Lisboa, & parecendolhe muyto mal o q lhe dissera dõ Luys em se apartando dele ho cõmunicou cõ quatro irmãos q hião no galeão naturaes Deuoza, cujos apelidos erão galuões cavaleyros muyto esforçados & de grandes espiritos/ porq isto sempre foy natural nos deste apelido: quelhe prometerão/ q se dom Luys quisesse fazer o q não fosse rezão q lhe resistirião. E estes se apartarão logo da cõuersação de dõ Luys & não comerão mais coele nẽ jugarão, em tanto q bẽ entendeo ele q ho entẽdião/ & q lhe compria vandar dereyto/ porq lhe nã auião de sofrer outra cousa/ pelo q determinou ô fazer corpo de gente q teuesse de sua mão, & fez hũ rol de todos os castelhanos q hião no galeão & achou serẽ cincoẽta: & aestes mãdou dar do vinho & da agoa q ele bibia q era ho melhor dizẽdo q ho fazia porq erã fidalgos: & assi começou de fazer outras soberbas aos Portugueses. E a primeyra despois desta foy querer tomar hũa pipa dagoa & outra de vinho a hũ Francisco fernandez ourtuez q foza seu ospede ẽ Lisboa & lhe fizera lá muytos seruiços, & pera lhos pagar ho fizera ir á India. E tomandolhe ele assi ho seu vinho & agoa/ poz se queixar disso, dizendo q outras merces esperaua dele, que sera ho mandar meter na bõba. Ao q logo acodio ho piloto com os galuões, dizẽdo q não fazia justiça cõ soo quelho não auião de cõsentir. E receando dom Luis que ho fizessem/ & que se leuantasse a gente coeles, porque os que tinha por si erão poucos dissimulou cõ Fracisco Fernandez & não lhe tomou as suas pipas nẽ ho mandou meter na bõba, & disse ao piloto que pera q trazia punhal: & isto por hũ que trouue da quele dia em q lhe disse que tomassem a caravela da Mina/ & respondeolhe muyto crespo: q queria ele ao seu punhal quelhe não fazia nenhũ perjuyzo: mas q fizesse ele como fazião os frades q todos bebiã ho vinho roim & ho bõ, & q nã auia antreles excepção, & assi faztão os q hião pera a India: & q se não vaua vinho escolhido nẽ agoa se não aos capitães & ao piloto & mestre, & selho não quisesse dar q lhe não vaua nada/ pozem que folgaria de ho ver dar a outra gente. E dõ Luys se calou/ nẽ nenhũ dos seus não falou nada: & dali poz diante sempre ouue desgostos ãtre ho piloto & ele & ele não ousaua de bolir polo verhomẽ despeito. E indo assi tanto auãte como ho cabo de boa Esperãça, lhes sobreueo hũ temporal com q lhe quebrou ho leme poz baixo da

cana obra de hũ coitado: & por dali por diante não gouernar bẽ (ainda q̃ho remediarão) disse ho piloto q̃ se não atreuia a dobrar ho cabo cõ aq̃le leme/por aquela toromẽta não ser nada pera outras que auião de vir/& por isso fez ho capitão conselho sobre arribarẽ, & acordarão q̃ arribassem ao Brasil porq̃ dali não perderião viaje & irião inuernar a Moçambiq̃: porq̃ tornado a Guiné, onde algũs dizião que tornasse auiã õ tornar a Portugal. E coeste acordo se fizerão na volta do Brasil, de que ouuerão vista despois de trinta dias/& correndo algũs portos dele sem acharẽ madeira de que podesse fazer leme/forão ter a hũa baya a grãde õde ho piloto/capitão & carpinteiro sayrão a ver a terra cõ obra de trinta homẽs: & despois de acharẽ muyto aruoredo de que se poderia fazer ho leme/em se querẽdo tornar ao galeão, parecẽdo ao capitão q̃ se poderia ali vingar do piloto das deferenças que teuera coele veolhe a falar nelas, & a dizerlhe más palauras. E ho piloto posto q̃ não tinha da sua parte mais q̃ hũ primo seu & ho carpinteiro, & ho capitão tinha os outros que erão vinte seys, não lhe sofreo o q̃ lhe dizia; & leuãdo de hũa lãça que trazia enrrestou no capitão que arrancou da espada/& assi os da sua parte: & ho primo do piloto & ho carpiteiro fizerão ho mesmo, & começou se antreles hũ brauo jogo de cutilladas, que ho piloto era valẽte homẽ & fazia terreyro cõ a lança & ho primo & carpinteiro lhe goardauão as costas. O que vẽdo ho capitão/ & q̃ não se acabaua a cousa tão asinha como ele cuydaua/ disse ao piloto. Ala irmão comigo. E ele respondeo cõuosco pesatal. E coisto lhe cometeo ho capitão amizade & a fizerão logo, & jurarão todos de ter segredo no que passara/porque se não escandalizasse do capitão a gente do galeão/que ficou ho carpinteiro ferido, & por isso se não pode ter segredo & q̃si que serõpeo, mas como nã foy de todo ninguẽ fez cõta disso.

¶ Capit. xvj. Das brigas que dõ Luys dguzmão ouue cõ ho seu piloto, & de como os brasis matarão pto de sesẽta dos nossos.

PAssado isto mandou ho capitão bo mestre a terra pera mãdar fazer ho leme & leuou ho carpinteiro alli ferido como estaua, & forão coele dous bombardeiros que leuarão dous berços com que fizerão hũa estancia pera se defendrẽ se a gente da terra lhe quisesse fazer mal: & isto porque sabião que de sua natureza comẽ os estrangeiros. E começãdose de fazer ho leme começou de crecer muyta gẽte da terra/ que he da maneyra que ja disse no liuro primeyro, & auia aqui formigas muyto grãdes & peçonhẽtas, & cria uão em aruores em ninbos que bi fazião da feyção q̃ antre nos os fazẽ as andurinbas. Trazia esta gẽte os mantimẽtos q̃ auia na terra, como tambẽ cõtey atras/& dauãnos aos nossos por anzolos/alfinetes & outras cousas baixas, & não auia quẽ os entẽdesse se não por acenos,

& de cada vez crecião mais a ver os nossos & ho galeão: de q̃ se muyto espantauão mostrando q̃ nunca tal virão/ & conuersauão com os nossos pacificamente & eles coeles/ & forão algũs a hũa pouoação q̃ esta ua dali a hũa legoa. E auendo oyto dias que se isto cõtinuaua leuou ho piloto ho leme veiho a terra pa lhe tirarem os ferros q̃ tinha pera ho nouo que se acabaua: & não podẽdo os nossos alalo pola area em q̃ atolàua muyto asudarãlhe duzentos Brasis mandando os a isso hũ que os chamou cõ hũa cabaça chea de pedras com que fez muyto grande rogido/ & destes auia muytos ãtre aquela gente. E alado ho leme õdestaua a estancia dos nossos foyse ho piloto ondestaua ho arrayal dos Brasis que era de redes armadas sobre estacas ou presas a aruores/ & nelas dormião. E vendo os Brasis hũa molher que ho piloto leuaua todos se chegauão a vela como a cousa noua & dizião tumargatu q̃ parece que antreles he palaura despanto. E estãdo assi chegou hũ homẽ que parecia de cozenta annos alto de cozpo & bem desposto & nú, & trazia ho cabelo enrrodilhado ao derredor da cabeça, & trazia hũ cinto õ lobo marinho forrado dossos dalimarias/ & na cinta hũa espada despinha de peixe de cinco palmos de compridó & na mão hũ manchil de ferro muyto velho: & em chegãdo q̃ falou, logo todos os outros se calarão & esteuerão prõtos a ouuir o que diria, no que pareceo que era señor deles, & logo foy dali hũ bradando como pregoeiro/ & quantos ho ouuião se assentauão calados a ouuir o q̃ pregoaua. Isto feyto mãdou este que parecia rey ou senhor dar ao piloto muyta soma de mãtimentos/ & isto segũdo parecia cuydando que fosse ho capitão do galeão, pozq̃ ele leuaua hũ pelote vermelho & hũa espada na cinta/ & hũa adarga noua embraçada, & os outros nossos ho acompanhauão/ & dandolhe tambẽ ho piloto dessas cousas q̃ leuaua tornouse pera õde se fazia ho leme. E estando comẽdo chegou ho carpinteiro (que ãdaua ja em pé) do arrayal cõ outro nosso & disserão. Hay ao demo esta gente, q̃ nos leuarão a hũa aruore em cujo pé auia hũa abelheira, & acenarãnos que fizessemos ho buraco mór do que era: & feyto cõ hũa machadinha q̃ tirauão os fauos disserãnos que nos fossemos/ & não querendo nos fazelo logo encararão bẽcento os arcos em nos cõ as frechas embibidas, & poz isso nos viemos. E dizendo mais que se despachassem dali & q̃ se acolhessem ao galeão, & q̃ não fosse mais ninguẽ ao arrayal: cõtrarioulhes ho piloto/ dizẽdo q̃ era muyto boa gẽte & pacifica. E acabãdo de comer tornouse ao arrayal cõ certos dos nossos, dõde dahi a obra de hũa hora vẽ grande numero de Brasis a correr & gritãdo, trazẽdo algũs as armas do piloto & de seus companheiros como que os deixauão mortos, & dão sobre os nossos que erão sessenta & tres q̃ estauão na estancia, donde começarão de fugar os berços que não fizerão nenhũ noio nos imigos poz se baquearem todos, & como erão

muytos inuestirão com a estancia, de que os nossos se começarão a defender ás cutiladas o q̃ fizerão por espaço de hũa hora: recolhendose á praya: & neste tempo poucos & poucos forão dos nossos mortos cicoẽta & tres, & os dez q̃ ficauão se lãçarão ao mar & antreles forão ho mestre & ho carpinteiro, q̃ com os oyto se saluarão no batel, q̃ chegou nesta conjunção: & ho mestre se foy logo ao galeão, & disseo ao capitão, a q̃ não pesou nada da morte do piloto & dos galuães & dos outros q̃ hião coele por se ver desapressado pera o que parece q̃ ja determinaua de fazer, & ele foy a terra cõ cozenta homẽs pera trazer os lemes, & os imigos se afastarão com medo porque hião todos armados & recolherão os nossos os lemes & do velho acharão menos hũa femea, & assi a ferramẽta do carpinteiro & do calafate. E tornado ho capitão ao galeão deteuesse ainda ali tres dias pera se acabar ho leme, & nestes dias repartio ho fato do piloto polos castelbanos de sua valia, & pera si tomou hũ pelote de graã, que mãdou desmanchar & fazer pola feyção dũ q̃ tinha a figura do Damadis ógaula q̃ estaua pintado embũ seu liuro, dizẽdo q̃ no mundo auia dauer dous Amadises, & q̃ hũ era ja morto, & ele era ho outro, & coisto outras muytas rebolarias: & sabendo dũ marinheiro chamado João velho que ho leuaria a Moçambiq̃ deulhe a pilotasẽ do galeão & partiose despois do leme acabado. E auẽdo cinco dias q̃ partira sem fazer caminho se não ao mar, fez meirinho do galeão a hũ castelbano chamado sãto torrezno, porq̃ morrera no Brasil o q̃ ho era: & logo aq̃le dia a tarde ho meirinho pedio a todos da parte do capitão as chaues das caixas dizendo q̃ as queria ver pera ver se achaua nelas fazẽda q̃ era furtada dos q̃ morrerão em terra, & cuydãdo todos que era aquilo assi lhe derão as chaues leuemente: & auidas pelo capitão mãdou tomar quãtas espadas, punhaes & coyraças os nossos leuauã nas caixas: & isto aos Portugueses somẽte, pelo q̃ algũs deles se forão ao capitão, & disserãlhe que peraq̃ lhe tomaua as armas & ele respõdeo q̃ pera não pelejarem hũs cõ os outros: & se não fizessem mais maos recados do q̃ erã feitos

¶ Capit. xvij Decomo dõ Luys õ guzmãse aleuãtou cõ ho galeão de que hia por capitão, & do q̃ fez aos portugueses q̃ ho não quiserão seguir.

ISto feyto logo ao outro dia pola menhaã amanheceo ho capitão na tolda armado embũ arnes transado, & hũ estoque nuu nas mãos, & coele ciquoenta armados os mais castelbanos & os outros estrangeiros de que se confiou: & fez vir diante de si a Frãcisco fernãdez ouriuez, cujo ospede foza em lisboa: & despois de lhe mandar deitar hũs grilhões lhe disse q̃ se cõfessasse porq̃ ho auia de matar, porq̃ tinha determinado de lhe dar a morte cõ o piloto & cõ os galuães polas rezões que passarão. E sem ho mais querer ouuir ho mandou

confessar por hũ clerigo, que estaua cercado daqueles armados. E ho capitão passeaua pola tolda rezãdo muyto alto, & de quãdo em quãdo apressaua ho clerigo que acabasse a confissam. E neste tempo os Portugueses estauão no cõués muyto tristes vendo & ouuindo tudo o q̃ passaua/& por não terem nenhũas armas não podião resistir ao q̃ ho capitão fazia: & então virão que por lhe não resistirem lhe tomarão as armas & acharãse muy alcãçados, & como eles estauão desarmados & os castelhanos armados deixarãse estar no conués/& tambem porque algũs q̃ quiserão subir á tolda os não deixarão os castelhanos per mãdado do capitão, q̃ não fazia senão apressar ho clerigo que acabasse de confessar ho seu ospede, & ele se detinha pa ver se se lhe hia aãla furia/& não selhe indo acabouse a confissam: & acabada foyse ho capitão ao seu ospede q̃ ho esperou assentado ẽ giolhos com as mãos aleuãtadas pedindolhe pola paixão de nosso senhor que ho não matasse, & ele não dando por isso com muyta crueza lhe tirou hũ reues com ho estoque que tinha: & cortoulhe hũa mão cõ q̃ se ele quisera emparar/& chegoulhe ás queixadas, & logo ho vazou com hũa estocada com que morreo, & apos isso ho mandou deitar ao mar. Feyto isto despejou a tolda dos armados pera ho conués ficãdo soo na tolda com ho mestre a q̃ mandou dar ao apito: ao que se todos asuntarão ao pé do masto per mandado do capitão/q̃ lhes disse. As leys imperaes & as q̃ agora fazem os reys defendem com graues penas os leuantamentos cõtra os reys & príncipes, ou contra os que tem suas vezes, principalmente cõtra seus capitães q̃ andão na guerra, ou que vão parela: porque pera ela ter boõ effeyto ha dauer tanta paz antre os que a hão de fazer como em hũ conuento de frades, por que doutra maneyra em vez de a terem com os contrairos a terão consigo/& por isso em leuante onde se a guerra mais exercita que ẽ outras partes. Os capitães tẽ tamanhos poderes que por muy ponca cousa enforcão soldados, & lhes mandão cortar as cabeças/quãto mais por tamanhas como he leuantarse contra hũ capitão: & porque eu soube certo por proua abastante pera mĩ que aquele homẽ me queria matar ho matey & nã por crueza como cuydarão algũs/porque eu tinha recebido dele boas obras sẽdo seu ospede/& isto me lẽbraua pera ho saluar se podera/mas não pude porq̃ hũ tredoro não se pode poupar por mais boas obras que tenha feytas: & se não castiguey este delito logo como ho soube foy porque erão mais na conjuração, & ho principal era ho piloto de quem não podia fazer justiça por ser a segũda pessoa despois de mim & mais poderoso que eu: & se eu quisera castigalo como merecia ouuera bandos & perderamos nos todos: & Deos que sabia a determinação que ele trazia contra mi sem lho eu merecer permitio q̃ morresse no Brasil tão neiciamẽte como morreo, que ho mao pensamento que trazia ho cegou pera q̃

não conhecesse que ho auião de matar mostrãdolho nosso senhor tão claramente: & porque aquela peçonha que ainda ficaua naqle homem vos não empeçonhentasse a todos ho matey/ no que fez o que deuia/ porque com sua soo morte atalhey as de muytos/ & não pus a cousa em processo de justiça, porque a prua não era bastante pera ho condenar por esta via, & ajudeyme das leys da guerra & do poder que dão aos capitães, de que sey que el rey de Portugal não deixa vsar aos seus/ & não quer que va tudo senão per via ordinaria de processos/ & não perdoa a homem que mata outro, & por isso eu não ousarey de tornar diante dele, nem menos dir a India diante de seu gouernador/ & quero me ir a outra India que he mais segura & onde todos faremos mais proueito/ & esta he no mar de leuante ôde andaremos a toda roupa, & eu vos seguro que em hũ anno ganhemos mais do que valera a carrega da especiaria que este galeã podera trazer da India/ & ali leuaremos muyto boa vida refrescãdo cada dia em terra o que não ouuera mos de fazer na India, por isso quẽ quiser ir comigo diga mo/ & quem não tambem/ porque eu lhe dou a fee de fidalgo de lhe não ter por isso má vontade, & de ho deitar na primeyra terra que tomarmos. Jsto dito chamou logo cada hũ por seu nome pera fazer rol dos que quisessem ir coele & dos que não, & aos q̃ lhe dizião que si daua juramẽto de lhe serem leaes & morrerem coele/ & soos dezaseys Portugueses ouue que não quiserão ir coele nem ele os pode conuerter a isso por mais que lho persuadio, & outros ouue que se assentarão no rol dos que auião dir, & a estes que não quiserão lhe mandou lançar grilhões/ dizendo que ho fazia por não fazerem algũa reuolta/ prometendo de os lançar na primeyra terra que tomasse: & pera os ter mais seguros do q̃ ele receaua mandou os meter de noyte em hũa corrente & dormião no conués, & mandou poer ao pee do masto hũ mandado seu assinado por ele, em que dizia que dali por diante qual quer Portugues que fosse ao fogão em quanto lhe fizessem de comer que fosse açoutado & pregada a mão de reyta no masto, & a mesma pena teria todo o q̃ de noyte não dissesse: ou da vigia/ sou foão vou fazer tal cousa, & quem como fosse Aue Maria por não não fosse requerer sua regra/ & quem misasse na amurada do nauio. E dali por diante como quem se temia tinha de contino doze homẽs armados que ho goardauão aos quartos. Diuulgado este mandado acertarão dous Portugueses de pelejar no fogão & ele os mãdou açoutar/ & pregar as mãos no masto. Do q̃ os Portugueses ficarã muyto indignados contrele/ & se arrepẽderão muyto de se assentarẽ no rol, nem lhe darem as fes de lhe serem leaes/ porq̃ vião que lhe não goardaua aquelhes dera, & conceberão tamanho odio contrele que ho matarão se teuerão armas/ mas não as tinhão/ que cõ q̃nto se assentarã pa irẽ coele/ ele não se fiaua deles.

E cada dia enuentaua achaques pera lhes fazer mal/ porque ho não queriã seguir, com quanto lhes deu lua fe/ que lhes não tiuesse por isso má vontade.

¶ Capit. xviij. De como dõ Luys mandou enforcar cinco Portugueses: & do mais que fez: & de como deixou ho galeão & fugio.

DEterminado dõ Luys de se leuantar disse ao mestre do galeã que se tornassem/ & q̃ ho metesse polo estreito de Gibraltar/ porq̃ la ele sabia por onde auia de ir, prometendolhe de lhe cortar a cabeça se ho assi não fizesse. E ho mestre não podendo al fazer/ lhe pedio hũ estormento pera sua guarda, & saber el rey de Portugal que ele não tinha culpa: & ele lhe deu logo ho estormento ho mais autentico que pode ser: & dali fezerão volta pera ponẽte. E indo assi disse hũ dia dom Luys que ele sabia que os presos determinauão de ho matar: & por isso os queria mandar enforcar que se cõfessassem: & logo mãdou dar tratos de polé a hũ deles cõ doze camaras de falcão/ pera q̃ confessasse a verdade se ho querião matar: & disse se sabia se entrauão todos nesta conjuração ou deles. E com dór dos tratos o que os recebia disse sem ser assi/ que os da cõjuração erão trinta. E nisto se pareceo que com medo ho dezia/ porque os nossos não erão mais ó desaseis & os outros não falauão coeles. E porisso disse dõ Luys q̃ndo lho ouuio q̃ la hião algũs dos seus: & mandou logo chamar hũ João esteuẽs portugues, que cuydando q̃ era pera lhe dar tratos se deitou ao mar. E então affirmou mais dom Luys que era verdade o q̃ dezia: & mãdou enforcar cinco dos presos, & querẽdo enforcar ho carpinteiro do galeão, pediranlho os castelhanos, dizendo que lhe desse a vida, pois fizera ho leme sem que não podérão nauegar: & dom Luys lha deu, & aos outros que estauão pera enforcar: & dali por diante deixou os outros: & indo ja na volta das ilhas/ desejando ho mestre de lhe fugir/ disselhe que ali auia hũa pouoação de Portugueses de sessenta vezinhos/ que iria ali fazer agoada & carnagẽ de q̃ tinha necessidade. E isto com determinação de ver se podia ali fugir. E dom Luys lhe disse que fossem/ & assi forão ate auer vista das ilhas & surgirão antre ho ilheo do coruo & a ilha das froles: & estãdo hi pera mãdar a terra chegou hi hũ mercador da ilha terceira em hũa caravela pera a leuar carregada de trigo: & vẽdoa dom Luys meteose no seu esquife com algũs homẽs armados secretamente: deixãdo por capitão hũ castelhano chamado Bezerril: & chegando á caravela disse ao senhorio dela, que dom Luys de gusmão capitão daquele galeão por el rey ó Portugal/ que hia pera a India lhe mandaua hũa carta que lhe logo deu/ em que dezia/ que indo ele pera a India arribara por lhe q̃brar ho leme q̃ foza fazer ao Brasil, onde

os Brasis lhe matarão ho piloto & outra muyta gente, & por isso lhe foza forçado tornarse pera Portugal/ & hia muyto destroçado q̃ lhe pedia por amor de Deos & da parte del rey de Portugal que fosse coele até lá pa lhe acodir se teuesse necessidade. E cuydando ho mercador q̃ era assi por seruir a seu rey foyselogo ao galeão cõ o piloto & outros/ & de todos dõ Luys deitou mão & prẽdeos & tomou ho dinheiro que ho mercador leuaua pa cõprar ho trigo q̃ erão sessenta mil fs. E passados todos os da caruela ao galeã deu a capitania dela a Bezerril, artilhãdolha/ & apadessãdolha muyto bẽ: & deulhe por mestre & piloto a hũ Portugues q̃ era casado tres vezes em Portugal & por isso fugira delá, & por isto se fiaua tãto dele dõ Luys como dũ castelhano. E pregũtando dõ Luys ao mestre do galeão pola pouoação da ilha leuou ho á ponta delgada, & não ho quis leuar ao proprio porto/ porq̃ dali determiuaua de fugir/ & dom Luys mandou a terra hũ castelhano a dizer da sua parte q̃ quẽ quisesse trocar carnes por azeites & vinhos que fosse ao galeão. Jsto sabido logo forão a ele tres homẽs principais q̃ lhe leuarão bũ grãde seruiço de refresco/ & ele os prendeo, & porque lhes disse que os não auia de soltar ate lhe não darem cada hũ dez ou doze vacas que as mandassem pedir a suas molheres. E tẽdo ele mandado este recado apareceo outra caruela, q̃ determinãdo dõ Luys de tomar mandou sete marinheiros ao esquife dandolhe os remos q̃ tinha em seu poder, porque selhe não fosse cõ ho esquife. E estãdo os marinheiros esperando por ele no esquife/ disse hũ deles aos outros. Que oulhais. E outro respõdeo. Corta cabo pesatal. E estes erão Portugueses: & cortado ho cabo forãse pera terra remando a todo tira/ & verão auiso á caruela q̃ dom Luys quisera tomar q̃ tambẽ fugio. E os marinheiros chegados a terra, requererão na pouoação que prendessem ho castelhano q̃ lá andaua/ porq̃ dom Luys era leuantado, & assi foy feyto: & os vezinhos da pouoação q̃ serão vinte vigiauãse dali por diãte de dia & de noyte hiã dormir por esses matos. Passãdo assi isto apareceo hũa naueta que vinha de guiné: & vista por dom Luys mandou a ela Bezerril na caruela, & que lhe mandasse amainar de sua parte/ & se não que a metesse no fundo/ & ela amainou logo, & ho capitão, mestre & piloto forão leuados a dõ Luys, q̃ os ameaçou cõ tratos se não disessem o que trazião: & eles ho disserão logo que erão trezentos escrauos/ algalea/ mar fim & pao vermelho, & q̃ a armação era d Duarte belo hũ armador de Lisboa/ & abaldeado no galeão quanto vinha na naueta, assi mercadozia como mantimentos passou a ela os presos que leuaua. E em quãto se isto fazia, determinando sa ho mestre do galeão de fugir pedio licẽça a dom Luys pera ir ver hũa sua irmaã que auia dias que lhe disse ra q̃ tinha ali q̃ auia muyto tempo q̃ a não vira: & por se dõ Luys não fiar dele ho não deixou ir a terra, mas

mandouho na bateira da caruela cõ dous castelhanos q̃ho nã deixassem sair senão q̃lhe falasse do mar. E chegados perto da terra ho mestre teue tal manha q̃ juntamẽte os empurrou & deu coeles no mar, & ele se lançou apos eles, & em quãto os tomauão se acolheo a terra leuãdo consigo ho estormento q̃ lhe dõ Luys dera, q̃ sabendo q̃ ho mestre era fugido mãdou hũ cunhado seu irmão de sua molher q̃ era Portuguesa cõ hũ seguro seu ao mestre pera q̃ se tornasse. E o cunhado como foy em terra mandoulhe dizer que se fosse pa ladrão. E despois disto esteue ali dõ Luys q̃tro dias com calmaria, & vindolhe vẽto se partio pera as Canarias / & no caminho tomou hũa caruela carregada de pastel q̃ hia pera Frandes & hũ nauio carregado de pescado / & tendo q̃tro velas chegou ás Canarias & tomou porto na Gomeira onde vẽdeo toda a fazẽda q̃ leuaua, & logo se rompeo q̃ hia leuantado cõtra el rey de Portugal / & sobristo ouue taes rezões cõ ho capitão q̃lhe mãdou tirar ás bombardadas á força leza / dõde lhe tambẽ tirarão & que brarão a verga do galeão / q̃ vendo ele q̃ não podia nauegar sem ela por não ter outra mudou ho fato & artelharia dele á caruela de bezerril: & deixãdo ali ho galeão & as outras velas se foy na caruela caminho de Seuilha.

¶ Capit. De como os mouros matarão a Manuel de sousa & cozẽta dos nossos em hũa agoada / & como despois se pdeo ho galeão

NEste tẽpo q̃ isto sucedeo a dõ Luys ó Guzmão, se apartou tãbẽ da cõserua de Jorge dalbuquerq̃ por mais não poder fazer outro capitão da frota q̃ auia nome Manuel de sousa & hia ẽ hũ galeão, que despois de passar muyto trabalho de tormẽtas foy ter na praſẽ de Moçambiq̃ na fim de Setẽbro / & parecẽdolhe q̃ poderia ainda passar á India nã quis tomar Moçambiq̃ (posto q̃ tinha necessidade dagoa) & passou auante, & como ia os leuãtes cursauão fez muy pouco caminho por serẽ por dauante / pelo q̃ lhe foy forçado ir buscar a costa do cabo de Goarda fũ pera tomar agoa, porq̃ por falta dela leuaua a mais da gẽte doẽte, & cada dia lãçaua mortos ao mar. E indo coesta fadiga seguio tanto por aq̃la volta q̃ ouue vista de çacotorá / q̃ não pode tomar por ho vento ser porcima dela q̃lhe ficaua ponteiro, & por isso arribou á costa: & auendo vista de terra se deixou ir ao lõgo dela caminho de Melinde pera ver se achaua õde tomasse agoa, & foy ter a hũ lugar ó mouros chamado Mãtua em cujo porto surgio, & surto se foy a terra cõ ho piloto leuando cozẽta homẽs armados pera tomar agoa por força quãdo não podesse doutra maneyra. E chegado a terra achou hũa muy boa fonte afastada do lugar, & começando de tomar agoa chegarão algũs da terra a vender galinhas & outros mãtimẽtos mostrãdo q̃rer paz. Ho q̃ cõfiados os nossos, descuidarãse tãto q̃ lhes ficou ho batel em seco bẽ mea legoa do mar cõ a vazante da maré o que

pedo Manuel de sousa chamou os nossos & meteo-se coeles a leuar ho batel pa ho mar a força de braços & de peitos. E vendo os da terra q̃ andauão naqla fadiga ajũtanse perto de dous mil homẽs cõ suas armas/ & dando nos nossos os matarão todos q̃ não ficou nenhũ & tomarão ho batel: os do galeão leuarão logo ancora porq̃ lhes não fizessem outro tanto/ & sem ter quẽ mãdasse auia tomarã por remedio mãdala ho contra mestre q̃ sabia disso algũ pouco, & fozanse ao lõgo da costa quasi sem esperãça de saluação/ porq̃ por serem os mais muyto doẽtes auia tão poucos q̃ marearẽ as velas q̃ não podião marear mais q̃ ho traquete, & coele naueganão pera Melinde, porq̃ por não auer quẽ soubesse mandar a via não podião seguir outra rota/ & indo assi chegarão a outro lugar de mouros chamado Mõsa, em cujos moradores acharão paz & amizade & lhe venderão mantimentos/ & por isso se deteuerão seys dias no seu porto/ & por hũ desastre lhes ficou ho mestre em terra cõ seys homẽs sãos: o que lhe fez muyta mingoa, porq̃ não ficarão mais q̃ seys sãos q̃ podessem marear ho galeão/ & assi forão caminho de Melinde a Deos & a vẽtura sem saberẽ onde era porq̃ não tinhão quẽ mandasse a via/ & por isso errarão Melinde passando ao mar dele/ & forão dar em hũa ilha jũto de Quiloa onde ho galeão deu em hũ baixo & ali se pdeo/ & os mouros da terra se ajuntarão todos & matarão quantos hiãno galeão, saluo hũ moço que era sobrinho do mestre, q̃ elrey de Zambizar tomou pera si. E mortos os nossos ajũtaranse os reys de Quiloa/ de Zanzibar, de Pẽba & de Monfia & partirão antre si quanto se tomou no galeão, que acabou desta maneyra com os que hião nele.

¶ Capit. xx. De como Jorge dalbuquerque com algũs capitães de sua armada inuernarão em Moçambique & outros passarão a Jndia.

PAssando estes capitães estas desauenturas/ ho capitão moor Jorge dalbuquerq̃ foy ter a Moçãbiq̃. onde por ser tarde inuernou com sete capitães da frota q̃ tambẽ hi forão ter. E estes forão ho doutor Pero nunez, Diogo fernandez de beja/ Rafael catanho/ Rafael perestrelo/ Pedreanes frances/ Cbristouão de mendoça & Jacome tristão. E Pero da silua/ Lopo de brito/ Garcia chainho, João rodriguez dalmada & outros passarão a Jndia, & forão ter a Cochim estãdo hi ainda o gouernador a q̃ disserão a frota q̃ partira de Portugal, & q̃ lhes parecia q̃ Jorge dalbuquerq̃ cõ os outros capitães inuernauão em Moçambiq̃. E por ho gouernador saber se era assi & por ter necessidade deles pera a viagẽ do estreito q̃ auia de fazer ẽtrando Agosto os mãdou buscar a Moçãbiq̃ per hũ Gõçalo d̃ Loulé capitão de hũa caravela/ a q̃ mãdou q̃ lhes disesse q̃ ho fosse buscar pelo estreito ate Judá pera onde ficaua de caminho.

¶ Capit. xxi. De como o gouernador foy ver a fortaleza de Coulã.

Despachado Gonçalo de Loule, & dando ho mar fazigo partiose o gouernador pa Coulão a dar remate á fortaleza & fauorecer os Portugueses q̃ lá estauão: & ẽquãto hia deixou por gouernador a dõ Aleixo demeneses pera q̃ a cabase de fazer a carrega da especiaria q̃ auia dir pera potugal. E ele foy em hũa gale a cõpanhado doutras duas, a cujos capitaẽs não soube os nomes nẽ do q̃ passou ẽ Coulão, saluo q̃ esteue hi passãte ó tres meses dãdo remate á fortaleza aq̃ foy posto nome são Thome por hõra deste bẽ auẽturado apostolo: cujo sitio he forte por natureza & em lugar q̃ pode bẽ defender a ẽtrada do porto aos imigos cõ hũ poço de agoa muy sabro sa q̃si pegada coela. A cerca da fortaleza tinha de canto a cãto oytẽta & cinco palmos & de vão setenta & cinco: fizeraõse tres torres, a da menagẽ & outras duas q̃ ficão ẽ Triãgulo/ q̃ quãdo fugasse a artelharia hũa nã podesse fazer nojo a outra. E cõ tudo não se pode acabar esta obra cõ quanto ho gouernador hi foy & esteue ate Nouembro, q̃ como vigo forão tres meses: & na fim de Nouembro se tornou pera Cochim dõde ó spachadas as naos da carrega se foy a goa õde tinha toda a armada q̃ auia de leuar a Judá/ onde determinaua de ir aq̃le anno de vinte & pelejar cõ os rumes & quey mar lhe as galés & fazer hũa fortaleza ẽ Judá ou em Adẽ onde visse que era melhor, pera q̃ tinha juntos todos os petrechos necessarios, & ó Goa despachou por capitão de Ceilão a Lopo ó brito, & por capitão mór do mar Antonio de brito seu irmão, & porq̃ tinha carta do hidalcão q̃ queria coele amizade & q̃ mãdasse hũ homẽ de confiãça com q̃ a assentasse, determinou de mandar a João gõçaluez de castelo branco q̃ lá fora ẽ tempo Dafonso dalbuquerq̃/ & sabia a terra & lingoa.

Capit. xxij. De como João gonçaluez de castelo branco foy por embaixador ao Hidalcão.

Deulhe hũa carta de crẽça pa o Hidalcão & hũa instrução do q̃ lhe auia de dizer, q̃ era folgar muyto cõ sua amizade, & q̃ folgaria de fazer o q̃ lhe requeria. E q̃ auendo amizade ãtreles ele daria maneyra como mandasse hũ embaixador a Portugal & escreueria a el rey tudo o q̃ lhe compryisse/ & pera ser melhor despachado q̃ iria cõele a Portugal ho mesmo João gõçaluez q̃ lhe mandaua, q̃ não hia lá por outro respeito se nã pera lhe dizer o q̃ queria delrey de Portugal. E pera q̃ visse q̃ queria cõcruſam na amizade lhe não queria pedir as tanadarias de Banda ate Cintacora como Afonso dalbuquerq̃/ somẽte pedia a Dãtruz pola necessidade q̃ tinha de madeira pera as armadas da India.

E q̃ lhe pediria as fustas de Dabul & apertaria muyto q̃ lhas desse todas, & não q̃rẽdo lhe dessea mayor parte/ & sobrisso lhe apontaria os muytos Portugueses que mata-

rão em nauios que tomarão.
E lhe diria q̃ era cõtẽte de dar seguro ás naos ỹ Dabul pera nauegarẽ como as ỹ Cãbaya, & tãbẽ dassẽtar feitoria em Dabul: & lhe daria licença pera mãdar duas naos a ceilão a carregar dalifantes: & pera mãdar por caualos a Ormuz: cõ tanto que fossem pagar os dereitos a Goa: & lhe daua seguro pera seus mercadores leuarẽ a Goa suas mercadorias & tirarem outras.
E q̃ se algũs portugueses andassem na terra firme lançados cõ os mouros delhes desse seguros em nome dele gouernador: & poreste capitulo os auia por bõs & firmes.
E mais lhe deu hũ presente pera ho hidalcão, cõ que se partio ỹ Goa na entrada de Feuereiro bẽ acõpanhado: & foy ter ondestaua ho hidalcão que não quis dar a tanadaria q̃ ho gouernador pedia. E a cabo de hũ ano se tornou pera Goa.

¶ Capi. xxiij. De como indo ho gouernador pera a cidade de Juda se lhe perdeo a nao em q̃ hia. E de como não podẽdo ir a Juda foy surgir á ilha de Baçua.

Endo ho gouernador pstes sua partida pera Juda, entregou a gouernãça da India a dõ Aleixo de meneses a q̃ mandou q̃ fosse inuernar a Cochi: & partiose ho gouernador pera Juda a treze de Feuereiro ỹ. M. D. xx. cõ hũa frota de. xxiiij. velas. s. dez naos grossas, de que erão capitães ele, Diogo ỹ saldanha, Antonio ferreira fogaça, Simão guedez de sousa, Fernã gomez de lemos. Pero da silua, Pero gomez teixeira ouuidor geral. Antonio ỹbrito caçador mor del rey ỹ Portugal. Antonio raposo. E dous galeões, capitães Antonio de saldanha & dõ João de lima. E cinco galés cujos capitães forão Cristouão de sousa. Geronimo de sousa. Cristouão de sa. Dinis fernãdes de melo. Jorge barreto de beja E q̃tro nauios redondos, capitães Miguel da mouta. Gaspar doutel, Nuno fernãdez de macedo. Anriq̃ de macedo. E duas caruelas latinas capitães Lourenço godinho: & Pero vaz de vera, & hũs bargãtins pera seruiço da frota. Partido ho gouernador ỹ Goa aos noue ỹ março, chegou a Mete onde despois ỹ fazer agoada mandou queimar ho lugar, q̃ estaua despejado: E seguindo daquí sua rota pera ho estreito, aparecerã por dauãte da frota hũs marruazes de mouros, a q̃ os outros capitães se forão em os vendo: E querẽdo ho gouernador ser dos primeiros q̃ chegasse aeles, porq̃ os não roubassem, mandou deixar ho caminho do pego q̃ leuaua & rodear por derredor de hũa rastinga, por onde cuydou q̃ atalhaua: posto que contra vontade do piloto, q̃ disse q̃ auia medo de ir dar em algũ baixo: como foy dar por ho gouernador não querer se não que fosse por õde dezia: & ali se perdeo a nao: & acodindo logo algũs nauios que hião perto saluarão a gente com algũ fato, porem a fazenda grossa, artelbaria & munições pera a fortaleza que se auia de fazer, tudo se ali perdeo,

E o gouernador se passou ao galeão Dantonio de saldanha, E dali tornou a sua viagem pera Judá, E che gou ás portas a dezaseys de Março, E ali estenerão muytos dos nauios da armada quasi em seco: E nisto atrauessou hũa gelua que foy tomada pola galé de Jeronimo d'sousa, E detreze mouros que hião nela soubebo gouernador que erão vindos a Judá mil E duzentos homẽs em ajuda dos rumes, que armarão seys galés que mandauão a Zebit ódestaua hũa cõpanhia de rumes, E isto pera que os concertassem cõ el rey Adem com quẽ estauão em discordia: E cõcertados esteuessem em Adẽ a sua obidiencia, cõ condição q̃ dali lhes deixasse fazer guerra aos nossos que hi fossem fazer preas. E estas galés sabendo q̃ bo gouernador hia, fugirão logo pera Judá onde forão dar nouas de sua ida. E sabẽdo o gouernador q̃ erão passadas, prosseguio sua viagẽ pera Judá indo polo mar mayor, E cõ muyto trabalho de surgir muytas vezes E dar vela outras tantas, E andar muyto pouco, se pos cento E vinte legoas de Judá, E estãdo ali surto com vento contrairo hũs a vista dos outros, desesperado de poder ir auante chamou a conselho todos os capitães da frota, E preguntoulhes q̃ faria cõ tempos tão desuairados como ali achauão. Ao que todos responderão q̃ erão geraes, E q̃ não podião ir por diante se não cõ muyto trabalho E risco de andarem ali hũ mes, E por derradeiro nã poderẽ chegar a Judá. E pois Lopo soarez quando lá fora chegara naq̃le tempo a quinze legoas dela E nelas polera quinze dias, q̃ farião eles que estauão cẽto E vinte: por isso era perfia escusada querer ir mais auãte, E era perder tempo. E parecendo isto a todos os capitães E pilotos, acordarão que deixassem a viajem de Judá, E pois a deixauão fossem á costa da Abexia ao porto da ilha de Maçuá q̃ lhe Matheus dizia, dõde se podia ir á corte do Preste. E não se atreuendo os pilotos mouros que hião na frota ir a Maçuá sem tornarem a auer vista da ilha de Deibão onde tornarão, E com muyto trabalho E fadiga foy a ver vista da ilha de Dolaca na primeyra oytaua de Pascoa: E seguindo dali pera Maçuá no proprio dia em se poendo bo sol virão os nossos nele hũa bandeira preta de feyção de rabo de galo, E muytos affirmauão per juramento que a vião bolir. E aos dez dias Dabril chegou ao porto da ilha ó Maçuá, que estara dous tiros de bésta da terra firme em quinze graos da bãda do norte, em q̃ auia hũa muyto grande pouoação de mouros, q̃ posto que a terra era do Preste não lhe obedecião por estarem no mar. Sam todos pretos assi homẽs como molheres, E dão nús da cinta pera cima: sam grandes mercadores E muyto ricos, principalmente douro que lhes trazião do sertão onde tratauão, E assi marfim, mel, cera E escrauos Christãos que eles fazião tornar mouros, E despois de tornados erão muyto mais imigos dos Christãos q̃ os mesmos mouros: de q̃ erão muy estimados

poz serem valentes homẽs. Os moradozes desta ilha sabendo que ho gouernadoz hia fugirão com medo despejãdoa de todo: & fozanse pera hũ lugar da costa chamado Arquico que estaua duas legoas da ilha/ & ali tinha ho Preste hũ capitão a quem se os mouros entregarão cõtandolhe a causa pozque: & sabendo ele como ho gouernadoz hia despedio hũ recado parele.

Capit. xxiiij. De como ho gouernadoz chegou ao pozto ð Maçuá/ & de como soube que Mateus era verdadeyzo embaixadoz do Preste.

O pozto desta ilha de Maçuá estauão duas grandes naos de mouros de Cãbaya/ & assi muytas geluas de mouros doutras partes, que como virão a nossa frota se leuarão logo, & dando á vela se acolherão poz esse estreito a diante, & Jeronimo de sousa deu caça ás naos & aferrou com hũa que queymou & ho bargãtim foy apos as geluas ate defronte Darquico hũa boa vila de casas de pedra & cal, de que se espantãdo os nossos/ como não podião alcãçar as geluas se poserão a olhala: & nisto virão vir de terra hũa almadia com tres homẽs que abozdãdo com ho bargantim se lançarão dentro/ preguntando aos nossos poz a rauia q̃ homẽs erão, & poz ela lhes foy respõdido que erão Christãos vassalos del rey de Portugal / & dous deles ẽ ho ouuindo beijauão ospés ao capitão com prazer, dizẽdo. Christão, Christão Jesu Christo filho de sancta Maria/ pedindo lhe q̃ os leuasse ao capitão móz da nossa frota/ pozq̃ lhe leuauão hũa carta do capitão Darquico & cõtrãlhe como ele soubera dos mouros de Maçuá q̃ aq̃la frota era de Christãos/ & hũ deles pedio licẽça pera lhe ir affirmar q̃ si era & logo se foy, & os dous ficarão, de q̃ hũ era Christão Abexim & outro mouro/ & ãbos fozão leuados ao gouernadoz que ja estaua surto, que sabẽdo cujos erão lhes fez muyto gasalhado com grande aluozoço pozse ver ẽ terra de Christãos, & despois ho Christão lhe deu a carta que lhe leuaua, & assi hũ anel de prata que lhe ho capitão mãdaua ẽ final de paz, q̃ ele tomou com muyta festa poz ser seu, & mandou ler a carta que dizia q̃ ho capitão Darquico daua muytas graças a nosso senhoz deos pozque erão compridas as prophecias q̃ eles tinhão naquela terra q̃ dizião que auião de vir Christãos á ilha de Maçua/ & pozisto q̃ eles sabião desejauão muyto sua vinda: & pois ho gouernadoz era ho señoz do mar que ozdenasse da terra o que lhe bẽ pareceesse, pozque ele com a fé que tinha de ser aq̃la frota de Christãos não despejaua a vila & os estaua esperando/ pedindolhe que lhe mãdasse hũ final de paz & damizade. E ouuidas estas palauras polos da capitaina/ chozauão os mais com prazer de se ver naq̃la terra de Christãos que auia tãto tempo q̃ estaua escõdida. Ho gouernadoz despois de dar de vestir aos do capitão, mãdoulhe hũa bandeira de damasco

branco com hũa cruz vermelha em final de paz, & respondeolhe cõ outra carta, & tornou os a mandar no bargantim/ & quando partio desparou toda a artelharia da frota em final de festa, & antes dõ bargantim chegar a terra hũ pedaço lançouse ho mouro a nado, pera q̃ fosse dar nova primeyro que ho bargantim chegasse da bandeira q̃ leuauão ao capitão. E que sabido em Arquico foy ho aluoroço tamanho assi nos Christãos como nos mouros/ que bẽ duas mil almas forão correndo á praya: & vendo ho bargantim que chegaua ao porto deitauãse nó mar com grande alegria & pegauão dele pera o leuar a terra. E nisto veo ho capitão da vila & recebeo a bãdeira com grande reuerencia/ adorando a cruz & fazendo muyto gasalhado aos nossos/ mandou ordenar sua gente em procissam & cõela foy a bãdeira leuada á vila/ & foy aruorada sobre as suas casas: & porq̃ lhe ho gouernador escrenia q̃ se queria ver coele/ & assi ver algũs frades dũ mosteyro chamado Affam q̃ estaua dali a vinte legoas mandou os logo chamar, & ho barnegais a quẽ ele era sugeito. E barnegais he nome doficio que naquela terra he como condestabre/ marichal ou fronteiro mor: & estendiase sua jurdição da vila Arquico ate a cidade de çuaquẽ que sam sessenta legoas polo sertão/ & era vassalo do Preste & tinha cõtinuamẽte guerra com hũ rey mouro comarcão daçla terra. E isto feyto mãdou ho dizer ao gouernador/ que entre tanto foy ver a ilha de Maçua pera repartir polas naos muytas cisternas dagoa doce q̃ lhe dizião q̃ auia nela: & assi achou q̃ erão. xlix. & todas cheas & fechadas cõ chaue pera ho tempo da necessidade. E repartidas as cisternas pa as naos fazerẽ agoada, vio toda a ilha pera leuar dela enformação se ainda em algũ tẽpo quisesse mãdar fazer ali hũa fortaleza, & vio q̃ tinha muyto bõ porto çarrado & de bõ fundo: & a parte da ilha ondestauão as cisternas era de pedra & a outra parecia furtada ao mar, & mandandoa medir achou q̃ tinha mil & duzentas braças de roda/ & q̃ era comprida, & no meyo onde era mais estreita tinha ô largura. cc xl. & em hũ dos cabos duzentas & sessẽta & em outro. ccl. E auia na terra grãde criação de vacas/ & muytas gazelas/ & tantas lebres que as matauão os nossos apé, & do mais era muy desposta pera se fazer nela quãto quisessem. E tornandose ho gouernador pera o galeão vio vir por terra hũ homẽ de cauallo cõ quatro boys diante/ & parecẽdolhe q̃ seria algũ recado parele mandou chegar ho esquife a terra/ & ho de cauallo se chegou á agoa bradãdo. Christãos Christãos. Jesu Christo filho de sancta Maria, & trazia hũa carta grande de pergaminho estẽdida, & pitada nela a imagẽ de nossa senhora cõ ho menino Jesu no colo/ & de cada parte hũ anjo & abaixo os apostolos. E apresentando os boys ao gouernador êtrou cõ outros dous no esquife tão sem medo como que conuersara sempre cõ os nossos. E ho gouernador os recebeo muyto bẽ & beijou a imagẽ muyto cõtente

ver ho acatamento & veneração que os Abexins fazião á imagẽ: & preguntando ao q̃ a trazia a causa de a trazer, respõdeo q̃ pera testimunho de sua christindade, & q̃ ho capitão lhe mandara q̃ a leuasse/ de q̃ tambẽ lhe deu hũa carta em q̃ lhe escreuia o que tinha feyto. E estando este home com ho gouernador/ preguntou a Alexandre dataide q̃ era ho lingoa se ouuera na India noua ô hũ homem q̃ se chamaua Mateus q̃ fora a buscar os nossos á India. E sabẽdo isto ho gouernador pera saber a verdade ô Mateus disse ao lingoa q̃ fizesse q̃ não sabia dele nada/ & que lhe preg̃tasse que homẽ era. E ho Abexim lhe contou quem era, como eu ja disse no liuro terceiro quando a raynha Helena ho mãdou á India: & chegados ao galeão ho gouernador mandou por Mateus que hia cõ Pero gomez teixeira, & como ele chegou foy cousa estranha ho grande prazer q̃ os Abexins mostrarão coele & beijauãlhe a mão: & ele cõ muytas lagrimas daua graças a nosso senhor q̃ ho deixara chegar a tẽpo em q̃ se mostrasse ser sua embaixada verdadeyra & outras boas palauras: & mandou dizer ao capitão q̃ mandasse dizer ao Barnegais & aos frades de Bisam q̃ viessem logo em todo caso. E sabido em Arquico que Mateus estaua no porto de Maçua ao outro dia ho foy ver muyta gẽte & preguntauão por abima Mateus. E abima em sua lingoa quer dizer padre como ja disse/ & assi ho honrrauão eles beijandolhe as mãos & os vestidos, que os nossos folgauão muyto de ver por se certificarem q̃ fora verdadeyro embaixador, & não echacorno como algũs immigos Dafonso dalbuquer q̃ deitarão fama q̃ era quando foy á India & despois em Portugal/ por ôde esteue em descredito ate aquele tempo.

¶ Capit. xxv. De como ho capitão Darquico foy falar ao gouernador/ & despois ho forão ver noue frades do mosteiro de Bisam.

AO outro dia sabendo ho gouernador que erão fugidos pa terra tres dos nossos da galé de Jorge barreto, mãdou ho ouuidor geral a terra que os fosse buscar/ & q̃ pedisse ajuda ao capitão Darquico se lhe fosse necessaria: & tambem lhe pedisse da sua parte que não tardasse mais em se ir ver coele/ por q̃ ele por não deixar a frota soo ho não fazia. E sabendo ho capitão como os nossos erão fugidos os mandou logo prender da hi a cinco legoas onde os tomarão: & ao outro dia se foi com ho ouuidor a ver ho gouernador acompanhado de muyta gente & foy por terra, & chegãdo a tiro de bésta do mar desparou a nossa frota toda sua artelbaria, de que ele ficou tão espantado que não foy mais por diante & tremia todo. O que entendendo ho ouuidor lhe disse a causa do desparar da artelbaria: mas ele não se segurou coisso & deixouse estar quedo, posto que chegarão algũs fidalgos q̃ ho gouernador mãdou pera ho acompanhar ẽ ate a capitaina. E ho ouuidor que

entẽdia seu medo não quis apertar coele que fosse á capitaina, porq̃ receou que entrasse nele algũa desconfiança, & por isso ho foy dizer ao governador, aconselhandolhe que fosse a terra a verse có ho capitão. E q̃ ele fez leuando Mateus consigo, & despois de se receberem com grãde amor abraçãdose, assentaranse em tres cadeiras: & ho capitão fora do medo que tinha começou de dizer que daua muytas graças a nosso senhor Deos por se comprir hũa profecia que tinhão que dizia q̃ auião de vir Christãos ao porto de Maçuá: & pois era comprida que lhe pedia da parte de Deos todo poderoso que se goardasse antreles aquela paz & amizade que ele mesmo Deos mãdara ter aos seus discipulos em nome de todo pouo Christão. E q̃ presopondo ele que isto auia assi de ser, ho vinha ver & a q̃ntos vinhão coele como a Christãos, & que auia tão longo tempo que se desejauão naquela terra, & que fosse certo que hia pera fazer quanto lhe mãdasse, somente porque era Christão & por trazer consigo Christãos, & que ao mesmo viria ho Barnegais que chegaria ate tres dias. E ho governador lhe respõdeo que a paz & amizade estaua muy segura da sua parte, & assi de todos os nossos: porque ele não viera ali se não pera esse fim, & seguroubo quanto pode, & por a calma ser grande se deteuerão pouco. E ho governador lhe deu em final damizade hũa espada & outras cousas com que ele folgou muyto: & cõisto se despidirão, & o capitão caualgou em hũ caualo q̃ trazia a destro, & tomando hũa lança cozreo ho cãpo com muyta desenuoltura & ar. E chegado a Arquico, chegarão bi nouefrades do mosteiro de Bisam que hião falar ao governador, que sabendo sua vinda mandou logo lá ho ouuidor pera que viesse coeles, & coele Alexandre dataide pera lingoa, & forão por terra em caualos, & assi tornarão com os frades que hião a pé por lho mandar assi a sua regra. E sabẽdo ho governador como hião os sayo a receber á borda dagoa nos bateys que hião todos embãdeirados & cõ as trõbetas, & dali os leuou com grãde festa de folias ao galeão, onde todos os clerigos da frota & os cãtores do governador os estauão esperando no bordo do galeão com suas sobrepelizes vestidas & hũa cruz leuãtada, & ate os frades entrarem cantarão ho cãto de Benedictus dñs Deus Israel. E em os frades entrando tomarão a cruz & adorarãna com tanta deuação & reuerencia que não auia quẽ não desse muytas graças a Deos ô ho ver: & despois de adorarẽ a cruz fizerão muyto acatamento a Mateus. E despois disto o governador lhes mandou dar de comer na sua camara tamaras, nozes & outras fruytas, porque não comião carne nem pescado, & enformandose deles particularmente do seu mosteiro & da sua regra deulhes licença pera q̃ fossem com Mateus á nao em que ele vinha. E despois destarem lá hũ pedaço se tornarão pera Arquico & foy coeles ho ouuidor q̃ ho governador mandou pera ir ver ho mosteiro de Bisam, & ver o que lhe os

frades disserão dele/ & deulhe hũa carta pera ho proprio capitão Darquico que chegara de casa do Barnegais onde era, que estoutro q̃ disse não era ho proprio & ficara em lugar do outro, & mandoulhe hũ presente.

¶ Capitolo. xxvj. Do sitio do mosteiro de Bisam / & da regra que goardão os seus frades.

CHegado o ouuidor a Arquico/ & sabendo ho capitão que queria ir ao mosteiro de Bisam mãdou a hũ seu irmão que fosse coele com quinze piães, & deulhe duas mulas pera dous dos nossos que hião coele: & ho mayoral dos frades porq̃ não auia dir logo mandou coele hũ frade chamado Estenão/ & partido Darquico começou de caminhar por hũa terra despouoada em que auia muyta caça ô veação & muytas gazelas. E ao outro dia começou de topar em magotes muyta gente de pé & de caualo/ que vinhão em mulas: & estes erão da companhia do Barnegais q̃ vinha. E despois desta gente achou quatro mulas a destro & quatro caualos tamanhos como os Andalozia, & hũ pedaço atras vinha ho Barnegais, & hũ tiro de bésta dele se deceo ho irmão do capitão Darquico & lhe foy falar, & ho Barnegais não deixou dãdar em quanto lhe ele falou. Ho ouuidor em chegando ao Barnegais deceose pera lhe falar / & ele deteue hũa mula em que hia: & era homem de boa estatura magro & lãçado hũ pouco por diãte. Seria de sessẽta annos: vinha vestido de pano branco dalgodão & cuberto com hũ bedem muyto fino. C Chegãdo ho ouuidor a ele beijoulhe a roupa sobre hũ giolho, & disselhe que era Christão que vinha na frota que el rey de Portugal mandara ao porto de Maçua/ pera seruiço de Deos & do Preste & exalçamento da fee catholica. Ho Barnegais lhe disse que sua vinda fosse muyto boa/ & que auia de ser com muy grãde trabalho pois era de tão longe, & por falar com ho gouernador se abalara de sua terra/ & pois hia ao mosteiro de Bisam que tornasse logo/ porque desejaua de falar coele antes de se ver com ho gouernador/ & mãdaua coele mais gẽte, & ele não quis. E apartado do Barnegais começou de caminhar por antre hũas serras ao longo de hũa ribeira terra muyto grossa & viçosa, em que auia, tãta criação de gado vacũ que vio por onde hia bem oyto mil vacas, & na cozoa de hũa daqlas serras ẽ hũ escãpado estaua hũa horta de taliça & larãgeiras, & junto coela hũa cerca q̃ cercaua hũ mosteiro, em q̃ o ouuidor entrou, & á porta da igreja ho recebeo hũ frade velho & deulhe a beijar hũa cruz, & despois entrarão na igreja que era quadrada sem capela mór & na cabeceira tinha hũ altar quadrado que não chegaua á parede cuberto de panos pretos & não auia outro/ & estaua nele a imagẽ do anjo sam Miguel, & afastada deste altar atrauessaua hũa corrediça de seda que chegaua de parede a pare-

de/ & por todas elas estauão pintadas muytas imagẽs de sanctos/ & antrelas a figura de sam Jorge como a nos temos/ & a de Moyses cõ as tauoas da ley, & todas cubertas cõ panos. E neste mosteiro não estauão mais q̃ oyto frades/ & as celas erão redõdas cubertas de palha cõ curuchcos & cruzes nas põtas deles/ & tinha hũa boa horta em que auia parreyras/ limoeiros, figueiras & pessegueiros cõ pessegos limpos da frol & era em Abril/ & daqui se partio ho ouuidor pa ho mosteiro de Bisam que está sobre ho pico ũ hũa serra cercado ao derredor onde chegou despois de vespera, & aa porta da cerca ho receberão algũs frades cujos habitos erão tunicas & mantos de teadas grossas amarelas & os capelos feytos como murças/ & cada hũ tinha encima da cabeça hũa cruz, & coeles estauão quize moços de q̃torze ãnos cada hũ, que erão orfãos & criauãnos os frades por amor de Deos: daqui foy leuado a outra cerca q̃ cercaua a igreja a cuja porta ho fizerão descalçar porq̃ auia dentrar dentro: foy aqui recebido de sete frades cõ capas de borzado de Meca da maneyra que tẽ os nossos frades nas festas, & os cinco tinha cada hũ sua cruz leuantada/ & os dous senbes retauolos de nossa senhora. Coestes estaua ho mayoral do mosteiro tambem com hũa capa cõ hũ pedaço de seda lançado em cruz ao pescoço/ & assi outros frades sem capas/ & hũ deles tomou ho ouuidor polà mão & ho meteo na igreja q̃ era feyta pela vitola da do outro mosteiro: & no altar tinha hũ retauolo grãde de pao em q̃ estauão as figuras da santissima Trindade todas tres de hũa igoaldade & idade/ & nos cãtos do retauolo as imagẽs dos q̃tro euãgelistas como as ha ãtre nos. Auia mais outro altar em que estaua hũ crucifixo com nossa senhora de hũa parte & sam João da outra, & hũa imagẽ de nossa senhora do pranto muyto deuota/ & outras duas imagẽs. E assi auia outros dous altares de nosso senhor & de nossa senhora/ & polas paredes muytas pinturas de santos. Tambẽ lhe foy mostrada a sanchzistia/ em q̃ auia muytos ornamentos de seda & muytos calizes douro & de prata, & outras peças do culto diuino: assi lhe forão mostradas todas as oficinas do mosteiro/ de que não faltaua nenhũa pera ser como os nossos, mas não tinha mais que hũ sino & este de cobre sem badalo/ & tãgião cõ hũ maço: & por derradeyro lhe mostrarão hũa sepultura alta cercada de candieiros que acendião ás vezes. E visto ho mosteiro assentouse ho ouuidor com ho mayoral dele que auia nome Samara chzistus, & coeles cinco frades velhos & muyto magros que parecião de boa vida/ & ho mayoral lhe contou que auia trezentos & cincoenta annos que aq̃le mosteiro fora edificado por hũ homẽ sancto chamado Phelipo cuja sepultura era aq̃la grande que vira/ & q̃ os frades daquele mosteiro & todos os outros da terra do Preste erão da ordẽ de sancto Antão/ & q̃ se mãtinhão todos de seus trabalhos, que cauauão & roçauão

& fazião por aq̃las serras muytas lauoiras, & tinhão grande criação de gado & de mulas que vendião pera suas necessidades, porq̃ as esmolas erão poucas & os dizimos leuauaos ho Barnegais: & disselhe que a ley euangelica fora pregada naq̃la terra polo euãgelista sam Mateus, cuja ossada estaua em Alexandria, & q̃ tinhão a briuia em q̃ não tinhão mais que tres liuros desdra, & que tinhão as epistolas de sam Paulo: & q̃ costumauão de se cõfessar como cometião ho peccado. E q̃ crião q̃ nosso senhor dera poder a sam Pedro de absoluer & condenar, & que ele deixara ho mesmo poder a seus subcessores. E a causa porq̃ não reconhecião por superior ho nosso Papa era por ser muyto longe dali a Roma, & auer muytos mouros & turcos no caminho. E a isto lhe disse ho ouuidor selhe queria dar hũa carta dobediẽcia pera ho nosso Papa & outra pera el rey de Portugal & ele disse q̃ sy, mas tornou logo a dizer que era ja noyte. E ao outro dia era sabado, & que não auia de falar coele nẽ fazer nada, porq̃ ho goarda não á honrra de nossa senhora assi como ho domingo, & por isso não auia desc reuer, nẽ ele auia de poder a goardar pois vinha tão depressa, mas quelhe daria hũ liuro que mostrasse a el rey ð Portugal & ao Papa, pera que vissem em que crião os Christãos do Preste, & logo lho deu, & era de oytauo em letra da sua lingoa. E coisto se despedio dele, & ele foy leuado a hũa cela em q̃ estauão duas tauoas por cama & hũa pedra á cabeceira, & hũa manta pera cubertura. E estas camas tinhão os frades, porque em tudo tratauão muyto mal seus corpos & fazião aspera pendença, de que parece que se nosso senhor seruia & ouuia suas orações, & que estauão por fortaleza da Christindade que jazia daquelas serras pera dentro: nem he pera crer outra cousa estando tão cercada da seita de Mafamede & não se lhe pegar nada: porque da banda do estreito tinha ho rey de Zeila & de Barboza & toda aq̃la cozda, & da outra parte Magadaxó, & outros reys com q̃ tinha guerra: & da bãda do Cayzo a trauês de q̃aquẽ sessenta legoas acima ð Maçua tinha hũ rey mouro senhor daquela terra dantre ho Preste & ho Cayzo cõ que ho Barnegais tinha sempre guerra como ja disse. Assi q̃ estar esta terra tão inteira com sua Christandade tendo tão má vezinhãça não era sem grãde misterio de nosso senhor. E assi recolhido ho ouuidor a sua cela, lauoulhe hũ frade os pés com agoa quẽte, & despois lhe deu de cear pão de trigo, & de ceuada, & mel & cebolas, & vinho de mel, porque ho não auia douuas, nẽlhe deu outras igoarias porque os frades não comião carne nem pescado, & pera ho caminho lhe deu da parte do mayoral duas gamelas de farinha & muytas cebolas, & limões: porque não auia dachar que comer. E ao outro dia que era vespora da pascoela em amanhecendo se partio ho ouuidor pera Arquico, & chegou laa ho domingo seguinte.

¶ Capit. xxvij. De como ho gouernador se vio com ho Barnegais & jurarão ambos de dous amizade em nome de seus senhores.

Onde achou aida ho Barnegais q̃ ho gouernador sabẽdo q̃ hia pera Arquico ho mãdou receber por Antonio de saldanha, & por Antonio de brito caçador mór del rey de Portugal: q̃ forão muyto bem atauiados, assi de suas pessoas como dos q̃ os acompanhauão, em q̃ entrauão trinta espingardeiros & outros tantos bésteiros, & forão ter cõ ho Barnegais duas legoas alẽ Darquico: & sabẽdo ele quẽ erão fezlhes muyta hõrra & mostrou muyto prazer cõ sua vista, & quando se tornarão pera a frota lhes disse que dissessem ao gouernador q̃ logo ao outro dia ho iria ver. Mas ele não foy, porq̃ hũs mouros questauão ẽ Arquico moradores de Maçuá pesandolhe desta amizade q̃ nosso senhor ordenaua antre ho gouernador & ho Barnegais, porq̃ sabião q̃ auião de ser lãçados da terra: & por isso persuadirão ao Barnegais q̃ não fosse falar ao gouernador, por q̃ como estaua tão poderoso mandar prẽdelo hia & nã ho soltaria ate lhe não dar grãdes tesouros, porq̃ os nossos erão muyto cobiçosos: & tãbẽ por ele ser mais bonrrado q̃ ho gouernador, deuia ho gouernador dir onde ele estaua. E vẽdo ho gouernador como ele não hia mãdou dizer recado per hũ Fernão diaz que sabia a lingoa: pedindolhe que fosse porq̃ compria muyto a seruiço de Deos & do Preste. E ele respõdeo q̃ fosse ho gouernador a Arquico & hi se verião, E tendo dada esta reposta chegou ho ouuidor, & sabendoa lhe foy logo falar, & mostrando que a não sabia, lhe disse q̃ queria esperar pera ho acompanhar quando fosse ver ho gouernador. E dizendolhe ele o que tinha dito a Fernão diaz, respondeo ho ouuidor q̃ por nenhũ modo podia ho gouernador deixar a frota: & ainda que podera pois ele era Christão & dezia que desejaua de seruir a Deos, que não deuia dauer por mal ir ver quem ho hia buscar de tão longe, & não pera seu interesse senão pera exal çamẽto da fé de Jesu Christo nosso senhor. E sobristo ouue antreles muytas palauras, persuadindolhe ho ouuidor que fosse, & ele escusandose: ate que ho ouuidor lhe disse que ho gouernador não deixaua dir se não porq̃ as naos não podião chegar a Arquico nem os outros nauios grandes, & que podendo ele fora: & q̃ os verdadeyros Christãos nã deuião de ter pontos donrra sobreo q̃ compria a seruiço de Deos: & ho mesmo lhe disserão ho capitão Darquico & outros fidalgos (q̃ se souberão q̃ os mouros erão causa daquelas diuidas matarãnos a todos). E vendo ho Barnegais a perfia q̃ todos tinhão coele, disse q̃ se visse até onde as nossas galés podião chegar, & que hi viesse ho gouernador & alí se virião. E visto não aprouue ao gouernador quando ho soube, parecendolhe q̃ aquilo era algũa roindade, & mandou lá Antonio de saldanha sobrisso, que não pode mais

acabar se não que se visse õde as galés podessem chegar. E ho gouernador ho não quis por não parecer outra cousa ao Barnegais: ⁊ ao outro dia se partio nas gales ⁊ nauios pequenos, ⁊ nos bateys em que auia de desembarcar, em q̃ leuaua muytas armas alastradas pera irem secretas que não sabia o que acontecería. Ho Barnegais estaua ja esperãdo bem afastado do mar com duzẽtos de caualo ⁊ dous mil de pé. Ho gouernador desembarcou com toda a gente/ ⁊ deixandoa posta em ordem ao longo do mar apartouse cõ os fidalgos (cujos pajes hião armados pera ho Barnegais ver as nossas armas) ⁊ meteose em hũa tenda que mandou armar pera esta vista: ⁊ ainda sobrisso ouue debates, porque ho Barnegais não se queria abalar donde estaua, dizẽdo que fosse lá ho gouernador. E por importunações de Mateus ⁊ Dantonio de saldanha cõsentio q̃ mouessem a pé ele ⁊ ho gouernador ãbos a hũa dõ destauão, ⁊ q̃ no lugar em q̃ se ajũtassẽ se falarião: ⁊ ajũtaranse hũ bõ tiro de bẽsta do mar em hũ grãde cãpo verde, ⁊ por este espaço ficou deles agẽte dũ ⁊ do outro. Cõ o gouernador hião os capitães da frota, ⁊ cõ ho Barnegais cĩco señores dos q̃ vierão coele: ⁊ abraçãdo se cõ muyta cortesia se assẽtarão em hũas alcatifas/ ⁊ cõ todos os rigores passados estauão tão cõtẽtes d̃ se verem q̃ todos lho ẽxergauão/ ⁊ ãbos derão muytas graças a deos polos ajũtar. E ho gouernador começou logo, dizẽdo. Ho muyto poderoso rey de Portugal meu señor desejãdo de prosseguir a guerra q̃ seus antecessores fizerão sempre aos mouros: cõ que não somẽte lhe ganharão a terra de Portugal/ mas outra muyta ẽ Africa, desejãdo de os destruyr a continuou sempre do tẽpo q̃ rey nou ategora: ⁊ não se contẽtãdo cõ a q̃ faz em Africa a mãda fazer na India, ⁊ no estreito d̃ Meca por ser certo q̃ nele tẽ os mouros suas rayzes, q̃ ele queria destruyr d̃ todo: não estimando os grãdes gastos ⁊ despesas que nisso faz com ho trabalho de seus vassalos/ porque he pera seruiço de nosso senhor Deos. E tẽdo ele por noua q̃ ho ẽperador da alta Ethiopia era Christianissimo, desejãdo sua amizade por este respeito mãdou aos seus capitães mores ⁊ gouernadores da India q̃ mãdassẽ descobrir polo estreito se ha algũ porto de seu señorio: ⁊ como ho misericordioso d̃s ajuda bõs desejos, assi ajudou a executar este/ inspirãdo na raynha Helena mãy do Preste q̃ mãdasse sua ẽbaixada a el rey meu señor por Mateus q̃ aqui está: o q̃ parece nã ser sẽ misterio muy grãde: ⁊ q̃ quer nosso señor q̃ se ajũtẽ estes dous prĩcipes pa total destruyção dos mouros: ⁊ q̃ assi como [illegible] a ele aprouue q̃ ho aposto lo sã Mateus denũciasse naq̃la terra a ley euãgelica: q̃ assi teue por bẽ que por outro Mateus que era ho embaixador soubesse el rey meu senhor ho desejo q̃ ho Preste tinha de sua amizade: pera que ajuntando ambos seus poderes desarreygassem daquelas partes a seita de Mafamede, ⁊ por esta causa mandou el rey meu senhor seu embaixa-

dor com Mateus pera assentar cõ ho Preste paz & liãça pera sempre, q̃ mor era como Mateus sabia: & dali se não podera mais tornar ao estreito. E eu me ey por muyto dito so dos impedimentos que sucederão pera isso, pera eu ser ho corretor desta amizade & liança, & ser ho primeyro por quem el rey meu senhor ha de ter verdadeyra noticia do Preste, & quãdo vim ao estreito foy meu intento ir primeyro a Judá a pelejar com a armada dos rumes, & da volta despejar dos mouros as ilhas de Dolaca & de Mazuá & entregalas aos capitães do Preste & fazer com sua licença hũa fortaleza, que não podera ser por se me perder hũa nao em que trazia os pertrechos pera isso. E com isto acabou E ho Barnegais respondeo. Louuado seja ho poderoso Deos pera sempre, que permitio que se comprissem as proficias que tinhamos do ajũtamẽto dos Christãos cõnosco. E bem creo eu que pera isso auer effeyto inspirou ho Spiritu sancto na raynha Helena que mandasse Mateus por embaixador a el rey de Portugal, pera que com ho Preste fossem irmãos por liança, pois ho sam em Fe u Christo nosso senhor, & no cuydado que tem de fazer aos mouros. E pera isto auer effeyto abaley eu de tão lõge como venho, & pa a guerra dos mouros ho Preste dara toda a ajuda de gẽte & dinheiro que for necessaria: & se eu visse de pejadas Dolaca & Mazuá auer se hia por mór senhor do que he: & mais se visse em qualquer delas hũa fortaleza dos Portugueses que ele fara á sua custa somente que eles agoardem. E despois desta pratica & concerto que fizerão, q̃ ho gouernador mandasse hũ embaixador ao Preste em nome del rey de Portugal. Jurarão ambos cada hũ em nome de seu senhor amizade & liãça pera todo sempre: & ho Barnegais jurou primeyro, dizendo em voz alta. Eu juro neste final da cruz em que padeceo nosso senhor em nome do Preste meu senhor & no meu de sermos amigos dos amigos do Christianissimo rey de Portugal, & immigos de todos os seus immigos, & amigos de todos os seus vassalos & seruidores, & immigos dos immigos da fé de nosso senhor Jesu Christo: a que peço q̃ se goarde antre nos aquela paz & amizade que ele mandou q̃ se goardasse antre os seus apostolos. E ho gouernador fez outro juramento pelas mesmas palauras.

¶ Capit. xxviij. De como ho gouernador mãdou dom Rodrigo d'lima por embaixador ao Preste.

Tirada esta amizade com muyto grande alegria de todos que se chegarão logo de hũa parte & doutra esteuerão ainda ho gouernador, & ho Barnegais falãdo em algũas cousas: & ho gouernador lhe deu dous corpos d'coiraças ricas & hũ arnesiteiro & espadas, adargas & punhais & dous bedẽs d'seda & outras peças ricas. E despedido hũ do outro recolheo se ho gouernador aos bateis, & ate se embarcar não quis ho Barnegais partir: & isto por cortesia, & despois se partio pera Arquico, dõde

aquele dia mandou ao gouernador hũ cauallo & hũa mula & cincoẽta vacas que ele repartio pela frota, em q̃ auia grande aluoroço, principalmẽte antre os fidalgos, poz se abrir caminho pera exal çamẽto da fé catholica em lugar êde todos trazião tão pouca esperança de se achar: porq̃ todos (como disse) tinhão a Mateus por mintiroso nem fazião conta de mais que de ho poer em terra/ & vendo ho contrairo aluoraçauanse todos com prazer de suceder tambem, & a muytos tomaua desejo de irem por embaixadores/ assi pera seruirem a Deos & a el rey de Portugal, como pera verẽ a corte do Preste: & algũs pedirão esta êbaixada ao gouernador, & ele a deu a hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo de lima/ & por sota embaixador & escriuão da embaixada hũ Jorge dabreu deluas/ & lingoa dela João escolar/ & forão coeles hũ Lopo da gama & Francisco aluarez clerigo & outros ate treze. E despachado dõ Rodrigo & Mateus se partirão pera Arquico leuando dõ Rodrigo estas peças pera ho Preste/ quatro panos darmar de figuras muyto finos/ hũas corraças de veludo carmesim cõ as outras peças douradas, & hũa espada & hũ punbal douro/ & dous berços de metal cõ suas camaras dobradas, & dous barris de poluora, & hũ mapa com todas as terras que el rey tinha na India cõ cruzes postas nelas, & êalgũas imagẽs de nossa senhora, & hũs ozgãos, & hũ crauicordio, & hũ tangedor pareles, & pera a raynha Helena mandou hũa meada dalgofar grosso com hũa cruz de rubis/ & pera ho mosteiro de Bisam incenso & pimenta & panos de seda pera ornamentos & hũa campã, & panos pera vestiaria dos frades, & a Mateus mãdou dar algũas peças de que se ele contentou/ & ho gouernador & Antonio de saldanha forão coeles hũ pedaço. E Darquico forão ao mosteiro dõ Bisam õde se finou Mateus. E dali partio dõ Rodrigo pera a corte do Preste de cuja partida os mouros daquelas partes ficarão muyto tristes q̃ temião muyto ajũtarse ho poder del rey de Portugal cõ ho do Preste & destruyrẽnos, & vizião que pois frota de tamanhas naos como o gouernador leuaua chegara á ilha de Maçuá, ẽ cujo caminho auia tantos baixos & ilhas que dali por diante cada dia irião lá as nossas armadas, & chegarião ate çuez, & parecialhes aquilo caminho pera se destruyr sua seita como tinhão por profecia õ muyto tempo: & cõ medo do gouernador despejarão os mouros a ilha de dolloca & se forão pera a terra firme. E despois da partida de dõ Rodrigo ho gouernador a mãdou queimar/ & dahi se partio pera Ormuz.

¶ Cap. xxix. Do q̃ acõteceo a Gõçalo de loule indo pera Moçãbique & como ouue a artelharia do galeão de Manuel de sousa.

Gonçalo de loule que hia cõ recado do gouernador aos capitães q̃ inuernauão ẽ Moçambique despois q̃ atrauessou ho golfão q̃ ouue vista de terra foy ao longo dela

ate Bagadaxo: em cujo porto quei mou duas naos q̃ estauão a gelua sem achar nenhũa resistencia nos mouros, & dali foy ter a Pate, & q̃rendo entrar no porto pera tomar agoa/ como ho seu piloto não sabia ho canal por õde se entraua deu em seco sobre area em que a caravela ficou assentada. E entẽdendo os nossos que com a maree tornarião a nadar esteuerão esperando ate ho outro dia que tornasse: & amanhecẽdo virão vir da cidade obra de trezentos paraós pequenos carregados de gente que chegando a tiro de bõ barda da caravela pararão poẽdo se todos a fio olhando a caravela, & assi esteuerão ate que veo a maree: & então se apartou hũ dos paraós remando & chegouse perto da caravela/ & hũ dos que vinhão nele saluou os nossos em lingoa Portugues, & pregũtando q̃ buscauão naquela terra. Ao que os nossos responderão q̃ buscauão mãtimẽtos/ & porque achauão pouco fundo nã ousauão dentrar no porto, rogandolhe que os leuassem a ele & q̃ lho pagarião. E parece q̃ os mouros por se não fiarem dos nossos nã se quiserão atoar cõ a caravela/ & disserão que se fizessem á vela, & que os seguissem/ & que assi os leuarião. E os nossos tornarão a repricar que os leuassem á toa/ & por eles nunca querer lhes atirarão cõ hũ falcão pera lhes fazer medo: que eles ouuerão tamanho que fugirão pera os outros/ que logo começarão de remar & chegarse pera a caravela tangẽdo muytos instromẽtos de guerra: os nossos que se temerão que os aferrassem os imigos desparárão hũ camelo q̃ deu no principal paraó & meteo ho no fundo & a gẽte ficou sobre a agoa nadando, & por lhe acodir çoçobrarão outros tres paraós com ho peso da gẽte. E vendo os outros que ficauão nos paraós ho dãno q̃ lhes podia fazer a nossa artelharia fugirão pa a cidade deixando os q̃ andauão nadando/ que visto por Gõçalo de loule como ficauão desemparados mandou a hũ Martim correa q̃ cõ outros sete fosse no batel a matalos. E ele ho fez assi & matou muytos/ & recolheo dẽfadado de matar hũs tres, de que hũ era homem velho, & recolhendo os chegou hũ mancebo a bordo pedindo q̃ ho recolhessem porq̃ se afoguaua de cansado/ & por não caber no batel & Martim correa auer medo de çoçobrar ho não quis tomar, & ele morreo logo de hũa lãçada que trazia: ao que ho mouro velho deu hũ grande sospire/ & os outros dous começarão de chorar, & os nossos se forão pera a caravela, & como ho capitão estaua desesperado õ poder entrar no porto por não ter quẽ lho insinasse/ disse q̃ dessem tormẽto aos tres catiuos & q̃ eles ho insinarião: & q̃rendo começar no velho ele acenou aos dous q̃ ho dissessem, & hũ deles ho mostrou: & cabãdo ho piloto da caravela doze braças se fez á vela & entrou no porto õde surgio antre hũas naos q̃ hi estauão, & nã auẽdo quẽ ho resistisse as roubarã os nossos de muyta riqza q̃ acharã nelas, & nã cabẽdo todo ho despojo na caravela o q̃ sobejou carregarão ẽ hũ zãbuco pa o leuarẽ atoado ate

Melinde/onde esperauão de vẽder o q̃ leuauão, ⁊ ali lhe resgatarão ho mouro velho q̃ era senhor de Pate posto que então ho não sabia Gõçalo de loule: ⁊ partido daqui foy ter a Melinde ⁊ mea legoa da cidade achou ho mestre que fora do galeão de Manuel de sousa ⁊ outros seys q̃ em hũ paraó hião fugidos de Hoja ondesteuerão catiuos ate então, ⁊ em Melinde soube como se perdera ho galeão ⁊ quẽ ouuera ho despojo. E determinando Gõçalo de loulé de cobrar toda a artelharia do galeão leuou de Melinde hũ mouro de Moçambique q̃ sabia ondestaua, que era na ilha de Zanzibar, na de Pẽba ⁊ na de Monfia. E passando Gõçalo de loulé por estas ilhas lha derão os reys com medo ⁊ cobrou toda a artelharia que nenhũa ficou se não a q̃ tinha el rey de Mõbaça. E cobrada esta artelharia foy ter a Moçambique na fim de Feuereyro despois de passar hũa muyto grande tormenta.

¶ Capit. xxx. De como Jorge dalbuquerque polo recado do gouernador se partio em busca dele cõ algũs capitães dos que inuernarão coele.

Echegado a Moçãbiq̃ deu ho recado q̃ trazia do gouernador a Jorge dalbuquerque/ ⁊ elle ho praticou com os outros capitães: ⁊ acordouse que Jorge dalbuquerque com Diogo fernandez de beja/ Christouão de mẽdoça/ Rafael catanho ⁊ Rafael perestrelo fossem buscar o gouernador, ⁊ ho doutor Pero nunez ficasse por ser vẽdor da fazenda, ⁊ com os outros capitães se fosse dereyto á India, porque se ho gouernador tardasse no estreito como podia ser teuesse naos que mãdasse carregadas pera Portugal. E isto assẽtado partiose Jorge dalbuquerq̃ cõ os capitães q̃ digo ⁊ cõ Gõçalo de loule q̃ndo foy tẽpo ⁊ seguirão sua derrota pera ho cabó de Goardafum que he de quinhentas legoas de Moçambique/ ⁊ ali achou nouas como ho gouernador era entrado no estreito: ⁊ querendo Jorge dalbuquerque entrar nele os feytores das mais das naos da conserua q̃ erão de mercadores lhe requererão muyto estreitamente da parte del rey de Portugal q̃ nã leuasse as naos dos mercadores ao estreito que se podião perder, ⁊ perderião vender sua mercadoria se inuernassem no estreito ⁊ muyto mais em não ir a Portugal ho anno seguinte/ tirando disso estormẽtos ⁊ fazendo suas protestações sobre Jorge dalbuquerque que fosse obrigado a pagar todas as perdas que recrecessem aos mercadores de as suas naos entrarem no estreito/ pelo que Jorge dalbuquerque não quis entrar tomãdo certidão do q̃ lhe os feytores requerião: ⁊ moueo ho tambem a não entrar parecerlhe q̃ seguraua mais coisso ho seruiço del rey, ⁊ tomou seu caminho pera Ormuz, õde determinaua desperar ho gouernador. E seguido por sua viagẽ cõ grãdes tormẽtas ate ho cabo d̃ Roçalcate/ ⁊ como ho dobrou o deixarão ⁊ foy surgir no porto de Calayate, ⁊ ali esperou ho gouernador por lhe parecer assi melhor.

Capit. xxxj. De como Jorge dalbuquerque mandou prender Raix xabadim regedor de Calayate, & do grande dãno q̃ receberão os nossos querendoho prender.

NO tẽpo q̃ Jorge dalbuquerq̃ chegou a esta vila estaua nela por regedor hũ mouro chamado Raix xabadim cunhado de Raix xarafo goazil Dormuz. E este Raix xabadim estauaua mexericado com el rey Dormuz/ q̃ho tinha mandado chamar muytas vezes: & ele receando o q̃ era nunca quis ir, o q̃ mais indinou el rey & deleitaua de ho prẽder/ & não ousaua fazelo de praça por saber que era bõ caualeyro/ & q̃ se auia de defender cõ a gente que tiuba. E descontente disto soube que hũ Duarte mendez de vascõcelos q̃ andaua darmada naq̃la costa tinha muyto estreita amizade & conuersação cõ Raix xabadim em tanto que muytas vezes se hia coele darmada, & por isto lhe escreueo hũa carta muyto secretamente em q̃lhe pedia q̃ manhosamente prendesse Raix xabadim/ porq̃ sabia que ninguem ho podia fazer melhor: prometẽdolhe por isso muytas merces. E se por vẽtura naquela conjunção chegassem ali algũas naos de Portugal, que lhe pedisse da sua parte aos capitães quelhe prẽdessem Raix xabadi: & ho mesmo escreueo dõ Garcia coutinho capitão da fortaleza de Ormuz. E tendo Duarte mendez este recado como chegou Jorge dalbuquerque lhe foy dar conta dele mostrandolhe as cartas q̃ tinha/ que tambẽ Jorge dalbuquerq̃ mostrou aos capitães da frota com quẽ posho caso em conselho, & assentouse que se prendesse Raix xabadim na noyte seguinte, & no começo dela irião os capitães da frota cõ a melhor gente de suas naos ajuntarse por popa da galé de Duarte mẽdez & no seu batel iria em seu lugar dom Sancho anrriquez seu cunhado & genrro que hia por capitão mór do mar de Malaca, & no de Diogo fernandez porq̃ estaua doente: & sangrado iria Diogo rabelo seu cunhado, & Duarte mẽdez iria a casa de Raix xabadim ás horas q̃ costumaua/ & dom Sancho lhe iria nas costas cõ a gente: & em Duarte mendez entrãdo entraria coele & prẽderião Raix xabadim. E assi ho quiserão fazer, mas não poderão/ porq̃ pareceque ele entendeo a cousa & estaua a recado/ & nã quis mãdar abrir a Duarte mẽdez: & chegãdo dom Sancho com a gente quando vio q̃ não queria abrir quis q̃brar as portas & entrar por força, ao q̃ acodio a gente darmas de Raix xabadim q̃ estaua defrõte das suas casas alojada ẽ tẽdas/ & começouse hũ jogo delãçadas muy aspero/ & ẽtre tanto dom Sãcho entrou por força em casa de Raix xabadim cõ Duarte mẽdez/ & hũ Eytor de valadares/ & Rafael catanho, & como não erão mais acharão dẽtro quẽ lhes resistisse, pejando muy fortemẽte, & todos quatro ho fazião muy esforçadamẽte. E estando neste perigo/ a gente de Raix xabandim pelejou com os nossos de maneyra q̃ os fez retirar pera a praya ferido & matãdo neles/ &

como os fizerão retirar acodirão a Raix rabadim q̃ entẽdendo q̃ ho q̃rião prẽder se deitou de hũ terrado abaixo por hũas cordas & fugio, & ficarão os seus q̃ tinha das portas a dẽtro/ q̃ dom Sãcho & os outros tres fizerão recolher aos terrados das casas, & eles ficarão senhores dos baixos. E sintindo q̃ os imigos tornauão sobre as casas & não vendo nenhũ dos nossos fecharão as portas & poseranse de dentro para se defender se lhas quebrassem/ & quando os mouros virão que os não podião entrar poserão fogo as portas pa os queimar: & nisto quis nosso senhor q̃ acodio Diogo fernãdez de beja cõ gente/ que cõ quanto estaua doente & sangrado não se pode sofrer sem se achar naq̃le feyto, & acodio despois que a peleja foy trauada. E indo polo mar ouuio a grã degrita que bia em terra, & chegãdo a ela com muyta pressa achou os nossos encãtoados na praya & muytos feridos/ & algũs mortos: & sabẽdo acousa como passaua esforçou os nossos & remeteo coeles aos mouros/ & apertou os tão rijo que os fez fugir porque cuydarão que q̃tos auia na frota hião sobreles: & leuando os de vencida foy ter as casas de Raix rabandim onde dom Sancho estaua com os outros em grande perigo. E Rafael catanho lhe bradou de hũa genela que mandasse matar ho fogo que estaua pegado nas portas/ porque mataua a ele & aos outros/ & querendo os nossos apagalo começarão de chouer sobreles zaguinchadas & frechadas q̃ os mouros tirauão de sobre os terrados doutras casas, que sa os q̃ estauão nas casas de Raix rabandim erão fugidos por cordas per q̃ se deitarão. E apagado ho fogo sayo de dentro dom Sancho q̃ estaua muyto ferido & apos ele os outros. E sabẽdo Diogo fernãdez que Raix rabadim era fugido, não teue mais q̃ fazer & mandou embarcar os feridos que forão cincoenta & mortos vinte/ & dos mouros nã morrerão mais de tres: & todo este dãno receberão os nossos por Duarte mendez saber mal ordenar ho feyto & dom Sancho ho seguir nele. E por este feyto ficarão os nossos em muyto descredito com os mouros. & Raix rabadim com grãde fama ỹ caualeyro esforçado por lhe saber tambem resistir.

¶ Capit. cxxij. Da grãde tormẽta que o gouernador passou saindo do estreito/ & como se perdeo a galé de Jeronimo ỹ sousa, & dos que morrerão nela.

PArtido ho gouernador/ Diogo lopez de siqueira da ilha de Bolaca pera ir inuernar a Ormuz seguio sua viagem/ & aos sete dias de Mayo passou por Camarão, & aos quinze passou as portas do estreito & foy surgir õde se perdeo a sua nao de q̃ ainda cobrou tres ancoras/ & a vinte hũ dias dele chegou a Adẽ, onde passados tres dias se partio pera Ormuz & na paragem da ilha da Madeira achou muyto grandes carrações & tormentas com que os mais dos bateys dos nauios çocobrarão: & assi abrio a galé ỹ Jeronimo ỹ sousa & se foy ao fũdo

nha & meteose dentro com treze ou quatorze fidalgos que hião coele, dizendo que pois todos auião de morrer que melhor seria salvarense os fidalgos que os outros. E hũ destes era hũ Pero da silua dalcunha bo cafre irmão Dafonso telez senhor de Cãpo mayor & ouguela, & quisera meter na barquinha hũa arca encoirada, que Jeronimo de sousa não consentio que se metesse dizendo que os faria çoçobrar, & q̃ se ele não deixaua meter mais gẽte por irem boyãtes & não çoçobrarẽ como queria leuar hũa arca que pesaua por tres homẽs, & nã lha quis deixar meter: do que Pero silua auendo menencoria, disse que pois a sua arca não hia na barquinha que não auia dir nela & tornouse á galé dizẽdo que esperaua em Deos que se auia de salvar melhor que os que hião na barquinha. E vẽdo hũ seu primo chamado Manuel galuão filho de Duarte galuão que se tornaua á galé, tornouse coele por ser muyto seu amigo: & Jeronimo de sousa se foy vendo q̃ de todo em todo Pero do silua não queria se não ficar na galé, onde não tardou muyto que não morreo cõ quantos ficarão coele por se a galé ir ao fundo & não auer quem lhe acodisse. E Jeronimo de sousa se foy na barquinha com Anrrique homẽ filho d' João homem & Pero borges, & outros fidalgos ate onze, & tirarão caminho da costa Darabia onde por milagre de nosso senhor chegarão a cabo de dous dias, escapando de mares muy grossos & altos. E desembarcados acodio logo a gẽte da terra que erão mouros, que conhecẽdo serem Christãos como lhes querião grande mal começarão logo de os atormentar com pancadas, bofetadas, & arrepelões: & como eles não vião tempo nem tinhão cõ que resistir sufrião tudo com paciẽcia pera ver se podião escapar da morte. E despois de roubados de quanto leuauão vestido, q̃ ficarão nús se forão ao longo do mar pregũtando por Calayate, õde se querião ir assi por ser de nossos amigos como por terem por certo q̃ ali auião dachar a nossa armada ou algũs Portugueses, & forão assi ao lõgo do mar caminho de cem legoas descalços & despidos, q̃ era cousa piadosa de ver como hião torrados do sol & magros de muyta fome, & de grande sede que passauão, & cortados d' muytas pãcadas q̃ recebião dos mouros & fracos do immenso cançasso & fadiga sem comparação que lhes causaua bo caminho: & assi forão ter a hũa cidade vinte legoas de Calayate, cujo senhor era vassallo del rey Dormuz, & quando soube que os nossos hião assi os mandou leuar perante si, & os deteue algũs dias pera tornarem en si & se esforçarem, & fezlhe nestes dias tanto gasalhado & bõ tratamento q̃ mais não podia ser. E despois de vestidos dãdolhe dinheiro pera bo gasto do caminho os mandou a Calayate & coeles certos criados seus pera q̃ fossem seguros.

Capit. xxxiij. De como o gouernador foy ter a Calayate & dali a Ormuz onde innernou.

Escapádo ho gouernador daquela grãde tormenta q̃ digo não deixou de ir com mares muyto grossos & çarrações ate ho cabo de Roçalgate, que se faz na entrada do estreito da Pérsia, ôde entrado com a armada achou grande calmaria q̃ não se afastauão as velas dos mastos: & a causa era começar alli ho verão, & da tormẽta passada ser ja inuerno na costa que dura do cabo de Boardafum ate ho vero çalgate q̃ começa no mes Dabril & acaba em Setembro: & por isso os nossos acharão tamanhas tormẽtas por aq̃la costa. E pareceo cousa de admiração que em espaço de duas legoas auia em hũ cabo calmaria & ho sol estaua muyto claro, & em outro ho ceo muyto escuro & nuuẽs muyto grossas & grande tormenta. E chegado ho gouernador a Calayate ondestaua Jorge dalbuquerque soube do desmãcho que se fizera na prisam de Raix rabadim: & muyto agastado disso tirou a capitania da galé a Duarte mẽdez de vasconcelos polo achar culpado, & ho prendeo & assi outros: & porque auia dir inuernar a Ormuz nã quis leuar mais que as galés & nauios pequenos, & as naos grossas & galeões deixou os q̃ fossem inuernar a Mazcate debaixo da capitania de Jorge dalbuquerq̃, onde se despois forão. E pera estes capitães darem mesa á gẽte que ficaua coeles fezlhe merce do dinheiro del rey pera sua despesa, & todos ho tomarão, salvo Francisco de sousa tauares capitão da nao sancta Cruz: a q̃ ho gouernador a deu na q̃le porto, & por seruir el rey deu mesa á sua custa em que gastou muyto por ser nobre fidalgo, & prezarse muyto de fazer tudo bem feyto. E ho gouernador se foy a Ormuz onde teue ho inuerno com grandes festas que lhe fizerão el rey, & Raix rarafo.

¶ Capit. xxxiiij. De como foy por capitão mór ida armada pera a India Jorge de brito, & do que aconteceo ao galeão de Ruy vaz pereyra com hũ peixe.

Atres visto se foy ó Portugal agrauado del rey dom Manuel hũ Fernã de magalhães (de que fiz mençã no liuro terceyro) & coeste agrauo se foy pera ho emperador Carlos rey de Castela, a q̃ fazẽdo crer que as ilhas de Maluco erão suas (como direy a diante) foy por seu mãdado por capitão mór ó hũa armada a descobrilas. E sabido isto por el rey dom Manuel, quis atalharlhe com mandar hũa armada a estas ilhas pela via da India, pera que prendesse a Fernão de magalhaes se lá fosse ter. E pa este feyto escolheo hũ fidalgo chamado Jorge de brito (de que faley tambẽ no liuro terceiro) por confiar dele que ho faria bem, & em muyto segredo lhe disse sua determinação com juramento que a não descobrisse a nenhũa pessoa se não na India, & mais lhe disse que faria hũa fortaleza ẽ hũa das ilhas de Maluco onde lhe melhor parecesse, & deulhe quinhẽtos homẽs pera leuar a Maluco, &

artelharia & munições pera esta fortaleza, & assi officiaes q̃ nela seruissem. E todos estes officios deu elrey a quẽ Jorge de Brito lhe pedio que os desse, & por não ser descubrto pera onde Jorge de brito hia dizia em todas as prouisões dos officios que erão pera onde Jorge de brito fosse. E por elrey ẽcobrir mais sua ida lançou fama que hia fazer hũa fortaleza na ilha ó çamatra, & a foza isto deulhe elrey prouisões pera ho gouernador da India que lhe dessem a armada & gente que lhe pedisse: & sobre tudo lhe deu a capitania mór da armada que aquele anno de vinte auia dir pera a India. E os capitães de sua conserua forão Gaspar da silua q̃ leuaua a capitania da fortaleza de Chaul que elrey mandaua fazer, Pero lopez de sam Payo capitão doutra que se auia de fazer nas ilhas ó Maldiua, Pero lourẽço de melo que leuaua hũa viagem pera a China, Andre diaz alcayde pequeno de Lisboa que hia pa fazer a carga, Lopo dazeuedo, Pedro Paulo, Manuel de sousa capitão do galeão reys magos que auia de ficar na India, Ruy vaz pereyra doutro galeão q̃ auia nome sam Rafael, que tambem auia lá de ficar. E o que acõteceo a esta armada na viagem eu ho não soube, somẽte a Ruy vaz pereyra que a vinte sete de mayo sendo cincoẽta legoas das ilhas de Tristão da cunha, lhe deu hũa grande tormenta de vento: & logo a hũ sabado vespera da Trinda de na paragẽ do cabo ho seguio hũ peixe muyto grande dos q̃ chamão peixes sombreiros, & rodeando ho galeão tres ou quatro vezes da derradeira ho aferrou pola bãda de bõ bordo leuãdo elle metidas todas as velas com vento galerno, & tanto q̃ ho peixe ho aferrou teueo quedo como se estiuera surto, & tinhao cingido com a cabeça na amura, & ho rabo no leme: com que deu nele duas pancadas que derribou dous gomes que hião a ele, & era tão grosso que chegaua com hũa espadana á meia da goarnição & muytos lhe poserão a mão nela. E receando ho piloto & ho mestre q̃ çoçobrasse ho galeão: mandarão amayn ar ho traquete da gauea, & ho cõdestabre ho quisera ferir cõ hũ pique, & não lho cõsentirão, & socorreose ho capitão a nosso senhor, & hũ clerigo se reuestio, & com hũas reliquias na mão começou de rezar, & quis nosso senhor que auendo hũ oytauo dora q̃ ho peixe tinha aferrado ho galeão ho desaferrou, & deitou pola boca duas ou tres vezes grãdes golpes dagoa no chapiteo, & tornou apos ho galeão que seguio ate ho quarto da madorza rendido. E cõtinuãdo daqui Ruy vaz pereyra sua viagem foy ter a Moçambique, õde soube que ho gouernador inuernaua em Ormuz, & por ser muyto cedo ho foy esperar a Mazcate.

¶ Capit. xxxv. De como Antonio correa despois de chegar a Malaca foy sobre a tranqueyra do Pago & desbaratou & fez fugir os immigos.

Vinda a mouçõ de Pegú pera Malaca, partiose Antonio correa leuando a sua nao car-

regada delacre & doutras mercadorias/ & seys jũgos carregados darroz/ vinhos, azeites & carnes. E de caminho foy ter a Pacem, onde achou tres naos de mercadores de Bengalá carregadas de mercadoria: de que era capitão mór hũ capado chamado Gozmale, & querendo Antonio correa que fossem a Malaca pera pagarem lá os dereytos de sua mercadoria na nossa feitoria lhe dava Gozmale hũ conto de rs/ & q̃ho deixasse ficar em Pacem/ & que ali pagaria os dereytos a hũ feytor nosso que hi ficasse, & não querêdo Antonio correa bo leuou cõsigo caminho de Malaca/ dandolhe seguro de lhe nã ser lá feyto nenhũ mal. E passando polos baixos de Capacia em dia de corpo de Deos q̃ foy vespera de sam João deu a sua nao em seco & ficou na vasa sem perigar ate que tornou a nadar com a maré & dahi foy ter a Malaca õde achou por capitão Garcia de sá, & foy muito bẽ recebido dele & de toda a gẽte: porque polos muytos mãtimẽtos que trouue ficou a terra tão abastada q̃ oytenta gantas darroz valião hũ cruzado valendo dantes ho mesmo quatro. E ho Nascar dizia que Antonio correa era sancto que tirara a fome da terra: & tambem coesta fartura/ a gente del rey de Bintão que tinha cercada Malaca leuãtou ho cerco, & se recolheo ao Pago onde el rey estaua. E porq̃ estando ele ali sempre auia de mandar correr a Malaca & darlhe muyta opressam, assentarão Garcia de sa & Antonio correa que era necessario lãçado dali fora/ & que Antonio correa ho fosse fazer, & fosse por capitão mór, & pera isso partio de Malaca a quinze de Julho, & forão coele estes capitães/ Duarte de melo/ Duarte furtado, Duarte coelho/ Anrriq̃ leme/ Manuel pacheco/ Bertolameu da fonseca capitão das lancharas de Malaca, Frãcisco de sequeyra, Carlos carualho/ Diogo diaz, Christouão diaz/ Ruy mendez, João salgado. & outros a que não soube os nomes que por todos erão trinta em nauios redõdos, caruelas, galés/ lancharas & hũ Bargantim/ & em todos quatrocentos & cincoẽta homẽs ate quinhẽtos. s. cẽto & cincoẽta dos nossos & trezẽtos dos da terra/ & ele hia em hũa galé & foyse dereyto ao rio de Muar que he largo & alto como ja disse & bẽ povoado õ gẽte dũ cabo & do outro & dambas as bãdas he aruoredo tão alto & tã basto que não se ve ali sol se não ao meyo dia: por este rio dẽtro ate seys legoas se faz hũa boca dũ estreito q̃ se chama Pago, & por ele acima esta hũa povoação muyto grãde do mesmo nome em que el rey de Bintão morava em hũas grãdes & sumptuosas casas cercadas todas destancias dartelharias, & ho esteiro atrauessado de muytas & fortes estacadas: & na entrada dele pelo rio grande estaua hũa fortissima tranqueyra de duas faces muyto larga & ambas de paos ferros q̃ sam quasi tão grossos como mastos & da mesma dureza do ferro que não apodrecem nagoa, & entulhado de troços dos mesmos paos & doutros com hũa porta no meyo que se fechaua por onde entrauão & sayão

as suas lancharas: & nesta trãqueyra estauão assẽtados arrezoadamẽte de tiros dartelharia/ & em goarda dela hũ capitão del rey de Bintão com muyta gẽte de peleja, & por isso como pola fortaleza da trãqueyra parecia a el rey de Bintão q̃ estaua ali muyto seguro, & não somẽte a nossa armada que ele sabia q̃ auia de ser pequena, mas a mais grossa do mũdo a não auia de desbaratar. E entrado Antonio coirea por este rio que he todo em voltas foy por ele ate a trãqueyra dos immigos & surgio na derradeyra volta detras de hũa ponta ondestaua seguro de sua artelharia, & ficaua tão pto da tranqueyra que ouuia ho tõ da fala dos immigos/ & de noyte mandou espiar a tranqueyra por hũ Jorge mesurado feytor da sua nao que sabia bem a lingoa malaya/ & foy em hũ balanco q̃ se rema de pangayo/ & por isso não leuaua a mais q̃ hũ soo remeiro, pelo que não foy sentido nem visto com a grande sombra do aruoredo. E chegando á tranqueyra ouuios falar hũs cõos outros/ & dizião que esteuessem prestes por que os frangues estauão á porta: & passado ho quarto da madoura torno com recado a Antonio coirea a que contou o que ouuira/ & que no rumor da gẽte parecia que era muyta. Antonio coirea chamou logo a conselho/ & os capitães da armada & pessoas principaes dela: & despois de lhes contar o que lhe Jorge mesurado dissera/ disselhes. Senesta guerra senhores foreys tão nouos como eu sou, & eu tão antigo como vos: parecerame que era necessario esforçaruos pera esta batalha: mas pois eu q̃ sou nouo nela estou esforçado com a confiãça que tenho em nosso senhor & por vos ter em minha companhia, que fareis vos que quasi tendes de juro vencer a estes mouros/ & vos mostrou nosso senhor tantas vezes seu poder em os vencerdes sendo tão poucos & eles tãtos que cobrião a terra & ho mar: por isso ey por escusado querer dar esforço a quem ho tem pera si & pera mi, se não dizeruos que prazendo a nosso señor como foi manhaã dare mos na tranqueyra, leuãdo diante Duarte de melo na sua carauela pera q̃ nos faça caminho & possamos sobir polos mastos & ẽtarcia dela: & nenhũ de vos tirara com sua artelharia ate que eu não faça final com hũa espera que leuo. E isto assentado tornarãse os capitães aos nauios/ & postos em ordem como foy manhaã a balarão a remo pa a trãqueyra/ & a carauela hia á toa, & em descobrindo a ponta desparou a artelharia dos immigos com ho seu espantoso impeto, & por estar dalto não fez nojo aos nossos, que tambẽ em descobrindo a põta começarão de jugar com suas bombardas, começãdo primeyro Antonio coirea com a sua espera & ajuntouse ho fumo delas com o que as dos imigos lãçauão, & fezse dambos hũa neuoa tão grossa & negra que tudo ficou escuro: pozẽ os nossos pelouros varejauão tão rijo pola tranqueyra q̃ os immigos se espantarão & fugirão vendo que neste tempo chegou Duarte de melo á tranqueyra & abalrroou coela/ o que eles não cuy

dauão que podía ser / & por isso fugirão, pelo que os da caravela que em abalrroando começarão de lubir pola enxarcia não acharão na tranqueyza quem lhes resistisse, o q̃ disserão aos outros & abrirãlhes as portas porõde ẽtrarão muyto ledos com grandes gritas de louuores a nosso senhor, principalmente Antonio correa por alcãçar tão facilmente hũa tão famosa vitoria como aquela foy, porque tanto mõta a vẽcer cõ ho medo q̃ lhe ouuerão, como pelejando. Entrados os nossos acharão muytas panelas darroz cozido & outras igoarias q̃ os immigos tinhão pera almoçar que estauão ainda quentes / de q̃ almoçarã: & despois apanharão algũas alcatifas que acharão & recolherão aos nauios vinte peças dartelharia de metal / em que auia algũs berços com as esperas del rey de Portugal.

¶ Capit. xxxvi. De como el rey de Bintão com toda sua gẽte fugio do Pago por medo Dantonio correa, & como foy queymada & destruyda aquela forza.

Como a principal cousa daqle feyto era lançar fora do pago a el rey de Bitão: determinou Antonio correa de ho fazer / & assi ho disse aos seus capitães: com que assentou que Duarte de melo ficasse na boca do estreito com ho seu nauio de forza no rio, & ele cõ os pequenos & bateys entrasse polo estreito: & assi se fez indo ele diante de todos em hũ batel apadessado por lhe não fazerẽ nojo as frechas q̃ os imigos lhe poderião tirar de terra. E por que foy auisado que tinhão serrado quasi todo aqle aruoredo dambas as bandas do rio pera ho derribarem nele com cordas q̃ lhes tinhão atadas nas pontas tanto q̃ os nossos entrassem por ele pera coisso lhe impedirem a passajem: leuaua diante de si hũa machua & vinte carpinteiros nela cõ machados pera desfazerem as aruores em troços & desembaraçarem ho caminho / que tã bem estaua atrauancado com as estacadas, & por isso leuaua ele aparelhos no seu batel pera q̃ os q̃ hião nele fossem arrãcãdo as estacadas: como arrancarão com muyto trabalho / & coele cortarão, tambem os carpinteiros o que os imigos derribarão em os nossos entrando. E coestes embaraços fizerão os nossos algũa detença em chegar ao pago / porem chegarão cõ muyto grãde espanto dos imigos que sempre cuydarão q̃ os estoruassem tãtos impedimentos. E vendo el rey como hião ajuntou sua gente que era muyta & muytos alifantes de caste los junto das suas casas que estauão em hũ teso dũa bãda do esteiro que partia a cidade polo meyo a q̃ dauaseruentia hũa ponte de madeira q̃ ho atrauessaua / & os imigos estauão a vista dos nossos fazendo lhes grãdes rebolarias de gritas / & desparando sua artelharia: de que os nossos não fizerão conta, & com grande impeto poyarão em terra / & primeyro Alfonso valẽte q̃ era ho alferez, & Antonio correa que quise

ra leuar a gente em ordem, mas não pode: porque nem ela tinha sufrimẽto pera isso, nem a multidão de frechas que os immigos despararão os deixaua: & do meyo do teso arremetem a eles chamando polo apostolo Santiago, correndo a quem primeyro chegaua aos immigos, que vendo a furia dos nossos, & representandoselhe diante o q̃ tinhão passado pera chegar ali, ou poendo lhes nosso senhor hũ terror muy grande como he de crer, sem mais pelejar começão de fugir a quẽ mais podia, & os nossos apos eles derribando muytos mortos por esse chão & deixarannos logo por não saberem a terra que não quis Antonio correa que lhes sobreuiesse algũ perigo. E á porta das casas del rey fez muytos caualeyros por memoria de tão famosa vitoria como aquela foy sem dos nossos ser nenhũ ferido nem morto, & dos immigos muytos & catiuos: & saqueadas as casas del rey & a cidade, em que se ouue muyto & muy rico despojo a força a artelharia foy tudo queymado, & a frota del rey que estaua recolhida no estreito em que auia bem cem calaluzes, lancharas & mãchuas & algũs dourados nas proas & popas em que el rey costumaua andar: & estes estauão cheos de polvora & delenha, & porque os nossos os não leuassem lhes poserão os immigos fogo em fugindo, & a dous destes dourados mãdou Antonio correa apagar o fogo & meos queymados os leuou a Malaca, & desta vez ficou el rey de Bintão tão destroçado q̃ se acolheo a Bintão que era perto de Malaca, pera onde se partio Antonio correa despois de queymar a tranqueyra, & laa foy recebido com muyta festa pola liurar de tamanho cerco & de fome tão apertada.

¶ Capit. xxxvij. Do façanhoso feito que cinco dos nossos fizerão defendendose de Rajaçudameci & de sua gente que matarão quasi toda & lhe tomarão hũa lãchara.

Endo Antoniocorrea ẽ Pegũ, el rey de Pacem que era tirano & tinha tomado ho reyno ao proprio rey que matara leuantouse contra os nossos que estauão em Pacem & erão vinte quatro criados de dom Aleixo de meneses & de dom João de lima, & todos forão mortos & tomarãlhe muyta fazenda que tinhão del rey de Portugal, & destes fidalgos, & doutras partes que valia setenta mil cruzados, & pola guerra que el rey de Bintão fazia a Malaca não se tomou disto vingança, & despois que Antonio correa a liurou do cerco, mandou Garcia de sá a Manuel pacheco em hũa nao em que andasse armada de Pacem ate Achem, & não deixasse entrar em nenhũ destes dous portos nauio algũ nem sayr, nem consentisse que fayssem deles a pescar, porque esta era a mayor guerra que selhe podia fazer, & deulhe vinte dos nossos antre soldados & marinheiros: & partio Manuel pacheco pera laa quasi na fim

Dagosto, & como chegou foy logo sentido/ porque nem lhe ficou pescador que não tomasse/ nem deixaua entrar nenhũ nauio estrangeiro & se a perfiauão metia os no fundo. E andãdo assi pollhes faltar agoa mandou Manuel pacheco fazer agoada em hũ rio chamado Jacapari hũa legoa do de Pacem & forão no batel a fazela no mais de cinco homẽs/ Antonio paçanha Dalanquer, João dalmeida de quintela criado Dantonio correa/ Antonio de vera do Porto/ Francisco gramaxo moço da camara da condesa/ trabesa & ho barbeiro da nao, & os remeiros, & a nao ficaria hũa legoa a lamar. E feyta agoada, & tomados palmitos começarão de se sayr do rio: & nisto acode sobreles tanta soma de gẽte dambas as partes do rio que foy cousa despanto velos & as gritas que dauão, & as frechas quelhes tirauão/ porque todos estauão magoados deles pola guerra quelhes fazião, & como os nossos não leuauão arrombadas que os emparasse, fizerãnas das adargas poendo as dianteiras nos bordos do batel/ & as costas hũs nos outros/ & em pouco tempo todas as adargas forão empenadas: & quis nosso senhor que nenhũ não foy ferido, & com muyto trabalho sayrão do rio tirando caminho da nao: & indo quasi a meya legoa de la/ não poderão surdir por mais que os remeiros remauão por crecer a maré & ventar a viração q̃ tudo era contreles. E estando nesta fadiga ex que saem do rio de Pacem tres grandes lancharas cõ mil homẽs de peleja segũdo se despois soube: & hia por capitão delas hũ mouro Jao muyto valente caualeyro/ que auia nome Raja çudameel capitão mór do mar del rey de Pacem/ & as Lancharas hião hũas das outras a tiro despingarda/ & a capitaina hia diante, & enxergauase logo pola bandeira que leuaua, & todas hião a boga arrancada por chegar ao nosso batel/ & os q̃ hião nele vendo que da nao lhe não podião acodir por não auer em que: & que a capitaina dos immigos lhes hia chegando/ & que não tinhão remedio se nosso senhor não acodia, encomendaranse a ele muyto deuotamente/ & assi a nossa senhora: & esforçados cotisso acordarão que tanto que os immigos abalrroassem coeles trabalhassem polos entrar pola proa da lanchara, porque como era estreita poderse hião ali ajudar deles melhor que em outra parte/ & mais que em a lanchara abalrroado pegasse ho barbeiro com as mãos nela & a teuesse ho mais que podesse. E assi ho fez/ que em os immigos chegando lançou as mãos na lanchara & a teue como a podera ter hũa abalrroa, & com quanto as gritas que os immigos dauão/ & os instromentos que tangião, & as frechas que tirauão era pera espantar a muytos, quanto mais a tão poucos como erão os nossos: eles confiados em nosso senhor & em sua gloria madre, bradando por eles de todo coraçõo se arremessarão na proa da lanchara, & dali com esforço milagroso começão ás lãçadas com os immigos & matar/ assi os

lascarins como os remeyros que a nenhũ perdoauão. E os immigos que hião muyto fora delhes parecer que seria por os nossos não serẽ mais de quatro ⁊ eles polo menos trezentos assi remeyros como lascarins: vẽdo que os nossos pelejauão daquela maneyra começarão de se lançar ao mar / ⁊ outros se retirarão pera a popa da lanchara ondestaua Rajaçudameci que se pos diãte dos seus pera resistir aos nossos ⁊ durou aqui a peleja ẽsi hũa hora em que os nossos forão todos feridos: mas eles pelejarão tambẽ com ajuda de nosso senhor / q̃ he de crer que os ajudaua: que não somente matarão a mayor parte dos immigos / ⁊ outros fizerão lãçar ao mar muyto feridos / ⁊ ho derradeyro foy Rajaçudameci ferido de cinco lançadas, que parece que se lançou mais pera se vigar da fraqueza dos seus que pera saluar a vida, porque despois que foy no mar nadando com os pés ⁊ com hũa mão / com a outra matava quantos podia alcãçar com hũ rico terçado q̃ trazia: ⁊ assi andou ate que se sumio debaixo dagoa, ⁊ as duas lanchbaras que ficauão a tras vendo aquela desbaratada / ou despois que começarão de ver que ho auiã de ser não ousarão de passar ⁊ tornaranse: no que parece bem que quis nosso senhor dar vida aos nossos / porque segũdo estauão feridos ⁊ cansados se os immigos chegarão a eles ali acabarãosuas vidas: ⁊ com vitoria tão milagrosa como esta foy ficarão senhores da lanchara ⁊ se forão pera a nao despois que vazou a maré: onde todos derão muytas graças a nosso senhor por tamanha merce como aquela foy: com que os imigos ficarão tão espãtados q̃ assi auião medo dos nossos assi como do fogo ⁊ não ousauão de bolir consigo. E recebendo el rey de Pacem perda grandissima desta guerra, mandou dizer a Manuel pacheco que pagaria a fazenda dos nossos que fora tomada em sua terra, ⁊ que fizesse paz coele: ⁊ assi ho assentarão ate saber de Garcia de sáse era contente, ⁊ ele ho foy despois q̃ el rey de Pacem comprio o que dizia. ⁊ Manuel pacheco leuou a lanchara que os nossos quatro tomarão a Malaca: ⁊ por memoria do milagre que nosso senhor fez lhe mandou fazer hũ alpẽdere cuberto ⁊ a pos nele sobre hũs vasos pera que durasse pera sempre. E vinda a mouçã pera a India como quer que Malaca ficaua liure da guerra: partiose Antonio correa pera Cochim ⁊ leuou cõsigo aqueles cinco por quem nosso senhor fez ho milagre.

¶ Capit. xxxviij. De como se leuantarão contra Eytor rodriguez capitão da fortaleza de Coulão a raynha de Coulão ⁊ a ẽ Comorim.

Eytor rodriguez capitão ⁊ feytor da fortaleza de Coulão tendo a quasi acabada despois q̃ ho gouernador ser partido pera ho estreito, mandou dizer á raynha de Coulão per Gaspar ferraz ⁊ Luys alua

rez escriuães da feytoria/ que lhe mandasse pagar setenta & cinco bares de pimenta que lhe quebrarão no peso da que comprara pera a carrega das naos/ como lhe os seus feytores & corretores ficarão de pagar: & assi duzentos & oytenta bares de pimenta que deuia da soma que ficara de pagar pola fazenda que se tomou a Antonio de sá quando ho matarão/ & que lhe mãdaua pedir esta diuida por quanto acabaua no anno seguinte seu tempo & se auia de ir pera Portugal/ & auia de dar conta pelo que tinha necessidade de arrecadar o que lhe diuião, porque o que lhe sucedesse não auia de querer arrecadar as diuidas que ele fizera. Ao que ela respondeo que pagaria os duzentos & oytenta bares que deuia do cõcerto das pazes: porem que se ouuera dauer respeito pera lha quitarẽ ao grãde fauor & ajuda que dera pera se fazer a fortaleza que sem isso não podera ir por diante: & quanto aas quebras da pimenta que as não auia de pagar, porque não se pagauão em Cochim nem em Caicolão. Ao que ho capitão respondeo/ dizendo que se fizera seruiço a el rey de Portugal/ que ele era tão manifico que lho pagaria muyto bem/ porque assi ho vsaua com aqueles que ho seruião. E quanto aa quebra da pimenta tambem a deuia de pagar ou mandar aos corretores que a venderão que a pagasse sem: porque aqueixandose ele da pimenta que era molhada lhe disserão ho regedor, & escriuães, & corretores que se pesasse a pimenta/ & se deitasse ao sol tres ou quatro bares/ & despois de seca se repesasse & o que se achasse que quebraua que ele a faria pagar aos corretores, ou a pagaria, & q̃ isto se assentara. Ao que a raynha respondeo como dãtes & ho mesmo fez ho regedor, mostrandose ambos muyto descontẽtes Deytor rodriguez: & a mesma reposta derão outra vez que lhe ele tornou a mandar outro recado como ho primeyro. E de tudo Deytor rodriguez mandou fazer hũ auto pelos mesmos escriuães que leuauão os recados, porque ho gouernador quando tornasse do estreito soubesse como passaua a cousa/ & lhe não posesse culpa se a raynha se aleuantasse contra a fortaleza: o que ele receaua porque sabia quão aluoroçada era aquela gente, & quãto se escandalizaua de qualquer cousa, principalmente se tocaua em seu interesse. O que ele bem receou, porque tanto que a raynha vio que lhe pedia a pimenta de verdade/ & que não podia deixar de a dar, agastouse coisso muyto: porque sempre seu fundamento foy que a não auia de pagar & lha quitarião polo muyto fauor que deu a se fazer a fortaleza/ & coesta tenção ho daua. E vẽdo que lhe saya em branco tomou pera remedio de nã pagar nenhũa pimenta leuantarse & fazer guerra aa fortaleza/ & mais que via ho tempo desposto pera isso por a pouca gente que auia na fortaleza que a defendesse/ & ho pouco socorro que podia ter por ho gouernador ser fora da India & leuar consigo toda a gente darmas dela. E pera

poer em obra sua determinação/ persuadio á raynha de Comorim que a ajudasse a esta guerra com dous filhos que tinha/ & que logo tomarião a fortaleza & matarião quãtos Portugueses estauão dentro. E concertadas ambas/ chamarão tambem em sua ajuda algũs mouros. E tendo entre si feyto este concerto/ esperando tempo pera ho executarem/ acertarão hũ dia sessenta Bigairis de irem da parte de Comorim pera a fortaleza carregados de conchas dostras & de lenha pera fazerem cal, & hia coelles hũ homem Deitor rodriguez: o que sabido por Mahanatriuiri hũ dos filhos da raynha de Comorim/ mandou certos Naires seus/ & assi algũs mouros que lhe espalhassem a lenha & concha & os espancassem. E q̃ eles logo fizerão & ho Portugues que hia com os Bigarins fugio pera a fortaleza, & contou o que passaua a Eytor rodriguez, que não lhe parecendo ainda o que era porque aquilo fora feyto per Naires da parte de Comorim se mandou aqueixar ao regedor delrey de Comorim per Luys alluarez & Gaspar ferraz escriuães da feytoria. E sendo lhe feyto este queixume, ele dissimulou: dizendolhe que lhe pesaua muyto do mal que os Naires fizerão: & quãdo Eytor rodriguez quisesse mandar leuar algũa cousa pera a fortaleza da parte de Comorim que lho mandasse dizer, & que ele daria hũ mãdado pera que não fizessem mal a quem a trouuesse: & ho mesmo queixume mandaua Eytor rodriguez á raynha de Coulão, mas ela nã ho quis receber/ & fezse partida de Coulão. E porque ele foy auisado que se dizia na parte de Comorim que se lá fosse ter algũ Portugues que lhe auião de cortar as pernas & matalo, mandou ho preguntar á raynha de Comorim se era assi/ & isto per hũ Malabar escriuão da feytoria que não ousou de mandar laa Portugues. E a raynha & seus filhos responderão que ateli fora sua vontade de os Portugueses irem a Coulão: mas que dali por diante se algũ laa fosse que ho auião de mãdar matar. E o que sabido por Eytor rodriguez mandou que nenhũ Portugues não fosse mais a Coulão. E a vendo dous dias que isto assi anda ua soube que hũa nao de Malabares q̃ estaua no porto tomaua hũa noyte pimenta/ & auia dacabar de carregar no mar/ & lhe auião de lenar a pimenta em tões: & tendo vigia quando hião os mãdou tomar por hũ João de Chaues meirinho da fortaleza que foy em hũ catur, & tomou sete tões carregados de pimenta com quantos remeiros hião neles. E o que sabendo a raynha de Coulão os mandou logo pedir a Eytor rodriguez, & ele não lhos quis mandar/ dizendo que lhe pedia que lhos deixasse castigar por que lhe tinhão leuado mais de seys mil bares de pimẽta, & por isso erão cativos del rey de Portugal: porẽ q̃ ele falaria cõ os officiaes da fortaleza/ & q̃ tudo se faria muyto a seu seruiço como sempre se fizera: do q̃ a rainha ficou muyto descõtẽte. E cõ quãto Eytor rodriguez lhe mãdou os remeiros ao outro dia ela os nã

quis ver/ & ho regedor de Coulão que estaua coela disse a Luys alua-rez que os leuana, que pera que os leuauão então se lhos não quise-rão mandar quando lhos pedião. E como ja tudo esteuesse muyto dã nado contra os Portugueses, co-meçarão os Naires que hi estauão de dizer que matassem Luys alua-rez & os que bião coele: o que lhe bo lingoa disse: pelo que elenã esperou reposta da raynha & foyse ho mais asinha que pode pera a fortaleza on de achou acolhidos muytos Chri-stãos de Coulão, que fugirão pera lá com medo de Batanatriuiri que os mandaua matar por amor dos remeyros que estauão presos: & lo-go a raynha de Coulão & a de Co-morim defenderão geralmente que nenhum official da terra não fosse mais trabalhar nas obras da forta leza/ nem leuassem lá mantimẽtos: E assi se fez. O que vẽdo Eitor ro-driguez ho escreueo logo a dom Al-leixo de meneses que estaua em Co chim/ pedindolhe que lhe mãdasse vinte bésteiros & espingardeiros pera defender coeles a fortaleza: pe-dindolhe tambem que lhe mãdasse algũ dinheiro de que tinha neces-sidade pera acabar duas torres que estauão por acabar. A que dom Al-leixo respondeo que não auia espin-gardeiros nem bésteiros q todos ho gouernador leuara ao estreito/ nem tão pouco tinha dinheiro que virião as naos de Portugal & en-tão lho mandaria. E vendo Eitor rodriguez tão mao remedio, bus-cou dinheiro que tomou a ozena cõ que acabou sua obra.

Capit. xxxix. De como a raynha de Coulão & de Comorim qui-serão tomar a fortaleza por trei-ção & não poderão.

Determinãdo as ray nhas de Coulão & de Comorim de tomar a nossa fortaleza: pa-recendolhes que por guerra lhes seria di-ficultoso, determinarão de a tomar por treição: o que concertarão com aqueles tres irmãos malabares q̃ atras disse. s. Vnirey pulá, Balapu lá gozipo, Coulegozipo que moza-uão com a raynha de Comorim. E a maneyra da treição auia de ser fin gindo terem agrauos dos filhos da raynha de Comori/ & auião de cometer Eytor rodriguez que que-rião viuer com el rey de Portugal & seruilo: & fingindo medo de serem sintidos não auião de querer falar lhe na fortaleza se não na igreja de sam Thome & isto de noyte/ onde se fosse ho matarião com quantos fos sem coele/ & com gente que estaria prestes tomarião a fortaleza. E isto assentado fazianse os tres irmãos muyto amigos Eitor rodriguez/ mandandolhe muytos auisos fin-gidos do que as raynhas determi-nauão: no que ele não atẽtaua pola amizade que dantes tinhão coele. E com tudo não bião á fortaleza, mas mandauanlhe muytos auisos figidos, & mostrauanse grandes seus amigos & seruidores del rey ð Portugal ate fingirẽ de quererẽ tornar a assẽtar a paz q̃ estaua q̃bra

da: & nisto andarão algũs dias ate que mandarão dizer a Eytor rodriguez q̃ ho não podião acabar. E chegado ho inuerno em que determinarão de executar a treição q̃ trazião forjada, mandarão dizer a Eytor rodriguez per hũ Christão de Caycoulão chamado Matias/ que a fora ho rey grãde de Coulão estar muyto mal coeles por ajudarẽ a fazer a fortaleza/& assi os principaes & pouo da terra: indo hũ dia a casa de Ramatreuiri filho da raynha de Comorim/& ele os não quisera ver & fizera aq̃ dormia, no q̃ lhes fizera muyto grãde desfauor/& mais que aquilo lhes parecia vespera de os destruyr/o que temião muyto por verem a terra tão aluoroçada contra a fortaleza, & que se quererião vingar do odio q̃ lhe tinhão pola ajudarem a fazer: & por outra parte posto que assi não fosse/& quisessem as raynhas que eles lhes ajudassem contrele naquela guerra q̃ sabia que lhe auião de fazer, que ficauão destruydos, porque sabião que elas não auião de leuar ho melhor da guerra, & eles não ganharião mais que ficarem lhes os Portugueses por immigos/o que eles não querião por nenhũ preço: por isso se os ele quisesse receber pera viuerem cõ el rey de Portugal, & lhes dar ho soldo que lhes daua ho rey grande, que assentarião viuenda cõ el rey de Portugal & serião seus pera sempre/& morrerião na guerra q̃ esperauão. E vendo Eytor rodriguez como ambas as raynhas estauão de guerra: & que aqueles tres irmãos ho ajudarião muyto nela, assi por serem principaes da terra, como por ajuntarem a hũ repique seys centos Naires/& serem tão vezinhos da fortaleza: pareceolhe bẽ aceitar ho partido que lhes cometião/sobre o que se conselhou com Matias/& despois cõ Christouão de bairros seu genrro/& alcayde mór da fortaleza, & assi cõ outros officiaes & homẽs hõrrados dela. E per todos foy acordado q̃ os tres irmãos se deuião de tomar por criados del rey de Portugal/com lhe darẽ a moradia & soldo que tinhão do rey grande de Coulão, que erão cozenta cruzados a cada hũ por anno: & ho soldo & ordenado da terra quando de suas pessoas & de seus Naires se quisesse seruir na guerra. E isto assinado por todos os que forão no conselho/mandou Eytor rodriguez dizer aos tres irmãos por Matias que fossem sós á fortaleza pera assentar coeles a viuenda com el rey de Portugal: do que se eles mostrarão muyto alegres, porem escusaranse dir á fortaleza, por que não fosse sentido da gẽte da terra o que querião fazer: mas que á boca da noyte se ajuntarião coele na igreja de sam Thome onde leuaria os principaes da fortaleza & peranteles lhes juraria de compzir o que assentasse coeles: & isto com tenção de terem quinze mil homens em cilada/& em quanto hũs matassem Eytor rodriguez & os que ho acompanhauão/os outros entrarião de supito na fortaleza que auia destar aberta, & a tomarião. E não caindo ainda Eytor rodriguez nesta treiçã, lhes respõdeo

que buscassem outra maneyra pera assentar seu partido, porq̃ bẽ sabião que auia bũ anno que não saya da fortaleza nẽ auia de sayr por nhũa maneyra, & q̃ndo os irmãos virão que não podião acolher Eytor rodriguez/ disserão que pois ele não podia ir á igreja que dizião que fossem na noyte seguinte seus gẽrros ho alcayde mór/ & Duarte varela & Luys aluarez escriuão da feytoria, & eles abastarião pera fazerem o q̃ ele fizera: & isto pera os matarem/ porque sabião que como matassem estes que erão os principais com q̃ se Eytor rodriguez auia de defẽder facilmente leuarião a fortaleza nas mãos. E quis nosso senhor que quãdo foy a boca da noyte em que auia de ser a treição q̃ Eytor rodriguez se achou mal sentido/ & mandou dizer aos tres irmãos que por essa rezão não podia praticar com ho alcayde mór/ nẽ com os outros que auião dir, o que auião de fazer que ficasse pera outro dia/ & que ele lhes mandaria dizer quãdo. E passados dous dias lhes mandou dizer que aquela noyte fossem á igreja & se faria ho concerto. E como eles estauão desapercebidos pera a treição, responderão que aquele não era bõ dia pera fazer mudança que ficasse pera outro q̃ fosse bõ: & logo apos aquela reposta lhe mãdou dizer Balapulá gozipo ho principal da treição que na mesma noyte queria ir á fortaleza pera assentar coele por si & por seus irmãos. E como tudo erão mẽtiras nã foy, & fez esperar Eytor rodriguez ate mea noyte: & em amanhecẽdo lhe mandarão todos tres outro recado, que eles não hião aa fortaleza por lhe dizerem seus parẽtes que não se fiassem dele/ & por isso não ousauão dir/ que lhes mandasse por arrefens seus genros & outros homẽs honrrados que ficassem em sua casa em quãto fossem aa fortaleza/ & q̃ irião logo. E isto com determinação de então acabarem sua treição pera o que tinhão quize mil homẽs como dãtes: mas quis nosso senhor lembrarse dos Portugueses, & abrio os olhos do entendimento a Eytor rodriguez/ pera que visse claramente a treição que lhe querião fazer, & respondeo que não queria coeles partido nenhũ que esteuessem como dantes.

¶ Capit. xl. De como as raynhas mandarão cercar a fortaleza.

Vendose os tres irmãos desesperados de poderẽ fazer a treição q̃ determinauão, disserão aas raynhas: que consultarão coeles que pois não podião tomar a fortaleza por treição q̃ a tomassem por guerra, porque não podia ser q̃ tão poucos Portugueses como estauão nela a defendessem a tanta gẽte como elas tinhão/ & mais em inuerno que era ja ho mar çarrado por serem dezanoue de Junho: & parecia que não podião ser socorridos/ & logo ajũtarão bẽ. xv. mil naires & por capitães os tres irmãos, a q̃ derão cuydado daqla ẽpressa. E tẽdo esta gẽte jũta pera darẽ na fortaleza hũ Arel grãde seruidor delrey de Portugal & amigo de Eytor rodriguez êtrou õ supito na fortaleza cuberto

cõ hũ pano por não ser conhecido/ ⁊ lhe disse que se goardasse porque estaua muyta gente junta dos immigos pera ir logo pelejar coele. E isto dito sem mais detença se tornou a sayr: o que ouuido por Eytor rodriguez mãdou cortar hũas palmeyras que fazião hũ ẽcuberto dõde lhe podião dar combate. E andãdo hũs sete ou oyto homẽs cortãdo as/ acodio Balapulá goripo agrauandose de as cortarem/ ⁊ apos ele se descobrirão tão desupito quinze mil homẽs q̃ os Christãos da terra que morauão ao derredor da fortaleza não teuerão tempo de meter nela suas fazẽdas: ⁊ ho melhor que poderão se acolherão a ela cõ suas molheres ⁊ filhos: ⁊ isto poderão fazer porque a artelharia da fortaleza jugaua muyto rijo que assi ho mãdou Eytor rodriguez como vio os immigos/ com que matou deles obra de vinte cinco em quanto durou ho combate que foy ate noyte/ ⁊ eles roubarão ⁊ queymarão as casas dos Christãos da terra q̃ se acolherão á fortaleza/ ⁊ matarão hũ Portugues chamado Jeronimo vaz que ãdaua fora da fortaleza por hũ homizio, ⁊ dous escrauos ⁊ hũs quatro carpiteiros ⁊ pedreiros da terra/ porq̃ trabalhauão na fortaleza. E nesta reuolta deitarão muyta peçonha no poço da fortaleza ⁊ em outro seu vezinho, que matou logo quantos peixes andauão neles, ⁊ despois ho mandou Eytor rodriguez alimpar ⁊ fazer nele hũ forte repairo pera ho defender aos immigos, que logo assentarão algũas estãcias com bombardas roqueyras q̃ mouros q̃ ali inuernauão lhe emprestarão das suas naos, ⁊ coesta artelharia tirauão á fortaleza ⁊ com muytas frechas: mas por ser a artelharia fraca não lhe fazião dãno/ ⁊ porque a nossa lho não fizesse muyto fizerão muytas cauas pera se acolherem: ⁊ isto de noyte que de dia não ousauão de trabalhar por não se descobrirem a artelharia/ com q̃ os Portugueses tirauão posto que era de noyte atinando ao tõ das enxadadas. E coestes tiros perdidos matarão algũs dos immigos/ que tambem tinhão tento quando os Portugueses falauão, ⁊ tirauão muytas frechadas pelo que era necessario aos da fortaleza de vigiarẽ armados: ⁊ noue dias continos teuerão este trabalho/ ⁊ assi de corridas q̃ os imigos fazião á fortaleza de q̃ sempre ficauão no campo passante de vinte mortos cõ a artelharia, ⁊ dos Portugueses forão feridos algũs de frechadas ⁊ antreles foy Duarte varela genrro Deytor rodriguez q̃ tinha consigo ate trinta homẽs de que cinco estauão muyto doẽtes: ⁊ coestes esperaua em nosso senhor de se defender a tamanha multidão dimigos como defendeo não tendo na fortaleza mais que arroz/ porem pera oyto meses/ ⁊ este se comeo na fortaleza cozido em agoa tal em quanto durou ho cerco, ⁊ ás vezes ratos pera que lhes parecesse que comião carne.

¶ Capit. xlj. De como dõ Aleixo d̃ meneses mandou socorrer a fortaleza de Coulão per dom Afonso de meneses.

A hora q̃ os imigos poserão cerco sobre a fortaleza, hũ Cbatim de Cochim seruidor del rey de Portugal que estaua em Coulão / partio logo pera Cochim & foy dizer a dom Aleixo de meneses o que passaua. E vendo ele ho perigo em que ficaua a fortaleza por a pouca gente q̃ tinha pera a defender / mandou em seu socorro dõ Afonso de meneses filho do conde dom Pedro muyto esforçado caualeyro, que foy em hũa fusta com dezanoue homẽs mal armados & sete deles espingardeiros, & hũ pouco de biscoito, & duas pipas de carne / & duas carteirolas de polnora: & com quãto era inuerno quis nosso senhor dar sazigo ao mar que a fusta foy a saluamento & ẽ poucos dias chegou ao porto de Coulão / onde os imigos a seruirão com asaz de frechadas & bombardadas & com hũ espingardão ferirão ho comitre da fusta de hũa perigosa ferida: & dom Afonso se vio em grãde fadiga porque não tinha paraó em que podesse desembarcar, nẽ Eytor rodriguez não tinha nenhũ que tudo lhe queymarão os imigos. E vendo que não auia outro remedio, mandou hũ homem a nado, que fosse dizer a dom Afonso que se chegasse tanto a terra, que pousse nela ho esporão / & que desembarcaria com gẽte que lhe mãdaria da fortaleza / & mandou ho alcayde mór com vinte homẽs: & em saindo da fortaleza começou de jugar a artelharia que estaua daquela banda, porque embaraçasse os imigos que por serẽ tantos não tinhão em conta os pelouros. E vendo que dom Afonso desembarcaua poserão fogo ás suas bombardas, & despararão frechas sem conto / & foy hũa bem perigosa desembarcação. E com tudo aprouue a nosso senhor q̃ nenhũ dos Portugueses não foy ferido / & todos se recolherão ẽ saluo á fortaleza com as armas & adargas bem cubertas de frechas: & coeste socorro chegarão os que estauão nela a cinco ẽta, com que os imigos teuerão grande desprazer parecendolhes que de cadauez queria a fortaleza teuesse necessidade de socorro ho mãdarião de Cochim. E os mouros q̃ hi inuernauão & desejauão muyto ó ver tomada a fortaleza lhes dizião que não se enganassem, porque em Cochim não auia mais gente com que podessem socorrer a fortaleza posto que disso teuesse necessidade, porq̃ aleuara ho gouernador toda ao estreitor: mais que aquela fusta não hia pera mais que pera leuar a Cochim os que estauão na fortaleza / por isso que trabalhassem pola arrõbar porque os não leuasse: & despois tomarião a fortaleza. E cuydando os Naires que isto era assi assestarão hũa bombardeta grossa na fusta & afadigauãna muyto rijo, & matarãlhe hũ remeyro. O que vendo Eytor rodriguez assentou com dõ Afonso que fossem tomar aquela bombarda, pera o que sayrão hũa ante manhaã com trinta homens & remeterão aa estancia, & verão nos Nayres que a goardauão: a que acodio logo Balapulá gozipo que era ho capitão daquela estãcia.

& começarão ô pelejar & logo Duarte varela a que era encomẽdado que com certos homẽs tomasse a bombarda remeteo a ela pera a tomar/ mas acharãna liada no repairo cõ hũs cabres tão fortes que nũca os poderão cortar com as espadas: & vendo que a não podião leuar a deixarão/ & tambem porque a gente recrecia muyto q̃ foy forçado a Eytor rodriguez recolherse o q̃ fez cõ algũa afronta/ & ficarão sete dos inimigos mortos, & mais leuaranlhe a camara da bombarda com q̃ por hũs dias lhe impidirão q̃ não podesse jugar ate que fizerão outra, & dos Portugueses não foy nenhũ ferido. E não deixãdo ainda os inmigos de perseguir a fusta com outras bombardas miudas, acordarão dom Afonso & Eytor rodriguez de a mandar a Cochim. E assi ho fizerão, & por bomar ãdar ja muyto grosso não pode mais chegar que á cale & hi inuernou, & como a fusta se partio de noyte que os inmigos a não virão partir, q̃ndo foy menhã que a não virão cuydarão q̃ a gẽte da fortaleza se fora nela como lhe os mouros dizião, & mais porque não parecia ninguẽ pola fortaleza: & os mouros lho affirmarão mais. E cuydando as raynhas que era assi mandarão a seus capitães que desẽ na fortaleza & a tomassem: pera o que se ajũtarão todos cõ grãdes alegrias de gritas & de tãger de trõbetas, & melhorando suas estãcias remeterão á fortaleza & começarão de lhe dar bateria cõ suas bombardas/ & porque a principal era a porta da fortaleza/ & Eytor rodriguez se temeo que a quebrassem mandou poer algũs homẽs em hũa goarita que estaua sobre a porta pera q̃ a defendessem com grãdes pedras & panelas de poluora/ & fez seu capitão a bũ Pero lourenço criado del rey de Portugal, & ele pos se embaixo no patio da fortaleza com vinte homẽs armados & mandou abrir a porta pera que os inmigos entrassem se quisessem. E vendo eles a determinação dos Portugueses nã ousarão de cometer a porta, mas tirauão multidão de frechadas, & os Portugueses espingardadas & bõbardadas/ & assi estiuerão bẽ duas horas & se tornarão os inigos a recolher a suas estancias ficãdo mortos obra ô trinta & dos nossos nhũ.

Ca. xlij. Do q̃ socedeo na guerra aos Portugueses & aos inimigos.

Vendo as raynhas & os principes quão pouco dãno fazião aos da fortaleza estauão muyto agastados, em tanto que quiserão dissistir da guerra se os mouros lhes nã forão a mão estranhandolho muyto & prometendolhe que os Portugueses se auião dentregar/ assi de cãsados de se defenderem como da fome q̃ os auia da pertar. E deseseperados de socorro por ho gouernador ser ao estreito ôde os rumes ho auião de desbaratar/ & não auia quem quisesse socorrer a fortaleza, por isso que esperassem de a tomar/ & fizeranlhe outra camara á bombarda grossa tal como a que lhe tomarão

os Portugueses & deitaua pelouro de ferro ó pelo de dez arrates cõ que tornarão a tirar á fortaleza / & lhe desmanchárão os curuchos das torres, cõ quãto erão muyto fortes: porem nas paredes dos muros não amegauão os pelouros nada, & não auia dia q̃ não metessem na fortaleza cẽto, assi desta bombarda como doutras mais pequenas: & Deos seja louuado nunca ferirão nem matarão ninguem, saluo hũ escrauo de dom Afonso de meneses. E com toda esta opressam q̃ os da fortaleza tinhão / principalmẽte de comerem tão mal como digo sintiã se tão esforçados pa fazer mal aos imigos q̃ quasi todolos dias sayão da fortaleza a cortarlhe os palmares / que era a mayor offensa & dãno q̃ lhes podião fazer, & assi ho sintiã eles muyto, especialmente Matanatriuiri que estaua por capitão de hũa estãcia onde era a principal destruyção dos palmares q̃ os Portugueses fazião por terem ali os imigos grande colbeita: de que os Portugueses sẽpre nestas saydas matauão algũs dos que lho sayão a defender. E ho capitão desta gẽte que saya era as mais das vezes dõ Afonso que neste cerco seruio muyto bem. E vendo Eytor rodriguez como os imigos sayão a defender ho cortar das palmeyras, mandou lhe deitar hũa cilada detras dũs valos dobra de quinze espingardeiros & bésteiros, & mandou a Duarte varela que cõ dez bomẽs fosse cortar as palmeiras da parte da estãcia de Balapulá gotipo, que logo sayo a lho defender com algũs Mattares / de que os da cilada matarão sete ou oyto / & Duarte varela se recolheo, seguindo ho os imigos: a que fez rosto junto do poço como muyto bõ caualeyro que era / & mandou aos bésteiros & espigardeiros que dessem hũa çurriada nos imigos / & assi ho fizerão: & hũ Simão aluarez criado de Eytor rodriguez acertou a Balapulá gotipo hũa espingardada por ambas as coxas q̃ lhas vazou & q̃brou lhe ho osso dũa que logo cayo no chão: ao que Duarte varela acodio pera ho tomar & coelle Luys aluarez escriuão da feytoria, Afonso ferraz / Antonio da costa, Diogo de gouuea, Pero lourenço & outros caualeyros, & trauouse hũa braua peleja por sobreuir tanta gente dos imigos que quasi afogaua os nossos, & por isso não poderão catiuar Balapulá gotipo / & Duarte varela foy ferido cõ hũa espada na sola ó hũ pé, & Afonso ferraz foy ferido doutra de q̃ depois morreo / & Antonio da costa de duas frechadas / & assi outros: & recolheranse com muyta afrõta / & nem por isso deixauão de sayr a cortar os palmares, o que fazião cada dia / & de cada vez matauão gente aos imigos & lha ferião / & dos nossos não morrerão mais que estes q̃ digo. E assi durou ho cerco ate oyto dias Dagosto em q̃ acontecerão outras muytas cousas que não escreuo por ordẽ por as não saber particularmẽte, mas os Portugueses ho fizerão sempre tãbẽ cõ ajuda de nosso senhor q̃ os imigos se espãtauão: & assi foy este hũ dos hõrrados q̃ os portugueses fizerão na India.

¶ Capit. xliij. De como a raynha de Comorim pedio paz a Eytor rodriguez ⁊ se leuãtou ho cerco da fortaleza.

DEsenganadas as raynhas d̃ Coulão ⁊ de Comorim q̃ não podião tomar a fortaleza pois ho não poderão fazer ẽ perto de dous meses que estauão sobrela, arrependeranse muyto de terẽ começada a guerra/ porque vião que fizerão nisso sua perda. E a raynha de Comorim quisera que pedirão paz ao capitão, ⁊ a de Coulão lhe disse que ele auia destar escãdalizado delas ⁊ nã auia de querer paz/ que melhor seria mandala pedir a dom Aleixo de meneses q̃ ficaua por gouernador. No q̃ a raynha d̃ Comorĩ não quis consentir, dizendo que a quem ela fizera a guerra a esse auia de pedir a paz. E a raynha d̃ Coulão nã quis se não mandala pedir a dõ Aleixo/ a quem mandou hũ seu pulá pedindo perdão do que fizera/ ⁊ prometẽdo de ser dali por diante muyto fiel a el rey de Portugal/ pedindolhe que mandasse lá com quẽ assentasse a paz/ porque não se atreuia a assentala com Eytor rodriguez. E dom Aleixo despachou logo pera irẽ fazer este negocio Diogo pereyra de Cochim, ⁊ Cherinamarcar ⁊ Patemarcar mouros que fossem coele. E ẽtre tanto que hião a raynha de Comorim q̃ desejaua dassentar paz com Eytor rodriguez mãdoulhe recado por hũa molher Christãa da terra chamada Cochicale muyto conhecida dos Portugueses, que chegou á porta da fortaleza hũa noyte dos oyto dias Dagosto rendido ho quarto da prima: ⁊ conhecida quem era despois de chamar/ ⁊ dizendo que queria falar a Eytor rodriguez da parte da raynha de Comorim/ foy leuada diante dele: ⁊ ficando com dom Afonso ⁊ com ho alcayde mór/ ⁊ Luys aluarez escriuão da feytoria. Ela lhe disse q̃ a raynha de Comorim ẽganada pela de Coulão q̃ lhe auião de tomar a fortaleza per hũ ardil q̃ Bala pulá goripo ⁊ seus irmãos tinhão ordenado pera isso, se leuantara cõtrele ⁊ lhe fizera guerra, do que se arrependia muyto ⁊ confessaua que errara: ⁊ lhe pedia q̃ quisesse coela paz, porque queria ser muyto grande seruidor del rey de Portugal/ ⁊ daria pera a fortaleza toda a prouisam de mantimentos de que teuesse necessidade: ⁊ dali por diante mandaria a seus filhos ⁊ a sua gẽte que mais não fizessem guerra á fortaleza. E preguntada por Eytor rodriguez se trazia algũa carta de crẽça da raynha: ⁊ dizendo que não/ lhe respondeo que a trouuesse ou viesse algũ pulá principal coela, ⁊ que então responderia a bem de feyto. E ela disse que si traria, porq̃ a raynha desejaua muyto a paz: ⁊ assi foy que logo ao outro dia á noyte ao q̃rto da modorra tornou ⁊ coela Chanei pulá muyto pricipal na casa da raynha qne entrou com seguro Deitor rodriguez/ a quem despois de dar hũ grande presente de mantimẽtos da parte da raynha, lhe confirmou tambem com hũ seu recado ho mesmo que Cochicale lhe dissera a noy

te passada, pedindolhe que alẽ de cõ firmar a paz lhe quisesse dar seguros pera as suas naos nauegarẽ/ & que deuia de folgar de lha cõfirmar poz a nossa fortaleza estar em sua terra/ & ser feita contra sua vontade & de seus pulas: & mais poz não qrer mandar assentar paz cõ dõ Aleixo como fizera a raynha de Coulão, se não coele. E contou a Eytor rodriguez como sabendo a raynha q̃ Diogo pereira estaua em Calecoulão, q̃ vinha poz mandado de dom Aleixo pera assentar as pazes cõ a rainha de coulão, lhe mãdara dizer q̃ não entrassem em Coulão/ se não que se acharia mal. E de tudo isto Eytor rodriguez mãdou muytos agardecimentos á raynha/ & da sua parte lhe outorgou a paz/ prometẽdolhe que quando se ouuesse dassentar de todo, ele apresentaria ho muito grãde seruiço q̃ ela fazia a el rey ð Portugal em desistir da guerra & socorrer á fortaleza a tam bõ tempo. E q̃ ela estimou muyto, & fez logo apastar a sua gente de guerra: & mãdou aos seus areys que mandassem aos pescadores de sua terra que leuassem cada dia pescado á fortaleza. E tambẽ a raynha de Coulão desistio da guerra: & Eytor rodriguez ficou de sapressado dela/ sem em todo ho tẽpo que durou lhe ferirẽ nem matarẽ mais que os que disse.

¶ Capit. xliiij. De como Cherina marcar, & Patemarcar mouros estoruarão que a raynha de Coulão não assentasse a paz que cometia, & de como se fez despois.

Sabendo Eytor rodriguez como Diogo pereira & Patemarcar & Cherina marcar estauão em Calecoulão/ & não ousauã de passar dali cõ medo do raynha ð Comorim, escreueo a Diogo pereira que se fosse em hũ tõne poz mar á fortaleza/ & que os mouros se fossẽ polo rio: & assi ho fizerão. E chegado Diogo pereira a fortaleza disse a Eytor rodriguez como dõ Aleixo ho mãdaua ali pera reformar a paz cõ a raynha de Coulão: a cujo reqrimento aqueles dous mouros vinhão. Do que se Eytor rodriguez aqueixou muyto/ dizẽdo que aqles mouros erã imigos dos portugueses, como ho erão quantos auia na India, & que lhe parecia que poz sua causa senão auia de fazer a paz/ que ele não cõcedesse sem a raynha compzir logo hũs apontamentos, q̃ forão os seguintes.

¶ Que dẽtro naquele anno auia de pagar duzentos & oytẽta bares de pimenta que deuião a el rey pola fazẽda que fora tomada a Antonio de sa: & assi sẽtẽta & dous bares q̃ deuia da quebra do peso da pimenta da carga do anno passado: & mais treze bares que semontauão em certo dinheiro que lhe deuia, como estaua per conta certa.

¶ E auia de pagar todo quanto se roubara assi aos Portugueses, como aos Christãos da terra, quãdo se pos ho cerco á fortaleza: & assi todo ho dãno que receberão em quanto durou a guerra de scrauos q̃ fugirão pera os imigos: & mais auia logo de corregir todo ho danificame

to que na fortaleza fosse feyto.

¶ E que os dereytos da igreja de sam Thome que ho modelcar dos mouros tinha tomados despois da guerra lhe fossẽ logo tornados: & por castigo disso se dessem pera sempre á igreja de sam Thome todos os dereytos que pertencião á mezquita dos mouros. E que os mouros de Cochim, Cananor & doutras partes que ajudarão naquela guerra não podessem mais tornar a Coulão / somente terião hi seus feytores.

¶ Que Malapulá gozipo & seus irmãos pola treição que quiserão fazer em tomar a fortaleza mudẽ sua vivenda pera hũa legoa da fortaleza / & achando os de Changuacheri pa a fortaleza os podessẽ matar.

¶ Que a raynha de Coulão & a de Comorim & os regedores pola treição & guerra que fizerão pagassem cem bares de pimenta, & assi se obrigassem a dar dousmil bares pera a carrega que se esperaua de fazer / & isto polos preços de Cochim.

¶ E que disselle á raynha & ao regedor q̃ se não quisessem outorgar & compzir estes apontamentos que soubessem certo que em todos os portos del rey de Coulão não ficaria nao assi suas como destrangeiros q̃ não fossem tomadas ou metidas no fundo como de immigos.

¶ E coestes apõtamẽtos foy Diogo pereyza falar á raynha de Coulão indo coele Luys aluarez escriuão da feytoria, ficando pozeles arrefens na fortaleza: & forão coeles Patemarcar & Cheirinamarcar / que tanto que lhes foy lido perãte a raynha boa apontamẽto que dizia que auia de pagar a quebra da pimenta, não ho poderão sofrer / & apartandose logo com a raynha lhe disserão q̃ se auisasse que poz nenhũ modo assentasse a paz com a condição daquele apontamento / pozque não somente ela era perdida em pagar a quebra da pimenta & poer tal costume / mas os mercadores de Cochim & de todas as outras partes em que vendião pimẽta a el rey de Portugal. E como a raynha cria muyto nestes mouros / tomou seu conselho & não quis assentar a paz: & assi se tornou Diogo pereyza coeles pera a fortaleza sẽ tomar nenhũ assento com a raynha. E este aviamento derão em os dom Aleixo mandar a Coulão: do que se Eytor rodriguez aqueixou muyto cõ Diogo pereyza, pozq̃ logo foy certificado do conselho que derão aa raynha, & disselho desenganando os que se a raynha não pagasse a q̃bra da pimenta q̃ ela perderia mais do que ganhaua, & ho mesmo auia de ser dali pozdiante em Cochi & nas outras partes onde se compzaua pimẽta pera carregação das naos. E vendo Diogo pereyza que sua estada em Coulão era debalde tornouse a Cochim cõ os mouros, & com quanto não se tomou assento na paz, não tornarão as raynhas a fazer guerra á fortaleza & despois se fez a paz.

¶ Capit. xlv. De como ho gouernador partio Dormuz pera a India & os nossos tomarão duas naos de mouros / & do mais que passou.

EO gouernador que inuernaua em Ormuz deixando assentado tudo o que era necessario se partio pera a India na fim Dagosto/ & foy ter a Mazcate onde estaua a armada dos nauios grossos/ & ali forão ter coele os mouros que hião em goarda de Jeronimo de sousa & dos outros nossos. E sabendo ho gouernador o que passaua, fez merce aos mouros, & mandou por eles hũ rico presente a seu señor polo gasalhado que fizera aos nossos: & despois se partio pera a India & leuou a rota da ponta de Diu/ & naquela trauessa topou per diuersas vezes duas naos de mouros que forão tomadas & hũa se rendeo sem peleja/ & outra tomou por força darmas Ruy vaz pereyra (que se ajuntou em Mazcate com ho gouernador) & ajudouho Nuno fernandez de macedo/ & foy tomada cõ morte de muytos mouros que se defenderão valentemente. E tomadas estas naos foyse ho gouernador derey to á põta de Diu com determinação de ho tomar se ho achasse pera isso, que assi dizia que lho mandaua el rey seu senhor se lhe não dessem nele fortaleza: & porem que fosse sem morte de gente. E isto não dizia ele de prãça, somente que hia pera recolher Fernão martinz euangelho que estaua hi por feytor auia ãnos: & chegado á barra surgio & mandou chamar Fernão martiz, de quem soube que Meliquiaz não estaua em Diu que ho mandara el rey de Cambaya fazer guerra aos rebutos, & que em seu lugar deixara Meliquesaca seu filho/ & por seu gouernador hũ seu parente mouro & tartaro de nação chamado hagamahmut/ & q̃ Diu estaua forte com baluartes que tinhão muyta artelharia: & de contino estauão no porto cincoẽta sessenta fustas bem artilhadas. E sabido isto polo gouernador chegou ali Gaspar da silua, que como disse leuaua a capitania de hũa nao da armada de Jorge debrito: q̃ passado ho inuerno partio coele de Moçãbique onde inuernou/ & foy tanto a baixo que foy ter a Diu/ & conhecẽdo a nossa frota se chegou a ela/ & deu ao gouernador hũa via de cartas que lhe trazia del rey de Portugal, em que lhe mandaua q̃ não lhe querẽdo el rey de Cambaya dar fortaleza em Diu que fizesse guerra a Cambaya & procurasse por tomar Diu com ho mayor resguardo que podesse que lhe não matassem gẽte. E sabẽdo ho gouernador q̃ Diu estaua tão forte/ dissimulou pera outro tempo/ & mãdou dizer a Melique, que pois se pay ali não estaua que não se queria mais deter/ & foy se a Goa com determinação de tornar sobre Diu com grãde armada. E sabendo em Goa como aquele inuerno fora morto ỹ noyte João viegas alcayde mór da fortaleza/ não fez sobrisso nada: posto que se dizia publicamente que ho mandara matar ho capitão, & ỹ Goa se foy a Cochim, onde achou Jorge de brito cõ os capitães q̃ inuernarão coele saluo Gaspar da silua: & Jorge de brito lhe deu cartas del rey de Portugal/ em q̃ lhe mãdaua fazer muytas cousas como direy a diante.

¶ Capi.xlvj. De como Meliqueaz mandou bũ embaixador ao gouernador pera saber se se apcebia pera ir a Diu.

MEliq̃ saca filho de Melq̃az capitão de Diu vẽdo a pouca detença que o gouernador fizera no seu porto. E sabẽdo despois a frota que fazia em Cochĩ, porque logo lhe soube pelos mouros, sospeitou se seria pera ir sobre Diu: porque ainda q̃ a paz estaua assentada ãtre seu pay & elrey de Portugal bẽ saba iq̃ ueatinha quebrada, có trazer as fustas que trouuera darmada todo bo tpo de Lopo soarez assi cõtra os nossos, como cõtra seus amigos, & q̃ bo gouernador podia có rezão fazerlhe guerra: & q̃ faria aquela armada pera ir sobre Diu, & por cõselho de Bagamahmut, pera saber se era assi & a brãdar bo gouernador dalguã colera se a teuesse: mãdoulhe bũ embaixador, que foy bũ mouro bõrrado chamado Camalo, a q̃ principalmẽte encomendou muyto que trabalhase por saber ou ẽtender cõ q̃ determinação bo gouernador fazia aquela armada: & deulhe bũa carta de crença pera bo gouernador a quem mandou dizer que lhe pesara muyto de se ir tão asinha do seu porto, por lhe não poder fazer parte dos seruiços que deseja ua como seruidor delrey de portugal & muyto grande amigo dos seus gouernadores. & pois bo não podera ver bo mandaua visitar por aquele embaixador, & saber se mandaua dele ou de sua cidade algũa cousa: porque bo faria como vassalo delRey de portugal q̃ era. E mandoulhe bũ carro triunfal muyto fermoso & marchetado cõ muytos laços de marfim, & pera bo tirarem quatro bois dandadura, q̃ são de muyto preço: & tinhão os cornos muyto bẽ dourados, & este mouro foy em bũa naueta: & chegado a Cochim deu sua embaixada ao gouernador & bo carro q̃ lhe leuaua: cõque elle folgou muyto pera bo mandar a elrey seu senhor, como mandou nas naos q̃ aquele ãno forão cõ a carrega pera bo reyno. E sendo bo gouernador auisado por algũs q̃ bo sospeitarã que Camalo vinha a descobrir terra se era pera Diu a armada que se fazia: não bo quis despachar & deteueo com dissimulações ate que bo leuou consigo quando partio pera Diu, porque não fosse dar nouua a Meliqueaz que hia.

¶ Capit.xlvij. De como Meliq̃saca & Bagamahmut souberão que bo gouernador hia a Diu & de como se forta lecerão.

DEspachadas as naos da carga que auião de ir pera portugal: partiose pa goa pa da hi se ir a Diu & leuou em sua conserua bo embaixador de Meliqueaz, que entẽdendo bem bo porque bo gouernador bo detinha como se viu no mar apartouse bũa noite dele, & tirou seu caminho pa Diu

ondechegado contou à Meliquesaca & a Nagamahmut o que entendera no gouernador, & como lhe fugira: & caindo ele na mesma sospeita que ho seu embaixador tinha, fortaleceo logo Diu ho mais q̃ pode. Do baluarte do mar ao da terra atrauessou hũa cadea de ferro muyto grossa: q̃ se leuãtaua & baixaua, pa ha nossa armada não poder entrar. E se fosse caso que se aquela cadea quebrasse ou cortasse mandou a de dentro dela poer certas naos cheas ỹ pedra & de terra cõ rõbos por baixo tapados pera que em a cadea quebrando os destapassẽ & se fossem ao fundo, & impedissem que a nossa armada não podesse entrar no porto. E fortaleceo os muros & baluartes ỹ mais artelharia do q̃ tinhão, & detras desta cadea estauão as suas fustas muyto bem artilhadas, & a força a muyta soma dartelharia: & munições que tinha, ajũtou a mais gẽte de guerra q̃ pode a força a que tinha de contino que era toda escolhida. E assi ficou Diu hũa força grandissima.

¶ Capi. xlviij. De como ho gouernador se partio pera Diu, & chegou ao seu porto.

Despois que ho ẽbaixador del rey ỹ Cãbaia desapareceo da conserua do gouernador: seguio ele por sua viagem: & visitãdo de caminho as fortalezas da costa foy ter a Goa: onde despois de sua chegada, chegou Antonio cõrea de Malaca: q̃ acbãdo noua ẽ Cochi da rota q̃ ho gouernador leuaua, se foy logo apos ele pa ser no feyto ỹ Diu. E acabãdo ho gouernador de se fazer prestes de todo em Goa: se partio pera Chaul onde ho estaua esperando parte da armada: que com a que hia coele se auia dajuntar ali toda. E chegado a barra de Chaul fez no mar conselho com todos os capitaes da frota, & fidalgos, & pessoas pricipais q̃ hião nela. Em q̃ declarou como lhe el rey mãdaua tomar Diu se lhe não desse nele fortaleza: & ali foy assinado per todos q̃ Diu se deuia de tomar se lhe não dessem fortaleza, porque não se tomando se criaria a li hũa força que despois daria muyto que fazer, & q̃ pera ho trato de Malaca cõpria muyto a seruiço del rey de Portugal: de ter fortaleza ẽ Diu. Isto determinado mandou ho gouernador a hũ fidalgo chamado Pero lourenço de melo capitão de hũ galeão, que por saber bẽ das cousas da guerra fosse diãte, com hũ caualeiro chamado Jorge diaz cabral q̃ tinha ho mesmo saber: que a prendera ẽ Italia cõ muytas mostras de grande valẽtia, & que visse ãbos a desposição ỹ Diu: & por onde se poderia cõbater auẽdo disso necessidade: & assi mãdou coeles algũs capitaes de fustas & bargantis. E abalou apos eles com todo ho resto da armada que seria bem doitenta velas, antre naos grossas, galeões, nauios redondos, gales, caruelas, fustas, & bargantis, de que os capitaes princi-

pais/ forão dom Aleixo de meneses/ dom Johão de lima/ Christouão ũ sá Christouão correa, Ruy vaz pereira, Pero lourẽço de melo, Dinis fernãdez de melo, Francisco de mendoça, Andre de sousa chichorro/ Lopo dazeuedo/ dom Jorge de meneses/ Diogo fernandez de beja/ Frãcisco de tauora/ Antonio de brito de sousa/ Geronimo de sousa, Frãcisco ũ sousa tauares, Antonio raposo/ Rafael perestrelo/ Rafael catanho/ Jorge dalbuq̃rq̃, Jorge ũ brito/ Andre diaz/ Pero da silua/ Antonio correa, Aires correa, Fernão gomez de lemos, Nuno fernãdez de macedo, Gõçalo ũ loule, Antonio de brito, Gõçalo pereira, Gaspar doutel, & Manuel velho. E nesta armada hião perto de tres mil Portugueses: & ela muyto bẽ aparelhada dartelharia/ & de grãde soma de munições de guerra: q̃ a parecer de todos era pa tomar Diu. A cuja barra ho gouernador chegou na entrada de Feuereiro, & ao surgir da armada: poz Christouão correa & Gõçalo de loule birẽ surgir diante de dom Johão de lima que ja estaua surto: ouue ele mẽcozea, & poz não ter lugar onde surgise diante deles: se não á lagia leuouse & foy surgir sobzela. E poz dom Johão surgir naquele lugar: parece que cuidarão algũs capitães q̃ era pera baterẽ a cidade per mar. E começouse toda a gẽte daluoraçar, & poerse em armas: & de certos nauios tirarão algũas bõbardadas/ & foy a cousa de maneira, q̃os mouros cuidarão verdadeiramẽte q̃ os q̃rião cometer: & se os portugueses bo fizerão tomarã a cidade poz auer nela pouca gẽte/ & essa cõ grãde medo: pozẽ acodirã todos aos muros & baluartes. E Nagamahmut & Meliq̃ se mãdarão logo q̃xar ao gouernador dizẽdo: q̃ se auia pazes ãtre ele & Meliq̃az, q̃ como lhe q̃ria tomar a cida de. E ele respõdeo q̃ não q̃ria/ que aquilo era desmãdo de gẽte de guerra: que estouessem seguros. E mandou logo a todos os capitaẽs que estouessem quedos: & a dõ Johão de lima: que se leuasse donde estaua & saisse pera foza: & querẽdo bo ele fazer não pode poz vazar a mare/ & ouuera de ficar ẽseco: & perderse bo galeão se lhe não acodirão ẽ batels cõ q̃ bo rebocarão pera foza. E se os mouros q̃ estauão nos muros poserão fogo a sua artelharia meterão muytos dos nossos nauios no fundo. E sabẽdo ho gouernador bo risco q̃ corzeo bo galeão de dõ Johão de lima/ & pola reuolta de q̃ foy causa: ouue tamanha menẽcozia q̃ ho mãdou chamar & prẽdeo tirandolhe a capitania do galeão. E passada esta furia q̃ lhe algũs fidalgos falarão bo soltou/ & lha tornaua a dar: & ele a não quis agrauãdose muyto do gouernador, & tornouse pera Cochi. E ho gouernador deu a capitania do galeão a Nuno fernãdez ũ macedo: & a sua caruela deu a Manuel de macedo seu irmão.

¶ Capt. xlix. De como ho gouernador se vio cõ Meliquesaca & com Nagamahmut.

Meliquésaca & Nagamabmut que virão no seu porto bũa frota tão poderosa como bo gouernador leuaua/ouuerão grãde medo de bo gouernador q̃rer tomar a cidade: & se algũa esperança tinhão de não ser assi/era a nossa feitoria que estaua ẽ Diu. E por isso prẽderão Fernão martiz euangelho bo feytor: & outros q̃ estauão coelle/pera que não fugisse pera a frota. E despois dauer algũs recados antreles & bo gouernador sobre elles mãdar pedir Fernão martiz & eles lho não quererem dar foy concertado antreles que se vissem: bo que tambem Nagamabmut não queria consentir por que se receaua que nesta vista fosse tomado pelos nossos com Meliquesaca/ & por derradeiro se virão ãbos cõ bo gouernador õde se chama a calheta: & este lugar escolheo bo gouernador por ser enformado por Pero lourẽço õ melo & por Jorge diaz cabral, q̃ tinha a cidade daquela parte bo muro baixo: & se fazia ali bũa grande praya, & que se podia dar cõbate ou escalar a cidade. E pera bo gouernador bo ver cõ os outros capitães: quis que a vista fosse ali/ & que ele estaria no mar com algũs capitães. E Meliq̃saca & Nagamabmut em terra com algũa gente, & assi se fez. E a concrusão de sua pratica foy dissimular bo gouernador que não hia pera tomar Diu/ nem fazerlhe guerra: somente hia cõ aq̃la armada por mandado del Rey de Portugal seu senhor: pera da sua parte pedir a Meliqueaz que lhe deixasse ali fazer bũa fortaleza em q̃ podesse ter segura sua feitoria/ porque lhe não acontecesse bo que em Calicut, Coulão/ & Malaca, acontecera/ & não querendo que a fizesse q̃ não deixasse estar bi mais sua feitoria/ & q̃ sobzisto lhe dissessem bo que determinauão. E eles respõderão que Meliqueaz não estaua na cidade/ & que eles não podião dar fortaleza: nem entregar lhe Fernão martiz com a feitoria sem licença de Meliqueaz: porque em quanto a tiuessem na cidade estarião seguros de lhes não fazer guerra: & sisto disse Nagamabmut por que entendeo no gouernador que lhe auia de fazer guerra. E posto que bo gouernador repricou a esta reposta, não tomarão outra cõcrusão: & assi se apartarão. E Nagamabmut fortaleceo logo aq̃ le lugar: porque como era muyto prudente entendeo bem bo gouernador que determinaua de dar na cidade por aquele lugar. E aqui se fez despois bũ baluarte/a que os nossos chamarão de Diogo lopez por se chamar assi bo gouernador que foy causa de se fazer/ em se entender nele que auia de cometer por ali a cidade que com bum baluarte naquele lugar ficaua forte de todo.

¶ Capit. I. De como bo gouernador se mudou, do conselho que tinha de tomar Diu: & de como mandou ver bo rio de Madre faba pera fazer hi fortaleza.

DEspois disto não se soube a causa porque afroxou ho gouernador do impeto cõ que hia pera tomar Diu/ ⁊ esfriou tãto disso: que sem querer cõselho pubrico ẽ que proposesse as causas que auia pera ho não tomar, ⁊ cada hũ disese ho q̃ lhe parecia. Chamou hũ dia a sua camara (onde estaua so cõ ho seu secretario) a cada hũ dos seus capitaẽs: ⁊ fidalgos da frota. E dizialhes bẽ sabeis que foy aqui nossa vinda por mãdado del rey meu senhor pera tomar esta cidade/ que eu cuidey q̃ podessemos tomar: pola calheta que os mouros fortalecerão logo, depois que virão que eu vi quam fraco estaua ho muro da quela bãda/ ⁊ pera sairmos em terra ⁊ escalala, os muros sam muyto altos/ ⁊ nela ha muyta gente: vede o q̃ poderemos fazer, ⁊ pera lhe darmos bateria do mar, dizemme os bombardeiros que lhe não poderemos fazer nojo/ porque não tirarão certo com ho arfar dos nauios, agora vede ho que vos parece. E quando os capitaẽs, ⁊ fidalgos: se virão perguntar da quele modo tendo assentado quanto importaua tomarse Diu/ se Meliqueaz não desse fortaleza: ficarão muy espantados daquele modo de fazer conselho. E entendendo no gouernador que não queria pelejar todos por lhe fazer a vontade/ dizião que não pelejasse, ⁊ do que cada hũ dizia fazia ho secretario hum termo ⁊ assinauamno. Mas Francisco de sousa tauares que tinha do gouernador que se Diu se combatesse esteuesse antre ho baluarte do mar ⁊ ho da terra na sua nao: por lho assi pedir/ não lhe parecendo bem ho que ho gouernador dizia/ não quis dizer se não a verdade, ⁊ disselhe que por mais gente que aquela cidade tiuesse/ nem por mais altos que os muros fossem: que deuia de desembarcar ⁊ trabalhar por escalar a cidade/ porque não ho fazendo assi pareceria grande couardia/ ⁊ os mouros perderião de todo ho credito que tinhão em nos: ⁊ terião ousadia de andar com suas fustas. E outro tanto fez Diogo fernandez de beja que lhe disse com grande menencorea, que ja era tempo que se não fossem saõs de Diu ⁊ que não se auião de ir ate lhes não q̃brarẽ os braços ⁊ as ꝑnas/ ⁊ q̃ nũca auião d̃ ter outro tempo como aq̃le ꝑa tomar Diu. E cõ tudo ho gouernador não quis pelejar: do q̃ se todos espãtauão muyto ⁊ auia ãtreles grãde murmuraração. E quando a gente darmas vio que se tardaua em dar combate a cidade: ficarão todos muyto descontentes/ polo grande aluoroço que leuauão pera a combater, ⁊ muytos dagastados dizião mal do gouernador: ⁊ que não podia ser senão que fora peitado de Meliquesaca que não pelejase por não tomar a cidade: ⁊ assi outras cousas q̃ diz a gẽte miuda quando os prĩcipes ou capitaẽs não fazẽ as cousas segũdo seu parecer: ⁊ depois disto foy Fernão martĩz ho feytor d̃ Diu cõ recados d̃ Meliq̃saca

& de Hamabmut ao gouernador & tornou a eles cõ reposta sobre lhe dar lugar pera fortaleza, & que ficaria a hi Diogo fernãdez de beja cõ gente & nauios pera a fazer. E Diogo fernandez foy a terra algũas vezes ver ho sitio onde se faria & tomar medidas do chão que seria necessario/ & tudo erão dissimulações. E neste tẽpo mãdou ho gouernador Antonio correa ao rio de Madre faba cinco legoas ó Diu a ver se se poderia hi fazer fortaleza porque bẽ sabia que a não auia ó fazer ẽ Diu/ & mãdou coele Johão de Coimbra piloto mor da India pa sõdar ho rio & hũ Diogo dela puẽte mestre das obras de pedraria pera ver ho sitio da terra, & se auia pedra pera fazer cal: & forão ẽ hũa cotia por irẽ mais dissimuladamẽte/ & ẽtrados dẽtro na barra do rio forão Johão de coimbra & Diogo dela puẽte por ele acima na barquinha da cotia ate a pouoação de Madre faba pera tomar ẽformação daquilo a q̃ hião: & vẽdoos os mouros hir daquela maneira como sãos ospeitosos/ sospeitãdo q̃ hião fazer algũ mal pẽderãnos & mãdarãnos a Meliquesaca/ & auẽdo vista da cotia ẽ que Antonio correa ficaua/ el bõbarderãna de maneira q̃ correo muyto perigo d'a meterem no fundo: sem Antonio correa se poder sair por ser enchente de mare: & sayose com vazante sem mais esperar porque bem soube que erão presos Johão de coimbra & Diogo dela puẽte, q̃ achou em poder do gouernador quando chegou a ele, que lhos tinha Meliquemandado logo como lhos derão. E eles disserão ao gouernador que se podia fazer hũa boa fortaleza em Madrefaba.

¶ Capitolo .lj. De como auendo ho gouernador dir inuernar a Ormuz deixou na India em seu lugar a dom Aleixo d' meneses.

Por isso determinou ho gouernador de a fazer naquele rio pois não podia em Diu: porque dali auería trato pera Malaca: & pera çofala & faria tanta guerra a Diu q̃ Meliqueaz auería por bem de ter verdadeira paz com os nossos, & se forçadamente não ouuera dir inuernar a Ormuz cometera de fazer logo a fortaleza/ mas não podia por esta ida que auia de fazer: & determinou de fazer a fortaleza quando torna se/ & que teria mais tempo pera isso. E em sua ausencia deixou ho poder de gouernador a dom Aleixo de meneses: a quem mandou pera Cochim cõ as gales pera hi inuernar, & que na entrada do verão seguite tornaria coelas a Madrefaba onde ho acharia fazendo a fortaleza. E despachou a Jorge dalbuquerq̃ pera Malaca: & que fosse com dom Aleixo ate Cochim onde lhe daria embarcação, & assi a Jorge de bixo pera Maluco & Rafael catanho & Rafael perestrelo pera a China / nas suas naos: & todos forão debaixo da bãdeira de dõ Aleixo ate Cochim.

¶ Capi.lij. De como ho gouernador mandou pedir a Niza maluco senhor de Chaul lugar pera fazer hũa fortaleza: ⁊ se partio pera Ormuz.

Partido dõ Aleixo de meneses, por ho gouernador ter necessidade de mantimẽtos pera a viagẽ Dormuz foy tomalos a Chaul: ⁊ deixou no porto de Diu a Diogo fernãdez de Beja por capitão mor de Manuel de Macedo ⁊ de Anrique de macedo capitães d̃ duas caravelas, pera que recolhesse Fernão martinz ⁊ a feitoria/ que bẽ sabia q̃ lhe não auião Meliq̃ nem Hagamahmut de dar fortaleza. E mandoulhe q̃ tãto que ouuesse a feitoria/ q̃ lhes pubricasse a guerra/ ⁊ se fosse a Ormuz. E despois disto como digo se partio pera Chaul: ⁊ por os noroestes serẽ rijos se foy á ilha de Danda, que tinha porto abrigado, ⁊ hi lhe leuarão os mãtimentos. E de Danda mãdou Fernã camelo por embaixador a Nizamaluco senhor de Chaul pera que lhe deixasse fazer hũa fortaleza em Chaul: ⁊ ele espedido, se partio pera Ormuz na fim d̃ Feuereiro: ⁊ forão coele estes capitães Nuno fernãdez de macedo/ Christouão de sá/ Ruy vaz pereyra. Pero lourẽço de melo/ Lopo dazeuedo, Frãcisco de sousa tauares. Francisco de tauora. Antonio de brito de sousa/ Pero da silua. Ayres correa. Antonio correa Gaspar doutel, Gonçalo pereira/ ⁊ Manuel velho. E despois de irter a Mazcate foy fazer agoada a Teubi ou Teiue como lhe todos chamão. E partido dahi na entrada de Mayo dia de sancta Cruz, apareceo hũa nao de mouros q̃ vinha de Ormuz: ⁊ ho primeiro capitão que chegou a ela foy Frãcisco de sousa tauares: ⁊ entregandose lhe os mouros a leuou ao gouernador/ que posto que soube q̃ era de Cãbaya/ ⁊ que leuaua seguro/ lho não quis goardar/ por amor da guerra que lhe auia de ser feyta, ⁊ mandou tomar a nao pera el rey ⁊ quãtos hião nela: ⁊ forão achados nela vinte mil pardaos em tangas ⁊ fazenda que valia mais/ ⁊ ho gouernador pedio a Francisco de sousa tauares que fosse nela te Ormuz ꝑa ir bẽ goardada: ⁊ ele o fez assi.

¶ Capit.liij. De como Diogo fernãdez de beja ouue Fernão martinz/ ⁊ os outros que estauão ẽ diu, ⁊ se foy pera Ormuz.

Diogo fernãdez de beja q̃ ficaua no porto de Diu pera fazer a fortaleza: bẽ entendeo, q̃ lhe não auia Melique saca de dar lugar pera a fazer: ⁊ que tudo aquilo forão manhas ꝑa antreter ho gouernador que não tomasse a cidade: ⁊ q̃ ho fizerão ali ficar por dissimulação/ cuydando q̃ tendoo em Diu teriã a nossa paz segura. E tendo ele isto por certo/ trabalhou por auer Fernão martinz ⁊ os outros na nao/ em que não ouue tamanha goarda despois q̃ se ho gouernador foy como dantes. E por isso ouue facilmente a fazenda del rey com cor

de ser ho fato dos nossos que estauão em terra. E despois de ser a fazenda na nao recolheose Fernão martiz hũa noyte com os outros: ⁊ logo ao outro dia Diogo fernãdez mandou pubricar a guerra a Meliquesaca, mandandolhe dizer que despois de Meliquiaz assentar paz com Afõso dalbuquerque: os gouernadores da India lha goardarão sempre/ ⁊ ele não: porq̃ logo em tempo de Lopo soarez armara fustas ⁊ fazia guerra a nossos amigos/ ⁊ mandara fazer represaria no nosso feytor que nunca quisera dar ao gouernador com quanto lho mandara pedir tantas vezes: ⁊ cuydando que ho enganaua lhe prometera fortaleza que ho gouernador sabia que lhe nã auia de dar, nẽ ho deixara ali pera mais que pera ver se podia auer ho feytor ⁊ os outros nossos, ⁊ que agora que os tinha soube se que el rey de Portugal mandaua quebrar a paz/ ⁊ que lhe fizessem guerra dali por diante: ⁊ que lho fazia saber porque os Portugueses não fazião guerra aa treição como os mouros se nã de praça. E despois que Diogo fernandez mandou este recado a Meliquesaca, disselhe Fernão martiz que se fossem logo porque as fustas de Diu auião de sayr logo a pelejar coele/ ⁊ que corria risco porque andauão cõ muyta gẽte ⁊ artelharia. E Diogo fernandez se rio/ dizendo que se viessem q̃ as meteria no fundo/ ⁊ vinda a maré sayrão logo as fustas ⁊ Agamahmut por capitão mór, ⁊ mãdou jugar toda artelharia mui fortemẽte, ⁊ que se chegassem aos nossos nauios ⁊ que os cercassem/ principalmẽte a nao de Diogo fernandez/ em que ferirão muytos ⁊ matarão algũs, ⁊ apertarão tão rijo pera a cercarem com quãto os nossos lhe tirauão com artelharia que a Diogo fernandez lhe pareceo mal esperalos que erão muytos em demasia, ⁊ estaua ja em tãto aperto que lhe foy necessario cortar as amarras cõ que estaua surto, porque não ouue vagar pera leuarem as ancoras/ ⁊ ho mesmo fizerão os outros nauios, ⁊ dãdo aas velas acolherãse todos tres a Ormuz: õde chegarão auẽdo dez dias q̃ o gouernador chegara.

¶ Capit. liij. De como partirão de Cochim Jorge dalbuquerq̃ pera Malaca ⁊ Jorge de brito pera Maluco.

Dom Aleixo de meneses que foy pera Cochim despois que laa chegou despachou Jorge dalbuquerque que auia dir por capitão pera Malaca/ ⁊ seu genrro dom Sancho anrriq̃z por capitão mór do mar. E sendo prestes a armada que auia de leuar, se partio de Cochim a vinte cinco Dabril de mil ⁊ quinhentos ⁊ vinte hũ/ ⁊ ele foy ẽ hũa nao q̃ auia nome sancta Barbara, ⁊ Rafael catanho que hia pera a China em outra, ⁊ Dinis fernandez de melo em hũ nauio: ⁊ iriã nestas tres velas perto de duzentos homẽs darmas todos Portugueses ⁊ ãtreles muytos fidalgos

ꝛ gẽte escolhida/ ꝛ despois de partido Jorge dalbuquerq̃ partiose Jorge de brito pera ir a Maluco a seys dias do mes d̃ Mayo/ ꝛ leuou hũa armada de oyto velas/ de que a fora ele que hia nũa nao forã por capitães Christouão correa dum galeão/ Francisco godiz/ ꝛ Christouão pinto de dous nauios de gauia: ꝛ Lourenço godinho de hũa carauela, ꝛ Antonio de brito seu irmão de Jorge de brito doutra q̃ ficou em Cochim acabando de se aparelhar/ ꝛ Gaspar galo de hũa fusta. E em toda esta armada não leuou mais de trezẽtos homẽs/ porque os que hião dirigidos pera ir coele lhe fugirão quasi todos como souberão que auião de ir a Maluco, q̃ ho descobrio ho gouernador tanto que vio as prouisões de Jorge de brito/ ꝛ isto por lhe q̃ter mal.

¶ Capit. lv. De como dom Jorge de meneses foy em ajuda del rey de Cochim contra el rey de Calicu.

Este tẽpo auia guerra antre os reys de Cochĩ ꝛ de Calicu, como sempr̃ ate li fora: ꝛ a causa era por amor da morte dos principes de Cochim que ho rey d̃ Calicu passado matara na batalha que ouue coeles no passo do vao: ꝛ porque queymou Cochim ꝛ ho destruyo como disse no liuro primeiro desta historia: ꝛ mandaua ho costume dos reys de Cochim que q̃lquer deles auia de vingar esta injuria, cõ matar qualquer rey de Calicu, ou outros tãtos dos seus principes, como forão mortos pela gẽte de Calicu no passo do vao: ꝛ que auia de fazer outra tal destruyção em Calicu como fora feito em Cochim, ꝛ despois lauarse el rey de cochim nos tanques del rey de Calicu: ꝛ coisto ficaua satisfeito ꝛ vingado de sua injuria. E porque ainda nenhũ rey de Cochim tomara esta vingança duraua a guerra antrele ꝛ ho de Calicu/ que como era mais poderoso de gente, hialhe sẽpre melhor na guerra: ꝛ porisso el rey de Cochim pedio socorro a dõ Aleixo de meneses que ficaua por gouernador/ que posto que el rey de calicu era amigo del rey d̃ Portugal, não negou ho socorro a el rey d̃ Cochim polo soster que não fosse desbaratado, ficaua el rey de calicu mais poderoso, do que era cousa muyto perjudicial pera ho estado del rey de Portugal: ꝛ mandou em sua ajuda a dom Jorge de meneses filho de dom Rodrigo de meneses caualeiro de muyto esforço, com que mandou trinta Portugueses besteiros ꝛ espingardeiros com que pelejou tã valentemẽte em ajuda del rey de Cochim cõtra el rey de Calicu, que ho desbaratou muytas vezes: ꝛ em que dõ Jorge fez cousas muyto assinadas que não conto particularmẽte/ porque as não soube se não em soma. E vendose el rey de Calicu desbaratado tãtas vezes recolheo se pera suas terras que dantes andaua polas del rey de Cochim/ que não sabia seruiços nem honrras que não fizesse a dom Jorge q̃

teue consigo todo ho inuerno com licença de dom Aleixo pera estar seguro del rey de Calicut.

¶ Capit. lvj. De como sabendo el Rey de Portugal quã mal se gastauão as rendas do reyno Dormuz, mandou recolher o que sobejaua do gasto do reyno: e pera ho saber mandou que ouuesse officiaes Portugueses na alfandega Dormuz.

QUando Afonso dalbuquerque tomou a primeyra vez Ormuz despois ó desbaratar Lopeatar e sua armada fezse el rey Dormuz que êtão era vassalo del rey de Portugal por se dar por vencido, E pedindo mia a Afonso dalbuquerque / fezse vassalo del Rey de Portugal / e confessou per hũa escriptura publica assinada por ele e por Lopeatar, e polos principais Dormuz, e assinada de seus selos q̃ da mão del rey ó Portugal recebia ho reyno, e se obrigaua dali por diãte a pagarlhe vinte mil xarafins de parias cadãno: e este contrato mostrou el rey de Portugal despois a doutores theologos que lhe disseſsem se ho reyno Dormuz era seu / e dizendolhe que si, ho teue dali por diante por seu. E sabẽdo que era tiranizado polos goazis Dormuz q̃ gastauão mal trezentos mil cruzados que lhe dizião que rendia a masſa do reyno, determinou de saber se era assi, e achando ser verdade a uelos e fazer deles todo ho gasto do reyno e ho resto ajũtalo em thesouro. E pera isto quis poer officiaes na alfandega Dormuz e nas outras dos outros lugares do reyno e mandou ao gouernador por hũa prouisam q̃ foy na armada de Jorge de brito que fosse meter de posse estes officiaes que mandaua / e fizesse duas fortalezas em Ormuz a foza a que estaua feyta, hũa no Bãdel que era onde descarregauão as naos / e outra em outra parte, porq̃ pera segurãça da terra erão ambas ali necessarias, e q̃ as prouesse ambas dartelharia e dẽgente / em que entrarião oytẽta homẽs de caualo: e q̃ nenhũ dos nossos pousasse na cidade se não que se recolhesſsem todos a estas fortalezas porque estesſsem ali seguros se se el rey Dormuz quisesse aleuantar por amor dos officiaes que se punhão, e que posesse no mar boa armada pera mór segurança da terra. E pera capitão Dormuz mandaua el rey de Portugal a Diogo de melo cõ grãdes poderes que arribou da ilha da madeira como ja disse / e ficou dom Garcia coutinho na capitania em que dantes estaua. E assi mãdaua el rey de Portugal que ouuesse em Ormuz almotacé mór Portugues / e que dali por diante ouuesse balãças e pesos como os ó Portugal, e que disseſse ho gouernador a el rey Dormuz q̃ aquilo não auia de ser mais que aquele anno, pera o que ele despois saberia, e assi lho escreueo pedidolhe q̃ se não escãdalizasse, porq̃ tudo era pa seu ꝓueito. E despois de ho gouernador estar em Ormuz deu a carta del rey de Portugal a el rey Dormuz que lhe

escreuia sobre aquilo ꝛ pediolhe licẽça pera ho executar. E el rey Dormuz ficou bem salteado com tal noua, porque vio q̃ aquilo era tomarlhe ho reyno/ ꝛ mostrou que daua licença de boamente/ porq̃ lhe pareceo que se a não desse que ho priuarião do reyno: ꝛ disse ao gouernador que era necessario falar aos officiaes mouros pera lhes tirar ho escandalo q̃ disso auião de ter. E em vez de lho tirar aqueixouselhe do q̃ lhe fazião, do que se todos indinarão muyto, ꝛ dizião que não era pera se sofrer. E Raix xarafo que era goazil por morte de Raix noradim seu pay foy o que mais sentio isto q̃ nenhũ por amor do seu mando que era mór que ho de todos: ꝛ como ele era muyto prudente, ꝛ via que ho tempo não era por eles/ conselhou a el rey ꝛ aos officiaes que dissimulassem, ꝛ não mostrassem nenhũ descontentamento polo q̃ ho gouernador fazia, porque se ho mostrassem lembrarlhe hião temerse de se leuantarem, ꝛ temẽdose disso deixaria tãta força em Ormuz, assi no mar como na terra que não podessem coela posto que se quisessem leuantar/ por isso que fizessem muyto bõ rosto: porque quanto ho gouernador lho visse melhor tanto mais seguraria: ꝛ disse a el rey q̃ lhe dissesse q̃ ho reyno Dormuz era del rey de Portugal/ que podia fazer dele o q̃ quisesse, porque de tudo ele ꝛ seus vassalos erão contẽtes/ ꝛ assi ho disse el rey, ꝛ que posesse ho gouernador os officiaes quando quisesse. E auido este cõsentimento, forão postos os officiaes q̃ el rey de Portugal mãdaua prouidos pera isso/ que erão Manuel velho por juyz dalfandega ꝛ prouedor das rẽdas do reyno, Ruy varela por thesoureyro/ ꝛ por escriuães Miguel do vale, Ruy gõçaluez da costa, Vicente diaz/ Nuno de crasto, Diogo vaz, ꝛ quatro mouros: de que hũ auia nome Cojehamet, homem antigo na alfandega Dormuz/ ꝛ que sabia muy bem os segredos dela/ ꝛ este os disse a Manuel velho que por seruir el rey peitaua este ꝛ outros pera q̃ lhe descobrissem a verdade do que rendia ho reyno: ꝛ assi estaua cõ Manuel velho por goazil dalfandega Raix delamixa irmão de Raix xarafo homem fiel ꝛ grande amigo dos nossos. E postos estes officiaes nalfandega/ pos se tambem por almotacé mór hũ João lopez/ q̃ mandou por seu regimento que ouuesse em Ormuz pesos ꝛ balanças como ẽ Portugal: do que se todo ho pouo escandalizou muyto/ ꝛ dizião que ja ho reyno Dormuz era de todo dos nossos/ ꝛ q̃ os mouros erão seus catiuos. E porem el rey era muyto bem tratado, ꝛ dauaselhe largamẽte ho necessario pera seu gasto: ꝛ Raix xarafo era somente ao que vinha mal deste partido/ porque se lhe tiraua gastarense per sua mão as rẽdas do reyno ꝛ tiranizalo, o que então não podia fazer.

¶ Capit. xlvij. De como tendo el rey d̃ Narsinga desbaratado ho Hidalcão mandou dizer a Ruy de melo capitão de Goa que fosse tomar as tanadarias da terra firme, ꝛ de como as tomou ꝛ ficarão del rey de Portugal.

Assando se isto ẽ or muz sucedeo na India, que estando bo Hidalcão pera ir cercar Goa com seys cẽtos mil homẽs de pé t de caualo t cem bombardas grossas com determinação de a tomar: querendo nosso senhor acodir a tamanho perigo como este fora pera os nossos, se leuantou supitamente guerra antre bo Hidalcão t el rey de Narsinga/t em hũa batalha foy bo Hidalcão desbaratado t fugio com perder muyta gente. E prosseguido el rey de Narsinga a vitoria/ lhe tomou a cidade de Racbol t a de Bilgão, t outras muytas: pelo que aquelas tanadarias da fralda do Balagate vezinhas de Goa ficarão desemparadas. E como el rey de Narsinga por ser tão rico como ja disse nã tinha necessidade delas, t desejaua de auer todos os cauallos que hião a Goa, t que bo Hidalcão não ouuesse nenhũ / mandou dizer a Ruy de melo capitão ó Goa q̃ ele tinha ganhado por força darmas ao Hidalcão a cidade de Bilgão com toda sua comarca ate bo mar/ em que auia tanadarias que rendião mais de cincoenta mil pardaos douro/ de que fazia doação a el rey de Portugal pera todo sempre por amor da amizade q̃ sempre desejara de ter coele, t por amor da uer todos os cauallos q̃ hião a Goa que fosse ele entretanto tomar posse das tanadarias. E despois de vido bo gouernador lhe mãdaria seu embaixador pera assentarem suas cousas. E Ruy de melo lhe respondeo com muytos agardecimentos assi de sua parte como do gouernador, prometẽdolhe que acerca dos cauallos se faria tudo o que fosse rezão/ t que ele ficasse contente. E determinando de ir tomar a tanadaria de Salsete que estaua mais perto, ajuntou duzẽtos de cauallo dos nossos todos moradores em Goa/ de que ele hia por capitão/ t perto de setecentos de pé os mais deles dos nossos/ t espingardeyros t bésteiros, cuja capitania deu a Ruy jusarte de melo seu sobrinho: t passandose a Salsete em almadias t jãgadas, como não achou ninguem que lhe resistisse tomou logo posse daqla tanadaria por el rey de Portugal. E assentada a terra que assentou em obra de dez dias se tornou pera Goa deixãdo por tanadar mór a Ruy jusarte, a que deixou vinte cinco de cauallo dos nossos t cincoẽta espingardeiros de pé/ t seys cẽtos piães da terra os mais deles frecheiros/ t ordenados por suas capitanias: deixandolhe por regimento que tomasse posse das tanadarias de Pondá t Bardés, t posesse nelas tanadares Portugueses logo nomeados/ que lhe obedecerião. E Ruy de melo não se deteue mais, porque não era necessario que como não auia quẽ defendesse a terra abastaua Ruy jusarte com aquela gẽte pera a tomar t assentar. E tornado ele pera Goa, Ruy jusarte se foy a Pondá/ t tomãdo posse dela pos hi por tanadar a Antonio raposo alcayde mór de Goa t casado nela t despois tomou as outras t Ruy jusarte tinha seu assento em

terra de Salsete no pagode de Sardes: & tinha por seu feytor a hũ dos nossos casado em Goa que auia nome João lobato/ & por seu escriuão Aluaro barradas, & eles arrecadauão as rendas de todas as tanadarias que Ruy jusarte visitaua dali dondestaua. E auendo dous meses que estaua em posse delas teue por certeza que hião sobrele dous capitães do Hidalcão, que se hiarestaurando da rota de Rachol. E como perdia tanto naquelas tanadarias quis ver se as podia cobrar/ & pera isso mandaua aqueles dous capitães que digo ambos Canarins/ hũ chamado Manaique & outro Rapanaique com tres mil piães, & não mandaua outra gente, assi por auer os nossos por poucos como por ter necessidade dela pera a guerra que ainda tinha com el rey ô Narsinga. E sabido isto por certo de Ruy jusarte/ mandou logo recado a Ruy de melo que amanheceo hũ dia em Salsete com toda a gente de cauallo de Goa que era a que disse. E junto cõ Ruy jusarte esperarão q̃ viessem os imigos: que não vierão cõ medo do socorro que era vindo a Ruy jusarte: & sabẽdo Ruy de melo que estauão recolhidos em tres aldeas determinou de ir sobreles, & logo naquele diaq̃ chegou á mea noyte partio pera lá por não ser sentido & chegou lá antemanhaã, & posta sua gente em ordem deu na primeyra aldea. E sentindo ho capitão dos imigos os nossos não se atreuendo a lhe resistir fugio logo/ o que vẽdo sua gente fez outro tanto: de modo q̃ os nossos não teuerão trabalho coeles/ & Ruy de melo mãdou que dessem nos da terra cuydando q̃ se defendessem, o que eles não fizerão polo que Ruy de melo mãdou que os não matassem/ porem que os catiuassem: & forão catiuos cento & trinta almas/ & logo os outros capitães fugirão/ & Ruy de melo tornou a assentar a terra: & sabido por ela ho desbarato destes capitães nã ousarão outros de tornar a buscar os nossos que ficarão em paz.

¶ Capit. lviij. De como Raix xarafo, puocou ho sogro del rey Dormuz que ho fizesse leuantar contra os nossos.

Endo Raixxarafo como os officiaes Portugueses permanecião na alfandega Dormuz tinha disso tamanho descontentamento, como a quem se tiraua ho vso do dinheiro que ela rendia que ele gastaua dantes á sua vontade: & auendo isto por injuria lhe daua muy to tormento: & com grande trabalho ho encobria: porque não entendẽdo ho gouernador o que ele sentia não se apercebesse pera o que determinaua de fazer que era leuantarse/ & nisto era todo seu cuydado: porque leuãtandose & deitando os nossos fora Dormuz, não somente lhe parecia que ficaua liure da sugeição em que estaua, mas ainda ficaria senhor del rey & do reyno assi como ho erão os goazis antes que esteuesse a obediẽcia del rey de Portugal. E trazendo este proposito não lhe achou outro melhor remedio pera que ouues

seeffeyto que prouocar ao sogro del rey Dormuz que lhe pareceſſe bem este leuantamẽto. E nisto ouue pouco que fazer, porque ele era hũ Xeque que antre os mouros sam auidos por sanctos, & este era tão imigo dos nossos q̃ dizia aos mouros que muyto móz merecimento tinha hũ mouro de matar hũ frangue que de dar quãto tinha desmolas & fazer quantas romarias ouuesse no mundo. E como ao Xeque lhe pareceo bem leuantarse el rey cõtra os nossos, começou de lho conselhar: & como todos os mouros pola mayor parte sam desagardecidos logo el rey tomou seu conselho sem lhe lembrar em quanta obrigação era aos nossos que ho liurarão do catiueiro em que ho tinha Raix bamet: & tendo ho Afonso dalbuquerque em seu poder, & assi a cidade lha tornou, & a ele deu liberdade, & fez rey liure com tanta honrra como disse no terceyro liuro. E determinado el rey de se leuantar, & matar todos os nossos: mandou fazer gente á terra firme per hũ mouro chamado Miramahmet mozado, em que Raix xarafo tinha grande confiança: & assi tornou el rey em sua graça a Raix xabadim, aquele que Jorge dalbuquerque quisera prender em Azcate como disse atras, & mandoulhe per sua carta que steuesse na fortaleza Dorfacão, & ali estaria com gẽte de guerra ate ver seu recado.

Capit. lix. De como ho capitão móz Antonio correa pelejou em Bahárem com el rey Dozim & ho desbaratou.

Este tempo estaua leuantado contra el rey Dormuz hum rey seu vassalo & tributario, q̃ se chamaua Mocrim rey da ilha de Bahárẽ, de q̃ ja faley no liuro terceyro & senhor de hũa cidade chamada Laçá no sertão Darabia, duas jornadas do mar dõde se crião os melhores cauallos Darabia, & tem grande comarca, & dela parte a Cafila, que vaquelas partes vay a Meca, cujo caminho he jornada de dous meses porque vay de vagar: & assi era senhor de hũa fortaleza que ha nome Catifa na terra firme Darabia dez legoas de Bahárem. Este era casado com hũa filha do senhor de Meca & tinhão os mouros por sancto, & era muyto esforçado & valente caualeyro: & despois que se leuantou cõtra el rey Dormuz & lhe não quis pagar as pareas que pagaua dãtes trazia muyto grande armada de terradas que passauão de cento & corẽta, & esta fazia arribar a Bahárem quãtas naos bião dos lugares daquele fino persico pera Ormuz: com o q̃ el rey perdia muyto do q̃ rẽdia a sua alfandega: a fora as pareas q̃ perdia de Mocrim. E vendo ele como lhe ho gouernador punha officiaes Portugueses na alfandega pera recolherem as rendas que rendesse, disselhe que pois era vassalo del rey de Portugal que lhe tornasse Mocrim a sua obediencia, dandolhe conta do que passaua auia annos. O que lhe ho gouernador cõcedeo: & determinando de ho fazer assi disse a Antonio correa seu sobri

nho que ele lhe tinha dada a capitania mór de hũa armada que auia de mandar á ponta de Diu a esperar as naos de preſa ate que ele foſſe: & que auia de mandar outra a Babarem dizendolhe a que, que viſſe ſe a queria antes. E ele a quis por ſer de mais honrra que de proueito, & deixou a da ponta de Diu. E ſabendo Diogo fernandez de beja que hi eſtaua como Antonio correa engeitara a capitania mór da armada de Diu por ir a Babarem / foyſe logo ao gouernador & moſtroulhe hũ aluara del rey pera lhe dar a capitania mór da armada de Diu que ateli nã moſtrara pola não tirar a Antonio correa por ſer muyto ſeu amigo, & lho gouernador lha deu. E aceitada por Antonio correa a ẽpreſa de Babarem / partioſe pera lá a quinze de Junho de mil & quinhẽtos & vinte hũ & hia em hũ galeão: & forão ſeus capitães Gonçalo pereira que hia em outro / & Fernandeanes de ſouto mayor que hia em hũa galé, & João pereira em hũa caraue la / & Lourenço de moura, & Chriſtouão çarnache em duas fuſtas / & em outra outro, cujo nome não ſou be: & neſtas velas hião quatrocẽtos Portugueſes / & hia coele Raix xarafo capitão mór da armada delrey Dormuz que era de duzentas terradas em que hião tres mil mouros mil & quinhentos frecheiros & outros tantos lanceiros, & no caminho lhe deu hũ temporal que fez arribar a frota del rey Dormuz / & os nauios da noſſa, ſaluo a capitaina & a caraueta de Johão pereyra / & coele ſomẽte chegou a Babarem & ſurgio diante de hũa cidade do meſmo nome muyto grande de caſas grãdes de pedra & cal com chaminés, & varãdas pera ſol & geloſias nas genelas & ali tinha el rey Mocrim ſeu aſſento / & por eſperar por Antonio correa, de que tinha certeza q̃ ſabia bem da guerra eſtaua bem apercebido / & tinha a cidade cercada da banda do mar de hũa tranqueira de duas faces de largura de dez palmos entulhada de terra & darea com algũs portaes pa ſeruẽtia da praya / & aſſentada nela muyta artelharia, & goardauãa doze mil Arabios poſtos em eſtancias, & tinha trezentos ó caualo a mayor parte acubertados / & quatrocentos Perſianos frecheiros, & vinte rumes eſpingardeiros cõ algũs outros que tinha inſinados a eſſe officio. E chegado Antonio correa a Babarem ſurgio ao mar ondeſteue ſeys dias eſperando por ſua armada que ſe ajuntou coele no cabo deſte tẽpo, ſaluo duas fuſtas / de q̃ hũa arribou á Ormuz & a outra veyo deſpois de ele ter deſbaratados os immigos. E chegados os nauios, & aſſi a armada del rey Ormuz quis Antonio correa ſaber a gente que tinha pera ver ſe podia poyar em terra, & não achou mais de duzentos & vinte homens que foſſem pera poyar em terra / de que os cento erão fidalgos & criados del rey / & os cincoenta eſpingardeiros & beſteiros. E os outros homens darmas dos da India, & a outra gente era do mar que auia de ficar em goarda da armada: & com quanto ſe achou com tão pouca gente / & ſabia que a dos

immigos era tanta como disse assentou de poyar em terra com conselho dos outros capitães & dos principais da frota: esperando todos em nosso senhor que os ajudaria/ & quisera cometer os immigos vespera de Sãtiago, se não fora por Raix xarafo, que por certas cirimonias de sua seyta não quis então: & por isso alargou a coula pera os vite sete de Julho, que foy hũ sabado & quisera cometer com sua gẽte por hũa parte, & que Raix xarafo cometera com a sua por outra pera se ver o que cada hũ fazia. E ele nã quis/ dizendo que el rey de Portugal & el rey Dormuz erão irmãos/ por isso auia sua gente de ir junta: & isto era com medo segundo despois pareceo. E acabado ho conselho/ os capitães se tornarão a seus nauios, & eles com sua gente se confessarão & encomẽdarão a nosso senhor: por que ho feyto era muy perigoso por a gente dos immigos ser tãta, que auia bẽ trezentos pera cada hũ dos nossos: porẽ Antonio cozrea tinha tamanha confiança em Deos & em nossa senhora que esperaua de leuar a vitoria, & toda aquela noyte se lhe encomendou muy deuotamente. E quando veyo ao sabado pola manhaã se embarcou cõ sua gente nos bateys & barquinhas da frota/ & Xarafo com sua gente por ser muyta se pos em grandes jangadas de madeira que os paraós das suas terradas auião de rebocar: & saindo ho sol abalou Antonio cozrea com todos os seus pera terra leuando a dianteira Ayres cozrea seu irmão que hia cõ ho seu guião, & hião cozlle cincoenta homens espingardeyros & bésteiros & assi algũs fidalgos. E como ja era baixa mar & diãte da cidade fosse ho mar muyto apartelado tocarão os bateys a tiro despingarda dela: & não podendo dali passar arremessouse logo a gẽte nagoa que lhe daua pola braga sem auer quem a podesse ter. Antonio cozrea sayo tambem pola agoa & mandou ficar nos bateys a hum Cristão decrasto homem de confiãça/ a que mandou que não recolhesse nos bateys ninguem sem seu recado. El rey Mocrim estaua neste tẽpo na tranqueyza com sua gente, esforçandoa como valente caualeyro & fazendo jugar sua artelharia que despara ua muy amiude, de q̃ Deos milagrosamente liurou os nossos/ que sayrão na praya bem cansados: & logo Ayres cozrea que leuaua a dianteira como disse arremeteo aa tranqueyza com os que ho acompanhauão per antre muytas frechas sem conto & pelouros despingarda que os immigos tirarão: despois que os nossos forão na praya que por mais que elas forão não deixarão de remeter á tranqueyza/ onde logo os espingardeyros & bésteiros matarão muytos mouros/ & dos nossos forão feridos Ayres cozrea de duas frechadas & outros muytos. E estãdo em grande perfia/ os nossos por entrar & os mouros por lho defender: chegou Antonio cozrea com a bandeira & com ho resto da gente em cozpo, & deu Sãtiago nos mouros per hũa aberta que estaua antre a tranqueyza & as casas, & foy ho impeto dos nossos tão fu-

rioso que fizerão retirar os mouros pera dentro da cidade matandoos ás lançadas. E nisto acodio el rey com hũ tropel de gente de caualo, ⁊ hũ grande magote doutra de pé diante, ⁊ dão nos nossos tão de supito, ⁊ apertando os tão rijo ferindo muytos deles que os fizerão retirar pera a praya: andando el rey sempre diante dos seus ⁊ poẽdose nos lugares mais perigrosos ⁊ pelejando com tanto esforço que era cousa despanto: ⁊ como os imigos fizerão retirar os nossos carregauão de cada vez outros de nouo, ⁊ como as suas lanças erão muyto mais cõpridas que as dos nossos chegauãlhe sem lhes eles poderem chegar: ⁊ por isso recebião muyto dãno tanto que não ho podendo os nossos sofrer se retirarão bem pera junto dagoa. E foy a reuolta tamanha que Ayres correa foy derribado com grandes feridas de lanças ⁊ frechas ⁊ carregarão sobrele muytos mouros pera ho matar ⁊ ferirãno de treze lãçadas despois de derribado/ ⁊ se não fora por Aleixo de sousa ⁊ Ruy correa q̃ lhe acodirão matarãno: mas eles pelejarão ambos tão valentemente, ⁊ matarão ⁊ ferirão tantos mouros que os fizerão afastar ⁊ liurarão Ayres correa ficando ambos muyto feridos. E certo q̃ fizerão hũ feyto dino de grande memoria, ⁊ em que ganharão muyta honrra: ⁊ por outra parte tambem Antonio correa teue assaz que fazer, porque mandaua como capitão/ ⁊ pelejaua como soldado com que tinha dobrado trabalho de todos ⁊ andaua muyto cansado ⁊ ferido no braço dereyto/ ⁊ assi a mayor parte de sua gente/ porque toda pelejou aqui com marauilhoso efforço ajudando os nosso senhor: porque doutra maneyra não he de crer que tão poucos como os nossos erão resistissem a tão grande multidão de immigos/ matãdo ⁊ ferindo muytos deles: ⁊ a el rey matarã nesta reuolta dous caualos em que andaua/ hũ primeyro ⁊ despois outro: ⁊ tambem os mouros ficarão tão cansados ⁊ feridos que lhes conueo apartarense pera descansar/ o que foy grande folego pera os nossos que tambem fizerão ho mesmo. E Antonio correa mandou leuar seu irmão ⁊ outros muytos feridos aos bateys. E isto feyto que sentio que os nossos estauão algũ tãto descansados tornou a arremeter aos mouros/ bradando todos por nossa senhora: ⁊ parece que polos seus rogos desfechou nesta arremetida hũ dos nossos espingardeiros a sua espingarda em el rey ⁊ ferio ho em hũa coxa tão mortalmẽte que lhe foy forçado sayrse da batalha/ ⁊ coele algũs de caualo dos mais hõrrados. E ele ido como os mouros se virão sem capitão fugirão a quem mais podia/ ⁊ por Antonio correa ter a sua gente muyto ferida ⁊ cansada, ⁊ ele estar do mesmo modo deixou os ir ⁊ nã os quis seguir/ posto q̃ muytos bradauão que os seguissem: ⁊ contentouse cõ a merce que lhe nosso senhor fez em lhe dar hũa tão famosa vitoria como esta foy em obra de duas horas sem dos nossos morrerem mais de cinco, ⁊ hũ deles foy hũ fidaldo cha

mado Jorge pereyra, & hũ mouriſco Chriſtão, Dantonio correa, que em toda a batalha ho defendeo da morte, adargando ho ſempre com hũa adarga, & de muyto frechado cayo morto: & forão feridos ſeſſenta & tantos os mais deles de lança das a mão tente, & dos mouros a fora el rey Bocrim que morreo dahi a dous ou tres dias morreo ho gouernador ũ Baharẽ: peſſoa muyto principal & ſeys homẽs principais ſeus parentes, & trinta de caualo & trezẽtos de pé, & muytos feridos: & forão mortos muytos cauallos deſpigardadas. E por hõrra deſta tão famoſa vitoria, deu deſpois o muyto alto & muyto poderoſo rey dom João de Portugal ho terceyro, a Antonio correa que podeſſe meter em hũ quarto do eſcudo das ſuas armas a cabeça dũ rey mouro, que agora tras, & outra por timbre no elmo em memoria da del rey Bocrim que lhe deſpois foy cortada.

¶ Capit. lx. De como morreo el rey Bocrim. E de como Antonio correa mandou a ſua cabeça ao gouernador com a noua da vitoria, & da ſepultura que lhe foy feyta.

VEncida a batalha chegou Raix taraſo a Antonio correa com ſua gente: com que atee eſteuera nagoa ſem deſembarcar, eſperando o que ſucedia aos noſſos. E ſe eles forão vẽcidos preſumioſe que ſe ouuera de leuantar cõtreles, & iſto eſtaua claro polo odio q̃ lhes tinha, & polo q̃ deixaua ordido em Ormuz. E Antonio correa diſſimulou coele ho deſauergonhamẽto de deſembarcar a tal tempo, & mãdou aos ſeus mouros que ſeguiſſem ho alcanço aos immigos. E eles remeterão pola cidade moſtrãdo que ho fazião, mas deſpois que forão dentro não ho quiſerão fazer & meterã ſe a roubala: onde logo Antonio correa entrou com a bandeira tangendo as trombetas diante, & foy ter ás caſas del rey que erão muy grandes & ſumptuoſas, & junto delas achou hũa galeota q̃ os rumes tinhão feyta, que algũs lhe cõſelharão que mãdaſſe queymar: mas ele não quis. E feytos ali muytos caualeyros, fidalgos & outras peſſoas honradas que lho requererão, não quis mais paſſar auãte por ſer tarde q̃ era meyo dia, & tornouſe aa frota pera fazer curar os feridos, & deixou a cidade em poder de Raix taraſo: que tomou dela poſſe por el rey Ormuz, & de caminho mãdou Antonio correa poer fogo a cẽto & corenta & ſete terradas q̃ el rey Bocrim tinha. E na noyte ſeguinte eſtando todos dormindo ſe acendeo ho fogo na bitacora da capitaina, & foy a reuolta tamanha que todos os feridos ſe leuantarão a acodir, & era ho fumo tamanho q̃ não auia quẽ podeſſe decer abaixo a apagar ho fogo, & deſpois de muyto trabalho foy apagado. E neſta reuolta quebrarão os pontos das feridas q̃ ſia todos os feridos, & foy neceſſario tornarẽnos a curar: mas niguẽ ho ſentio com ho grãde prazer que tinhão da vitoria paſſada. Ao outro dia foy Antonio correa a terra

com os que poderão ir co ele pera lãçar a galeota que disse ao mar: & aquele dia lhe fez ho terreyro com muyto grande trabalho por a tranqueyra dos immigos estar diante q̃ não era ainda derribada: & ao outro dia a lançou ao mar com muyta fadiga/ porq̃ os nossos erão poucos & não podião, & os de Xarafo não a judauão: & Antonio correa a judaua como qualquer com quanto estaua ferido no braço derreyto, em que padeceo grande dor: & por auer a galeota pera el rey sufria tudo. E lançada ao mar lhe pos nome Mocrina por amor del rey Mocrim: & deu a capitania dela a hũ Gaspar correa. E auendo cinco dias que forã a batalha, foy lhe dito por hũ mouro da terra, & por outro de Raix xarafo q̃ el rey Mocrim era morto, & ya noyte seguinte ho auião de enterrar a Catifa. E Raix xarafo lhe req̃reo q̃ ho mãdasse tomar ao caminho por quanto forã tredoro a el rey Dormuz, & era necessario que lhe cortassem a cabeça/ & que ele mandaria a isso sua gẽte. E Antonio correa ho consentio/ & foy hũ parẽte de Raix xarafo chamado Raix çadradim q̃ foy por capitão de doze terradas cõ que tomou ho corpo del rey Mocrim & ho leuou a Antonio correa q̃ lhe mandou cortar a cabeça: que os mouros de Raix xarafo cauacarão por dentro tão sutilmẽte que ficou a pele do rosto com os olhos & narizes: & despois a rechearão dalgodão cõ hũa aselha na moleyra por õde se podia tomar/ & parecia viua: & Antonio correa a mandou a Ormuz ao gouernador com a noua do que tinha feyto/ & leuou a Baltesar pessoa & Ruy correa q̃ forão ẽ hũa fusta. E coesta noua recebeo ho gouernador muyto grande prazer cõ os nossos/ & el rey Dormuz com os mouros/ & fizerão todos muyto grandes festas. E ho gouernador foy dar graças a nosso señor á igreja com todos os fidalgos. E ele & el rey Dormuz mãdarão fazer hũa sepultura a esta cabeça na praça Dormuz: por honrra de cuja foy & por memoria Dãtonio correa & dos que fizerão aquele feyto, & forão abertos nela dous letreiros hũ na nossa lingoa, & outro na Persiana que dizião.

¶ A quinze dias do mes de Mayo de mil & quinbentos & vinte hũ, chegou ho gouernador Diogo lopez de sequeyra a Ormuz, & achou ho rey no de Baharem & Catifa leuãtado contra el rey Dormuz, & mandou lá Antonio correa seu sobrinho cõ sete nauios & quatrocentos homẽs & pelejou com Mocrim rey da dita terra/ & a sua cabeça jaz aqui: & morrerão muytos mouros & algũs Christãos & forão muytos feridos. E os mouros vẽdo seu desbarato lhe ẽtregarão logo Catifa: & tambem trouue hũa galeota que os rumes tinhão feyta que agora anda em poder dos Portugueses. E ho gouernador mandou fazer esta sepultura por honrra do rey que morreo como bõ caualeyro: & por memoria dos Christãos.

¶ Capit. lxj. De como Jorge balbuquerq̃ chegou a Pacẽ/ & determinou de restituyr nõ reyno ho principe q̃ leuaua da India.

Espois de Jorge dalbuquerq̃ partido pera Malaca com a frota q̃ disse/ seguio sua viagẽ ate chegar á ilha de çamatra & surgir no porto de Pacem/pera q̃ se podesse restituyse naq̃le reyno ho principe herdeiro dele como lhe ho gouernador dera por regimento. E surto neste porto com toda sua armada, teue maneyra como fez saber aos principais de Pacem a causa de sua vinda: E isto em segredo/porque ho tirano ho não soubesse & se posesse em recado. E eles com ho aluoroço da vinda de seu verdadeyro rey q̃ muyto desejauão/se forão os que poderão secretamente a capitaina: & bi lhes mostrou Jorge dalbuquerque ho principe & ho Moulana: q̃ eles folgarão muyto de ver/& lhe disserão que sua vontade era muy boa pera ho receberem por senhor, mas que não ousauão com medo do Tirano. E nesta pratica soube Jorge dalbuquerque que ho Tirano estaua muyto fortalecido em hũa fortaleza jũto da pouoação que era hũa legoa pelo rio acima: & era hũa trãqueyra larga feyta em quadra que cercaua hũa pouoação pequena onde ho Tirano morauа perto da outra grande que lhe ficaua como arrabalde. E nesta tranqueyra auia muyta artelharia: & da banda do norte era cercada de sapal & terra apaulada/& tinha a entrada dali per hũa ponte. E em hũ canto da bãda do sul tinha hũa porta/& daquela parte era cercada de caua chea dagoa. Dentro desta tranqueyra no meyo da pouoação estauão as casas do Tirano cercadas doutra trãqueyra da mesma maneyra da de fora cõ duas portas peqnas, hũa da banda do sul & outra de leste. E a fora esta fortaleza ser tão forte estauã nela seys mil homens de peleja, os mais deles frecheiros, & muytos de zarauatanas. E com quãto Jorge dalbuquerque isto soube: como era muyto esforçado/& sabia q̃ ho principe tinha justiça pera aquirir ho reyno/determinou ó pelejar cõ ho Tirano se não quisesse por bẽ soltar ho reyno: & assi lho mandou dizer. Do q̃ se ele escusou/dizẽdo q̃ ho reyno era seu, & mais que queria ser vassalo del rey de Portugal, & pagarlhe pareas: q̃ Jorge dalbuq̃rq̃ engeitou, dizẽdo que el rey de Portugal nã queria por vassalos senão os dereytos herdeyros dos reynos, & nã os q̃ os tinhão por força. E vẽdo a contumacia do Tirano/ determinou de pelejar coele: & pera ho notificar a seus capitães, os chamou a conselho, & ajuntouse coeles hũ fidalgo chamado Manuel da gama q̃ hi era chegado de Malaca ẽ hũ nauio darmada pera fazer arribar a Malacaca os jũgos de Pegú, q̃ por nã irẽ a Malaca hião descarregar a Pacẽ. E jũtos os capitães, Jorge dalbuq̃rq̃ lhe ppos ho regimẽto q̃ trazia do gouernador & cerca ó restituyr ho prícipe ó Pacẽ ẽ seu reyno: & ho poder de gẽte q̃ tinha ho Tirano/& como estaua fortalecido. E a gẽte que ele tinha que não seria mais q̃ duzẽtos dos nossos. E todos forão dacordo q̃ pelejasse/& q̃ nosso señor os ajudaria pois tinhão a justiça de sua parte.

¶ Cap. lxij. De como el rey Dauru foy sobre Pacêpera pelejar cõ o tirano q̃ tinha o reyno vsurpado.

TEndo isto assentado acertou ô chegar a Pacem el rey Dauru com grande exercito, que tinha guerra com ho Tirano/ & hia pera ho destruyr por amor do principe que era seu parẽte. E sabida por Jorge dalbuquerque sua chegada/ porque era amigo del rey de Portugal/ lhe mãdou dizer por hũ mouro natural de Pacem: que ele era ali vindo pera restituyr ho principe de Pacem no reyno/ & destruyr aquele Tirano q̃ ho tinha vsurpado. E porque sabia que era amigo del rey de Portugal/ lhe pedia que se afastasse donde fosse a peleja, & lhe deixasse a ele só aquela empreſa: porque a sua gente/ & a do Tirano toda andaua dũ trajo mandasse aos seus q̃ no dia da batalha posessem na cabeça hũs ramos verdes pera os desenferençarem dos immigos/ porque os nossos auião dauer por esses a todos os que os não teuessem. E el rey Dauru foy disso contente/ & mandou pedir a Jorge dalbuquerque quelhe fizesse merce do despojo q̃ ficasse dos immigos despois que os nossos não quisessem mais: porq̃ esperaua em Deos que lhe auia de dar vitoria. Feyto este concerto/ fez Jorge dalbuquerque saber aos naturaes da terra como auia de dar na trãqueyra & em que dia, & mandoulhes que se afastassem do caminho por onde auia dir/ & que teuessem outro tal final como os Aurus.

¶ Capitolo. lxiij. De como Jorge dalbuquerq̃ desbaratou & matou em hum combate ao Tirano que tinha vsurpado ho reyno de Pacem.

VIndo ho dia em q̃ se auia de dar ho combate/ estãdo os nossos cõfessados daquela noyte os asolueo hũ clerigo ante manhaã/ & despois de almoçarem forãse pelo rio acima nos bateys ate onde desembarcarão/ & em terra fez Jorge dalbuquerque tres escoadrões de sua gente que erão duzẽtos homẽs: do primeyro q̃ foy de sessenta homens era capitão dom Sãcho anrriquez, & hião coele Rafael catanho/ & Dinis fernandez de melo. Do segũdo que era doutros tantos foy dom Afonso de meneses filho do conde de Cantanhede caualeyro muyto esforçado. No terceyro leuaua Jorge dalbuquerque com ho restante dos duzentos homẽs/ & acompanhauão Manuel da gama, Antonio de Miranda dazeuedo, Garcia chainho, Eytor de valadares/ Frãcisco bocarro: & outros fidalgos & caualeyros. E nesta ordem ao som de suas trombetas abalou pera a fortaleza ao lõgo de hũ esteiro que passou per hũa ponte/ & serião dous tiros de espingarda donde desembarcou á fortaleza/ & dũ cabo & do outro estaua todo ho caminho cheo de gente/ assi da terra como dos Aurus q̃ todos estauão ẽ fauor do prĩcipe & fazião grãdes alegrias. E chegado dom Sancho perto os

fortaleza começa a artelharia a desparar, & a nossa espingardaria lhe respondeo, que por ser muyto pouca soaua muy pouco: porẽ começou de fazer muyta obra, porque os nossos sem nenhũ medo cõ quãto erão poucos remeterão á tranqueyra pela banda do sul / & chegaranse a ela derribando muytos dos immigos com as espingardas. Mas como eles erão tãtos como disse sostinhãse muy esforçadamente: & nisto chegarão dõ Afonso de meneses & Jorge dalbuquerque com seus esquadrões, & tomarão toda aquela banda da tranqueyra encheo, combatẽdoa muy fortemente. E vendo Dinis fernandez de melo quão ocupados os imigos estauão na defensa da tranqueyra / remeteo á porta q̃ estaua daquela banda cõ Manuel da gama / & Eytor de valadares / & Francisco bocarro: & arrombarão a porta com hũ vay & vẽ: & ainda nã foy arrõbada quãdo muytos dos immigos acodem a defendela com frechadas tão bastas / assi darco como de zarauatana que quasi q̃ ocupauão todo ho vão da porta. E cõ tudo os quatro entrarão ás lançadas, & apos eles outros muytos: & aqui se renouou a batalha cõ grande furia. E era milagre de nosso senhor ver tão poucos como os nossos erão antre tanta multidão dimmigos. E sabẽdo Jorge dalbuq̃rq̃ como a fortaleza era ẽtrada acodio á porta & entrou dẽtro, & cõ sua entrada se recolherão dos imigos pera as casas do Tirano, & outros pera a banda do norte: & os nossos ficarão de rosto com as casas do Tirano que como disse estauão cercadas em redondo d outra tranqueyra tão forte como a primeyra. E aqui estaua a principal força desta fortaleza por ho Tirano ter ali suas molheres & filhos / & as dos seus principais & suas fazendas. E Jorge dalbuquerque a cometeo cõ sua gente feyta em hũ esquoadrão / & hũs tirauão cõ as espingardas aos que estauão encima, outros sobião pos escadas que pera isso leuauão / & sem temor das pedradas / frechadas & lançadas dos imigos seguindauão a cima, & dali saltarão embaixo apos os immigos que ja de quebrados se retirauão, & abrindo hũa das portas que a trãqueyra tinha entrarão os outros que estauão de fora: & apertarão tão rijo com os immigos, que não tẽdo coraçõ de se defender por verem q̃ de cadauez os matauão mais começarão de despejar pera a banda do norte, & sayão se per hũa põte que estaua daquela parte com suas molheres & filhos. E começando os imigos de vazar por aquela ponte, foy dõ Afonso de meneses por acerto ter a ela com corenta dos nossos. E desejoso de matar ainda mais dos immigos dos q̃ aquele dia tinha mortos deu neles com os que hião coele / & apertou os tão rijo que os fez tornar pera dentro. E vendo eles q̃ lhes não ficaua onde se podessem saluar / determinarão de morrer defendendose, & assi ho fizerão que nenhum não ficou do Tirano ate ho meno, tirando algũs que catiuarão & assi muytas molheres, & a peleja durara tres horas de relo-

gio/em que morrerião dos immigos tres mil segũdo se despois soube, & os quatrocentos forão dos principais, & dos nossos morrerão quatro & forão muytos feridos: o que foy mais milagre de nosso senhor que força humana.

¶ Capit. lxiiij. De como ho principe foy recebido por rey ō Pacē: & de como Jorge dalbuquerque fez hũa fortaleza em Pacem.

Tomada a fortaleza foy saqueada pelos nossos & ho rosulho que lhes ficou foy logo apanhado pelos Aarus/ cujo rey se foy pera Jorge dalbuquerq̃, & lhe deu ho prolfaça de sua vitoria com palauras de muyta alegria polo tirar de trabalho & mais de duuida se vencera ou não: & ficou muyto mór amigo & seruidor del rey de Portugal que dantes por ter tais vassalos. E sabendo Jorge dalbuquerque que ho Tirano fora morto na batalha com os que ho seguião, & que não auia dauer contradição em restituyr ho principe no reyno/ mandou logo dar pregões que todos os da terra se ajuntassem pera lho entregar. O que eles fizerão logo aquele dia: & com muyto prazer lhe forão fazer reuerencia ás casas do Tirano, onde ho Jorge dalbuquerque apousentou. E obedecido ho principe por rey/ & entregue da cidade: tornouse Jorge dalbuquerque com todos os nossos a armada que estaua na barra: a cuja entrada da banda de leste determinou de fazer hũa fortaleza pera assessego da terra, & pera estar a feytoria del rey de Portugal que assi ho trazia por regimento. E aquele era ho melhor lugar por estar pegada com ho mar por onde podia ser socorrida: & mandou dar conta desta determinação a el rey: pedindolhe que pois el rey de Portugal queria tambẽ ter ali aquela fortaleza pera segurança de seu estado, & não lhe ser feyta outra treição como a passada que ho ajudasse a fazela: & pois não tinha necessidade da que ho tirano deixara por estar pacifico na cidade, que a mandasse desfazer: & lhe mandasse a madeira pera fazer a que dizia, & gẽte pera que a fizesse. Ao que logo el rey satisfez ẽ tudo, & a fortaleza foy feyta em breue tempo com muros/ baluartes & torres de madeyra/ & cercada de cava. E ela acabada & muyto bem artilhada deu Jorge dalbuquerque a capitania a dom Sancho anrriquez seu gẽro, & deixou feytor, escriuães & outros officiaes & cẽ homẽs por todos. E posto que Antonio de miranda dazeuedo lhe requereo que lhe desse a capitania da fortaleza/ porque ho gouernador lha dauia por hũ aluara q̃ lhe mostrou. E elenão quis, dizendo que ho gouernador não podia passar tal prouisam, por el rey lhe conceder que podesse dar por tres annos a capitania de qualquer fortaleza que fizesse: & assi ficou dõ Sancho por capitão da fortaleza.

¶ Capit. lxv. De como Jorge de brito foy morto em Achem com outros muytos de sua armada.

Prosseguido Jorge de brito por sua nauegação pera Malaca foy ter á barra da cidade Dachem na ilha de çamatra, q̃ hereyno como atras disse, & he hũa cidade grãde ao pé de hũa lõbada q̃ se faz ãtre a cidade & hũ rio, de modo q̃ a lombada lhe fica por padrasto. He de casas terreas de paredes de terra cubertas dola/somente as casas del rey tem algũa policia: he muyto abastada de mantimentos / pouoada de mouros/& seu rey era tambem mouro & tinha pouco estado & pouca renda. E com tudo grande guerreiro & capital immigo dos Portugueses, & trabalhaua por lhe fazer quanto malpodia: & porque Jorge de brito sabia isto, & principalmente por cobrar a fazenda que ali fora tomada de dom João de lima & doutros fidalgos como disse atras surgir na sua barra. E iurto dentro no rio / mandou dizer a el rey que se espantaua muyto dele querer ser immigo dos Portugueses sendo todos os outros reys da ilha de çamatra seus amigos/ mandandolhe apontar o que lhes tinha feyto / principalmente a tomada da fazenda que digo: rogandolhe que logo lha mandasse antes que anoyteceſſe / & não lha mãdando que iria por ela. El rey despedio ho messegeiro com dizer que responderia: mas não respondeo/ porque não determinaua de fazer cousa algũa do que lhe Jorge de brito pedia / anteslhe resistir quãto podesse pera o que se percebeo ho melhor que pode esforçando sua gente. E vendo Jorge de brito que tardaua a reposta del rey / deuse por respondido que queria guerra, & chamando a conselho seus capitães & outros homens honrrados da frota: propos algũs males que el rey Dachem tinha feytos aos Portugueses, polo que deuia de ser castigado / antes que tomasse mais atrenimento do que tinha. Ho que todos acordarão que se fizesse / & que ao outro dia pola manhaã desembarcassem: o que receãdo el rey Dachem trabalhou polo impidir / mandando fazer aquela noyte hũa estancia sobre a lombada em que mandou assestar algũs berços pera que tiraraſſem aos nossos / não somẽte ao desembarcar / mas se quiseſſem sobir acima: & mandou a hũ seu capitão que a goardaſſe com obra doytocentos mouros os mais deles frecheiros. Jorge de brito como foy manhaã abalou pera terra nos bateys da frota com a gente de lanças/espadas/& adargas. E os besteiros & espingardeiros hião todos na fusta de Gaspar galo apartados, por que auião de ir na dianteira / & hião assi pera desembarcarẽ logo juntamente & se pozem de golpe em ordem: o que não poderia ser indo espalhados pelos bateys. E logo a desauentura que aqui auia de acontecer começou logo aqui de dar sinal/porque como vẽtaſſe ainda ho terrenho & a fusta era grande & hia bem carregada não a deixaua ele remar tãto como os bateys q̃ hião mais boyantes & se remauão melhor: o que foy causa de chega-

rem a terra muyto primeyro que a fusta/ & em desembarcando começão os mouros de desparar os berços que estauão na estancia/ com que lhe não fazião nenhũ nojo por estarem muyto ao sopé da lombada. E que vendo ho capitão dos mouros como era homem esforçado/ quis ver se por sua pessoa cõ os seus podia defẽder aos Portugueses que nã sobissem pola lombada/ & lançase corredo por hũa ilharga dela com a mayor parte dos seus: dando grandes gritas/ & tirando muyta soma de frechadas. E que vendo Jorge debrito lhe pesou de não esperar pela fusta em que hião os bésteiros & espingardeiros, & em tão conbeceo ho erro que nisso fez, porque se os tenera muy facilmẽte castigara aqueles mouros contra quem mandou que fosse Lourenço godinho com os de sua capitania pera os fazer ter. E parecendolhe que ganhada aquela estancia da lõbada não tinhão os mouros mais força/ com desejo de se despachar a sinha não quis esperar pelos espingardeiros & bésteiros/ & remete cõ os outros capitães pela outra ilharga da lombada que estaua despejada/ & não parou ate chegar á estancia: de que logo fugirão esses mouros que hi estauão sem ousarem de fazer nenhũa mostra de resistencia/ & a fugida destes & ver ho seu capitão que peleiaua com Lourenço godinho a estãcia ganhada, forão causas pera q̃ ele não tardasse muyto em deixar a peleja & se acolher sem hũa parte nẽ outra receber nenhũ dãno. Neste tempo estaua el rey Dachem prestes com mil homẽs muyto bem armados á sua vsança & quatro alifantes armados/ & ouuindo estes a grita & reuolta que hia onde estaua a estancia sayrão algũs fora da cidade a ver o que era: & em aparecendo vio os João serrão que era ho alferez ỏ Jorge debrito: & como homem leue do siso sem lho ele mandar remete pola ladeira abaixo pa onde aparecerão os imigos & apos ele todos os outros quando ho virão partir, sem valer a Jorge debrito bradarlhes que se tenessem: porq̃ sua tenção era esperar polos bésteiros & espingardeiros, & dar na cidade com toda a gẽte posta em ordẽ. E quando vio que não podia meter nela aqueles foy se coeles: os immigos que sayrão da cidade em vẽdo ir os Portugueses se recolherão pera a cidade, ỏde el rey estaua com toda sua gente & alifantes. E entrã do os nossos apos os imigos que cuydauão leuar de vencida, derão com ho corpo da gente que os cercarão antre as casas: & começarão de os ferir muyto rijo ỏ todas as partes/ assi com frechas como com lanças darremesso cõ que lhes dauão muy mortaes feridas / de que os primeyros que morrerão forão João serrão ho alferez / & hũ Ayres coelho / & hũ Gaspar fernandez que hia por feytor de Maluco homẽ muyto valente caualeyro, & tão conhecido por tal que disse el rey dom Manuel a Jorge debrito quando lhe pedio a feytoria parele que era melhor pera matar hũ mouro que pera ser feytor. E este Gaspar fernandez foy tomado por hũ

elifante que ho refinou pera ho ar
& da pancada que deu quando cayo
morreo/ ou ho acabarão de matar
os immigos que de cada vez aper-
tauão mais os nossos, q̃ pelejauão
com muyto esforço/ principalmẽte
esses capitães & homens dobriga-
ção: porem os imigos erão tãtos &
os tinhão tão apertados que lhes
não aproueitaua pelejar: & todos es
tes q̃ digo forão feridos & mortos,
& antreles Jorge debrito: com cuja
morte os q̃ ficauão forão logo des-
baratados & fugirão seguindo os
immigos apos eles, matando & fe-
rindo neles. E indo assi encõtrarão
com Lourenço godinho que hia ca
minho da cidade/ & quando os vio
vir daquela maneyra/ voltou tam-
bem a recolherse aos bateys/ deixã
do desemparados os q̃ fugião sem
os querer recolher nem fazerse em
corpo coeles: pelo que os immigos
lhes poderão ainda fazer mais mal
& os seguirão quasi ate a praya, on-
de os nossos mais desalinados dos
immigos serecolherão aos bateys
sem a fusta de Baspar galo poder
ainda chegar por dar em seco. E re-
colhendose os nossos hũ Luys ra-
poso & Pero veloso ãbos criados
del rey, & da criação de Jorge de bri
to perguntarão por ele/ & achando
que não era embarcado/ disserão q̃
nunca deos quisesse que sembarcas
sem sem ele/ & tornaranse a meter an
tre os immigos a buscalo/ & matan
do muytos deles forão mortos: &
coestes matarão os mouros bem
setenta homẽs todos escolhidos &
de nome/ & forão feridos muytos
mais despantosas feridas que lhes
derão com lanças darremesso que
lhes passauão as coiraças, mas es-
tes viuerão despois todos, & dos
mouros morrerão muyto poucos.

¶ Capit. lvj. De como por morte de Jorge de brito sucedeo na capi tania de Maluco Antonio õ brí to seu irmão & do mais q̃ passou.

Escolhidos os nos-
sos cõ tamanha per-
da como digo, Lou-
renço godinho se a-
possou da armada/
& encomendou as ca
pitanias dos nauios aos escriuães
deles, & por conselho de todos se
partirão logo dali pera ho porto
de Pedir que he adiante/ porque
não sayssem os imigos & os tomas-
sem: & como os nauios não tinhão
capitães ouue algũs que se quise-
rão leuãtar coeles & irse a diuersas
partes a fazer presas. E estando assi
dous dias despois de ali estarẽ che
gou Antonio debrito/ & sabendo a
morte de seu irmão foysse pera a ca-
pitaina/ onde antre outros papeis
achou hũ aluara del rey: em que lhe
dana a capitania de Maluco por
morte de seu irmão, & por ele tomou
posse da frota/ & foy de todos obe-
decido por capitão mór, & proueo
logo as capitanias dos nauios dã-
do a do galeão de Christouão cor-
rea a hũ fidalgo chamado Antonio
de melo, & a do nauio de Christouã
pinto a Lourenço godinho/ & a de
Francisco godiz a hũ Francisco de
brito chamado dos olinais, &
a da caravela de Lourẽço godinho

a hũ seu irmão q̃ auia nome Pero botelho, & a dou sua caravela a hum Pero fernandez piloto. E repartidas estas capitanias se foy ao porto de Pacẽ onde ainda achou Jorge dalbuquerque, a que algũs amigos daluorocos & nouidades aconselharão q̃ podia tirar a capitania de Maluco a Antonio de brito & dala a outrem q̃ era a dada sua por Jorge de brito morer debaixo da sua jurdição, & não ser ainda feyta a fortaleza de q̃ auia de ser capitão, & que ho aluara da sucessam Dantonio de brito não se entendia se não sendo seu irmão ja capitão da fortaleza: & por isto quisera Jorge dalbuquerque lançar mão da armada. E defendendose Antonio de brito por muytas rezões, vierão a concerto que se os capitães da armada Dantonio de brito fossem contentes de lhe obedecer por capitão mór q̃ ho fosse, & se a Jorge dalbuquerque q̃ ele podesse dar a capitania a quem quisesse. E forão tomados os votos dos capitães, mestres, pilotos & homẽs honrrados da armada, & por todos votarem q̃ querião Antonio de brito por seu capitão mór lhe ficou a capitania, & foy seçõ Jorge dalbuquerq̃ a Malaca onde estaua Garcia de sá por capitão da fortaleza, que a entregou logo a Jorge dalbuquerque por virtude da sua prouisam: & por nã ser ainda a mouçã o pera Maluco ficou Antonio de brito em Malaca ate ser vinda. E com tanta & tão boa gente como se ajuntou em Malaca, cessou a armada del rey de Bintão de lhe ir correr como dantes.

¶ Capit. lxvij. De como ho gouernador Diogo lopez de sequeyra mãdou por capitão mór Diogo fernandez de beja a Cambaya, & do que lhe aconteceo.

DEspois da partida Dantonio correa pera Baharem em Agosto, mãdou ho gouernador que estaua em Ormuz a Diogo fernandez de beja capitão mór da armada que auia dir fazer guerra a Cambaya q̃ se partisse, & que ho esperasse da põta de Diu ate ho rio de Madre fabá onde esperaua de fazer a fortaleza que ouuera de fazer em Diu. Mo que ho gouernador não teue nenhũ segredo antes ho disse publicamẽte. E coeste regimẽto se partio Diogo fernãdez, cujos capitães forão, Nuno fernandez de macedo no camorim grande, & Gaspar doutel ẽ hũ nauio redondo, & Manuel de macedo em hũa caravela. E partido Ormuz aos vinte Dagosto, & chegando a costa de Cambaya na paragem da cidade de Patane tomou ele dous zãbucos de mouros q̃ hião da outra costa: & Nuno fernãdez ouue vista d hũa nao de mouros que lhe fugio, porque em lhe tirando hũ bombardeiro nosso hũa bombardada deu na relinga da vela & rompea, & em quanto a remẽda rão acolheose a nao. E dali foy logo ter coele outra muyto grande q̃ hia do estreito & leuaua por cada banda dez bombardas roqueyras, & hião nela cento & vinte mouros brancos de peleja muytos deles espingardeiros a foza outros, & mo

lheres & meninos/ & carregada de
muyta mercadaria: & ele lhe deu ca
ça ate a encaualgar. Medo os mou
ros que os tomauão parece que
confiados na grandeza de sua nao:
que despedaçaria ho galeão se ho en
contrasse em cheo, poserão a proa
nele indolhe de balrrauento: & se
ele não arribara a ouuerão de par
tir polo meyo/ tão poderosa era
a nao. E como ela ficou tão perto
do galeão mandou Nuno fernan
dez aos mais dos nossos que se me
tessem na alcaçoua do galeão/ & co
brir a entrada com bũ pano: porq̃
os mouros vendo pouca gente lhe
não ouuessem medo & não fugissẽ/
& assi foy: por onde a nao foy logo
aferrada por proa/ a que cinco ou
seis dos nossos acodirão com Nu
no fernandez, & entrarão dentro
coele: & os outros ficarão de popa
por onde cuydarão que se a nao
abalrroasse. E como os mouros
se virão entrados arremeteram a
Antonio daraujo, que foy ho pri
meiro que entrou/ & derãlhe bũa
cutilada por bũa perna. E ho se
gundo foy Aluaro de brito filho
de Nuno borges/ a que ferirão
na cabeça sobre hum olho: de ma
neira que logo ho derribarão/ &
a Nuno fernandez com bũ zagun
cho per bũa ilbarga / com que
lhe desentressolbaram as coura
ças. Os outros mouros tambem
se poserão polo bordo da nao, & ti
rauão muytas frechadas, pedra
das, & espingardadas/ & era aba
rafunda muyto grande. E estãdo
os nossos que estauão na nao neste
perigo, & sentindo ho os que fica
uão no galeão socorrerãolhe. E
dando Santiago nos mouros en
trarão por popa/ & destes que en
trarão obra de quatorze começa
rão de pelejar com os mouros: q̃
os outros meteranse logo a rou
bar a nao. E com a peleja dos nos
sos afroxarão os mouros de proa
& desaliuarão Nuno fernandez/ &
os outros por acodirem aos de
popa: onde os nossos matarão a
mor parte dos mouros/ princi
palmẽte os bombardeiros que lo
go os conhecião polos murroẽs:
& os outros forão catinos com to
da a mais gente da nao/ que foy lo
go passada ao galeão. E porque
não auia agoa pera tantos man
dou Nuno fernandez a dous bom
bardeiros nossos que estenes
sem a bordo com senbos marroẽs
& matassem coeles todos os mou
ros homẽs: & assi ho fizerão, & dei
tauãnos ao mar, & somente ás mo
lheres & meninos derão a vida. E
despois de baldeada a mor parte
da fazenda da nao no galeão: man
dou Nuno fernandez a dous car
pinteiros que lhe fossem fazer do
us rombos pera se meter no fũdo.
E eles com medo fizerãolhos: tam
pequenos que pode entrar pouca
agoa. E tambem porque despois
de saidos/ algũs mouros que ses
conderão na nao/ vendo os rom
bos que lhe fizerão: & sentindo co
mo a deixauão taparanlhe os bu
racos, de modo que a nao se nam
foy ao fundo. E isto seria ate as
noue horas do dia. E cuidando
Nuno fernandez que a nao ficaua
bem arrombada deixou ha.

¶ Cap. lxviij. De como Magamahmut saio com algũas fustas de Diu a pelejar com os nossos, & os desbaratarão: metêdo no fũdo bo nauio de Gaspar boutel.

Como isto fosse obra de seis legoas ó Diu, ouuerão os mouros vista dos nossos. E sabendo bo Meliqaz que jaa hi estaua, & sabia q̃ os nossos estauão coele de guerra, mãdou logo a Magamahmut q̃ saisse cõ ate. xviij fustas aos nossos, & ele bo fez assi: Comque eles quando virão as fustas ficarão todos bem agastados, porque como auião de passar Sol tão trazião a artelbaria abatida: & as portinholas do lume vagoa calafetadas, porque lhe não ẽtrasse bo mar dentro, & vinhão os nauios assaz dempachados com fato: o que algũ tanto foy descuido dos nossos capitaẽs, porque como ouuerão vista da costa de cambaya: & mais tam perto de Diu logo se ouuerão daperceber: & mais sabẽdo que as fustas lhe auião de sair em auendo vista deles: assi que vendo as os nossos quiserãose aperceber, mas elas não lhe derão lugar pera isso. E Magamahmut mandou a duas que tomassẽ a nao dos mouros & a leuassem a Diu: & assi bo fizerão, & as outras repartio peraque pelejassem com os nossos segundo lhe pareceo q̃ abastarião pa isso. E como bo vẽto era calma tercaualhe bẽ pera a peleja. E os nossos quando virão repartir as fustas cuidarão q̃ não fosse a cousa como foy: porem os mouros que leuauão ẽdeterminação ó os destroirem de todo, remeterão bũs & outros ao nauio q̃ lhes coube: & cercarannos polas popas, & começarão de os sacudir com a artelbaria que trazião muy boa, & os nossos alinbũa pola causa q̃ digo, principalmẽte ao lume dagoa: que a dos altos como as fustas erão rasteiras não lhe podia fazer nojo: nem os nossos não lho podião fazer cõ outras armas, porq̃ os mouros tirauão em roda viua tanta espingardada, & frechada, que era pasmo. E bo primeiro nauio com que apertarão foy bo de Gaspar boutel que estaua mais a lanço: & metianno no fundo quanto podião, bo que ele vẽdo: & que não podia escapar determinou de aferrar comos imigos posto que erão muytos em demasia, porque por ser muy esforçado lhe pareceo q̃ se poderia assi ajudar deles: & coesta determinação mandou atracar bo batel perase meter dẽtro com os do nauio: bo que eles não quiserão dizendo que os mouros erão tantos que parecia doudice cometelos: & ele respondeo que melhor era doudice que couardia porque não podia ser mayor que deixarse assi morrer como deixarão, porque não tardou muyto q̃ se acabou bo nauio dencher dagoa de popa: & aderrãdo dela leuantou a proa pera cima & foyse ao fundo, com morrerem os mais dos nossos: & algũs q̃ escaparão nadãdo forão tomados dos mouros com grandes gritas que

vauão com prazer de tamanha vitoria/ & muyto mais esforçados q̃ dantes forão ajudar seus companheiros/ que pelejauão com bo capitão mor & com Nuno fernandez. (que de Manuel de macedo parece que não fazião conta por a sua caravela ser pequena) & os que cercarão bo capitão mor lhe derão bũa bombardada ao lume dagoa abaixo do conues que bo meterão no fundo se não acodirão logo cõ bũ bacio de prata dagoa as mãos q̃ não se achou outra pasta de cbũbo/ & pregado bũ coiro por cima vedouse a agoa que não entrasse: & cõ tudo ainda bo ouuerão de meter no fundo segundo apertauão coele/ se bo não defẽdera ho seu batel que era bũ batelão grande com bũa tilha em que trazia bũ camelo & dous falcões: que varejarão tãbem as fustas/ q̃ as fizerão afastar de lonje, & assi ficou liure bo capitão mor & não lhe matarão ninguẽ. E como Nuno fernãdez não teuesse outra tal defensão/ os mouros q̃ bo cõbatião bo apertauã tãrijo que quanto parecia sobela agoa do bordo ate agaula era cubertoo frechas que os imigos pregauão nele: & coisto tanta bombardada que não se lhe podia ninguẽ emparar. Porque estando bũ bõbardeiro no conues com bũ falcão as costas pera tirar aos imigos, dalhe bũ pelouro polos peitos & matouho: & outro entrou por bũa portinhola da despẽsa do galeão q̃sta na calafetada por ser ao lume dagoa, & leuou as pernas ao despenseiro, & bũ pedaço dum hombro a Aluaro de brito questaua ali ferido: & passando auante matou bũa molher, & leuou bũa mão a bũ menino, & bũa nadega a bũ homẽ: & assi ferio outras quatro pessoas, & forão por todas noue: & outro pelouro q̃ leuaua ỹ mestura bũa roca deu na cabeça do escriuão do galeão & leuouliba: & assi matou outro homẽ criado do bispo q̃ então era delamego/ & agora he arcebispo ỹ Lisboa/ & ferio despois bẽ sete pessoas. E quis nosso senhor q̃ estando os nossos neste tamanho aperto começou de ventar algũ vento que era antre terrenho & viração que assi como começou começarão os nossos de fazer caminho, mas nem por isso as fustas deixarão de os seguir ãs bombardadas: porq̃ como bo vẽto era galerno podião com os nossos nauios, & apertarã nos tanto que os fizerão meter na enseada de Cambaia, indo com tãta necessidade dagoa q̃ a cada pessoa se não daua mais que mea ỹ dagoa por dia: & isto os apertaua mais que as fustas/ se não quando lhes da bũa trouoada seca: & foy tam rija que as fustas se acolherão bo mais q̃ poderão, & tornaranse a Diu. E vẽdo os nossos as fustas acolhidas surgirão/ & surtos lhe sobreueo outra trouoada molhada com que se fartarão dagoa: & apos ela forão dar coeles dous zãbucos de mouros de Braua/ carregados descrauos pretos, & Sãdalo brauo: & tomados foise bo capitão mor a Chaul a tomar agoa & mantimentos/ que estaua hi bũ feytor nosso chamado Diogo paez

ꝛ tomado ho de que tinha necessidade tornousse a buscar ho gouernador/ pera lhe dizer que não curasse de cometer fazer fortaleza em Madre faba: porque soube q̃ Meliqueaz soubera dos nossos que escaparão do nauio de Gaspar doutel/ a determinação do gouernador de querer hi fazer fortaleza em tornando Dormuz ꝛ logo se apercebera pera lho defẽder, ꝛ por isto foy grande mal descobrir ho gouernador sua determinação como atras disse: que se a não descobrira poderasse ali fazer fortaleza. E Diu não dera despois tanto trabalho como deu.

¶ Capit. lxix. De como partio de Portugal dom Duarte de meneses por gouernador da India, ꝛ de como chegou lá com toda sua armada.

Sabendo el Rey de Portugal que na India começauão dauer aluoroços d̃ guerra, ꝛ q̃ alguũs Reys ꝛ senhores começauão de declinar da obediencia ꝛ acatamento que dantes tinhão ao seu nome: quis mandar hũ gouernador que tornasse a restaurar isto no primeiro estado. E pera isso escolheo a dom Duarte de meneses capitão da cidade de Tangere em Africa, onde em muytos annos tinha dado assaz d̃ teste munho de seu esforço ꝛ valentia contra os mouros em muytas batalhas que vencera: ꝛ ẽ lhe entrar tanto pola terra que chegou aos Mõtes claros (cousa que os mouros nũca cuidarão, ꝛ que os muyto mais espantou que todo ho passado) ꝛ por esta experiencia que auia de dom Duarte, ꝛ por ser filho do cõde de Tarouca: prior do Crato ꝛ alferez mor del Rey lhe deu ele a gouernaça da India cõ muyta auantajem do que ate li fizera aos outros gouernadores. E despachada sua armada se partio de Lisboa a cinco Dabril anno de mil ꝛ quinhentos ꝛ vintehũ. E os capitaẽs que leuou forão estes/ dom Luis de meneses seu irmão que leuaua a capieania mor do mar da India: Martim afonso de melo de Santarem que leuaua hũa viajem pera a China/ por capitão mor de tres naos afora a sua: cujos capitaẽs erão Vasco fernandez coutinho ꝛ Diogo de melo, seus irmãos ꝛ Pedromẽ irmão do estribeiro mor que hião por capitaẽs desta armada, ꝛ Johão d̃ melo da silua, que hia pera capitão de Coulão ꝛ Vicente gil filho de Duarte tristão hum armador. E partida esta armada sem lhe acontecer cousa que seja pera contar/ chegou a costo da India em Agosto: ꝛ estando surta sobre Baticala / chegou hi dom Aleixo de meneses, que como abrio a barra de Cochim se partio com tres gales/ de que erão capitães, dom Jorge de meneses, Francisco de mendoça/ Andre de sousa chichorro/ que hia caminho de Madre faba a buscar ho gouernador Diogo lopez. E dando rezão a dom Duarte do estado em q̃

a India estaua seguio sua via. E dom Duarte se foy a Cochim onde se apousentou na fortaleza/ & começou logo dusar do officio de gouernador.

¶ Capit. lxx. De como Antonio cozrea ouue a ilha de Bahare & a fortaleza de Catifa: & se tornou a Ormuz.

COmo el Rey Mocri foy morto/ hũ seu sobrinho chamado Xequebamet a que a gẽte da terra obedecia mandou pedir seguro a Antonio cozrea pera lhe hir falar pera lhe entregar a ilha d Bahare & a fortaleza de Catifa: poz que todos os da terra q̃rião estar a seruiço del Rey de Portugal/ & em final de aquilo ser verdade lhe mandou dous caualos Arabios. E este recado lhe leuou hũ mouro homẽ muyto aluo & rosado, vestido ao modo Veneziano de pano de coz de bredo. E dado poz Antonio cozrea ho seguro viose com Xequebamet/ q̃ lhentregou a ilha & fortaleza, com condição que lhe desse passagem pera a terra firme a ele & á gente estrãgeira: & Antonio cozrea lha deu tambem cõ condição/ que não leuasse nenhũas armas nẽ caualos de que tinha muytos. E feita a entrega coestas condiçoẽs, foy dada a passagem a Xequebamet & a sua gẽte: & passou os Raix xarafo nas suas terradas: & despois que passarão ho mesmo Xarafo foy tomar posse de Catifa poz el Rey ỏ Portugal, & poz el rey Dozmuz. E Antonio cozrea fez gouernador de Bahare Raix bubacabum mouro Arabio capitão principal, & muyto bom homẽ de que a gente da terra foy muyto contente. E restituido todo ho reyno de Bahare a el Rey Dozmuz, & ficando tudo em paz partiose Antonio cozrea caminho Dormuz aos doze dAgosto & não esperou poz Raix xarafo, poz ter grãde receyo que achasse ja ho gouernador partido pera Cambaia porque não leuaua em regimento que esteuesse em Bahare mais que ate vinte cinco de Julho: porque cõpria ao gouernador partir cedo pera Cãbaia/ porque desejaua de fazer a fortaleza em Madre faba antes q̃ de Portugal fosse outro gouernador. E pola pressa q̃ Antonio cozrea teue de sua partida deixou dauer muytos caualos & outras cousas ricas/ que ficarão em poder de Raix xarafo & ele as deixou poz fazer ho que deuia: & hir a tempo ao gouernador que fazia dele muyta conta: de quem foy muyto bem recebido chegãdo a Ormuz. E el rey Dozmuz ho mandou logo visitar dizẽdo que ho não fazia per si poz estar doente de hũa perna. E Antonio cozrea ho foy ver, & ele lhe fez muyta bõrra: & lhe mãdou dar hũ terçado douro/ & hũa adaga/ ambos muyto ricos & hũ caualo selado com hũa sela & goarnição ỏ prata, & peças ỏ brocado & outras peças de seda: & a seu irmão q̃ hia coele outras/ & hũa adaga & terçado ambos ricos: & assi mãdou dar

peças ricas a todos os capitães & fidalgos que forão coele na armada que ho acompanharão/ pedindo a todos muytos perdões de lhes dar tam pouco: porque se fora senhor de todas suas rendas como dantes quelhes pagara os gastos & os trabalhos como merecião. E despois de chegado Antonio correa/ chegou da hi a algũs dias Raix rarafo cõ sua armada, & entrou muyto soberbo por bir com os nossos & suceder a cousa tã bem como sucedeo.

¶ Capit. lxxj. Do conselho que ho pay del rey Ormuz lhe deu q̃ não fizesse treição aos nossos. E de como a treição foy descuberta ao gouernador.

Indo Raix rarafo de Sabarẽ trouue mais ppósito de fazer cõ el rey Ormuz que se leuantasse, porque vinha muyto poderoso de gẽte: que toda a da armada que leuou a Sabarem era sua, & por ser goazil Ormuz & filho de Raix noradim, cuja feitura erão os mais de seus mouradores tomou mor atreuimento pera se leuantar: & por isso falou logo com el rey como chegou: & sabendo que estaua em pposito de se leuantar persuadio ho que permanecesse. E sabendo ho pay del Rey que ele tinha esta determinação como velho/ sabedor & prudente lhe fez hũa fala: em que lhe trouue á memoria os beneficios que recebera Dafonso dalbuquerque ẽ ho liurar do catiueiro de Raix hamet/ & em ho restituir no reyno tẽdo tudo em seu poder: & que sempre ho tratara como a filho, & assi recebera muytas amizades dos nossos: & posto q̃ el Rey de Portugal lhe tomasse sua fazenda não era de modo que lhe não ficasse largamente ho necessario pera seu gasto/ & que pois ele não tinha dãtes mais (porque ho resto se gastaua a võtade do goazil) não lhe desse gastalo el rey de Portugal porque coisso ficaua seguro das treiçoẽs que auia em Ormuz: porque ele não lhe auia de tomar mais que a fazẽda com partir coele, & ho goazil não somente se auia de contentar de lha tomar mas ainda a vida como costumauão: por isso que lhe rogaua que se não leuantasse. E com quanto este conselho era como de pay, persuadio ho mais ho de seu sogro Mouro que que sempre ho matinaua que se leuantasse. E começãdosse isto denar/ Raix de lamixá q̃ sabia parte desta cousa como era grãde amigo de Manuel velho cõ quẽ era cõpanheiro nalfãdega, disselhe hum dia: que Raix noradim seu pay lhe deixara ẽcomẽdado quando morrera que fosse sempre muyto leal aos nossos/ porque eles ho restituirão em sua honrra q̃ lhe Raix hamet tinha vsurpada & ho vingarão dele: & porquelhe ele prometera võ ho fazer assi/ lhe queria descobrir hũa cousa em que hia muyto ao gouernador: & isto fazia porque ho tinha por irmão & queria que ganhasse as aluisaras disso: & descobrio lhe como el Rey tratava de

se leuantar/ & determinaua de mãdar quẽmar a frota do gouernador porque não teuesse em que se acolher: ou deixalo pera despois q̃ se fosse & tomar a nossa fortaleza. E cuidando Manuel velho que daria nisto grande noua ao gouernador/ despois que soube que Miramahmet mozado, & ho Xeque erão os que mais conselhauão el Rey que se leuantasse: rogou a Raix dela mirá que quisesse dizer aquilo ao gouernador/ & ele disse q̃ diria sendo elelingoa (porque sabia bem a Persiana) & dizendo ele que si forãose a casa do gouernador hũ dia pola festa/ õde lhe descobrirão em segredo ho que disse: do que ho gouernador não fez nhũ caso nẽ recebeo coisso nhũa alteração: & Manuel velho dissimulou cõ Raix dela mirá dandolhe muytos agardicimẽtos da parte do gouernador. E ainda sobristo porque pareceo a Manuel velho q̃ ho assessego Dormuz éstaua na morte do Xeque/ & õ Miramahmet mozado/ ofereceose ao gouernador pera os matar secretamẽte quãdo hião de noyte pera casa del Rey/ per hũ lugar secreto que lhe dissera Raix dela mirá/ & ho gouernador não quis. E não abastou este auiso que lhe estes dous derão mas ainda sobristo Raix bamet outro irmão de Raix xarafo disse ao gouernador que se queria ter Ormuz em paz que quando se fosse pera a Jndia não deixasse nele ho xeque sogro del Rey, & ho gouernador atẽtou tão pouco por isso que não lhe perguntou a causa porque ho dizia, nem como ho sabia, nem menos tomou seu conselho: E sobreestelhe deu Frãcisco de sousa tauares outro. Que sabendo ele q̃ Raix xabadim estaua ẽ Ormuz, que dantes se mostraua escandalizado dele mandandoho prender: disse o ao gouernador & que lhe parecia aquilo muyto mal/ & que era pera se entender que el Rey de Ormuz queria ordenar algũa treição/ & por isso ho tinha ali: que deuia dir sobrele & tomalo. E ho gouernador fez sobrisso algũs cõselhos. E acordousse que fosse sobre Ormuz cã & o tomasse: & por derradeiro não quis fazelo por ser muyto confiado. Porem a verdade não se soube saluo que se dizia que estaua muyto descontente por el Rey de Portugal não deixar em seu arbitrio/ & no parecer do conselho da Jndia a maneira de como se auião de poer os nos nossos officiaes nalfandega Dormuz se não taixar logo la tudo: & dizia quel Rey escriuia nauea: & por este desgosto parece que não comprio ele ho regimento del Rey, que era mandarlhe que fizesse em Ormuz duas fortalezas, & recolhesse a elas todos os nossos que morauão fora da fortaleza, onde deixaria oytenta homẽs de cauallo/ & no mar hũa boa armada: porque desta maneira ficarião os mouros enfreados pera se não leuantarem: & de tudo isto ho gouernador não fez cousa nenhũa/ mas ainda ho dinheiro que rendia a alfandega/ que el Rey mandaua que se recolhese em hũ cofre, & que ho tenesse Manuel velho em poder,

bo entregou a el Rey Dormuz & lá estaua: & a frota q̃ deixou a Manuel de sousa tauares capitão mor Dormuz/ foy hũ nauio em que ele andasse/ & hũa caravela de que era capitão Johão de meira, & em hũa galeota Francisco de sousa bobrauo, & em hũa fusta Fernão dalvarez vega, & em todas tam pouca gente que não era nada: bo que vendo bo capitão da fortaleza dõ Garcia coutinbo lhe pedio & requereo que lhe deixasse mais gente, & que olhasse como ficaua a terra bolida: & ele lhe deu então trezentos homẽs. E dizendo dom Garcia que era pouca gente/ dixelhe bo gouernador que deixasse a fortaleza & que a daria aquem a defendesse com aquela gente.

¶ Capit. lxxij. De como bo gouernador mudou bo conselbo que tinha de fazer fortaleza em Madre faba/ & a começou em Chaul.

Tirando bo gouernador Ormuz tambem apercebido pera bo grande perigo em que ficaua/ apercebeo sua partida pera a India. E dissimulando el rey Dormuz a treição que queria fazer/ rogoulhe que deixasse algum nauio pera lhe leuar hũ embaixador que queria mandar a el Rey de Portugal, & assi hũa tenda rica & outras peças que lhe queria mandar de presente: que fingio que sestauão fazendo. E bo gouernador deixou a Pero da silua de meneses capitão de hũa nao q̃ leuasse este embaixador: & isto feito partiose na fim de Setembro/ com fundamento de fazer hũa fortaleza no rio de Madre faba/ & pera isso leuaua a nao Serra de que hia por capitão Aires correa/ carregada de petrechos & munições necessarias & algũs rumes catiuos, pera ajudarem ao trabalho. E chegando a ponta de Diu que não achou Diogo fernandez de beja com sua armada/ ficou espantado de bo não achar polo que lhe tinha mandado: & parecendolhe que seria a correr a costa foy surgir na barra de Diu. Mo que logo Meliquiaz soube/ & como tambem sabia que dom Duarte de meneses era chegado pera gouernar a India/ mandouho dizer ao gouernador com tenção: que se hia pera lhe fazer guerra que lha não fizesse: Porem bo gouernador não lhe respondeo nada/ & deixouse estar. Mo que vendo Meliqueaz mandou logo muyta gente a Madre faba, receando que bo gouernador quisesse ir lá fazer fortaleza como tinha sabido polos nossos/ que tomarão bo nauio de Gaspar doutel: & assi mandou meter mais gente & artelharia nas fustas que estauam a vista do gouernador. Que estando assi surto os Rumes catiuos que estauão na nao Serra quisserão antes morrer que viuer catiuos, & por isso buscarão maneira pera poerem fogo em hum paiol ondestaua poluora em que se

ascendeo de maneira que nunca lhe poderão valer que não ardesse a nao & quasi quantos estauão nela, & foy se ao fundo. E ficando ho gouernador muyto agastado poz este desastre: & poz se perder ê os pertrechos & munições pera fazer ali a fortaleza, & lhe serem necessarios outros/ & os não ter/ & lhe parecer que os teria em Chaul: determinou de ir lá fazer a fortaleza, & poz isso se foy pera lá, & na foz do rio achou Diogo fernãdez de beja, que lhe conton como lhe os mouros meterão no fundo ho nauio de Gaspar doutel & desbaratarão a elle & aos outros capitães: & como Meliquiaz tinha fortalecido Madre faba, porque não podesse fazer lá fortaleza: polo que se eletirou daquela determinação: & assentou de a fazer em Chaul, sobre o que tinha mandado Fernão camelo ao Mirza maluco. E esta fortaleza fez poz fazer algũa cousa/ que lea chaua cozrido de não ter feito nada, & da pouca segurança que deixaua em Ormuz/ do que ele andaua assaz descontente, & assi ho dezia. E porque as naos em que ãdauão Lopo de azeuedo & Christouão de saa erão da carreira mandou os daqui pera Cochim/ & ele entrou pera dẽtro do rio, & foy surgir com toda a armada diante de Chaul/ onde achou Fernão camelo com reposta ó Mizamaluco/ que dauа licença pera se fazer a fortaleza/ com condição que lhe mandasse ali vender cada anno quatrocentos cauallos Arabios. E com tudo pesaua lhe muyto de se fazer segundo ho gouernador foy auisado: & poz isso se conformou logo ho gouernador com Mamonacodá hum mouro honrado natural da terra/ & muyto principal nela: & ho peitou tanto que lhe deu maneira como ouuesse pedra & fizesse cal, pera fazer a fortaleza: & assi lhe desse madeira & outros materiais necessarios para ela. E pera se fazer este concerto hia ho gouernador cada dia a terra/ & de noyte tornaua a dormir a frota: & neste tempo mandou fazer hũa tranqueira bem fortalecida dartelharia pera se defender se viessem imigos/ em quanto fazia a fortaleza: & isso porque teue poz nova certa que Meliqueaz se vinha a Baçaim pera ver se lhe podia impedir que não fizesse fortaleza/ porque lhe pesaua muyto de a ter tam vizinha de Diu: & porem despois se soube que Meliqueaz não era ho que hia a Baçaim, se não Bagamahmut poz seu mandado/ & que leuaua todas as fustas: & poz isso ho gouernador se fortalecia, & de dia estaua em terra dando ordem aos que tiranão a pedra & fazião a cal, & de noite hia dormir á frota/ & a gente comũ ficaua em terra.

¶ Capitulo. lxxiij. De como dom Aleyro de Meneses chegou a Chaul, & de como Bagamahmut capitão de Meliquiaz correo per mar aos nossos

Este tempo chegou dom Aleixo de meneses a Chaul, & cõtou ao gouernador como era chegado dom Duarte de meneses por gouernador. E com tudo se deixou estar ate ser feita algũa parte da fortaleza: & auendo algũs dias que dom Aleixo era chegado, se leuantou supitamente hũ grande rumor antre a gente da terra, dizendo que vinha Meliqueaz. E como os nossos ho ouuissem foy tamanho ho medo em algũs, que se embarcarão logo sem mais esperar: & outros dezião ao gouernador que se embarcasse, porque Meliquiaz trazia mugto grãde armada & muyta gente, & se ho esperassem em terra que os mozadores dela se ajuntarião coele & os tratarião muito mal E ho gouernador não quis tomar tal conselho: antes acodio aos que se embarcauão, pelejando coeles õ palaura porq̃ se embarcauã sem seu mãdado deteueos. E nisto veo ter coele Antonio cozrea, q̃ com q̃nto ouuio ho rumor que hia, não deixou douuir hũa missa que estaua ouuindo: & acabada foy ajudar ao gouernador a deter os que se embarcauão, que era sem causa, porque ha gamahmut era o que vinha, & não Meliqueaz: & este ainda longe, & trazia sua armada. E sabendo ho gouernador a verdade, mandou a dõ Aleixo que saisse ao mar, a pelejar com os imigos, & que fosse em sam Dinis, & que ho acompanhassem outros dous galeões & a caruela de Manuel de macedo, & as tres galés: em que por trazerem pouca gẽte mandou ho gouernador meter algũa de sua armada, o que todos fazião de maa vontade, assi fidalgos como dos outros: & a rezão disso era por andarem descontentes do gouernador, & por verem que aquilo não era peleja em que se ganhasse honrra, por ser de perigo sem se ninguem poder aproueitar de suas forças. E com tudo Francisco de sousa tauares se embarcou na galé de Francisco de mendoça: & indo dõ Aleixo polo rio abaixo acalmoulhe ho vento & não pode sayr dele, & virão os nossos que andauão os imigos ás bombardadas com hũa nao nossa: & esta era de Pero da silua de meneses, que vinha Dormuz onde ficara esperando polo embaixador & presente que el rey de Ormuz dizia que auia de mandar a el Rey de Portugal: & vendo Pero da silua que tudo erão dilações: não quis mais esperar & partiose: & indo pera entrar no rio de Chaul topou os imimigos que andauão nas fustas que ho cercarão logo, tirandolhe muytas bombardadas: & como os nossos vinhão desapercebidos não poderão aproueitarse de sua artelharia. E por a nao ser podre, & as bombardadas dos imimigos muytas, meterãna no fundo: & ho capitão com os mais q̃ vinhão nela forão afogados: & algũs que ficarão sobela agoa forão tomados E antes da nao ser metida no fũdo quiseralhe dõ Aleixo socorrer por estar a vista: & mandou ás gales q̃ socorresse a remo, o q̃ elas fizerã, & ao sair da barra, como ja a nao era me

tida no fundo chegarão as fustas/ & meterãose coele ás bõbardadas tam risjo que os fizerão deter: & na galé de dõ Jorge matarão tres homẽs cõ hũ tiro & assombrarão muytos. E assi esteuerão ate a tarde que dom Aleyxo saya o foz: mas como o vento era contrairo foy lhe forçado surgir na costa, & poz isso não pode chegar ás fustas que staũão a sua vista: de q̃ aquela noite fugio hũ dos nossos q̃ foz a catiuo na nao de Pero da silua, que contou a dõ Aleixo o que lhe acõtecera. E como foy manhaã os nossos se fizerão á vela pera pelejar com os imigos, que como os virão ir juntos em corpo, & q̃ as galés & bateis ficauã coeles ela poz ela: & cuydando que saisse toda a outra que sabião que staua dentro: retiraraãse contra Baçaim/ dõde tornarão dali a dous dias, estando dz foz da foz Andre de sousa dando goarda a hũ nauio nosso que estaua esperando pera entrar com a mare: & Andre de sousa ho goardaua, poz que em quanto ali esteuesse não viessem os imigos & ho metessem no fũdo/ como fizerão a Pero da silua. E sintindo dom Aleixo q̃ estaua ainda no rio a vinda dos imigos: temẽdo que tratassem mal Andre de sousa sayo foz cõ sua armada: & vendo quã pouca era pelejarão coela ás bõbardadas: no q̃ se deterião bẽ tres horas: & morrerã algũs dos nossos na galé Andre de sousa: & Nagamahmut ficou muy soberbo de se ter tãto cõ os nossos: & poz ver que não saya a outra armada a pelejar coele/ que cuidaua q̃ lhe auia medo.

Capi. lxxiiij. De como os nossos pelejarão algũas vezes com Nagamahmut: & de como ho gouernador determinou de se partir pera Cochim.

Poz se ho gouernador recear q̃ os imigos saissem na ponta da barra/ onde andauão os canoueyros tirando pedra pera a fortaleza/ mandou a Francisco de mendoça que na sua galé se pegasse com terra, & impedisse que não sayssem os imigos em terra: & dom Aleyxo com a outra armada lhe ficasse á vista dẽtro no rio. E logo ao outro dia que isto foy feito em começãdo a viração q̃ seria as dez horas do dia/ foy Nagamahmut cometer Francisco de mendoça/ estando dom Aleixo com os outros capitães a tiro de falcão & a vista: mas poz amoz da viração que era poz dauãte lhe não pode socorrer: & com tudo mandoulhe ajudar cõ a artelharia, que os imigos tinhão em muyto pouca conta que lhe não fazião nenhũ danno poz as fustas serem rasteiras & ela tirar de longe. E como Nagamahmut sabia que dom Aleyxo não podia acodir a Francisco de mendoça/ poz amoz da viração que lhe era contraira, apertauao muyto pera ho abolroar: o que vendo seu comitre disselhe q̃ arribassem poz que doutra maneira não se podião saluar: & poz que lhe tinhão ja quebrada a estanteirola/ & desgoarnecida muyta parte das obras mortas. E com tudo Fraciscõ de mendoça poz que não parecesse q̃

fugia não quis arribar dando vela, mas mandãdo arriar a amarra mãdousse alar por ela: & chegousse pera a nossa frota & ela parele, que a nossa artelharia bo pode ajudar & nem por isso os imigos se deixarão de chegar auante/ & tornarão a jugar as bõbardadas muy forte mente/ & durarão nisto bem quatro oras de relogio: & ficãdo muytos mortos na gale de Francisco de mendoça/ & tres na de dõ Jorge de meneses. Foysse Nagamahmut muyto contente/ posto que com muytas fustas desaparelhadas. E dom Aleixo se deixou ficar porque não parecesse q̃ se recolhia com medo dele: q̃ assi bo cuidarã os da terra/ por terem para si que os imigos podião mais que os nossos & por isso se deixou ficar: & assi bo mandou dizer ao gouernador. E posse na boca da barra onde steue dous dias esperando por Nagamahmut queStaua nos Ilbeos de Chaul dali a bũa legoa concertando suas fustas. E vendo dõ Aleixo que não bia foyo buscar leuando as tres gales, & a caruela de Manuel d macedo/ & bũa fusta & bo batel de são Vinis com bũ tiro grosso/ & bia nele Francisco de sousa tauares, & dom Aleixo bia na gale de dom Jorge de meneses. E sabẽdo Nagamahmut como dõ Aleixo bo bia buscar, auendo a quilo por quebra de sua honrra: & que perderia a gente da terra bo credito que tinba nele de poder mais q̃ os nossos, vendo que bo bião buscar: sayo a receber dom Aleixo/ & com eteo os nossos pozem não com a furia q̃ acostumaua. E começouse antreles bũ jogo de bombardadas, de que muytos dos remeiros dos imigos forão feridos, & dos nossos algũs. E vendo Nagamahmut bir a couSa daquela maneira como ventou a viração/ mandou surgir sua frota a balrrauẽto da nossa: que tambem surgio por que por bo vento ser por dauante não se podião chegar aos imigos: & assi esteuerão toda a noyte seguinte. E ao outro dia tornou dom Aleixo a pelejar com os imigos/ & jugarão as bombardadas ate que veyo a viração que os estorvou: & então se tornou dom Aleixo a boca da barra/ esperando que tornasse Nagamahmut como tornou: & dõ Aleixo lbe sayo: & despois de jugarem as bõbardadas se tornou a boca da barra: & por espaço d vinte dias tenerão este trabalbo/ sem se fazer de bũa parte nem da outra nbũa couSa notauel/ se não desaparelbarense bũs aos outros com a artelbaria: & matarense remeiros bũs aos outros. E neste tẽpo mãdou bo gouernador fazer em bũa das pontas da barra da banda do sul bũ repairo a maneira de baluarte com cestos cheos de terra em que mãdou assentar algũa artelbaria/ pera que tirasse aos imigos quando fossem cometer dom Aleixo: pera q̃ bo escusasse d pelejar cõ ele/ & tirar os nossos de perigo & trabalbo. E bo cõselbo d fazer este baluarte lbe dũ bũ caualeiro cbamado Pero vaz por mão bomẽ d bõ esforço sabedor da guerra por acostumar muito tẽpo em Italia õde

andara. E ho gouernador lhe deu a capitania desta estácia de que fazia tirar aos immigos quádo vinhão/ que por isso não tornarão dali por diante tão amiude/ porque a artelharia lhes fazia dano. E com tudo Pero vaz hia dormir de noyte á frota porque os immigos ho não tomassẽ, & deixaua a artelharia só. E que foy dito ao gouernador, & q̃ proueesse naquilo porq̃ os mouros não fossem de noyte tomar aquela artelharia. E ele respondeo/ que como a auião os mouros ô tomar. E sendo ja na fim Doutubro mandou Sõçalo de loule na sua caraela cõ recado a el rey de Portugal do que fizera em Ormuz, & como fazia aq̃la fortaleza: posto que mal dizẽtes disserão que mandaua nela muyto dinheiro/ porque lho não tomassem quando chegasse a Portugal, & por dissimular a mandaua com aquele recado. E fazẽdo ele aq̃la fortaleza, punha grande diligencia por se acabar cõ quanto Nagamahmut não deixaua ô lhe correr muytas vezes: & como ho gouernador não tinha mais que vinte pipas de polvora quádo se começara esta guerra/ hia selhe acabando quãto podia/ & não lhe vinha outra que mandara buscar a Goa, porque ja ho não tinhão por gouernador/ & esperauão cada dia por dom Luys de meneses capitão moor do mar pera quem a goardauão. E vendo ho gouernador q̃ lha não mandauão: & que se a que tinha se gastasse como se gastaua/ que se gastaria de todo/ & gastandose seria forçado arribar com toda a frota & deixar a fortaleza porq̃ os nossos não terião com que se defender dos immigos/ o que seria grande perda do seruiço del rey seu senhor & abatimento de sua honrra: pelo q̃ determinou de os nossos não sayrẽ mais a pelejar com os immigos, somente que os enxotassem da estancia que digo. E que se acordou em conselho, & assi se fez dali por diãte/ & se ouue algũa peleja foy pouca cousa: & a estancia se fortificou mais & poserão nela quinze dos nossos que a defendessem com Pero vaz. E como não ouuesse polvora mais que pera a defensão/ & a torre da menajem da fortaleza esteuesse no primeiro sobrado/ posto que ainda não auia muro se não a tranqueira: determinou de se hir pera Cochim, porque selhe chegaua ho tempo da partida pera Portugal: & auia de leuar consigo Antonio correa/ & dom Aleixo. E determinando isto deu a capitania da fortaleza a Anrique de meneses/ & a capitania mor da mar a Diogo fernandez de beja, por consentimento dos fidalgos capitaẽs das gales/ que auião de ficar debaixo da sua capitania: & Antonio correa ho soube deles desimuladamente/ por mandado do gouernador que receaua q̃ não quisessem: & por isso não ousaua de lhe dar a capitania mor: & deixoulhe a nao Frol da rosa pera em que andasse, & Santa cruz que era velha/ & as tres gales em que ficarão por capitaẽs aqueles q̃ dãdauão dãtes: & hũa fusta & a caravela ô Manuel ô macedo: & leuou a outra frota ô velas grossas & ele em sam Dinis: cuja capitania deu a Frãcisca de sousa tauares.

¶ Cap. lxxv. De como despois de os imigos desbaratarem Andre de sousa chichorro/ pelejarão com Diogo fernandez de beja & ho matarão. E de como ho gouernador deu a capitania do mar a Antonio correa & se foy pera Cochim.

ESTando Diogo fernãdez ó foza da barra surto com sua armada, saio ho gouernador com a de sua conserua, & sorgio a oras do sol posto pera esperar ho terrenho com que auia ó fazer sua viajem. E nisto andaua Pagamabmut ba vista com sua armada/ q̃ nunca dali saya goardãdo a barra que não entrasse nhũ nauio nosso: & em quanto ali andarão tomarão algũs por força em tempo que lhe os nossos não poderão acodir. E vendo os imigos ho gouernador surto porque fazia calma, & os seus nauios que erão grossos não se podião ajudar: começarão de ho rodear a remo fazendolhe sobrançaria como quem tinha ho tempo por si/ com ho que se Diogo fernãdez agastou muyto: porq̃ a sua nao em que tinha toda sua fazenda estaua dentro no rio onde receaua que entrassẽ os imigos/ & lha metessẽ no fũdo como acostumauão: & por isso mandou pera a boca da barra Andre ó sousa chichorro na sua gale que goardasse se os imigos quisessem entrar. E ele ho fez assi: & surgio na boca da barra ẽ se çarrãdo a noite. Pagamabmut como ho vio surto foy logo sobrele cõ trinta fustas/ & derãolhe tanta bõbardada toda a noyte que lhe desaparelharão a gale: & despois que foy de dia lhe matarão serebomẽs & a leyjarão ẽ hũ braço Aleixo de sousa chichorro seu irmão/ & tinhãno abalrroado pera ho entrar. E estãdo neste aperto socorreo dom Jorge de meneses que estaua mais perto & tinha a gale mais remeira que as outras, & no meio do caminho tirou hũ tiro por final que hia: cõ que se os de Andre de sousa esforçarão tanto q̃ cobrarão nouas forças pera resistir aos imigos/ que os não entrassem: que sentindo ho socorro que vinha se ajuntarão todos de popa da gale. Ho que vẽdo dom Jorge mandoulhes tirar cõ hũ tiro grosso de proa, que dando por antre as fustas dos imigos arrombou algũas: do que auẽdo as outras medo se afastarão por mais q̃ lhe Pagamabmut bradou q̃ ho não fizessem: & achando ho Jorge lugar por onde ẽtrasse abalrroou com Andre de sousa tirando os nossos muytas espingardadas & setadas: & como as duas gales se ajuntarão começouse hũa grãde pesa cõ os imigos/ que se afastarão ó todo por sobre vir Diogo fernandez na gale de Francisco de mendoça: & leuaua tres bateis armados & hũ esquife & cõ sua vinda fugirão os imigos que nunca os Pagamabmut pode ter: & tãbẽ lhes matarão gẽte & arrõbarão fustas: & Diogo fernãdez ẽtrou na gale Dãdre ó sousa & vẽdo quã desbaratada estaua mandoulhe q̃ se fosse mostrar

ao gouernador que estaua surto ao mar/ & ele com dom Jorge ficarão goardando a barra: & Diogo fernãdez se passou ã galé de dom Jorge. E ao outro dia em amanhecendo estãdo as galés afastadas por espaço de mea legoa hũa da outra veyo Pagamabmut com sua armada, q̃ era de trinta fustas, & achando menos a galé Dandre de sousa/ creo q̃ de ficar ao outro dia de todo destroçada não estaua ali. E como as outras galés não erão mais de duas não as teue em conta ainda que ho gouernador estaua a vista por estar amarrado & ventar terrenho que sabia que lhe auia dimpedir que não podesse socorrer as galés: & por isto determinou de tomar a de dõ Jorge que estaua na diãteira/ & foy ho cometer a remos dizendo aos seus sua determinação/ mandandolhes que trabalhassem por lhe quebrar ho masto & os remos porq̃ lhe não fugisse. E eles trabalharão por isso despois que chegarão a ela que foy em saindo ho sol, & cercandoa por proa começasse hũ muy brauo jogo de bombardadas dũa parte & outra/ & a fumaça era tamanha que nem bũs nem outros parecião. E os nossos que estauão nos bateys em vez da judarem dõ Jorge & Diogo fernandez acolberansecom medo detras da popa da galé porque os não pescasse a artelharia dos imigos: no que Diogo fernandez nã atẽtou por a grande ocupação q̃ ele & dom Jorge trazião em fazerẽ jugar a sua artelharia porque os não aferrasse os imigos, q̃ trabalhauã quanto podião por lhes: chegar despois de lhe furarem ho masto por duas partes / & quebrada a móz parte dos remos: & arrombada a galé polo costado em sete ou oyto partes. E que vendo ho comitre dando a galé por despachada se ali mais esteuesse quis cear coela: & assi ho disse a Diogo fernãdez & a dom Jorge: dizendo que ali estauão na dianteira, & toda a furia da artelharia dos immigos quebraua neles/ & que ceando se meterião antre os bateys, & a outra galé & ficarião em renque, & assi se reparterião os pelouros dos immigos por bũs & polos outros/ & não receberião tanto dãno. E que parecendo bem a Diogo fernandez mandaua como capitão móz que se fizesse: porem dom Jorge foy á mão ao comitre, dizendo que como se auião de cear se tinhão a móz parte dos remos quebrados, & ho não auião de poder fazer: antes sem necessidade mostrarião aos immigos ho dãno que tinhão recebido, & que por isso lhe fugião. E os immigos crendo ser assi os seguirião sem nenhũ medo & os aferrarião/ & tanto ganharião de se cear, & arrancando hũa espada disse ao comitre que ho não ceasse ninguem / ou que lhe cortaria a cabeça com aquela espada, se não que remassem auante / & mostrassem aos immigos que desejauão de lhe chegar/ pera q̃ lhe quebrassem a soberba q̃ tinhão/ & q̃ leuassẽ diãte os bateys q̃ os auião muyto de judar. E q̃ pareceo bẽ a Diogo fernãdez & lhe louuou seu conselho. E porque soube que os bateis estauão acolhidos detras da popa

da gale passouse la pa os fazer pas
sar auante/ & estando sobre a posti
ça chamãdolhes judeus rapazes
porque fazião de vagar ho q̃ lhes
mandaua. Sobreuem nesta cõjun
ção/ hũ pelouro da parte dos imi
gos: & deu em hũ pião dũ falcão/
donde reuatando foy dar a Diо
go fernandez em hũa ilbarga/ &
meteolhe as armas por dentro da
carne: & deu coele no chão morto.
E porque a gente não desmayasse
com sua morte, ãtes que ho vissem
ho mandou emburilbar em hũa
mãta dum remeiro: & assi ficou sua
morte atabafada, que a não soube
rão mais que algũs q̃ ali estauão,
que dom Jorge esforçou. E traba
lhauão por se defender com a arte
lharia/ que todos erão ja bombar
deiros, por ser morto ho condes
tabre & outros muytos. E não a
uia quem mandasse a gale por ho
comitre estar ferido, & quasi que
não auia nhũ que ho não fosse: ou
de bombardadas ou ỹ frecbadas.
Ho que vendo os remeiros da ga
le dando a por desbaratada, como
erão gentios & mouros, & querião
mal aos nossos por os trazerem
catiuos quiseranse leuantar: & di
zendo aos imigos que estauão per
to ho estado dos nossos, chama
uãnos que fossem tomar a gale. E
dom Jorge que os entendeo/ leua
da espada & ferio sete ou oyto deles:
de modo que os outros com medo
estenerão quedos. E porque não
auia quem mandasse a gale/ man
dou dom Jorge a hũ remeiro mou
ro que sabia disso que a mandasse,
& que lhe daua liberdade: & lhe fa
ria merce/ & ho mesmo fez a dez ou
doze Christãos q̃ trazia degrada
dos porque ho ajudassem a pele
jar: & assi ho fizerão. E animando
se os nossos coeste refresco torna
rão a pelejar de nouo. E prouue a
nosso senhor q̃ vendoos os imigos
assi tornar como quer q̃ os tinhão
por tomados/ enfraquecerão/ de
maneira que se afastarão/ & mais
polo dano que recebião dos nos
sos. E vendo os dom Jorge afas
tar por lhes amostrar que estaua a
sua gẽte esforçada: & assi por amor
da gente da terra q̃ stauа na praya
vendo a peleja, meteose na sua bar
queta coesses que couberão & foy
apos eles hũ pouco: sendo ja meo
dia/ que tanto durou a peleja. E
os da terra estauão muy espanta
dos de os nossos se liurarem dos
imigos/ & muyto mais de se eles
afastarem sendo tantos. E torna
do dom Jorge a gale mandou a sor
gir, & embandeirar com muyta fes
ta porque cressem os mouros que
ficara a vitoria coele & lhes q̃brar
os corações: & esteue surto ate ho
ras de vespera que veo a viração:
que se foy pera ho gouernador, &
contoulhe ho que passaua. E auen
do de leuar ho corpo de Diogo fer
nandez a soterrar a terra/ foy des
armado passadas quatro horas que
era morto: & acharão que lhe não
saira nenhũ sangue. E tirãdolhe
hũa Cruz que tinha ao pescoço
lhe começou de gotejar pelos na
rizes, pelo que pareceo q̃ na Cruz
estaua a virtude ỹ lhe não sair san
gue, & porque pola morte de Dio
go fernandez era necessario deter-

se ho gouernador algũs dias mandou dom Aleixo pera Cochim na caruela de Manuel de macedo: & sentio tanto a morte de Diogo fernandez pola afronta que os nossos receberão q̃ desejou de a vingar/ & esteue com determinação de ficar na Jndia aquele anno por amor de a vingar, & não lhe dera ficar na Jndia com outro gouernador: porque tinha hũa carta del Rey de Portugal, em que lhe daua poder que sendo caso que ficasse na Jndia cõ outro gouernador, que inuernasse em Cananor com trezentos homens: em que ho gouernador não entenderia: porem não quis por algũs respeitos. E cõcertadas as galés/ & feyta algũa poluora que se fez em pilões deu a capitania mór da armada que ficaua de Chaul a Antonio correa ate que chegasse dom Luys de meneses/ & deulhe ho galeão sam Jorge pera andar nele: & mandoulhe que fizesse hũ baluarte na outra ponta da barra da banda do norte/ pera que defendesse a entrada aos imigos: & porque ele tinha pouca poluora recolhesse a armada pera antre ãbos os baluartes, & dali pelejasse coeles. E dado este regimento partiose pera Cochim hũa quinta feyra vinte sete de Dezẽbro, & em Dabul topou dom Luys de meneses que hia pera Chaul: & prosseguindo daqui sua viagem foy ter a Cochim/ onde dom Duarte estaua apousentado na fortaleza: & por que ele sabia que ho gouernador ho auia de ser ate se ẽbarcar pera Portugal por prouisam del rey, & sendo gouernador auia de pousar na fortaleza, lhe mandou dizer como chegou que lha despejaria se quisesse pousar nela. E ele não os quis, & pousou em casa de Diogo pereyra ate se embarcar.

¶ Capit. lxxvj. De como Jorge dalbuquerque que capitão de Malaca & Antonio d̃ brito forão sobre el rey de Sintão/ & do que lhes aconteceo.

Etido Jorge dalbuq̃rque de posse da fortaleza de Malaca vendo ho tẽpo desposto pa se vingar do rey de Sitão & ho destruyr determinou de ho fazer antes que Antonio de brito se partisse pera Maluco/ porque com a gẽte de sua armada/ & a que tinha da ordenança de Malaca era assaz pera por em effeyto sua determinação por mais forte que Sintão esteuesse. E com tudo enformouse de sua disposição & sitio: que era per esta maneyra. He hũa ilha pto da terra firme, terra baixa & despesso aruoredo alto & grosso regado de muytas ribeyras pequenas. A pouoação que he grãde se chama Sintão que quer dizer estrela. Está situada ao lõgo do rio ou braço do mar que cerca a ilha: he de casas terreas cubertas dola/ saluo as del rey que estão em hũ alto. Da cidade atrauessa hũa ponte de madeira pera a terra firme, & dãte dela se faz ho porto a que entrão por hũ canal. Nesta ilha fez seu assento el rey q̃ foy de Malaca despois que foy deitado do Pago tomãdoa a hũ mouro malayo seu vassalo

que era senhor dela, & fortificou a gran demente: fazendo no canal algũs arrecifes com muytas pedras que hi mandou deitar, & assi meter muytas estacas de paos muyto cõpridos & grossos que fazião a passagem por ali muy difficultosa & perigosa ẽ estremo/ & os nauios auião dir muyto de vagar por ser em voltas, & ficauão descubertos a muyta artelharia que estaua em terra ao lõgo em hũa tranqueyra fortissima q̃ cercaua a cidade toda em redondo feyta dũs paos de hũas vigas que naquela terra chamão paos ferro: porque tẽ sua natureza em serẽ tão duros que não apodrecem nagoa/ & era de duas faces & entulhada cõ seus baluartes da mesma madeira: de modo que era tão forte ou mais que hũa de pedra. E alem disto a terra da banda do sertão era tudo vasa de boa altura: & õ tudo isto foy auisado Jorge dalbuquerque/ & porẽ que se podia sobir pola tranqueira sem escadas. E como este era o principal ponto de que se ele esperaua vaiudar pera tomar aquela forçа/ assentou de todo de ir sobrela/ porque desfazendose ficaua el rey tambem desfeyto pera não poder fazer guerra a Malaca ao menos tão cedo. E praticado isto cõ Garcia de sá, Antonio õ brito & outros capitães & fidalgos: foy acordado per todos que compria muyto ao seruiço del rey de Portugal fazerse aquela viagem/ que começarão no mes Doutubro de mil & quinhẽtos & vinte hũ/ & forão bem seys cẽtos Portugueses embarcados em nauios nossos & lancharas/ de que a fora Jorge dalbuquerque forão capitães Antonio de brito & os da sua armada/ Garcia de sá, Anrriq̃leme cunhado de Jorge dalbuquerque/ Manuel de berredo, dõ Garcia anrriquez/ Duarte coelho & outros fidalgos & caualeyros a q̃ não pude saber os nomes. E chegado Jorge dalbuquerq̃ á barra de Bintão surgio com toda a frota: & auido conselho sobre a maneyra que teria pera dar na cidade, acordouse q̃ a não cometesse pelo canal do porto pola difficuldade & perigo que auia em ir por ele: & tambem por estar no porto a armada del rey de Bintão: mas que cometesse por hũ baluarte da tranqueyra que estaua da mão dereyta afastado do porto por hum pequeno espaço/ porque por terra lhe faria menos nojo a artelharia q̃ por mar. Isto determinado que foy hũ dia atarde, encomendaranse todos a nosso senhor aãla noyte por ser ho feyto muy perigoso/ & manhaã clara desembarcarão leuãdo Garcia de sá a diantejra com Antonio de brito, & em poyando em terra foy medonha cousa de ver a multidão das bombardadas & espingardadas sem conto que despararão os imigos: esforçados por Laquexmena hũ valentissimo mouro parente del rey de Bintão & seu almirante do mar/ & muyto espremẽtado & sabedor na guerra/ & por isso lhe el rey encomẽdou a defensam daquele baluarte, em que os imigos virão que os Portugueses encarauão, a que ele logo acodio com bem quatro mil homẽs muytos de les espingardeiros & os outros fre

cheiros de arco ꝛ zarauatana: ꝛ dou
tras armas diuersas com q̃ tirauã
aos nossos em roda viua: porq̃ em
quanto os Portugueses desembar
carão/ nunca ho ár esteue desocupa
do de tiros de todos estes artificios
que digo: em tãto q̃ em hũ momẽto
cairão mortos dos Portugueses al
gũs vinte: ꝛ forão feridos mais de
setenta. E hũ destes foy Garcia de
sá, que passando auãte por antre tã
tos pelouros de bõbardas ꝛ espin
gardadas chegou cõ algũs de sua
cõpanhia ao baluarte: porq̃ os ma
is como digo forão derribados, fe
ridos ꝛ mortos. E Garcia de sa a
chou ho baluarte de tal modo q̃ nũ
ca pode sobir por ele: como fizerão
crer a Jorge dalbuquerque q̃ se po
dia sobir sem escadas. E ꝑa lhe não
ficar nada por fazer do q̃ ho obriga
ua ho muyto esforço que tinha, mã
dou a dous criados seus que ho a
judassem a sobir/ o que eles fizerão
cõ grãde valẽtia, sem temor de infi
nitas lançadas que os mouros lhe
arremessauão: ꝛ de hũa foy Garcia
de sa ferido em hũa perna tã braua
mente q̃ cayo: ꝛ os mesmos criados
ho tomarão ꝛ leuarão a embarcar.
E assi foy ferido hũ dõ esteuão d̃ ca
stro de hũa bõbardada em hũa per
na: ꝛ leuãdoo hũ seu criado lhe deu
outra bõbardada na cabeça q̃ ho a
cabou de matar. E foy tambẽ aqui
morto hũ fidalgo chamado Jorge
de melo: ꝛ outros a que não pude sa
ber os nomes. E vendo Jorge dal
buquerque tamanho destroço em
tã breue tempo, conheceo ho erro q̃
fez em se crer no q̃ lhe disserão/ q̃ se
podia sobir a trãqueira sem escadas
ꝛ q̃ não acertara em as não trazer.
E assi em pẽpos em conselho cõ al
gũs capitães ꝛ fidalgos que seria bõ
recolherse/ porq̃ não auia de fazer
mais que matarẽlhe ꝛ ferirẽlhe q̃n
tos leuaua: ꝛ recolheose cõ a perda
que digo: de que os mouros ficarã
muyto soberbos, ꝛ tomarão ousa
dia pera fazerẽ tãta guerra a Jorge
dalbuq̃rq̃ como lhe d̃spois fizerão.

¶ Capit. lxxvij. De como Antonio de brito se partio pera a ilha da Jaoa.

Despois d̃ste desbara
to recolhidos todos
á frota forãse á ilha d̃
Cincapura: ꝛ ali se es
pedio Antonio de bri
to d̃ Jorge dalbuq̃rq̃
ꝛ com sua armada de seys nauios se
guio sua rota pera a ilha da Jaoa/
cujo sitio ꝛ fertilidade disse no liuro
terceiro, õde foy tomar porto na ci
dade Dagacim: com determinação
de tomar mantimẽtos, porq̃ estaua
de paz cõ os Portugueses, do tẽpo
de Afonso dalbuquerq̃: ꝛ despois d̃
os ter tomados mandou ho seu ba
tel a buscar agoa a ilha da madura,
quasi pegada com a da Jaoa: ꝛ cuy
dando os que hião no batel q̃ sayão
ẽ terra de seus amigos sayrão muy
to seguros: ꝛ como os da terra os vi
rão descuydados creceolhes a cobi
ça d̃ lhes fazerẽ mal por a pouca fir
meza de sua amizade: ꝛ derão sobre
les tão de supito q̃ os catiuarão: ꝛ
tomarãlhes ho batel cõ hũs berços
q̃ leuaua: ꝛ Antonio de brito cõ quã
to req̃reo q̃ lhos dessem pois tinhã
paz cõ os portugueses nunca os po

de auer senão por resgate. E aqui ficou nesta ilha ate homes de Janeiro seguinte esperando mouçāo pera a ilha de Banda/ donde auia de partir pera Maluco como direy adiante no liuro sexto.

¶ Capitu. lxxviij. Decomo Jorge dalbuquerq̄ se tornou pera Malaca: & cō como Laquexymena lhe começou de fazer guerra.

VEndo el rey de Bintão quão mal se ouuerão os portugueses naquele feito, & camanho desarrājo aquele forta/ teueos em muyto pouco, & tanto q̄ Jorge dalbuquerq̄ se desamarrou do porto pera Malaca mandou a pos ele Laquexymena cō obra de vinte lācharas darmada bē fornecidas de gēte & artelharia/ q̄ o hia esbōbardeando. & Jorge dalbuquerq̄ voltou algūas vezes sobrele pera o abalroar: pozē ele se goardaua disso/ que não era seu fundamento senão perseguilo & tomarlhe algū nauio se lho achasse desmandado. E assi foy ate Malaca/ onde se Jorge dalbuquerque recolheo: & Laquexymena ficou no mar por onde andou dissimulando sem querer pelejar cō a nossa armada, posto q̄ lhe sayo por vezes, ate que vendo tēpo entrou no porto/ & queimou dous jungos de mercadores carregados. E tornandose recolher acodio hū Gil simões capitão de hū bargantim cō certas velas q̄ estauão prestes, & foy a pos eles. E vendo ele q̄ não erão mais de cinco ou seys, esperou as/ porq̄ vio q̄ podia ali fazer presa. E gil simões ou ō muito esforçado, ou por apagar a fama q̄ tinha de couardo/ segundo se despois disse/ vendoo esperar adiantouse dos outros: & foy abolroar coele: & como os mouros erão muyto mais q̄ os q̄ hiāo coele na lanchara foy deles entrado/ & morto com todos os cōpanheiros despois de pelejarē muy esforçadamente & venderem bē suas vidas. E os outros capitães vendo esta lanchara tomada não ousarão de ir mais por diante cō a peleja por serē muyto poucos, & recolheranse a Malaca. E despois disto lhe sayo muytas vezes a nossa armada, & nūca quis pelejar coela/ porq̄ não queria mais q̄ andar fazendo aq̄les saltos: & desta maneira fazia a guerra de que os portugueses não recebiā mais dāno que a opressam daq̄les rebates, que como a nossa armada andaua tambē no mar podiā ir mātimentos a Malaca & estaua farta & abastada.

¶ Capit. lxxix. Decomo Sastião d̄ sousa partio de Portugal pera fazer hūa fortaleza na ilha desam Lourenço. E o porq̄ a não fez.

NEste āno de mil & quinbētos & vinte hū/ determinou el rey dom Manuel de Portugal de mandar fazer hūa fortaleza na ilha de sam Lourenço por ter por enformação que auia nela muyta prata & gingibre q̄ esperaua dauer: & tambē pera que as naos da carga da especiaria indo pera a India fazerē ali agoada & irēpor fora da ilha de sam Lourē

ço q̃ era mais segura nauegação pa se passar a Jndia que por Moçambique/ & determinãdo de fazer esta fortaleza deu a fundação dela & primeira capitania a Bastião de sousa hũ fidalgo natural Deluas, de que fiz menção no liuro segundo, & deu lhe duas naos de capitania/ ele por capitão de hũa/ & ao da outra não soube bo nome. E nela hião os officiaes necessarios pera edificarem a fortaleza: & assi pedra, cal/ & outros materiaes pera sua edificação: & partido de Portugal foy ter á ilha de sam Lourenço sem a outra nao que se apartou de sua conserua por hũa muyto grande & braua tormenta q̃ lhes sobreueo: & não achando aqui a nao esperou por ela algũ tempo, & vendo que não hia parecer lhe q̃ era perdida: & por lhe falecerem os materiaes & officiaes com q̃ auia de edificar a fortaleza a deixou de fazer, & dali se foy a Moçãbique, onde não achou anao nem noua dela: & por ser passada a mouçõ ó passar a Jndia com as detenças q̃ fizera ouue dinuernar em Moçãbique, donde partio pera a Jndia no anno ó mil & quinhentos & vinte dous: & atrauessando aquele golfão topou a outra nao cujo capitão lhe disse q̃ chegara primeiro q̃ ele á ilha de sam Lourenço & cuydando que era perdido se partira. E dali forã ambos ter a Jndia a saluamento: & tendo palaura do gouernador que lhe daria ajuda pera tornar á ilha de sam Lourenço a fazer a fortaleza, chegou dom Pedro de castelo branco/ que com outros dous capitães partira de portugal no mesmo anno, como direy adiante/ & leuou hũa prouisam ao gouernador del rey dom João ho terceiro de Portugal (que sucedera no reyno por falecimento del rey dom Manuel seu pay) em que lhe mandaua que nenhũa fortaleza das que el rey seu pay mandara fazer na Jndia de nouo, se fizesse: por q̃ que as que estiuessem começadas se acabassem. E por esta causa não foy Bastião de sousa fazer a fortaleza a ilha de sam Lourenço.

¶ Capit. lxxx. De como se leuantarão os Chins contra os Portugueses que estauão em Cantão: & prenderão ho embaixador del Rey de Portugal/ & os q̃ estauã coele.

DEspois ó partido Simão vandrade pera Malaca/ & ficando os Chins muyto descontentes dele/ falleceo el rey da China/ que estaua muyto bẽ com os Portugueses: & o que lhe sucedeo assi como era muy desuiado de sua condição, assi ho foy tambẽ em ser pouco amigo dos nossos: & logo ouuio ho embaixador del rey de Sintão/ que seu anteceſſor não quis ouuir em muytos annos q̃ auia q̃ andaua na corte: & isto porque a primeira vez q̃ lhe falou lhe disse muyto mal dos nossos/ de que tambẽ bo disse a este rey que digo/ chamãdolhe ladrões & que hião com pequena armada espiar as terras alheas/ & despois cõ bo muyto poder que tinhão na Jndia tornarão a tomalas: & que assi

fizerão a Malaca que era del rey de bintão que estaua lãçado fora dela sam causa. E porq̃ se ele tinha por seu vassalo se socorria a ele pedindo lhe ajuda pera se restituir em Malaca, & que lhe pedia muyto q̃ os nã consentisse em sua terra / porq̃ sua ida lá não era se não a espiala pera despois a tomarẽ: & ao menos que ho não fizessem por ela ser tão grande como era / lhe darião fadiga no mar onde erão muyto poderosos. E nisto foy lhe noua do aluoroço q̃ os que forão com Simão vãdrade deixarão em Cantão. E isto & o que lhe o embaixador del rey de bintão disse, & outras causas que particularmẽte não pude saber, imprimio tanto em el rey / & naqueles que ho aconselhauão / que mandou prender ao nosso embaixador / & os outros questauão coele / & mandou q̃ estiuessem apartados hũs dos outros / & que lhe fosse tomada toda sua fazenda, escripta & aualiada: & dizem hũs que cõ tristeza adoeceo / & morreo ho embaixador: outros q̃ morreo com peçonha. E porq̃ eu nã pude saber as particularidades disto ho digo assi em soma: & tambẽ o mais que passou no aleuantamẽto da China contra os nossos: que ou polo el rey mandar, ou como quer que foy / os Chins tomarão em Cã tão os nossos quatro jungos carregados de pimenta & sandalo / & outras mercadorias q̃ erão del rey de Portugal & de partes / estãdo eles surtos no porto / de que os nossos que biã neles se saluarão com assaz de fadiga, & se recolherão a hũa nao de dõ Nuno manuel que estaua surta: a cujo capitão não pude saber ho nome / senão que na defensa da nao ho fez fracamẽte quando os Chins derão sobrele, & senão forão os nossos dos jungos que se acolherão a ela & a defenderão valentemente ela fora tomada: & não somente a defenderão, mas se tiuerão algũ tiro grosso dartelbaria toda a frota dos imigos fora metida no fundo, posto q̃ era grande. E escapando os nossos deste perigo acolheranse caminho de Malaca / onde chegarão na fim de Outubro de mil & quinbentos & vinte & hũ / & derão noua do leuantamento da china: & disso se tirou inquirição em Malaca / que se leuou çarrada a el Rey de Portugal: em que forão tiradas a limpo algũas causas deste leuantamento / que como digo não pude saber / & porisso as não disse.

¶ Capitul. lxxxj. De como Pagamahmut deu hũ combate a Antonio correa, & quisera tomar ho baluarte do outeiro & foy desbaratado. E de como dom Luys de meneses chegou a Chaul: & Antonio correa se foy pera Cochim

Partido ho gouernador pera Cochim logo ao sabado seguinte / que forão vinte noue de Dezembro / foy Pagamahmut surgir com a viração sobre a barra de Chaul, com suas trinta & seys fustas muyto melhor fornecidas de gente, armas, & artelbaria que dantes: & trazia muytos de sobressalen

te de cãsa de Melique farta quis: & Abexins em que tinha muyta confiança/ por serem pessoas de feyto. E Nagamahmut surgio em lugar onde lhe a artelharia da nossa frota não podia fazer noio: & ela estaua surta na barra antre ambos os baluartes. E não queria Antonio correa sair dalt por lho mandar assi ho gouernador/ por os imigos não pelejarem coele/ & lhe fazerem gastar a poluora, que receaua muyto faltarlhe primeiro que lhe fosse de Cochim. E ao domingo vendo Nagamahmut que Antonio correa não saya a pelejar coele/ lhe esteue fazendo muytas algazaras/ pera ver se ho podia prouocar a isso. E ele que ho entendeo deixouse estar ondesta ua. E a segunda feira acabando de vẽtar ho terrenho, que seria as dez horas do dia/ abalou Nagamahmut com toda sua armada indo a remos, & chegando a tiro de bombarda dos nossos pos as fustas em ala diante deles, & começou de lhes tirar com a artelharia. E antonio correa lhes mandou tirar com a sua & muy temperadamente porque se lhe não gastasse a poluora. E a tenção de Nagamahmut era vsar de bũ ardil que lhe dera hum Xeque mafamede que era Xeque de Chaul que encubertamente queria grande mal aos nossos/ & pesaualhe da fortaleza que se fazia em Chaul/ & desejaua de os ver destroidos: & por isso mandou conselhar a Nagamahmut que tomasse ho nosso baluarte da barra que estaua ao pé do outeyro ondestaua ho facho dos nossos: & que se posesse ás bombardadas com os nossos: & entre tanto mandasse algũas fustas a tomar ho baluarte que digo, & desembarcarião em bũa calbeta na costa/ & dali iria a gente ter ao baluarte por cima do outeiro/ porque os nossos lhe não podessem tirar com a artelharia: & ele daria guia que a leuasse/ como deu por Nagamahmut ser contente do ardil. E pera ho poer em obra mandou apartar obra de doze fustas/ que se forão dereytas á calbeta detras do outeiro/ de que posarão em terra obra de duzentos homẽs gente muy luzida/ & guiandoos bũ criado do Xeque encaualgarão ho outeiro onde estaua ho facho por bũ caminho tã estreito que não cabia por ele mais que bũ homẽ diante do outro, & todo isto se via da nossa frota: & muy ousadamẽte os imigos decerão do outeiro, & remeterão ao baluarte q̃ estaua ao pé dele/ parecendolhes q̃ ho não poderia Antonio correa socorrer por se defender de Nagamahmut: & que ho baluarte teria tam pouca gente que logo ho tomariã: & ele pouca tinha, que não erão mais de trinta homẽs/ & estes escolhidos/ que Antonio correa mandara ao sabado que fossem lá estar, receando que os imigos ho fossem tomar/ & foy por capitão destes bũ valente caualeiro & bẽ pratico na guerra que auia nome Pero vaz por mão, que com os que ho acompanhauão se pos logo em defensa/ a que nenhũa aprouueitaua por as bõbardadas sem conto que tirauão as fustas que deitarão os imigos em terra, & hũa delas leuou a Pero

vaz polas pernas, que ãdaua sobre hũa parede do baluarte, armado ẽ hũ arnes esforçando os seus/ & ele cayo embaixo, & doutras morrerã outro caualeiro chamado Simão ferreira, & ho condestabre do baluarte & hũ bombardeiro. E em quãto os pelouros assi chouião que era cousa espantosa, decerão os imigos tam denodados do outeiro que poserão as mãos na estacada que cercaua ho baluarte/ dando grandes gritas: & começando de despender tanta frechada & espingardada que cobrião ho ar. E era cousa medonha de ver os nossos tam poucos metidos antre tantos generos de cousas pera os matarem, & muyto de louuar a nosso senhor como os goardaua/ & eles como pelejauão & se defendião dos immigos que os não entrassem, estando detras de hũa sebe, que disso era ho baluarte. E todos ho fazião tam valentemẽte/ que nunca Romãos, nem Gregos assi pelejarão. E Antonio correa que tudo isto via, receando que os mouros tomassem ho baluarte, mandou em seu socorro a Ruy vaz pereyra no seu batel, & a outro capitão em outro com obra de cinco enta ou sessenta homẽs, em que biã muy bons caualeiros. E vendo os imigos este socorro/ tendo ho baluarte no aperto que digo/ começarão com medo de se recolher de pressa: & os nossos que os entenderão derão ap os eles & matarão muytos antes que ese embarcassem & embarcados fugirão. E hagamahmut q̃ pelejaua com Antonio correa como vio ho desbarato dos seus alargouse da peleja ao remo & foy surgir onde estaua dantes / leuando muytas das fustas desaparelhadas & arrombadas, & com os mastos quebrados das bombardadas dos nossos, & muyta gente morta. E dã do Antonio correa muytas graças a Deos de se ver assi desapressado foy correr os nauios de sua armada pera ver se auia algũs mortos: & não achou nenhũs / saluo dos remeiros, & estes poucos. E despois foy ver ho baluarte, em que achou mortos os que disse/ & os outros todos muyto feridos, & as adargas & rodelas cubertas de frechas: & a de hũ Pero de queyros tinha vinte & sete: & a de Manuel da cunha vinte cinco: & todo ho baluarte & muyta parte ao derredor dele jũcado delas: & ao derredor estauão trinta mouros mortos, que os do baluarte matarão: & pola praya quasi outros tantos que matarão os que forão socorrelos: & estes parecião todos honrrados, em terẽ cabayas de chamalotes & fotas finas & terçados de prata, & muytos tinhão espingardas. E mandando Antonio correa cortar as cabeças a todos as mandou ao nosso feitor de Chaul chamado Diogo paez/ que as leuasse a Xeque Mafamede, porque soube que os mouros de Chaul affirmauão que ho baluarte era tomado polos imigos, & folgauão muyto: principalmente Xeque Mafamede, que dissera ao dia dantes que ao outro auia de ser o que auia de ser/ como que auião de matar todos os nossos. E quando os mouros souberão o que foy/ &

& virão tantas cabeças dos mortos, que eles cuydauão que auião de matar os nossos ficarão muyto espantados. E ho Xeque conheceo antre as cabeças a de seu criado q̃ foy mostrar ho caminho do baluarte aos imigos: & fez por ele grande pranto. E ao outro dia mandou Antonio correa enforcar polas pernas em forcas que mandou fazer na praya/os mouros que morrerã na peleja pera que os visem os das fustas. E ficou Bagamahmut coitado tam quebrado, que nunca mais cometeo os nossos posto que estaua diante da praya. E despois disto mandou Antonio correa fazer ho baluarte/que foy feito em dous dias & meo muyto forte: & pos nele por capitão hũ Aluaro de brito/& deulhe vinte espingardeiros pera ho goardar. E estando assi chegou dom Luys de meneses a hũa segunda feira ao meo dia. E entregando lhe Antonio correa a armada, se foy pera Cochim em hũ galeão chamado sam Marcos. E foy coele dõ Jorge de meneses: porque sobre ter tambem seruido naquela guerra: & ser dom Luys seu parente lhe tirara a capitania da galé em que andaua/& a deu a outro fidalgo chamado dom Vasco de lima. E despois de ser chegado dom Luys a Chaul/porque Meliqueaz tinha desejo de fazer paz com ho gouernador, por ter fama de quam esforçado caualeiro fora em Africa mãdou recado a Bagamahmut que não fizese mais guerra aos nossos & assi ho fez.

Capit. lxxxij. Decomo Raix xarafo & el rey de Ormuz se leuãtarão cõtra os nossos que estauão na cidade & na fortaleza.

Partido ho gouernador Diogo lopez de sequeira pera a India, começou õ entrar em Ormuz a gẽte que Raix xarafo mandara fazer na terra firme: do que logo Coje Abexir estribeiro mór del rey Dormuz deu auiso a Manuel velho: com que tinha muyto grande amizade. E ele ho foy dizer ao capitão dom Garcia coutinho que não deu por isso, sem lhe lembrar ho grande perigo em que estaua. E mandou dizer a el rey de Ormuz que pois dera presente ao gouernador, que rezão seria dalo tambẽ a ele. E el rey por dissimular coele lhe mandou dous caualos & hũ terçado/& cinto & adaga ricos: & tambẽ porque esperaua de cobrar tudo muyto cedo. E nesta conjunção indo Manuel velho/Ruy varela, Miguel do vale, & algũs outros folgar ate ho cabo da cidade forão auisados por Coje abixir/que não tornassem por onde hião porque os auião de matar, o que eles assi fezerão não tornando por ali. E tampouco não aproueitou saber tudo isto Dom Garcia pera ter mays algũa goarda na fortaleza, & a mandar vigiar milhor que dantes: nem pera mandar recolher a ela muytos dos nossos que pousauão fora/porque os não matassem, se fosse verdade ho leuanta-

mento que tam claramente se dizia/ & pera bo que Raix xarafo com muyta pressa se fazia prestes, armando muytas terradas pera queimar com elas a nossa frota: & armando estancias de artelharia pera combater os nossos na fortaleza. E de tudo isto bo capitão não queria ver nada nem sabelo, posto que a obra se mostraua por si & alem disso lho dizião: & tamanho foy seu descuydo, que mandandolhe bũ mercador Baneane dizer por bũ scripto que fosse certo que na noyte seguinte se auiã os mouros de leuantar & matar todos os nossos que pousauão na cidade: Como que lhe dissera que bo leuantamento dos mouros era mentira que descansasse/ assi se deitou muyto descuydado em sua cama, sem prouer a cousa nenbũa: nem somente mandar a Jobão de meira capitão da caraueta, nem a Francisco de sousa bo brauo capitão da galeota que fossem la dormir/ & ficarão aquela noyte na fortaleza: E não abastou este escripto que lhe mandou bo Baneane/ mas a inda sendo Manuel velbo auisado por hum mouro que o bajasse por si, porque ele ouuira aquele dia no babazar (que he a praça) bũ pregão da parte de Raix xarafo/ que matassem todos os nossos que pousauão na cidade/ & que auia grande alvoroço nos mouros: & com quanto Manuel velbo disse isto a dom Garcia não fez mais que polo scripto do Baneane, nem Manuel velbo com quanto isto soube se quis recolber a fortaleza nem deu auiso aos outros nossos que pousauão pola cidade que erão muytos, .s. os officiais da alfandega & bo ouuidor que auia nome Alvaro pinbeiro, & bo almotace mor/ & os doentes que estauão no spirital. E recolbidos os nossos a suas pousadas com tamanbo descuydo. Aquela noyte que era de bũa terça feira na entrada de Nouembro/ estando todos no primeiro sono: derão os mouros neles/ & primeiramente bo xabandar Dormuz deu por mar na nossa fusta em que não estauão mais de dous grometes/ que quando sintirão os mouros se esconderão com medo: & bo xabãdar lhe mandou poer bo fogo, & cuydando que ficaua de maneira que se acendesse logo/ foisse á caraueta que deixou porque os nossos que estauão nela começarão de se defender com muyto esforço, & por isso bo xabandar os deixou. E se na caraueta & na fusta ouuera capitães & gente como auia de ser: a frota dos imigos fora desbaratada/ & eles não poserão em efeito seu proposito. E ido bo xabamdar sairão os dous gozmetes que estauão na fusta/ & apagarão bo fogo que andaua nela. E por este feito que bo xabamdar fez tam mal lhe mandou el Rey Dormuz poer bũa beatilha como a molber por desonrra/ & em quanto os mouros fazião isto no mar/ cometerão outros a alfandega que estaua dous tiros de besta fortaleza/ & outros as casas do ouuidor.

& dos outros nossos, que pousauão pela cidade, dando grandes gritas com prazer de lhes parecer que os auião de matar a todos. E crendo então Manuel velho, que era verdade ho leuantamento dos mouros trabalhou com os que pousauão coele, & quasi em camisa cõ lanças & adargas se acolherão fugindo pera a fortaleza: o que poderão fazer por lhe ainda os mouros não terem tomadas as portas por onde sayrão. E quis nosso senhor q̃ era a maré vazia, que ao não ser não podera recolherse na fortaleza sem perigo de se afogarẽ, por ser ao longo dela cuberto dagoa cõ maré. E vendo ja ho capitão dõ Garcia coutinho q̃ ho leuantamento dos mouros era õ verdade, achouse muy sal teado por estar muyto desapercebido pera sofrer terco como se esperaua: & ho principal desapercebimento era não ter agoa que estaua a cisterna da fortaleza chea delenha, & ela não tinha outra agoa nem lugar perto donde se ouuesse: & tambẽ hũ cobelo que estaua sobre a porta da treição q̃ saya ao mar estaua cheo delenha, & nenhum tiro dartelharia estaua concertado, nem posto onde auia destar, & a reuolta era muy grande pola cidade assi da grita dos mouros como dos nossos, que ouue algũs que se defenderão, assi como foy ho ouuidor & algũs Christãos da terra que se acolherão ao spirital, & dali se defendião porque erão casas fortes, que outras forão logo arrombadas & mortos quantos estauão dentro, & elas queimadas. E por ser de noyte não quis o capitão que lhe socorressem da fortaleza polo perigo que se nisso corria.

Capit. lxxxiij. De como os mouros começarão de bater a fortaleza, & de como dom Garcia mandou pedir socorro a India.

Ainda a manhaã começou de se leuantar grande labareda de fogo no madraçal ou casas onde pousaua ho ouuidor, & assi no espital, que os mouros poserão polos não poderem entrar: polo que se conheceo na fortaleza que ainda ali estauão algũs dos nossos viuos. O que conhecendo dom Garcia mãdou ós socorrer por vinte cinco dos nossos, em que entrauão Manuel velho, Ruy varela, Diogo fernãdes, Vicente dias, & Gonçalo vieira, q̃ todos hião bem armados. E quãdo chegarã ao Madraçal onde pousaua ho ouuidor acharão algũs mouros com que pelejarão, & salua rão algũs dos nossos, & assi Christãos da terra, porem ho ouuidor era ja morto, & morreo affogado do fumo. E com ele & com outros que morrerão a ferro forão mortos bẽ sessenta. E quando se os nossos recolherão teuerão hũa grande peleja cõ muytos mouros que lhe quiserão tomar a dianteira, & muytos dos imigos forão feridos & mortos: & os nossos forã todos feridos & se recolherão á fortaleza, & recolhidos dõ Garcia se aparelhou logo pera se defender, mãdando assestar a artelharia nos lugares necessa-

rios/ & repartio as estãcias pollesses principaes que estauão na fortaleza. E assi se despedio Jobão demeira com recado ao gouernador decomo a fortaleza ficaua cercada pera que mandasse socorro: & Francisco de sousa bo bzauo se foy logo pera a sua galeota, que foy alada pera junto da fortaleza porque os mouros a não queimassem. E neste tempo estaua hũa nao de Manuel velho carregada de tamaras (que em Ormuz chamão congo) pera bir a India/ & por as tamaras serem necessarias na fortaleza pera supbirem por pão de que estaua muyto mingoada: acordouse que a nao fosse descarregada: & despois desfeita pera que da sua madeira se fizessem repairos a artelbaria, & assi algũas estancias de que auia grãde necessidade/ porque na fortaleza não auia nhũa: & porque os mouros auião de querer impedir chegarse esta nao a fortaleza determinouse que Francisco dsousa com a enchente dagoa a leuasse a toa na sua fusta ate bo mais perto da fortaleza que podesse ser: & por terra acoderia Manuel velho cõ vinte cinco espingardeiros dos nossos pera defender que não chegassem os mouros á praia, & sairia pola porta da treição defronte dõde a nao estaua: isto determinado foy logo posto ẽ efeito. E os mouros que bo virão acodirão logo muytos a pelejar com os nossos assi com os que estauão em terra como com os que atoauão a nao por mar apertando os fortemente/ & com tudo os nossos derão com a nao em seco junto da fortaleza: & por a peleja ser muy grande/ & os mouros muytos / forão mortos algũs dos nossos assi na fusta como em terra/ & hũ deles foy bum Gonçalo vieira bomẽ muy esforçado/ & os outros quasi todos feridos: & dos mouros tambem bo forão muytos/ & algũs mortos: porem como digo a nao foy recolbida/ & desfeita pera repairos da artelbaria, & pera algũas tranqueiras de que despois ouue necessidade. E neste tempo adoeceo Frãcisco de sousa que estaua na sua galeota com algũs dos nossos goardandoa que a não tomassem os mouros: & por sua doença lbe foy forçado recolberse a fortaleza: polo que bo capitão mandou a esses principais da fortaleza que goardassem a galeota aos quartos, bo que eles refusarão por amor da estãcia da praya a que varejaua a galeota. E cõselbarão ao capitão q̃ a não mandasse goardar, por q̃lbe auião de matar alia gẽte sem seruir de nada, & q̃ seria melbor poupala pera defẽder a fortaleza: & bo capitão tomou seu cõselbo. E ficãdo a galeota sem goarda logo os mouros a queimarão. E nestes dias chegou ao porto Ormuz hũa nao do capitão q̃ vinba da India carregada darroz & de açucar, & doutros mãtimẽtos/ & foy surgir diãte da põta em q̃ estaua a nossa fortaleza: & sabendo os nossos a carega q̃ a nao trazia tã necessaria pera bo tempo pola necessidade q̃ auia de mãtimẽtos na fortaleza/ quiserão descarregar logo a nao.

ho capitão não quis, não se soube cõ que determinação. E como ár que os imigos ãdauão muyto alerta pera fazerem dãno aos nossos teuerão a nao em espia sabẽdo que trazia mantimentos, & hũa noyte lhe poserão ho fogo, que andando bem ateado nela, foy visto da fortaleza de que logo ho capitão mãdou tirar com a artelharia cuidando que fizesse coisso afastar os imigos: que fazendo escarnio dos nossos tiros porque lhe não empecião dauão grandes gritas. E vendo ho capitão que não aproueitauão os tiros, mandou a Ruy varela & a Manuel velho, que fossem com algũs espingardeiros fazer afastar os mouros: & eles ho fizerão assi saindo pola porta da treição, & começarão de sacudir os mouros que não viãos nossos com a grãde claridade do fogo que os cegaua. E vendo os mouros que de cada vez mais caião muytos mortos afastarãose antes que ho fogo se ateasse de todo: então chegarão os nossos, & apagando parte do fogo saluarão ainda algũ arroz: que os ajudou a manter algũs dias.

Capit. lxxxiiij. De como sabendo Manuel de sousa tauares q̃ el Rey Dozmuz estaua leuantado, foy socorrer a nossa fortaleza: & do que fez em chegando.

Em quanto isto assi passaua em Ormuz Manuel de sousa tauares capitão mor do mar, andaua como disse goardãdo a costa dos noutaques: & por hũ grãde temporal que lhe deu se acolheo ao porto de Mazcate: onde nesta conjunção foy ter Tristão vaz da veiga que estaua por feytor em Calayate: & lenaua cõsigo obra de trinta dos nossos: & estando aqui chegou recado del Rey Dozmuz ao Xeq̃ de Mazcate como era leuantado contra a nossa fortaleza, que fizesse ele ho mesmo, & matasse os nossos que hi estauão na feitoria: & ou por ele ser leal aos nossos ou por não querer obedecer a el Rey Dozmuz parecẽ dolhe que não auia de poder hir auante com aquele feyto: respõdeo a el Rey Dozmuz que não auia de ser contra os nossos, antes auia de perder a vida por eles: & ho mesmo disse a Manuel de sousa a quem mostrou as cartas del Rey Dozmuz, que lhe deu por isso muytos agardecimentos, com promessa de lhe serem feitas muytas merces em nome del Rey de Portugal por aquele seruiço que lhe fazia: & ẽ final disso ele lhe deu algũas peças ricas: & esta lealdade não vsou ho xeque de Calaiate, que sabendo ho recado del rey Dozmuz matou logo esses Portugueses que estauão na feitoria: & ho mesmo fizera a Tristão vaz & aos outros que forão coele se la esteuerão, & tomou a feitoria: ho que foy logo sabido em Mascate. E nisto chegou a hi tambem Johão de meira que hia pedir socorro a India, & contou a Manuel de sousa ho leuãtamẽto del rey Dozmuz: ho q̃ sabido por ele ordenou sua partida pa Ormuz:

& deu hũ paraõ q̃ trazia a Tristão vaz da veiga pera ir nele com os q̃ trouuera de Calayate. E feyto isto entendeo Manuel de sousa em Tristão vaz que induzia a Fernão dalmarez çarnache que não fossem coelle a Ormuz/& se fossem fazer presas nas naos dos mouros que ẽtão vinhão da Jndia. O que entendendo Manuel de sousa dissimulou & tomou esses berços que tinha ho paraõ de Tristão vaz, & disselhe que se passasse ao seu galeão/& que hi iria mais seguro. O que Tristão vaz ouue por grande afrõta, & não se quis passar ao galeão, antes deixando Manuel de sousa se foy caminho Dormuz, & em hũa agoada que tomou lhe matarão mouros dous homẽs/& milagrosamente pode entrar em Ormuz pola grande armada de mouros que andaua no mar goardando que não entrasse nenhũ nauio nosso na fortaleza. E cõquãto Manuel de sousa isto sabia, & assi ho grande numero de gente que estaua sobre a nossa fortaleza não quis deixar de lhe socorrer: não lhe lembrando ho perigo que corria nisso/& a perda que perdia que erão bem vinte mil cruzados que ganhara nas presas que fizera se se deixara andar pola costa, que de todas quãtas presas fizesse tinha a sexta parte, por esta maneyra. Fazia se õ todo ho monte tres partes tirando primeyro a vintena pera ho gouernador. E destas tres partes erão as duas pera el Rey de Portugal/& hũa se partia pelo meyo, a metade pera ho capitão mór do mar Dormuz/& a outra pera a gente da armada. E partido Manuel de sousa cõ Fernão dalmarez çarnache pera Ormuz amanheceo hũ dia sobela ilha de Queixome/ ondelhe a calmou ho vento com que auia dẽtrar no porto Dormuz, & por Queixome ser dela obra & legoa & mea foy Manuel de sousa visto da fortaleza, & conhecendo se ser ele/sabendo dõ Garcia quão pouca gente trazia/ ouue medo que recebesse dãno da armada dos mouros/que era de duzentas terradas bem artilhadas & fornidas de muytos frecheiros & outra gente de guerra: & por isso mandou a Tristão vaz da veiga que artilhando bem ho paraõ em que viera ho fosse socorrer, posto que estaua muyto ferido de quando sayra na agoada. E ele foy leuando consigo algũs dos nossos q̃ forão poucos/& em ho paraõ saindo pera onde estaua Manuel de sousa/ apartaranse muytas terradas pera atalharem ho paraõ que se não fosse assũtar cõ Manuel de sousa/& chouião sobre ele bõbardadas & frechadas sem cõto/& os q̃ hião no parao tãbẽ despararão espingardas & bõbardadas q̃ farte. E passado cõ muyto perigo ouuera vir ter em outro, porq̃ vẽdo Manuel de sousa vir ho paraõ, & quão pouca gente trazia, cuydou que era cilada, & q̃ deitauão os ĩmigos assi aquele paraõ: pera que cuydãdo ele que era dos nossos ho deixasse chegar a si & ho metesse no fundo/& cuydou que viria ali hum João gonçaluez goarda mór Dormuz que era arrenegado, & querendolhe mandar tirar com hũ tiro, chegou mais ho paraõ & foy conbe

cido Tristão vaz: & por isso Manuel de sousa mandou que não tirassem. E chegado ho paraó a ele determinou de se recolher á ponta da fortaleza porq̃ começaua de decer a mare/ & com grande presteza mandou a Fernão daluarez & a Tristão vaz que se atoassem polas popas á proa & popa do seu galeão/ & deixando no paraó & na fusta algũs homens darmas com os bombardeiros se recolhessem com a outra gẽte ao galeão: o que eles logo fizerão. E em quãto se fez foy cuberto de frechas ho masto do galeão/ tãtas erão as frechadas que os mouros tirauão, & assi muytas bõbardadas de que nosso senhor quis goardar os nossos. E todauia Manuel de sousa se foy com a decente caminho da põta: o q̃ vendo os mouros por mais que os nossos lhes tirauão com a artelharia se chegarão tanto a eles que entrauão na fusta & no parao/ & isto antes que Tristão vaz & Fernão daluarez se recolhessem com os outros ao galeão/ & eles matarão ás lãçadas quasi todos os que qui serão entrar. E hũ condestabre da fusta chamado Jaques matou bem seys mouros com hũ marrão/ & os outros ho fizerão ali todos muyto bem: porque a força matarem todos os que quiserão entrar ferirão outros muytos. E recolhidos ao galeão forão sempre pelejãdo com os mouros ate chegarem á ponta da fortaleza em cuja praya dom Garcia tinha mandado assestar hũa espera com q̃ tirarão aos immigos que seguião os nossos/ & coeste tiro arrombarão muytas terradas & meterão outras no fundo/ em que forão mortos muytos dos immigos, & dos nossos forão frechados oytenta, & hum morreo na batalha que durou depola manhãa ate hũa hora despois de vespera. E quando despois quiserão amainar a vela do galeão não podião cõ as muytas frechas que estauão pregadas no masto, & despois que veyo a maré se fizerão na praya muyto grandes bardas delas. E desta batalha ficarão os mouros da armada tão escarmentados que nunca mais ousarão de cometer Manuel de sousa q̃ ficou no mar por amor de goardar ho galeão & a fusta.

¶ Capit. lxxxv. De como os mouros derão bateria á nossa fortaleza, & do que os nossos fizerão.

TEndo Raixarafo quão desuiada lhe sayra a obra do pensamento que teuera de leuar os nossos do primeyro lanço & matalos cõ lhes tomar a fortaleza, determinou de lhe dar bateria pera coela lhe desfazer os muros da fortaleza & entralos: porque lhe parecia que vindo coeles ás mãos q̃ se lhe não auião de poder defẽder por quão poucos erão, & os seus serẽ doze mil homẽs & os mais deles de feyto: & destes erão seys mil frecheiros/ & espingardeiros. E determinando ele de bater a fortaleza por conselho de hũ turco q̃ auia nome Mira aidel grãde sabedor na guerra, mãdou fazer hũa estãcia nas casas delrey & outra na casa onde forão ho nosso espirital.

que ficauaãtre a fortaleza & os paços del rey/ & afora os tiros que tirauão destas duas estãcias auia outros muytos espalhados polos paços que tambem tirauão a fortaleza/ & tam amiude que não ousaua ninguẽ daparecer nela por aquela parte/por onde lhe os nossos não podião fazer nhũ dano: & fazẽdo os mouros muyto aos nossos principalmente da estancia do spirital, ouue ho capitão conselho de dar naquela estancia, por ser iũto da fortaleza: & a casa ser fraca q̃ era de paredes de barro, & cuberta dola: & podiase arrombar com hũ vay & vem: ho que se encomendou a Ruy varela & a Manuel velho que ho fossem fazer, cõ quarẽta homẽs: ho que os mais leuarião panelas de poluora pera logo pegarem coelas fogo, na casa em que estaua à estancia. E ao outro dia ẽ amanhecendo estando os mouros bem sem cuidado de os nossos sairem/sairão eles & derão na casa tãgendo as nossas trombetas: & cõ hũa viga de que fizerão vay & vem derão cõ hũ pedaço da parede no chão/que fez portal por onde os nossos podessem ẽtrar. Ao que os mouros que goardauão a estancia acodirão logo cuidando que fossẽ os nossos mais do que erão: & defendiãose fortemente se não forão as panelas de poluora q̃ os nossos leuauão, cõque algũs tirarão aos mouros & queimarãos & estes como lançarão as panelas/ seruiãse despingardas que leuauão: & começarão a derribar nos mouros q̃ ho não podẽdo sofrer fugirão/ mandando cõ tudo dous dos nossos que entrarão na casa & tomarão a artelharia, que leuarão a nossa fortaleza/ com ajuda doutros q̃ lhe socorrerão pera os aiudar a leuar a artelharia: que como digo leuarão deixando posto fogo na estancia ou casa/ cujos telhados arderão logo por serem dola/ & ficou de maneira que os mouros não se poderão mais aproueitar dela. E ficando Raixarafo magoado de assi desfazer aquela estancia: & lhe leuarẽ os nossos a artelharia q̃sta nela mãdou assestar hũ tiro groso ao sope dos paços del rey, que ficaua defronte da porta principal da fortaleza: & estaua este tiro embuçado porque os nossos ho não vissem & se goardassem dele. Como não virão se não quando ele tiro u hũ pelouro de ferro coado com q̃ vazou a porta da fortaleza. E vendo ho capitão que q̃bradas as portas ho ẽtrarião os mouros, acodio logo a mãdar entulbar por dẽtro a porta com area, & ho entulho foy tam largo que ho tiro não podia fazer nojo: & pera quebrar ho tiro dos imigos mãdou assestar outro tãbem groso na igreja, que estaua em hũ cobelo de foza da porta da fortaleza. E porq̃ tinha por certeiro a hũ Antonio fernandez condestabre do galeão de Manuel de sousa, mandoulhe que lhe tirasse ho que ele fez: & quebrou ho tiro. Com cujo prazer os nossos derão hũa grãde grita/ & assi ficarão liures daquela estãcia: porẽ ainda ficarão aos mouros duas daquela parte/ & outras duas da parte do

mar, & hũa delas estaua na rabãdaria/ que tiraua ao longo da praya: que com baixa mar era seruentia antre ho mar & a fortaleza, por ôde os nossos andauão: & os mouros tirauão ali como q̃ lho querião tolher. Ho que vẽdo Manuel de sousa mãdou poer de fronte no mar a fusta de Fernão daluarez vegá com grandes arrombadas de cairo/ porq̃ a artelharia dos imigos lhe não fizesse nojo: & mandoulhe que tirasse aa estancia dos imigos/ & assi ho fez ele: & como eles não tinhão com q̃ se emparar dos nossos tiros morrião coeles muytos: polo que ouuerão por seu barato daleuantar a estãcia/ & com outras duas que lhes ainda ficauão da bãda do mar não cessauão todas as noytes de bater a fortaleza por aq̃la parte, & de dia com outras duas da banda do sertão: assi que continuamente lhe dauão bateria/ com que não fazião tão to nojo nos muros, nem nos cobelos da fortaleza por a artelharia ser miuda/ quanta era, a oppressam que dauão aos nossos tolhẽdolhes que não apparecessem. E coisto & com a fome que ja auia antre os nossos fugirão pera os mouros algũs dessa gente baixa, & disserão a Raixarafo que na fortaleza auia grande fome: & que auia muytos doentes dela & do trabalho que leuauão. E auendo obra de quinze dias que duraua a bateria/ vendo Raixarafo ho pouco dãno que a fortaleza recebia: & quam seguros os nossos estauão/ tomou conselho com Mira ay del/ ho turco que disse: que lhe acõselhou que escalasse a fortaleza, & q̃ lhe parecia que a tomaria/ porque a sua gente era muyto mais q̃ a nossa em demasia/ & mais folgada/ & a nossa doente & cãsada do trabalho & da fome: & que cometesse tambẽ a porta do alcayde mór, quebrandoa com hũ tiro. E parecendo isto bẽ a Raixarafo mãdou logo fazer muytas escadas pera este feito.

¶ Capit. lxxxvj. De como os mouros quiserão escalar a fortaleza: & os nossos lhes quebrarão a escada com a artelharia/ & de como vendo os mouros ho dano que recebião dos nossos com medo do socorro da India, despejarão a cidade.

Ordenãdose assi isto/ com que os nossos correrão grande risco de serem tomados se ouuera efeito/ quis nosso senhor que fugio hũ mouro da cidade pera a nossa fortaleza/ & descobrio o que os mouros fabricauão: o que afrigio muyto aos nossos/ porque vião ho grande perigo que era. E q̃ sabido pelo capitão ouue conselho sobre o que faria, & acordouse que pera quebrarem as escadas posessẽ sobre as ameas dos muros & dos cobelos vigas muyto grossas com grãdes pedras nelas & atadas por cabos: & nas goaritas & cobelos da fortaleza esteuessem jarras de polnora & panelas pera as deitarem sobre os imigos. E porque se fosse cousa que cometessem a porta do alcayde mór/ que serrassem logo os esteos

de hũa ponte que tinha diante por onde entrauão, & que ficasse tão pouco por serrar que quebrassem logo com qualquer peso/ & que deitassẽ debaixo muyta ola & lenha seca: pera que caindo a ponte com os mouros lhe acodissem com poluora com q̃ se acẽdesse a lenha & os queimasse. E estando os nossos apercebidos como digo, sairam hũ dia os mouros com as escadas pera escalarem a fortaleza por hũa parte/ & vinha grande corpo de gente darmas coellas/ dando grandes gritas de prazer cuidando que ja os nossos erão tomados: que logo acodirão ao muro & cobelos que estauão daquela parte, & despararão a artelharia nos imigos/ que como vinhão em corpo não somente matou muytos deles/ mas q̃brou a mor parte das escadas/ que era o que os nossos pretendião, & com tamanho dano se recolherão os imigos. E raix faraõ vendo as suas escadas quebradas não quis tornar a intentar de fazer outras/ porque lhe pareceo q̃ era escusado poder escalar a fortaleza, & tornou a dar bateria. E mãdou armar hũ trabuco em hũ patio dos paços del rey com que lançasse pedras na fortaleza & matasse os nossos. E assi fora se os mouros soubeão tirar com bo trabuco, mas não sabião, & errauão a fortaleza. E juntamẽte coisto começou de criar hũa parede de oyto pés de largo, por detras doutra que estaua da banda dõloeste em q̃ tinhão hũa estancia/ cõtenção de crecer tanto a parede em alto q̃ sobeiasse por cima da fortaleza pera assentarẽ ali a artelharia & tirarẽ dentro: o que se assi fora, forã os nossos destroidos & ninguẽ não ousara daparecer. E fazendose assi esta parede Manuel velho que vigiaua daquela parte tão perto daquela parede que ouuio bater hũa noite / conheceo que era obra que se fazia/ & chamou Ruy varela que vigiaua hi perto/ & assentando que se fazia parede disserão ao capitão, que despois que assentou que se fazia parede da outra banda daquela velha/ mãdoulhe dar bateria com duas esperas/ que atroarão a parede de maneira que se fez hũa abertura de dous dedos dalto abaixo/ & assi fizerão algũs buracos, por onde ho capitão assentou q̃ se metessẽ jarras de poluora pera se lhe dar fogo. E antes disto mãdou poer muytos capacetes em paos ao derredor das ameas do muro quanto sobejassem hum pouco por cima das ameas, que cuydassem os mouros q̃ erão homẽs: & mãdou embaiderar a fortaleza & tanjer as trombetas & repicar ho sino da vigia/ pera que os mouros cuidassem que era vindo socorro á fortaleza, & lhes q̃brar os corações: o que eles cuydarão ouuindo estas alegrias/ & vendo tãtos capacetes & murrões aceisos. E na noite seguinte que fazia grande tormenta de vento nordeste forão Manuel velho & Ruy varela leuando jarras, & panelas ó poluora que fizerão meter polos buracos que estauão feitos na parede velha, & coisso algũa ola. E do pé da abertura fizerão hũ formigão grosso de poluora ate a fortaleza: donde despois de recolhidos lhe poserão fogo/ que cor

rendo pozele entrou pola abertura
& veu na ola de que se acendeo nas
jarras & dallem hũa estãcia que ali
estaua em que logo ho fogo pegou &
dela salton nos paços/ & deles se co
meçou datear pola cidade começan
do de se atear em casas dola que esta
ão nos terrados, que como ja dis-
se estão tam perto hũs dos outros
pola estreiteza das ruas que logo
saltaua ho fogo dũs nos outros/ &
nunca pozmais que os mouros tra
balharão polo apagar quando se co
meçou datear na estancia nunca po
derão: & ho grande vento que fazia
ho acendeo tãto que fez muyto grã
de perda nas muytas casas q̃ queí-
mou pola cidade/ & mais acabou de
derribar a parede velha õde foy pos
to: & ela derribada ficou discuberta
a noua que seria daltura de tres bra
ças/ & de compримento dum grãde
tiro de pedra: & do cobelo de Ruy
varela/ & do de Manuel velho/ a de-
ribarão com as duas esperas que
digo/ & tambem quebrarão ho tra-
buco pozficar descuberto que se via
da nossa fortaleza, & tudo isto fazião
os nossos com grandes gritas & tã-
jer de trombetas & repicar de sinos,
q̃ quebraua muyto ho coração aos
imigos/ vendo quam mal lhes hia
& que os nossos lhe não auião medo
& não somente lhes foy feito este da-
no: mas outros muytos pola cida-
de com hũ cão pedreiro que tiraua
tiros perdidos & outros muytos
que deu no seu alcozão. E pozisto &
pozque se Raix xarafo temeo que vi
esse socozro da India/ tam supita-
mente como viera Manuel de sou-
sa, & a nao de dom Sarcia, & ho pa-
rão de Tristão vaz: determinou cõ
el Rey de despejar a cidade/ & irse
pera a ilha de Queirome/ & assi ho
fizerão despejando primeiro a gen
te toda sua fazenda: & quando se el
Rey sayo com toda a gente da cida
de/ que foy hũa noyte mãdou Raix
xarafo poerlhe fogo pozque se os
nossos não lograssem dela.

¶ Capit. lxxxvij. Do que passou antre os nossos despois que os mouros despejarão a cidade.

Conhecendo eles a
causa do fogo/ como
foy manhaã lhe fozã
acodir & ho apaga-
rão despois õ ter fei-
ta muy grande per-
da, & apagado acharão ainda al-
gũas tamaras/ & cisternas com a-
goa, que se não acharão se perderão
todos com sede pozn̄ auer na foz
taleza agoa nenhũa & quasi nenhũs
mantimentos, pozque auia perto õ
dous meses que durauа ho cerco: &
tamanha foy a estreiteza da regra
q̃ se daua a agoa, & os mãtimen
tos q̃ a cada pesoa se não daua poz
dia mais que dous pequenos puca
ros dagoa/ & dous paẽs mais pe-
quenos que hũ punho cada hum/ &
não comião coeles mais que hũas
poucas de tamaras: & coesta regra
não ficou na fortaleza gato nem ra-
to que não fosse comido/ & assi se co
merão oyto caualos q̃ nã auia mais
na fortaleza: & estando os nossos cõ
tentes pola agoa que acharão nas
cisternas despois da ida dos mou-
ros/ sobreueolhes hũ grande de-

sastre/pera que lhe prestasse mal/& foy q̃ como na cidade ficassem muytos gatos dos mouros como se virão sem gente, hiãose com fome pera a fortaleza/& entrauão polas bõbardeiras/que os nossos taparão por se desapressarem deles: & como os gatos não acharão por onde ir á fortaleza: & a sede os apertaua deitarãse nas cisternas pera beber nelas/& afoganãose dentro: & quãdo os nossos souberã isto/ja estaua a agoa danada/porẽ pola necessidaõ q̃ tinhão cozinãa/& assi a bebião: & com tudo perdeose muyta. E tornãdo a necessidade a crecer como dantes/ouuese conselho, que fosse Manuel de sousa tauares com sua armada a buscar agoa: & primeiramente á ilha Dangão, que he hũa parte da de queixome. E por Manuel velho saber bẽ a lingoa foy no paraó com Manuel de sousa/& no caminho q̃ymou duas naos de mouros que estauão surtas: & não podẽdo tomar agoa em Angão passou auante a hũ lugar chamado Sidi quatorze legoas de Ormuz/& hi tomou agoa & se tornou com grande prazer dos da fortaleza, com quãto a agoa não foy tanta que lhe matasse a sede: & a fome dos mantimentos era de cada vez mais. E ho mesmo auia antreos mouros porque indo eles buscar mãtimentos á terra firme hião demandar a ponta da nossa fortaleza pela banda do norte, ho que entendendo os nossos os esperauão ali no paraó & na fusta/& tomando os lhes dauão fũdo & muy poucos escapauão desta morte: pelo q̃ eles mudarão a seruentia pela banda do sul, onde parece que quis nosso senhor que se leuantou naquele canal por onde as terradas dos mouros hião hũ baleato segundo seu tamanho & feição/& este as çoçobraua com tanta diligencia que parecia q̃ não viera ali pera outro fim: ho que vendo os nossos louuarão muyto a nosso senhor por tam bom socorro como aquele fora: & leuauão grande passatempo em ver como ho baleato çoçobraua as terradas dos mouros/ que vendose tão perseguidos assi dos nossos como do baleato, não ousarão de sair de Queixome abuscar mãtimentos: pelo que foy a fome tamanha ãtreles que morrerão muytos. E cuydando eles que fosse assi antre os nossos, pera ho saberem fizerão fugido a hũ mouro principal que auia nome Cojejelal talebo/ grãde priuado del rey Ormuz & conhecido dos nossos: com quẽ se deitou dando a entender que hia desauindo del rey Ormuz. E sospeitando ho capitão ao que hia lhe mãdou dar pão & agoa muyto boa que tinha em jarras/ dizendolhe q̃ comesse afouto q̃ tinha muyto mantimento. E ho mouro bebia a medo como que receaua que fosse a agoa salobre dos poços da ilha: & q̃ndo a achou doce espantouse: & muyto mais porque os nossos meterão hũ tanque de pao na boca da cisterna que estaua chea delenha/& ho tanque dagoa doce, de que tirarão perante ho mouro cõ hũ coco per hũa corda curta: & ele cuydou que a cisterna estaua chea dagoa/& ho mesmo lhe fizerão crer em hũa tulha a que fizerão outro sobrado hũ dedo

abaixo das bordas, & cobriãono de trigo como que estaua chea: do q̃ se ho mouro espantou muyto polo grande discurso do cerco/ & como ele não vinha a saber mais que aquilo tornousse a Queixome dali a algũs dias. E nisto ho capitão da fortaleza se começou de cartear com el Rey Dormuz, & mandaua fazenda a Queixome, per hũ Antonio fernãdez cristão novo & seu criado que era lingoa: & el Rey lhe mandaua tão bem cartas & presentes/ ho que pareceo mal a esses fidalgos & caualeiros & officiais del Rey/ & estranbarãoao capitão ho que fazia: dizendo que ho não auia de fazer assi por que eles estauão na quela fortaleza que era del Rey aquem auião ỹ dar conta dela. E dizendo dom Garcia que ele era capitão que faria ho que quisesse/ disserãolhe que não faria nem ho podia fazer sem seu cõselho/ & quisserãono prẽder & fazer outro capitão: se não chegara neste tempo dom Gonçalo coutinho seu irmão, que vinha da India em socorro da fortaleza.

¶ Capit. lxxxviij. De como dom Gonçalo coutinho foy em socorro da fortaleza Dormuz. E de como el Rey Dormuz foy morto por mandado de Raixarafo.

Porque Johão ỹ meira que ho foy pedir á India chegado a Cochim/ õde achou dom Duarte/ & Diogo lopez, deulhe as cartas de dom Garcia em que contaua ho estado em que ficaua a fortaleza: sobre ho que ouuerão ambos conselho coesses fidalgos capitaẽs/ & pessoas principais da India: em q̃ Diogo lopez dizia que por quanto dom Luis de meneles capitão mór do mar estaua ocupado na fortaleza de Chaul que fosse logo em socorro dos nossos Fracisco de sousa tauares no galeão sam Diniz, & dõ Duarte não quis dizendo que aquilo pertencia a dom Luis seu irmão q̃ mandaria ho socorro que fosse necessario ate ele poder hir/ & que biria inuernar a Ormuz. E acordado isto sereneolhe logo que mãdasse ho socorro/ & ele mãdou a dom Gonçalo coutinho por ser irmão de dom Garcia: & foy no seu galeão que leuou carregado de mantimentos/ & com a gente necessaria. E disse q̃ dom Gonçalo em chegando foy primeiro a Queixome que entrasse na nossa fortaleza, & visitou el rey Dormuz aquem vẽdeo muyta parte dos mantimentos que leuaua, & por isso lhe deu muytas peças ricas, a sorta do dinheiro que se mõtaua nos mãtimentos. E desembarcado ele na fortaleza cessarão as dissensoẽs que auia antre os officiais da fortaleza & pessoas principais dela & ho capitão: porque dom Gonçalo ho fauoreceo com sua chegada: & coeste socorro acabarão os nossos de ficar ỹ todo seguros dos mouros/ antre quem neste tẽpo auia grandes imizades principalmente ãtre Raixarafo/ & Miramahmet morado, que era muyto priuado del Rey Dormuz porque el Rey lhe dormia com sua molher, & por esta priuança lhe

queria Raix xarafo grande mal/ & tambem a el Rey a que determinou de tirar a vida, & que faria Rey quẽ quisesse pera ter toda a gouernança do reyno como no tempo passado teuera seu pay: & assentado isto com seus parentes, emcomendou a morte del Rey a Raix xamixir: que ho afogou secretamente com a corda de hũ arco. E assi foy comprido ho que seu pay del rey lhe pronosticou quando lhe conselhaua que não se leuantasse cõtra os Portugueses porque lhe não auião de tomar mais que a fazenda/ & os mouros a fazenda & a vida. E morto el Rey fez Raix xarafo Rey Dormuz a Patrá mahmetrá que fora filho d Raix çafardim: a que Afonso dalbuquerq̃ tomou Ormuz a primeira vez como disse no liuro segũdo, & este fez Raix xarafo Rey porque lhe dormia cõ sua may: & morto el Rey fugio logo Mir amahmet morado, & Raix xarafo ficou com toda a gouernança do Reyno.

¶ Capit. lxxxix. De como Diogo lopez entregou a gouernança da India a dom Duarte de meneses/ & se partio pera Portugal.

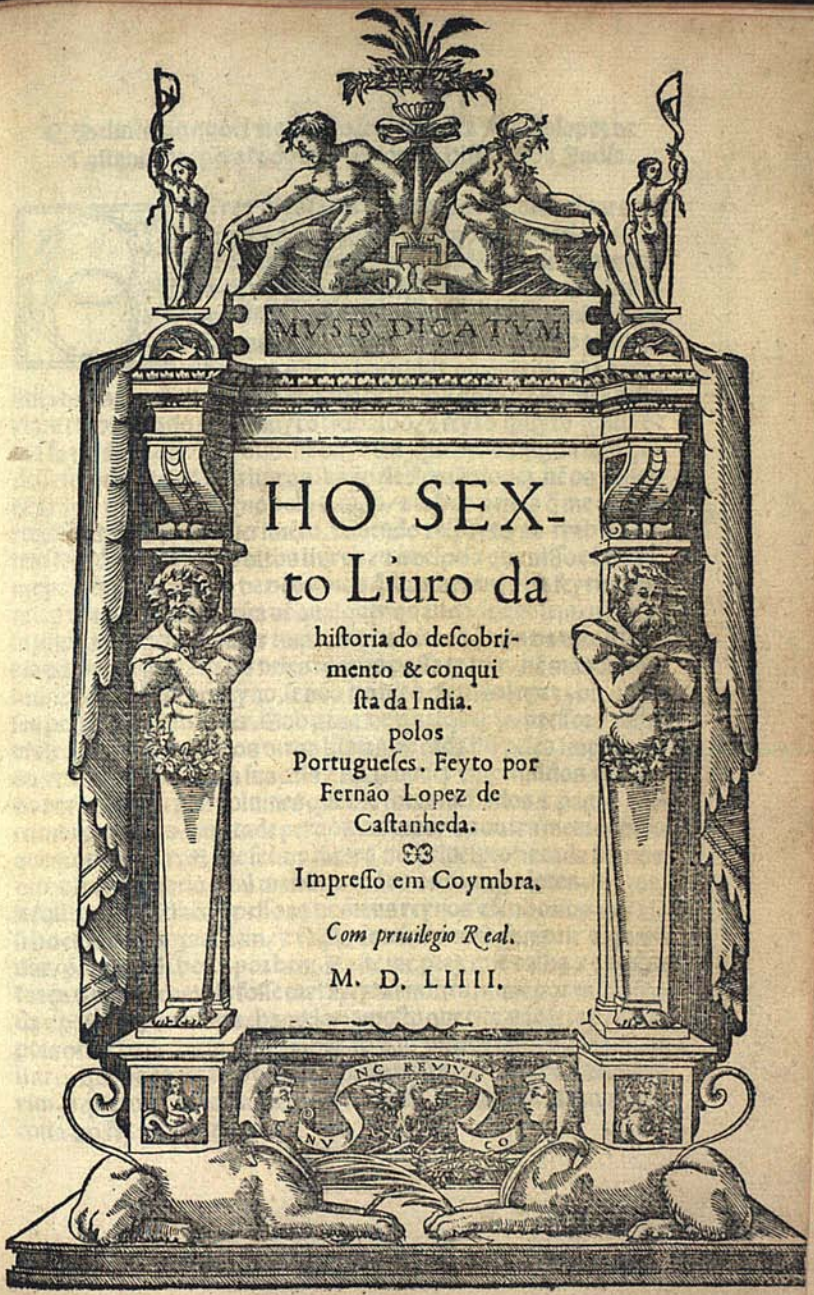
Assãdose estas cousas ẽ Ormuz fezse prestes a armada q̃ auia de hir pa Portugal. E carregadas as naos entregou Diogo lopez de sequeira a gouernança da India a dom Duarte de meneses/ dandolhe ele conhecimento de como a recebia com tanta gente, tanta/ artelharia, & tantos nauios. E isto feito embarcousse Diogo lopez, & coele dom Aleixo d meneses, & outros muytos fidalgos que tinhão acabado de seruir seus carregos na India/ & outros que hião pedir satisfação d seus seruiços/ & em Dezẽbro de mil & quinhentos & vintehum se partirão de Cochim pera Portugal, onde com ajuda de nosso senhor chegou esta armada a que nam soube hũ que aconteceo na viagem.

Laus Deo.

¶ Acabouse de empremir a presente obra per João da barreira & Joã aluares em a muyto nobre & sempre leal cidade de Coimbra. Aos. xv. dias do mes de Outubro. de M. D. liij.

¶ Preuilegio que el Rey nosso senhor deu a Fernão lopez de Castanheda pera todos os liuros da historia da India.

Amel Rey faço saber a quantos este meu aluara virem, que Fernão lopez de Castanheda Bedel da faculdade das artes da vniuersidade de Coimbra me auiou dizer que ele tinha feytos dez liuros da historia da India que começauão do descobrimento dela: Dos quaes tinha impressos a sua custa ho primeiro liuro, & queria empremir os outros. E porque auia mais de vinte annos q̃ andaua occupado no fazer da dita historia: & tinha leuado nisso muyto trabalho & feito muyto gasto de sua fazenda: me pedia que ouuesse por bẽ que pessoa algũa não podesse empremir os ditos liuros se não ele Fernão lopez: nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo tẽpo, & sob as penas que me bem parecesse. E visto seu requerimento, & auendo respeito ao trabalho que tem leuado em fazer os dito liuros, & a despesa que nisso tem feita, me praz que por tempo de dez annos, que se começarão da feytura deste em diante, pessoa algũa de qualquer qualidade q̃ seja, não possa empremir, nem mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India, nem cada hũ deles, nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno: se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pena ô qualquer impressor ou libreiro, ou pessoas que os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vẽder, ou teuer em sua casa, ou trouuer empremidos de fora do reyno, perder os volumes que lhe forem achados, & pagar cincoẽta cruzados, a metade pera os catiuos & a outra metade pera quem os acusar. E este se imprimira no principio ou cabo de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os corregedores, juyzes & justiças, officiaes & pessoas ô meus reynos & senhorios que assi ho cumprão & goardem, & fação inteiramente cumprir & goardar, porque assi ho ey por bẽ. E este me praz que valha, & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome, por mi assinada & passada por minha chancelaria, sem embargo das ordenações do segundo liuro, que ho contrairo dispõe. João de seyras ho fez em Almeyrim, a quatorze dias de Junho, de. M. D. L I I. Manuel da costa ho fez escreuer.



HO SEXto Liuro da

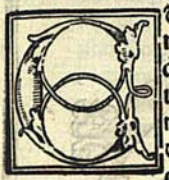
historia do descobrimento & conquista da India. polos Portugueses. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda.

Impresso em Coymbra.

Com priuilegio Real.

M. D. LIIII.

¶ Priuilegio que el Rey nosso senhor deu a Fernãolopez de Castanheda/pera todos os liuros da historia da India.



Q el rey faço saber a quantos este meu aluara virẽ que Fernão lopez de castanheda, bedel da faculdade das artes da vniuersidade ỹ Coimbra me enuiou dizer q̃ ele tinha feytos dez liuros da historia da India, q̃ começauão do descobrimẽto dela: dos quaes tinha impressos á sua custa ho primeyro liuro/t queria imprimir os outros. E porque auia mais de vinte annos q̃ andaua ocupado no fazer da dita historia: t tinha leuado nisso muyto trabalho/t feyto muyto gasto de sua fazenda: me pedia q̃ ouuesse por bem, que pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros se não ele Fernão lopez, nẽ os vẽder, nẽ trazer de foza do reyno polo tempo/t sob as penas q̃ me bẽ pareceſſe. E visto seu requerimẽto, t auendo respeyto ao trabalho q̃ tem leuado em fazer os ditos liuros/t a despesa que nisso tẽ feyta, me praz que por tempo de dez annos q̃ se começarão da feytura deste em diante, pessoa algũa de qualquer qualidade que seja/não possa imprimir/nem mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India, nẽ cada hũ deles nem os possa trazer/nẽ mandar vir impressos de foza do reyno, se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor/ou liureiro, ou pessoas que os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vender/ou teuer em sua casa/ou trouuer emprimidos de foza do reyno, perder os volumes que lhe forem achados t pagar cincoenta cruzados/a metade pera os catiuos/t a outra metade pera quem os accusar. E este se imprimira no principio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os corregedores, juyzes, t justiças/officiaes t pessoas de meus reynos t senhorios que assi ho cumprão t goardem/t fação inteiramente cumprir t goardar/porque assi ho ey por bem. E este me praz que valha/t tenha força t vigor, como se fosse carta feyta em meu nome por mi assinada t passada por minha chancelaria: posto que este não seja passado pola dita chancelaria, sem embargo das ordenações do segundo liuro/que ho contrairo dispõe. João de seyras ho fez em Almeyrim, a quatorze dias de Junho, de. M. D. XJJ. Manuel da costa ho fez escreuer.

Ho liuro sexto da historia do des

cobrimento & conquista da India pelos Portugueses: em que se contẽ o que eles fizerão no tempo que a gouernarão dõ Duarte de meneses/ Dom Vasco da gama conde da Vidigueira & almirante do mar Indico. E dom Anrrique de meneses per mandado do inuictissimo Rey dom Manuel de glorioſa memoria: & do muyto alto & muyto poderoso rey dom João seu filho ho terceyro deste nome nosso senhor.

Feyto por Fernão Lopez de castanheda.

¶ Capitolo. j. De como dom Luys de meneses capitão móz do mar da India foy socorrer a fortaleza Dormuz, & de como partio pera Malaca Martim Afonso de melo coutinho.

Artido Diogo lopez de siqueyra pera Portugal, partiose o gouernador pa a cidade de Goa pera da hi mandar em socorro da fortaleza Dormuz a dom Luys de meneses seu irmão q̃ estaua fazendo a fortaleza ẽ Chaul. E chegado a Goa mãdoulhe ho galeão sam Dinis em q̃ auia dir a Ormuz/ & mandoulhe ho regimẽto do que auia de fazer. E porque a capitania deste galeão era de Francisco de sousa tauares/ de que atras fiz menção: deulhe ho gouernador em satisfação a capitania de hũa galé real em que ho mandou a Chaul pera ãdar darmada ate Dabul por capitão móz de dez ou doze fustas: & indo de caminho queimou no rio de Tinguizara & no do Betele algũas naos & cotias/ hũas varadas & outras carregadas de mantimentos. E chegado Frãcisco de sousa a Chaul, partiose dõ Luys pera Ormuz/ & forão coele Rui vaz pereyra/ Anuel de macedo, Anrrique de macedo/ capitães de galeões & Duarte dataide, Lopo dazeuedo & Pero vaz trauaços capitães das naos. E ele partido, partiose pera Goa Martim Afonso de melo coutinho que asudaua a fazer a fortaleza/ & partiose poz ter a viagẽ da China pa onde auia dir. E chegado a Goa despachou ho gouernador & partio se pera Cochim leuãdo debaixo de sua capitania Vasco fernãdez coutinho & Diogo de melo seus irmãos, & Pedromẽ irmão de Francisco homẽ estribeiro móz/ & coestes se auia dajũtar em Cochim Ambrosio do rego que auia dir em hũ jungo: & de Cochim se partio Martim Afonso pera Malaca em Abril de mil & quinhentos & vinte dous.

¶ Capit. ij. De como ho gouernador deu a capitania de Chaul a Simão vandrade, & mãdou goardar a costa de Cambaya.

O gouernador q̃ estaua em Goa onde auia diuernar despois que mãdou ho galeão sam Denis a seu irmão dom Luys pera irnele a Ormuz como disse/ deu a capitania de Chaul a Simão dandrade que era vindo da China/ & casara per palauras de futuro com hũa sua filha bastarda, & deulhe aquela capitania em casamento: o que não podia fazer pola ter Anrrique de meneses hũ bõ fidalgo que lha dera Diogo lopez de sequeira sendo gouernador/ & polo regimento iha podia dar os primeyros tres ãnos por ele ser o que a fizera & não selhe podia tirar senão por erros. E dada a capitania a Simão dandrade/ partiosepera Chaul cõ hũa armada de obra de doze fustas que auia de goardar aquela costa das fustas de Diu, & auia dandar repartida ẽ capitanias, de hũa auia de ser capitão mór Fracisco de sousa tauares/ doutra dom Tasco de lima de Santarem, & doutra Martim correa do Algarue: & ate Chaul auia dir Simão dandrade por capitão mór/ & hião nesta frota dozẽtos homens. E de caminho quisera Simão dandrade desembarcar em Dabul & pelejar com sete mil homẽs q̃ estauão nela por lhe ho tanadar não querer dar dnas galés que hi fizerão turcos: & estando ia nos bateys cõ sua gente pera saitar em terra ouue ho tanadar tamanho medo que lhe mãdou dar as galés com q̃ seguio seu caminho pa Chaul. E chegado lá Anrrique de meneses lhe entregou a capitania da fortaleza pola prouisam do gouernador/ porque vio q̃ nã auia de poder fazer outra cousa, & deulia a este tẽpo tres mil pardaos que gastara na fortaleza com dar de comer & outras cousas de seruiço del rey de Portugal. E metido Simão dandrade na capitania da fortaleza/ repartio as capitanias das fustas como trazia por regimento: & os capitães mózes se forão a goardar a costa/ em que fizerão muyto dãno por todos aqueles rios. E acertando Martim correa dentrar norio do Betele que he muyto fresco sayo em terra com obra de vinte cinco dos nossos: & metẽdose por hũ espesso palmar foy assi ate chegar diante de hũs grandes paços de muytos patios, sardis & varãdas: & diante da porta do primeyro patio estauão asserados no chão muytos homẽs & molheres pobres. E saindo de dentro hũ homẽ leuantaranse todos muyto de pressa, a quẽ primeyro chegaria a demas ele deitou todos & foyse a Martim correa, & fazendolhe sua cortesia como mouro era assentouse coele ẽ hũ poyal: & ali em praticando lhe deu conta como aqles paços erão de hũ grãde senhor mouro/ que auorrecido das cousas do mũdo viuia ali apartado & gastaua ho seu com aqueles pobres que auia & com outros/ a q̃ continuamente daua esmola de dinheiro/ trigo & arroz: de que ele era o esmoler. E nisto sayo ho proprio senhor mouro, & mostrou folgar muyto de ver os nossos/ & fazẽdolhes muyto gasalhado: se assentou cõ Martim correa/ com quẽ esteue praticando ate que foy horas de se

tornar á sua fusta/ ondelhe mãdou duas vacas/ galinhas & fruyta. E nesta pratica perguntando Martim correa ao mouro a causa porque fazia aquelas esmolas/ ou que satisfação esperaua delas. Respõdeo que era tanto de sua condição fazer bẽ que ho fazia polo gosto que nisso leuaua.

¶ Capit. iij. Do que aconteceo a Martim correa andando darmada.

Outra vez lhe aconteceo q̃ foy ter a hũa fortaleza despouoada onde achou hum Bramene velho que os noiſos cattiuarão / & polo não quererem soltar despois que foy nas fustas rogou a Martim correa que ho resgatasse por dez pardaos/ & que lhe desse licença pera ir por elles. E elelha deu jurãdolhe ho Bramẽ polas linhas que trazia ao pescoço que tornaria, & a ele não lhe daua de não tornar por ser velho & não lhe pedio ho resgate se não jombando: mas ele que jurara de verdade não ho teue assi. E auendo hũ pedaço que era partido tornou cõ oyto galinhas ás costas: & quando os nossos ho virão ficarão espãtados de ho ver tornar, & ele pedio a Martim correa muyto perdão de não poder tornar mais cedo: & tambem que lhe perdoasse de lhe não poder dar todos os dez pardaos que lhe prometera, porque por sua pobreza não podia dar mais que seys que logo tirou/ & polo resto trazia aquelas oyto galinhas. E espantado Martim correa da grande verdade do Bramene, & de Goa dar tambem seu juramento: lhe não quis tomar ho dinheiro, & polas galinhas lhe deu dous panos pera se vestir/ & mais hũ seguro assinado por ele pera que nenhũ Portugues q̃ ho tomasse lhe fizesse mal. E coisto se foy ho Bramene muyto contente/ & ele se foy recolhendo pera Chaul/ & na enseada dos Bramenes sobre hũas vacas que os nossos quiserão matar por não leuarem carne ouue hũa peleja com bem oyto centos mouros, de que os nossos ouuerão a vitoria & os fizerão fugir: & despois foy sobre hũ lugar que se despejou com medo dos nossos, & assi se recolheo a Chaul a inuernar, onde tambem se os outros capitães recolherão.

¶ Capit. iiij. Decomo dom Luys de meneses q̃ hia em socorro Dormuz chegou lá/ & do que fez.

Om Luys de meneses que hia caminho Dormuz chegou laa na ẽtrada de Mayo: & porque dom Garcia coutinho que estaua por capitão da fortaleza Dormuz ter acabado ho tempo de sua capitania ho tirou dom Luys dela, & a entregou a hũ fidalgo chamado João rodriguez de nozonha que a tinha por el rey de Portugal, & despois entendeo em fazer que se tornasse a pouoar Ormuz, porque sem isso não se podia soster a fortaleza por lhe faltarẽ os mantimentos que não vinhão por não auer mouros na cidade. E

sabendo ele que não se podia isto fazer sem võtade de Raix xarafo, trabalhou pola aquirir offrecendolhe perdão de tudo o q̃ tinha feyto no leuantamento del rey Turuxá ⁊ em sua morte: ⁊ assi todos aqueles que nisso fossem culpados: ⁊ que se tornasse a pouoar a cidade Dormuz. Mas como Raix xarafo tinha determinado de não tornar a poder dos Portugueses/posto que nisso se perdesse ametade da renda do rey no nũca quis: não respondendo porem claramente a dom Luys q̃ não queria se não desapegadamente, ⁊ mais porque lhe parecia que dom Luys não trazia tanta gente que ousasse de pelejar em terra. E sabendo os capitães da frota ⁊ outros fidalgos como Raix xarafo temporizaua com dom Luys/conselhauãlhe que não curasse de mais dilações, ⁊ que pelejasse com Raix xarafo: porque certo estaua que pois tinha em seu poder el rey Dormuz/⁊ gouernaua ho reyno que não auia de querer tornar a poder dos Portugueses que lhe auião de tirar todo ho mando que tinha. O que dom Luys não quis fazer/nem menos poer isto em cõselho pera se determinar o que parecesse melhor. E vẽdo que era escusado perfiar mais com Raix xarafo que fizesse o que lhe requeria, determinou de lhe procurar a morte: porq̃ ele morto el rey Dormuz pouoaria a cidade, ⁊ muyto secretamente mandou cometer q̃ ho matasse a Raix xamixir o que matara el rey Turuxá: mandãdolhe offrecer ho goazilado Dormuz se ho fizesse/porque sabia que posto que Xamixir era parente ⁊ capitão de Raix xarafo/que era a sua lealdade tão quebradiça que por qualquer peita a quebraria quanto mais por tamanha como era ho goazilado Dormuz. E assi foy que Raix xamixir aceitou de boa vontade a empressa, mas q̃ não poderia matar logo a Raix xarafo por andar muyto a recado que se temia de dom Luys. E despois de ele ido se obrigou a fazelo per hũ assinado que lhe disso mãdou: ⁊ ficando dom Luys descansado coele mandou dizer a Raix xarafo/que pois queria mudar a cidade Dormuz aa ilha de Queixome q̃ lhe não daua disso porque tambem delá auia el rey Dormuz de pagar as pareas que era obrigado a pagar a el rey de Portugal como se esteuesse na ilha dormuz: por isso q̃ as pagasse ⁊ a vali da fazenda que fora tomada a el rey de Portugal ⁊ a seus vassalos. Do que ele foy contente/⁊ assi ho fez. E com quãto Raix xarafo não queria tornar pera Ormuz não deixaua dauer paz antre os Portugueses ⁊ os mouros/⁊ tinhão trato hũs com os outros.

Capit. v. De como dõ Garcia anrriquez ⁊ Jorge dalbuquerque chegarão ás ilhas de Banda/⁊ da discripção destas ilhas.

Jorge dalbuquerq̃ capitão de Malaca vendo q̃ el rey de Bintão afroxaua da guerra que lhe começou de fazer, ⁊ q̃ podia escusar algũa gente da que tinha: determinou de mandar por capitão á

ilha de Banda a dom Garcia anrriquez seu cunhado por ser aquela capitania cousa de muyto proueito, & deulhe hũ nauio redondo em q̃ fosse com a gente que podia escusar. E despachado dom Garcia, partiose pera Banda na ẽtrada de Janeyro de mil & quinhentos & vinte dous: & ido ô caminho pola ilha Dajaoa achou ainda Antonio de brito no porto Dagacim, & como hia de viagem seguio sua rota & Antonio de brito partio apos ele pera as ilhas de Banda, q̃ estão em quatro graos & hũ terço da banda do sul, & sam tres que fazem todas antre si hum muyto bõ porto & redondo como a lagoa: a mayor delas sechama Bãda, a meã Bira, & a mais pequena Gunuape: que na lingoa da terra quer dizer serra de fogo: & assi ho he ela que arde continuamente, & por isso he desabitada. E Banda como digo he a principal, & ha nela muytas aruores que dão a noz & a maça & nacem polos matos como outras aruores: sam do tamanho de grandes pereyras, & assi tem as folhas ralas & os esgalbos, & os pés sam lisos como os das larãgeiras & nas folhas se parecẽ com pessegueiros, & assi dão a frol como a sua. Mo fruito que dão estas aruores he a noz q̃ chamamos nozcada que nace como hũ pessego, & no tamanho & na coz se parece coele: & despois de ser de vez a colhẽ & a deitão a secar ao sol, & assi como vay secãdo se vay abrindo & lança hũas folhinhas que sam a maça. E tiradas todas estas folhinhas fica ho carouço deste pomo que he a noz, que despois de lhe ser tirada a maça fica ainda coberto de hũa caspa preta de coz de castanha, que despois de ser muyto seca se espede por si da noz. Este pomo ho fazem em verde em conserua da çucar: & he muyto estimado em toda parte por ser muyto medicinal & saber muyto bem, & tambem fazem dele olio que aproueita muyto pera frialdade. Apanhada esta noz & maça a dão os da terra aos mercadores estrangeiros a troco de panos baixos: & por hũa coysa deles q̃ na ilha valera a dinheiro tres cruzados lhe dão hũ bahar de maça q̃ sã quatro quintaes, & da noz lhe dão sete babares. Esta ilha he pouoada de gentios homẽs pobres & pouco polidos, & de presença despriziuel, não tem rey a que obedeção, tem cada pouoação hũ regedor a que chamão Xabandar, & não lhes obedecẽ se não por amizade. As pouoações sam ô casas terreas cubertas dola: a principal se chama Iutatão. Ao porto desta ilha chegou Antonio de brito em Fenereyro & hi achou ja dom Garcia anrriquez, que lhe disse como bi soubera decerta certeza que forão ter ás ilhas de Maluco duas naos de Castelhanos que carregarão de crauo & se tornarão, deixãdo dez ou doze homẽs na ilha de Tidore a modo de feytoria: & ho como estas naos lá fozã ter foy assi.

¶ Capit. vj. De como Fernão de magalhães fez crer ao Emperador Carlos rey de Castela que as ilhas de Maluco erão de sua conquista & de como as foy desco brir.

REynando elrey dom Manuel de Portugal se foy pera Castela hũ Fernão de magalhães, de que fiz menção no liuro terceyro quando Francisco de sá & Bastião de sousa se perderão nos baixos de Padua que ficou no ilheo. Este por se vingar del rey dom Manuel/ mostrãdose agrauado dele lhe fez hũa grãde treyção: que foy dizer ao Emperador Carlos quinto deste nome que era rey de Castela, que pola repartição da conquista que se começou de fazer antre el rey dõ João bo segundo de Portugal/ & el rey dom Fernando de Castela que não ouue effeyto: erão de seu descobrimento & conquista as ilhas de Bãda & as de Maluco, dandolhe pera isso algũas rezões: que como nã ouue quem as contrariasse por parte del rey de Portugal, & erão em fauor do emperador, & pera seu proueito lhe parecerão bem & ho creo sem mais examinar a verdade do que lhe dizia Fernão de magalhães/ & assi a bum Ruy faleyro que tambem hia coele mais por fazer treyção a el rey de Portugal que por outra causa & fazia se grande astrologo/ mas não sabia nada: & tudo o que fingia que sabia era por hũ spirito familiar que tinha segundo se despois soube. E estes dous fizerão crer ao Emperador que estas ilhas que digo erão do seu descobrimento & conquista/ & se lhe offrecerão a lhas descobrir por fora da nauegação da India: & pera este descobrimento se concertou ho Emperador com certos mercadores que lhe armassem cinco naos em Seuilha/ de que deu a capitania mór a Fernão de magalhães, & mãdou coele a hũ astrologo chamado Andres de sam Martim, pera que por astrologia visse se podia alcãçar a saber a altura de leste a oeste de que se esperaua muyto dasudar pa bo dereito deste descobrimento. E foy este astrologo com Fernão de magalhães/ porque ao tẽpo de sua partida se escusou Ruy faleyro dir coele: por que parece que soube polo seu familiar quão mal auia de suceder aquela viagem aos que a fizessem/ & deu a Fernão de magalhães hũ grande regimento de trinta capitulos, pera q̃ por tres maneyras podesse conhecer a distancia & deferença que andasse de leste a oeste: q̃ ele fazia ser cousa muy facil de saber porque sabendose se poderia saber certo se estas ilhas ỏ Maluco & Bãda erão do descobrimento & conquista de Castela ou não. E coeste regimẽto se partio Fernão de magalhães em Janeyro de mil & quinhẽtos & vinte por capitão mór da frota do Emperador, de que forão por capitães ele na nao Trindade & por seu piloto hũ Esteuão gomez Portugues, Luys de mẽdoça degradado da nao vitoria, & João de cartasena natural de Burgos da nao sancto Antonio/ & João serrão natural de Freixinal da nao Sãtiago, & Gaspar da queixada da nao conceição & piloto João Carualho Portugues. Vão nesta frota ate duzẽtos & cincoenta homẽs, em q̃ entrauão trinta & tantos Portugueses de q̃

soube estes nomes, Aluaro de mezquita destremoz, & hũ da silua de Coimbra, Martim de magalhães natural de Lisboa & moço da camara del rey de Portugal. Esteuão diaz filho dũ abade dabeira, Gonçalo rodriguez ferreyro natural de Leyria, Afonso gonçaluez natural daterra da estreia, Nuno criado do conde de vila noua, & hum Rabelo. Partido Fernão de magalhães com esta frota do porto de Seuilha foy ter ás Canarias, & dali leuou a rota do Brasil, & forão ter ao porto de sancta Luzia onde fizerão agoada. E dali indo ao longo da costa contra ho sul tomarão ho porto de sancta Maria & passarão ho cabo frio & horio doce que he hũa grande enseada a que não virão cabo, & poserão seys dias em passar dũa ponta a outra & sempre por agoa doce, de que fizerão agoada. E vendo os capitães da frota que Fernão de magalhães queria passar deste rio doce fizeranlhe grandes requerimentos que não passasse, & que ho descobrisse: porque assi ho leuaua por regimento do Emperador, a que se desobedecesse, soubesse que lhe não auião dobedecer. E elelhes respondeo por boas palauras, que a seruiço do Emperador compria passar ele auante: porque doutra maneyra não podia dar fim a sua empresa. E passou ficando os capitães Castelhanos, & assi os pilotos & mestres muyto descontentes dele, tanto q̃ determinarão de ho matar ou leuãtarselhe, dizendo que não sabião onde os leuaua. Porem Fernão de magalhães não soube disto nada: & nauegando por sua viagem sempre a vista de terra cõtra ho sul foy ter na entrada dabril a hũ rio grande a q̃ pos nome de sam Julião ou dos patos q̃ está em corenta & none graos, & a terra era toda escaluada sem aruoredo nem eruas & muyto fria, & a gente dela vestida de peles & muyto pobre: & porq̃ entraua ja ho inuerno que ali começa em Abril & dura ate Outubro, determinou de inuernar ali, pera o que meteo a frota no rio que mãdou descobrir por João serrão, & em quanto foy descobrilo fizerão os tres capitães conjuração cõ algũs outros de matar Fernão de magalhães & tornarse pera Seuilha, determinando de dizer ao Emperador que ho fizerão por ele não querer goardar seu regimento & fazia caminho muyto fora do que lhe ele mãdara. E sendo isto sabido por ele, teue maneyra como se sayo logo pera fora do rio com sua nao, não mostrando ser sabedor do q̃ selhe ordenaua, antes dissimulando grãdemente. E saydo fora communicou a cousa cõ ho ouuidor darmada, dãdoilhe miudamente as rezões porq̃ não quisera descobrir ho rio doce. E como por aquele rio esperaua de ir ter ao verdadeyro caminho de Maluco & pera isto auer effeyto cõpria muyto fazerse justiça dalles capitães, porque doutra maneyra não auião dassessegar no seruiço do Emperador. E porq̃ se não podia fazer deles justiça sem grãde aluoroço & perigo da gente da frota, era necessario vsarse dalgũa manha

pera se matar Luys de mendoça que era a cabeça da conjuração, & a quem todos seguião, porq̃ morto este logo todos ficarião assessegados & não auería mais amotinações: & ho Emperador seria seruido como ele desejaua. E concertousse que ho mesmo ouuidor ho matasse as punhaladas, fingindo que lhe leuaua hum requerimento de Fernão de magalhães que sayse pera fora do rio onde ele estaua / & fosse de noyte porque ouuesse menos reboliço & os outros capitães lhe não acodissem. E indo ho ouuidor aa sua nao coesta dissimulação cõ companhia apercebida pera ho caso / estandolhe fazendo ho requerimento ho matou ás punhaladas ajudando ho a isso os que hião com ele. E logo ho ouuidor & os seus começarão de bradar que viuesse ho Emperador & morressẽ os que lhe erão tredores. E tomãdo posse da nao polo Emperador mandou aos marinheiros que sayssem pera fora com a nao & fossem surgir junto de Fernão de magalhães, & assi ho fizerão. E como foy manhãa mandou ele dizer aos outros dous capitães que se dessem se não que lhes meteria as naos no fũdo. E sabido isto polos marinheiros da nao de João de cartagena alargarão as amarras & forão ter sobre a nao de Fernão de magalhães, em que ele logo entrou & prendeo a Fernão de cartagena em ferros / & despois a Gaspar de queixada / a que no mesmo dia mandou degolar & esquartejar com pregão que publicaua a causa porque: & outro tanto mandou fazer a Luys de mendoça ainda que estaua ja morto, & a João de cartagena porque se achou que não tinha tanta culpa degradou ho pera sempre pera aquelas partes, & assi a hum clerigo culpado neste maleficio. E esta supita & aspera justiça pos grande espanto na gente da frota / & dali por diãte foy Fernão de magalhães muy temido. E nisto chegou João serrão que foza descobrir ho rio onde se lhe perdeo a nao / & ele escapou com quantos hião coele & se tornou pera onde estaua Fernão de magalhães, que mandou logo tirar as quatro naos a monte pera se cozregerem / porque andauão muyto abertas & daneficadas & não poderião sofrer a comprida viagem que estaua por fazer.

¶ Capitolo. viij. De como Fernão de magalhães mostrou hum regimento que leuaua do faleyro pera se conhecer a altura de leste a oeste. E do que hum astrologo que hia na frota & os pilotos dela acordarão.

Concertandose as naos Fernão de magalhães mostrou aos pilotos & ao astrologo Andres de sam Martim ho regimento que leuaua de Ruy faleyro acerca de se poder saber a altura de leste a oeste como ja disse. E visto ho regimento por todos / mandoulhes Fernão de magalhães que disse cada hum

o que alcançaua a saber/ & se se podião aproueitar dele em sua nauegação. E os pilotos responderão por escripto que não se podia vsar daquele regimento/ nem aproueitaua pera se nauegar por ele. E assi ho assinarão: & ho astrologo respondeo ho mesmo a todos os capitolos do regimẽto que erão trinta saluo ao quarto que dizia que pola conjunção que a lũa tem com as estrelas fixas, & com ho sol se pode saber o que hũa terra vista da outra na altura de leste a oeste. E disse a este capitulo que não auia outro caminho pera alcançar a deferẽça da altura de norte a sul a de leste a oeste se não aquele nem ele ho sabia. E acrecentou ainda outras muytas conjunções & opposições/ & pera mor clareza disso fez sobisso hũ tratado em que alegou muyta astrologia, & disse q̃ aquela regra era muy sabida por todos os astrologos & cosmographos. E per ela estando ele naquele porto no mesmo anno a dezasete dabril que foza ho eclipse do sol vira & notara pelo eclipse que altomou/ que ho meridiano daquele porto distaua do de Seuilha donde partirão sessenta & hum graos de norte/a sul. E que sabido por Fernão de magalhães & pelos pilotos: foy por todos aprouado por bõ/ & quando virão que a distancia dos graos era tãta quiserãa diminuir & encurtar a derrota que ateli fizerão, porque se temião de sair fo limite de Castela/ & poserão ho mesmo porto em algũas cartas que leuauão arrumadas em branco/ & hũs ho poserão em corenta & tres graos/ outros em corenta & seys: mas a verdade foy posta nos papeis & liuros em q̃ as escriuião, cuydando que não auião nunca dapparecer como despois parecerão & vierão ter ás mãos dos nossos/ pelos quaes se mostrou q̃ as ilhas de Banda & de Maluco sam do descobrimento de Portugal/ & ainda alem de Banda treze graos & meyo, & de Maluco dezasseys.

Capitolo. viij. De como Fernão de magalhães passou ho estreito de todos os sanctos & foy ter á ilha de Cubo: & de como foy morto em hũa batalha com dous capitães seus & outra gente.

Atrado ho mes doutubro que se a cabaua ho inuerno daquelas partes, determinando Fernão de magalhães de prosseguir aquele descobrimento que fazia com tamanha falsidade & deslealdade, deu a capitania da nao de João de cartagena a seu primo Aluaro de mesquita/ & a de Luys de mendoça a seu cunhado Duarte barbosa/ & a de Gaspar de queixada a João serrão. E feyto isto partiose no mes doutubro: & indo ao longo da costa do Brasil dabi a cento & tantas legoas se achou metido com toda sua frota em hũa grande enseada/ & não podẽdo tornar pera tras foy por ela ate chegar õde ho mar se metia pola terra,

& Fernão de magalhães mãdou logo sondar a boca dele/& polo grande fundo q̃ se achou conheceo que era estreito q̃ se fazia do mesmo mar oceano, assi como se faz ho ove gibral tar: pelo que ficou muyto ledo/poz quelhe pareceo que aquele estreito auia de cortar toda a terra do Brasil ate chegar ao mar poz õde ele cria que poderia nauegar pera Maluco sem ter necessidade de ir pola nossa nauegação: o que ele receaua muyto poz não topar nauios Portugueses, & determinou de descobrir aq̃le estreito pera ver se chegaua a outro mar, porque se chegasse daua a sua nauegação poz muyto boa. E assentado nisto pos lhe nome a baya de todos os sanctos poz chegar ali em tal dia. E dando conta de sua determinação aos Portugueses começou de nauegar poz este estreyto/& entrãdo poz ele era a boca de largura ho espaço q̃ tomauão duas naos hũa jũto da outra/& despois se alargaua ate hũa legoa, & de cada vez de móz fundo que lho não achauão, & de hũa parte & doutra auia muy altas serranias cubertas de neue. E era terra desabitada & sem verdura nem aruoredo/nem parecia nenhũ gado nem alimarias brauas. E indo assi acharão que ho estreito se fazia em duas bocas. E que vendo Fernão de magalhães mãdou a Alvaro de mezquita que fosse poz hũa delas ate ho cabo/& despois se tornasse ali/& que ele faria outro tãto: & quem chegasse primeyro esperasse pera saberem o que achauão/& verẽ o que auião de fazer. E coeste cõcerto partirão/& Fernão de magalhães seguio poz sua rota a diante poz antre aquelas grandes & altas serranias cubertas de neue ate que começou dachar outra terra em que auia hũas aruores altas q̃ parecião cedros & assi outro aruoredo: & assi foy ate ho cabo daquele estreito que vio que se acabaua no mar oceano, & que a terra poz onde se fazia aquele estreito ficaua cercada de mar de duas partes. E q̃ visto poz ele tornouse a paragem donde se apartara Aluaro de mezquita pera saber dele o que achara poz sua derrota. E chegado não ho achou, & esperando poz ele algũs dias nũca veo/poz que segũdo se despois soube ho seu piloto com a gente da nao se leuantou contrele, & ho prendeo poz que não fossem mais auante & se tornassem: como tornarão pera ho rio de sam Julião/onde recolherão a João de cartasena que hi ficara degradado & se tornarão pera Seuilha/dizendo que Fernão de magalhães era voudo/& que mintira ao Emperador, porque não sabia õdestauão Banda nem Maluco. E vẽdo Fernão de magalhães que Aluaro de mezquita não vinha não ho quis mais esperar poz se lhe não gastarem os mantimentos, & tornouse poz aq̃le estreito poz õde saio ao mar oceano: & a boca poz õde sayó achou q̃ estaua em cincoẽta & cinco graos de norte a sul pera a parte do sul/& dali mãdou Fernão de magalhães q̃ fossem buscar a linha equinocial, poz q̃ sabia pelas cartas meẽuas de Francisco serrão/& pelas cartas

antigas de marear que Maluco jazia naquele paralelo da equinocial: & diminuindo na altura ate se poer debaixo dela nauegou por ele cinco meses sem achar Maluco, do que asi ele como os seus pilotos & ho astrologo se agastarão muyto / por que segũdo se despois achou pelos nossos quando tomarão hũa destas naos na ilha de Ternate. Affirmouse Fernão de magalhães com ho astrologo & pilotos da frota que tinhão tanto andado deleste a oeste despois que sayrão do estreito que erão saydos do limite de Castela, & que entrauão ja muyto polo de Portugal. E com temor de toparem gente nossa, & tambem com muyta necessidade dagoa / acordarão de deixar a derrota q̃ leuauão / & nauegarão pera a parte do norte ate que se poserão em dez graos / & ali acharão hũ arcepelago de muytas ilhas: & tomãdo ali terra virão que a gente tinha paraós em que nauegaua / & trazia muyto ouro nos braços & nas orelhas / & que ho resgatauão por ferro: & daqui a cincoẽta legoas forão ter a hũa ilha chamada Maçana que tinha rey, que fazendolhes muyta honra & gasalhado os leuou a outro rey doutra ilha chamada Cubo cujo vassalo era / que recebeo com muyta honra a Fernão de magalhães, & lhe fez muy bõ tratamento: principalmẽte despois que soube como era capitão mór dũ senhor tamanho como ho Emperador / de quem Fernão de magalhães fez que se fizesse vassalo / & mais ho fez tornar Christão & a sua molher / & a seus filhos com muytos do seu reyno / & pos lheno me dom Fernando: & por seu consentimento foy edificada hũa igreja da avocação de nossa Senhora da vitoria em que se celebraua ho officio divino. E estando nesta amizade / el rey rogou a Fernão de magalhães que ho ajudasse contra outro rey seu vezinho senhor de hũa ilha chamada Matão que lhe não queria obedecer, & sobrisso tinhão ambos guerra. E por el rey ser vassalo do Emperador / Fernão de magalhães lhe deu a ajuda que lhe pedia, & pelejou duas vezes com ho rey de Matão / & dambas lhe matou muyta gente. E não querendo comtudo obedecer a el rey de Cubo pelejou coele outra vez / & desta foy mozto & desbaratado: porque el rey de Matão tinha mandado fazer muytas cousas cheas destrepes no lugar onde auia de ser a batalha / que em se começando de dar fez que fugia com sua gente. E Fernão de magalhães contẽtandose coisso os não seguio / & recolhendo sua gente dão os immigos nele / & dão coele nos estrepes onde matarão a ele & a Duarte barbosa, & a João serrão com vinte tantos homẽs, & os outros se recolherão aos bateys, & metendose nas naos se tornarão pera a ilha de Cubo.

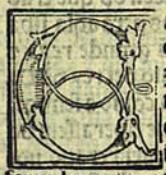
¶ Capitulo.ix. Da treyção que el rey ó Cubo fez aos Castelhanos em que matou muytos deles / & de como escaparão fugindo. E do que passarão ate chegarem aa ilha de Tidore hũas das ilhas de Maluco.

Ornados os Castelbanos aa ilha de Cubo/ & vendose desemparados do seu capitão moor/ & de quem os guiasse pera onde auião de ir quiseranse tornar dali. Ao que João carualho piloto da nao de João serrão acodio, dizendo que não fizessem hũa couardia tamanha como aquela/ & que ouihassem em quanta obrigação lhes ficaria ho Emperador se lhe descobrissem Bãda & Maluco: por isso que ho descobrissem que ele os leuaria lá. E animados todos coisto/ determinarão de prosseguir auante/ & deranlhe a capitania da nao. E stando se apercebendo pera tornar a sua viagem, mandou el rey de Matão ameaçar el rey de Cubo que iria sobrele/ & ho destruyria se não matasse os Castelhanos & lhe não tomasse as naos. E como ele estaua amedrontado pola morte de Fernão de magalhães & dos outros ouue medo ao ameaço/ & prometeo a el rey de Matão de lhe fazer o que queria: o que logo pos em obra/ & pera isso fingio fazer hũa grande festa em que conuidou os capitães da frota & os principais dela, pera lhes dar hum banquete/ porque doutra maneyra os não podia tomar juntos/ porque despois da morte de Fernão de magalhães hião poucas vezes a terra por conselho de João carualho: que quãdo soube que erão conuidados pera ho banquete, & que ho querião receber lhes rogou muyto que ho não fizessem, porque tinha por sem duuida que aquilo era treição. E por muytas rezões que lhes deu pera ho ser/ não quiserão se não ir a terra: mas ele não quis ir/ nem que fosse ninguem da sua nao/ & mandou leuar as Ancoras, saluo hũa sobre que ficou, & esta apique pera se leuar logo se fosse necessario. E estando os Castelhanos comendo debaixo de hũas aruores com grande festa & el rey coeles/ da neles a gente del rey armada & matarão trinta & tantos/ & os outros se acolherão ás naos que estauão perto. E pode ranno fazer porque João carualho mandou desparar algũas peças dartelbaria/ de que os immigos auendo medo não seguirão os Castelhanos/ que despois embarcados por se verẽ que erão tão poucos que não abastauão pera tres naos queimarão hũa delas, baldeando nas outras o que leuauão, & partiranse por esse mar desesperados de saluação, porque João carualho com quanto lhes prometera que os leuaria a Maluco, nem sabia ondestaua/ nem pera onde auia de nauegar: & sem leuar certa rota nem via se foy por esse mar onde a ventura ho leuasse, & foy ter a hũa ilha chamada Puloando senhorio del rey de Borneo, onde tomarão dous homens que os leuarão aa ilha de Borneo: & mandarão dizer a el rey cuias erão aquelas naos & que trazião muytas mercadorias pera tratar se lhes desse licença pera sairem em terra, & coela sairão/ mãdãdo el rey receber os dous capitães hõrradamẽte & cõ grãde festa. E leuadas mercadorias a terra as-

sentarão feytoria / ⁊ da hi a dous dias amanhecerão derredor das naos trezentos ⁊ tantos paraós, ⁊ parecia q̃ pera lhe tomarẽ as naos. O q̃ eles entendendo se fizerão logo á vela, ⁊ derão em cinco jungos que estauão no porto de que tomarão tres em que acharão muyta riqueza que leuauão de Malaca dõde erão / ⁊ catiuarãlhe toda a gẽte. E feyto isto foranse a hũa ilha despouoada q̃ está afastada do porto / onde lhe el rey de Borneo mandou logo pedir os catiuos / mandandolhe dous Castelhanos da feytoria: dizendo que lhe não mandaua os outros porque ficauão oulhando pola fazenda da feytoria. E deranlhe os catiuos, mandandolhe dizer que lhe mandasse os Castelhanos que lá estauão: ⁊ por ho recado tardar hũ dia cuydarão os Castelhanos que lhe querião fazer treição / ⁊ por isso requererão a João carualho q̃ se partissem / ⁊ assi ho fizerão deixando os companheiros em terra com a fazenda / ⁊ forão ter a hũa ilha despouoada onde derão pẽdor ás naos por andarem muyto abertas. E dali forão ter a outra ilha chamada Mindanao / ⁊ despois a outra que auia nome Sanguim. E andando perdidos ⁊ sem saber õde estauão nem esperança de ho saber nunca: ⁊ crendo que se chegaua sua fim toparão com hũ jũgo da China que hia de Maluco: ⁊ auẽdo fala de le por acenos souberão que auião de tornar atras da derrota que leuauão / ⁊ tomarão pilotos que os leuarão á ilha de Tidore / hũa das ilhas de Maluco / onde chegarão na fim Doutubro de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ vinte hũ: cujo rey os recebeo muyto bem / ⁊ eles lhe derão grandes presentes / dizẽdo que erão vassalos del rey de Castela ⁊ ho mór senhor da Chrstindade / ⁊ por seu mãdado hião descobrir aquelas ilhas pera ter trato nelas: ⁊ se ele disso fosse contente que faria nisso muy grãde proueito. E vencido el rey dos presentes que lhe derão, disse que elle ⁊ sua terra erão del rey de Castela / ⁊ que lha entregaua: ⁊ que soubera por seus feyticeiros que erão partidas cinco naos pera aq̃la ilha por mandado de hũ grande rey / ⁊ por isso ele era vassalo del rey de Castela, ⁊ lhe obedecia como a senhor: ⁊ que lhe rogaua que esperassem dous meses ⁊ que lhe daria crauo nouo. Ao que eles responderão que nã podião esperar por serem as naos velhas / ⁊ por isso se querião logo tornar: mas que dali a dous annos lhe prometião de tornar cõ cincoẽta naos carregadas d̃ mercadoria: ⁊ preguntaranlhe se hião os Portugueses a estas ilhas. E sabendo q̃ si, disserão muyto mal deles chamãdo os ladrões / ⁊ prometendo que lhe auião de tomar Malaca / porq̃ dela ate Maluco tudo era del rey de Castela / ⁊ rogarão a el rey que lhe fizesse vender esse crauo que se achasse na ilha posto que fosse velho porque coesse irião contentes. O q̃ fazião por se acolher q̃ temião q̃ fossẽ os Portugueses / ⁊ q̃ os tratassẽ mal: q̃ bẽ sabião q̃ não era Maluco de seu descobrimento pelo que tinhão esprementado naquela nauegação: ⁊ bem tomarão por partido

tornarem a suas terras com auida: & em quanto se ajuntaua ho crauo que auião de leuar ficarão cõ el rey fazendo veniaga de suas mercadorias.

¶ Capit. x. De como el rey Daternate foy cometido dos castelhanos com amizade & a não quis, & de como carregarão duas naos de crauo & hũa foy ter a espanha, & outra despois de partir arribou a Maluco.



Estando aqui mãdarão offrecer amizade a el rey de Ternate cõuidando ho com presentes pera isso. E como ele era seruidor del rey de Portugal auia muytos annos não a quis aceitar/ antes lhe mandou dizer que era vassalo del rey de Portugal/ & que a ele queria ter por señor & não outro, & mandou logo recado a Jorge dalbuquerque capitão de Malaca/ em que lhe escriuia o que passaua: & assi ho escreueo ao gouernador da India & a el rey de Portugal. E estas cartas mandou em hũ tundo que mãdaua a Malaca/ pedindo a el rey que mandasse prouer aquela terra pois era sua/ & que mandasse fazer nela hũa fortaleza. E vendo os Castelhanos como el rey nã queria sua amizade disserão a el rey de Tidore q̃ quando tornassem com a armada q̃ dizião ho farião vassalo do Emperador posto que não quisesse. E el rey de Tidore vendo como se eles querião ir/ mandou apanhar todo ho crauo que se pode auer com que carregarão as duas naos q̃ tinhã. E a mor parte deste crauo era del rey de Portugal, & dos nossos que lá ficara do anno de mil & quinhentos & vinte de tres jungos de Malaca que descarregarão na ilha de Machão por não terem tempo pera irem a Malaca/ & hũ deles era de Curia dena hũ mercador em que hia a carga del rey de Portugal/ do retorno da fazenda que Gaspar rodriguez feytor mandou quando lá foy dom Tristão de meneses. E muyto, fardos deste crauo leuauão os nomes dos nossos ô cujos erão, & com a pressa que tinhão de carregar este crauo cõ medo que não fosse ter coeles algũa armada nossa & os tomasse, cõprauão ho abahar a dez & a doze dobrões, & mais cozẽta barretes vermelhos: comprãdo os nossos ho bahar a cruzado & a menos. E carregadas as naos deixarão os Castelhanos feytoria nesta ilha de Tidore com todos seus officiaes, a q̃ ficarão muyto cobre & outras mercadorias/ & deixarãlhe cozenta bombardas & muytas béstas & espigardas & outras armas prometendo a el rey de Tidore que quando tornassem auião de fazer hũa fortaleza. E com isto se partio hũa das naos/ de que era capitão & piloto João carualho em Dezẽbro de mil & quinhentos & vinte hũ: & partida foy auer vista da ilha Damboino que está atraues da de Banda/ de que tambem ouue vista/ & assi da costa da saoa & dahi foy á ilha de Timor ôde lhe fugirão dous castelhanos q̃ despois forão ter a Ma

laca com desesperação de se a nao não poder saluar / porque hia tão aberta que a cada relogio dauão á bomba quatro vezes / & por isso a tirarão ali a mõte & cõcertarão / no que se deteuerão ate Feuereyro de mil & quinhentos & vinte dous / & dali corte u pola altura do cabo de boa Esperança. E fazendose auãte pele cuydando que ho tinha dobrado, corrão dali ao nordoeste foy dar no rio do Iffante que está quinze legoas de Moçambique. E nisto se mostrou quão pouco sabião por onde hião / por quantos graos aqui errarão daltura deleste a oeste, & daqui forão polo nosso caminho ate tornarem a Seuilha: & a outra nao dos castelhanos que partio da ilha de Tidore despois destrouta leuou sua derrota pera a terra do Dariẽ q̃ he detras da terra das antilhas. E auendo dous meses que nauegaua / forãlhe os ventos tão contrairos a sua viagem que lhe foy forçado arribar ás ilhas de Maluco / & quando chegou achou os nossos fazendo hũa fortaleza na ilha de Ternate, como direy a diante.

¶ Capit. xi. De como Antonio de brito & dom Garcia anrriquez se partirão pera as ilhas de Maluco, & da discripção destas ilhas.

SAbido por Antonio de brito como estauão Castelhanos ẽ Maluco / & como tinhão assento na terra: temendo q̃ teuessem mais força da que tinhão, requereo a dõ Garcia anrriquez da parte del Rey de Portugal, que por quanto leuaua pouca gẽte pera pelejar com os Castelhanos & com os da terra & os sugigar, que fosse coele com a gente q̃ tinha pera ho ajudar. E visto por dom Garcia como aquilo era seruiço delrey aceytou de muyto boa võtade fazelo sem lhe lembrar ho muyto que perdia de sua fazẽda por não ficar em Bãda / em que Antonio de brito assentou amizade & trato com os da terra: & por memoria disso pos hũ padrão de pedra com as armas reaes, & sobrisso tenerão os da terra coele algũa deferença, & pelejarão coele & lhe ferirão algũs homẽs / & por derradeyro ficarão amigos. E vindo ho mes de Mayo q̃ era a mouçõ pera Maluco, partirãse Antonio de brito & dõ Garcia com sua armada que era de oyto velas, & leuauão nela trezentos homẽs. E seguindo por sua viagẽ chegarão a estas ilhas que estão cem legoas de Bãda: & estão coelas nordoeste sueste / & sam cinco a foza outras muytas de que se faz hũ grande arcepelago que ocupão grandissima distancia de mar. E estas cinco que digo que propriamente se chamão as de Maluco sam as q̃ dão ho crauo, que he tão estimado per todas as partes do mũdo. E sam os seus nomes estes / Bachã / Maquiem / Moutel / Tidore & Ternate: estão todas debaixo da equinocial / & antre a de Ternate & a de Bachão estão as outras tres. E a de Ternate que he mayor que todas está em hum grao da banda do sul. Todas estas ilhas sam chãs polas

fraldas do mar, & dali se vay a terra alevantando algũ tanto ate duas legoas pelo sertão: mas dali por diãte sam as serranias tão grãdes & as rochas tão altas & os aruoredos tão bastos & çarrados que nã se podem habitar. E ẽ todas estas serras ha vieiros de enxofre: & em hũa da ilha de Ternate está hũa boca que continuamente lança espantosas labaredas de fogo. Todas per estas duas legoas que digo sam cubertas de muyto aruoredo brauo, & antre le nacem as aruores que dão ho crauo: de que principalmente ha mais em Moutel & Maquiem que em nenhũa das outras. As aruores que dão ho crauo sam do tamanho das que dão a noz, & em terem os troncos lisos & a rama copada se parecem com laranjeiras: porem as folhas parecẽ se com as do loureyro. Nace ho crauo por todos elas em pinhotas como madre silua, & quãdo he de vez está verde. E os q̃ ho apanhão se sobem nestas aruores & com hũas canas de forquilha ho colhem & deitão em hũs cestinhos que trazẽ na cinta, & nisto quebrão todos os raminhos & gomos que estas aruores metem de nouo, pelo que ficão tão danificadas que nã dão crauo ho anno seguinte & se reformão ne le pera dar ẽ ho crauo ao outro anno: de modo que pola mayor parte não dã nouidade inteira todos os ãnos. Apanhado ho crauo ho deitão ao sol a curar, onde anda muytos dias & se torna roxo, & despois negro como ho vemos, de ho bem curarem com agoa salgada. Ha tambẽ outras aruores que se chamão çagus de cujo miolo se faz pão: despois de tirado ho deitão ẽ jarras com agoa salgada, & passados algũs dias ho secão ao sol, & seco ho moẽ & da farinha ou pó fazẽ pão, que segundo eu vi he da cor do nosso pão de rala, & sabe como pão. Outras aruores diuersas ha nestas ilhas, que hũas dão vinho outras azeite, outras fruytas: & isto continuamẽte que não tem tempo limitado, & por isso não falecẽ nũca. Ha tambem grandes canauaes de canas de boa grossura q̃ nacẽ cheas dagoa muyto boa, & quem vay polo mato & ha sede faz hũ furo em hũ canudo destas & bebe: ha tambẽ outras de que se serue a gẽte pera acarretarem agoa & vinho & azeite & fazerem de comer & sam da grossura dũ braço & de hũa coxa, & os canudos sam comũmente de compримento dũ couado & couado & meo: & leuão sete, oyto canadas. Nestas ilhas ha poucos mãtimentos, & quasi que vão todos de foza: & isto por ser a gente muyto guerreira & não se ocupar se não em guerras: porẽ a terra he fertil, & tão viçosa que em caindo a folha ao aruoredo logo lhe nace outra & nunca está sem ela: & as cabras que vem de foza parem duas vezes no anno, & as mais dous filhos de cada vez, & muytas tres & algũas q̃tro, & as porcas tambẽ parẽ duas vezes no anno, & as cabritas & leytoas ainda mamão quando logo emprenhão: & he tamanha a fertilidade desta terra que se vão molheres doutra que sejão anidas por

maninhas logo emprenhão nela. Ha tambẽ nestas ilhas hũs bichos como coelhos que tẽ nas barrigas hũs bolsos como alsabeiras, & quãdo parem metem neles os filhos, & coeles dentro sem lhe cairem correm & saltão polas aruores dumas em outras: estes se chamão cuços na lingoa da terra & sam muyto bõs pera comer. Ha no mar muyto pescado & muyto bõ, & hũs cangrejos do tamanho de centolas, & assi parecem: & tem hũs bolsos como pescoços de lagostas. E estes saem do mar pera ho mato a comer hũa fruita que ha na terra que se chama Canaria & he como amendoas, & assi tem a casca, & eles a quebrão com os dẽtes: estes sam muyto gordos & muyto gostosos pera comer, tomãnos com candea despois que de noyte saem em terra, & como vẽ ho fogo estão quedos, & pera os terem muytos dias os metem em hũa jarra & os mantem com cocos que comẽ. E com quanto ha nestas ilhas poucos mantimentos, esses que ha nunca falecem nem ha nelas fome, porque vay a gente buscar cada dia ao mato ho comer de que tem necessidade, & viuem como na primitiua idade. Todas estas ilhas sam muyto fortes por natureza & artefficio, & tem portos em que os nauios estrãgeiros podem entrar muy difficultosamente, por terem todos arrecifes feytos á mão. Suas pouoaçõ es sam como digo pola fralda do mar ate duas legoas pelo sertão, & as mais delas ou todas sam muyto fortes cõ cercas de trãqueyras, & canas & fortalezas de madeira. As casas sam de paredes de terra cubertas dola, somẽte as mezquitas sam de pedra: os moradores sam mouros, & auia pouco que tomarão a seyta de Mafamede q̃ dantes erão gentios. He gente bẽ desposta & mais preta que baça assi homẽs como molheres: tem todos hũa lingoa & tratanse muyto bem dos atauios do seu corpo, comũmente não sam pera trabalhar mecanicamẽte: porẽ sam homẽs engenhosos em carpentaria de macenaria & em laurar de bastidor. Sã muyto guerreiros & valẽtes na guerra & muyto crueis nela q̃ ho pay mata ho filho, & ho filho ho pay, & aos immigos q̃ matão cortão as cabeças que podem & pendurãnas ao pescoço polos cabelos, & isto é final de bõs caualeyros, & sem isso não se tem por taes nẽ ganhão honrra. Quando querẽ fazer algũa cousa de sustancia ajuntanse muytos a comer em q̃ se embebedão & despois de bebados assentão o q̃ hão de fazer, & ho mais bebado tẽ por mais honrrado: não tẽ nauios senão pera guerra, & sam de remo: os mayores se chamão cozas cozas & soãgas, & sam tão compridos que tem cenjo & oytenta remos por bãda, & sam muyto bem feytos. Não tẽ jungos nẽ outros nauios dalto bordo, porque não ha antreles nenhũs mercadores, nem ha antreles outra mercadoria que leuar pera fora senão crano, & este não ho leuauão por não terẽ nauios pera isso: & os da ilha de Bãda ho hião lá buscar ẽ seus jũgos & ho compranão muyto barato a troco de panos da India pera se vestirẽ, q̃ leuauão á Bãda

os mercadores de Malaca: & tambẽ a troco deles compravão em Bãda anoz/maça & cravo & não querião ir poz ele a Maluco poz q̃ gastavão na viagẽ quasi ho dobro do tempo que punhão de Malaca a Bãda ida poz vinda, que erão seys meses que partião de Malaca em Janeyro & ẽ Fevereyro chegavão a Bãda, & carregavão em Julho em que partião pera Malaca & chegavão em Agosto, & pera Maluco avião de partir de Banda em Mayo/& chegavão nele poz nã ser ho caminho de mais de cem legoas/& poz amor da moução dos levantes não podião tornar de Maluco senão em Janeiro se achavão carga/& se nã avião desperar hũ anno/& em Banda avião desperar ate Julho pera partirem pera Malaca. E poz esta rezão não querião os mercadores de Malaca passar a Maluco & achavão em Bãda ho cravo: que despois q̃ os Portugueses esteverão em Maluco não trouverão os Bandaneses mais a Banda. Os reys destas ilhas tem a seyta de Mafamede/& conforme a ela casam com muytas molheres & sempre tem hũa poz principal: eles & os fidalgos de sua corte a que cham̃ão mandarins se vestẽ ao modo malayo & os bajus sam de seda ricamente com botões douro/& pedraria polas dianteiras & mangas. Trazem arrecadas nas orelhas, & no pescoço colares douro & cadeas/& nos braços manilhas, & assi se vestẽ as molheres, & nas cabeças sombreiros goarnecidos douro & pedraria & nas festas cozoas douro: & poz dó trazẽ panos brancos que chamão fiſas feytos dantre casas daruores, & nos braços manilhas de rota de Bengala q̃ sam caninhas delgadinhas, & rapão quãtos cabelos tem em seu corpo, & vntanse dolios cheirosos, & trazẽ nas cabeças leços atados. Servense com muyto grande estado posto que não tẽ nenhũa rẽda, que cada lugar he obrigado a darlhe hũ tanto pera comerem certos dias cõ toda sua casa, & isto em abastança. E a mesma maneyra tẽ os senhores seus vassalos, que se chamão Sangages/& assi os regedores: porque cada rey tem seu regedor que tem cuydado das cousas do reyno/assi na paz como na guerra. E cõ quanto estes reys não tem renda sam tão venerados assi dos seus naturais como dos estrangeiros doutros reynos & tidos poz hũa cousa tão sagrada, que posto q̃ estem antre seus imigos se dizẽ eu sou tal rey afastanse logo & danlhes lugar: & tẽ poz costume se sam vencidos em algũa batalha denão verem ho rosto ao vẽcedor se nã dali a seys ou sete meses. A gẽte baixa os tem poz tão divinos que passando poz diante deles tapão os olhos & deitãse no chão de bruços poz não ousarem de lhes ver ho rosto/nẽ os nomeão senão poz sol/lũa ou poz nomes de cousas q̃ tẽ poz muyto grãdes. E ẽ todos os reys destas ilhas el rey de Ternate somente era amigo del rey de Portugal, & lhe mandou pedir que fizesse fortaleza ẽ sua terra/& não quis amizade com os Castelhanos.

¶ Capit. xij. De como Antonio de brito assentou amizade cõ a mãy

del rey de Ternate & com outros reys: & de como começou a fortaleza de sam João de Ternate.

Chegado Antonio ō brito a estas ilhas q̄ foy na fim de Mayo, porq̄ sabia q̄ na ilha de Tidore estauão os Castelhanos q̄ ficarão hi cō feytoria das duas naos da armada de Fernā de magalhães quis ir lá primeyro q̄ a de Ternate pera tirar dali aq̄la feytoria polo grāde perjuyzo q̄ faria á del Rey de Portugal. E indo lá cō toda a armada ouue ẽ seu poder os Castelhanos q̄ ja não tinhão q̄ feytorizar, & fezlhe tão bō gasalhado como q̄ forā Portugueses: & leuādo os dali se foy aa ilha de Ternate/cujo rey era falecido/& sospeitauase q̄ el rey de Tidore seu sogro ho matara cō peçonha ẽ hū bāquete por não q̄rer ser amigo dos Castelhanos como ele era: & a raynha gouernaua ho reyno por hū seu filho erdeiro não ser mais de sete ānos. E q̄ndo a raynha soube q̄ Antonio ō brito estaua na barra da sua cidade/mādoulhe a boa hora ō sua vinda polo regedor do reyno, & dizerlhe q̄ el rey seu marido era falecido, & q̄ndo faleceralhe deixara encomēdado q̄ se os Portugueses ali viessē pera fazer fortaleza q̄ os agasalhasse muyto bē/& lha deixassē fazer ōde quisessē, & lhes desse toda a ajuda de q̄ teuessē necessidade: & q̄ assi ho auia de fazer. O q̄lhe Antonio de brito mādou agradecer, & por a boa vōtade q̄ achou na raynha ōterminou cō conselho de dō Garcia ārriquez & dos outros capitães de fazer a fortaleza naq̄la ilha/& pa ver ho lugar em q̄ seria bō fazela mādou pedir licēça á raynha pa desembarcar: q̄lhe ela deu de muyto boa vōtade/& mādoulhe fazer grāde recebimēto per seus mandaris. E visto por Antonio ō brito ho lugar pera fazer a fortaleza/começou de fazer hūa trāqueira pera se recolher cō a fazēda & artelharia em q̄nto fazia a fortaleza, mas primeyro assentou cō a raynha & cō outros ẽ nome do rey da terra q̄ ele era cōtente de dar hū lugar a el rey de Portugal jūto da sua cidade em q̄ auia de ter hūa feytoria cō roupa & outras cousas q̄ os Bandaneses trazião de modo q̄ a terra esteuesse abastada das tais mercadorias cō cōdição q̄ ho crauo não se vēdesse a outros estrāgeiros & a troco de roupas q̄ valessem mil ſs se cōpraria na feytoria o Bahar do crauo q̄ sam q̄tro quintaes q̄ saya ho quintal a .cc. ſs. E de tudo isto se passarão escripturas assinadas por ābas as partes: & porque Antonio de brito nā se fiaua da raynha por ser filha del rey de Tidore q̄ tinha por muyto sospeita na amizade del rey de Portugal pola muyta q̄ tinha cō os Castelhanos/quis ter da sua parte algū da terra pera q̄ ho ajudasse & fauorecesse se a raynha quisesse fazer algūa treyção: & este foy hū Cachil Daroés filho bastardo do rey q̄ fora ō Ternate pay do menino q̄ reynaua. E cōcertādo coele q̄ ho ajudasse se ho fizesse regedor do reyno: trabalhou tāto q̄ fez q̄ ho fosse, posto q̄ cōtra vōtade da raynha & dos de sua valia q̄ lhe queriāo ma: & por amor Dantonio de brito & de Cachil Daroés q̄ tinha muytos ō sua bāda, ho dissimularā

& mostrarão folgar de Cachil Daroés ser regedor: porèm a raynha quis dali por diãte mal a Antonio de brito, & esperaua tempo pera lhe poder fazer mal, & assi ho cõcertaua secretamẽte cõ seu pay el rey de Tidore, porq̃ tinha grande magoa de ver regedor Cachil Daroés q̃ lhe tiraua ho mãdo q̃ tinha dantes. E ele cõ ho fauor Dãtonio de brito se q̃ria absolutamẽte fazer senhor do reyno & ẽ tudo o q̃ podia ho seruia, dãdolhe auisos do q̃ auia de fazer, & do q̃ se auia de goardar. E se este homẽ nã fora segũdo as guerras q̃ despois socederão a Antonio de brito, & as necessidades em q̃ se vio nũca fizera a fortaleza nẽ sofrera estar na terra como esteue. E feyto regedor & acabada a trãqueyra, & metida dẽtro toda a fazẽda & artelharia q̃ trazia: & recolhida a armada dentro no porto, começou de edificar a fortaleza ẽ Junho dia de sam João bautista do ãno de mil & quinhẽtos & vinte dous. E estãdo hi el rey de Ternate & todos seus Sãgages & mãdarijs cõ muyta gente do pouo, despois de dita hũa missa cõ a mayor solẽnidade q̃ pode ser forão abertos os alicerces & assentadas as primeiras pedras cõ grãde arroido da artelharia q̃ despararou toda & muyto tãger de trõbetas. Ao q̃l rey de Ternate deu grãde ajuda cõ todos os seus Sangages, & assi el rey de Ceilolo: porẽ nã aproueitaua por a gẽte não ser pa trabalho, & os Portugueses ho tinhão muy grãde na obra q̃ fazião, & na deferẽça q̃ achauão nos mãtimẽtos da terra aos q̃ erão costumados.

Cap. xliij. Decomo Martí Afonso de melo coutinho chegou aa China & a achou de guerra.

SEguindo Martim Afõso de melo coutinho pa Malaca foy ter a Pacẽ, & hi deixou dõ Andre anrriquez por capitão de fortaleza q̃ ho era por el rey de Portugal, & leuou dõ Sancho anrriquez pa Malaca õde chegou ẽ Julho: & achãdo nouas do leuãtamẽto da China partio logo pera lá & foy ẽ sua conserua Duarte coelho em hũ jũgo, & õ caminho fizerão os nossos muytas & muy ricas preas. E chegãdo a vista das ilhas da China no mes Dagosto do ãno d vinte dous lhes deu hũa tormoada com q̃ payzarã. E passada esta borrisqada apareceo a armada dos Chins de muytos jũgos & calaluzes cheos d gẽte de peleja, q̃ por a terra estar leuãtada cõtra os nossos os ãdaua esperãdo. E auẽdo os Chins vista da nossa frota logo se poserão ẽ som de pelejar chegãdose muyto parela, & desparãdo suas bõbardinhas, & tirãdo muytas frechadas. E Martí Afonso porq̃ ja estaua auisado de suas rebolarias & q̃ria paz não bolia cõsigo & deixaua se ir. E q̃ os seus capitães não quiserão fazer, & vẽdo q̃ os Chins os assoberuauão muyto mãdarão algũs desparar sua artelharia, principalmẽte Ambrosio do rego com q̃ lhe desaparelharão algũs nauios & matarão gẽte, pelo q̃ eles se ouuerão de retirar vendo ho dãno q̃ recebião. E ãbrosio do rego os começou de seguir, do q̃ Martim Afonso ouue grãde menẽcoria,

& muyto mais do dãno q̃ foza feyto aos Chis, & fez recolher Ambrosio do rego. E mãdãdo ho ir á sua nao se aqueixou muyto coele/ & lhe disse palauras asperas: & poz ser de boa condição ho nã castigou doutra maneyza. E seguindo seu caminho foy surgir na ilha Sabeniaga ẽ hũa baya de foza do porto, õde tãbẽ surgio a armada dos Chis ao mar, & afastada da nossa: pozẽ tinha a cercada, q̃ não podia sayr q̃ não passasse poz ãtrela. E cõ quãto os Chis recebeirão dãtes algũ dãno dos nossos nã deixauão de lhes tirar.

¶ Capit. xiiij. De como Martim Afonso de melo quisera tornar a reformar a paz com os Chins & não pode.

VEndo Martí Afonso q̃ os Chis insistião ẽ mostrar q̃ estauão d̃ guerra, acordou cõ seus capitães q̃ tomassem aq̃la noyte lingoa pera saber ẽ a determinação dos Chins, & mãdar êrecado ao seu capitã móz da causa pozq̃ querião guerra cõ os nossos estãdo dãtes ẽ tanta paz, & aq̃la noyte tomarão os nossos cinco Chis q̃ hião ao lõgo de terra ẽ hũa mãchua carregada de caruão. Porẽ estes como eraõ rusticos & não sabião mais q̃ fazer caruão/ não souberão dizer nada do q̃ lhes Martí Afonso preguntou: & cõ tudo ele os vestio muyto bẽ, & mãdou os ao capitão móz dos Chis cõ recado: dizẽdo q̃ ele vinha de paz, & cõ muyta mercadoria pera tratar/ & q̃ achaua guerra sẽ saber a causa, q̃ lhe pedia muyto q̃ lha mãdasse dizer/ & q̃ ele faria toda a enmẽda q̃ fosse possiuel se a guerra era poz culpa dos nossos & se não q̃ lhe pedia q̃ a não quisesse coeles/ & q̃ goardasse a paz q̃ estaua assẽtada. Coeste recado forão estes cinco homẽs & não tornarão cõ reposta, ãtes os Chis tirarão muyto mais q̃ dãtes/ pozq̃ tinhão recado do seu rey q̃ não consentisse os nossos ẽ nenhũ porto seu. E Martim Afonso ainda se sosteue sem rõper a guerra aq̃le dia/ pozq̃ lhe pareceo q̃ os cinco poz serẽ rusticos não saberião dar seu recado: & na noyte seguinte mãdou tomar outra vez lingoa/ & leuarãlhe dous homẽs q̃ forão tomados em terra. E destes soube como el rey da China estaua muyto mal cõ os nossos/ & o q̃ tinha mãdado: poz isso q̃ nã curasse de recados nẽ de falar ẽ paz pozq̃ tudo era debalde. E sabido isto poz Martí Afonso/ os mandou vestir & tornar a terra: & na mesma noyte em que isto foy soube poz cinco dos nossos do jũgo de Duarte coelho que ficara atras como surgira detras de hũa põta poz auer vista da armada dos imigos q̃ auia medo q̃ ho tomasse, q̃ ou mãdasse poz ele ou lhe desse licẽça pera se tornar. E Martim Afõso mãdou dous bateys armados que nũca poderão passar polos muytos pelouros com q̃ tirauão os imigos: & cõ muytos feridos & q̃tro mortos se tornarão a recolher pera a nossa frota. E vẽdo Martim Afonso os nossos feridos & mortos q̃ hiã nos bateys ficou muyto sentido: & determinãdo de pelejar cõ os Chins pois eles querião guerra chamou a conselho/ em q̃ dos capitães & pessoas q̃ estauão no conselho foy muyto cõtrariado q̃ não pelejasse pozq̃ era voudice: mas q̃ fizessem agoada

porq̃ auia disso necessidade, & q̃ entretãto ho tẽpo lhes viria q̃ farião. Jsto determinado foyse Martim Afonso a terra cõ os bateys da frota muyto bẽ armados/& sayo ẽ terra a mãdar fazer agoada/& era hũ pouco apartado donde estaua a armada: oq̃ vẽdo os imigos apartarã se logo bẽ trinta calaluzes & lãcharas & derão sobelos bateys ás bõbardadas, & foy a cousa tão depressa q̃ escassamẽte Marti Afonso teue tẽpo pera se recolher aos bateys cõ os seus, deixãdo ẽ terra pipas & jarras por ẽcher. E recolhido com muyta afrõta aos bateys se foy cõ outra muyto mayor ás naos jugãdo sempre as bõbardadas cõ os imigos q̃ ho seguirão ate perto delas/ & não chegarão porq̃ a nossa artelharia começou de jugar a q̃ eles auião grãde medo por ser muyto mais furiosa q̃ a sua, & por este medo nã ousauão eles de tõper de todo a batalha cõ os nossos/ se não ladrauãlhe de lõge pera ver se os farião ir.

¶ Cap. xv. De como ardeo a nao ó Diogo de melo/ & os Chins tomarão a nao de Pedromẽ & matarão a ele & a quãtos estauão dentro. E de como Martim Afonso partio pera Malaca.

VEndo os nossos que os Chis estauão de todo ó guerra/ & mais por mãdado do seu rey/ & q̃ tinhão muyto pouco poder pera os sugigar/ aconselharão a Martim Afonso q̃ se fosse ẽ quãto se podia ir sem mór afronta, porq̃ despois não poderia. E feyto de tudo auto q̃ todos assinarão/ assẽtou de se partir: & ao outro dia seleuou cõ os outros capitães, & em desserindo as velas começarão os Chins de se chegar pareles dãdo grãdes gritas, & coelas curriadas da sua artelharia/ & muytas nuuẽs de frechas. Pedromẽ & Diogo de melo q̃ lhes ficauão mais perto se defẽdião cõ muytas bõbardadas. E nisto acendeose fogo ẽ hũ barril de poluora na nao de Diogo de melo, com q̃ se ho fogo ateou ó modo q̃ nũca se pode apagar & a nao arrebẽtou & se foy ao fundo. E vẽdo Pedromẽ como muyta da gẽte ficou sobre a agoa nadãdo/ mãdoulhe acodir polo seu batel q̃ leuaua fora, os imigos acodirão logo ẽ muytos jũgos sobre Pedromem q̃ como ficaua cõ pouca gẽte por amor da q̃ hia no batel teuerão os imigos lugar ó lhe aferrar a nao por todas as partes: & entrarão dẽtro tantos q̃ por mais esforçadamẽte que se os nossos defẽderão todos forão mortos, saluo hũ q̃ se acolheo á gauea: & assi forão mortos os do batel polos imigos q̃ andauão nos calaluzes, & os imigos não curarão de Marti Afonso nẽ de Vasco fernãdez/ nem Dãbrosio do rego polos muytos tiros q̃ tirauão. E os q̃ matarã os nossos na nao de Pedromẽ/ despois de mortos lhes cortarão as cabeças & as recolherão & roubarão a nao de q̃nto tinha ate da enxarcia & ancoras/ & cabos q̃ não ficou nada. E dãdo grãdes gritas & tocãdo seus instromẽtos de guerra se afastarão/ & eles afastados ho da nao de Pedromem que se acolheo á gauea começou de capear/ & Marti Afõso mãdou por ele & trouuerãlho noyte/ porq̃ foy grãde trabalho auerẽno por não auer ẽxarcia por õde so-

bissem á nao. E este cõtou a Martim Afonso como passara ho feyto, & logo em conselho Martim Afonso fez hũa fala aos outros capitães sobre a vingãça dos mortos/dãdo pera isso as rezões q̃ a paixão mais que a rezão lhe insinaua: que lhe todos contradisserão/dando outras mais viuas, porque era bẽ que não pelejassem/se não que logo fosse metida no fundo a nao que fora de Pedromẽ: & na mesma noyte se partissem pera Malaca, porque os Chis não ouuessem vista deles pelo perigo que lhes resultaua. E pera sua desculpa de Martim Afonso se fez hũ auto destes pareceres q̃ todos assinarão/& dele pedio ele hũ estormento ao escrivão da nao pera sua goarda, & muyto contra sua võtade por ser de grandes spiritos mãdou executar o que foy acordado no conselho. E metida a nao no fundo se partio cõ os outros capitães, & sendo ainda ẽ Agosto que durana a mouçõe de Malaca pera a China & pera sua viagem lhe era ho vento cõtrairo/quis nosso senhor q̃lhe seruisse. E indo por sua viagẽ tomou a via d̃ çamatra pera ir ver se tinha a fortaleza de Pacẽ necessidade dalgũa cousa.

¶ Capit. xvi. De como el rey Dachem mandou cercar a fortaleza de Pacem, & de como lhe socorreo Martim Afonso de melo.

El rey Dachem despois que foy a morte de Jorge de brito & dos outros que morrerão coele, ficou tão soberbo q̃ determinou de destruyr os nossos onde podesse/& não dar vida a nenhũ. E sabendo que estaua nossa fortaleza em Pacem/& quem era ho capitão, & quã pouca gente tinha: determinou de a tomar. E fazendo obra de dous mil homẽs de peleja mandou hum seu capitão sobrela, & mandoulhe que a queymasse porque era de madeira. E como ho caminho era curto & por terra, em breue tempo derão sobre a fortaleza: em que a este tempo estauão ate setenta homẽs por que os outros se forão com dom Sancho quando se foy pera Malaca/& com muyto poucos mantimentos/mas com boa artelharia & outras munições com que se os nossos defenderão dos immigos/& os não deixarão chegar aa fortaleza: polo q̃ eles trabalharão muyto pera a queymarem que esse era ho seu intẽto. E tambem os nossos tinhão de noyte grande vigia, & fazião fogos porque vissem se os immigos chegauão aa fortaleza/& tinhão muyto grande trabalho, & estauão em grande perigo por os mantimentos serem muyto poucos se ho cerco durasse. E estando nesta fadiga chegou Martim Afõso de melo que vinha da China/& auendo os immigos vista da frota que trazia, que era de cinco velas grossas/conhecendo que era dos nossos leuantarão ho cerco com medo & fugirão hum dia antes que Martim Afonso chegasse: & se ele não chegara tão cedo dom Andre se vira em grande aperto.

¶ Capitolo. xvij. De como se perdeo a nao de Duarte dataide/

onde ele morreo com outros. E de como ho gouernador de Mazcate acodio aos nossos.

REformada a paz como disse dspois q̃ veyo Setembro despachou dom Luys as tres naos pera a India com ho dinheiro das pareas ⁊ outro que se fizera da fazenda del rey de Portugal: ⁊ porque Pero vaz trauaços hum dos capitães destas naos estaua doẽte deu dom Luys a capitania da nao a Manuel velho ate a India. E partidos Dormuz chegarão a agoada que se chama de Cojeatar junto de Mazcate pera fazerem agoada. E estando ali surtos dia de sam Mateus aa noyte acodio hũa tormenta de vento trauessam tão furioso ⁊ esforçado que leuou hũas naos de mouros que estauão em picadeiros hũ grande espaço dũ cabo pera ho outro / ⁊ arrancou casas / ⁊ dali a doze legoas fez perda que foy aualiãda em cincoenta mil xerafins. E este vento deu aa costa com a nao de Duarte dataide em hũs penedos, em que se fez em pedaços por não ter mais que hũa ancora, ⁊ morrerão algũs dos nossos: antre os q̃es forão Duarte dataide, ⁊ hũ seu filho / dom Garcia coutinho que hia coele pera a India, Vasco martiz d̃ melo ⁊ João rabelo. E quando a nao foy aa costa deu pola nao de Lopo dazeuedo ⁊ q̃broulhe ho garoupez: que a fora este danno recebeo outro muyto mayor de dous camelos / que assi como a nao jugaua de hum cabo pera ho outro jugauão eles tambem ⁊ desfaziãna toda. E sabendo Manuel velho a fadiga em que estaua Lopo dazeuedo com quanto era noyte se meteo no seu batel com algũs ⁊ foylhe acodir: ⁊ despois que ho deixou seguro se tornou aa sua nao andando ho mar tão alto que quasi se não pode embarcar. E tornado aa nao achou toda a gente aluoroçada pera fugir com medo de darem aa costa: ⁊ ele tomou dissimuladamente as armas a todos, porque se não defendessem se os quisesse por força fazer estar na nao: dizendo que auião todos de morrer ou saluala. O que fez ajudandolhe seus criados que todos tinhão armas. E fazendo assessegar a gente, ⁊ mandando fazer as ancoras portantes com a popa da nao por diante foy alargando as amarras / ⁊ gouernando a bombordo ⁊ a estribordo se sayo da enseada da agoada ⁊ foyse meter no porto de Mazcate que estaua hi logo, onde se saluou. E ao outro dia Xeque Reyxil Xeque de Mazcate a requerimento de Manuel velho mandou lançar pregão que nenhũ mouro sopena de morte não tomasse nenhũa cousa daquela nao que se perdera. E isto fez ele por ser grãde seruidor d̃lrey d̃ Portugal ⁊ amigo dos nossos: ⁊ por isso mãdou tirar toda a fazenda que hia na nao / assi del rey como das partes ⁊ artelharia por treze mergulhadores que naquela terra se chamão caroás. E a fazenda del rey erão dous cofres em que hia ho dinheiro das pareas del rey Dormuz / hum com tangas, outro com xera-

fins: & neste hia hũa adaga & terçado douro pera el rey de Portugal / que el rey Dormuz lhe mandaua de presente com hũa cinta douro de largura de mais de dous dedos & hum fio de perolas pera a raynha / & muytos fardos de seda solta / & da fazenda das partes se deu ao Xeque a cinco por cento / que coessa condição a mandou tirar / & pola del rey não quis nada. E todos os corpos dos mortos forão achados & enterrados. Feyta esta deligencia com que se cobrou toda a fazenda del rey por industria de Manuel velho estando ele naquele porto lhe foy dito pelo Xeque de Mazcate que a agoada de Coseatar era chegado hum criado de Raix xarafo & seu capitão com gente darmas em hũa terrada: que se temia que fosse pera ho matar / por quanto como sabia antes de dõ Luys chegara Ormuz mãdara Raix xarafo a Raix delamixá seu irmão por goazil de Calayate. E indo por terra cõ medo da nossa armada passara a vista ó Mazcate / õde lhe ele Xeq̃ sayra cõ gente ao ẽcõtro, por ser amigo dos nossos & imigo dell rey Dormuz por ter guerra coeles: & neste ẽcõtro hũ dos nossos q̃ hia coele matara Raix delamixá cõ hũa espingarda dada, & por isso temia q̃ ho capitão de Raix xarafo fosse pera ho matar / q̃ lhe valesse pois fora sempre leal aos nossos / & por essa causa lhe q̃rião fazer mal. E sabido isto por Manuel velho foy no seu batel com muytos dos nossos ondestaua a terrada: & dãdo de supito nela prendeo ho capitão de Raix xarafo q̃ hi estaua com os remeyros / somẽte põrque a outra gẽte era ẽ terra. E preso ho capitão cõ todos os remeyros os leuou á sua não / & hi fez amigo ho capitão com ho Xeque. E isto feyto foyse caminho da India com Lopo vazeuedo, & forão surgir no porto de Goa onde se entregou a fazenda del rey que leuauão.

Capitolo. xviij. De como dom Luys se tornou pera a India / & do mais que passou.

Vendo os capitães & fidalgos da armada ó dõ Luys que não se podia acabar com Raix xarafo que tornasse a ponoar Ormuz / indinaranse muyto cõtrele / & dizião q̃ não se lhe devia de passar hũa cousa tão mal feyta / & em q̃ tanto mostraua ho mal q̃ queria aos Portugueses, & q̃ ho devia de pagar muyto bẽ, cõ dom Luys desembarcar em Queixome & destruir toda a terra & q̃ndo nã podesse logo fazerlhe guerra, guerreala ate q̃ a destruyse, & q̃ dõ Luys devia de poer isto em conselho. E pozẽ ele cõ quãto sabia o q̃ dizião nã ho quis poer ẽ conselho & cõtentousecõ ho assinado q̃ tinha ó Raix xamixir q̃ mataria Raix xarafo como fosse tẽpo. E de ele nã dar ẽ Queixome nẽ querer tomar a cerca disso o parecer dos fidalgos & capitães da frota, se descõtentarão eles muyto / & assi a outra gẽte: & sobre tudo por ho achar ẽ muyto solto no falar / & não ter em conta dizer a hũ homẽ o q̃ lhe vinha á võtade: & sẽ fazer mais ê Ormuz q̃o q̃ digo se tornou pa a India, & de caminho foy ter á põta ó Diu pa fazer hi presas.

E esperando polas naos em q̃ as auia ỹ fazer lhe deu hũ tẽporal cõ q̃ por força arribou a Chaul cõ sua armada, & da hi se foy a Goa: onde tãbẽ a gente estaua muy descontẽte do gouernador, porq̃ dissimulaua muytas cousas mal feytas q̃ fazia Frãcisco pereyra pestana, & dizião q̃ por lhe dar muytos bãquetes & peças ricas. E tão apressados se vião os casados de Goa cõ a forte cõdição ỹ Frãcisco pereyra q̃ algũs se forão fora de Goa, & outros se lã çarão na terra firme, & andarão cõ os mouros q̃si todo ho tẽpo de sua capitania, & não auia nenhũa justiça. E sabido polo gouernador ho pouco q̃ dõ Luys fizera ẽ Ormuz, determinou de ir lã, porq̃ assi lho escreuera Joã rodriguez de nozonha & mãdou dõ Luys a Cochĩ pera fazer a carrega das naos q̃ fossem de Portugal, de q̃ aq̃le ãno partirão no mais de tres sem capitão mór, de q̃ forão capitães dõ Pedro de crasto, Diogo de melo q̃ hia por capitão Dormuz, & dõ Pedro ỹ castelo brãco q̃ naq̃le ãno passou á India & outros dous inuernarão ẽ Moçãbiq̃.

Capit. xix. De como por morte de Raix xabadim, Raix xarafo se acolheo á nossa fortaleza cõ medo de ho matarẽ os mouros: & de como se tornou a pouoar a cidade Dormuz.

PArtido dom Luys Dormuz teuesse Raix xarafo por seguro na gouernança do reyno, porq̃ como ele era prudẽte bẽ conheceo q̃ nã era aq̃le ho tẽpo em q̃ por força lhe auiã de fazer fazer o q̃ não quisesse. E como homẽ que fazia cõta q̃ a cidade Dormuz se auia de mudar a Queixome, onde não auia de ter quẽ lhe contrariasse seu mando por ficar a nossa fortaleza apartada começou de se descuydar da grãde goarda q̃ trazia em sua pessoa, q̃ dos mouros não se temia, porq̃ Miramabmet morado seu imigo ja era deitado do mũdo, & os q̃ estauão na corte erão seus parentes & criados a que fazia muyto bẽ. E por isso lhe pareceo q̃ estaua seguro & esfriou de todo da goarda de sua pessoa: & o mesmo fez Raix xabadim seu cunhado. O que vẽdo Raix xamixir que por seu assinado tinha prometido a dõ Luys de os matar não quis mais esperar, & acbãdo de melhor lãço Raix xabadim mãdou ho logo matar por hũs frecheiros q̃ lhe tirarão á treyção, & o matarã, & nã q̃s tomalo jũtamẽte cõ Raix xarafo porq̃ lhe pareceo q̃ apartados os mataria melhor: no q̃ errou, porq̃ quãdo Raix xarafo vio morto seu cunhado logo se goardou, & foy tamanho ho seu medo q̃ cõ quanto tinha dous mil homẽs de peleja, & Raix xamixir no mais de quinhentos não se fiou deles nẽ de seus parentes parecendolhe que todos erão cõtrele, & não se atreuẽ do a saluar em Queixome fugio secretamẽte ẽ hũa terrada & acolheose á nossa fortaleza, porque bem sabia quã leays os nossos erão, & que mais seguro auia destar antre eles que antre os mouros. Raix xamixir que soube como ele laa estaua, mandou logo requerer a João rodriguez de nozonha que ho prendesse, porque ele era tredoro

& tirano q̃ fizera leuãtar Ormuz/& mandara matar el rey Luzura/& fazia que se não pouoasse Ormuz, & porq̃ ele isto sabia como seruidor q̃ era del rey de Portugal prometera a dom Luys por hũ assinado de ho matar/& a seu cunhado Raix Xabadim, o q̃ poser a ẽ obra quanto lhe fora possiuel. E pois Raix Xarafo estaua ẽ seu poder q̃ ho prendesse polas cousas sobredittas. O que visto por João rodriguez ho prẽdeo, & ele preso passouse logo el rey a Ormuz cõ todos os seus mouadores. E João rodriguez q̃ sabia o q̃ dom Luys tinha prometido a Raix Xamixir cõprio lho dãdo lhe o goazilado Dormuz. O q̃ vẽdo Raix Xarafo, prometeo muito dinheiro a João rodriguez q̃ ho soltasse & lhe tornasse a dar ho goazilado. E como isto era hũa cousa tamanha não se atreueo João rodriguez a fazelo/& prometeolhe q̃ faria cõ o gouernador q̃ ho fizesse: & pera ho fazer vir a Ormuz lhe escreueo a prisam de Raix Xarafo, & como a cidade Dormuz era pouoada: & q̃ era muyto necessario ir assentar aq̃las cousas/& q̃ não fosse coele Manuel velho nẽ Ruy varela: porq̃ assi compria a seruiço del rey. E isto foy instrucã õ Raix Xarafo q̃ como sabia quã bẽ estes dous sabião as cousas Dormuz/& os males q̃ ele tinha feytos não os q̃ria lá porq̃ ho não dãnasse. E vista polo gouernador esta carta assẽtou de todo ẽ ir a Ormuz pera o q̃ se começou õ fazer prestes.

¶ Cap. xx. De como dom Luys de meneses despachou ẽ Cochi certas velas pera diuersas partes & despois se partio pa ho estreito.

Dom Luys õ meneses despois q̃ foy ẽ Cochi despachou as naos da carrega q̃ auião dir pa Portugal, & assi Pero Lourẽço õ melo pa ir á China q̃ ja do tpo de Diogo lopez tinha hũa viagẽ pa lá, & ele onde quis deixar ir: & deu licẽça a Martim Afõso õ melo jusarte q̃ fosse ẽ hũ jũgo ẽ sua cõpanhia. E tãbẽ despachou pa Malaca a hũ Andre õ brito que fosse tratar por aq̃las partes ẽ hũa nao sua q̃ fizera á sua custa: & estes todos partirão ẽ diuersos tẽpos. E isto despachado/ tornouse dom Luys pa Goa, õde o gouernador ho despachou cõ hũa armada de galeões, assi pera as presas do estreito como pera ir ao porto de Maçuá & trazer dom Rodrigo de lima q̃ fora por embaixador ao Preste joão: & mãdoulhe q̃ acabado isto se fosse inuernar coele a Ormuz. E coeste regimẽto se partio õ Luys pera ho estreito: za fora ele que bia no galeão sam Dinis forão os capitães da sua armada/ Nuno fernãdez de macedo/ Ruy vaz pereira/ Fernão gomez de lemos/ Anrriq̃ de macedo/ & Lopo de mezquita todos capitães de galeões.

¶ Cap. xxi, De como indo o gouernador pera Ormuz tomarão hũs mouros de Diu hũa galé a Bastião de noronha.

Partido õ Luys despois q̃ ho gouernador deu despacho a algũas cousas q̃ ficaua fazendo/ partiose pera Ormuz leuando hũa armada de seys galés/ de que forão capitães Bastião de noronha/ João fogaça / Dinis fernandez de me-

lo, Frãcisco de mẽdoça, dõ Vasco de luna, Frãcisco dõ sousa tauares: & assi algũs nauios de gauea, a cujos capitães nã soube os nomes. E atrauessãdo o golfão foy vista hũa nao de mouros q̃ hia pa Diu: & os primeyros capitães que a virão forão Bastião de noronha & João fogaça q̃ lhe derão caça, & Bastião de noronha poz a sua gale ser mais veleira que a de João fogaça a alcançou q̃si noyte, & poz essa causa não quis pelejar cõ os mouros, mas mãdou amarrar muyto bẽ a galé cõ a nao poz q̃ selhe não fosse de noyte, pera q̃ em amanhecẽdo pelejasse cõ os mouros, q̃ vẽdo ho vagar do capitão teuerão ẽ pouco, & sintido q̃ nã hia mais q̃ ele só coeles, & q̃ a outra gale não parecia, determinarão de tomar aq̃la, & amarrãna polos mastos cõ cabos muy grossos sem ho sintirẽ os Portugueses q̃ adormecerão: & tão q̃ amanheceo não esperarão os mouros q̃ os Portugueses os cometesse, & acodirão logo cõ muytas pedradas com q̃ os desatinarão q̃ temerã dẽtrar a nao: & tãbẽ poz q̃ o capitão os nã animaua a isso. E vẽdo os mouros sua fraq̃za, começarã algũs de q̃rer decer á galé pola proa da nao, & não ouue ãtre os Portugueses quẽ lho ousasse de defẽder polas muytas pedradas & zagũchadas q̃ vinhã decima senão hũ mãcebo filho do Coudel móz, cujo nome me nã souberão dizer certo, & este foy ali morto polos mouros sem lhe ninguẽ acodir: o q̃ vẽdo eles decerão liuremẽte á galé sem auer quẽ lho defẽdesse: ãtes os Portugueses & ho capitão cõ medo se recolherão ao tẽdal da gale/ & dali por não terẽ mais colheita derão cõsigo no mar, & ho capitão despio as coiraças pera poder melhor nadar, & ouuerãse os mais dafogar se não sobreuiera João fogaça na sua gale de q̃ os ãdarão apanhãdo. E posto q̃ João fogaça tinha gẽte ẽ abastãça pera pelejar cõ os mouros q̃ tinhão tomada a gale de Bastião de noronha não quis, & fazẽdo se ẽ outra volta deixou a gale ẽ poder dos mouros q̃ a leuarão a Diu, & a derão a Meliq̃az cõ quãta artelharia leuaua q̃ era muyta & muyto boa. E isto passou tão lõge das outras velas da armada q̃ lhe não poderã acodir, de q̃ todos os capitães da armada ficarão muy escãdalizados, & se ouuerão por muyto injuriados: por q̃ nũca outra tal se acõteceera na India, nẽ acõteceo despois. E ho gouernador mãdou prender João fogaça & Bastião de noronha & da hi a algũs dias os mãdou soltar. E sabẽdo Meliquiaz como a gale fora tomada, teue ho gouernador ẽ tão pouca cõta q̃ não quis paz coele & tornou a mãdar sua armada de fustas ao lõgo da costa de Cãbaya, & mãdou varar a gale: & quãdo algũs estrãgeiros hião a Diu amostraualha, & cõtaualhe como os mouros a tomarão. E a tomada desta gale deu muyta ousadia aos mouros da India pera terẽ os Portugueses em pouca conta.

¶ Cap. xxij. de como o gouernador chegado a Ormuz soltou Raix zarafo.

PRosseguindo daqui ho gouernador sua viagem pera Ormuz, chegou lá & cõ sua chegada folgarão

muyto/assi Christãos como mouros crêdo q̃ pagaria Raix xarafo q̃ estaua preso os muytos & muyto grãdes males q̃ tinha feytos/assi a hũs como aos outros. Aos Christãos no trabalho & fadiga em q̃ os pos cõ ho leuãtamẽto Ormuz & cerco da fortaleza/& a perda q̃ deu a muytos de suas fazẽdas, & em ser causa da morte dalgũs seus amigos & parẽtes. E aos mouros ẽlhes matar seu rey & os desassegar cõ a guerra & darlhes muytos trabalhos coela/& ẽos tiranizar sem nenhũa piedade, tomãdolhes quãto tinhão de cada vez q̃ queria. E pois estaua preso por culpas tão publicas como auia tão pouco q̃ cometera, esperauã todos que pagasse com a vida aquelas & outras secretas. E chegado ho gouernador a Ormuz foy por tres vezes a hũa torre onde itaua preso & falou coele perante João rodriguez de nozonha capitão da fortaleza que terçaua grãdemente por Raix xarafo com ho gouernador pera que ho soltasse & fizesse goazil/ & tirasse os officiaes Portugueses da alfandega de Ormuz & das outras alfandegas/ & que pagaria a el rey de Portugal mais corenta mil xerafins que fazião sessenta mil cõ os q̃ pagaua dãtes/de que pagaria logo ametade & pagaria a valia da fazẽda q̃ se tomara a el rey de Portugal na feytoria: & assi pagaria as partes o q̃ lhe tomara no aleuãtamẽto da cidade cõtra a fortaleza. E alẽ disso daria duzẽtos mil xerafins/pera o q̃ ho gouernador quisesse. O q̃ pareceo bẽ ao gouernador, mas receaua dõ Luys seu irmão q̃ lhe não auia aquilo de parecer bẽ/porq̃ queria mal a Raix xarafo & desesaua de se vingar porq̃ por seu rogo não q̃sera pouoar Ormuz: & mais q̃ auia de q̃rer sostẽr no goazilado a Raix xamixir pola promessa q̃ lhe tinha feyto/& por isso determinou ô soltar Raix xarafo & fazelo goazil ãtes da vinda de dõ Luys pera o q̃ fez conselho cõ ho capitão da fortaleza & algũs capitães da frota/a q̃ disse o q̃ Raix xarafo lhe cometia: & q̃ a elle lhe parecia bẽ/porq̃ era êformado q̃ Raix xamixir q̃ seruia ô goazil era muyto doudo & não sabia gouernar/& os mozados restauão muy descõtẽtes dele, & assi bo dião os mercadores q̃ vinhã de fora, & q̃ nã daua a el rey seu señor de pareas mais ô vite mil xerafins, & Raix xarafo daua. lx. mil & bẽ pagos, & era homẽ antigo na terra: & cõ sua prudẽcia & siso a sabia bẽ gouernar, & tinha nela credito: que lhe parecia q̃ este deuia de ser goazil & não q̃ o era. E êtẽdẽdo todos no gouernador q̃ queria fazer aquilo/a todos pareceo bẽ: saluo a Manuel de sousa tauares q̃ era capitão môr do mar Ormuz q̃ disse q̃ lhe nã parecia bẽ/porq̃ auia muytos ãnos q̃ conuersaua Raix xarafo, & sempre lhe conhecera ser imigo mortal dos Portugueses & ter desejo de os lançar fora Ormuz: do q̃ era muyto boa testemunha a trey ção que lhes fizera no leuantamento Ormuz tendo seu pay, & ele/& seus irmãos recebido tanto bem dos Portugueses/& assi ẽ não querer q̃ se pouoasse Ormuz/perdoandolhe dõ Luys ho passado/& por isso dizia

q̃ não somẽte bo nã deuião de soltar nẽ darlhe bo goazilado, mas q̃ bo matassem se querião ter seguro Ormuz, & se não que sempre auería nelle reuoltas. E deste parecer foy Dinis fernandez de melo: porem como não erão mais de dous preualecerão os outros com quem foy bo gouernador. E determinado isto de q̃ foy feyto assinado por todos foy solto Raix xarafo & restituydo no goazilado, & Raix ramixit & Raix nozadim deitados fora Dormuz, q̃ derão tão boa mostra de seruidores del rey ð Portugal & amigos dos nossos na morte de Raix xabadim & na de Raix xarafo pera que não ouuesse tẽpo por sua fugida. E estes dous se forão Dormuz em hũa terrada, & secretamente lhe foy dado fũdo por mandado de Raix xarafo: & esta paga ouuerão por quererẽ seruir a el rey de Portugal: & este foy bo goazilado que lhe dð Luys prometeo. Do q̃s nossos ficarão muy escandalizados, & assi os mouros & de todo perderão bo credito dos nossos, & dizião que quem teuesse muyto dinheiro em Ormuz sempre viuiria, posto que fizesse todos os males do mundo. E mettido Raix xarafo ẽ posse do goazilado pagou logo a metade dos duzentos mil xarafis & das pareas ao gouernador, & pola outra a metade ficou em arrefẽs hũ filho de Raix xarafo. E na paga das partes se teue esta maneyra que dauão juramento a cada pessoa do que perdera & pagauãlhe logo hũ terço, & eles juraũão mais do que perderão, & tudo lhes pagarão despois de maneyra que muytos ficarão ricos. E a fora isto que Raix xarafo deu ao gouernador lhe fazia cada dia muytos seruiços de muytas cõseruas, fruytas, carnes & pescados, & dagoas cheirosas: com q̃ leuou aq̃le ĩuerno muyto boa vida.

Capit. xxiij. De como dð Luys indo pera dar na cidade de Xael lha despejarão os mouros, & do mais q̃ fez ate tornar do estreito.

PArtido dð Luys de Goa com sua armada seguio sua rota pera bo cabo de Boardafum, onde ẽ poucos dias que esteue esperãdo polas naos ð mouros tomarão os nossos capitães cinco. E dali seguindo sua rota foy ter ao porto Dadẽ onde achou quatro naos que mãdou queymar, & dali determinou de ir sobre hũ lugar ð mouros chamado Xael que está na mesma costa Darabia cincoenta & cinco legoas Dadẽ indo pera bo estreito: está em quatorze graos & hũ coarto situado em costa brauа em que bo mar de continuo anda rolado. E lugar grãde, abastado & viçoso de todas as fruytas que ha em Espanha: he de grande trato por auer nele muytos cauallos & encenso que leuão os mouros do Malabar & de Cambaya, q̃ leuão ali suas mercadorias a vender. Neste lugar inuernão as naos que vão pera bo mar roxo senã podẽ passar por irem ja tarde, & ventarem os ponentes que lhe sam por dauante, & dð Luys determinou de ir sobre este lugar por ser da obediẽcia del rey Dadẽ. E cõ quãto soube q̃ auia nele muyta gẽte, & no porto andaua sempre bo mar de leuadia quis ir dar

nele porque andaua agastado de não ter ainda feyto nada na India, & aqui cuydou de ho fazer/ mas os mouros ho tirarão desse cuydado/ porq̃ ou sabẽdo ou adiuinhãdo ao q̃ ele hia despejarão ho lugar/ assi da gẽte como da mór parte da fazẽda: de maneyra que dõ Luys não teue nada que fazer. E com tudo desembarcou com sua gente, que saqueou ho lugar disso que auia nele q̃ ainda fez algũs ricos. E estando aqui leuantouse hũa tormẽta tão braua q̃ ouuerão de dar os galeões á costa/ & alijarão ao mar a artelharia que estaua sobre cuberta/ & çoçobrouse hũ esquife: & pola misericordia de nosso senhor fayo dali dõ Luys cõ a armada & separtio pera Maçuá/ & despois queimou grandes naos de mouros q̃ estauão varadas ẽ terra. E prosseguindo sua viagẽ pera Maçuá despois de passar algũas tormẽtas com q̃ se vio ẽ perigo foy surgir no seu porto: & dali por intercessam do capitão Barquico mandou recado a dõ Rodrigo de lima q̃ ho esperaua ate dia de Pascoa que auia de ser ate quize Abril/ & se então não fosse, coele que se auia logo de partir, porque não podia mais esperar, & ficou esperando.

Capit. xxiiij. De como dom Rodrigo de lima partio caminho da corte do Preste.

O quinto liuro fica dito como quãdo Diogo lopez de siqueyra sendo gouernador da India foy ao estreito, mãdou do lugar de Maçuá por embaixador ao Preste joão hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo de lima/ em cuja cõpanhia forão treze Portugueses. s. Jorge dabreu / Lopo da gama/ João escolar escriuão da embaixada/ João gõçaluez feytor & lingoa dela/ Francisco aluarez clerigo de missa & outros q̃ fazião ho numero que digo. Despachado dõ Rodrigo partiose do lugar Barquico aos trinta dias Abril leuãdo em sua companhia ho embaixador Mateus que faleceo no começo do caminho/ per que caminhando chegou a hũ lugar chamado Barua aos vinteoito de Junho. E este era cabeça do senhorio do Barnagais aquele que foy falar a Diogo lopez de siqueyra á Maçuá como disse no liuro quinto. E este nome de Barnagais quer dizer rey do mar que nagais quer dizer rey na lingoa abexim & bar mar/ & assi he ele como rey & tem coroa douro que lheva ho Preste: & ẽ debaixo de seu senhorio sete senhores de grandes terras de q̃ muytos põe em campo quinze mil homẽs de lanças & escudos/ & todos leuão diante de si atabales, q̃ não podẽ trazer senão grãdes senhores: & assi tẽ outros muytos mas não tamanhos señores como estoutros, & todos seruẽ cõ ho Barnagais na guerra, & ele & eles sam sogeitos ao Preste q̃ os despõe das senhorias quando quer/ & lhes pagão muy grãdes dereytos: com q̃ acodẽ ao Barnagais & ele os paga ao Preste. E nestes dereytos entrão. cl. caualos. Aeste lugar dõ Barua chegou dõ Rodrigo dõde achou

que no mesmo dia partira bo Barnagais doente dos olhos pera outro lugar chamado Barraza q̃ dom Rodrigo foy pera lhe falar leuãdo consigo cinco Portugueses q̃ hião em mulas porq̃ nelas caminhauão todos. E neste dia foy dom Rodrigo pera falar ao Barnagais / mas não pode: ou não quis ele que lhe falasse, & foy aquela noyte muy tomal agasalhado, & ao outro dia lhe falou. Estaua ele em hũa casa terrea deitado em hũ catle / & sua molher assentada á cabeceira: & apouco & pouco falarlhe dom Rodrigo, & pedirlhe auiamento pera bo caminho porque lho deu bem mao / posto q̃ tinha prometido ao gouernador de lho dar bõ. E dõ Rodrigo & os de sua companhia compradas algũas mulas q̃ lhes falecião por bo Barnagais lhas não quer dar / se partio: & despois de passar muytos trabalhos & perigos que não cõto por breuidade / chegou hũa legoa da corte do Preste / que como disse no liuro terceyro anda sempre no campo / & agasalhasse em tendas, de que antre boas & outras somenos quera seys mil. Ho Preste he tamanho senhor como disse no mesmo liuro / assi de terra como de gẽte & de tesouros: andão na sua corte muytos reys & grandes senhores. He Christão & seruese com pouco estado, porque ho não vẽ senão seus priuados / nẽ se mostra a todos mais ũ tres vezes no ãno. s, dia de Natal / dia dos Reys, dia da exaltação da Cruz de Setembro. E quãdo caminha tambem vay cuberto que ninguẽ ho não ve: & quando lhe falão algũs ẽbaixadores posto q̃ estẽ ode ele está falãlhe por terceira pessoa.

¶ Capit. xxv. De como dõ Rodrigo chegou á corte do Preste joã.

Dom Rodrigo chegou como digo a hũa legoa do arrayal do Preste hũa segunda feyra dezasete Doutubro / & ali foy ter coele per mãdado do Preste ho seu mordomo mór que na lingoa Abexim se chama Adugraz, & hia pa goardar dom Rodrigo & darlhe o q̃ lhe fosse necessario. E logo partirão dali q̃ assi lho disse ho mordomo mór, & ẽ vez de irem por diante tornarão pera tras bem hũa legoa: dizendo ho Adugraz a dom Rodrigo q̃ não se agastasse porq̃ ho Preste auia dir pera aquela parte a que eles hião. E chegados detras ohũs cabeços deceranse & apousentaranse em tendas que lhes hi armarão: & logo ho Preste se foy apousentar ali perto ẽ suas tendas: & por seu mãdado foy dada a dom Rodrigo hũa boa tẽda pera pousar com sua cõpanhia / & quem lha leuou lhe disse q̃ era da pessoa do Preste, & q̃ tal como aqla não a tinha ninguem no arrayal: & que esta honrra lhe fazia ho Preste por ser ẽbaixador de rey Christão. E na sesta feyra seguinte vinte dias Doutubro foy dom Rodrigo chamado da parte do preste por hũ frade que lhe disse q̃ lhe leuasse ho presente & todo ho seu fato & bo dos de sua companhia porq̃ o queria ver. E por mãdado do Preste foy muyta gente pera acompanhar dõ Ro-

drigo, q̃ nã quis leuar mais q̃ o presente q̃ leuaua. E indo assi bẽ acõpanhado chegou a hũs arcos q̃ se fazião diãte das tẽdas do apousentamẽto do Preste, & os arcos estauão ẽ duas ordẽs, & ẽ cada hũa auería bẽ. xx. cubertos todos de pano brãco & roxo antresachados hũ de hũa cor & outro doutra: & de hũa ordẽ a outra auería hũ espaço õ cẽ passos: & estes arcos forão feytos por fazer festa ao ẽbaixador, porq̃ assi diante das tẽdas do Preste q̃ sam brãcas estaua hũa roxa que dizião não seruir se não em grandes festas ou recebimentos. Aqui onde estauão estes arcos auería bem vinte mil homens postos em renque de hũa parte & da outra, & pelo meyo ficaua hũa larga rua. E todos estes sayão a ver dom Rodrigo & os de sua companhia que hião todos bẽ vestidos & arrayados de ouro, & os Abexins se espantauão por ho traio dos Portugueses ser muy differente do seu. Abaixo destes arcos estauão quatro caualos, dous de cada parte selados de selas ricas, & assi os outros saezes, & com cubertas de borcado a modo õ cubertas darmas, & nas cabeças grandes penachos & abaixo destas estauão outros muytos tambẽ selados, mas não com saezes ricos como os outros. E indo dõ Rodrigo pelo meyo desta gẽte chegarão a ele sessenta homẽs todos bẽ vestidos, & hião quasi correndo: porque assi ho costumão quando leuão recados do Preste. E despois q̃ da sua parte derão hũ a dom Rodrigo forãse coele: & chegado hũ pouco ãtes dos arcos achou q̃tro leões presos por cadeas que ho Preste tẽ por estado: & debaixo dos arcos primeyros estauão assentados os quatro mayores senhores que andauão na corte do Preste, a que os q̃ hião com dõ Rodrigo fizerão sua reuerencia, q̃ he abaixar a mão dereyta ate ho chão. E assi ho fez dom Rodrigo & os Portugueses que parou ali com os q̃ hião coele: & auendo hũ grãde pedaço q̃ ali estaua chegou hũ clerigo velho parẽte do Preste & seu cõfessor, de tãta valia & credito coele q̃ era a segũda pessoa ẽ seu señorio depois dele & chamauase Cabeata. E este sayo da tẽda roxa ẽ q̃ ho Preste estaua. Este pgũtou a dõ Rodrigo q̃ ĩria & dõde vinha: ele lhe respõdeo q̃ da Jndia, & leuaua ẽbaixada ao Preste joão do capitão moor & gouernador das Jndias por el rey de Portugal. Coesta reposta se foy ho Cabeata, & despois tornou duas vezes a pregũtar a mesma pregũta: & da derradeira viose dõ Rodrigo tão agastado por não saber ho costume da terra q̃ lhe disse: Não sey q̃ diga. E ele lhe disse q̃ dissesse o q̃ quisesse q̃ tudo diria ao Preste. E dom Rodrigo não quis dizer mais q̃ o q̃ tinha dito, dizẽdo q̃ não diria mais porq̃ a embaixada q̃ leuaua não a auia de dar a outrem se não ao Preste, q̃ mãdou dizer a dõ Rodrigo pelo mesmo Cabeata q̃ lhe mãdasse o q̃ lhe mãdaua ho gouernador. O q̃ dõ Rodrigo fez cõ parecer õ todos os Portugueses q̃ estauão coele, & ẽtregou ao Cabeata ho presente q̃ Diogo lopez mandaua ao Preste em que entrauão estas peças, hũa

espada & hum punhal ricos / quatro panos darmarderas, & buas couraças ricas com todo seu compримento, dous berços de metal / quatro camaras parèles / & algus pelouros & dous barris de polvora / bus orgãos & hum mapamundi. E este era ho presente de Diogo lopez / & dom Rodrigo acrecentou quatro fardos de pimẽta da que leuaua pera sua despesa. E despois de ho Cabeata ho ir mostrar ao Preste tornou coele onde estauão os arcos / & mandou estender tudo sobreles. E fazendo calar todos / disse ho justiça mór em voz alta / despois de nomear cada hũa das peças do presente / que todos dessem muytas graças a nosso senhor por se ajũtarem os Christãos / & se bi auia algus a que pesasse que chorassem / & os que folgauão que cantassem. E em acabando de dizer isto deu a gente hũa grande grita dando graças a Deos. E coisto foy despedido dom Rodrigo bẽ descontẽte por não falar ao Preste, & assi ho foy por lhe não fazerem ho gasalhado que esperaua, & soube per algus Christãos da Europa que andauão na corte que auia quem dissesse aos grandes senhores dela que conselhassem ao Preste que ho não deixasse ir nem aos de sua companhia, porque assi era ho costume da terra. E neste tempo se mudou ho Preste donde estaua / & a dom Rodrigo lhe conueo comprar mulas em que fosse / & buscar quem lhe leuasse ho fato, por lho não querer mãdar leuar ho mordomo mór nem dar lhe mulas. E veyo a cousa a tanto que donde dantes lhe dauão de comer aa custa do Preste passarão algus dias que lho não derão / assi que em onze dias que auia que era chegado passou muytos desgostos, & não lhe aproueitaua aqueixarse deles / nem mandar pedir ao Preste que ho ouuisse, & parecia que todos ho desprezauão: nem ho Preste estimou ho presente que lhe foy dado, & mandou logo dar tudo a igrejas & a pobres, porque os criados de Mateus lhe disserão que aquele não era ho presente que lhe el Rey de Portugal mandaua, & que ho tomara ho governador, & que lhe mandaua aquele. E despois teue dom Rodrigo bem q̃ fazer em tirar isto da cabeça ao Preste porq̃ ho cria / & porẽ deu sobristo muytos achaques.

Capit. xxvj. De como ho Preste mandou chamar ho embaixador & não lhe falou.

Auendo onze dias que dom Rodrigo estaua na corte hũa quarta feyra que foy ho primeyro dia de Nouembro passadas duas horas da noyte ho mandou chamar ho Preste: & cuydando ele que era pera ho ouuir foy logo caminho das tendas do Preste que estauão dentro de hũa cerca de sebe, em que tambem diante das tendas estaua hũa casa grande terrea cuberta de hũ colmo que ha na terra que dura

muyto/ & estaua armada sobre grossos esteos de aciprestes forrada de tauoas mal pintadas. Na entrada desta casa estauão armadas quatro corrediças de cortinas/ a do meyo de borcado as outras de seda. E diante desta casa se fazião dous patios/ os quaes erão cercados tambem de sebe/ & na porta do primeyro estauão certos porteiros/ & estes detenerão dom Rodrigo & ho não deixarão entrar, per espaço de hũa hora/ posto que fazia grande vento & muyto frio/ & de enfadados de esperar os da companhia de dom Rodrigo tirarão duas espingardadas: & logo lhe perguntarão da parte do Preste porque não trazião mais espingardas: respondeo que porque não hião pera guerra. E nisto veo ho mordomo com outros quatro principais da corte: & dizendo a dom Rodrigo que fossem pera dentro, abalarão indo ele diãte com os outros quatro em fieira/ & nos cabos dous homens com duas velas acesas nas mãos. E entrando pelo primeyro patio ate que forão no segundo/ detinhãse de quando em quando: & dizia cada hum por si em alta voz. Senhor o que me mandastes aqui ho trago/ & de dentro respondião tambem em voz muyto alta. Anday pera dentro. E a esta palaura por ser do Preste & licença sua abaixauão todos as cabeças/ & punhão as mãos dereytas no chão por reuerencia. Feyta esta cerimonia muytas vezes pelo modo sobredito/ disse ho mordomo mor & os outros quatro. Os frãgues q̃ senhor me mandastes aqui os trago. E da casa respondião que entrassem pera dentro/ & assi ho fizerão despois de ditas estas palauras muytas vezes, & ali acharão feyto hum estrado rico, & diãte dele estauão cento & sessenta homens com velas acesas nas mãos oytenta de cada banda: & todos tinhão as velas em igoal compasso. Todo ho chão da casa estaua cuberto de esteiras pintadas, & aqui se detenerão. E estando assi de dentro das corrediças/ foy hũ page com hum recado do Preste a dom Rodrigo: em que dizia que ele não mandara Mateus a Portugal/ & posto que fora sem sua licença, que el Rey de Portugal lhe mandaua por ele muytas cousas/ & pois lhas mandaua porque lhas não dauão. E dom Rodrigo respondeo que por Lopo soarez não poder ir a Maçuá/ & por falecer Duarte galuão que el Rey de Portugal lhe mandaua por embaixador: mas que as peças que lhe el rey mandaua estauão goardadas na India/ & não as leuara Diogo Lopez pera lhas mandar por não ser certo de poder tomar ho porto de Maçuá/ nem leuaua Mateus se não pera ho deitar em qualquer porto que tomasse da Abexia/ pera que despois que ho soubesse lhe mandasse ho presente que lhe el Rey de Portugal mandaua/ & quando ho Deos leuara a Maçuá por desejar de ho visi-

tar, mandara a ele dom Rodrigo com aquelas peças que lhe dera/ & pera saber ho caminho quãdo fosse embaixador del Rey de Portugal. E coesta reposta lhe mandou pedir que ho ouuisse & saberia a verdade: & tambẽ lhe diria por escripto o que ho gouernador lhe mandaua dizer alem da carta. E sem ho Preste responder a isto ho mandou despedir, & dali a dous dias as mesmas horas da noyte mandou ho Preste chamar dom Rodrigo/ que foy & achou a casa que disse aparamẽtada de borcados/ & atauiada de cousas mais ricas que dantes & mais gente & toda muyto luzida, & mais velas & entrou com as cerimonias passadas: & os homens que ali estauão a foza os que tinhão as velas estauão em ordem, hũs de hũa parte outros de outra com espadas nuas na mão. E despois de ho Preste mandar pregũtar a dom Rodrigo polo Cabeata & pelo seu pase mooz muytas cousas sem proposito/ lhe mandou dizer que jugassem dous Portugueses despada & adarga. E despois de sayrem dous mandou dizer que saysem outros dous: & poz os dous primeyros ho não fazerem á vontade de dom Rodrigo, sayo ele com Jorge dabreu. E acabando de jugar mandou dizer ao Preste que fizera aquilo polo seruir, nem ho fizera poz outro nenhũ principe ainda quelhe dera cincoẽta mil cruzados/ pedindolhe muyto que ho ouuisse & saberia o quelhe mandaua dizer ho gouernador, & que ho despachasse pera poder ir tomar a tempo a armada dos Portugueses que auia de ir ao estreito. A isto lhe respondeo ho Preste que ainda então chegara, & que não tinha visto hum terço das suas terras que folgasse, & que iria ho gouernador a Maçuá/ & que lhe mãdaria recado & então se iria: & mais que faria ho gouernador fortalezas em Maçuá/ çuaquem & em Zeila/ a que ele asudaria com todos os mantimentos necessarios. E per fim de tudo não quis daquela vez ouuir dom Rodrigo/ & mandoulhe que lhe mandasse poz escripto na lingoa Abexim o que ho gouernador lhe mandaua dizer. O que dom Rodrigo fez pera ver se se podia despachar, & desesperado de lhe não poder falar.

¶ Capitolo.xxvij. De como dom Rodrigo falou ao Preste joão.

Espois disto foy ainda dom Rodrigo chamado do Preste algũas vezes & de nenhũa ho ouuio, & mãdou pergũtar a Frãcisco aluarez muytas cousas das cerimonias da igreia acerca do culto diuino: de que lhe soube dar tão boa rezão que ho Preste ficou contente, & mandou ir perante si Francisco aluarez/ & mandou ho reuestir como pera dizer missa, & pergun-

toulhe bos sinificados ô todas as peças das vestimentas, & ele lhos disse. E dali por diante foy dom Rodrigo & os de sua companhia melhor prouidos de mantimentos que dantes, & foylhe dada hũa tenda em que se lhe dissesse missa ao modo da igreja de Roma, porque os Abexins não a dizem assi. E ho Preste mandou a todos esses senhores da corte que a ouuissem. O que eles fizerão de boa vontade: & ho Preste & todos tinhão Francisco aluarez por homem santo, & pedianlhe que rogasse a Deos por eles. E hũa terça feyra dezanoue de Nouembro bem noyte foy dom Rodrigo chamado do Preste pera lhe falar. E ele foy com todos os de sua companhia, & no primeyro patio esteue grandes tres horas primeyro que entrasse, & despois entrou na casa que disse com as mesmas cerimonias que dantes entrou, & desta vez achou muyto mais gente que das outras, & muyta dela com armas, & assi estauão muyto mais velas, & a casa alcatifada de ricas alcatifas &, as cortinas ô borcado, & os estrados ô panos ô seda: de modo q̃ tudo estaua muyto dauã tagem da primeyra. E dom Rodrigo não entrou nesta casa com mais de noue pessoas de sua companhia, & os outros ficarão de fora. E entrado dom Rodrigo forão abertas duas corrediças, de que dom Rodrigo & os que hião coele estarião comprimento de duas lanças que alí os mandarão estar. E abertas estas corrediças apareceo ho Preste que estaua detras de las homem de meaã estatura, que parecia de idade de vinte tres annos, & de tantos era: de cor de maçaã bayones não muyto parda, ho rosto redondo & magro, os olhos grandes, ho nariz alto no meyo: começaualhe de nacer a barba. E com tudo tinha no rosto hũa grauidade de tamanho senhor como era: tinha vestida hũa opa de borcado sobre hũa roupa de seda, na cabeça tinha hũa coroa alta, hũa peça de ouro outra de prata, & polo rosto tinha hum tafeta azul como rebuço que lhe cobria a boca & a barba que hum paje abaixaua de quando em quando que lhe parecia todo ho rosto, & despois ho tornaua a alcuantar & ficaualhe meyo cuberto. Tinha na mão hũa Cruz de prata laurada ao bozil: estaua assentado em hũa cadeira real sobre hum estrado alto de seys degraos cuberto de panos ricos, aa sua mão dereyta estaua hũ paje que tinha hũa Cruz de prata, & de cada parte da cadeira dous com espadas nuas nas mãos, & nos cantos do estrado estauão quatro que tinhão senbas velas aceas. Em ho Preste aparecendo dom Rodrigo lhe fez sua reuerencia abaixando a cabeça & poendo a mão dereyta no chão: & ho Preste oulhou parele, & logo lhe mandou preguntar pelo Cabeata como se achaua naquela terra, & se folgaua nela. Ao que respondeo que bem, & que folgaua muyto nela por ser de Christãos, & se auia por muyto ditoso de ser

ho primeyro que a ela foza com em baixada. E despois desta reposta lhe mandou pelo mesmo Cabeata as cartas que leuaua parele do go uernador / & ho regimento que lhe dera / tudo na lingoa Abexim, que ho Preste leo per si. E despois disse que daua muytas graças a Deos pola merce que lhe fizera em ver o que seus antecessozes nunca virão / nem ele cuydara de ver. E que folgaria muyto que el rey de Portugal mandasse fazer fortalezas em Zeila, Maçuá, & çuaquem: porque temia que os ruines se fizessem fortes naqueles lugares, & fazendose darião grande opressam a ele & aos Portugueses. E querendo el rey de Portugal fazer aquelas fortalezas, ele daria todos os mantimentos que se ouuessem de gastar nelas. E dom Rodrigo disse que si faria, porque tambem desejaua de as fazer: & sobre isto praticarão hum pedaço. E dom Rodrigo se foy pera sua tenda muyto contente de ter falado ao Preste: & ho Preste tambem ho ficou de sua embaixada / & de ter conhecimento dos Portugueses de que ouuia contar tantas façanhas. E logo ao outro dia mandou chamar Francisco aluarez / & lhe perguntou pormuytas cousas da igreja Romana / & polas vidas de sam Hieronimo & de outros santos, & folgou muyto de as saber, & de as ver em hum Flos sanctorum que lhe Francisco Aluarez mandou. E no domingo seguinte mandou hum fermoso caualo a dom Rodrigo: & aquela noyte despois de estar dormindo com todos os de sua companhia ho mandou chamar: & ele foy / & entrou na casa onde ho Preste estaua com outra tal magestade como da outra vez: & diante das primeyras corrediças forão dados vestidos a todos os da companhia do embaixador da parte do Preste / de que se logo ali vestirão: & a dom Rodrigo derão outro vestido das corrediças pera dentro. E vestidos todos entrarão onde ho Preste estaua: & ele lhes mandou dizer pelo Cabeata que se podia ir emboza com todos os de sua companhia, & que ficasse hum frangue dos que dantes estauão na corte, & poz ele lhe mandaria ao caminho as cartas que ainda estauão por escreuer. E dom Rodrigo disse que não auia de partir sem reposta / & que esperaria quanto ele mandasse, mas que lhe pedia que ho despachasse a tempo que podesse ir tomar a nossa armada a Maçuá. E ho Preste respondeo per sua boca que lhe prazia, & se auia ele de ficar poz capitão em Maçuá. E ele respondeo que posto que desejaua muyto de se ir pera Portugal / que faria o que lhe mandasse, porque sabia que nisso seruiria a el Rey de Portugal seu senhor. E coisto ho despedio ho Preste & tornouse pera sua tenda.

Capitolo. xxviij. Das brigas que ouue antre Jorge dabreu & dom Rodrigo.

No outro dia que forão vinte seys de Nouembro se partio ho Preste supitamente daquela parte pera outra / & donde dantes hia encuberto que ninguem ho não via partio então descuberto encima dũ caualo acõpanhado de dous pajes & passou escaramuçãdo por diante da tenda de dom Rodrigo: & logo se leuantou a gente toda & se foy apos ele / & dom Rodrigo tambem. E antes de partir se foy parele hũ señor chamado Fazer afael / que era clerigo, & assi hũ capitão do Preste pera ho goardar / & mandaranlhe dar cincoenta mulas & escrauos pera leuarem farinha & vinho / & outros escrauos pera lhe leuarem ho fato / & das cincoenta não lhe forão dadas mais de trinta & cinco, & das outras no mais de quinze & algũs escrauos. E de tudo tomou dõ Rodrigo ho melhor & ho mais, dizendo que tudo era seu: do que se todos escãdalizarão muyto, principalmẽte Jorge dabreu & Lopo da gama porque não deu aos outros se não as peores mulas & peores escrauos & que não abastauão pera lhes leuarem ho fato. E porem dissimularão / & despois que chegarão aa corte / mandando ho Preste perguntar per hum frade a dom Rodrigo como hia a ele & aos de sua companhia, & se lhes derão tudo o que lhes mandara dar. E respondendo dom Rodrigo que tudo, disse Jorge dabreu que não dissesse aquilo que lhe não derão todas as mulas: & as que derão erão tortas & cegas / & os escrauos velhos & não valião nada. Porem q̃ assi como tudo era ho tomara dom Rodrigo sem dar nada a ninguem. E dizendo dom Rodrigo que não dissesse aquilo, porq̃ tudo era muyto perfeyto: respondeo Jorge dabreu / que se tudo era perfeyto que ele ho tinha / & ele ho dauão, mas que dali por diante não seria assi. E ho frade se espantou muyto douuir isto, & por não ouuir mais se foy cõ talo ao Preste. E despois de ele ido ouuerão Jorge dabreu & Lopo da gama tais palauras que vierão ás lançadas & ás cutiladas, & Francisco aluarez os apartou, & Jorge dabreu ouue hũa pequena cutilada ẽ hũa perna: & ele & Lopo da gama forão deitados fora da tenda. E sabẽdo ho Preste destas brigas & ho sobre que fora / mandou dizer a dõ Rodrigo que entregasse as mulas & os escrauos a hũ homem que mãdou q̃ teuesse cuydado de leuar ho fato dos Portugueses / & que eles não fizessem mais que caminhar. E dom Rodrigo ho fez assi / & aquela noyte foy chamado do Preste pera ho fazer amigo com Jorge dabreu. E por mais que lho ho Preste rogou nunca quis / antes lhe pedio que ho mandasse apartar de sua tenda & a Lopo da gama. E ho Preste ho fez assi, & mandou os apousentar na tenda de hum senhor da corte. E estando aqui chegouse a festa do Natal, em que ho Preste mandou a Francisco Aluarez que lhe dissesse missa, que lhe ele disse segundo ho nosso costume / que ho Preste louuou muyto / & disse que lhe parecia

que estaua no paraiso, & vio confessar & comũgar os Portugueses, o que lhe pareceo em estremo bem: & assi ele como os grãdes & outros de sua corte estauão muyto contentes do culto diuino dos Portugueses & dizião que erão homẽs sanctos. E tambem ouuirão todos as matinas do Natal que os Portugueses disserão muyto bem: & na noyte seguinte á meia noyte tornou ho Preste a caminhar/ & partio assi por passar sẽ gente hũs passos muyto rois & estreitos que tinha pera passar/ & onde morrião muytas mulas & gẽte. E passados estes passos mãdou dizer ho Preste a dom Rodrigo/ q̃ ele tornaua a seu caminho, que não caminhasse mais do que lhe mãdasse. E com quanto os dias atras ninguem sabia onde ele hia/ & a gente pousaua onde achaua hũa tẽda brãca armada, a que se fazia cerimonia como se hi estiuesse ho Preste: começou então de caminhar desta maneira: metido em hũas cortinas de seda roxa sem corridiças de diante & tão altas que ho cobrião a caualo. E estas erão leuadas per homẽs cõ varas que hião da parte de foza, ele vestido destado, & na cabeça hũa coroa douro & de prata/ caualgando ẽ hũa mula ageazada de ricos goarnecimẽtos com hũ rico cabresto de dous cabos sobre ho freo, por onde dous pajes leuauão a mula: leuaua mais outros quatro, dous de cada parte, hũs com as mãos sobre ho pescoço da mula, outros sobre as ancas. Diante das cortinas logo pegados coelas leuaua vite pajes dos principais/ & estes a pé & diante deles hião seys caualos adestro, & diante dos caualos seys mulas cõ ricos jaezes & goarnimentos/ & cõ cada caualo & mula quatro moços desportas cõ bõs vestidos/ & dous os leuauão pelo cabresto/ & dous hião com as mãos sobre as selas cada hũ de seu cabo. Diãte destas mulas hião logo vinte senhores dos principais da corte, & estes em mulas vestidos de marlotas de seda & bedẽs/ & diante destes fidalgos hia dom Rodrigo & os de sua companhia por mandado do Preste por lhe fazer honrra: & dali a grande espaço não hia outra gente de pé nem de caualo, & hião corredores diante que fazião apartar todos. Leuaua mais ho Preste dous capitães da goarda q̃ na sua lingoa se chamão Betudetes & sam grãdes senhores/ & cada hũ leuaua seys mil homens darmas, hũ da mão ezquerda outro da dereyta/ & ambos foza do caminho & bem afastados do Preste, & se caminhão por terra que he forçado irem todos por hũ caminho/ vay hũ muyto atras do Preste & outro muyto a diante/ & cõ ho diãteiro vão sempre quatro leões presos por fortes cadeas. Hião mais cõ ho Preste detras dele duzentos homẽs/ de que os cento leuão cem jarras de vinho de mel cada hũa de seys canadas/ & outros cento com cestos cheos de pão: & coestes vão seys homẽs detras deles q̃ os goardão. E este mantimento se recolhe nas tendas do Preste em ele descaualgando: hião tambem diante desta gente as tendas das igrejas da corte do Preste que sam treze, & as

pedras vara de todas: & cada pedra leuão quatro clerigos de missa em hũa cousa como padiola que leuão aos hõbros cubertas de panos de seda / & vão outros clerigos de sobre salente pera quando estes cansarem. Diante de cada hũa hião tres homẽs vozdẽs, hũ com hũa cruz alevantada, outro com hũ turibolo encensando, & outro diante tangẽdo hũa campainha / & toda pessoa que vay pelo caminho em ouuindo a cãpainha se afasta pera fora, & se vay a caualo decesse, em tanta veneração tem aquela pedra onde se põe ho sacramento do altar. A gente que hia com ho Preste não tinha cõto / porq̃ em espaço de quatro legoas não auia quem rompesse pelo caminho, nẽ por fora dele: seria a decima parte desta gente toda limpa & bẽ tratada / & a outra gente comũ em q̃ ha muytos pobres. E nesta gente não entrão os grandes senhores & fidalgos / porque com cada hũ na quantidade da gente com que a balão pouoarão hũa boa cidade ou vila Despanha, & birião bem cem mil em canalgaduras de mulas a fora as que bião adestro que serião tres tãtas / & a fora as de carrega que não tem conto: & a fora os caualos que erão muytos. E era cousa fermosa ô ver tãto numero de gẽte & valimarias: & cousa muyto pera espantar como auia terra que os manteuesse / porque a corte do Preste he muyto abastada de mantimentos.

Capitolo. xxix. De como ho Preste despachou dom Rodrigo de lima.

ASsi caminhou ho Preste ate chegar jũto de hũa grande igreja da auocação da sanctissima Trindade pera a fazer consagrar / & pera mudar a ela a ossada de seu pay que estaua em outra pequena junto daquela: & aqui chegou ho primeyro dia de Janeyro do ãno de vinte hũ / onde foy recebido de clerigos & frades que passarião de vinte mil. E tẽdo aqui ho Preste seu arrayal em hũa pratica q̃ teue com dõ Rodrigo per terceyra pessoa lhe deu algũs achaques sobre lhe não darem o que lhe elrey de Portugal mãdara quãdo lhe mãdaua Duarte galuão por embaixador, na mesma pratica lhe mãdou dizer q̃ se fora no tempo dos reys passados & não leuara muyta roupa que lhe não fizerão nenhũa honrra: & que ele lhe fazia muyta. A que dom Rodrigo respondeo q̃ tinha recebidos ẽ suas terras muytos agrauos / assi de despreyzos & de roubarem a ele / & aos de sua companhia vestidos & quanto leuauão pera comer / & tres ou quatro vezes os quiserão matar: & que se morresse na quela terra auião dir ao paraiso, porque morrião martyres / porque tudo sofrião por seruirem a Deos & a el Rey de Portugal. E que doutra maneira fora Mateus honrrado em Portugal, por dizer que era seu embaixador / & que doutra era ele / pedindolhe que ho despachasse pera se yr. E o Preste respondeo q̃ bem sabia a honrra que Mateus receberа assi na India como em Portugal, & que não ouuesse menencorea q̃ logo ho despacharia & muyto

á sua vontade, & coisto ho despedio. E no dia dos Reys seguinte, se bautizou ho Preste com sua molher / & sua may & ho Patriarca: & outra muyta gente, q̃ assi se tornão a bautizar cadano naquele dia segũdo seu costume. E ho bautismo foy em hũ tanque grande forrado de tauoado cuberto de pano dalgodão encerado: & despois que está cheo dagoa q̃ hũ clerigo benze & lhe deita oleo / entra ho Preste no tãque per hũs degraos que tem: & hũ clerigo que foy seu mestre homẽ de grande idade, lhe mete tres vezes a cabeça debaixo dagoa: dizẽdo. Eu te bautizo, em nome do padre / do filho, & do spirito santo. E despois de bautizado / se foy a hũ cadafalso q̃ estaua junto do tanque cercado de corrediças õ tafetá, pera que dali sem ho verem visse quãtos se bautizauão. E bautizado ele & sua molher & sua may & ho Patriarca / se bautizou grande numero de gente: & tambem mãdou conuidar os Portugueses, pera se bautizarẽ mas não quisserão. Despois disto sem mais passar cousa q̃ de contar seja, tendo ho Preste despachado a dom Rodrigo / mãdouo chamar pera ho fazer amigo cõ Jorge dabreu / & por mais q̃ lho rogou nunca quis / antes lhe pedio dõ Rodrigo / que ho deteuesse dous meses despois de sua partida porque não fosse coele / que era certo que ho queria matar. E ho Preste ficou muyto descõtente de dom Rodrigo não querer fazer ho que lhe rogaua: & despedioho sẽ ho querer ver / & cõ menencoria lhe não quis dar vestidos de borcado que tinha parele / & pera os outros. E per hũ dos Betudetes, mandou a Francisco aluarez hũa Cruz de prata / & hũ casado da mesma laurado de taupia, por posse da senhoria que lhe tinha dada: q̃ era fazelo bispo daqueles lugares do mar Roxo. E despois de dõ Rodrigo se ir pera sua tenda / lhe mãdou ho Preste trinta õças douro, & cincoenta pera os de sua companhia, mãdando que destas ouuesse Jorge dabreu, & os que estauão cõ ele sua parte, & assi dessem carregas de farinha que mandou, & oyto mulas, de trinta que tambem mãdaua: & pera el Rey de Portugal mãdou per Abdenagó seu paje, hũa coroa õ sua pessoa douro & de prata: & que dissessem a el Rey de Portugal que lha mandaua como de filho a pay, & quelha mandaua como cousa preza da, & por ela lhe apresentaua todo fauor a juda & socorro de dinheiro, gentes, & mantimentos quelhe fossem necessarios, pera fortalezas & armadas q̃ fizesse no estreito do mar Roxo. E assi forão dados a dõ Rodrigo cinco saquinhos de borcado, & nos tres hião tres cartas, pera el Rey de Portugal: scriptas em pergaminho, em lingoa Abexim, Arabica, & Portuguesa, & duas pera ho gouernador da India: & estes metidos em hũ cesto forrado de pano & cuberto de couro / & asselado ho fecho: & disse ao embaixador que se podia ir quando quisesse que de todo era despachado. E ele quisera falar ao Preste & não pode por se partir a madrugada passada pera outro lugar.

¶ Cap. xxx. De como dõ Rodrigo se partio da corte do Preste, & da causa porque tornou a ela.

Espachado dõ Rodrigo da maneyra que digo, partiose dia de Cinza treze dias de Fenereiro. E forão coele dous filhos de Cabeata, por cujas terras auia de passar, pera ho goardarem & lhe darem polo caminho ho necessario, & hia tambem hum frade. E coestes hia Jorge dabreu, & ficauão atras de dom Rodrigo. E logo nas primeiras jornadas, Johão gõçaluez feytor da embaixada, sobre palauras que ouue cõ hũ Jobão fernãdez que ho seruia lhe deu com hũ pao na cabeça: do que agrauado Johão fernandez não quis ir mais com ho feytor, & meteose com dõ Rodrigo. E dahi a poucos dias, caminhando ho feytor só, saltou coele leuãdo hũa lança com que lhe deu duas lançadas em hũa mão, & nos peitos, onde ho ouuera de passar ao vão, se a lança não se deteuera ẽ hũa costa: & sobristo foy Johão fernãdez preso por dom Rodrigo, & hũa noyte fugio pera Jorge dabreu & assi escapou. E proseguindo por seu caminho, forão ter com dom Rodrigo ho mordomo mór do Preste, & outro senhor, que lhe disserão que os mandaua pera fazerem amizades antrele & Jorge dabreu, porq̃ ficaua muyto descontente de partirem immigos, & irem assi apartados polo caminho: rogandolhe da sua parte que fosse seu amigo, & fossem juntos: & tãto lhe disserão q̃ se ouue de fazer. E feyta a amizade, derã a cada Portugues sua mula da parte do Preste. E continuarão aqueles dous senhores cõ eles seu caminho, dizendo que assi lho mandara ho Preste, pera os apsentarẽ ao capitão mór da armada dos Portugueses, porque ho Barnagaeis que ho ouuera de fazer ficaua na corte: & assi caminharão ate chegarem ao lugar de Barua, onde se deteuerão tanto que passou ho tempo, em que a armada dos Portugueses auia dir a Maçua pera os leuar a India. E passado ho tempo, dom Rodrigo contra a amizade que tinha feyta com Jorge dabreu, mandou ao feytor que lhe não desse mantimẽto nem aos de sua companhia. Sobre ho que Jorge dabreu se queixou ao mordomo mór do Preste, & ao outro senhor: polo que mandarão chamar, & lhe afearão muyto ho que fazia, rogandolhe que desse ho mantimento a Jorge dabreu, mas não ho poderão acabar coele: & cada hũ se foy pera sua pousada: ficando os Abexis muyto agrauados de dom Rodrigo, & espantados de sua crueza. E como Jorge dabreu era esforçado, não quis vsar de mais rogos com dõ Rodrigo, & determinou ô tomar ho mantimento por força, pera q̃ a tempo que todos dormião, saltou em casa de dom Rodrigo onde staua ho feytor q̃ tinha ho mantimento, & com os de sua companhia armados, despingardas, lã-

ças, & espadas: começou de qbrar as portas cõ hũ vay & vem: & foy acousa a tanto / que hũ criado de dom Luys foy ferido de hũa espingardada, & ele se acolheo por hũa porta falsa á pousada do mordomo mór & do outro, que ãbos forão prender Jorge dabreu: & os seus por não terem poluora não se defenderão com as espingardas: & presos os mandarão a outro lugar cõ goardas que os goardassem. E neste tempo quiserã ho mordomo mór & ho outro / fazer amigos dõ Rodrigo & Jorge dabreu mas não poderão: & por isso & por ser passada a mouçã õ se irem na armada da India / determinarão de os tornar á corte: & caminhando pa lá achárão ho Barnagaeis, que sabendo ho caso que era acontecido / reprendeo muyto ho mordomo mór & ho outro de leuarem os Portugueses á corte, & disselhes que lhos deixassem, & bradou muyto com dom Rodrigo, & com Jorge dabreu / pelo que fizerão, q̃ ainda perantele ouuerão muyto mas palauras, do que ho Barnagaeis se espantou / & de ver quam pouco amor se estes tinhão em terra estrangeira onde hauião de ser muyto amigos: & tomou a dom Rodrigo a coroa & as cartas do Preste q̃ leuaua pera el rey õ Portugal, & leuouos cõsigo a suas terras / & deixou dõ Rodrigo no lugar de Barua, & foysse ao lugar de Barra cõ Jorge dabreu: donde & ele & dom Rodrigo forão despois leuados á corte do Preste. Mas como não ho pude saber.

Capit. xxxj. De como dom Luys se tornou a partir da corte do Preste.

Estando na corte aos quinze dias dabril, forão dadas a dom Rodrigo as cartas q̃ lhe dom Luys de meneses escriuia, que na quele dia fosse com ele em Maçua, porque não podia esperar mais por amor da mouçã: & assi lhe daua conta do falecimento del Rey dom Manuel / & escreuia tambem ao Preste, pedindolhe que ho despachasse logo. E vendo dom Rodrigo & os outros como naquele dia se acabaua ho prazo que lhe dom Luys punha q̃ fossem em Maçua: ficarão muyto tristes / por verem que auião ainda de ficar hũ anno naquela terra: & muyto mais tristes, polo falecimento del Rey dom Manuel. E acordarão em conselho de ho dizerem ao Preste: & logo começarão de rapar as cabeças hũs aos outros que na quela terra se faz por dõ / & vestirem panos pretos: & estando os Portugueses neste officio leuaranlhes ho jantar, & os q̃ ho leuauão vendo ho que fazião detrarão ho comer sem falarem, & forão dizelo ao Preste: que logo mandou preguntar per dous frades a dom Rodrigo que lhes acõteçera. E ele não pode responder com choro: & Francisco aluarez lho disse pelo costume da terra dizendo. Cairam os estrelas & a lũa, & ho sol escureceo & perdeo sua claridade, & não temos quem nos cu-

bra nem quem nos empare / nem pay nem may que por nos seja, se não Deos que he pay ô todos. El rey dom Manuel nosso senhor he falecido da vida deste mundo, & nos ficamos orfãos & desemparados, & a esta derradeira palaura q̃ quasi não pode dizer com choro / alevantarão todos hũ dozido pranto: & os frades se forão tambem chorando a dizelo ao Preste / que ficou muyto triste com aquela nova. E em final de tristeza mandou apregoar / que por tres dias nam se abrissem as tendas onde se vendia pão / vinho, & carne / & outras mercadorias, & assi se fez. E passados os tres dias mãdou chamar dom Rodrigo & os outros Portugueses / & todos entrarão onde ho Preste estaua. E ele preguntou a dom Rodrigo quem herdara hos Reynos del Rey de Portugal seu padre, & ele disse que ho Principe dom Johão seu filho, & respõdeo ho Preste q̃ não ouuesse medo q̃ ẽ terra de christãos estauã / q̃ bõ foza ho pay / & bõ seria ho filho, & q̃ ele lhescreueria: & dõ Rodrigo lhe pedio q̃ ho despachasse / porque ho esperaua no mar bo capitão mór da armada dos Portugueses, & que assi ho escreuia a sua alteza: & ele disse que logo entenderia em seu despacho, que lhe tornassem as cartas de dõ Luys na sua lingoa: & dom Rodrigo ho fez assi. E como sabia ho vigar q̃ ho Preste tinha nos despachos, despedio logo hũ Portugues de sua cõpanhia / chamado Ayres dias, cõ hũ Abexim cõ cartas a dom Rodrigo: dandolhe a rezão porq̃ nã foza em Maçua ao prazo q̃ lhe possera: pedindolhe q̃ pera ho ãno tornasse por ele. E nisto partiose ho Preste pera outra parte / & tãto que foy apousentado dom Rodrigo lhe pedio licença pera se ir. & ho Preste lhe disse que não ouuesse medo, que ja tinha mãdado recado a dõ Luys que esperasse: & por importunação de dom Rodrigo, mandou Johão gonçalvez ho feytor com cartas suas & de dõ Rodrigo pera dom Luys / & deulhe hũa boa mula & vestidos ricos & dez onças douro / & mandou cõ ele dous criados seus: & dali a hũs mes & meo despachou dõ Rodrigo, & deu ricamẽte ô vestir a ele & aos outros, & a q̃tro ou cadeas douro cõ cruzes & a cada hũ sua mula, & pera todos oytẽta õças douro & cem panos de seda: & dãdolhes a sua bençam os despedio.

¶ Capit. xxxij. De como foram mortos quatro Portugueses ẽ Arquico. E ô como dõ Luys de meneses se partio ô Maçua.

Jcando dom Luys de Meneses no porto de Maçua ẽ quanto forão chamar dom Rodrigo á corte do Preste / hião os Portugueses muytas vezes a terra & tratauão cõ os Abexis, ãtre os q̃eis morauão obra de quarenta Rumes: q̃ como q̃rião mal aos Portugueses não podiã sofrer velos antresi / & não ousauão ô lhes fazer mal porque erão muytos, porem dauãlhe dissimu-

ladamente grandes encontros/ & fazianlhe muytos desprezos: ho q̃ eles entendendo ajuntaranse hũs doze/ & sem ho dom Luys saber se forão a terra armados de chuças, & rodelas/ & desafiarão os Rumes todos juntos: que não ousando de sair ao desafio, lhe disserão mansamẽte que não querião nada coeles: do que ficarão muy injuriados/ & desacreditados com a gente da terra que vio ho desafio. E logo ao outro dia que isto foy, forão sete soldados a Arquico em hũ paraó: que não sabendo ho que era passado antre os outros & os Rumes/ não leuaram mais q̃ suas espadas. E vendoos os Rumes daquela maneyra, virão que tinhão tempo pera se vingar: & ajuntando algũs mouros derão sobre os sete, de q̃ matarão quatro, & isto com grãde estrõdo & arroido: & q̃ cõ quãto os Portugueses erão Cristãos/ nũca Xumagali soltão, q̃ era á justiça da terra quis lá acodir: sabendo q̃ os Rumes & mouros matauão os Portugueses: nem menos Arraiz Iacob regedor das terras de Barnagaeis. E somente hũ fidalgo Aberim que auia nome Sabzeſus acodio ao arroido mas nã feznada/ nem trabalhou por valer aos Portugueses: & despois ô mortos estes quatro fugirão os tres, & acolhidos ao paraó forão dar a nova a dõ Luys. E os rumes & mouros temendo que fosse dom Luys tomar vingãça da morte dos Portugueses acolherãse ao senhorio de hũ Aberim chamado Barfela, que com quãto soube ho mal que deixarão feyto os não prendeo. E sabẽdo dom Luys a morte dos Portugueses/ mandousse aqueixar ao Xumagali/ dizendo que se ho lugar nã fora do Preste que el Rey de Portugal tinha por irmão q̃ ele ho destruyra pela morte dos Portugueses/ & por isso ho deixaua de fazer & lhe fazia. E Xumagali lho mandou agardecer, desculpãdo selhe de não castigar os rumes & turcos porque os não podera prender. Isto passado vendo dõ Luys que não hia dõ Rodrigo ao prazo que lhe posera, & q̃ selhe gastaua a mouçãO pera sayr do estreito: partiose deixando escritas cartas a dom Rodrigo, em que dizia a rezão porque não esperara por ele, & auisando ho que não sefosse de junto do mar, que pera ho ãno tornaria por ele: & q̃ se queixasse ao Preste da morte dos portugueses.

¶ Capit. xxxiij. De como dom Rodrigo se tornou á corte do Preste & se tornou a partir.

PArtido dõ Rodrigo da corte do Preste pera ho porto de Maçuá não andou muyto q̃ não achou Ayres diaz & ho feytor João gonçaluez com as cartas de dõ Luys de meneses. E quando dom Rodrigo soube q̃ era partido não deixou de prosseguir seu caminho/ & mais polo que lhe dõ Luys dizia q̃ não se apartasse de junto do mar q̃ pera ho ãno tornaria por ele. E chegado a Arquico achou hi muytos fardos de pimenta & de roupa que lhe dom Luys deixara pera seu gasto &

dos de sua companhia, & porque tinhão que gastar pollhes ho Preste mãdar dar todo ho necessario ate q̃ se fossem: acordou cõ parecer de todos que mandasse ao Preste a meta de da pimenta & da roupa, & quelha leuasse ho feytor, & fosse coele Francisco aluarez pera ler a carta õ dom Luys ao Preste, em que selhe mãdana queixar da morte dos Portugueses, & pa ambos requererem ao Preste que fizesse justiça. Eisto assi assentado parecendo a dom Rodrigo que ho Preste faria muytas merces a quem leuasse a pimenta, determinou de lha leuar ele mesmo & lenarlha toda pera ho obrigar a fazerlhe mores merces. E quando Francisco aluarez soube como queria ir & leuar toda a pimenta, estranhoulhe não deixar algũa aos que ficauão, mas ele não quis deixarlha: & partiose ho primeyro dia de Setembro, & na fim de Nouembro chegou á corte do Preste que estaua em hũ seu reyno chamado Fatigar. E apousentado dom Rodrigo foy falar ao Preste, & lhe deu ho presente que lhe leuaua dizẽdo que não hia a mais q̃ a leuarlho, & deulhe a carta de dõ Luys de meneses que lhe escriuia acerca dos Portugueses que lhe matarão em Arquico escripta em lingoa Abexim que ho Preste leo. E despois disse q̃ lhe pesaua muyto de dom Luys não vingar logo aq̃les Portugueses, & matara quãtos mouros auia em Arquico: & que ele mandaria fazer justiça, & assi o fez. E da hi a algũs dias despachou dom Rodrigo, & a ele & a Francisco aluarez deu trinta oquias douro & cẽ panos, & mãdoulhes dar de vestir: & disselhes q̃ fossem de vagar porque auia de despachar hũ embaixador que queria mãdar a el Rey de Portugal, pera q̃ soubesse quãto desejaua: & que auia dir coele ate Maçuá ho justiça mór de sua corte pera fazer justiça sobre a morte dos Portugueses, & perãte dõ Rodrigo disse ao justiça mór que prendesse todos os rumes, turcos & mouros, & Christãos q̃ achasse que estauão em Arquico no tẽpo que hi matarão os Portugueses, & os q̃ achasse culpados em sua morte ou em não prenderẽ aqueles que os matarão, que os entregasse a qual quer capitão mór da armada dos Portugueses, pera q̃ fizesse deles justiça como lhe bẽ parecesse. E coeste despacho se partio dõ Rodrigo, & no caminho ho alcançarão ho justiça mór, & despois ho embaixador que mandaua a Portugal que auia nome Zagazabo que fora ja lá, & sabia bem a lingoa Portuguesa. E indo todos por seu caminho chegarã a Barua q̃ era perto do mar, & por não acharẽ nenhũa noua da armada dos Portugueses se deixarão estar ate ser passada a mouçõ de poder vir. E neste tempo foy ho justiça mór a Arquico, & prendeo a hũa mali soltão, & Sabri jesus & Arraiz jacob & Dafela polas cousas q̃ disse atras, & leuou os presos á corte, õde disse ao Preste como aquele anno nã fora a armada dos Portugueses ao estreito, & que os embaixadores ficauão no lugar de Barua: & ele lhes mandou logo recado que se fossem ao lugar de Aquaxumo que era

melhor lugar que ho de Barua, & di mandou dar aos Portugueses quinhentas carregas de trigo/cem vacas, cem carneiros, cem panelas de mel outras tantas de manteiga: & ao seu embaixador mandou dar vinte carregas de trigo & outras tãtas vacas & carneyros/& outras tãtas panelas de mel & de manteiga. E assi esteuerão ali esperando ate q̃ foy a armada da India.

¶ Cap. xxxiiij. De como dõ Luys de meneses saqueou Dofar & chegou a Ormuz.

PArtido dõ Luys de Acuná foy sobre Dofar hũ lugar no estreito grande & de grande trato pouoado de muyta gente todos mouros, que vendo a armada de dom Luys fizerão mostra de se quererẽ defender/mas como virão desembarcar os Portugueses fugirão/& ho lugar foy saqado & queymado. E deste lugar seguio dom Luys sua rota pera Ormuz, onde chegou: & quãdo soube que Raix xarafo era perdoado & feyto goazil, & Raix xamixir fugido, estranhou ho muyto ao gouernador mostrãdo grande menẽcoria, & não podia ver Raix xarafo, & polo não ver se partio logo em Agosto sem querer ir cõ ho gouernador. E chegãdo á ponta de Diu achou ho tempo ainda tão verde que lhe foy forçado arribar a Ormuz & hi esperou/& partiose pera a India com ho gouernador.

¶ Capit. xxxv. De como Antonio faleyro se leuãtou com dissimulação de ir fazer presas ao cabo de Boardafum.

COmo quer q̃ neste tẽpo as licenças pera tratar & fazer presas se dauã na India liberalmẽte, auia muyto poucos q̃ as não pedissem/& por isso antes q̃ dom Luys de meneses partisse pera ho estreito desta vez q̃ digo hũ Antonio faleyro que andaua na India: com ser as vezes Chatim & outras lascarim, pedio licença a Francisco pereyra pestana capitão de Goa pera ir fazer presas ao cabo de Boardafum/dizẽdo q̃ ãdauão por ali muytos mouros ao longo da terra em terradas pequenas em q̃ passauão muyto dinheiro dũs lugares pera os outros: & isto pare cẽdolhe que andauão seguros dos Portugueses de q̃ nã serião vistos por andarẽ assi ao lõgo da costa. E pera Francisco pereyra lhe dar a licença de melhor võtade, lhe prometeo parte da presa/ou lhe deu logo cousa certa: & por isso lha deu/& mais lhe mandou dar do almazem de Goa quatro berços & hũ falcão de metal que assi foy no partido. E a tẽção Dantonio faleyro, segũdo despois pareceo queria acoesta cor de licẽça pera fazer estas presas ẽcobrir a maldade q̃ auia dusar ẽ se fazer cossayro de toda ronpa. E a força ter pera isso grande abelidade & ousadia, sabia muyto bẽ a lingoa Arabica & Persiana & outras. E auida a licẽça de Frãcisco pereyra & os berços & falcão, artilhou hũa fusta de cayro que tinha & hũ paraó pequeno: & conuocou pera irem coele ate vinte

Portugueses / hũs omeziados & outros pobres / a que prometeo de lhes fazer as barbas douro, contãdolhe ho modo de que auia de fazer as presas. E tẽdo certos estes soldados / cõcertouse cõ certos Chatis Portugueses casados ẽ Goa q̃ tinhão hũa terrada Dormuz & hũ huquer de Cananor q̃ auião de leuar carregados de fazẽda pera tratarẽ ẽ Calayate & Mazcate dõde auião de trazer caualos ẽ retorno: & ẽ quãto se ho huquer & a terrada acabauã de carregar mãdou diãte a hũ Frãcisco faleyro de Setuuel q̃ se fosse na fusta & na terrada cõ os outros Lascarins esperalo a Chaul, & assi o fez: & ẽtrãdo no rio de Chaul cõ a fusta pera a fazer agoada / mãdoulhe Simão dãdrade capitão da fortaleza tomar ho leme & a vela / q̃ Frãcisco faleyro teue maneyra pera a auer & sayose logo. E despois de vido Antonio faleyro cõ a terrada & huquer forã fazer agoada á ilha das vacas: & estãdo hi forã ter coele hũs dous mercadores Persianos ẽ hũa cotia q̃ião de Diu pa Persia / & leuauão roupa fina & Cãbaya q̃ valeria seys mil pardaos / q̃ Antonio faleyro lhes roubou cõ quãto leuauão seguro. E despois de os meter a tormẽto pera cõfessarẽ se tinhão mais, os catiuou & aos seruidores q̃ erã muytos mãdou meter a bãco na fusta & no paraó pera a remarẽ. E despejada a cotia & metida no fũdo / partiose pera a outra costa cõ as velas desua cõserua indo ele na terrada, & como ainda lá era inuerno era lhes ho vẽto quasi por dauãte / & achauão ho mar muy grosso em tãto q̃ com os grandes mares lhe saltou forã ho leme da terrada, & andarão tres dias sem bo poderẽ meter / & nisto passarão muyto grande perigo de se perderẽ cõ se verẽ mil vezes alagados. E tornado ho leme a meter passarã auante & forão aferrar terra na costa Darabia obra de trezelegoas de Calayate, & juntamente cõ a terrada / a fusta & ho paraó / & ho huquer descayo & foy ter perto de Dofar & hi se perdeo cõ quãto leuaua / saluo noue homẽs todos Chatis sobre q̃ logo acodirão muytos mouros pera os matarẽ sabendo q̃ erão Christãos / mas eles se defẽderão tambẽ com as espingardas que leuauão q̃ se saluarão & forão ter a Dofar cuso Æeque por ser amigo dos Portugueses lhes fez muyto gasalhado & lhes deu com q̃ se cobrissem & pousadas, & lhes disse q̃ ficassẽ coele ate q̃ ali fosse ter algũ nauio ô Portugueses em q̃ se fossem / assi ho fizerão.

Capit. xxxvi. De como Antonio faleyro foy ter a Calayate & despois a Dofar: & do que fez.

Conhecido por Antonio faleyro onde staua tirou pera Calayate, onde foy surgir & hi vendeo a fazẽda q̃ roubara aos mouros na ilha das vacas / & eles selhe resgatarão por dinheiro q̃ lhes foy emprestado por outros q̃ conhecião. E como ele determinasse de executar ho mal q̃ hia fazer / disse aos Lascaris q̃ião coele, q̃ ho Æeq̃ de Calayate lhe deuia certa soma de dinheiro q̃ lhe nã quisera pagar, ãtes sobrisso lhe fizera algũa offensa por isso q̃ se auia de vingar dele: & isto sendo ho Æeq̃ grã

de amigo dos Portugueses ⁊ vassalo del rey Dormuz / vassalo del rey ð Portugal, ⁊ se se queixara a el rey Dormuz ou ao capitão da fortaleza eles lhe fizerão justiça: porẽ segũdo outras maldades q̃ este Antonio faleyzo despois cometeo, mais he de crer q̃ ele queria roubar aq̃le xeque por saber que tinha dinheiro que por lho deuer. E dada cõta aos seus Vascaris do q̃ determinaua / infiou a fusta ⁊ ho paraó diante da porta das casas do xeque que estauão na praya perto do mar, ⁊ dali lhe tirou tãta bombardada, q̃ ho xeque por não se ver destruido lhe mãdou quinhẽtos xerafins com q̃ se contẽtou ⁊ ho deixou: ⁊ tendo perto de seys mil xerafins cõ os da roupa q̃ roubara aos mouros ⁊ coestes recolheos sem partir cõ os Vascaris: do q̃ eles começarão de murmurar ãtre si / ⁊ algũs q̃ estauão desembaraçados domizios nã quiserão ir mais coele / ⁊ se forão na terrada q̃ foy a outro porto carregar de cauallos, ⁊ antrestes q̃ se forão foy hũ Manuel sardinha Deuora / ⁊ os outros ficarão, assi por serẽ omiziados como por esperarẽ q̃ aidaauerią algũacousa. E ficãdo coestes q̃ digo, se foy caminho de Dofar / porq̃ ali esperaua deneber as mãos segundo ho dizia aos Vascarins, ⁊ ia por capitão da fusta ⁊ Francisco faleyzo no paraó. E estãdo surto perto ð Dofar pera tomar a Goa / foy ter coele ð madrugada hũa nao ð mouros do estreito q̃ ia carregada da India: ⁊ sintindo os mouros q̃ ali estauã Portugueses fizerã volta ao mar. E Antonio faleyzo os seguio na fusta ⁊ no paraó, ⁊ os alcãçou logo por lhes faltar ho vẽto: ⁊ os mouros não quiserã pelejar nẽ lãçarse ao mar parecẽdolhe q̃ se resgatarião ẽ Dofar / ⁊ por isso Antonio faleyzo os tomou todos / ⁊ erão muytos ⁊ deles casados q̃ leuauão suas molheres ⁊ filhos: ⁊ daqui se foy ao porto de Dofar / ⁊ surto mãdou dizer ao xeque q̃ selhe q̃ria cõprar aq̃la nao assi como ia, ⁊ mais q̃ quãto lhe q̃ria dar por nã queymar q̃tro grãdes naos ð mercadores mouros q̃ estauão no porto meas descarregadas. E sabido este recado polos noue Portugueses q̃ disse q̃ estauão cõ o xeque forãselo logo a Antonio faleyzo / ⁊ cõtarãlhe a piedade de q̃ ho xeq̃ vsara coeles ẽ seu infortunio rogãdolhe q̃ não fizesse nenhũ mal ẽ seu porto ao menos ate os não recolher, do q̃ ele foy cõtẽte. E cuydãdo ho xeq̃ que Antonio faleyzo lhe agradecia ho bẽ que fizera aos noue, ⁊ auẽdo q̃ estaua seguro deulhes licẽça q̃ se fosse. Q̃ lhe eles agradecerão bẽ mal, q̃ recolhidos com Antonio faleyzo lhe acrecẽtarão ho deseo q̃ tinha de roubar as q̃tro naos q̃ estauão no porto, ⁊ tornou a mãdar cometer ao xeq̃ selhas q̃ria cõprar. Do q̃ se ele espãtou muyto, ⁊ respõdeo q̃ não esperaua aq̃le galardão do bẽ q̃ fizera aos Portugueses / pedindolhe que nã fizesse mal aos q̃ estauão no seu porto. E isto respõdeo ho xeq̃ pera q̃ ẽtretãto q̃ andauão estes recados se fizesse forte cõ hũa tranqueyra q̃ mãdou fazer: q̃ bẽ vio a roidade Dãtonio faleyzo / ⁊ q̃ lhe nã auia de godar amizade. E feyta a tranqueyra durando ainda os recados não esperou que Antonio faleiro começasse primeiro a peleja, ⁊ ele a come

çou mandandolhe tirar cõ algũas bõbardadas, & por isso Antonio faleiro não pode roubar as naos como quisera/ & poslhe bo fogo: & como as bõbardadas crã muyto bastas/ & ele não podia fazer nada cõ as suas, afastouse pera bo mar por que bo não matassem.

¶ Ca. xxxvij. do q̃ acõteceo aos sete portugueses q̃ ião na nao q̃ Antonio faleiro mãdaua pa Calaiate.

VEndo Antonio faleiro que não tinha ali mais q̃ fazer/ determinou de se hir pera outra parte, & porq̃ a nao dos mouros bo não pessase, mandou a pera Calaiate a vẽderse hi a fazenda, & mãdou por capitão dela hũ Afõso ỹ soure, & deu lhe seis Portugueses pera sua cõpanhia, & algũs dos remeiros Canaris, porq̃ não se fiana dos mouros: & praticãdo õde fariã agoada por a nao não ter agoa, disse bo seu mesmo piloto, q̃ ỹ caminho a tomarião ẽ hũa agoada q̃ ele sabia q̃ estaua perto, & coisto se partio a nao indo perto de terra: & como naquela costa Darabia as serras sã muyto altas, & bo mar fica coelas abrigado do vento, & fazia calmaria, singrauaa nao muyto menos do q̃ soffria apouca agoa q̃ leuaua, & pera q̃ abastasse ate chegarẽ a agoada/ não bebia a gente mais q̃ a fiã por dia cada pessoa/ & como as calmas erão grãdes morriã muytos mouros de sede, & cada dia os deitauão mortos ao mar: & coeste trabalho forã ate q̃ hũ dia disse bo piloto da nao q̃ ja estauão ỹ frõte da agoada q̃ mãdasse tomar agoa: & estariã q̃atro legoas ỹ terra segũdo seu parecer/ q̃ cõ a calmaria nã podia a nao mais chegar. E como a ida a terra era perigosa/ por ela ser ỹ mouros & imigos dos portugueses, não ouue nhũ dos q̃ ião na nao q̃ sesse ir fora se não se lhe caisse por sorte: & deltadas sairão q̃ fosse fazer a agoada: hũ Afõso da veiga, & hũ Johão sirgueiro cbati, & outro, & saidos estes deulhes Lourenço de soure algũas teadas & outros panos baixos, cõ q̃ afagasse a gẽte da terra se fosse necessario: & cõ suas espingardas se ẽbarcarão no paraõ da nao, de q̃ partirão as oyto oras do dia. E como cõ a calmaria q̃ fazia as agoas cozresse muyto: não poderã os q̃ remauão bo paraõ remar cõ tãta força q̃ não descaisse muyto/ & tãto q̃ chegarão a terra duas oras ãtes de sol posto, & oulhãdo pera a nao acharão q̃ ficara muyto acima dõde forão ter: & chegados a terra mãdarão os marinheiros auer se achauão agoa, q̃ saidos ẽ terra forã salteados dalgũs mouros q̃ os esperauão ẽ cilada, porq̃ os virã das serras quãdo iãos: & dando sobzeles pa os matar ferirão algũs/ & logo se a colberã todos ao paraõ: & recolbidos os remeiros forão mais pa baixo õde não acharã nhũa cõtradição, & fizerã agoada ẽ hũas fõtes solobzas q̃ estauão ãtre certas palmeiras ao lõgo do mar, & sol posto se partirã caminho da nao, indo todos bem cansados do trabalho/ de remar & de fazerem agoada, & de quasi não comerem aquele dia, & assi da grande calma que fazia. E tudo isto foy causa de os remeiros

enfraqcerẽ tãto q̃ de todo não poderão remar por mais pãcadas q̃ lhes os Portugueses dauão & por mais ameaços da morte q̃ lhe fazião/ pelo q̃ cõueo aos Portugueses remarẽ: & parecẽdolhes q̃ serião pto da nao por q̃ a não vião cõ ho grãde escuro q̃ fazia começarão de bradar pera q̃ ouuindoos na nao lhes fizessem algũ fogo a q̃ atinassem, mas como a nao estaua muyto mais longe do q̃ cuydauão pelo muyto que tinhão descaydo nũca os ouuirão: o q̃ lhes quebrou muyto os spiritos que erão os q̃ ajudauão a remar q̃ as forças ho muyto remar lhas tinha quasi gastadas/ & as mãos esfoladas de q̃ lhes corria sangue/ & como desesperação de não chegarem tão cedo á nao os debilitasse muito começarão de dormir descansados & tristes: porẽ ho cuydado os acordaua, & ás vezes remãdo, & as vezes dormido amanheceo sẽ chegarẽ á nao nẽ a verẽ: nem quasi q̃ podião ver a terra, dõde partirão ao dia dãtes/ pelo q̃ conhecerão que tinhão muyto descaido: cõ o q̃ desacorçoçoarão tãto q̃ nẽ os Portugueses nem os Canaris podião remar. E vẽdo q̃ a nao não parecia/ acordarão q̃ se tornassẽ a terra pa verẽ se a podião ver das serras & mar çandose coela se tornarião: & como ãdauão cansados & fracos de não comerẽ não poderão chegar a terra se nã q̃si sol posto, & deitarão fateixa a fastados de la/ porq̃ se algũs mouros estiuessẽ em cilada não dessẽ sobreles & os possessem ẽ perigo, & dali foy Afõso Dalueiga a terra a nado leuãdo hũa lãça diante de si, & não achãdo nenhũ impedimẽto se sobio na serra/ & olhando pera hũas partes & outras quanto podia alcançar cõ a vista nũca pode ver a nao. E coesta triste nouua se tornou ao paraó/ cõ que João Sirgueiro q̃si ficou morto: ho outro Portugues foy tambẽ a terra em se poẽdo ho sol, & sobido na serra ho mais q̃ pode tão pouco vio a nao. E estãdo assi olhãdo vio passar a frota em q̃ vỗ Luys de meneses ia pera Æael como disse atras/ pelo q̃ conheceo q̃ sea nao esteuera õde a deixarão q̃ a ẽxergara como ẽxergou os galeões/ & ela estaua aidalá/ mas tinhão tanto descaido cõ ho paraó q̃ era tamanha distancia vỗ destauão á nao q̃ a não podião enxergar. E vendo Lourenço de soure q̃ ho paraó não tornaua pareceolhe q̃ foza tomado de mouros: & desesperãdo de tornar partiose ao outro dia pola manhaã auẽdo dous q̃ esperaua por ele. E indo caminho de Calayate saltarão coele Routaçs q̃ sam hũs cossairos mouros q̃ andão por ali, & matãdo os Portugueses tomarão a nao.

Capit. xxxvij. De como foy ter hũ mouro cõ os tres Portugueses q̃ estauão no parao, & do remedio que lhes deu nosso senhor pera escaparem da morte.

Vendo aquele que foza a terra q̃ era por ỗ mais olhar pola nao tornouse ao parao, & disse aos cõpanheiros ho pouco recado q̃ trazia: do q̃ todos ficarão tão tristes como requeria tamanho desastre, porque estauão em perigo de morte por não terẽ que comer nem em que

nauegar & pera sayrem em terra era
pouoada de mouros immigos dos
Portugueses, principalmẽte polo
dãno q̃ Antonio faleyro fizera & fa
zia por aq̃la costa. E sintindo os re
meyros ho mao remedio q̃ auia fu
girão todos aquela noyte, & quan
do amanheceo estauão os tres com
panheiros tão fracos dauer dous
dias que nã comião quasi nada que
estauã pera espirar/ & coesta necessi
dade lançarão enzolos ao mar com
que pescarão algũ peixe q̃ comerão
cozido em hũ caldeirão em q̃ ho co
zerão ẽ terra. E vendose como digo
sem nenhũ remedio/ acordarão que
esperassem ate ho dia seguinte pera
ver se vião a nao que por ventura se
mudaria dõde a deixarão, & quãdo
não, que então se auenturassem a irẽ
no paraó ao lõgo de terra ate Bazcate/ & comerião trigo cozido dũs
quatro alqueyres q̃ acertarão d ter
em hũ fardo que deitarão no paraó
pera lastro: & assi comerião algũ pes
cado q̃ tomassẽ. E assentados nisto
vigiarã ho paraó, & õ q̃ndo ẽ q̃ndo
dião a terra a ver se parecia a nao: &
este mesmo dia despois de horas de
vespera estando oulhando pera ter
ra virão supitamẽte sayr detras dũ
penedo hũ mouro mãcebo da te dez
oyto annos cõ hũa fota na cabeça/
& hũ pano encachado & nas mãos
hũa meia láça. E cuydando Afonso
daueiga q̃ era cilada desparou hũa
espingarda q̃ tinha ceuada/ & se ho
mouro não se abaixara matara ho/ &
em bo pelouro passando leuantase &
dãdo cõsigo no mar nadou cõ muy
to grãde pressa ate chegar ao paraó
bradando como que dizia que lhe
não fizessem mal: & em chegãdo ao
paraó foy metido dentro, & des
pois que tornou a cobrar bo fole
go q̃ tinha q̃si perdido cõ medo da
espingardada, começou de falar &
vẽdo q̃ bo não entẽdião ajudauase
tambẽ dacenos. E quis nosso señor
dar graça aos cõpanheiros q̃ entẽ
dessẽ o q̃ dizia, q̃ era q̃ ele andãdo en
cima da serra onde goardaua gado
os vira sayr da nao & chegar a terra
& tornar pera a nao & despois pera
terra, & q̃ a nao se partira aq̃la ma
nhaã, & por auer dõ deles lho vinha
dizer pera q̃ não esperassẽ por ela/
& q̃ se deuião dir a hũa pouoação de
mouros chamada Bete q̃ estaua da
li perto/ cujo Xequeera amigo dos
Portugueses & os agasalharia, & q̃
se quisessẽ q̃ lhes fizesse algũa cousa
q̃ bo faria de boa võtade. E entẽdẽ
do os cõpanheiros o que ho mouro
dizia alegrarãse crẽdo q̃ nosso señor
era o q̃ lho mãdaua pera se saluarẽ
& derãlhe por isso muytas graças/
& rogarãlhe q̃ lhes fosse buscar algũ
mantimẽto pera o q̃ lhe derão q̃tro
tãgas/ prometẽdolhe se lho leuasse
de lhe darẽ teadas & espadas q̃ lhe
mostrarão, & ele prometeo de tornar
ao outro dia as mesmas horas, & as
si tornou cõ hũ fardo dapas q̃ sam
hũs bolos de farinha de trigo q̃ os
mouros comẽ, & hũ cabaço cheo de
mel bráco & cinco galinhas/ & disse
lhes da parte do Xeq̃ de Bete q̃ se
fossẽ parele, por q̃ folgaria muyto d
os agasalhar & q̃ os teria ate auerẽ
algũ remedio pa se tornarẽ á India
ou irẽ pera Ormuz. E dãdo eles ao
mouro q̃nto lhe prometerão, lhe ro
garão q̃ fosse dizer ao Xeq̃ que lhe

rogauão muyto q̃ mãdasse por eles porq̃ por não saberẽ a terra não poderião aceitar a pouoação / ⁊ tãbẽ estauão tão fracos q̃ não se atreuião a remar: ⁊ que se mandasse por eles lhe darião aq̃le paraõ ⁊ quanto tinhão nele. E ho mouro lhes prometeo q̃ aquela noyte mãdaria ho Xeq̃ por eles: ⁊ assi mãdou que duas ou tres horas ãte manhaã chegarão a eles q̃tro Cafres ẽ hũa almadia catiuos do Xeq̃ que hião por eles, ⁊ cãtãdo ao seu modo em sinal dalegria os tomarão de toa ⁊ se forã, ⁊ de madrugada chegarão defrõte da agoada q̃ ho piloto mouro dizia / q̃ era hũa leuada dagoa q̃ saya da serra ⁊ caya na praya. E tomãdo ali os Cafres agoa tornarão a seu caminho / ⁊ ẽ amanhecẽdo chegarão a Mete / ⁊ quãdo foy ao desẽbarcar João sirgueiro não queria sair ẽ terra, dizẽdo q̃ lhe parecia q̃ ho Xeq̃ lhes auia de fazer treição. E por nisto auer algũa detẽça, ⁊ ho Xeq̃ ser bõ homẽ ⁊ discreto pareceolhe o q̃ era / ⁊ por isso se foy ẽ hũa almadia ao paraó leuãdo hũas cõtas na mão per q̃ rezaua ao seu costume. E chegãdo ao paraó / disselhe ẽ lingoa Portuguesa q̃ viessem ẽ hora, ⁊ q̃ folgaua muyto cõ sua vinda: q̃ fizessẽ cõta q̃ estauão ãtre Portugueses, ⁊ fazẽdo os desembarcar os leuou pera as suas casas que erão muyto boas ⁊ sobradadas ⁊ os apousentou em hũa em que esteuessem apartados / ⁊ ali forão muyto bem agasalhados / ⁊ assi ficarão naquela pouoação.

¶ Capit. xxxix. De como Antonio faleyro se tornou pera a India / ⁊ do que sucedeo aos tres companheiros que estauão com ho Xeque de Mete.

Antonio faleyro despois que mandou a nao pera Calayate foy se por aq̃la costa em que fez algũas presas de dinheiro q̃ jũto cõ o q̃ ja tinha determinou de se tornar á India, porq̃ por os males q̃ tinha feyto por aq̃la costa não ousou dinuernar ẽ nenhũ lugar dela, nẽ menos ẽ Ormuz por amor do gouernador q̃ fora sem sua licẽça, ⁊ porq̃ ele nã queria tornar a Goa por não dar parte das presas a Frãcisco pereyra q̃ sabia q̃ lhas auia de tomar selhas nã desse, foyse dereyto á ilha de Dãda q̃ está antre Chaul ⁊ Dabul, ⁊ ali inuernou / ⁊ despois ouue perdão do gouernador: ⁊ assi ficou sẽ castigo d̃ tamanha maldade ⁊ treição como aq̃la foy / porq̃ sendo muytos lugares da costa Darabia amigos dos Portugueses os escãdalizou de tal modo cõ os dãnos ⁊ males q̃ hi fez q̃ ficarão mortais ĩmigos dos Portugueses / ⁊ desejauão de se vingar deles: pelo q̃ hũs Xeques vezinhos do Xeq̃ de Mete sabẽdo q̃ tinha em sua casa os tres Portugueses q̃ forão da companhia Dantonio faleyro, lhe mandarão estranhar muyto agasalhalos / requerendolhe que lhos desse senão que irião sobrele ⁊ ho destruyrião. E temendo ele que ho fizessem assi por serem muyto poderosos ⁊ ele pouco / contou o que passaua aos tres companheiros / mostrandose muyto triste de os não poder ter rogandolhes que nã

ouuesse de por mal ô os mãdar pera casa doutro Xeq seu parête, q̃ morauaualicertas legoas/ t q̃ este os mãdaria a Cairẽ/ cujo rey era grãde amigo dos Portugueses, t dali auerião seu remedio. E mãdou coeles hũ seu primo e outro paraó bẽ esquipado, t assi hia ho seu. E ido por seu caminho ao lõgo de terra lhe sayrão trita almadias carregadas de mouros armados pera os tomarẽ/ de q̃ se liurarão cõ darẽ ás velas dos paraós: t como ho vẽto era fresco deixarão as almadias atadas. E depois disto foy ter coeles hũ nauio de Portugueses que era da conserua de dõ Luys de meneses, t hia por capitão dele hũ Cosme pinto criado do mesmo dõ Luys: a quẽ os tres cõpanheiros cõtarão o q̃ lhes acõtecera/ t a obrigação em q̃ erão ao Xeque, pedindolhe q̃ os leuasse no nauio: do que ele foy cõtẽte, t por isso deixarão ho caminho que leuauã t se espedirão do primo do Xeque a quẽ mandarão por ele ho seu paraó, t hũa arroba de especiaria q̃ pedirão pera isso: t assi algũas peças que poderão auer, mandandolhe muytos agradecimẽtos pelo bẽ que lhes fizera, t pedindolhe perdão de honã poderẽ melhor seruir, t ho nauio se foy a Cairẽ/ ẽ cujo porto estão surto sobzeueo tamanha tormẽta de vẽto t chuua q̃ quãtas naos estauão no porto se perderão feytas ẽ pedaços em terra: t assi outras que auia pouco que partirão que arribarão, t assi quãtas se acolherão ali que se acolhião de fora/ t os mares erão tã grossos t altos q̃ quãdo as õdas q̃brauão ẽ terra ẽtrauão por ela dẽtro grãde espaço: t cayrão no lugar mil t quinhẽtas casas jũtamente q̃ se amassarão todas. E foy a destruyção tão espantosa t medonha que não auia quẽ não pasmasse de a ver: t cõ tudo ho nauio de Cosme pinto ficou ẽ saluo t sẽpre se teue sobze as ãcoras. E cessando a tormẽta foyse a Ormuz, t assi se saluarão os tres cõpanheiros, saluo João sirgueiro que cõ a tormẽta que digo arribou a Cairem em hũ nauio de Chatis a q̃ se mudou pera se tornar á India/ t quando arribou ho nauio deu a costa em que se espedaçou com morte de quantos hião nele.

Cap. xl. De como os mouros ganharão as tanadarias de Pondá t de Salsete.

DO Vidalcão q̃ tinha grãde magoa de ver possuir as tanadarias dõ Põdá t dõ Salsete a el rey dõ Portugal andaua sempre esperãdo tẽpo pa as cobrar, t vẽdo o gouernador t dõ Luys seu irmão fora da India que em Goa não ficaua mais gẽte q̃ os ordenados á fortaleza, determinou de as tomar, t pera isso mãdou hũ seu capitão t seu parẽte cõ cinco mil homẽs de pé t de caualo, q̃ entrãdo pola comarca das tanadarias começou darrecadar as rẽdas pera ho Vidalcão, t foy ter a hũa aldea õde estaua hũ Andre pinto tanadar peõno cõ sete ou oyto Portugueses q̃ todos forão mortos saluo ele/ que escapou muyto ferido t se acolheo ao Pagode de Bandorá/ ondestaua hum fidalgo chamado Fernão canes de Souto mayor/

que era Tanadar mõr q̃ tinha ali sua estãçia/ por ho Pagode ser forte & cercado de muro de pedra & cal: & tinha cẽto & cinquoẽta Portugueses/ de que os trinta erão de caualo/ & trezẽtos piães da terra. E como Fernão eanes era muyto esforçado/ em os immigos chegã do sobre ho Pagode sayolhes ao encontro/ & foy desbaratado por desarranjo dos seus: & cõ muytos feridos se recolheo ao Pagode. E ficando os immigos por isso muyto soberbos/ ho teuerão cercado dous dias. E neste tempo foy noua a Goa a Francisco pereyra/ que erão mortos quantos estauão no Pagode: pelo q̃ mandou logo Antonio correa de Goa cõ certas fustas pera trazer os que escaparão. Com cuja chegada Fernão eanes folgou muyto: & vendose fauorecido cõ algũa gẽte que Antonio correa trazia/ que podião meter no lugar da q̃ tinha ferida: determinou com conselho de ir buscar os imigos & lançalos fora da terra, pera ho que mandou ẽ sua busca: & não lhe leuarão deles outra noua, se nã que passarão por hũa aldea chamada Verná da hi a legoa & mea, mas que não se sabia onde estauão. E como Fernão eanes era muyto esforçado/ & lhe parecia que sabia bem da guerra: assentou que os immigos hião fogindo com medo/ & q̃ com qualquer gẽte os poderia desbaratar: & partio logo apos eles, leuando v intecinco Portugueses de caualo, & cẽto & vintecinco ỹ pé, & trezẽtos piães da terra: & ao outro dia a ozas ỹ vespera passou hũ rio q̃ se chama ho do Sal (tres legoas donde partira) & no cabo de hũa grande & fermosa veiga que se faz da banda dalem: a tiro de bombarda ouue vista dos immigos/ q̃ estauão descansando ao pé de hum oyteiro. Que em vendo os Portugueses se leuãtarão logo: & como estauão espalhados & erão cinco mil/ parecião muyto mais do que erão: ho que crendo os Portugueses se espantaram/ & dizião que aqueles erão muyto mais dos que fozão sobre ho Pagode. E vẽdo Fernão eanes este espanto, deteueos pera os esforçar & disselhes. Senhores de que vos espantaeis? porque não erão mais os imigos que nos cercarão do q̃ estes são/ que se ho fozã não leuantarão tão asinha ho cerco/ & de se auerẽ por poucos/ pera contra nossas forças nos alargarão: & assi espero em nosso Senhor que lhes ha agoza de parecer pera nos fugirem/ & coesta esperança q̃ todos auemos de ter como Christãos, auemos de dar neles/ por q̃ posto que fossem mais do que vos paressem, não temos melhor remedio q̃ pelejar q̃ se nos q̃remos recolher não temos se não ho Pagode que he muy longe/ & se voltamos estes perros hão de crer que he cõ medo, & por isso nos hão dapertar, de maneyra que mais dano nos hã ỹ fazer sem pelejarmos q̃ pelejãdo, & q̃ nos não sigã, cozremos muyto perigo ẽ passar este rio q̃ temõ passado, porque a maré enche & ele he estreito, & os de pé esta certo não acharẽ vao, & os ỹ caualo duuido. & pois em voltar & em pelejar ha

perigo/auenturemónos antes ao da peleja que he com bonrra, que ao do fogir que pera Portugueses he tão vergonhoso ó tãta desonra: & parecêdo isto bem a todos acordarão que se fizesse assi. E estãdo nesta pratica cuydando os immigos que se detinhão com medo deles fozãnos cometer, feytos em duas batalhas em q̃ auia muytos de caualo acubertados/ & hũa delas cometeo os Portugueses de rosto, & a outra lhes tomou a trasseira pera ficarem cercados de todo & não terê poz onde fogir/ poz q̃ das ilhargas tinhão ho rio & ho mar. E vẽdo Fernão eanes que ho querião çercar, antes de ho çercarem disse aos seus q̃ não auia mais que esperar q̃ desse Santiago nos immigos & assi ho fizerão, & abalãdo fugirão os piães da terra: & os Portugueses ficarão cento & cinquoẽta/ que não era nada pera tamanha multidão de mouros: & parece que foy milagre de nosso Senhor não se sumirẽ todos antreles de muytas feridas que todos receberão dos primeiros encontros/ & fozão mortos cinco de caualo/ & quasi todos os outros feridos/ & antreles Fernão eanes com hũ zagunchо darremeso q̃ lhe passarão ho corçolete pela ilharga ezquerda & ho ferirão, & a hũ Diogo de mozaeis criado do Duque de Bargança cortarã de hũ pé quanto lhe saya foza do estribo, & prouue a nosso Senhor poz sua piedade que ainda q̃ Fernão eanes foy tão mal ferido nem poz isso desacorçoou/ ãtes com muyto esforço feria nos immigos, asudando os seus como bom companheiro/ com que os esforçou tanto que não pelejauão como cento & quarenta & cinquo/ se não como que forão cinquo mil/ ferindo & matãdo muytos dos mouros: & antreles foy ho seu capitão, pelo que os desta primeira batalha perdido ho esforço se desbaratarã logo & fogirão: & com ho impeto q̃ leuauão derão na segũda batalha que vinha pera tomar as costas aos Portugueses, & desbaratarão os que estauão nela, que tambem fugirão cuydando q̃ erão os Portugueses que dauão neles, & assi fugirão hũs & outros: & era muyto pera louuar a nosso Senhor ver como fogião sendo tantos: Fernão eanes não os quis seguir poz estar tam mal ferido como estaua/ & ter toda sua gente muyto ferida/ & os caualos mortos: & quis nosso Senhor que lhe não matarão mais q̃ os cinquo que disse, & dos mouros segũdo se despois soube fozão mortos mil/ & os mais deles homẽs escolhidos/ como se vio na riqueza das Cabaias das toucas & dos terçados que lhe fozão tomados pelos Portugueses despois que ficarão seguros no campo: õde poz ser ja perto da noyte Fernão eanes se deixou estar ate que amanheceo q̃ hũs aos outros como melhor poderão se leuarão õde Antonio correa estaua com as fustas: em que se embarcarão muyto fracos, & se os mouros acertarão de tornar nam escapara nenb ũ. E Antonio correa os leuou pera Goa onde muytos morrerão despois das feridas.

E como Francisco pereyra não teue gente que mãdasse á terra firme, pera acabar de deitar dela os mouros: teuerão eles tempo vendo que não hia ninguem tomarão aquelas tanadarias que rendião cincoenta mil pardaos douro pera el Rey de Portugal: o que não acontecera se o gouernador inuernara na India/ porque ouuera dinuernar em Goa donde logo socorrera com gente/ & se acodira em quente teuera pouco que fazer em deitar os mouros fora segundo estauão espãtados do bruo pelejar dos Portugueses. E ganhadas estas tanadarias, mandou ho Hidalcão outro capitão que fez seu assento em Pondá: & porq este tolhia que não fossem a Goa mãtimentos da terra firme, fez Francisco pereyra paz coele.

Cap. xlj. De como hũa das naos da armada de Fernão de magalhães que hia pera Espanha arribou a Maluco/ & foy tomada pelos Portugueses.

TAzendo Antonio de brito (como disse atras) a fortaleza de Maluco como os ares erão differentes dos da India/ & assi os mantimẽtos, adoecialhe a gente/ do que ele tomaua muyta paixão/ & assi por não achar aquela facilidade que esperaua pera fazer a fortaleza/ nem amizade na raynha de Ternate. E coisto adoeceo tambẽ, não que caisse em cama: mas hũa roim disposição do descontentamento que tinha/ & arrepẽdiase bẽ de ter aceitada aquela empresa. E andando assi soube que aolõgo da costa de hũa ilha chamada Batachina cincoenta legoas da de Ternate andaua hũa das duas naos dos Castelhanos q̃ partirão de Tidore/ que arribara do caminho por fazer muyta agoa & nã poder sofrer ho mar, & detrazer doẽte toda a gente andaua como perdida sem poder tomar terra. O que sabẽdo Antonio de brito, pedio a dom Garcia anrriquez que fosse por ela/ & ele foy no seu nauio indo em sua cõserua Cachil Baroes em hũa cozara, & em outra hia hũ Duarte de resende escriuão da feytoria de Maluco/ que despois foy feytor & leuaua desasseys Portugueses. E chegado dom Garcia onde a nao andaua achouha furta, & mãdou a ela Duarte de resende que chegado a ela bradou/ & a gẽte estaua tão doẽte & tão fraca que ninguẽ lhe respõdeo/ polo que Duarte de resende entrou dẽtro com a gẽte armada. E cuydãdo os Castelhanos que os querião matar pedirão misericordia/ & ho seu capitão que se chamaua Sõçalo gomez da espinhosa foy falar a Duarte de resende/ & lhe contou hũa desauentura: & ele ho segurou & leuou a dõ Garcia/ em cujo poder se meteo com quantos estauão na nao, & dali se tornou a Ternate/ & entregou a Antonio de brito com todos os Castelhanos que forão curados & agasalhados como Portugueses, & na nao forão achados liuros do astrologo sam Martim q̃ hia cõ Fernão de magalhães & falleceo na viagem/ & assi dous pianisphertos de Fernã de magalhães feytos por Pero rey

nel, & outras cartas grandes do caminho dos Portugueses ate a India, & quarteirões dela ate Maluco, & todos errados: & assi forão achados os liuros & todos os pilotos das naos daqla armada, & dos verdadeiros pareceres daqla viage: em q se achou por eles mesmos ser Maluco & Sãda do descobrimẽto del rey d Portugal: & todos estes liuros & instromẽtos forão entregues por Antonio d brito ao feytor: & tãbẽ foy achado nesta nao hũ Gaspar rodriguez Portugues, q estando em Ternate por feytor de muytos Portugueses, ao tempo que os Castelhanos chegarão a Tidore fugio pareles / com a fazenda que tinha das partes / & se hia com eles pera Castela: polo que Antonio d brito ho mandou degolar, cõ pregão que publicaua sua culpa. E estando esta nao aqui surta deu á costa assi como estaua carregada com hũa trouoada que sobreueo, & perdeose com quanto tinha: & esta fim ouue a armada de Fernão d magalhaẽs & ele, q foy juizo de nosso Senhor polla treição q fez a seu rey em lhe qrer falsamẽte tirar ho que era seu, & possuya cõ tão justo titulo / & cõ ter gastada nisso tãta parte de sua fazẽda. E despois q estes castelhanos forão sãos, os mãdou Antonio d brito pa Malaca: & leuouos dõ Garcia arriaz q partio pera lá na entrada de Janeiro, de mil & qnhẽtos & vinte tres: onde foy ter em Setẽbro do mesmo anno. E dahi os mandou Jorge dalbuquerq pera a India, dondelhes foy dada embarcação pera Portugal.

Capit. xlij. De como os mouros da ilha de Tidore, matarão vinte tantos Portugueses. Pelo que se começou a guerra ãtre Antonio de brito, & el Rey de Tidore.

No tẽpo que Antonio de brito começou de fazer a fortaleza, andaua hum tio del Rey de Ternate degradado da mesma ilha / ja do tempo de quando seu jrmão era viuo / que ho degradara por causas que pera isso teue. E como este Jfãte soube que el Rey seu jrmão era morto, quisera que lhe fora leuantado ho degredo / & tornarse a sua terra: ho que Cachil daroes estroruou / temendo que se ho outro tornasse / que lhe tiraria todo ho mando que tinha na terra que era muyto grãde. E vẽdose este Jfante sem remedio / despois que soube q Antonio de brito fazia a fortaleza / quis ver se por ele se podia tornar a sua terra: pera ho q se foy a cidade de Ternate & se meteo na mezquita / donde mãdou dizer a Antonio de brito q se queria tornar Christão / cõ algũs outros, que lhe desse seguro pera entrar na cidade / porque se tomia de Cachil daroes que logo foy disto auisado. E se foy a Antonio de brito & lhe disse: q por nenhũ modo aquele homẽ auia dẽtrar na cidade / por ser nela muy odioso, & se querer leuantar contra ho Rey passado / que por essa causa ho degradara / & assi outras muytas rezoẽs: por onde não era bem que tornasse, dando coz q se ele con-

sentisse que tornasse, & que se leuantaria a terra contrele: ho que Antonio de brito temeo. E como ainda tinha a cerca da fortaleza por fazer/ & tinha muytos doentes/ não ousou de bolir comigo: & posto que lhe pesou muyto de não fazer aquele homẽ Christão/ mãdoulhe que se fosse, porque lhe não podia valer/ & ele se foy. E se este homẽ se fizera Christão, em pouco tẽpo ho fizão todos os daquela ilha, segũdo auia pouco que erão mouros: & desta vez ficou a terra tão aluoroçada/ q̃ Antonio de brito teue asaz que fazer em a tornar a pacificar/ & assi tinha muyto trabalho em não auer na feytoria nenhũa roupa q̃ gastar pera auer por ela mantimentos & cousas necessarias pa se fazer a fortaleza/ & muyto maior ho tenera/ se não chegara de Malaca hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo da silua ẽ hũ nauio/ em que leuaua fazẽda pera a feytoria com, q̃ se remedeou dalgũas necessidades que tinha, & coeste nauio vierão tambẽ algũs jungos de Malaca, & de Banda, & doutras partes/ a buscar Craua como acostumauão: ho que sabẽdo Antonio de brito/ determinou de ho não consentir/ porque queria q̃ fosse todo ho Craua pera el rey de Portugal, por esse ser ho fim pera q̃ mandaua ali fazer aquela fortaleza: & mãdou pedir aos reys comarcãos em cujos senhorios auia Craua, que ho não cõsentissem vender a outrem se não ao feytor del Rey de Portugal, & isto mandou especialmente dizer a el Rey de Tidore/ porque soube que estauão ẽ seu porto certos jungos ô Bãda, que com seu fauor determinauão seus donos de carregar, & isto lhe mandou pedir & requerer por hũ Antonio tauares, que foy em hũa fusta com vinte tantos Portugueses, & mandoulhe que quando el rey não quisesse mandar ir os jungos de seu porto/ que os fizesse ir ás bombardadas: ho q̃ Antonio tauares fez com tanta exorbitancia que el Rey & a sua gẽte ficou em extremo escandalizada dele/ mas por Antonio tauares estar no mar & ter artelharia/ não ousou el Rey de bolir coele: & estando ele no porto pera acabar de esgotar outros jungos se hi fossem carregar/ deulhe hũa tornoada com que a fusta deu a costa, & Antonio tauares & os outros se salvarão em terra com muyto perigo: mas a, pueitoulhes pouco/ por que como a gente estaua escandalizada/ como os vio assi desbaratados, remeteo aeles cõ suas armas, & matarãonos a todos: & tomarão a fusta & artelharia. Ho que sabendo Antonio de brito, mandou logo prender algũs carpinteiros ôi Rey de Tidore/ que lhe ẽprestara pera fazer hũ nauio que lhe fazia, & despois de os prẽder, mandou dizer a el Rey de Tidore ho porque os prendera, requerẽdolhe que lhe mandasse logo as armas dos Portugueses/ a fusta/ & artelharia que lhes foza tomada/ & os mouros q̃ os matarão pera fazer justiça dles, ao que não satisfazendo el Rey/ determinou Antonio de brito delhe fazer guerra: ho que lhe Cachil Coroes cõselhaua que fizesse, pera ter

dele mais necessidade do q̃ tinha/ & dizialhe q̃ se deixasse assi passar aquele atreuimento del rey de Tidore que cada dia ho teria pera ho offẽder: & que a raynha & seu filho ho ajudarião posto que ela fosse filha del rey de Tidore & ele seu neto: o q̃ era contra rezão, nẽm a rainha ho quis fazer, & posto que não fosse de praça secretamente mãdaua aos seus que não ajudassẽ a Antonio de brito cõtra el rey seu pay, & que se leuantassem contra os Portugueses. Do q̃ Cachil Daroes auisou logo Antonio de brito, & lhe conselhou que metesse a raynha & seu filho na fortaleza/ & que coisso seguraria a terra de todo. E sobristo ouue Antonio de brito conselho coesses fidalgos & caualeyros q̃ estauão coele/ & os mais deles lhe aconselharão q̃ por nenhũ modo bolisse com a raynha nem cõ el rey, porque metendo os na fortaleza se leuantaria a gente contreles & Cachil Daroes não seria podero so pera os apacificar/ que melhor seria leuar a raynha por bẽ. E Antonio de brito não quis tomar este cõselho pola instrução que tinha de Cachil Daroes: & querẽdo ho poer em obra soubeho a raynha & fugio pera hũa serra & dali se passou pera seu pay & ho rey ficou: & porque não fugisse tambẽ recolheo o Antonio de brito na fortaleza tratãdoho como rey/ que era cõ todo seu estado sem lhe faltar cousa nenhũa. E com tudo vendo a gẽte da ilha como ho seu rey estaua metido na fortaleza & ho não deixauão sayr dela ficarão muy descontentes parecẽdolhe que era preso/ & ouue algũs aluoroços em algũs que Cachil Daroes apagou/ mas não que a gente ficasse de todo bẽ com Antonio de brito nem ho querião ajudar na guerra cõtra el rey de Tidore por ser pay da sua raynha: do que Antonio de brito estaua muy agastado, porque por ter poucos Portugueses & doentes/ & tinha a fortaleza por acabar não ousaua de os apartar de si, nem de os auenturar á guerra: & a que queria fazer a el rey de Tidore q̃rialha fazer com os Ternates cõ proposito de lhe derrabar coeles seu poder: pera que quando os Portugueses fosem tenessem menos que fazer/ pera o que pedio conselho a Cachil Daroes que lho deu muy to bõ/ & foy q̃ mãdasse pregoar polas povoações da ilha que qualquer pessoa que leuasse cabeça de Tidore a Antonio de brito/ ou lho leuasse catiuo que lhe daria por cadahũ hũ pano fino. E como erão cobiçosos por ganharem aquele preço começarião logo de fazer saltos na ilha de Tidore, como começarão, & erão tantos os q̃ matauão que não auia panos que abastassem pera lhos pagar, & tambẽ dos Ternates morrião muytos/ & desejarem seus parentes & amigos de vingarem suas mortes foy causa de a guerra se atear, & começouse de fazer muy crua dambas as partes, & os da ilha de Bachã & de Bellolo ajudauão tambẽ aos Ternates por amor de ganharẽ os panos. E com toda esta gente que era contra el rey ỏ Tidore desejaua ele tão pouco paz nem amizade com os Portugueses pelo escandalo que tinha deles que nunca a pedio a Antonio de

brito, nẽ se lhe desculpou do passado. E neste tẽpo mandou Antonio de brito descobrir outra nauegaçã pa Malaca pola via da ilha de Borneo/que lhe disserão que era mais breue que a da ilha de Banda/& mãdou a isso ẽ hũ nauio hũ Simão da breu seu parente que partio de Ternate em Junho: & porque não soube o que lhe sucedeo na viagẽ não direy mas se não que chegou a Malaca em Nouẽbro hũ mes despois de dom Garcia anrriquez que fora pola via de Banda, & auia onze meses que partira de Ternate.

¶ Capit. xliij. De como dõ Pedro de castro pos a obediencia dos reys de Zanzibar & Pemba as ilhas de Querimba que lhe desobedecião.

Auernando dom Pedro de castro & Diogo de melo em Moçambi que como atras fica dito chegarão ao alcayde mór da fortaleza hũs ẽbaixadores das ilhas de Zanzibar & Pẽba: pedindolhe que pois erão vassalos del rey de Portugal lhes desse ajuda pera sugigarem a seu senhorio as ilhas de Querimba que sendo suas selhes reuelarão cõ fauor del rey de Mombaça, & nelas lhes tinhão tomados hũs zambucos & morta algũa gẽte. Ouuida esta embaixada pelo alcayde mór por quanto não era poderoso pera dar bo socorro q̃ lhe pedião requereo a Diogo de melo & a dom Pedro de castro que socorressem aqueles reys, porque seria grãde seruiço del Rey de Portugal. E por Diogo de melo não poder ir foy dõ Pedro sem ele/ & foy no batel da sua nao cõ arrombadas/ & escolheo pera ir no esquife Christouão d' sousa, de que faley nos liuros atras q̃ hia por passageiro & leuaua a capitania de Chaul/ & coele & com dõ Pedro forão outros fidalgos & gente darmas em paraõs da terra/ & serião por todos passãte de cẽ homẽs dos nossos. E indo ao longo da costa chegarão a hũa das principais ilhas das de Querimba hũ bõ pedaço antes de sol posto, em q̃ auia hũa pouoação de mouros & estaua em goarda dela hũ sobrinho del rey de Mombaça com gẽte de goarnição & coela ajuntou toda a da terra que era muyta: & vendo vir os nossos cuydando q̃ os enganassem sayrão á praya cõ mostra de paz, mas quãdo virão os nossos armados recolheranse pera a pouoação, & poẽdo em saluo as molheres & filhos com outra gente que não podia pelejar/ & assi bo mais que poderão deixarã se estar com suas armas pera defenderẽ a terra. E nisto chegarão os nossos a terra/ & dom Pedro fez deles dous esquadrões, & ele com hũ & Christouão de sousa cõ outro entrarã na pouoação cada hũ por seu cabo em que acharão grande resistẽcia: porque bo sobrinho del rey de Mombaça era esforçado & cõ a gẽte que tinha defendiase bem, & assi se começou a peleja muy braua espalhandose dõ Pedro & Christouão de sousa cõ os seus pola pouoação: & durando assi 'a reuolta/ hũ fidalgo chamado Antonio galuão filho

que fora de Duarte galuão/ que ia com dom Pedro se perdeo de sua companhia, & buscandoo com outros que bo acompanhauão/ foy ter cõ sete ou oyto dos nossos/ que pelejauão com muytos mouros/ que por serẽ muytos os tratauão muy mal com muytas feridas que lhes tinhão dado. E chegãdo Antonio galuão/ a judouos tambem que fez fugir os mouros/ & foy ajudar a Christouão de sousa/ que estaua em grãde aperto cõ bũs mouros, dentro em hũa casa/ onde bo Christouão de sousa fez muy esforçadamente matãdo muytos, mas ficou ferido. E neste tempo na parte onde pelejaua dom Pedro/ foy morto bo sobrinho del rey de Mõbaça, pelo que os mouros se desbaratarão & fugirão/ ficãdo muytos mortos: & dos nossos/ forão feridos afora Christouã de sousa/ Salpar preto seu criado, Nuno freire/ Luys machado/ & outros algũs/ & ja de noyte que se a peleja acabou se recolheo dom Pedro cõ os nossos a hũa mezquita junto do mar onde esteue aquela noyte. E pos sabber ante manhã/ que entraua gente da terra firme na ilha a se ajũtar com os mouros, & tornarẽ sobrele, bo que se podia fazer cõ a maré vazia/ mãdou a Antonio galuão que fosse cõ algũs dos nossos a lho estrouar/ & ele não pode ir logo, por estar com febre/ & despois que foy bem de dia se foy ajuntar com Antonio galuão/ & derão nos mouros & matarão muytos/ & fizerão fugir os outros. E roubada a povoação em que se achou despojo, que valeria duzẽtos mil cruzados, foy lhe posto fogo & ardeo toda: sem dõ Pedro querer muyto dinheyro q̃ lhe os mouros dauão porque bo não fizesse, & ele não quis porque ficassem escaramẽtados, & não se levantassem mais contra os reys de Zanzibar/ & Pẽba/ a cuja obediencia os tornou/ & assi os outros das outras ilhas/ que vendo estes desbaratados & castigados, se tornarão a obediẽcia dos reys: & estãdo ainda aqui dõ Pedro alagarão se os paraos/ em que os nossos tinhão carregado bo despojo que ouuerã dos imigos & perdeose todo: feyto isto partiose dõ Pedro pera Moçãbique/ tẽdo mãdado diante Christouão d̃ sousa & os outros feridos. E partido dali por bo batel ser muyto pesado & mao de remar & dar muyto trabalho/ determinou de bo mandar a Merlinde, pera õde bo vẽto era a popa, & por bo batel ser grande sofria bo mar, & ele iria no esquife ao longo da terra pera Moçãbique, & deu a capitania do batel a Antonio galuão/ & começando de caminhar, estãdo dom Pedro surto ẽ hũa pequena enseada, estando ele dormindo despois de comer/ saiose dõ Christouão d̃ castro seu primo/ & assi os outros em terra/ onde ouuerão hum recõtro com muytos Cafres, que os tratarão tão mal/ que os fizerã recolher ao esquife muyto feridos. & isto por lhes acodir dom Pedro que acordou ao arroido/ & se não acodira todos forão mortos: & vendose assi dom Pedro tornouse pera bo lugar d̃ q̃ partira, õde achou

a inda Antonio galuão que não era partido/ & aquela noyte morreo dõ Christouã de castro/ filho de felipe de castro/ que foy hũ dos feridos. E por dom Pedro ser parente dantonio galuão & muyto seu amigo/ rogoulhe que deixasse ho batel/ & fosse coele no esquife, & assi ho fez: & no batel mãdou por capitão a dom Roque de castro seu jrmão: & ele tornou a seu caminho pera Moçãbiq.

Capit. xliiij. Do que Antonio galuão fez em Cotangone tornãdose pera Moçambique.

Indo ao longo da costa foy ter coele hũ zãbuco carregado ô mantimẽtos, em que tão Portugueses, & por algũs respeitos que pera isso ouue, mudou dom Pedro ho conselho de ir no esquife: & deixãdo nele por capitã a Antonio galuão/ foy se diãte no zãbuco. E Antonio galuão ficou no esquife/ ẽ q̃ passou asaz de trabalho, de fome & de sede/ com todos os de sua companhia: & estando tres legoas de Moçãbiq pareceo hũa legoa ao mar/ que era hũ zãbuco, a que derão caça cõ ho esquife a vela/ & fizerãna varar em terra/ na praya ô hũa povoaçã chamada Cotãgone, povoada de mouros que estauão de guerra cõ os nossos. E quando Antonio galuão chegou a terra/ ja os moradores dela descarregauão ho zãbuco que logo deixarão, & remeterão aos nossos ẽ desembarcãdo: & trauouse antre eles hũa peleja/ ẽ que os nossos ho fizerão tambẽ, que leuarão os imigos ate ho lugar a que logo poserão ho fogo: & por lhe os immigos acodirem deixarão os nossos, com que teuerão tempo de tornar ao zambuco & deitalo ao mar, & acharão nele algũs mantimẽtos, & assi tomarão algũs paraós q̃ estauão no porto. Jsto acabado que os nossos estauão no mar/ ex vẽ de terra hũ paraó cõ sete ou oyto homẽs que chegarão a bordo do zambuco ôde estaua Antonio galuão/ a que hũ velho que vinha no paraó apresẽtou hũ presente de galinhas & fruytas da terra/ & & disselhe por hũ lingoa que trazia que era de Moçambique/ que hoia ver & aos de sua cõpanhia: pera ver homẽs que sendo tão poucos teuerão tamanha ousadia que sayrão ẽ terra a pelejar com tamanho numero dimigos, & q̃ assi lhe tomarão o zambuco sem nenhũ perigo: & assi lhe ia pedir quelhe fizesse merce daquele zambuco & dos paraós q̃ tomara naquele porto, & que ficarião por seus pera sempre. E dizia isto ô maneyra que Antonio galuão entẽdeo que dissimulaua pera lhe fazer algũa treição. E entẽdendo isto fez que os queria prender, & disse ao velho q̃ ele tinha sabido como os daquela povoação erão imigos dos nossos/ & lhes tinhão feytos algũs males. E pois ele sendo dela lhe fora falar sem seguro & pera ho enganar que ho engano auia de ficar coele, & ho auia de catiuar cõ os mais de sua companhia: do que ho velho & os outros que erão mancebos ficarão trespassados de medo/ & dei-

taranselhe aos pés pedindo misericordia / & confessando que vendo que por força ho não poderão vẽcer quiserão prouar de ho fazer por manha com ho deter ate que vazasse a maré / que vazaua tanto que lhe auia de ficar ho nauio em seco, & ẽtão determinauão de ho tomar: pedindolhe que pois os Portugueses erão piedosos / & quanto mayores erros lhes fazião, tanto mais perdoauão / & essa fama tinhão / que lhes perdoasse, & que eles ficarião obrigados a seruirem quaesquer Portugueses que ali fossem ter em quanto viuessem / & lhes acodirião em suas necessidades: & assi ho deixarão encomẽdado a seus decẽdẽtes q̃ ho fizessẽ. E Antonio galuão lhes perdoou com condição que lhe vendessem algũs mantimentos & que ho soltaria & aos outros. E prometendo ho velho que si deixou os mancebos em arrefens, & ele foy polos mantimentos, com que tornou trazendo muyta gente carregada de cabras, capados / galinhas, ouos & outras muytas cousas pera comer. E entregue tudo a Antonio galuão soltou os arrefens / & ficou ali dous dias refrescando & neles fez paz com os da pouoação, pera que agasalhassem os nossos quando ali fossem ter & lhes dessem ho necessario / & pera isso lhes alargou ho zãbuco & os paraós que lhes tomara. E deixando a terra pacifica se foy pera Moçambique, õdeachou dom Pedro & os outros que ali inuernauão fazendo hũa casa de nossa senhora que se chama do baluarte.

Capitolo xl. v. De como dom Pedro de castro chegou a Goa & se perdeo a sua nao na barra.

Inda a moução pera a India se partirão estes capitães que ali inuernauão, Diogo de melo pera Ormuz / õde soube que estaua ho gouernador, & dom Pedro de castro pera a India & chegou aa barra de Goa em Agosto. E estando a gente toda em terra / vespera da Assumpçã de nossa senhora se leuantou hũa tão braua & medonha tormenta no mar que parecia que tudo se fundia / & a nao de dom Pedro que se chamaua a Mazaré por ser velha começou dabrir & fazer agoa per muytas partes: o que sabido por dom Pedro acodio logo com algũa gente com quanto auia muyto perigo ao sayr da barra por os mares andarem muy grossos, & por a nao ter necessidade de gente que lhe acodisse fazia a Francisco pereyra pestana capitão da cidade ir por força. E Antonio galuão se embarcou em hum batel com seus criados & amigos / & seys ou sete que forão de seu pay / & foy dos primeyros que acodio / & era tamanho ho marulho que andaua no rio por onde hia que não hião agoardando se não quando ho

batel auia de çoçobrar / pelo que hum Simão vaz pedio a Antonio galuão que ho mandasse poer em terra / & ele ho fez com ho dele / & em ele saltando saltarão outros dous / & se acolheram. E não he despantar, porque segundo muytos me contarão ho mar & ho rio andauão tão espantosos com ho furioso vento que os reuoluia / que parecia que querião destruyr tudo: & que era hum dos sinais dantes do dia do juyzo, & assi ho achou Antonio galuão auendo vista da barra em que andauão os mares tão altos que parecia que chegauão ás nuues. O que vendo algũs mozadores de Goa que ião no batel, requererão a Antonio galuão que não sayse do rio porque se perderia. Ao que ele respondeo, que não cuydassem que ia a nao poz ter laa fazenda & a salnar que a não tinha, & não ia se não ajudar a dom Pedro a saluar aquela nao que era del Rey de Portugal com quem viuia / poz isso q̃ não auia de deixar dir poz mayor tormenta que fizesse que nosso senhor os ajudaria / & eles insistião que não podia ir nem auia dir poz que se perderia. E insistindo nisto o que gouernaua ho batel encaminhou pera terra, & Antonio galuão ho fez gouernar pera a nao ameaçandoho q̃ ho mataria / & a quẽ disse que não fossem poz diante, & valeolhe os que leuaua da sua parte / porque se isso não foza fizerão no tornar pera terra, & poendo a proa naqueles mares & rompendo poz eles com muyto perigo de sua vida poz as ondas comerem ho batel, chegou tão perto da nao que lhe lançarão dela hũa beta poz onde ho batel foy alado a bordo, onde não podia chebar com a grande resaca dos mares que empuxauão ho batel muy lõge. E entrado Antonio galuão na nao com os seus achou dom Pedro com os que estauão na nao em muyto grande afronta / poz não poderem vencer a muyta agoa que ela fazia, nem prestou a ajuda que ele & os seus lhe derão. E vendo dom Pedro que a nao não tinha remedio se não perderse mandou acodir aa fazenda del rey que lhe lembraua mais de saluar que a sua / porque vendo hum seu criado quã pouco lhe ela lembraua a respeito da del rey, lhe disse que a mandasse oulbar porque se perdia toda. Ao que ele respondeo muyto menencozio: A del rey quería eu salua, que da minha não me dá nada que se perca. E assi ho fez que deixou perder muyta parte dela poz saluar a del rey em que leuou assaz de trabalho. E vendo poz derradeiro que a nao não podia escapar, mandou dar aa vela & varou em terra que era a maré cheia: & coeste ardil se aproueitou muyto do que ia na nao / & ela acabou ali / sem da cidade ousar ninguem dacodir cõ medo do mar se não Antonio galuão.

Capitolo.xlvj. De como ho gouernador mandou Baltesar pessoa por embaixador ao Xeque ismael.

Stando ho gouernador em Ormuz foy Raix xarafo certificado que algũs capitães do Xeque ismael não deixauão passar as cafilas que ião com mercadorias pera Ormuz/ dizendo que ho fazião porque el rey Dormuz deuia ao Xeque ismael cinco mil xarafins de pareas que lhe não querião pagar. E porque desta repreſaria perdia el rey Dormuz muyto em suas rendas, pedio Raix xarafo ao gouernador que mandasse rogar ao Xeque ismael que fizesse alargar as cafilas pois el rey Dormuz era vassalo del Rey de Portugal com quem ho Xeque ismael tinha paz & amizade: & quanto ao que lhe el rey Dormuz deuia farião conta & lho pagaria: & sobristo mandou ho gouernador hũa embaixada ao Xeque ismael com que foy hum Baltesar pessoa caualeyro da Ordem de Santiago que foy bem acompanhado dalgũs Portugueses de caualo & piães pera os seruirem/ & foy em sua companhia Abedala califa embaixador do Xeque ismael que nũca se mais foza da India. E partido Baltesar pessoa Dormuz foy ter a hũa cidade chamada Lara em terra de Persia que era de hum senhor mouro que se chamaua rey como disse no liuro terceyro: & era vassalo del rey Dormuz. E por ele não ser rey verdadeyro / Baltesar pessoa não fez dele tanta conta como ouuera de fazer, & mandoulhe hum presente que por ser de pouca cousa el rey não quis tomar. E com quãto Baltesar pessoa determinou em conselho de se lhe ir mostrar / pera que el rey visse ho aparato que leuaua: & a mostra auia de ser, não que ho fosse ver a sua casa se não passarlhe pola porta. O que Abedela califa contra disse: dizendo que não deuia de ir porq̃ sentia q̃ el rey estaua escãdalizado dele/ & que lhe podia acontecer algum perigo. E Baltesar pessoa por conselho dos nossos não quis se não ir, & ele & os de sua companhia forão muy bem atauiados & acompanhados despingardeyros. E sendo perto das casas del rey em hũa rua estreita sayolhe hum corpo de mouros ao encõtro, & hum mouro lhe deu com hũa pozra de ferro na cabeça cõ que o deitou muyto ferido do caualo abaixo. E nisto forão as pedradas tantas das genelas & as frechadas & zagũchadas/ que por pouco que os nossos não forão mortos & todos fugirão por õde melhor poderão/ & despois que se ajuntarão foy curado Baltesar pessoa & outros, & partiranse & forão por suas jornadas ao campo do Xeque ismael, em que virão muytas & muy notaueis cidades/ assi como a de Xiraz que he de. lx. mil vezinhos & foy tamanha em outro tpo q̃ era muyto mayor do q̃ agora he ho Cayro/ & daqui vem dizerem

os mouros da Persia que quando Xiraz era Xiraz, era ho Cayro sua aldea, & tornou assi por amor das guerras com que foy destruyda, & a cidade de Tabriz da mesma grandeza/& assi outras muytas de muy nobres & sumptuosos edificios, & povoadas de gente muy luzida, como Antonio tenrreyro conta em ho seu Itenerario/em que largamẽte escreue toda esta terra. E daqui foy por seu caminho ate chegar a hũa jornada do arrayal do Xeque ismael/onde chegou hum recado a Balthesar pessoa do mõrdomo da casa do Xeque ismael que em lingoa Persiana chamão Maquil/que se detirasse ali estar ate lhe mandar recado que fosse. E isto era segundo se despois soube, porque naquele tempo fazia ho Xeque ismael hũa festa que na sua lingoa se chama Novruz/que quer dizer festa da primavera, em que se auião de ajũtar quantos capitães & senhores auia em seu senhorio: & por querer que Balthesar pessoa & os outros nossos os vissem, os mandaua ali esperar por ser passo por onde todos auião de passar. E por este recado do Maquil se deteue ali Balthesar pessoa dez ou doze dias/que tanto se deteuerão os que digo em passar assi de noyte como de dia: & foy cousa despanto a gente que passou de cavalo, & os camelos carregados de fato. E passada esta gente, & aloiada no arrayal/ho Maquil mandou dizer a Balthesar pessoa q̃ fosse, & assi o fez. E ãtes de chegar ao arrayal obra de hũa legoa ho fizão receber certos capitães com ate cincoenta de cavalo todos vestidos de festa/& por fazerem honrra aos nossos convidanãos de quando em quãdo com muytas caixas de confeytos & outras fruytas verdes & com vinho que lhes trazião em garrafas de prata/& assi fizão ate ho arrayal, onde aloiados os nossos em suas tendas, foy visitado Balthesar pessoa da parte do Xeque ismael: a que mandou dizer que sua vinda fosse boa, & que descansasse porque lhe auia de fazer quanto lhe requeresse, & alem disso muyta merce, porque queria grande bem aos frangues por aparecerem na India/& a conquistarem quando se ele levantara por rey em Persia.

¶ Capitolo. xlvij. De como faleceo ho Xeque ismael sem dar despacho a Balthesar pessoa: & de como hum filho q̃ lhe sucedeo ho despachou.

PAssados algũs dias despois da chegada de Balthesar pessoa ao arrayal, veyo ho dia da festa da primavera q̃ ho Xeque ismael auia de fazer, em amanhecendo foy alcatifado hum grande espaço de chão diante das tendas do Xeque ismael que tomaria dous tiros de bésta, & sobre as alcatifas muytas fotas de seda em lugar de toalhas/em que fizão postas muytas & muy diversas igoarias & grande soma de garrafas douro & de prata cheas de vinho. E isto porque ho Xeque ismael dava

aquele dia banquete geral a todos os mouros q̃ estauão no arrayal. E primeyro que se assentassem a comer forão dados da sua parte aos reys & capitães vestidos de borcados/cetins/veludos & outras sedas forradas de forros de pelo muyto finos/& espadas goarnecidas douro & pedraria/no que ho Xeque ismael gastou trezentos mil cruzados/& nã os tinha em estima por ser muyto liberal. E destas peças forão tambem dadas a Baltesar pessoa & aos de sua companhia. E vestidos todos destes arabios, assentaranse a comer: & Baltesar pessoa com os nossos comerão em hũa mesa hum fogo de malhão dado Xeque ismael, que tambem comeo no banquete, & estaua vestido em hũa cabaya de cetim branco bordada de tela douro/& hum roupão encima de cetim laranjado bordado do mesmo. E ho estrado que era muy rico estaua cuberto de froles/& de todas as igoarias que lhe forão postas mandou aos nossos por lhes fazer honrra. Acabado ho bãquete que durou muyto grande espaço/passouse ho Xeque ismael a hum pauelhão de borcado/junto do qual estaua aruorado hum masto que tinha na ponta hũa guindaresa pera sobirem & decerem hũa lança que estaua aruorada sobre ste masto, & tinha na ponta hũa maçã douro vazada tamanha como hũa laranja que tinha trinta cruzados. E a este masto arremeterão certos capitães & fidalgos que estauão a caualo em seus postos hũa parte & doutra/& isto ao som de muytas trombetas. E chegando quasi ao pé do masto pararão & tirarão a maçã que digo com seus arcos, & o que a derribou se deceo do caualo & a tomou/& poz honrra lhe mandou ho Xeque ismael dar de beber, & despois tornou a caualgar & a tirar com os outros a outra maçã que logo foy posta/de que se gastarão muytas, & assi acabou a festa da primauera. E despois disto poz ho Xeque ismael ser muyto doente de epelensia ou poz outra causa que se não soube ele nunca ou nio Baltesar pessoa antes ho andou detendo ate que morreo da mesma doença, & poz sua morte se foy Baltesar pessoa aa cidade de Tabriz, porque no arrayal não estaua seguro de morto & roubado, nem em Tabriz ho não esteue se não em hũas casas muyto fortes. E sepultado ho Xeque ismael/socedeo em seu senhorio hum soo filho que tinha chamado Thamaz çoltão de idade de quinze annos: & este despachou despois Baltesar pessoa sem lhe conceder nada do que pedia nem fazer dele nenhũ caso/& assi se tornou descontente.

¶ Capitolo. xlviij. De como se partio ho gouernador pera a India/& de como chegarão as naos de Portugal.

Despachado o embaixador Baltesar pessoa, partiose ho gouernador pera a India/& ho primeyro

lugar dela a que chegou foy Goa/ onde achou Eytor da silueira filho do Condel mór que partira aquele ãno de Portugal por capitão mór da armada pera a India/ & forão seus capitães Manuel de macedo/ Simão sodré/ dom Antonio valmeida, Francisco da cunha, Pero dafonsequa/ Vicente gil: & quatro destes capitães inuernarão & Eytor da silueira passou cõ os outros: & de Goa se foy ho gouernador com hũa grande armada a Cochim, & de caminho foy visitando as fortalezas da costa, que toda andaua chea de paraós de Malabares darmada & roubauão os Portugueses que achauão desapercebidos. E a causa disto era que como os reys & senhores da India estauão de paz, & os Portugueses nã tinhão guerra em q̃ se ocupar tratauão todos/ & ho gouernador lhes daua pera isso licença, dizendolhes quãdo lha daua que fossem a recado/ porque os não matassem os mouros, de q̃ não se deuião de fiar posto que ouuesse pazes: porque quando as auia se vingauão eles do mal que recebião na guerra. E isto sabia ele por experiencia: & destas licenças se seguio muyto mal/ porque os Portugueses se desauergonharão tanto que não se contentauão com tratar/ mas quando achauão naos de mouros nossos amigos pediãlhes dinheiro porque os nã roubassem/ & eles lho dauão por escapar. E tanto foy isto em crecimento que os de Calicut se queixarão a seu rey que não era Nambeadarim que auia pouco que falecera/ & o que lhe sucedeo queria grande mal aos Portugueses, & por isso & por ver quão mal se lhe goardaua a paz: determinou de se vingar dos Portugueses, & mandou armar em todos seus portos, & fazer muytos paraós que seruissem de leuar pimenta a Meca quando não pelejassem, & andauão os Portugueses tão dissolutos que os mouros os tomauão desapercebidos & matauãnos: o que não se sabia ateli por os Portugueses cuydarem que os mouros auião de goardar a paz & eles não.

Capitolo.xlix. Do q̃ aconteceo a dom Pedro de castro & a Antonio galuão em Calicut.

Indo ho gouernador visitando as fortalezas da costa foy ter a Calicut ondestaua dõ João de lima por capitão da nossa fortaleza. E estando no porto forão algũs fidalgos jantar coele/ & antre estes foy dom Pedro de castro, que despois de comer se foy aa cidade dos mouros com seys ou sete Portugueses. E andando laa como os mouros andauão daleuanto/ & tinhão dissimuladamente mortos algũs, quiserão fazer ho mesmo a dom Pedro: querendo armar brigas com os que hião coele. E ele fazendo que os não entendia começou dabalar pera a fortaleza: o que vendo os mouros apertarão coele & fe-

riranlhe tres ou quatro ꝫ que logo deitarão a fugir. E indo assi acertouse que Antonio galuão ia em busca de dom Pedro / acompanhado de quatro homẽs seus criados: ⁊ quando vio os feridos conhecendo que erão de dom Pedro / pareceolhe questaua em perigo pois os seus assi vinhão / ⁊ por isso abalou correndo pera ho socorrer ou morrer coele / ⁊ a poucas passadas ho achou rodeado de muytos mouros armados: ⁊ dom Pedro os detinha que não pelejassem, dizendolhes que porque não goardauão a paz. E com a chegada Dantonio galuão se pode dom Pedro retirar pera a fortaleza por hũa rua estreita, leuando os seus diante ⁊ ficando detras cõ ho rosto pera os mouros / que os seguião batendo os escudos ⁊ brandindo as agomias, ⁊ dando grandes cuquiadas com o que os afrontauão muyto: ⁊ nisto passou a diante hũ mouro grande de corpo acompanhado doutros muytos, ⁊ com muyta soberba se chegou a dom Pedro pera ho ferir, ⁊ deteue a agomia por dom Pedro, ⁊ Antonio galuão ⁊ os outros leuarem de suas espadas: ⁊ porem assoberbauaos tanto que Antonio galuão com licença de dom Pedro ho desafiou que ele ⁊ outro se matassem coele soo. Mas ho mouro que vio tanta concrusam, respondeo fora de preposito / dizẽdo que no mar se os fossem buscar saberião pera quanto erão. E dom Pedro lhe disse q̃ ho saberia logo se ele passasse dondestaua: ⁊ ho mouro se calou ⁊ deixouse ficar com os outros, ⁊ dom Pedro se foy em paz. E com quanto ho gouernador isto soube não fez sobrisso cousa nenhũa / ⁊ foyse a Cochim, ⁊ leuou toda a armada sem deixar nenhũa na costa. O q̃ vẽdo os mouros de Calicut se embarcarão logo darmada ⁊ passarão a vista de Cochĩ: ⁊ posto q̃ ho gouernador ho soube dissimulou / cõ o q̃ os mouros teuerã tamanha ousadia que entrarão no rio de Cochim dando caça a algũas naos de Portugueses mercadores, sem ho gouernador ter d̃ ver coisso, ⁊ dizia q̃ queria entregar a India d̃ paz ao gouernador q̃ viesse no ãno seguinte: pelo q̃ os mouros se atreuerão a matar tantos Portugueses q̃ nũca ẽ tẽpo doutro gouernador matarã tãtos. E como ho gouernador foy ẽ Cochĩ despachou Bastião d̃ sousa ⁊ Martĩ correa a q̃ tinha dada hũa viagẽ pera Bãda, pera õde se partirão ⁊ foy por capitão mór de tres nauios Bastião de sousa que foy ẽ hũ, ⁊ Martĩ correa em outro ⁊ Aires coelho em outro.

¶ Capitolo. l. De como el rey Dachem combateo a fortaleza de Pacem.

El rey Dachẽ como atras fica dito q̃ria tamanho mal aos Portugueses q̃ todo seu pẽsamẽto era em fazerlhes ho mal que podesse / ⁊ em tomar a fortaleza de Pacem pera se fazer rey daquele reyno, ⁊ de toda a ilha de Camatra pera dali conquistar Malaca: ⁊ des-

pois que por amor da chegada de Martim Afonso de melo coutinho a Pacem leuantou ho cerco da fortaleza/como tambẽ disse tornou a ajuntar gente/ ⁊ foy cercar a fortaleza de Pacem onde dõ Andre anrriquez estaua ainda por capitão cõ a mais da gente que tinha doẽte/ ⁊ a saã, ⁊ que podia pelejar era muyto pouca/ ⁊ por não saber ho numero dela nẽ ho dos immigos ho não digo: nem menos ho modo que el rey Dachem teue nesta guerra, porque ho não pude saber per ordẽ: saluo q̃ estando el rey sobre a fortaleza chegou Bastião de sousa com os capitães d̃ sua conserua, ⁊ surgio na boca do rio de Pacẽ que he hũa legoa da fortaleza, não sabendo como dõ Andre estaua cercado/ ⁊ por ser tarde não desembarcou. E sendo el rey auisado de sua chegada/ cuydou q̃ era socorro que vinha á fortaleza: ⁊ antes que entrasse nela determinou de a tomar aquela noyte confiado na muyta gente que tinha, ⁊ assi ho disse aos seus capitães, encomendãdolhes que esforçassem sua gẽte pera isso, representãdolhes q̃ como os muros ⁊ baluartes da fortaleza erão de madeyra ⁊ auia dias que se fizerão auião destar podres ⁊ com pouco trabalho os derribarião/ ⁊ derribado qualquer lanço logo era ẽtrada ⁊ os Portugueses mortos por serem muyto poucos. E coeste esforço forão os immigos cometer a fortaleza despois que foy noyte/ ⁊ deles com escopros ⁊ macetes trabalhauão por cortar ho muro pelo pẽ/ outros punhão escadas ⁊ sobiã ao muro ⁊ baluartes, tirando muytas frechadas/ outros trazião alifantes: pera despois de cortado ho muro com os escopros lhe poerẽ as testas ⁊ ho derribarem. E a esta grã de reuolta acodio dom Andre, assi com os sãos como com os doentes: ⁊ pera ver o que os imigos fazião/ mandou acẽder muytas bombas d̃ fogo polos muros ⁊ baluartes/ cõ que os Portugueses enxergarão muy bem o que os imigos fazião/ ⁊ todos muyto esforçados lhes começarão de resistir, hũs lãçando sobreles panelas de poluora ⁊ outros muytos arteficios de fogo/ ⁊ outros tirando muytas espingardadas: mas como os immigos erão sem conto pera os poucos Portugueses q̃ se defendião, q̃si q̃ nã auia defensam pareles, porq̃ os não podião caber polas escadas q̃rião entrar polas bocas das bõbardeiras a que os nossos logo acodirão ⁊ os fazião tornar as estocadas ⁊ lançadas, ⁊ assi durou a peleja hũ grã de pedaço, em que foy morto hum dos Alifantes, ⁊ tãtos dos immigos que os outros ouuerão por bẽ de deixar ho combate, assi por verẽ ho grande numero dos mortos como por estarem muytos feridos: ⁊ dos Portugueses não morreo mais que hũa molher que foy morta por desastre com hũa frecha heruada, ⁊ forão feridos algũs, ⁊ hũ d̃les foy Manuel mẽdez de vascõcelos, ⁊ os outros homẽs baixos. E esta vitoria foy milagre de nosso Senhor, porque segundo os Portugueses erão poucos/ ⁊ os imigos muytos, se ele não acodira com sua misericordia não poderão eles esca

par/ porque afora os imigos serem muytos erão muyto esforçados, & auezados a pelejar: & esforçados por seu rey/ que ficou muyto espantado de os Portugueses se lhe poderem defender.

¶ Capit. lij. De como dom Andre anrriquez despejou a fortaleza de Pacem.

AO outro dia cuydando dom Andre q̃ os imigos tornassem a dar outro cõbate, em amanhecendo foy visitar a gente que estaua nos baluartes & muro da fortaleza, a q̃ vio encostadas muytas esquadas que os imigos deixarão cõ pressa na noyte passada, & dõ Andre mandou a Simão toscano feytor que cõ algũs Portugueses as fosse quebrar/ & assi ho fez. E nisto chegou Bastião de sousa com os capitaẽs de sua cõserua/ que tão nos bateis com a mais de sua gẽte: & desẽbarcados ẽtrarão na fortaleza/ & apartando dom Andre Bastião de sousa & os outros capitaẽs/ lhes contou a grande mingoa que tinha de gente/ & de mantimentos/ que erã tã poucos, que lhe não abastarião dous meses/ & que não lhe podião ir outros dahi a seis meses, & que a fortaleza era de madeira cousa muyto fraca, & que os imigos a podião queimar hũa noyte. E porque não pude saber particularmente a concrusão que se nisto tomou/ nem ho conselho que sobristo fizerão, nẽ as rezoẽs que derão ho não digo: se não que sendo tantos Portugueses que podião bem defender a fortaleza/ a maior poder que ao ẽl rey Dachẽ, & tendo mantimentos nar mada de Bastião de sousa pera ho tempo que ho cerco podera durar, despejarão a fortaleza & a deixarão aos mouros: & tamanha foy a pressa de se irem/ que deixarão toda a artelharia/ cuydãdo que cozriã muyto perigo em a embarcarẽ/ pola detença que nisso podião fazer: & assi deixarã a casa da polnora chea dla, sem lhe poerẽ ho fogo primeiro por os imigos não sintirẽ sua ida: posto q̃ ẽse querẽdo ẽbarcar poserã ho fogo a hũs formigueiros de polnora q̃ião dar na casa do almazẽ dla, q̃ começou de arder: mas os mouros ho apagarão logo. E quãdo virão a pressa que os Portugueses leuauão polo rio abaixo/ como homẽs que fugião/ derão fogo a artelharia que lhes ficaua & tirarãolhe toela, dãdo cõsso grandes apupadas: & assi ficou el rey Dachẽ pacificamente senhor daquela fortaleza, tẽdo ẽ muyto pouca cõta os Portugueses: & ficou tão soberbo/ que dali a poucos dias tomou ho reyno de Pacem/ porque ho gouerna dor dele vendo ir os Portugueses não ousou de ficar sem eles na terra & leuou cõsigo el rey que era ainda moço. E despois ganhou el rey Dachem ho reino Dauru comarcão deste: & el rey Dauru fugio pa Malaca/ onde ele & ho de Pacẽ viuião muy pobremente. E chegado dom Andre & Bastião de sousa onde staua os nauios/ deteuerãose tres dias: & despois forãose pera Malaca onde chegarão a saluamento.

Capit.liij. De como el rey de Bintão mandou fazer guerra a Malaca: & de como foy morto Anrrique leme & outros capitães.

EL rey de Bintão que era jmigo mortal dos Portugueses / não cuydaua nũca senão como lhe faria guerra pera os destruir & desarreigar de Malaca, pera o que de cõtino se apercebia. E tẽdo jũtas oytenta & cinco lancharas fornecidas de muyta & boa gẽte, & dartelharia as entregou ao seu almirante Laq̃ primena, pera que fosse sobre Malaca & lhe fizesse a mais guerra que podesse: & ele se partio ao fazer. E indo hũa tarde com sua armada ao lõgo da costa oyto legoas de Malaca, foy visto de Duarte coelho que ia ẽ hũa naueta sua a fazer presas á costa do reyno de Patane. E porque sabia que em Malaca não auia sospeita daquela armada porque não tomasse os Portugueses desapercebidos / como foy noyte se fez na volta de Malaca: õde chegado cõtou a Jorge dalbuquerq̃ ao que ia. O que sabido por ele fez conselho / ẽ que todos forão dacordo que se fosse logo pelejar com aquela armada: porque não a desbaratando daria muyta opressão á fortaleza andãdo no mar / & lhe tolheria os mantimẽtos & mercadorias que ião de fora: pera ho que logo partio dom Sancho anrriquez capitão mór do mar de Malaca / que foy em hũ galeão de que era capitão seu irmão dõ Antonio anrriquez, & forão coele Duarte coelho na sua naueta / & Manuel de berredo ẽ hũa galeota / & seis capitaẽs outros em seis lancharas / que se chamauão Anrrique leme / Francisco fogaça, Diogo lourẽço, Fernão daluares cassados / Johão de soria / & Afonso luys, & partio caminho do rio de Muar onde estaua Laquetimena cõ toda sua armada / & dõ Sãcho, Duarte coelho / & Manuel de berredo, porque os seus nauios erão grandes isão ao mar / & as lancharas muyto perto da terra / & indo assi armouse hũa tornoada do noroeste que lhes seruia a popa: o q̃ vendo dom Sancho amainou & fez sinal de conselho. E jũtos os capitães, lhes propos dom Sancho como aquelas torneadas vinhão com muyto grande vento, & pera entrarem no rio de Muar que era largo & fundo, se a agoa decesse faria tamanho escarceo que os meteria no fundo / & mais q̃ era tarde: por isso lhe parecia bẽ meterẽse no rio õ Laçã que era pequeno / & estaua primeyro q̃ ho õ Muar. Os q̃ erão ãtigos na q̃la terra & sabião bẽ da guerra forã todos daquele parecer / & dizião q̃ se fizesse assi: & os outros que auia pouco q̃ vierão de Portugal & não sabião da guerra disserão / q̃ aquilo era medo & que não se auia de fazer. E por serẽ mais que os outros & terem mais vozes / se assentou em tomarem seu parecer: dizẽdolhe os outros que quando se vissem cõ os jmmigos, então se saberia quẽ auia medo. E em partindo, & sendo mea legoa do rio de Muar desfecha a torneada & dá na nossa frota: dom Sancho / Manuel de berredo & Duarte coelho que hião de largo amai-

narão, & os capitaẽs das seis lãcharas derão cõsigo dentro no rio de Muar/ & tres ião diante com afoz ça do vento rompendo pela grande marulhada que ho rio fazia/ forão dar antre a armada dos immigos/ de que logo algũs os aferrarão, & como erã muytos & os Portugueses poucos matarãnos a todos: & cõ ho prazer que os mouros receberão de ver os Portugueses daquela maneyra & terẽ poz certa sua morte, leuãtarão tamanha grita q̃ retenia poz tudo ao derredor: & apos ela desfecharão seus sinos/ bacias, & outros instromẽtos, que isso abastara pera alagar os Portugueses, quanto mais ho grande escarceo da agoa que alagou a lanchara de Francisco fogaça, & Dãrrique leme, que com quãtos ião cõ ele forão afogados, & assi os ó Frãcisco fogaça saluo ele/ & outros tres: & a outra foy varar ẽ hũa vasa onde se meteo toda, & valeolhe q̃ era ja noyte & fazia escuro/ & poz isso os mouros os não forão acabar de matar: & quis nosso Senhor dar tamanho esforço a Francisco fogaça & aos outros tres/ que se pegarão na lanchara encomendandose a nossa Senhora/ & assi como a chamarão com muyta deuação assi ela lhes valeo/ que as mesmas ondas que alagarão a lanchara, a leuarão a borda da vasa ẽ que a outra fora varar/ & ajuntandose Francisco fogaça & seus cõpanheiros que estauão nela, vazarão a sua da agoa q̃ tinha, & cõ trabalho imenso a poserão em nado estando ja ho rio manso, & fizeranse prestes pera que em amanhecẽdo se fossem pera ho galeão de dom Sancho, porque doutro modo não tinhão saluação segũdo a multidão dos imigos: que sintindo como estes Portugueses estauão no rio poseranse a lerta pera em amanhecẽdo darẽ sobreles/ & assi ho fizerão: que ẽ saindo do rio com a luz do dia, espedense cinco lãcharas dos mouros depos eles remando a boga arrancada, & alcançãdos no mar os abalrroarão/ acometendoos com brauo impeto ó gritas & só de instromẽtos/ & muytas frechadas, lançadas/ & arremessos, aque os Portugueses resistirão com marauilhoso esforço/ & leuando fadiga grandissima em se defender/ & matãdo & ferindo muytos dos mouros, & mozrẽdo deles algũs & ficando feridos muytos/ se desembaraçarão dos mouros & se acolherão ao galeão de dõ Sancho/ que sabendo ho que passaua mandou recolher ao galeão os feridos, de que hũ foy Francisco fogaça. E querendo dom Sancho vingar aquele dano, sem mais cõselho mandou a Manuel de berredo/ & ao capitão da lanchara de Francisco fogaça, que fossem surgir na boca do rio de Muar, parecendolhe que abastarião pera deterẽ os imigos que não saissem do rio/ & que entretanto veria vẽto (porque era calma) & ele, & Duarte coelho se irião ajuntar coeles/ & defenderião os immigos que não saissem do rio/ & mãdaria recado a Jorge dalbuq̃rque, que lhe mandasse socorro pera pelejar coeles: & Manuel de berredo & ho outro capitão, com quãto

virão que dom Sancho lhes mandaua cousa muyto desarrezoada/ porque pera a grãde multidão dos Immigos, claro estaua que ho perigo era muyto certo, & porque não parecesse que ho temião forão/ porem ainda bem não chegarão a boca do rio/ sem lhe os mouros darẽ lugar pera surgirem os aferrarão/ & em muyto pouco espaço os sumirão matandoos a todos/ & tomarã a galeota & a lanchara: & coestes, & com os que morrerão dentro no rio afogados & a ferro, forão por todos sesenta & cinquo Portugueses/ & âtreles morreo afogado Anrique leme muyto esforçado caualeyro como atras disse/ & dos das fustas que se alagarão se saluou a nado hum Thome lobo, que se foy por terra a Malaca/ & pos noue dias no caminho por andar de noyte sómente, & ainda pouco com medo dos Reymões/ & doutras muytas & feras alimarias que ha pola terra: & pola ocupação que os mouros tenerão em matar Manuel de berredo & os outros/ não entenderão em dom Sancho/ & em Duarte coelho/ que se os cometerão onuerão de passar mal, ou perder as vidas segundo os mouros estauão vitoriosos. E vendo dom Sancho a cousa como passaua, & que não podia fazer nada que prestasse contra os immigos/ acolheose pera Malaca com ho vẽto que lhe sobreueo. E Laqueximena como era sabedor na guerra, & conhecia que ho dano que fizera aos nossos fora mais por desastre de mao regimento, que por couardia dos Portugueses, & esforço de sua gente contentouse com ho feyto, & não querendo esperar a vingança que os Portugueses quererião tomar do passado, partiose pera Bintam.

¶ Cap. liij. De como foy tomado hũ nauio na cidade de Pão/ onde forão mortos algũs Portugueses.

Tornando dom Sancho a Malaca quisera tornar a buscar os mouros/ & por saber que erão idos se deixou estar. E Jorge dalbuquerque deu licença a hũ Antonio de pina, moço da camara del Rey de Portugal/ que fosse em hũ jungo seu á ilha de Jaoa/ a fazer fazenda sua & de partes/ & forão em sua companhia tres Portugueses, de que hũ se chamaua Bernaldo drago homẽ antigo em Malaca. E tornandose da Jaoa pera Malaca, arribou com tempo á cidade de Pão situada na costa perto de Malaca/ cujo rey sendo amigo dos Portugueses/ el rey de Bintão tomara por genrro dandolhe hũa sua filha por molher: & a causa que ho moueo a este parentesco foy porque este rey fizesse guerra aos Portugueses q̃ cõtinuaũão muyto ho seu porto & a costa do seu reyno. E este casamento foy muyto secreto/ porque em quãto não se soubesse el rey de Pão fizesse muyto dãno aos Portugueses secretamẽte. E sem eles saberem a causa como passaua foy Antonio de pina ter ao

porto desta cidade ỏ Pão. E cuidã do ele q̃ el rey era amigo dos Portugueses como dãtes, mãdou a terra buscar mãtimẽtos. E sabẽdo el rey como ho jũgo estaua no porto, mãdou pregũtar a Antonio de pina/se lhe era necessaria desua cidade mais algũa cousa/ t q̃lha mãdaria dar de boa võtade. t mãdoulhe muyto refresco: t aq̃la noyte despachou sete lãcharas cõ dozẽtos t oytenta homẽs de peleja/afora os remeiros, que erão ho dobro: que em amanhecendo abalrroarão ho jungo per todas as partes. E Antonio de pina, Bernaldo drago, t os outros dous Portugueses peleja rão ate que mais não poderão/ t despois de matarẽ algũs dos imigos/ foy morto ho scriuão do jungo: t Antonio de pina/ Bernaldo drago/ t outros dous Portugueses forão catiuos, t ho jungo tomado com quanto tinha, t tudo foy entregue a el rey de Pão, que muyto ledo mandou logo os catiuos a el rey de Bintão: que despois lhes cometeo q̃ se tornassẽ mouros, fazendolhes grandes ameaças se ho não quisessem ser. E eles com muyta constancia lhe responderão que fizesse ho que quisesse, porque não auião de deixar a sua ley q̃ era a verdadeira, por tomarem a sua seita que era toda falsidade. E vendo el rey q̃ estauão firmes ẽ seu proposito/ mãdou meter cada hũ por si ẽ hũa hõbarda t desparar coeles/ t assi forão espedaçados por confessarem a nossa santa fé/ t morrerão martires. E disto não se soube em Malaca dahi a hũ bom tempo.

¶ Capit. lviij. De como foy morto Andre ỏ bryto no porto ỏ Pão t outros Portugueses.

Antes de ser sabido mãdou Jorge dalbuquerq̃ a dom Sãcho que fosse fazer presas á costa de Patane/ t foy no galeã de que era capitão dom Antonio seu jrmão, em que leuaria bem trinta Portugueses: t ẽ outro nauio, foy Ambrosio do rego, que leuaria outros tantos: t ele partido, chegou da India a Malaca Andre de brito/ que ia na sua nao que ja disse atras. E como leuaua hũa licença do gouernador que tratasse por onde quisesse/ cõ aprazimento de Jorge dalbuquerque se partio pera Sião/ leuando consigo em sua companhia ate doze Portugueses/ t de caminho tornando de Sião surgio em Pão pera tomar mantimẽtos. E sabendoo el rey, mandou sobzele suas lancharas, de q̃ amanheceo hũ dia cercado: t por os Portugueses serempoucos, forã logo abalrroados/ mas sobre a entrada dos mouros na nao, foy cousa espantosa ver como os Portuses a defendião, ferindo hũs/ t matãdo outros, t não auẽdo parte na nao a q̃ não acudissem com presteza maravilhosa: porẽ como erão poucos/ t os mouros sem conto, que podião peleiar em roda viua/ por q̃ cansando hũs ẽtrauão outros, ho que os Portugueses não podião fazer/ começarão de cair hũs mortos/ outros quasi/ das muyto grãdes feridas que tinhão, t assi forã

poucos & poucos, ate que não ficou mais que hũ jrmão Sandre de brito (aque não soube ho nome) q̃ pelejaua com hũa espada dambas as mãos/ com que fez cousas tão marauilhosas/ q̃ os jmigos cuyda não que era diabo/ porque duas vezes axorou a nao deles com espãtosa matança, & da segunda vẽ dose tão desfalecido das forças & tão cansado, que não se atreueo a defẽderse mais, & por não ser catiuo, ou morrer a mãos dos mouros/ atou muyto depressa nos pés duas camaras de falcão & deitouse ao mar: & deitado, tomarão os mouros a nao. E isto soube despois por hum Francisco de brito Christão da terra/ que ia na mesma nao por feytor & lingoa Sandre de brito, que por ser da terra ho não matarão os mouros/ & foy despois ter a Malaca.

¶ Cap. lv. De como dõ Sãcho ãriquez/ & dõ Antonio ãrriquez forão mortos no porto d'Pão, & lhes foy tomado hũ galeão.

Dom Sãcho que partio de Malaca/ pera Patane cõ Ambrosio do rego chegou lá em paz/ & despois de fazer ao que ia/ que não conto por extenso polo não saber, tornouse com Ambrosio do rego, & leuando a rota de Malaca: apartaranse com hũ temporal que lhes deu, & Ambrosio do rego que ia mais ao mar que dõ Sãcho seguio auante, & dom Sancho que ia mais á terra arribou/ & foy tomar a barra de Pão ódesurgio, cuydãdo que el rey era ainda amigo dos Portugueses/ & se deixou estar ate ho outro dia que abonançasse bo tẽpo. E estãdo ali ho mandou el rey visitar com hũ presente pera saber quem era/ & sabendoho ho tornou amãdar visitar cõ mais magestade/ mandandolhe a boa vinda com muytos offrecimentos damizade/ & algũas vacas & bufaras & outros mantimẽtos, & tudo isto foy ceuo pera ho tomar. E foy acerto que ao dia dantes fora ali ter Laquexymena/ & determinando de tomar algũs nauios nossos que sabia que tomauão aquele porto/ meteose dentro no rio & tinha escondida sua armada, que era de trinta lancharas: & sendo auisado por el rey/ de como dõ Sancho estaua na barra, sayolhe em amanhecendo leuando em sua companhia dez lanchbaras del rey que erão corenta em que ião mil & duzentos homẽs de peleja/ & os Portugueses erão trinta. E quãdo dom Sancho vio tanta gẽte sobre si & que não tinha nenhũ remedio se não pelejar/ disse aos Portugueses: Cõpanheiros com a esperança em nosso Senhor que nos dara esforço, não temos outra saluação se não pelejar bem, & da sua parte vos peço que queirais ãtes morte cõ honrra que catiueiro cõ vituperio. E coisto repartio a ẽles trinta ẽ ambos os bordos do nauio, & a proa deu a seu jrmão, & ele ficou na popa/ & em cada parte destas auia sete homẽs/ saluo na proa

& popa que auia oyto ẽ cada bũa/ & os imigos que os virão tão poucos começarão de gritar com prazer de os terem por mortos: & apartandose quatro lancharas cercarão ho nauio polas quatro partes que digo, aferrãdo por todas elas, & começase bũa medonha peleja/ os mouros por entrar, & os Portugueses por lho defender: & estas quatro lancharas esteuerão hum pedaço aferradas sem a gẽte delas poder entrar no nauio/ & foy morta algũa parte dela, & dos nossos muyto feridos & algũs mortos: & não podendo os mouros mais sofrer a batalha apartarão se pera chegarem outros ỏ refresco. E dõ Sancho vendo que se os seus esteuessem assi repartidos q̃ os auião os mouros de desbaratar mais asinha, recolheos todos á tolda/ porque ali tinhão mais com que se fortalecer/ & se vingarião melhor dos immigos antes que morresse/ & assi foy, que matarão tantos que estauão bũs sobre os outros: mas como os mouros erão sem cõto/ & ẽtrauão hũs ỏ refresco cada vez q̃ outros cãsauão, & eles não podião fazer outro tãto: carregarão sobre eles tãtas feridas q̃ muitos mortos delas, & outros de fracos do muyto sãgue q̃ tinhão perdido, & cãsados do imẽso trabalho da peleja cairão todos, & assi teuerão os mouros lugar de os ẽtrar/ & acabarão de matar os q̃ estauão meos viuos, que a nenhũ perdoarão polo grãde dano que tinhão feyto nos imigos: ẽ cujo poder ficou ho nauio cõ muyta & boa artelharia q̃ leuaua.

¶ Capit. lvj. De como Jorge dalbuquerque mandou pedir socorro ao gouernador da India & lho mandou. E de como ho gouernador foy iuernar a Ormuz.

Ambrosio do rego com ho temporal que disse q̃ oera a ele & a dom Sancho indo de Patane arribou como disse, & foy por outro cabo ter ao estreyto ỏ Cinca pura, onde esperou sete ou oyto dias por dom Sancho/ & vendo que não ia pareceolhe que seria passado, & q̃ passaria ỏ noyte, & por isso se foy pera Malaca/ onde tão pouco não achou noua dele: pelo que Jorge dalbuquerque, & dom Garcia anrriquez/ que era chegado de Maluco presumirão que seria morto. E nisto chegou Bastião de sousa, & dom Andre ãrriquez/ com todos os outros que ião de Pacem: & cõ a noua da perda daquela fortaleza foy grande tristeza em Malaca/ por as cousas dos Portugueses irem em tãta declinação naquelas partes, & as dos mouros em tanto crecimento/ & por el rey Dachẽ se ir fazendo tão poderoso que era quasi outro rey de Bintão, & ãbos estaua certo darem muyta opressão a Malaca. E porque Jorge dalbuquerque se temeo que el rey de Bintão mandasse sua armada correr a Malaca/ com que lhe tolheria os mantimentos, mãdou a dõ Garcia anrriquez que se fosse poer sobre a barra de Bintão/ & que lhe fizesse todo ho mal que podesse/ & trabalhasse porque a sua armada

não saisse/ & deulhe quatro velas/ de que fosse por capitão mór .s. dous nauios ele capitão dum/ & Aires coelho do outro, & dous caraueloes, a cujos capitaes não soube os nomes. E neste tempo por ser ho mes de Dezembro que era moução pera India, se partirão algũs nauios pera Cochim/em que Jorge dalbuquerque screueo ao gouernador a guerra que auia em Malaca/ & a necessidade em que ficaua, assi de gente, como de nauios/ & todo ho mais que acontecera aquele anno em Malaca: & assi lhe escreueo como Antonio dbrito não queria estar mais na capitania de Maluco, pedindolhe que lha desse pera dom Sancho seu genrro, ou pera dom Garcia seu cunhado, se ele fosse morto: & tão bem lhe mandou hũ maço de cartas Dantonio de brito/ em que lhe pedia q̃ prouesse Maluco d capitão, por ele se achar doente, & enfadado naquela terra. E partidos os nauios que leuauão este recado, chegarão a Cochim onde acharão ho gouernador apercebendose pera tornar a Ormuz. E sabendo a noua de Malaca, & ho que lhe Jorge dalbuquerque screuia, deu a capitania mór do mar de Malaca a hum fidalgo chamado Martim afonso de sousa, irmão de Johão de sousa/ senhor da Ericeira, & ordenoulhe hũa armada que leuasse de sete velas .s. tres nauios redondos, de que forão capitaes ele, Andre de vargas/ Aluaro de brito/ & quatro fustas/ capitaes Antonio d melo, Andre diaz, Vasco lourenço/ & outro aque não soube ho nome, & deulhe duzẽtos Portugueses. E despachada esta armada partiose ho gouernador pera Ormuz onde auia dir inuernar/ pera arecadar ho dinheyro que Raix Xarafo ficara deuendo a el rey de Portugal & ás partes/ & leuou os galeões que não seruião na India ho tempo que auia destar em Ormuz por ser nela inuerno: & deixou a armada de remo que era necessaria pera goardar a costa/ que não se vazasse a pimẽta da costa do Malauar: & esta deixou a dom Luys de meneses seu irmão/ com os poderes de gouernador em sua ausẽcia, & regimento que inuernasse ẽ Cochim/ por estar mais perto de Calicut: de cujo rey auia algũa sospeyta q̃ se leuantasse cõtra a fortaleza.

¶ Capit. lvij. De como partirão oyto naos, & cozenta paraós, de Calicut carregados despecia-ria pera Meca.

VEndo os mouros d Calicut ho grande descuydo do gouernador/ que os não castigaua por nenhũa cousa de quantas fazião/ cobrarão muyto mais esforço do q̃ tinhão pera fazer guerra aos Portugueses/ & conselhauão a el Rey que se leuãtasse cõtreles & quebrasse apaz/ pera ho que fizerão acabar muytos paraós, & oyto naos muyto grandes/ que auião de carregar pera Meca naquela moução: & auião dir em sua goarda cozenta paraós tambem carregados/ & isto sem pedirem licença a dom Luys,

o q̃ era cõtra o cõtrato das pazes: & a força isso determinaua el rey de Calicut ỹ mãdar hũa grãde armada a pelejar cõ os Christãos ỹ Crãganor: & da hi sendo tẽpo ir sobre Cochi/ & ele auia dir por terra pera tomar a cidade a el rey ỹ Cochi como ẽ outro tẽpo fizera hũ seu ãtecessor como disse no liuro primeyro. E q̃s nosso senhor q̃ tudo isto foy sabido por dõ João da silueira capitão de Cananor q̃ ho escreueo a dõ João ỹ lima capitão da fortaleza ỹ Calicut q̃ logo mãdou chamar Cogebequi & dele soube q̃ era certo, & q̃ as naos & paraós q̃ auião dir a Meca auião de sayr pelo rio de Chale (q̃ faz a terra ẽ ilha) por não serẽ vistas da nossa fortaleza. E pa mais credito foy mostrar estes nauios ao feytor de Calicut: & coesta certezã ho mãdou dõ João de lima dizer a el rey de Calicut estranhandolho grandemẽte pois era cõtra as pazes. E el rey lho negou justificandose muyto. E cõ tudo dõ João mãdou sõdar ho rio de Chale, & achando q̃ tinha fundo & largura pera entrarẽ nele galẽs & outros nauios / escreueo todo o q̃ passaua a dõ Luys/ conselhãdolhe q̃ antes de sayr ho inuerno se metesse no rio ỹ Chale & tomasse as naos & paraós quando sayssem: porq̃ fazẽdo ho assi atalharia aos pẽsamẽtos q̃ el rey ỹ Calicut tinha ỹ fazer guerra á fortaleza. Mas dõ Luys não quis tomar este cõselho/ posto q̃ era muyto bõ/ & as naos & paraós partirão pa Meca, onde forão ter carregadas de muyta especiaria & droga/ & assi forão outras muytas naos de todos esses portos ỹ Calicut sem auer quem lhes contrariasse.

¶ Capit. lviij. De como os mouros de Bintão queymarão no porto de Malaca ho nauio ỹ Simão dabreu & matarão quantos estauão coele.

Como quer q̃ todos os mouros comarcãos de Malaca fossem muyto amigos del rey ỹ Bintão na hora q̃ ele fazia guerra a Malaca, se leuantauão logo & não leuauão mais mantimentos á fortaleza, nem os de fora q̃ lhos leuauão ousauão delhos leur cõ medo da armada del rey de Bintão q̃ os nã tomasse: & por isso como el rey de Bitão começou a guerra, começarão logo ỹ faltar os mãtimẽtos. E porque quanto a guerra fosse em mayor crecimẽto estaua certo faltarem mais/ & não os poderem ir buscar por amor dos immigos que andauão no mar: quis Jorge dalbuquerque que mandalos buscar cõ tẽpo, & como dõ Garcia q̃ ho ouuera de fazer era a Bintão, pedio Jorge dalbuquerq̃ a Garcia chainho feytor q̃ ho fizesse, assi por ser caualeyro muyto esforçado, como por ser despois dele a segũda pessoa na fortaleza. Ho q̃ ele aceitou de muyto boa võtade posto q̃ a ida era perigrosa / & por não auer nauios em Malaca mais que ho em q̃ Simão dabreu fora de Maluco, & hũ jũgo del rey que não seruião pera a ida / leuou quantas manchuas & balões auia em Malaca que sam como boas almadias, & nestas acompanhado de algũs Portugueses se foy ao longo da

costa ate ho rio de Muar cinco legoas de Malaca onde auia de buscar os mantimentos. E andãdo os buscãdo acertarão de chegar a Malaca quatorze lancharas del rey de Bintão, cujo capitão mór sabendo quão desapercebida estaua a fortaleza, assi de gẽte como de todo genero de nauios d̃ remo: ⁊ q̃ no porto estauão algũs nauios grãdes, determinou de os queymar/ pa o q̃ entrou em rõpẽdo a alua sesta feyra dẽdoẽças na baya da ilha das naos, a cuja sombra ho nauio de Simão dabreu estaua surto, ⁊ ele estaua dẽtro cõ treze Portugueses q̃ cada noyte ya dormir ao nauio. E como era ja no q̃rto dalua em q̃ ele ⁊ os seus estauão desuelados dos outros q̃rtos adormecerão, parecẽdolhes q̃ estauão seguros de rebates dimigos, ⁊ por isso não sintirão os mouros/ q̃ se os sintirão defenderão cõ a artelharia que lhes não chegassem como chegarão, ⁊ os forão aferrar q̃tro grandes lãcharas. E nisto forã sintidos por Simão dabreu q̃ bradou aos seus q̃ acodissem/ ⁊ todos cõ suas espingardas acodirão muy prestes, ⁊ os q̃ as não tinhão remeterão aos berços do nauio ⁊ desparãnos nos mouros que assomauão ja aos bordos, ⁊ dão coeles nas suas lancharas feytos em pedaços, ⁊ estes escarmentarão os outros de tal maneyra que não prouarão mais dentrar no nauio, ⁊ das suas lancharas pelejauão com os Portugueses muy brauamẽte. E foy milagre euidente de nosso senhor não os entrarem logo segũdo erão muytos ⁊ eles poucos: ⁊ assi durou a peleja hũ pedaço em que morrerão algũs Portugueses ⁊ dos mouros muytos. O q̃ vendo ho seu capitão moor/ ⁊ q̃ se a peleja fosse auante daquela maneyra que lhos matarião todos buscou outro ardil pera acabar mais asinha de matar os Portugueses ⁊ queymar ho nauio/ ⁊ foy mãdar poer ho fogo a hũ jũgo que estaua sem gẽte ⁊ sem carrega: ⁊ ho fogo bem aceso como a marẽ vazaua mandoulhe cortar as amarras ⁊ sostelo cõ cabos q̃ lhe tinhão dados ate ho ajuntarem ao nauio de Simão dabreu, sem ele nẽ os de sua companhia poderem resistir q̃ nã chegasse a eles. E despois de chegado os immigos ho atoarão á mesa da goarnição do nauio/ ⁊ a outras partes pera que se sosteuesse: ⁊ nũca lhe os Portugueses poderã contrariar por amor das muytas frechadas ⁊ espingardadas q̃ lhes os immigos tirauão: ⁊ tambẽ por amor delas os Portugueses não poderão cortar as abalrroas com q̃ ho nauio estaua abalrroado/ posto q̃ sobrisso morrerã q̃si todos: q̃ foy muy piedosa cousa de ver morrerem assi hũs homẽs sem se poderẽ defender: ⁊ muyto mais despois q̃ ho nauio começou darder juntamente cõ ho jungo que fazião hũa espantosa ⁊ medonha labareda com soarem dẽtro os grandes gritos que dauão algũs Portugueses que ainda estauão viuos: a que Jorge dalbuquerque não podia mandar socorrer por não ter em que fosse ho socorro/ que tudo o que em que podia ir era fora como disse: pelo que ele estaua muyto triste ⁊ tinhase por mo-

fino delhe matarem assi a queles ho mes diante dos olhos sem lhes poderem valer. E como a magoa q̃ tinha era grande / pareceolhe q̃ lhes poderia mandar socorro em hũ giropanco nauio da Jaoa (que serue de leuar mantimẽtos) que nẽ tinha masto nem velas / & com a pressa do socorro sem lhe mandar meter artelharia / nem lhe lembrar que estaua desaparelhado mandou embarcar nele obra de trinta Portugueses ỹ setenta que teria / & mãdoulhes que fossem socorrer ao nauio que começaua darder: & eles como erão obedientes & por não parecer que por medo ho deixauão de fazer se embarcarão com quanto vião ho perigo em que yão por não leuarem artelharia & ho Giropãco ir tão desaparelhado como ya, & que estaua certo matarẽnos os mouros sem poderem socorrer ao nauio: o q̃ entendendo tambem hũs dous capelães da fortaleza / reqrerão a Jorge dalbuquerq̃ da parte del rey q̃ não mãdasse os homẽs q̃ mãdaua no giropãco / dãdolhe as rezões q̃ digo pera os não mandar / & mais que ficaua tão pouca gẽte na fortaleza q̃ mortos aqueles a gente da terra a tomaria & a daria a el rey ỹ Bintão. E ele estaua tão agastado que não queria ouuir nem entender ninguẽ, & fez embarcar os trinta cõ grãdes brados. O que eles fizerão, & como ho giropanco, nem tinha vela nem remos acodia mal ao leme & fazia muytos lós, & com hũ que fez foy dar em seco que parece que foy cousa de nosso senhor porque se chegara ondestauão os immigos todos ouuerão de ser mortos. E vẽdo Jorge dalbuquerque ho giropanco em seco mandou desembarcar os q̃ yão nele: & entretanto os que estauão no nauio que ardia vendo que não podião escapar lançaranse ao mar cuydando que se saluarião, & nele forão mortos polos immigos, & ho escriuão do nauio que auia nome Francisco fernandez cuydando de lhe ir socorro, & que escaparia não se quis deitar ao mar & sobiose na gauea & dahi ao mastareo, donde por derradeyro se deitou ao mar & foy morto polos immigos que com ho prazer da morte dos Portugueses fazião grandes alegrias, & assi com verem arder ho nauio & ho fũgo que arderão ate horas de vespera sem ficar nada deles do que parecia sobre a agoa: do que os mouros ficarão muyto soberbos & teuerão os Portugueses em muyto pouca conta por lhe não poderem acodir. E isto ganhou Jorge dalbuquerq̃ de mandar fora toda a gente que tinha em tempo que lhe corrião os immigos, & por derradeyro Garcia chainho não trouue mantimẽtos que matassem a fome dez dias & a sua ida fez tamanha perda.

¶ Capitolo. lix. De como Laquetimena tomou na barra ỹ Bintão dous caruelões da conserua de dom Garcia anrriquez.

Ndo as cousas dos Portugueses de cada vez peor nestas partes dom Garcia anrriquez que estaua sobre a barra de Bintão

fazialhe quãto mal podia, & nã saya nẽ entraua vela nenhũa q̃ ele nã tomasse/ & fazia algũs saltos ẽ terra/ o que el rey de Bintão sintia muyto & se auia por muy injuriado/ & tinha por mayor feyto este q̃ dõ Garcia que quãtos os seus tinhão feytos contra os Portugueses/ & aqueixauase cõ Laquexymena de não tomar aqueles quatro nauios, & ele lhes dizia que não auia ainda tempo: porque era necessaria muyta industria pera os tomar/ porque por força não podia ser por os Portugueses terem muyta auantagem aos Malayos/ & que as suas vitorias forão por desastre & nã por eles serem tão bõs homẽs de peleja como os Portugueses. E Laquexymena trazia grandes espias sobre dom Garcia pera ver se ho podia tomar em discuberto/ ate que hũ dia soube que fazia agoada em hũa ilha junto da boca do rio de Bintão/ & que os nauios grãdes erão os que tomauão agoa, & os caruelões estauão em vigia: & como ho soube sayo do rio com algũas lãcharas de sua armada/ mandando aos seus capitães que se por ventura os dous caruelões os cometessem que fizessẽ que fugião ate os leuarem perto da boca do rio onde ficaua a outra armada com que os tomaria. E assi ho fizerão, & como os capitães dos caruelões virão que as lanchbaras erão poucas/ & estauã costumados a leuarem ho melhor delas/ cuydarão de ser assi daquela vez. E dãdo ás velas remeterão a eles, tirandolhes com sua artelharia/ & os mouros como estauão auisados de Laquexymena fizerão volta como que fugião. E os Portugueses cuydãdo que era assi seguiãnos/ & com ho vento que era fresco chegarão mais asinha do que quiserão á boca do rio ondestaua Laquexymena, que logo sayo com as outras lãcharas a remo com que cercou os caruelões & os aferrou & entrou com sua gente/ de que se os Portugueses começarão de defender com muyto esforço/ mas a, pueitoulhes pouco: porque temendo Laquexymena que acodisse dõ Garcia & que lhos tirasse das vnhas se os achasse fora do rio: em se começando a peleja mandou a certas lancharas que rebocassem os caruelões & os metessem no rio, porque polos baixos q̃ tinha bem sabia que dom Garcia não auia de poder entrar nele com os nauios por serem dalto bordo, & os Portugueses com ho tento da peleja não sintirão que os leuauão senão quãdo se acharão dentro no rio. E isto se fez tão depressa q̃ dom Garcia lhes não pode valer, posto que logo acodio, mas deteuesse algũ tanto em leuar a ancora sobre q̃ estaua surto: & isto foy causa de ele nem Aires coelho chegarem a tempo, & ele se agastou tanto de ver leuar os caruelões/ que assi como ia á vela mandou meter ho nauio pola boca do rio bẽ contra vontade do piloto, q̃ dizia que se perderia, & assi ouuera de ser por ho rio ser ẽ canais muyto estreitos & em voltas & ter rastingas & arrecifes em q̃ logo ho nauio foy varar, & por grãde milagre sayo. E se Laquexymena não temera a sua artelharia/ tambem

ho tomara/mas vingouse ẽ tomar os dous caruelões com morte de quantos estauão dentro que vẽderão muyto bẽ suas vidas com morte demuytos mouros: mas ho prazer dos viuos foy tamanho ỹ tomarem assi estes caruelões ⁊ matarẽ quãtos yão dentro, que não estimarão os mortos. E el rey de Bintão mandou fazer por isso grandes festas. E vendose dom Garcia com aqueles dous caruelões perdidos, não quis ali mais andar ⁊ tornouse a Malaca onde achou feyto ho grãde dãno que disse.

¶ Capit. lx. De como el rey de Bintão mandou cercar Malaca por mar ⁊ por terra.

VEndo el rey de Bintão quã bẽ lhe socedia a guerra q̃ tinhã cõ os Portugueses / determinou de lha fazer mais apertada por mar ⁊ por terra: parecẽdolhe q̃ poderia tomar a fortaleza/pera o q̃ mãdou vite mil homẽs/ quatro mil q̃ auião dandar por mar cõ Laqrimena/⁊ desaseys mil q̃ auião de cercar Malaca por terra/de que deu a capitania mór a hũ Portugues arrenegado q̃ andaua coele q̃ se chamaua Auelar dalcunha. E chegados estes a Malaca desembarcou ho Auelar ẽ Iupe, õde assentou suas estãcias: ⁊ Laquerimena ficou no mar goardando ho porto que não entrassem nenhũs mantimentos nem nenhũs nauios outros. E Jorge dalbuquerque não lhe podia resistir por noã ter mais de dous nauios/ nem menos tinha gẽte/ porq̃ não auería mais q̃ ate o tẽta Portugueses: posto que auia muytos piães da terra a soldo del rey de Portugal: mas dos Portugueses se fazia conta pera cousa de feito. E per eles repartio Jorge dalbuquerque as estancias pera as defenderẽ/⁊ estas erão da pouoação dos Portugueses q̃ estaua fora da fortaleza antrela ⁊ apõte por onde se serutão pera a pouoaçã dos quelins. E porq̃ não soube como estas estãcias forão repartidas ho não digo. E erão os Portugueses tão poucos pera goardarẽ a fortaleza ⁊ as estãcias/ que em algũas não auia mais que tres Portugueses, se não que tinhão comigo muytos piães da terra. E com quanto erão tam poucos estauão muyto esforçados pera resistir aos imigos. E na cidade dos Quelins não pos Jorge dalbuquerque estãcias/ assi por não ter gẽte pera isso/ como por ser cercada de muros de pao pola parte por onde os imigos a podião cometer: ⁊ estas a gente da terra as vigiaua de noite. E despois de ho Auelar assentar suas estãcias, mandaua cada dia correr ã cidade dos Quelins: ⁊ cada dia tinhão peleja com os Portugueses, em que morriã muytos dos imigos: ⁊ os Portugueses tinhão imenso trabalho com pelejarem cada dia/⁊ vigiarẽ cada noyte/⁊ morrerẽ de fome/ que não comião mais q̃ arroz cozido ẽ agoa: ⁊ quasi todos estauão doẽtes assi do trabalho ⁊ da fome/ como ỹ feridas. E era cousa de milagre poderem pelejar, ⁊ defenderse aos imigos, q̃ erão tantos ⁊ tão folgados.

E porq̃ o Auelar isto sabia se queixaua muyto cõ os seus como nã fazião nada cõtra homẽs tão desbaratados: & hũa noyte determinou dẽtrar á cidade dos Quelins, cujos muros sabia q̃ estauã podres, & mãdado leuar muytos escopros & maços foy cometer ho muro no quarto da modorra, de q̃ cõ os escopros foy derribado hũ lãço dobra de sesẽta passos: & como fazia escuro nã forão vistos das vigias, se não quãdo virão cair ho pedaço do muro q̃ cayo cõ grande arroido: & ẽ caindo entrarão logo os imigos, & acharã muytos dos da terra q̃ acodirão ao estrõdo do cair do muro, & estes forão todos mortos, & dali se meterão algũs a roubar. E nisto foy dado repiq̃ na pouoação dos Portugueses, & dos primeyros q̃ acodirã foy Nicolao de sa q̃ agora he contador dos cõtos del rey nosso senhor, que pousaua junto da ponte & leuaua cõsigo tres espigardeyros Portugueses, & assi acodio Aires coelho, & quãdo chegarão acharão os piães da terra pelejando cõ os immigos, & defẽdião q̃ não ẽtrassem por aq̃le portal mais dos q̃ tinhão entrado, & os Portugueses q̃ digo os ajudarão cõ suas espingardas, ò modo q̃ os deteuerão q̃ não entrassem, & acodio a gente que estaua nas estãcias. E como os immigos sintirão a gẽte que acodia, forãse leuando algũs catiuos, & os que ficauão nas casas a roubar forão delpois todos mortos. E assi liurou nosso senhor a fortaleza de ser tomada, que ho foza se os immigos entrarão todos na pouoação dos Quelis. E como foy manhaã Jorge dalbuquerque mandou refazer ho boqueyrão do muro. E despois disto tornarão os immigos a perfiar se poderião ẽtrar, mas não poderão, porque os Portugueses lho defendião, & durou este cerco ainda hum mes: & porque dali por diante podia chegar socorro da India leuantarão os immigos ho cerco da terra & forãse a Bintão, & os do mar ficarão ainda algũs dias ate que tambem se forão.

¶ Capit. lxj. De como Martim Afonso de sousa foy fazer guerra a el rey de Bintão, & aos reys de Pão & de Patane.

MArtim Afonso de sousa que ia pera Malaca chegou lá na fim ò Junho, onde achou que valia hũa galinha cinco cruzados & hũ ouo dous vintẽs & hũa gãta darroz hũ cruzado, & os homẽs q̃ parecião desẽterrados de nã terẽ coz, & sua ida deu grãde alegria, assi aos Portugueses como á gẽte da terra: & logo Jorge dalbuquerq̃ lhe ẽtregou a capitania mór do mar de Malaca, & a tirou a dom Garcia anrriquez seu cunhado, a que a dera por morte de dom Sancho. E Martí Afonso lhe deu hũa prouisam do gouernador em q̃ lhe daua a capitania de Maluco pa hũ de seus cunhados. E por se Jorge dalbuquerq̃ desaprezsar da guerra del rey de Bitão, mãdou a Martí Afõso q̃ se fosse cõ cinco velas poer sobre a barra de Bintão dõde não

deixaria sayr a Laquexymena, & tolheria, q̃ não entrassem por mar mãtimẽtos na cidade: & partio de Malaca cõ hũa armada de cinco velas/ de cujos capitães nã pude saber os nomes mais que a Vasco Lourẽço. E chegado á barra de Bintão esteue sobrela tres meses em q̃ lhe deu muyto grande opressam, tolhendo q̃ não entrassẽ nenhũs mantimẽtos nem mercadorias, & que não sayse de dentro cousa nenhũa/ que nem os pescadores ousauão de sayr a pescar. E em todo este tempo nunca Laquexymena ousou de sayr a pelejar coele: & neste tempo que Martim Afonso ali andou lhe morreo algũa gente por ser aquela paragem doentia, & por essa causa não quis ali andar mais & se foy a fazer guerra a el rey de Pão pera vingar ho mal que tinha feyto aos Portugueses, & ali queymou muytos jungos assi de Pão como da Jaoa, em que forão mortos bem seys mil mouros: & catiuou tãtos q̃ nã ouue Portugues que a seu quinhão não ouuesse dez catiuos. E despois de fazer destruyção espantosa foyse aa cidade de Patane/ cujo rey era tãbem immigo dos Portugueses/ & no porto achou algũs jungos que tambem queymou & antreles hum muyto grande que naquela hora chegaua da Jaoa, & vinha nele ho mesmo rey de Patane, que com bẽ duzentos mouros saltou ao mar com medo do fogo & todos forão mortos ás lãçadas pelos Portugueses. E vẽdo os da cidade este destroço no mar temerãse de ser outro em terra, & por isso despejarão a cidade assi da mór parte da fazẽda como de toda a gẽte: pelo q̃ Martim Afonso quando sayo em terra não achou com quem pelejar/ & queymou a cidade toda ate não ficar mais que ho campo em que esteuera, & quantas ortas & palmares auia ao derredor. E deixando ho nome dos Portugueses com muyto credito & muyto temido por aq̃las partes se tornou pera Malaca/ que esteue por hũ tẽpo muyto prospera.

Capit. lxij. De como foy começada a guerra ãtre Antonio de brito & el rey de Tidore: & de como foy morto Jorge pinto da silua & outros.

Atras fica dito como Bastião de sousa & Martim correa partirão de Malaca pera a ilha de Banda, óde chegarão ao lugar de Bozinté & hi acharão Marti afonso de melo jusarte q̃ auia quatro meses q̃ estaua de guerra cõ a gẽte da terra/ em q̃ milagrosamẽte se defendeo por não ter mais de sete Portugueses & setenta Jaos & Chis & os imigos serem muytos. E por não poder saber particularmẽte o q̃ sucedeo nesta guerra a não escreuo/ & os imigos como Bastião de sousa chegou alargarão logo ho cerco. E ficãdo Marti afonso magoado da afrõta q̃ recebera dos imigos/ pedio a Bastião d̃ sousa q̃ ho asudasse a vigar deles: do q̃ se ele escusou, dizẽdo q̃ ia fazer sua fazẽda, & sobristo se desauiarão ãbos q̃ Bastiã de sousa se apartou pa a cidade Dalutatã & hi se apousẽtou cõ Marti correa

em hũa tranqueyra que fizerão. E estando assi chegou a Banda hum Gaspar galo ẽ hũa caravela de Maluco, que por mandado Dantonio de brito ia pedir a Martim Afonso algũa fazenda ⁊ mantimentos de que tinha muyta necessidade por amor da guerra q̃ começaua com el rey de Tidore, pera o que lhe pedia q̃ ho fosse ajudar cõ os mais Portugueses que estevessem em Bãda, ⁊ q̃ farião em Maluco muyto proueito por auer aquele anno muyto craue, ⁊ quando não teuesse mantimentos que os tomasse a quantos mercadores estevessem em Banda/ pera o que lhe mandou a carta dos seus poderes, em que lhe daua el rey a jurdição da ilha de Banda: ⁊ da hi a poucos dias q̃ Gaspar galo chegou faleceo. E vagando a capitania da caravela/ Bastião de sousa a qui sera tomar ⁊ dala a hũ Francisco de sousa seu sobrinho, dizendo q̃ ele tinha ali jurdição por estar por mãdado do governador da India/ ⁊ Martim Afonso ho não consentio ⁊ tomou ho leme ⁊ as velas da caravela pera se ir nela a Maluco: como foy ⁊ leuou cõsigo outros dous ou tres jũgos de Portugueses, ⁊ foy coele Martim correa. E chegados á ilha de Ternate forão muyto bẽ recebidos Dantonio de brito, que tinha despachado hũ fidalgo mãcebo chamado Jorge pito da silua natural Deluas pera ir fazer a guerra a el rey de Tidore em quãto se ajuntauão os reys ⁊ sangajes q̃ Antonio de brito tinha mãdado chamar a socorro/ ⁊ estaua embarcado pera partir, ⁊ por Martim correa ser seu parẽte se foy coele a terra/ ⁊ deixãdo ho apousentado se partio em hũ nauio, ⁊ ia coele em outro hũ Lionel delima parẽte Dantonio de brito, ⁊ leuou hũ batel ⁊ hũ calaluz bẽ esquipados pera fazerẽ saltos ẽ terra: ⁊ nestas velas irião bem corenta Portugueses. E partido Jorge pito foy surgir sobre ho porto da cidade de Tidore, ⁊ em pouco tẽpo lhe fez muyta guerra/ tolhẽdolhe os mantimẽtos/ ⁊ saindo muytas vezes ẽ terra a fazer saltos delhe catiuar gente ⁊ tomar gado. O q̃ el rey sentia muyto/ principalmẽte a tomada dos mantimentos de q̃ tinha grãde necessidade por a muyta gẽte q̃ estaua junta pera a guerra q̃ esperaua: porq̃ a foza os seus vassalos, muytos vinhão por ho terẽ por bomẽ santo. E vẽdose el rey assi perseguido de Jorge pinto, inuẽtou hũ ardil pera ver se ho podia tomar, ⁊ foy meter em hũa calbeta q̃ estaua hũ pouco afastada da cidade hũa boa armada de paraos que ficaua encuberta cõ grande ⁊ basto aruore do q̃ a cobria/ ⁊ de noyte despedio hũa cozacoza pera ho mar, q̃ em amanhecẽdo apareceisse da parte dou tra ilha chamada Beilolo dõde lhe trazião mantimẽtos: pera q̃ cuydãdo Jorge pinto q̃ a cozacoza os leuaua se fosse a ela, ⁊ ela fugiria pera a calbeta/ em cuja entrada atraueslsaua hũa rastinga em q̃ ho batel de Jorge pinto por ser pesado encalharia/ ⁊ sayrtião os q̃ estauão dẽtro ⁊ ho matarião. E posto isto ẽ obra amanheceo a cozacoza ao mar, ⁊ vẽdoa Jorge pito cuydou q̃ era ỏ mãtimẽtos determinou de a tomar co-

mo tinha tomado outras, pera bo q̃ se foy em hũ calaluz em que fazia eq̃les saltos, & leuaua comigo seis Portugueses/& não quis dar rebate a Lionel d lyma parecẽdolhe que ele só abastaua, & vendobo os da cozacoza ir pareles, fingirão q̃ viraũão as velas pera fugirem & que sembaraçauão/& nisto se deteuerão ate que Jorge pinto foy perto: & então remando a boga arrancada se acolherão á calheta onde estaua a cilada/& entrou sem tocar na restinga por demandar pouco fundo: & bo calaluz que demãdaua mais por amor da artelbaria que leuaua encalhou em entrando. E em os mouros da cidade bo vendo assi dão sobzele cõ grandes gritas, & cercandobo por todas as partes tirauanlhe muytas frechadas/& arremesos sem conto. E com quanto se ele vio em tamanho perigo, não lhe faleceo bo grande esforço que tinha, & esforçando os seus os ajudou a defender tirando todos muytas lançadas & espingardadas/mas não lhes aproueitou nada: porque os mouros erão tãtos que os ferirão tão brauamente q̃ do muyto sangue que lhe saia das feridas enfraquecerão/de maneyra que ora hũs, ora outros, cairão todos sem se poderem ter. E nisto chegou Lionel de lyma em hũ batel bem armado dartelbaria/& fornecido de gẽte: & vendo bo calaluz naq̃le estado não se atreueo a socorrelo/& tornouse pera ondestauão os nauios. E se apertára os immigos com a artelbaria que leuaua/ainda saluara algũs dos Portugueses que estauão viuos. E vendo os mouros a pouca defensão do calaluz entrarão dentro, & cortarão as cabeças aos Portugueses, & a cincoenta ou sesenta mouros de Ternate que andauão com eles/& com as cabeças de todos enrramarão os seus paraós: & cõ grande prazer se forão ao porto da cidade, onde forão recebidos del rey com outro tanto, por se ver liure de tamanha opressão.

¶ Capit. lviij. Do que aconteceo a Martim afonso de melo jusarte/cometendo hũ lugar de mouros.

SAbido este desastre por Antonio de brito/ficou tão agastado que mandou logo chamar Lionel d lyma & que leuasse os nauios, & assi bo fez. E se neste tẽpo não esteuera junta na fortaleza a gẽte que era chamada pera a guerra/Antonio d brito desistira dela, mas por ser junta prosegujo auante. E ẽquãto se Cachil daroes embarcaua coela/foy assentado que Martim afonso de melo jusarte, fosse com os nauios Portugueses surgir sobze a barra de Tidore/& forão seus capitaẽs, Lionel de lyma/& Martim cozrea: & partindo hũa noyte do porto de Talangane chegou em amanhecendo a Tidore, & surgio na calheta onde matarão Jorge pynto & os outros: & como auião ali destar sem fazer nada ate ir Cachil daroes/determinou

Martim afonso com conselho dos capitaes & fidalgos, de ir dar em hũa pouoação de mouros, que disse hũ Gaspar dalmeida que estaua dali a hũa legoa ao lõgo do mar q̃ se poderia quelmar facilmente/ & partio pera lá no quarto da modorra por não passar de dia a vista de Tidore, & se soubesse onde ia/ & com quanto partio assi cedo por ir contra vento & maré/ era ja de dia quando passou a vista da cidade. Donde sospeitando os immigos ao que ia lhe sairão em muytos paraós, que os nossos fizerão tornar voltando a eles ás bombardadas, & desapressados dos immigos forão surgir na pouoação, que não era mais de dez ou doze casas com hũa mezquita/ & os mais moradores despois que Gaspar dalmeida vira aquela pouoação, se mudarão pera ho pico de hũa rocha muyto alta, cõ medo da guerra dos Portugueses/ & ali se fortalecerão: & pera estrouarem a sobida aquem lá quisesse subir contra sua vontade, atrauessarão dous paraós em dous passos de hũa vereda/ que se fazia muyto ingreme do pé da rocha ate o lugar/ pera darem coeles pela rocha abaixo, & leuarem dencontro quantos subissem. E cõ quãto Martí afonso vio que ho lugar era de muyto perigo na sobida, determinou de subir pois ali estaua, por que não parecesse aos mouros que ho deixauão de fazer com medo: & porque ho tirar os paraós donde estauão era ho mais/ & quanto menos fossem a isso tanto era mais seguro, acordarão que hũ só homem os fosse tirar/ & este foy Martim correa que se ofereceo pera ho fazer, & foy: & por ho lugar estar muyto alto, & os mouros terem tento no crepo da gente não ho virão sobir, & antes de chegar ao prymeiro paraó, foy ter coele hũ clerigo que chamauão Gomez botelho/ que desforçado buscou maneyra pera ir ter coele, & ajudalo a derribar ho prymeiro paraó/ & ho mesmo fez hũ Francisco lopez bulhão, que os ajudou a derribar ho segundo/ & como este estaua mais perto do lugar/ & ho estrondo q̃ fezindo pola rocha abaixo foy muy grande, sintirãono os mouros & acodirão a ver ho que era/ veudo os tres pola rocha acima, & Martim afonso cõ os outros ao pé dela pera subir, começão de sacodir muytas pedradas, & de deitar grandes galgas/ de que Martim correa, & os dous se salvarão em hũa lapa que se fazia na mesma rocha: & isto das galgas acabou logo/ porque em se os mouros mostrando, começão os espingardeiros de Martim afonso de tirar suas espingardas com que os fizerão recolher detras de hũ muro q̃ tinhão da quela banda: & desembaraçado ho caminho/ começou Martim afonso de subir indo diante com seis ou sete homẽs & os outros apos ele. E vendo os mouros sua determinação, tornaranse a descobrir pera defenderem a sobida/ & os espingardeiros tornarão a tirar/ & hũ que ia detras de Martim afonso tirou tão certo, que lhe deu pola espadoa direita, & passando ho pelouro as armas êtrou dẽ-

tro no corpo, & foy a ferida tão má que caio logo desacordado. E por este desastre tamanho não forão os Portugueses mais por diante, & se tornarão pera os nauios em que se embarcarão com Martim afonso, queimando primeyro a mezquita, & as casas que estauão na praya. E dahi se forão pera Ternate, por mandado Dantonio de brito.

¶ Capit. lxiiij. De como foy ferido Francisco de sousa, & outros Portugueses.

QVe dagastado de quam mal lhe socedia a guerra a quisera ô todo deixar, se não fora por amor de Cachil daroes, que vendo lho assi lhe disse que ele queria fazer a guerra com a gente da terra, só mente mandasse hũ capitão Portugues, com ate vinte Portugueses de que se fizesse cabeça: & que iria logo tomar hũ lugar que se chamaua Mariaco, principal lugar da ilha ô Tidore: pera lho que lhe deu hũ fidalgo chamado Francisco de sousa, & vinte Portugueses, & partirão todos com grande frota, em que yão mil & quinhẽtos homẽs da terra, em que entrauão muytos Mandaris, & os vinte Portugueses. E chegados onde auião de desembarcar desembarcarão, & forãose caminho de Mariaco, que he hũ lugar muyto grande situado em hũa serra quasi no meo da ilha, onde antigamente residião os reys de Tidore: & despois porse pouoar a fralda do mar, fizerão assento na cidade que agora tem. Este lugar era cercado de tranqueiras de hũa face, & a lugares tinha algũa caua, & com isto estaua algũ tanto fortificado. E chegados a este lugar, tomoulhe Cachil daroes as seruentias ẽ que pos algũa da sua gente, porlhe não poder yr socorro: & disse a Fráncisco de sousa que ficasse de hũa bãda ao pé do lugar, & ele iria pola outra que era mais alta: & tanto que fosse em todo cima, daria a sua gente hũa grita a que ele acodiria com os Portugueses, & darião no lugar & ho tomarião. E proseguindo Cachil daroes pera ho lugar, sem ser visto nem sentido dos moradores, por a terra ser cuberta ô muyto basto aruoredo, sairão algũs do lugar cuydando que ho podião fazer sem perigo, & estes forã logo sentidos dos que goardauão as seruentias, que deitarão apos eles dando algũas gritas: com que se Francisco de sousa enganou, cuydando ser Cachil daroes que dava no lugar pela banda por onde foza, ao que acodio logo pola sua com grande pressa. E como Cachil daroes não era ainda chegado ao seu combate, nem os mouros recebessem opressão, acodirão todos onde Francisco de sousa cometia, & ás pedradas & frechadas se defenderão de tal maneyra que os Portugueses forão todos muyto feridos. E ho mesmo espingardeiro q̃ ferira a Martim afonso, ferio ali a Francisco de sousa por hũa coxa & isto de desacordado, polo que lhe foy necessario afastarse pera ho lugar em q̃ ho deixou Cachil daroes:

que sabẽdo o q̃ passaua lhe foy acodir, & muyto agastado daquele desastre/ jurou em sua ley de não se partir dali ate não tomar ho lugar/ & assi ho screueo a Antonio de brito/ pedindolhe que não se agastase polo que sucedera, porque erã desastres de guerra/ & que lhe mãdasse Martim cozrea com vinte Portugueses/ porq̃ ho tinha por tão esforçado & sabedor na guerra, que com ele acabaria muyto a sua honrra: & com este recado mandou Francisco de sousa & os feridos.

¶ Capit. lxv. De como por industria de Martim cozrea/ foy tomado ho lugar de Mariaco.

Endo Antonio de brito quantos desastres lhe acõtecião naquela guerra, determinou de a deixar de todo/ & não mandar a ela nenbũ Portugues/ & êcarrarse na fortaleza com cento & trinta Portugueses que tinha/ & esperar ate irẽ os jungos de Malaca: & não quis mandar Martim cozrea que fosse ajudar a Cachil daroes, nem ho mandara se ho mesmo Cachil daroes lhe não foza pedir que ho mandasse/ & por isso lhe deu licença que fosse cõ vinte Portugueses. E escreueo a Lionel de lima que estaua no porto de Tidore, que bofosse acõpanbar com a mais gente que podesse, tirando a do seu nauio que deixaria a recado: & dizia em bũa carta q̃ se Martí cozrea se quisesse meter em algũa cousa de perigo, q̃ ele lhe requeresse da parte del Rey que ho não fizesse/ & não querendo se não fazelo que lhe lésse aquela carta/ & requeresse da sua parte aos que ho acõpanba não que ho não ajudassem. E recebidos por Lionel de lima estes recados logo se foy ajuntar cõ Martí cozrea, leuãdo cõsigo quinze Portugueses/ que cõ os que Martim cozrea tinha erão trinta & cinco/ q̃ vendose coeles, & cõ a gente de Cachil daroes aprẽssoubo que cometessem ho lugar, polo ver estar muyto frio nisso: & ele lhe disse que bo faria quando lhe viesse vontade/ por que ainda lhe não vinha. E por isso determinou Martim cozrea de ho cometer com os Portugueses, cõtenção que vendo Cachil daroes a cousa trauada acoderia com sua gẽte. E dando disso conta a Lionel d lima/ ele lhe requereo da parte Dantonio de brito que ho não fizesse: & aos outros que ho não ajudassem mostrandolhe a carta de Antonio de brito/ em que mandaua que lhe não obedecessem: & eles ho fizerão assi saluo bũ Jane mendez caualeiro muito esforçado, que se lhe offreceo ao ajudar com sua pessoa/ o q̃ lhe Martim cozrea agardeceo. E dando a entender a gente que não queria cometer ho lugar pois ho não querião ajudar, falou aquela noyte com Joane mendez, & concertou coele que ao outro dia pola menhaã cometessem a tranqueira per bũa parte/ que ele sabia que estaua fraca: & que irião ambos com dous seus criados: & oyto mãdarins dos de cachil daroes, que conhecia por

esforçados, & como fossem dentro que a sua gẽte lhes acodiria, & desta maneira se despacharião dali. E porque Martim correa sabia q̃ por aquela parte auia bũas caniçadas de foza da tranqueira: mãdou aos mandarins q̃ as desfezessem/ & visem se auia estrepes/ porq̃ os costumão muyto naquela terra: & sabendo que as caniçadas erão desfeitas & que não auia estrepes, ao outro dia em amanhecendo se foy da sua estancia com a cõpanhia que digo: que erão por todos doze pessoas: & chegados á tranqueira virão que auia por aquela parte pouca gente por auer de foza grande mato & má seruentia pa se chegarẽ a ela: & estaua da banda de dẽtro bũa casa terrea cõprida, & dereito do meo dela erão os esteos da tranqueira ralos & curtos. E estando assi vendo por onde auião de cometer, apareceo hũ mandarim vestido em bũa roupeta de graã, cõ bũa gorra do mesmo: & nela bũa pruma: que logo foy morto cõ bũa espingardada que lhe tirou Joane mendez. E nisto acodirão algũs homẽs a bũa goarita q̃ estaua sobre aq̃la parte/ dõde lhes tirauão pedradas & outros arremessos: & lhes deitauão tãta soma de terra que fazia tamanha poeira que não se enxergauão bũs aos outros. E como os de dentro vião q̃ os de foza erão tam poucos, parecialhes que era impossiuel poderẽ entrar: & ja que entrassem q̃ erão tã poucos/ que eles abastauão pera os matar: & por isso fazião a cousa caladamẽte, que não se sintia senão nas estancias vezinhas: & tirauão suas pedras & arremessos, & deitauão a terra cuydando de cegar os Portugueses: & no que cuydauão que lhes fazião mayor dano os aprouey tarão mais: porque como da terra que caya se fizessem grandes & grossas nuuẽs de pó, que cobrião Martim correa & os outros/ teue ele tempo, de com sua ajuda arrancar hũ pao da tranqueira que era tão grosso, que polo lugar que ocupaua pode Martim correa caber dilbarga & a pos ele Joane mẽdez, & despois os outros: & tomarão hũ terreiro que se fazia diante da casa/ que estaua ao lõgo da tranqueira. E como os mouros os virão dentro começouse antreles muy grande aluoroço, acodindo logo os das estancias vezinhas dando grandes gritas porque os ouuissem polo lugar. E como Lionel de lima estaua perto, em ouuindo a grita acodio logo com todos os Portugueses sospeitando bo q̃ era/ & entrou polo portal q̃ achou feyto: & ajuntouse com Martim correa pelejando todos maraulhosamente/ porque os mouros crecião muyto: & ouue ãtreles hũa braua peleja, que durou hũ pedaço primeyro que chegasse Cachil daroes por estar muyto descansado/ & cuydar que não se auia dentrar tão asinha. E como ele chegou espalhouse sua gente por todas as partes, & derão nos mouros ô que matarão todos, saluo obra de cento que se acolherão sobre bũas aruores, õde os Cacil daroes mãdaua matar as espingardadas, se não fora Martim correa que lhe pedio as

vidas/ & ele lhas deu muyto pesadamente, dizendo que era seu custume inuiolauel, que em toda a batalha onde ya el rey ou quẽ representasse sua pessoa/ de morrerẽ todos os imigos que não se querião dar amerce antes da batalha/ ou do combate. E em final que Cachil daroes perdoaua aos que estauão sobre as arvores, bebeo agoa pola põta do seu cris/ que he final de perdão: & com isto se decerão os mouros/ que como disse crão cẽto/ & os mortos forão trezentos. E dos Portugueses não morreo nenbũ, nem dos q̃ os ajudauão: & Martim correa foy ferido em hũa perna de hũ arremesso: & os mortos todos forão mãdaris & os mais parentes del rey de Tidore: & outra gente não auia no lugar, porque tanto que lhe foy posto cerco ho despesarão dela & das fazẽdas & por isso não se achou cousa que fosse de roubar. E despois do feito acabado estando Martim correa descãsando vio ir contra si dous homẽs hũ deles Mandarim & velho/ & ho outro de menos idade comitre de hũ paraó/ & este leuaua dependuradas duas cabeças de mouros/ & fugia do outro q̃ lhas queria tomar/ & chegãdo a Martim correa lhe fez queixume daquilo: & porq̃ ho velho cõ muyta instãcia pedia a Martim correa q̃ lhe desse hũa daqlas cabeças pera a depẽdurar em hũ paraó de q̃ era capitã: & quiseralha tomar & ho outro as aferrou gritãdo q̃ lhe não tomasse sua honrra q̃ ganhara com muyto trabalho pera a dar ao mandarim, que em quanto durara a peleja do lugar esteuera dormido & coisto se foy. E ali soube Martim correa que todo aquele que apresentar ao rey sete cabeças dimigos despois de dar algũa batalha que ho faz caualeiro, & ho faz fidalgo, a q̃ chamão mandarim, se ho não he/ & hão por muyto grande honrra apanhar muytas cabeças. E acabada a matãça dos moradores do lugar foylhe posto fogo, & ardeo todo sem ficar cousa algũa. & da fortaleza vio Antonio de brito, & os que estauão coeles as chamas do fogo: & porisso & por recado de Martim correa foy certificado q̃ o lugar era destruido.

Capit. lxvj. De como prosseguindo Martim correa & Cachil Daroes a guerra tomarão muytos lugares que el rey de Tidore tinha na ilha de Maquiem.

Estruido este lugar ouue Cachil daroes conselho cõ Martim correa que fossem a ilha de Maquiẽ/ de q̃ era a metade del rey de Tidore & a outra del rey de Ternate & a tomassem: & assi ho fizerão. E ao primeyro lugar del rey de Tidore que chegarão, estando no mar tão perto de terra que se poderia ouuir: deuse hũ pregão na cozacora do camarao que em sua lingoa quer dizer almirante/ que soubessem os moradores do lugar q̃ naquela frota ya certo numero de Portugueses que yão vestidos de ferro (& isto polas armas) & que leuauão os paraós cheos de cabeças dos Mãdarins de Tidore, que bẽ podião vin-

galos: pozẽ que deuião de dar obediencia ao regedor Cachil daroes que ali ya, pozque lhes não fizessem outro tanto como aos de Tidore. E a este pregão sairão todos os do lugar á praya / & quando virão a multidão das cabeças dos mortos mostrarãose muy espantados, & determinarão de se entregar / & assi bo fizerão logo ao outro dia pola manhaã, & cada hũ leuaua algũa peça que apresentaua ao regedor / & isto de sua vontade / & não dobrigação: & dada obediencia ao regedor, se tornauão pera suas casas, ficãdo vassalos del rey de Ternate: & desta maneira se entregarão todos os lugares que el rey de Tidore tinha nesta ilha. E a causa de lhe darem primeyro bo pregão q̃ disse, era poz ser costume da terra, que quando auião de fazer guerra a algũa gente pera que não dissesse despois que os tomauão a treição, lhe auião de notificar como lhes querião fazer guerra / & a gente que tinhão, & as armas que leuauão / assi defensiuas como ofẽsiuas, & se se entregauão, então dauão aquelas peças de sua võtade, & não lhes fazião mal. E se respõdião que não auião medo & estauão prestes pera se defenderem / dali poz diante os podião combater, & tomar poz treição, & poz todos os ardijs q̃ podesse sem terem nisso culpa. E não tendo mais que fazer na quela ilha, se tornarão a nossa fortaleza.

¶ Capit. lxvij. De como Martim cozrea, & Cachil daroes destruirão bo lugar Dogane, & se tornarão a Ternate.

Endo Antonio de brito quão bem lhe sucedia a guerra, nã quis deixar d'a prosseguir. E pozque ainda ficaua hũ lugar a el rey de Tidore, que tinha na grã de ilha d'Batochina sessenta legoas de Ternate / tornou a mandar Martim cozrea com cozenta Portugueses / & coele foy Cachil daroes / & bo camarao / que fozão pola ilha de Caioa pera se ajuntar com eles bo rey dela / como ajuntou: & dali se fozão todos a ilha de Batochina sobre hũ lugar chamado Gane, q̃ seria de bẽ duzẽtos vezinhos, & as casas todas sobre esteos d'madeira cujas paredes erão de barrotes / & em lugar de tauoado tinhão poz cima hũas esteiras de canas rachadas / & poz debaixo das casas auia algũs assentos pera se agente assentar de dia / & estas casas erão assi feytas / pera que no tempo da guerra se defendessem melhor dos immigos / pozque sobem ás casas per hũas escadas leuadiças de canas / que como são em cima as poẽ ao longo das paredes & ficão muyto seguros: & pera offenderem aos immigos se lhes entrão bo lugar / enrolão as esteiras pera as ilhargas das paredes, & tirão per antre os barrotes aos que andão poz baixo / com paos tostados / & pedras, & frechas, & com bũs arpões d'ferro / aque chamão tãrranas / que trazem atados em muytas braças de cozdel que enrolão no braço dereito pera que lhes fique sempre bo cozdel na mão / & se acertão, puxão

pelo cordel ate chegarẽ ho homẽ a si/ & cortanlhe a cabeça: & estas armas sam muy temerosas & perigosas: & de que se seruẽ muyto quãdo lhe os ĩmigos entrão os lugares/ porq̃ tem tã pouco engenho q̃ lhes não sabẽ cortar os esteos das casas & derribarlhas/ nem ousam de se chegar junto delas cõ medo destes arpões & doutros arremessos: este lugar era cercado de hũa banda de hũa vala muyto alta per onde entraua ho mar, & ho alagaua quãdo era necessario: & por outras partes era cercado desteiros & de vasa/ de modo que estaua muyto forte, & tinha a entrada muyto perigosa. E cõ tudo Martim Correa disse a Cachil daroes que ho cometessem: & forão pera entrar pola bãda da vala/ que não podião as corascoras nadar por outra parte/ mas logo encalbarão sem poderẽ passar auãte cõ estacadas q̃ os mouros ali tinhão feitas, por onde as corascoras que erão grandes não podião caber: o q̃ vendo os mouros se meterão muy de pressa em paraos pequenos/ & se chegarã per antre as estacas ho mais perto que poderã dos nossos, & tirauãlhes muytas frechadas, & arremessos/ & eles dissimulauão por rogo de Cachil daroes pera que se chegassem mais & lhes tirassem com as espingardas: de que os ĩmigos não sabião nada por não terem nunca visto Portugueses. E vẽdo os Martim Correa bẽ chegados desparou a sua espingarda, & ho mesmo fez Cachil daroes/ & outros que as tinhão: com que derribarão mortos muytos dos ĩmigos: & os outros como entenderão ho jogo fugirão/ indo ẽ seu alcançe muytos pelouros de berço, que lhes despararão nas costas/ que matarão & ferirão esses q̃ alcançarão: & despejada a estacada foy logo cortada & arrancada. Etẽdo as corascoras lugar pera ẽtrar se chegarão tam perto das casas que lhes chegauão com os berços, mas como não lhe podiã dali fazer muyto nojo/ saltou Martim Correa em terra com dez Portugueses que yão coele na coracora do çamarao/ que tambẽ desembarcou com os mouros de sua capitania, & porem acharão tanta vasa, & alẽ dela hũ desteiro tão alto que não poderão chegar ao lugar: & foy forçado embarcarense outra vez, porq̃ Cachil daroes não estaua ali/ & ya por outra banda/ & dela mandou chamar Martim Correa/ que se foy parele. E polo achar frio em cometer ho lugar ate os ĩmigos gastarem os arremessos que tinhão/ remeteo a eles cõ esses Portugueses & mouros que leuaua, ás espingardadas, metẽdose pola vasa, em que auia muytos strepes, de que hũ ho ferio em hũ pé/ mas ele não deixou de ir por diante ate chegar a hũa tranqueira que estaua daque la parte que despejou dos ĩmigos ás espingardadas com os outros: & despejada entrarão no lugar, & apos ele Cachil daroes cõ os ẽ sua capitania. E vẽdo os ĩmigos q̃ nã tinhã outro remedio, derão cõsigo encima nas casas leuãdo apos si as escadas/ cuidãdo q̃ se auião de defender como outras vezes/ mas

não lhes derão os Portugueses el se vagar, que logo atando bisalbos de poluora nas pontas das lanças lhos punhão encima dos telhados com murrões acesos, & deles se pegaua ho fogo nos telhados que erão dola seca, em que logo se acendeo muy brauamente & atcandose de hũas casas em outras: acendeo se hum espantoso fogo per toda a cidade, & coela per toda ela se aleuantou hũa grande & dozida grita que dauão as molheres & meninos de que as casas estauão cheas. E querendose liurar do fogo remetião aas portas pera se lançarem a baixo onde vião estar os Portugueses cõ as lãças leuãtadas perà os receberẽ nelas, & cõtudo a se deytauão: & assi mozrerã muytos queymados do fogo, & outros a ferro: & forão catiuas bem dozentas almas, & antrelas ho foy tambẽ ho meſmo senhor do lugar, com toda sua casa. E como teuerão destruydo este lugar de todo, embarcarão se Martim Correa, & Cachil daroes & tornarãose a Ternate, onde Antonio de brito deu a Martim correa a alcaidaria mor da fortaleza, & a capitania mór do mar, porque ficasse coele mays tempo, por ver quanto era pera seruir el rey por seu esforço & valentia.

Capitulo. lxviij. De como el rey de Tidore mandou pedir pazes a Antonio de Brito: & ele lhas não quis dar.

Com a destruyção deste lugar Dogane ficou el rey de Tidore muyto q̃brado da soberba que tiuera contra os Portugueses, & bẽ arrependido de ter guerra coeles, & cobroulhes tamanho medo, q̃ não se tinha por seguro em nenhũa parte: polo que mandou hũ embaixador a Antonio de brito, pedindolhe pazes, offrecendose a pagar a el rey de Portugal toda a perda & dãno que teuesse recebido por sua causa: & lhe daria a artelharia q̃e tomara na fusta: o que Antonio de brito não quis: & respõdeo que ainda não estaua bẽ vingado dele. E dali a algũs dias forão tomados no mar pelos Portugueses duzentos homens vassalos del rey de Tidore, q̃ Antonio de brito mandou matar de muy cruas mortes. O que não somente punha grande temor em el rey de Tidore, mas em outros reys comarcãos daquele arcepelago: & todos se liauão por amizade com Antonio de brito, & antrestes foy ho da ilha chamada Grambo canoza, que mandou a Antonio de brito hũs doze homẽs ẽ hũ paraó, a q̃ naq̃la terra chamão Ourão soãgue q̃ quer dizer homẽ diabo. E isto porq̃ por arte diabolica se fazẽ inuisiueis, & êtrão por õde querẽ & fazẽ muyto mal: & por isso hão aq̃las gẽtes grandissimo medo deles, & se os acolhem logo os matão. E por que estes ourões soangues se fazem inuisiueis os mãdou el rey da Grã bocanoza a Antonio d̃ brito pera q̃ lhe fossem fazer saltos á ilha de Ti-

doze/ & matassem nela muyta gẽte/ do que Antonio de brito fez escarnio/ & eles forão por seys ou sete vezes fazer saltos em Tidoze, onde trouuerão de cada vez muytas cabeças de homens que matauão: do que a gente de Tidoze andaua muyto espantada & atormentada/ & espiarãnos bũa noyte onde deixauão ho seu paraó & tomaranlho & eles ficarão embrenbados pola ilba, & cada noyte fazião fogos aos de Ternate que estauão defrõte que fossem por eles, & por isso forão & achárão onze/ & ho outro nunca mais pareceo/ pelo que Antonio de brito fez disso muyto mais escarnio que dantes, ainda que lhe Cachil Daroes afirmaua que era assi, & que se fazião inuisiueis. E por Antonio de brito dizer que se ele metesse no tronco hum daqĩles que ele nãse sayzia lhentregou Cachil Daroes hum que lheleuarão pera iustiçar. E Antonio de brito ho mandou meter em hum tronco pola cabeça/ dizendo que se se dali saysse que creria fazerse inuisiuel/ & mandou ho goardar muyto bem bũa noyte. E quando foy ao outro dia não ho acharão no tronco/ do que Antonio de brito ficou muyto espantado. E por que el rey de Tidore não dissesse que lhe fazia a guerra com arte diabolica/ não quis que fossem lá mais os Ourões soangues/ & mandaualha fazer continuamente polos Portugueses com o que el rey viuia muy atormẽtado.

Capitolo.lxix. De como el rey de Calicut começou de fazer guerra aa fortaleza dissimuladamẽte.

Assãdose estas cousas em Maluco/ el rey de Calicut que estaua determinado de fazer guerra á fortaleza dos portugueses, & percebiasse pera isso quãto podia, & assi os mouros de todo seu reyno, que ajuntarão quasi duzentos paraós darmada/ de que cozenta auião dir carregados de especiaria a Meca em goarda das oyto naos que disse atras/ & assi outros muytos até os poerem de mar em fora da costa do Malabar. E ho capitão mooz desta armada era hum valente mouro chamado Cutiale de Tanor. E da partida desta armada que foy logo na entrada do verão foy auisado dom João de lima capitão da fortaleza de Calicut/ per hum Portugues arrenegado que andaua cõ os mouros chamado Bastião/ filho de hum ourivez de Lisboa que fora moço da capela del rey dom Manuel, & por ser muyto amigo de dom João (ainda que era mouro) lbescreueo hũa carta da partida desta armada/ & que auia de passar ao longo da fortaleza pera a tomar se esteuesse pera isso: o que logo dom João como isto soube escreueo a dõ Luys que estaua em Cochim/ pedindolbe q̃ mandasse hũa armada

a goardar a costa: o que ele não quis/nem sayo de Cochim se não em Outubro indose dereyto a Goa onde esperaua que ho gouernador fosse ter Dormuz. E vendo dom João de lima como lhe nã acodião de Cochim/segurou a fortaleza do combate que se lhe podia dar por mar/com fazer hum baluarte de madeyra com que a porta da fortaleza ficaua tambem emparada da banda do mar: pera o que mandou pedir carpinteyros ao regedor da cidade, que como sabia a guerra q̃ el rey determinaua de fazer aa fortaleza não queria dar os carpinteyros. E dom João pola pressa que tinha começou ho baluarte com ho condestabre da fortaleza q̃ era muyto ẽgenhoso & insinaua algũs Portugueses a laurar a madeyra. E q̃ visto polo regedor/por dom João não sospeitar algũa cousa da guerra que estaua determinada lhe deu os carpinteyros cõ que ho baluarte foy muy asinha acabado. E não tardou nada que apareceo a frota dos mouros/& hum paraó dela se chegou a terra pera ver se poderião tomar a fortaleza: o que vendo dom João lhe mandou tirar com tres tiros grossos, & hum espedaçou ho paraõ: & os outros arrombarão algũs dos queyão ao mar. E vendo Cutiale quanto dãno recebia sem desembarcar/conheceo o que receberia desembarcando/& por isso passou auante. E dom João se mandou queixar ao regedor de Calicut da vista que esta armada deu aa fortaleza: dizendo que se el rey de Calicut queria guerra que lho declarasse, porque assi ho fazião os cualeyros. Do que ho regedor se lhe foy disculpar: & el rey de Calicut quãdo soube que dom João ho entendia, mandou a hum Mayre que lho fosse matar. E como eles sam muyto obedientes a seu rey, determinou de ho fazer: fingindo que leuaua hum recado del rey a dom João. E indo ho Mayre coeste proposito achou ho assentado na rama da da fortaleza com algũs fidalgos seus parentes/& infiousse tanto que rendo chegar a ele que ho entendeo dom Vasco de lima que bi estaua, & disse a dom João que ho matassem. E ele não quis/mas mandou aos alabardeyros da goarda que lho tomassem. E assi ho fizerão, & queixandose ho Mayre que leuaua hum recado del rey a dom João, que lho deixassem dar, disselhe ele que bem sabia que não leuaua recado/se não que ya pera ho matar, & que ho não mataua como lhe merecia por não quebrar a paz/& mandou ho pera Calicut. E ainda outra vez intẽtou el rey de ho mandar matar por tres Mayres que fingirão leuarlhe outro recado: porẽ como ele ja andaua de sobre auiso entendeo os, & tambem os mandou prẽder por os seus alabardeyros/& disselhes que dissessem a el rey que soubesse certo que ho não auia de poder matar por mais que fizesse: & se queria guerra coele quelha declarasse & que ele se defenderia/& se não fosa por quebrar a paz que ele lhe começara ja de fazer guerra pelo que entendia nele.

Capitolo.lxx. De como os mouros & Nayres de Calicut começarão a guerra cõ cõ João delima capitão da fortaleza.

Em quanto a guerra aſſi andaua bazcolejada, não deixaua dauer conuerſação ãtre os Portugueſes & os da cidade: nem os Nayres da feytoria não deixauão de ſeruir nela/ & cõmũmẽte a gẽte de Calicut deſejaua a paz/ & ſós os mouros a não querião polo grãde odio que tinhão aos Portugueſes, & conſelhauão a el rey de Calicut que fizeſſe a guerra. E eles matarão neſte tempo hum Gonçalo tauares que dom João mandaua com hum recado ao regedor de Calicut/ & aſſi outros dous Portugueſes que yão cocle: ſobre que ho regedor não fez nada/ poſto que ſe dom João mandou queixar dos mouros. E vendo eſſes fidalgos que eſtauão com dom João/ & aſſi ho feytor & alcay de mór & os mais de eſſoutra gente eſte deſauergonhamento: & que auia dous meſes que em Parangale lugar del rey ó Calicut matarão outros mouros doze Portugueſes/ conſelhauão a dom João que fizeſſe guerra a el rey de Calicut pois lha ele fazia: por que mais guerra podia ſer que matarlhe os Portugueſes poucos & poucos, & que em guerra diſcuberta não lhe matara tantos/ que não eſperaſſe mais cauſas pera quebrar a paz, que nã podião ſer mais. E poſto que a dom João lhe não falecia eſforço pera a guerra/ não ouſaua de quebrar a paz ate os inmigos não cometerem a fortaleza/ porque aſſi ho tinha por regimẽto: & por iſſo ſufria todas eſtas couſas. E ſabendo ho regedor & ho Catual da cidade polos Nayres da feytoria o que os fidalgos conſelhauão a dom João/ temendo que quebraſſe a paz polo terem por eſforçado, forão no ver por diſſimular: & a viſta foy na ramada da fortaleza. E quei xandoſelhes dom João das couſas paſſadas/ & eles dandoſuas diſculpas, tirarão dantre a ſua gente certas eſpingardadas: do que eles auendo grande vergonha bradarão com a gente/ dizendo que eles ſabẽrião os que fizerão aquilo/ & os caſtigarião muyto bem: & porque não fizeſſem outra tal mandarão toda a gente pera a cidade/ & eles ficarão ſós com dom João/ a que fizerão muytas moſtras de lhes peſar do paſſado com promeſſa de ho emmẽdarem com caſtigo, que ele creo que ſeria aſſi: mas como tudo era fingido, logo dali a dous ou tres dias tomarão bũs mouros certas molheres da terra Chriſtãas que morauão na cidade, & leuauannas a Coulete. E não querendo elas ir com os mouros por ſerem Chriſtãas bradauão polos Portugueſes q̃ lhes valeſſem. E foy ſobziſto a oniõ tamanha que ho ſoube dom João/ & mandou rogar aos mouros que as não leuaſſem/ pois

erão Christãas. E não querendo eles se não leualas: mandouse queyxar disso ao regedor, & ao Catual qual deles se achasse, mas nenhum se achou, nem nayres da feitoria, pera que defendessem aos Mouros que não leuassem as molheres: o que vendo dom João mandou certos Portugueses a defender estas molheres/ & ouuerão peleja cõ os mouros & as tomarão. Sobre o que se aluoroçou a gente da cidade, assi mouros como Nayres: & como tinhão determinado de fazerem guerra aa fortaleza, na mesma hora se deixou ir correndo pera a fortaleza hum corpo de gente/ que serião trezentos homens os mais deles espingardeyros/ & por serem tão poucos mandoulhes dom João ao encontro hum canaleyro chamado Manuel de faria escriuão da feytoria cõ vinte cinco espingardeyros: mas ainda estes trezentos não chegauão aa fortaleza/ quando todo ho resto da gente da cidade ya junta posta em armas/ & com grandes alaridos se forão correndo aa praya pera darem de supito na porta da fortaleza & tomarẽa. O que receãdo dom João sayo logo fora com algũa gente pera recolher Manuel de faria/ & mandou desparar algũs tiros por alto porque não fizessem mal, porque ainda não queria quebrar a paz. E ho mẽdo destes tiros fizerão deter os immigos, pelo que Manuel de faria se recolheo sem afronta: & dom João fazia grandes protestações perante hum tabalião publico que ele não mandaua tirar aqueles tiros senão por se defender & não por quebrar a paz. E coisto se recolheo aa fortaleza: & recolhido tornarão os immigos a prosseguir pera a fortaleza/ & chegarão ate hũs pardieiros que estauão perto dela. E vendo os dom João ali estar sayo a dar neles com obra de cem homẽs/ dando a dianteira a hum Aluaro da cunha seu sobrinho, que leuaua cincoenta, & dom João com os outros lhe hia nas costas: & dando hũa arremetida aos immigos de que matarão algũs, se tornou a recolher na fortaleza: a que os immigos tirarã todo aquele dia muytas espingardadas & frechadas. E ao dia seguinte esteuerão quedos sem fazer nenhũ reboliço de guerra. E por isto Punacha hũ nayre cunhado del rey de Calicut/ que tinha certa tença cada anno del Rey de Portugal/ porque fauorecesse a os Portugueses de que era grande amigo, teue tempo pera ir falar a dom João/ que ho deixou chegar á porta da fortaleza onde lhe falou. E Punacha lhe disse com o rosto muyto triste/ que não se fiasse del rey de Calicut/ porque sem duuida lhe auia de fazer guerra, & isto lhe dezia pola obrigação que tinha de seruir a el Rey de Portugal. E despediose de dom João chorando/ & assi os nayres que seruião na feytoria que hião coele: & deitandoselhe aos pés lhe pedirão perdão de ho não poderem seruir naquella guerra, que se começou dali por diante: & a dom João não lhe daua nada dela por ser na entrada do verão, em que esperaua que fosse gouernador Portugal que lhe socorreria:

& por isso não mandou recado a dõ Luys de meneses que estaua em Cochim / & como os immigos se lhe mettião antre hũs pardieyros que estauão perto da fortaleza sayo algũas vezes a dar neles em q̃ matou & ferio algũs / & hũa vez pos fogo aa cidade, de que queymou hũ grande lanço de casas: & sobisto teue hũa braua peleja com os imigos de que ficarão muytos mortos & feridos / & dos Portugueses hũ soo foy ferido. O que parecia milagre pozserẽ os Portugueses muy poucos & os immigos muytos em demasia com quanto el rey não estaua na cidade, que se esteuera fozão sem cõtor: & dali por diãte auia muytos rebates dhũa parte & da outra, & sempre nosso senhor seja louuado os Portugueses leuauão o melhor.

¶ Capit. lxxj. De como dõ Vasco da gama conde da Vidigueira & almirante do mar indico partio de Portugal por viso rey da India, & de como chegou lá.

SEndo ho tempo chegado de dom Duarte de meneses que gouernaua a India ser pera Portugal / mãdou ho muyto alto & muyto poderoso rey dom João ho terceyro deste nome de Portugal que então reynaua quem gouernasse a India. E este foy dom Vasco da gama cõde da Vidigueira & almirante do mar indico, a que deu a gouernãça da India com titulo de viso rey / & deulhe hũa armada de quatorze velas. s. sete naos grossas, tres galeões & quatro caruelas. Das naos a fora ele forão capitães dom Anrriq̃ de meneses filho de dom Fernando de meneses a que chamarão ho roxo que ya por capitão Dormuz / & na primeyra subcessam da gouernãça da India per morte do viso rey / Pero mazcarenhas que ya na segũda & leuaua a capitania de Malaca, Lopo vaz de sam Payo que ya na terceyra, & leuaua a capitania dõ Cochim, Francisco de sá que leuaua a capitania que auia dir fazer na ilha de çunda / Francisco de brito que auia de ser capitão das tres naos do trato de Baticalá pera Ormuz / & Antonio da silueira. Dos galeões forão capitães dõ Jorge de meneses filho de dom Rodrigo de meneses de que faley no liuro quinto / dõ Fernando de mõrroi, & Afonso meyria que ya por vedor da fazenda da India. Os capitães dos caruelas forão Lopo lobo / Gaspar malhorquim / Christouão rosado, & Ruy gonçaluez. E fornecida esta armada de muyta & boa gente, armas & mantimentos / partiose ho viso rey coela a noue dabril do anno de mil & quinbentos & vinte quatro, & leuou muyto roim viagem de tormẽtas / com que se perderão da sua cõserua Francisco de brito, Christouão rosado, & Gaspar malhorquim que nunca mais parecerão. E ho galeão em que ya dom Fernando de monrroi se perdo em Melinde, & nas outras velas morreo muyta gente & forão sempre espalhadas, & quem chegaua primeyro a Moçambique partiasse logo pera

a Jndia: & perto da costa dela hũa noite dos seys dias de Setembro a o quarto da alua tremeo ho mar muyto riso, & por hũ espaço: & pola primeyra se cuydou na frota q̃ daua em algũs baixos de penedia ate que cayrão no que era. E dali a poucos dias apareceo hũa nao de mouros que yão Dadem pera a Jndia: & dõ Jorge de meneses a tomou sem outra ajuda q̃si a vista da frota, & os mouros se lhe renderão cõ medo, & ele a leuou ao visorey q̃ logo mãdou meter nela hũ quadrilheiro & hũ escriuão pera verem o que tinha & ou lharem por ela: & achararlhe sessenta mil cruzados em dinheiro & duzẽtos mil em mercadoria. E daqui a algũs dias foy surgir na barra de Chaul, & hi se declarou por visorey que assi ho leuaua por regimento: & aqui esteue tres dias sem sayr ẽ terra, nem consentir que pessoa algũa sayysse, saluo ho licenciado João de soiro do desembargo da casa da soplicação que ya coele por ouuidor geral da Jndia/ & Bastião Luys q̃ leuaua a escreuaninha da matricula de Cochim que ho viso rey mãdou que fossem visitar por ela a fortaleza de Chaul/ & q̃ mãdassem apregoar em seu nome, que tirando os frõteiros & casados todos os outros se embarcassem logo & fossem coele sopena de serem riscados do soldo & mantimento: & mais lhes mandou que dissessem a Cbristouão de sousa q̃ era capitão da fortaleza/ q̃ chegando ali dom Duarte de meneses que era em Ormuz quãdo dela tornasse que ho não consentisse desembarcar/ nem lhe desse mantimento mais que pera quatro dias: o que foy todo feyto. E assi como ho viso rey não quis que ninguem fosse a terra, não quis tampouco que pessoa algũa tirasse nenhũa fazenda da que trazia, no que deu muyta perda a muytos, porq̃ ganbarão muyto em a vender ẽ oli/ nẽ menos quis deixar ficar nenhũ doente de muytos que yão na armada, a que dera muyta parte da saude verense em terra: & eles bem ho requererão/ mas não lhes aproueitou. E daqui partio pera Goa, & porque a uia de desembarcar pera ver a cidade/ & fazer algũas cousas que comprião a seruiço del Rey, & feytas ir se a Cochim, encomendou a goarda da frota a dom Jorge de meneses, que ficou nela. E desembarcado no cays de Goa foy recebido com asolemnidade costumada: & aqui em Goa lhe fizerão queyxume de Francisco pereira pestana, que estaua por capitão da fortaleza/ de muytas injurias que tinha feitas á mayor parte dos cidadãos, & de muytas diuidas que deuia, que não queria pagar. Pelo que ho Viso rey lhe tirou logo a capitania/ & deu a dom Anrique de meneses/ dizendolhe que compria a seruiço del rey seruila/ posto que fosse prouido da Dormuz. E a Francisco pereira mãdou ho prender pera fazer justiça dele: & lhe fazia pagar o que deuia, com nomais outra proua, se não com juramento do credor. E o que vendo Francisco pereira: & que muytos lhe pedião mais do que deuia: mandou leuar a casa do Viso rey onde ele estaua/ esse dinheiro que tinha:

& pediolhe que não desse juramẽto a ninguẽ selhe deuia ou não/se não que mandasse pregoar que quẽ quisesse dinheiro de Francisco pereyra que lho fosse pedir, & que lho mãdaria dar. E com tudo ho viso rey lhe fez pagar muyta parte do q̃ deuia/ porque desua condição era muyto justiçoso: em tanto que sabẽdo que forão na frota duas molheres solteiras as mandou açoutar metidas ambas em hũa cãga. E isto porque forão contra sua defesa, q̃ mandou apregoar em Belem antes que partisse pera a India: que nenhũa molher solteira fosse na armada sopena da çoutes, por euitar muytos peccados que se seguem de as leuarem como eu vi. E não aproueitou rogarem ao viso rey que não fizesse esta justiça, porq̃ estauão dous homẽs pera casar com aquelas molheres, & que não casarião se as açoutassem, & não quis. E tambem por lhe assi parecer bem defẽdeo q̃ não se recolhesse no spirital ô Goa nenhũ dos doentes que yão na frota/ dizendo que el rey seu senhor nã tinha necessidade de ter na India spiritais: por que auendoos se farião os homẽs sempre doentes / & por esta causa morrerão muytos á mingoa/ & outros que não tinhão de que se mãter pedião por amor de Deos: o que ateli não se vira na India, & por isso ho estranhauão todos muyto.

Capit. lxxij. De como ho viso rey chegou a Cochim/ & do que fez.

Nesta vez̃ça que ho viso rey fez em Goa selhe começou hũa doença de que despois morreo/ & antes que fosse em crecimento se partio pera Cochim/ deixando por regimento a dom Anrrique de meneses que todo homem que ficasse em Goa & não fosse cõe tirando os casados & ordenados á fortaleza fosse riscado do soldo & do mantimento. E que de sua partida a dous meses todos os Portugueses que morauão no arrabalde fossem morar á cidade sopena ô morte, & mandou aos despenseiros dos naios de sua armada q̃ a cada dous homẽs não dessem mais por dia q̃ hũ arratel de bizcoito / & mandou aos capitães dos naios dalto bordo que não deixassem meter a cada dous homẽs mais q̃ hũa arca do comprimẽto de hũa espada. E logo ao mar de Goa achou dom Luys de meneses que yа pera Goa esperar seu irmão, & leuou ho consigo pera Cochim/ õde chegou na fim Outubro, & foy recebido cõ grande solẽnidade, & hi lhe entregou ho douto Pero nunez ho officio de vedor da fazenda/ em que auia seys ãnos que seruia/ & polo el rey dom Manuel achar muyto bõ, fiel & diligẽte seruidor não quis mandar outro vedor da fazenda despois que acabou os tres ãnos, que he ho tempo costumado / antes ho deixou estar mais outros tres annos. E porque elq̃lhe requeria licẽça pera se ir por ser seu tempo acabado/ ho deteue cõ muytas cartas de rogo, fauor: & fazendolhe muytas merces/ & assi ho muyto alto & muyto poderoso rey dom João nosso senhor/ que a ambos seruio muyto bem & lhes aproueitou sua fazenda com muyta

prudencia sem lhes encarregar as cõsciencias, nẽ escandalizar as partes, ⁊ donde dantes a pimẽta quebraua em Portugal de trinta ate corenta quintais por cento, por a os mouros darem molhada, ⁊ cõ muyta terra ⁊ area de mestura. Ele vẽdo isto lha não quis tomar / ⁊ mãdou chamar os Christãos de Cranganor que vendião esta pimenta aos mouros, ⁊ com afagos ⁊ dadiuas ⁊ muyto boas obras q̃ lhes fazia fez coeles que não vendessem a pimẽta aos mouros / ⁊ lha trouuessem polo preço de mil ⁊ quinze r̃s como estaua assentado / ⁊ eles lha leuauão limpa ⁊ seca: pelo que dali por diãte em todo seu tempo não quebrou a pimenta em Portugal mais que a sete por cento / que acrecẽtou muyto no ganho da pimenta. E assi seruia elrey em lhe emprestar dinheiro por muytas vezes, assi pera a carrega / como pera outras despesas, ⁊ assi em outras muytas cousas que não pude saber particularmẽte. O q̃ sabendo ho viso rey / lhe fez muyta honrra ⁊ fauor, ⁊ entregou ho officio de vẽdor da fazenda a Afonso mexia que ho leuaua de Portugal.

¶ Capit. lxxiij. De como Geronimo de sousa foy goardar a costa do Malabar.

Desembarcado ho viso rey em Cochim / porque começou dauer bandos antre os muytos Portugueses que auia na cidade, mandou por escusar os males q̃ se deles seguem que ninguem desse mesa: do que se seguio auer fome antre os soldados, assi por lhes ser mal pago seu soldo ⁊ mantimẽto, como por auer na terra poucos mantimẽtos. E por esta causa he muyto necessario darem os capitães ⁊ fidalgos mesas / nẽ se podem os soldados da India soster sem elas. E como a gente andaua indinada cõtra ho viso rey acabou toda de lhe querer mal por tolher as mesas: ⁊ muytos por se liurarem dele se yão pera Choramandel / ⁊ outras partes em q̃ andauão fora do seruiço del rey / ⁊ ate os mouros auião tamanho medo dele que tremião quando ho nomeauão. E tambẽ se yão de Cochim onde auia muyto tempo que morauão. E esperando ho viso rey de ir sobre Calicut ⁊ destruyla pola guerra que el rey tinha cõ os Portugueses: ⁊ em quanto acabaua algũas cousas mandou diante a goardar a costa a Jeronimo de sousa hũ fidalgo de q̃ faley nos liuros atras por capitão mór de hũa armada de nauios de remo em que leuou trezẽtos Portugueses. E chegado Jeronimo de sousa sobre Calicut achou de dẽtro do arrecife corẽta paraós de Malabares / de que era capitão moor hũ mouro que auia nome Cutiale de Capocate / que tolhião os mantimentos que yão por mar aa fortaleza. E auendo Jerimo de sousa vista desta armada foy pelejar coela / ⁊ começou ás bombardadas: cõ que tambem os mouros acodirão logo como homẽs de feyto: ⁊ erão as bõbardadas tãtas de sua parte,

que nunca nenhũ dos naulos da armada de Jeronimo de sousa pode aferrar nhũ dos cõtraitos por mais que nisso trabalharão. E assi esteuerão duas ou tres horas ate q̃ sobreueo a noyte que os apartou: & Jeronimo de sousa se deixou estar no mar com determinação de ao outro dia aferrar com os imigos ou os fazer fugir / & assi lho disse aos outros capitães. E acordados nisto / ao outro dia como amanheceo assi os Portugueses como os mouros tornarão a começar a peleja como ao dia dãtes. Porem os Portugueses assi como tiranão / assi remauão pera se chegarem aos mouros: rompendo por antre aqueles pelouros. E vendo os mouros sua determinação, não ousarão desperar com medo dos Portugueses & forãse retirando pera Coulete cõ as proas neles, mas os Portugueses os apertarão de maneyra que virarão as popas & fugirão quanto podião, & com a pressa de fugirem não poderão tomar Coulete & passarão a Cananor: & os Portugueses que os seguião os acabarão ali de desbaratar com muyto grande dãno de mortos & feridos & paraós arrombados / & os outros forão varar na praya de que a gente fugio pera a cidade / cujos mouros ficarão muyto tristes / por terem persuadido a el rey de Cananor que cercassem a fortaleza: que vendo esta victoria desistio dessa determinação. E Jeronimo d̃ sousa desbaratados os imigos, ãdou goardãdo a costa: visitãdo ás vezes a fortaleza de Calicut / & prouendoa de mãtimẽtos.

Capit. lxxiiij. De duas grandes victorias que dom Jorge telo ouue dos mouros de Calicut.

Como os mouros do rey no de Calicut andassem tão dissolutos como disse atras polo pouco medo que auião aos Portugueses, nã lhes abastaua leuarem a Meca quãta pimenta leuauão / mas ainda essa que lá não podião leuar leuauão a Cambaya / & cada dia passauão cõ muyto grande soberba a vista da ilha de Goa, õde não auia quẽ lhes contrariasse / porque hũ Luys machado filho do doutor Lopo darca que tinha a goarda daquela costa / leuarao bo viso rey a Cochi / & por isso não auia quem cõtrariasse aos mouros: do q̃ dõ Anrrique de menses estaua muyto agastado & o auia por grande injuria. E estando assi foy hi ter hũ mercador ẽ hũa fusta / que lhe dõ Anrrique comprou / & armada dartelharia / & fornecida de gente mãdou nela por capitão a dõ Jorge telo seu sobrinho filho de dõ João telo, que fosse esperar os paraós de Malabares que yão com pimẽta pera Cambaya. E como dõ Jorge era hũ dos esforçados & valẽtes caualeyros que naquele tempo andauão na India, assi cõ tão pouca cousa como era aquela fusta em q̃ ãdaua, começou de fazer sintir aos mouros que andaua ele por aquela paragem: & como ya quantidade de les com que se atreuia perseguiaos ás bombardadas / & a hũs arrombaua ao lume dagoa / a outros desaparelhaua de mastos & dẽxarcias

matando em todos & ferindo muyta gente: & como viraõ a ele facilmẽte se lhe escoaua dantre as mãos pola ligeireza da fusta. E sabẽdo os mouros de Calicut como dom Jorge ali andaua/determinarão de ho tomar: pera o que armarão trinta & oyto paraós que carregarão de pimenta & de gẽte, & por capitão mór hũ mouro chamado China cutiale pera tomar dom Jorge/que a este tempo trazia ja duas fustas & tres bargantins/a cujos capitães não soubeos nomes/& traria nestas cinco velas ate sessẽta homẽs os mais deles espingardeyros. E andando aos ilheos queymados foy China cutiale ter coele com toda sua armada: & porque não pude saber a maneyra que dom Jorge teue em dar a batalha aos mouros ho nã digo senão em soma/que com esforço sobre natural os cometeo, & cõ a ajuda de nosso senhor os desbaratou matando os Portugueses muytos mouros em sete paraós q̃ tomarão carregados de pimẽta & dartelharia/& dous que fizerão dar á costa & os outros fugirão, & dos Portugueses não morreo nenhũ & forão algũs feridos. E recolhendo dom Jorge os sete paraós que tomou se foy coeles a Goa: & deixada ali a presa se tornou ao mar/onde dali a algũs dias topou com hũa nao de mouros de Calicut, em cuia goarda yão noue paraós muyto bem armados dartelharia & fornidos de gente/& dom Jorge peleiou coeles & matou com os seus tantos dos mouros que vararão cõ os paraós em terra/de que dom Jorge tomou tres. E tambem tomou a nao q̃ não se pode saluar/& coela & com os paraós se foy a Goa, onde foy muyto festejado por duas vitorias tamanhas: de que os mouros do Malabar ouuerão tamanho medo q̃ não ousarão de tornar tão asinha ao mar: & assi começarão de temer os Portugueses.

¶ Capit. lxxv. De como crecendo a doença do viso rey encomendou a gouernança a Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim.

Percebẽdose ho viso rey pera ir a Calicut, creceolhe tanto sua doença que lhe tolheo entẽder nos negocios da gouernança: & por isso a encomẽdou a Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim/porque tinha nele confiança que ho faria bem. E tambem porq̃ com a autoridade de sua pessoa & de seu cargo, apacificasse as diceẽsões que se começauão antre dom Luys & dõ Esteuão da gama filho do viso rey que era capitão mór do mar sobre a gouernança da India/por que dizia dom Luys que vindo seu irmão dom Duarte ele auia de gouernar a India & não outrem pois era gouernador: & que nã se auia dir pera Portugal em quanto ho viso rey esteuesse doente, porque se morresse ficaria gouernador como dãtes. E como a gente da India era afeiçoada a dom Luys tomoua por ele bando contra a que fora aquele anno de Portugal que era com dõ

Esteuão, que dizia que não auia de gouernar se não quem ho Uiso rey quisesse/ ⁊ que dom Duarte se auia dir pera Portugal como chegasse Dormuz: ⁊ sobristo auia ajuntamẽtos ⁊ persias/ a que Lopo vaz de sam payo acodia corrẽdo a cidade de dia, ⁊ de noyte: ⁊ impedia não auer brigas.

¶ Capit. lxxvj. De como dom Duarte de meneses/ chegou a Cochim.

Entre tanto que isto passaua na India, ho gouernador dom Duarte de meneses que estaua ẽ Ormuz se partio pera a India, ⁊ sem lhe acontecer cousa que seja de contar foy ter a Chaul, onde Cristouão de sousa polo regimẽto que tinha do Uiso rey não consentio que saysse em terra: ⁊ assi lho mandou dizer: ⁊ em Goa lhe aconteceo ho mesmo com dõ Anrique/ pelo que se foy a Cochim. E sabendo ho viso rey como estaua na barra lhe mandou logo mostrar a prouisam d̃ Uiso rey da India per Lopo vaz d̃ sampayo, ⁊ lhe mãdou por ele hũa carta messiua q̃ lhe leuaua del rey de Portugal: ⁊ assi lhe mandou que em seu nome lhe pedisse entrega da India/ porque por sua doença lha não ya tomar/ nem ele dõ Duarte podia ir a terra darlha/ por el rey de Portugal lhe defender que não desembarcasse por ho auer assi por seu seruiço, ⁊ que do mar dondestaua se poderia prouer do necessario: ⁊ mãdou com Lopo vaz de são paio/ Afonso mexia/ vẽdor da fazenda/ ⁊ ho licẽciado Johão desoiro ouuidor geral da India. E chegados a dom Duarte/ Lopo vaz d̃ sam payo lhe deu a carta messiua del Rey de Portugal que dizia.

Dom Johão per graça de Deos Rey de Portugal, ⁊ dos Algarues/ daquem/ ⁊ dalem mar, em Africa, senhor de Guiné, ⁊ da Conquista, Nauegação, Comercio, d̃ Ethiopia, Arabia, Persia/ ⁊ da India. Fazemos saber a vos dom Duarte demeneses capitão, ⁊ gouernador da nossa cidade de Tangere/ ⁊ nosso capitão mór, ⁊ gouernador nas partes da India: que nos vos screuemos por outra carta/ que auemos por bẽ que vos venhais ẽ bóra pera estes reynos nesta armada. Porem vos mãdamos que tanto que vos esta for apresentada/ entregueis a dita capitania mór, ⁊ gouernança, a dom Uasco da gama conde da Uidigeira, ⁊ Almirante do mar Indico, q̃ enuiamos por nosso Uiso rey a essas partes da India: ⁊ não vsareis mais da dita capitania mór ⁊ gouernança, nem das cousas da justiça/ ⁊ de nossa fazenda, nem doutra algũa de qualquer qualidade ⁊ condição que seja que ao dito carrego toque ⁊ pertença, ⁊ que dãtes vsaueis por virtude do poder, jurdição/ ⁊ alçada que tinheis/ porque auemos por bem ⁊ nosso seruiço/

como por outra carta vos escreuemos, que ho dito viso rey seja logo metido de posse de tudo, & vse logo do poder, jurdição & alçada que leua per nossa carta patẽte, sem mais vos entenderdes em cousa algũa. Porem declaramos que ho tempo q̃ escreuerdes na India ate vos ẽbarcardes possais estar em Cochi ou ẽ Cananor q̃l vos mais aprouuer, & que acerca de vossos criados & pessoas de vossa casa, & dos criados do conde vosso pay que conuosco forão, & dos criados de dom Luys vosso irmão, & de vossos cunhados & pessoas suas: que ho dito conde não entenda coeles em maneyra algũa, nem tenha sobreles nem sobre cada hũ deles mãdo nem jurdição & alçada que tinheis pela carta de vosso poder & alçada: resaluando porem que se vos ou os tais por algũas pessoas assi nossos naturaes como dos mercadores da terra, & quaesquer outros de qualquer estado & condição que sejão, que lá ouuerem de ficar & nã ouuerem de vir nesta armada em que vos aueis de vir fordes requeridos, citados & demandados, assi em casos cíueis como crimes vos possam a vos & a eles demandar perante ho dito cõde & ouuidor que coele ha de ficar, & não perante vos pera se fazer compримento de justiça. E sendo caso q̃ quando ho dito conde chegar á India vos não ache nela por serdes fora dela a prouer algũas cousas de nosso seruiço: neste caso auemos por bem que ele dito conde vse logo inteiramente de todo poder, jurdição & alçada que de nos leua como faria se vos achasse, & vos apresentasse esta carta pera lhentregardes a capitania moor & gouernança, porq̃ assi ho auemos por nosso seruiço, & sendo caso que por impedimento de doença vos dito dom Duarte vos não possais embarcar & vir nesta armada & ficasseis na India: neste caso auemos por bẽ que vos fiqueis, & vos recolbais com todos vossos criados & pessoas de vossa casa & criados dos sobreditos vosso irmão & cunhados que ficarem conuosco em a nossa fortaleza da cidade de Cananor: & que esteis nela ate a vossa partida da India & vseis de todo ho poder, jurdição & alçada q̃ tendes de capitão moor & gouernador da India sobreles, & sobre ho capitão, alcayde moor, feytor & escriuães da feytoria da dita fortaleza. E de todos seus casos cíueis & crimes conhecereis & os julgareis como vos parecer justiça, sem sobre os ditos nem sobre cousa sua que lhe toque que seja dantre partes ho dito conde poder vsar do dito officio de viso rey, nem poder, jurdiçã & alçada que lhe temos dada, porq̃ queremos que tudo fique a vos dõ Duarte ate a vossa partida da India, & mandamos ao capitão, & ao alcayde moor, feytor & escriuães da feytoria & a todas as pessoas que temos ordenadas na dita fortaleza de Cananor que vos obedeção, & cumprão vossos requerimentos & mandados como a nosso capitão moor & gouernador sobre as penas que lhe poserdes, assi nos corpos como nas fazendas: as quaes auemos por bem que deis a execução

naqueles que nelas emcorrerem segundo forma do poder / jurdição ⁊ alçada q̃ vos temos dada, ⁊ he cõteuda na carta do poder d̃la. E assi auemos por bẽ q̃ se entenda ⁊ ho façais no caso q̃ vos fosseis fora da India por nosso seruiço / ⁊ viesseis a ela despois da partida das naos pera estes reynos / desta armada q̃ leua ho dito viso rey pera trazerẽ as especiarias, na qual vos aueis de vir. Resaluando porẽ que ho dito poder ⁊ alçada que vos damos sobre todos os acima declarados se não entenderá em cousa que toq̃ a nossa fazenda ⁊ tratos da India: porque no que a estas cousas tocar não aueis de entẽder / nem vsar da dita alçada / ⁊ poder que vos deixamos nos casos sobreditos / porq̃ isto ha d̃ ficar ao dito viso rey pera neles fazer como vir que he justiça ⁊ nosso seruiço / ⁊ vsar de todo seu poder ⁊ alçada. E da entrega que ao dito visorey fizerdes da dita capitania mór ⁊ gouernança, como por esta vos mandamos cobrareis estormento pubrico, em que se declare as naos ⁊ nauios que lhe entregastes / ⁊ a artelharia ⁊ armas que andã neles, ⁊ assi as fortalezas ⁊ armas ⁊ artelharia ⁊ mantimentos que nelas auia / ⁊ gente que andaua nessas partes, ⁊ declarando a sorte ⁊ qualidade dela, ⁊ todas as outras cousas que aocarrego de capitão mór ⁊ gouernador tocarẽ pera todo podermos ver. E como assi lhe entregardes a dita capitania mór ⁊ gouernança / ⁊ cobrardes ho dito estormento da dita entrega no modo que dieo he / vos auemos por desobrigado de toda a obrigação em que nos sejays pola dita capitania mór ⁊ gouernança: ⁊ vos damos por quite ⁊ liure dagora pera em todolos tempos. E esta carta per nos assinada ⁊ asselada do selo redondo de nossas armas cõ ho dito estormento tereis pera vossa goarda. Dada em a nossa cidade de Euora a .xxv. dias de Feuereiro. Bertolameu fernandez a fez, anno do nacimento de nosso senhor Jesu Chr̃o de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ .xxiiij.

¶ Capit. lxxvij. De como dõ Duarte de meneses entregou a India a Lopo vaz de sam payo em nome do viso rey: ⁊ de como ho viso rey faleceo.

Vista por dom Duarte esta carta / ⁊ assi a outra q̃ llhe el rey escreuia, Lopo vaz de sam payo lhe deu ho recado do Viso rey que não desembarcasse, do que se dom Duarte agastou muyto: ⁊ disse a Lopo vaz que não deuera de ser ho messageiro daquele recado, poys ho conde prior seu pay fora o que ho armara caualeiro: peloque não podia ser contrele / nem contra cousas suas. E lopo vaz se desculpou cõ aquilo não ser cõtrele pois era seruiço del rey de Portugal / cujo vassalo ele era. E sobre a entrega da India teue dõ Duarte muitas duuidas, parecendolhe q̃ por ho viso rey estar tão doẽte poderia morrer / ⁊ ele ficar ia ainda gouernador da India: E acodindo ho ouuidor geral a estas duuidas per via de seu officio

dõ Duarte lhe chamou bacharel. E ho ouuidor respondeo que Bacharel e doutor e canaleyro o auia ele dachar pera o que compryse ao seruiço del rey. Ao que Lopo vaz de sam Payo acodio com ho vedor da fazenda, estranhãdo a dõ Duarte o que fazia. E despois de todas as ouuidas que pos, entregou a India a Lopo vaz de sam Payo e ao vedor da fazenda, em nome do viso rey, e ho vedor da fazenda lhe deu hũ publyco estormento de conhecimento assinado polo viso rey e por testemunhas que dizia.

SAybão quantos este estormento de conhecimento, virem: que no anno do nacimẽto de nosso senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e vinte quatro ãnos, aos quatro dias do mes de Dezembro do dito anno, em a cidade de santa Cruz de Cochim ẽ a fortaleza del Rey nosso senhor: estando hi dom Vasco da gama conde da Vidigueira, almirante do mar indico, e viso rey das Indias: disse que ele recebia de dom Duarte de meneses gouernador que foy nelas antes dele viso rey a gouernãça das ditas Indias do tempo que a elas chegou e as começou de gouernar, segũdo por suas prouisões e patentes lhe era mandado por el Rey nosso senhor que as recebesse e gouernasse. As quaes Indias ele recebeo, e disse ter recebidas, assi e da maneyra que as achou e elas agora estão: e se ouue por obrigado de dar conta delas a sua alteza, e ouue por desobrigado ao dito dom Duarte da obrigação que tinha de dar conta delas. E em testemunho de verdade lhe mandou delo ser feyto este estormento do recebimento delas. Testemunhas qestauão presentes Lopo vaz de sam Payo capitão desta fortaleza, Fernão martiz de sousa, dom Pedro de Castello branco, Afonso meyria vedor da fazenda da India, Pero mazcarenhas: e ho licenciado João de soiro ouuidor geral da India. E eu João nunez escriuão publyco na dita cidade por especial mandado do dito senhor viso rey que esto escreui, e aqui meu final publyco fiz. ¶ Entregue dõ Duarte deste conhecimẽto, tornoule Lopo vaz de sã Payo com os outros pera Cochim, onde se tambem tornou dom Luys de meneses irmão de dom Duarte, e disse rão que pera estar lá com cor de se fazer prestes pera a viagẽ de Portugal, mas que a verdade era pera que se ho viso rey mostresse apossarse da gouernança da India pera dõ Duarte pois ele não podia lá estar. E sendo Lopo vaz de sam Payo certificado disto, polo seruiço de Dos e del Rey que disso se podia seguir se foy a casa de dom Luys cõ ho vedor da fazenda e ho ouuidor geral, e lhe pedio muyto cortesmẽte que se embarcasse logo, porque assi compria a seruiço del Rey. E por que dom Luys não queria, lhe mãdou da parte del Rey de Portugal que se embarcasse, se não que ho faria embarcar: então se embarcou, e coisso cessarão muytos aluoroços que se ordenauão. E porque ho viso rey sabia isto: e vẽdo que crecia seu

mal/ & que desesperação de sua saude & vida/ não quis q̃ per sua morte ouuesse alguã reuolta ate o abrir das sucessões: & por isso pedio a todos os fidalgos & capitães que obedecessem por gouernador a Lopo vaz de sam payo ate q̃ fossem abertas: & eles lho prometerão. Despois disto faleceo ho Viso rey em vespera de natal do anno de mil & quinhentos & vinte quatro: fazẽdo todos os autos de verdadeiro & fiel Christão/ & foy enterrado na See de Cochim.

¶ Capi. lxxviij. De como foy aberta a primeira subcessam: em q̃ se achou dom Anrique de meneses por gouernador.

Logo ao dia seguinte despois de missa ajuntarãse na see de Cochim com Lopo vaz de sam payo, ho vedor da fazenda, ho ouuidor Geral: & assi todos os fidalgos, capitães/ & outra gente honrrada pera se abrir a primeira subcessam: & logo a mostrou ho vedor da fazenda çarrada cõ cinco sinetes: & dezia. Esta prouisam mãdamos que se abra falecendo ho cõde almirante dõ Vasco da gama viso rey da India/ que nosso senhor não mande. E isto era assinado por el rey. E aberta esta prouisam leose em voz alta polo secretario: & dezia ¶ Nos el Rey fazemos saber a todos os nossos capitães das naos & fortalezas da India/ capitães das naos & nauios q̃ vão pera vir com a carrega pera estes reynos, fidalgos/ caualeiros, gẽte darmas, que trazemos nas ditas partes da India: & a todas & a quaesquer outras pessoas & officiaes a q̃ este nosso aluara for mostrado: que nos pola muyta cõfiança q̃ temos de dõ Anrique de meneses fidalgo de nossa casa/ que nas cousas que ho encarregarmos nos sabera muy bem seruir/ & nos dara de si toda boa cõta & recado. Queremos & nos praz que falecendo dom Vasco da gama conde da vidigueira & almirãte do mar Indico nosso viso rey da India, que nosso senhor não mãde: ho dito dõ Anrique suceda & entre na capitania mór & gouernãça da India pera nos nela seruir cõ aquele poder/ jurdição & alçada q̃ tinhamos dado ao dito viso rey. Porẽ volo notificamos assi/ & vos mãdamos a todos em geral, & a cada hũ em espicial/ que vindo ho dito caso ho recebais por vosso capitão mór & gouernador nessas partes/ & lhe obedeçaes, & cumpraes seus reqrimentos & mandados/ assi como ho fazeis ao dito Viso rey, & como sois obrigados & o fazer ao nosso capitão mór & gouernador, & em todo ho deixeis vsar do poder/ jurdição, & alçada, que ao dito Viso rey tinhamos dada por nossa carta: sem duuida nem embargo a elo poerdes/ porque assi he nossa merce: & de ho fazerdes assi bem como de vos esperamos, fareis ho que deueis & sois obrigados/ & volo teremos muyto em seruiço. Feyto em Euora a dez de Feuereyro/ ho secretario ho fez, de mil & quinhẽtos

& vinte quatro. E este alvara era assinado por el Rey dom João de Portugal. E com quanto dõ Anrrique foy auido por gouernador de quantos ali estauão, pola promessa q̃ fizerão ao viso rey, não deixarão dobedecer por gouernador a Lopo vaz de sam Payo ate que dom Anrique viesse de Goa, que logo mandarão chamar, & mandoulhe Lopo vaz de sam Payo hũa gale sotil com duas fustas & dous bargantis em que viesse. E assi foy dom Jorge de meneses capitão do galeão sam Jeronimo. E Lopo vaz de sam Payo ficou fazendo prestes as naos q̃ auião dir pera Portugal que erão cinco, & teue bẽ que fazer em sostier Cochim em paz, porque auia nela passante õ quatro mil homẽs Portugueses em q̃ auia parcialidades pola amizade que auia antre dom Duarte & seu irmão com os filhos do viso rey que bi estauão. E por esta imizade auia tambem outras antre algũs fidalgos & caualeyros q̃ erão de cada hũ destes bãdos: & por que de noyte não fizessem algũ mao recado de pelejas, Lopo vaz de sã Payo nã dormia nenhũa: cozrẽdo a cidade com ho ouuidor geral, & acõpanhado de muytos homẽs armados. E de dia tambem atalhaua a brigas com palauras corteses, de maneyra que nunca em tamanho ajuntamento as ouue: & em quanto forão chamar dom Anrrique de meneses, mandou por capitão mór de hũa armada ãs ilhas de Maldiua a hũ fidalgo chamado Simão sodré, assi a fazer presas, como pera dar goarda ao Cayro que dela vinha: & assi mandou a Ormuz quatro naos carregadas de fazenda del Rey de Portugal pera a feytoria, & fez capitão mór Antonio de miranda dazeuedo de hũa armada que mandou ao cabo de Goardafum pera fazer presas, que assi ho tinha ho viso rey ordenado, & leuou tres galeões & hũa caravela: & dos galeões forão capitães ele, Ruy pereyra, Fernão gomez de lemos. E mandou em hũ navio doytenta toneis a Fernão martinz de sousa q̃ fosse buscar breu a Melinde. E despachado tudo isto ate vinte de Janeyro, partiose tambem dom Duarte pera Portugal com cinco naos: & a nao em que ya dom Luys de meneses desapareceo no caminho, que nunca se mais soube dela, & dom Duarte chegou a Portugal com as quatro & foyse perder em Cezimbra onde a sua deu á costa.

Cap. lxxix. De como dõ Anrriq̃ sabendo que era gouernador, se partio pera Cochim: & do que fez primeyro.

OS capitães q̃ leuauão ho recado a dõ Anrrique de como era gouernador chegados a Goa lho derão, com que ele deu muytas graças a nosso senhor pedindolhe q̃ fosse pera seu seruiço: porem aqueixouse de Lopo vaz de sam Payo, & do vedor da fazenda quãdo soube das velas que tinhão despachadas pa fora auẽdo na Jndia tãta necessidade delas, & da gẽte que leuauão por amor da guerra

de Calicut & doutros reynos. & tã bẽ se queixou delhe não mãdarẽ toda a armada que estaua em Cochim pera se defender de quãtos paraós de mouros andauão pela costa: quãto mais q̃ de caminho quisera darlhe busca/ & q̃lhe pagarão bo mal q̃ tinhão feyto aos Portugueses: & apos estes capitães q̃ yão por dom Anrriq̃ chegou a Goa hũ ẽbaixador de Meliq̃az pera ho viso rey. E este era hũ mouro q̃ auia nome Cidiale, & cõ a gente q̃ bo acompanhaua ya em seys atalayas das ỏ Meliq̃az: & este embaixador mãdaua Meliq̃az pera descobrir se era bo viso rey assi como soaua a fama, porque assi como visse assi faria: mandandose todauia offerecer por seruidor del Rey de Portugal, & deseioso de sua amizade/ & em final disso lhe mãdaua hũ presente de peças darmas, cubertas de caualos & outras cousas ricas. E sabendo Cidiale q̃ bo viso rey era falecido & dõ Anrrique lhe sucedia, deulhe a embaixada que leuaua, & quiselhe dar ho presente, q̃ dom Anrrique não quis tomar/ escusandose q̃ não ya parele. E quãto á embaixada disse q̃ despois responderia: & isto porq̃ bem entendeo a tenção de Meliqueaz q̃ era descobrir terra, & tambẽ porq̃ não queria ter paz coele por ele mesmo a q̃brar em tẽpo de Diogo lopez de siqueyra & deseiaua ỏ bo castigar por isso: & mais porque soube de dous Portugueses q̃ yão com Cidiale q̃ á sua partida de Diu ficauão hi duas naos carregadas de madeira que Meliqueaz mãdaua a Judá pera reformação das galés dos rumes q̃ hi estauão. E nã querẽdo dõ Anrrique declararse cõ Meliqueaz/ senão vsar ỏ manhas como ele vsaua: determinou de nã respõder ao seu ẽbaixador & detelo tãto ate q̃ se enfadasse & se fossesem reposta, & leualo a Cochim. E isto assentou com conselho de Frãcisco de sá, E yoz da silueira, Antonio da silueira & outros fidalgos. E porque as naos da madeira q̃ estauão em Diu pera Judá lá não fossem/ mãdou logo a dous capitães de dous nauios q̃ estauão no porto ỏ Goa q̃ se fossem a Chaul & dissessem a Manuel de macedo q̃ hi estaua q̃ se fosse coeles em ho galeão em q̃ andaua/ & tambem a hũ capitão de hũa caranela/ & q̃ todos q̃tro fossem esperar as duas naos ỏ madeira que yão de Diu pera Judá & as tomassem/ porque não se desse aos rumes tamanha ajuda como aquela era. E logo estes capitães partirão/ & dom Anrrique deu logo a capitania de Goa a Francisco de sá por ser hũ fidalgo ãtigo na India/ & de muyto seruiço & homẽ de grãde confiãça. E tẽdo prestes sua partida pera Cochim/ se partio ẽ duas galés & hũa galeota/ & se não fora Jeronimo de sousa que se foy a Goa pera o acõpanhar cõ algũs paraós q̃ trazia darmada na costa do Malabar ele fora bẽ singelo: porẽ nessas velas q̃ leuaua ya bẽ acõpanhado ỏ fidalgos & de caualeyros/ & assi ya coele Cidiale nas seys atalayas/ mas este o acõpanhou pouco: porq̃ logo ãtes de chegarẽ a Baticalá se foy pa Diu sẽ licẽça de dõ Anrriq̃/ & foy dizer a Meliq̃az taes cousas q̃ ele não quis mais falar em paz.

¶ Capit. lxxx. De como dõ Anrriq̃ de meneses pelejou com hũa armada de Calicut ⁊ tomou dezoyto paraós / ⁊ de como mãdou enforcar Mamele em Cananor.

Fazẽdo dõ Anrriq̃ sua viagẽ hũa manhaã q̃ se Cideale achou menos forã ouuidos na frota muytos tiros de bõbardadas / ⁊ estes tirauão trita parós de mouros Malabares q̃ tinhão cercado dõ Jorge de meneses em hũ galeão em q̃ estaua na barra de Baticalá / ⁊ trabalhauão polo meter no fundo ⁊ ele se defẽdia muyto bẽ: ⁊ como dõ Anrriq̃ ya perto chegou logo: os mouros q̃ ouuerão vista dele como tinhão perdido ho medo aos Portugueses deixarão ho galeão ⁊ fizerãlhe rosto desparãdo sua artelharia ⁊ os Portugueses fizerão ho mesmo. E porq̃ particularmẽte não pude saber como foy esta peleja / não direy mais se não q̃ os mouros forão desbaratados ⁊ perderão dezoyto paraos q̃ os Portugueses tomarão cõ muyta artelharia ⁊ catiuos, a fora outros q̃ forão metidos no fũdo, ⁊ forão mortos muytos mouros ⁊ dos nossos algũs feridos. E prosseguindo daqui dom Anrriq̃ pera Cananor achou Antonio de mirãda q̃ ya pera ho cabo de Goardafum, ⁊ por lhe parecer assi seruiço del Rey de Portugal lhe tirou os capitães q̃ leuaua ⁊ mãdou q̃ ficassem na India saluo ho da carauela, com q̃ mãdou q̃ prosseguisse pera ho cabo de Goardafum ⁊ lá se recolhesse á sua bandeira os q̃tro nauios q̃ tinha mãdados a esperar as duas naos de madeira q̃ auião dir d̃ Diu pa Judá, ⁊ cõ as outras velas se foy a Cananor: onde desembarcado soube do capião da fortaleza como tinha preso Mamele ho mouro q̃ disse no liuro quinto q̃ el rey de Cananor por dissimular entregara preso na fortaleza: ⁊ q̃ sabia certo q̃ el rey ho auia logo dir ver pera lho pedir por muyto dinheiro q̃ lhe os outros mouros de Cananor dauão por isso. E sabendo dom Anrrique a tenção com q̃ ho el rey prendera ⁊ entregara preso na fortaleza, uão quis q̃ viesse a efeyto cousa tão fea: ⁊ que soubessem os mouros q̃ ja aquele tẽpo passara / ⁊ quẽ fizesse o que não deuia q̃ auia de ser muyto bẽ castigado. E pera saber se Mamele merecia de ho ser / pos as culpas q̃ tinha em conselho logo naquele dia q̃ chegou / ⁊ achando q̃ erão muyto grandes na propria hora ho mandou enforcar na mesma fortaleza / porque lho el rey de Cananor não pedisse ⁊ se pusese em duuida se erraua não lho dãdo ou dãdolho. E por não ser atentado com peitas como sabia que auia de ser / ⁊ fez conta que despois apazigoaria el rey com boas palauras.

¶ Capit. lxxxj. De como a requerimẽto del rey d̃ Cananor mãdou o gouernador queymar hũa pouoação de mouros de Calicut por Eytor da silueira.

Quasi q̃ não era ho mouro acabado dẽforcar quãdo chegou hũ messegeiro del rey de Cananor per q̃

mandaua visitar ho gouernador & fazerlhe saber que ao outro dia ho visitaria por sua pessoa. E que ele não fez sabendo que Mamale era enforcado: & ho gouernador por dissimular coele, lhe mandou hũ recado em modo de querer saber como tardaua. Ao que respõdeo que ho não auia de ir ver pois lhe matara aquele mouro, porque não parecesse aos outros que ho consentira. Ao que ho gouernador respondeo / estranhandolhe muyto pesarlhe da morte de hũ mouro tão culpado em deseruiços del Rey de Portugal seu senhor, cujo amigo & seruidor ele dizia q̃ era: ates deuia õ folgar de o ele mandar matar por lhe os outros mouros não rogarem que lho pedisse, & que outras cousas aueria ẽ que ho seruisse se lhe fizera pesar naquela: & assi lhe mãdou fazer outros muytos comprimentos, com que el rey ficou satisfeyto: porẽ teue dali por diãte ho gouernador em muyto grande conta / porque tendo preso hum mouro tão principal como Mamale, & que lhe podera render muyto se ho posera em preço / quis mais atentar ao que deuia ao seruiço del Rey de Portugal seu senhor que a seu proprio proueito. E bem conheceo que não era ho tempo que soya, & assi ho conhecerão os mouros que ficarão muy cortados & abatidos com a morte de Mamale: & virão q̃ lhes era necessario mudarem os costumes que tinhão dantes / porque ho gouernador não auia de sofrer nenhũa cousa mal feyta, & que auia de castigar quem ho merecesse / & mandarão logo esta nouua aos mouros de Calicut / que cõ os de Cochi ficarão assombrados com a morte de Mamale / & teuerão por muy grande feyto ser sua morte daquela maneyra / & não querer ho gouernador quãto podera auer por ele. E entendendo por esta mostra que não era cobiçoso, logo ho teuerão por bõ homem, & que auia õ fazer muyta guerra: & ho mesmo teue el rey de Calicut a quem foy esta nouua. E el rey de Cananor quando vio que não podia restaurar a morte de Mamale, quis aproueitarse dos ofrecimẽtos que lhe ho gouernador fizera, & mandoulhe rogar que lhe mandasse queymar hũa pouoação õ mouros chamada Marauia, que estaua alem de hũ rio que apartaua ho seu reyno do de Calicut. E isto porque estes mouros não querião morar no reyno de Cananor morãdo nele dantes. E ho gouernador por comprazer a el rey & fazer mal aos mouros que erão amigos del rey de Calicut / mãdou a Eytor da silueira a esta empresa com trinta homens que foy em dous bargantins com regimento que queymasse a pouoação sem sayr em terra. E Eytor da silueira foy lá / & lançou em terra certos marinheiros pera queymarem ho lugar / a que tendo posto ho fogo sayrão tantos mouros q̃ os embaraçarão / & punhão os em aperto: em tanto que foy necessario a Eytor da silueira desembarcar com quantos leuaua / posto que contra ho regimẽto do gouernador. E os mouros como erão muytos quiseranse defender & pelejarão com os Portugueses hũ pe-

daço/ & por derradeyro fugirão ficãdo algũs mortos/ & a pouoação foy toda queymada/ & assi vinte dous paraós & zambucos q̃ os mouros tinhão varados. E isto feyto recolheose Eytor da silueira/ & tornouse a Cananor/ cujo rey ficou muyto ledo porlhe ho gouernador mandar fazer o que pedira.

¶ Capit. lxxxij. De como vendo el rey de Calicut quão mall lhe sucedia a guerra cometeo paz a dom João de lima.

GRando a guerra que el rey dõ Calicut fazia a dõ João de lima capitão da fortaleza tinha ele & os q̃ estauão coele muyto grande trabalho/ porque a foza os imigos serem muytos em demasia cozrião cada dia duas vezes a fortaleza pera queymarem a feytoria & almazem que estauão foza dela & assi a casa da polluora/ & de cada vez que vinhão saya dom João a pelejar coeles, & sempre os nossos matauão muytos, noq̃ leuauão muyto grande trabalho, porque sempre estauão armados/ que nẽ de noyte os deixauão os immigos & lhe dauão rebates porque nã dormissem. E quando dom João saya a pelejar sempre ya na diãteira & ao recolher na traseira, porque estes dous lugares não os fiaua doutrem senão de si/ posto que tinha consigo muytos parentes/ de que por seu esforço os podia fiar assi como dom Vasco de lima/ Antonio de sá & Ruy de melo seu irmão & todos ô Santarẽ: Jorge de lima/ Lionel de melo/ Fernão de lima/ Diogo de sá & dõ Miguel de lima que todos erão muy esforçados, & nesta guerra fizerão feyto de muy assinada valẽtia & matarão muytos mouros. E continuandose a guerra sem el rey de Calicut estar na cidade, mandou a ela ho senhor da serra & hũ seu sobrinho/ & ho capitão do campo del rey de Calicut que auia nome Tenichirileo todos tres valentes capitães/ & em q̃ el rey tinha grande confiança, & leuarão muyta & muy luzida gente de peleja todos Nayres de que muytos erão espingardeyros: & coestes creo el rey de Calicut que os nossos auião de ser muyto apertados/ & eles assi lho prometerão/ & como forão em Calicut derão na noyte seguinte vista aa fortaleza dando mostra de sua espingardaria que fizerã tirar/ & dom João em eles acabando mandou tanger as trombetas/ & despois deu mostra da sua, & a pos isso mandou tirar a artelharia/ & ouue muytas gritas dũa parte & da outra. E logo estes tres capitães com a soberba que trazião por amor do numero da gente que os acompanhaua, determinarão de queymar a feytoria/ casa da polluora & almazem. E coesta determinação remeterão hũ dia aa fortaleza com toda sua gente que fazia mostra de quinze mil homẽs, & dom João lhe sayo com obra de cincoenta/ ele cõ vinte cinco por hũa parte & dom Vasco de lima por outra com outros tantos, & derão na diãteira dos imigos/ & começouse a peleja muy grã

de assi despingardadas como de lãçadas & cutiladas. E andãdo a cousa bem trauada & ferida, hũ dos capitães dos imigos que era hoso brinho do senhor da serra, remeteo a Antonio de sá, & ele lhe arremessou hũa lança com que ho passou & deu coele morto. E Jorge de lima estãdo cercado de muytos imimigos/ & muy mal tratado de hũa pedrada q̃ lhe derão, acodiolhe dom Vasco de lima & liurou ho com morte de muytos. E tudo isto foy em hũa comũção: & com a morte deste capitão sobrinho do señor da serra q̃ era muy esforçado/ desmayarão os imigos de modo que fugirão. E dõ João se recolheo cõ os nossos deixãdo muytos mortos dos imigos/ & dos nossos forão algũs feridos/ principalmente Jorge de lima q̃ ho foy muyto: porque tambẽ ele ferio & matou muytos. E vendo el rey de Calicut quão mal lhe esta guerra sucedia, & tendo por certo q̃ dõ Anrrique era gouernador & os paraos que desbaratara indo de Goa pera Cochim, pesoulhe de a ter começada: & desejãdo a paz que tinha dantes mandou pedir tregoas a dom João ate q̃ ele mãdasse recado ao gouernador como queria paz. E estas tregoas mãdou pedir por Punacha seu cunhado/ & por Carnã ho regedor de Calicut, & polo seu Catual: q̃ falarão todos tres com dõ João, q̃ lhe respõdeo que era contẽte das tregoas: & aceitaria a paz em nome do gouernador ate a ele cõfirmar, & q̃ auia de ser cõ condição q̃ lhe fosse entregue Patemarcar hũ mouro principal de Cochi: q̃ despois desta guerra se leuãtara cõtra os nossos sendo vassalo del rey de Cochim/ & lhe fazia guerra por amor del rey de Calicut cõ certas fustas q̃ trazia por mar: & assi lhe ẽtregaria toda a artelharia q̃ foza nossa, & assi a sua, & todos os paraos q̃ auia no reyno dõ Calicut, & assi pagaria todos os dãnos & perdas que el rey de Portugal & seus vassalos tinhão recebidos por causa daqla guerra. E os tres disserão q̃ el rey faria tudo aquilo q̃ o gouernador mãdasse: & em seu nome passarão hũ assinado & ficou a tregoa assetada ate ir recado ao gouernador & ele mãdar o q̃ queria/ & assi cessou a guerra.

¶ Capit. lxxxiij. De como o gouernador foy ter a Calicut/ & soube a paz que el rey queria: & do que respondeo.

ESTando ho gouernador em Cananor soube como no rio de Mãgaloz, auãte de Cananor indo pera Goa estauão cento & tãtos paraos de Malabares dõ guerra q̃ tornauã de Cãbaya onde forão carregados de pimẽta/ & trazią arroz & outros mãtimẽtos, & q̃ esperauão q̃ ho gouernador partisse pera irẽ apos ele. E poz ho gouernador não poder então ir pelejar coeles, pozq̃ selhe não fossem mandou q̃ lhes fosse çarrar a boca do rio a Fernão gomez de lemos q̃ foy em hũ galeão & leuou debaixo de sua capitania duas galeotas/ & foy capitão de hũs Antonio da silua & leuaria cinco ẽtre Portugueses. Isto feyto partiose ho go

uernador/deixando por capitão da fortaleza Eytor da silueira ⁊ leuou consigo dõ Simão de meneses cuja a capitania era. E isto por lho o mesmo dõ Simão requerer/parecẽdo lhe que andando cõ ho gouernador seria capitão mór do mar, ou ao menos leuaria ho seu ordenado. Do q̃ ho gouernador ho desenganou logo, dizẽdo que lho não auia de dar: ⁊ cõ tudo não quis se não ir. E partido o gouernador de Cananor foy ter hũa noyte a Calicut, onde dom João de lima ho foy ver ao mar ⁊ lhe disse as pazes q̃ el rey queria fazer ⁊ com q̃ condições. E q̃ se esteuesse ali ao outro dia ho regedor lhe leuaria ho mesmo recado del rey. E como ho gouernador sabia as mẽtiras del rey ⁊ dos mouros: ⁊ q̃ tudo oq̃ cometião era pera estoruarem q̃ naquele pedaço de verão lhes não fizesse guerra, ⁊ que no inuerno seguinte se fortalecerião mais/disse a dom João q̃ dissesse ao regedor que ele ya de pressa pera tornar logo pela costa a fazer guerra a fogo ⁊ a sangue, que se el rey de Calicut queria paz auia de ser com enmẽda do mal q̃ tinha feyto ⁊ obra do q̃ prometia, que teuesse prestes todo o que auia de dar ⁊ tendo ho falarião na paz/porq̃ se não ouuesse de comprir como fizera muytas vezes q̃ elle não auia de perder ho tempo de fazer a guerra. E porq̃ ho regedor ho não achasse ali ao outro dia ⁊ ho deteuesse com palauras/partiose logo acabando de falar com dom João, que ao outro dia deu esta reposta ao regedor, que a mandou a el rey que se agastou coela por ver qnanto ho gouernador era de concrusam, ⁊ ele não esperaua de tomar nenhũa por amor dos mouros que ho estoruauão, nem queria mais que antretelo que lhe não fizesse guerra aq̃le pedaço de verão: porque no inuerno seguinte esperaua de tomar a fortaleza com quantos estauão dentro. E pera mais dissimular cõ ho gouernador lhe escreueo como foy em Cochi, dizendo que tudo tinha prestes pera comprir coele, pedindolhe que se fosse logo a Calicut q̃ hi acharia tudo o que lhe auia de dar entregue a dom João de lima, ⁊ assi ho fizera el rey, mas os mouros como digo ho estoruauão por lhes pesar muyto da paz: porque sabião que se a fizesse que não auião mais de morar em Calicut.

¶ Capit. lxxxiiij. De como ho gouernadoe deu em Panane/⁊ da destruyção que fez.

Partido ho gouernador de Calicut foy ter a Cochim, onde foy recebido com toda a solẽnidade ⁊ cerimonias, ⁊ ẽtregue da gouernãça da India. E como leuaua muyto cuydado de tornar logo pola costa de Calicut a fazerlhe a mais braua guerra que podesse/não se quis deter em Cochi mais de dezaseys dias. E deixando outras muytas cousas que auia que fazer acodio a esta da guerra q̃ ele auia por mais principal ⁊ importante que todas pera restaurar ho credito q̃ os Portugueses tinhão perdido na India. E fazendose prestes lhe foy dada a carta del rey de Calicut sobre as pazes, offerecẽdose muy largamẽte

a compzir logo as cõdições com q̃ as pedia. Em tãto q̃ logo vali a tres ou quatro dias ho regedor da vila de Panane lhe mãdou dizer ao gouernador que podia mãdar receber certos paraós q̃ estauão naq̃le rio q̃ el rey de Calicut lhe mãdaua entregar. E porq̃ ainda ho gouernador tinha nisto duuida por saber quão incõstãtes eles erão nã quis mãdar receber os paraós senã por sua pessoa/pera q̃ se fosse mẽtira começar logo a guerra. E partio de Cochim apercebido cõ hũa frota de.lvj. velas.s.duas galés, quatro nauios de gauea, cinco barcaças, dezanoue catures do Arel de Porquá/e vinte seys paraós/fustas e bargantis da armada da ordenãça da India. E os capitães desta armada forão João d melo da silua q̃ foza capitão de Coulão, e por ter acabado seu tẽpo se quisera ir pera Portugal/e pozo gouernador sentir e conhecer dele q̃ por seu esforço, bõdade e descrição era pessoa de muyta cõfiãça, e pera se lhe encomẽdar ho seruiço del rey senhor e ter necessidade dos homẽs daq̃la qualidade pera isso lhe rogou q̃ ficasse na India, e deulhe hũas das galés q̃ digo em que andasse e ya na sua galé. Os outros capitães forã Pero mazcarenhas, dõ Simão de meneses, Ruy vaz pereyra/dõ Jorge de nozonha/Gero nimo de sousa, Antoni pessoa, dom Afonso de meneses, Rodrigo aranha/Alures da cunha, dõ Jorge telo, Jorge cabral/Antonio da siluei ra/Gomez de souto mayor, Frãcisco de vasco cõcelos/Pero velho. dom Jorge de meneses, Antonio dazeuedo/Ayres cabral/Diogo da siluei ra/Runo fernãdez freyre e outros a q̃ nã soube os nomes. E ao outro dia q̃ forão vinte cinco de Feuereyro de mil e quinhẽtos e.xxv. surgio na boca de Panane q̃ he da largura e altura q̃ disse atras no liuro segundo. E surto ho gouernador mãdou recado ao regedor de Panane pera lhe entregar os paraós q̃ lhe escrera. E ho regedor lhe respõdeo com delõgas: o q̃ vẽdo ho gouernador/ porq̃ lhe começaua d falecer a agoa, mãdou fazer agoada dẽtro no rio, porq̃ não auia outra parte õde se fizesse. E como a gẽte do lugar prinçipalmẽte os mouros/sabião q̃ el rey não queria paz cõ ho gouernador/ quãdo virão os Portugueses entrar no rio a fazer agoada, começarão de lhe tirar ás bõbardadas de hũa estãcia q̃ tinhão feyta ja cõ proposito de terẽ guerra cõ o gouernador/e defẽderlhe a desembarcação se quisesse desembarcar. Quãdo ho gernador vio ho grãde desauergonhamẽto dos mouros/determinou delhe tomar as bõbardas q̃ tinhão na estãcia e destruylos. E chamados os capitães e pessoas prçipaes da frota lho disse/e todos disserão q̃ era muyto bẽ/e porq̃a gẽte não recebesse dãno no desembarcãdo diãte da estãcia, assẽtouse q̃ fosse a desembarcação em hũa põta q̃ se fazia antre ho mar e ho rio/q̃ ficaua a esta põta da bãda do norte, e ho mar da bãda do sul: e isto porq̃ estaua abaixo da estancia/e q̃ ho gouernador e Pero mazcarenhas cõ cada hũ seu escoadrão d duzẽtos homẽs sayssẽ de dẽtro desta põta no rio/e dom

Simão cõ outro escoadrão de trezẽ tos em q̃ entrauão muytos espigardeyros desembarcasse na costa & costas da estãcia despois q̃ o gouernador desembarcasse. E isto como digo por lhe a artelharia dos imigos nã fazer dãno. Isto assẽtado no mesmo dia q̃ forão vinte seys dias de Feuereyro se ẽbarcou o gouernador & os outros capitães nos bateys & nauios sotis em q̃ auião de desẽbarcar. E o gouernador & Pero mazcarenhas desẽbarcarão primeyro cõ sua gẽte õde lhes era assinado acõpanhados de muytos fidalgos. E dado final a dõ Simão como ho gouernador era desẽbarcado / desembarcou logo na costa cõ sua gẽte dũ golpe, a q̃ logo acodirã algũs mouros & Mayres, & nã digo q̃ntos por nã poder saber ho numero dos q̃ auia no lugar: mas bẽ certo he q̃ serão mais q̃tro vezes q̃ os Portugueses. E estes q̃ sayrão a receber dõ Simão fizerão mostra de defender sua estãcia / pelejãdo valẽtemẽte cõ suas lãças & frechas & espingardas / mas afroxarão logo como lhe os nossos espigardeyros matarão algũs / & acolheranse á sua estancia õde fizerão rosto a dõ Simão q̃ cõ os seus cometeo a estãcia cõ tamanho impeto q̃ os imigos ho nã poderão sofrer, & mais por lhe matarẽ & serirẽ muytos / & desbaratãdose fugirão pa ho sertão / & a estãcia foy entrada por dõ Simão. E nisto chegou o gouernador cõ Pero mazcarenhas, & refozmãdo ho escoadrã de dõ Simão cõ gẽte d refresco / ho mãdou passar da banda do rio / & a Pero mazcarenhas da bãda da costa õde dõ Simão desẽbarcara, porq̃ a ãbas estas prayas chegaua o lugar & se estẽdia dali pera ho sertão & ho gouernador ficou no meyo pera assi ẽtrar bo lugar & ho queymar, & nã quis q̃ os Portugueses ho roubassẽ por sen̄ão deter / & mãdouho roubar por esses Mayres q̃ yão diãte, & ele cõ sua gẽte queymãdo casas & cortãdo palmeiras. E forão feridos algũs Portugueses q̃ se desmãdarã, & hũ destes foy Jorge de lima q̃ pelejou aq̃le dia cõ muito esforço. E destruydo bo lugar & recolhida a artelbaria á estãcia, recolheose ho gouernador á frota.

¶ Capit. lxxxv. De como o gouernador mandou queymar Calicut por dom João de lima / & do que lhe aconteceo.

DAqui se foy ho gouernador a Calicut / õde soube de dõ João de lima q̃ os regedores não cõprirão o q̃ lhes el rey mãdara prometer a Cochi, de lhe ter os paraos & artelharia prestes. E vẽdo q̃ tudo erão palauras / determinou de lhe mostrar as obras cõ lhe q̃ymar algũa parte da cidade / porq̃ soubesse q̃ nã estimaua a sua guerra. E dãdo cõta disso aos capitães / assentouse q̃ ele cõ a bãdeira real & corpo da gẽte ficasse na praya, & dõ João de lima cõ a gẽte q̃ tinha posesse bo fogo á cidade daq̃la bãda & nã entrasse dẽtro / & bo fogo bẽ ateado se recolhesse. E assi se fez ao outro dia & algũs fidalgos de dõ João q̃ yão cõ bo gouernador forão coele / & ẽ começãdo a põer bo fogo lhe sayo bo regedor cõ muytos Mayres / de q̃ algũs erã

espingardeyros. E dom João como era esforçado remeteo a eles & não podendo eles sofrer ho grande impeto dos nossos se retirarão pa detro da cidad fazêdo voltas a eles. E como nelas os Portugueses matassem algũs, gostou dõ João disso tanto que não lhe lembrando ho regimẽto do gouernador que não entrasse na cidade, se meteo por ela tã to que quando se quis recolher foy cõ grãde afronta & perigo: porq̃ os imigos como forão dentro na cidade se espalharão metẽdose por trauessas & paredes quebradas, por onde os Portugueses auião de tornar/ & tornãdose os frechauão dali & lhes tirauão muytas espingardadas. E nisto chegará a hũa mezquita/ onde os esperauão bẽ mil Mayres os mais deles espingardeyros: & dõ Vasco de lima q̃ ya na diãteira chegou primeyro a ela, & em sua cõpanhia Antonio de sa de Santarem/ Antonio dazeuedo & Manuel de macedo. E em chegãdo começarão os imigos de tirar de dentro cõ as espingardas/ & hũ acertou a dõ Vasco de lima ẽ hũa coxa, & ferirao se não foza hũa fralda de malha dobrada que leuaua: mas atormẽtou ho, & assi atormẽtado era tão esforçado q̃ remeteo ao Mayre & matou ho atrauessando ho cõ alãça, & logo estoutros q̃ digo remeterão tambẽ aos imigos. E nisto chegou dõ João/ & disse q̃ não se deteuesse mais/ & foy por diãte: & os imigos yão apos eles tirãdolhes ho mais que podião/ & os de dõ João tambem lhes tirauão de quando em quãdo/ & assi forão ate a praya õdestaua ho gouernador, que ouue grãde menẽcoria de dõ João passar seu regimẽto & entrar na cidade: cõ quanto lhe ele & outros muytos jurarão q̃ não podera fazer menos/ & que lhe não matarão nenhũ dos q̃ leuaua, ãtes matara muytos immigos & fizera grande dãno em queimar muytas casas: & assi foy. E este foy hũ feyto honrrado/ & de q̃ el rey de Calicut ficou muyto cozrido por não se poder vingar. E cõ tudo ho gouernador nã perdeo a menẽcoria q̃ tinha/ dizẽdo que assi como dõ João escapara assi se podera perder cõ quantos leuaua/ & que não quisera fazer o q̃ lhe mãdara: & sem mais esperar se foy logo embarcar.

¶ Capit. lxxxvi. De como o gouernador chegou a Coulete.

Embarcado ho gouernador cõ determinaçã de prosseguir a guerra contra el rey de Calicut/ determinou deir a hum lugar muyto grãde de seu reyno chamado Coulete, & ho principal porto dele, & õde auia mais gente, mais paraós & mais naos q̃ em outro nenhũ. E pera ser melhor enformado do sitio do lugar & dos nauios q̃ hi estauão mandou a João de melo da silua que ho fosse saber & forão coele doze Catures do arel de Porquá/ & cinco ou seys outros dos Portugueses. E coesta companhia se foy João de melo a Coulete/ ẽ cujo porto se faz hũa baya de prayas darea, & das põtas da baya ao lugar q̃ está metido por hũ rio ha hũ pedaço: & ẽ

hũa parte da baya da banda do sul estauão tres trãqueyras, hũa na põta da baya outra mais acima / ode desembarcauão & outra no meyo fornecidas de muyta artelharia / & no porto estauão cozẽta grandes paraos muyto bẽ armados & esquipados / & neles & em terra auería bem vinte mil mouros & Mayres de peleja, & antreles muytos espingardeyros / & estauão assi fortes pera resistirem ao gouernador se quisesse pelejar coeles. E sabẽdo ho gouernador desta força q̃ aqui estaua / determinou de a destruyr, & mãdou diãte João de melo pera ver o sitio do lugar & partio apos ele sa noyte, & João ỹ melo chegou á baya de Coulete pola manhaã, dõde logo sayrão os cozenta paraos q̃ vigo / & como ele os vio tãtos, & tambẽ armados & cõ tanta gente / & leuaua muyto poucos Portugueses: não os quis cometer por lhe parecer voudice / & põdo neles as proas dos seus Catures, & tirãdolhe muytas bõbardadas se foy fazẽdo pera ho mar cõ ceavoga, cõtentão de os afastar da terra. E como visse algũs nauios da armada do gouernador cometelos de verdade / & a armada do gouernador não parecia ainda porq̃ se fizera de noyte na volta do mar cõ ho terrenho. E os imigos q̃ a não vião / nẽ cuydauão q̃ erão mais q̃ os Catures os seguião, tirãdolhes tãbẽ cõ sua artelharia / senão q̃ndo aparece a galẽ em q̃ ho gouernador ya, & coela outros nauios que yão de mãdar a terra. E q̃ vẽdo os imigos nã quiserã mais seguir os catures & voltarão pera terra. E chegu dos á baya poserãse em ala antre as estancias, cõ as popas ẽ terra & as proas no mar & apelidarão logo a terra / & toda a gẽte de peleja q̃ era a q̃ disse acodio ás estãcias / & assi os de terra como os do mar se poserão em som de pelejar, fazẽdo grande estrõdo cõ seus atabales & outros instrumẽtos de guerra & cõ suas gritas / q̃ tudo ho gouernador ouuia.

¶ Capit. lxxxvij. De como o gouernador assẽtou cõ os capitães da frota de pelejar em Coulete.

Ẽdo ele sua determinação surgio defrõte deles pera esperar a outra frota / q̃ quando chegou era tão tarde q̃ mandou q̃ surgisse por não ser tẽpo pera fazer nada. E surtos os capitães, os mãdou chamar cõ todos os fidalgos & pessoas principais da frota: & jũtos lhes pregũtou a cada hũ a maneyra de q̃ deuia de cometer os imigos, & hũs disserão q̃ deuia de cometer somẽte os q̃ estauão no mar com q̃ podia pelejar sem desembarcar: porq̃ pera sair em terra tinha pouca gẽte, & a dos imigos era muyta endemasia / & posto q̃ matasse algũa ho recolhimẽro auia de ser cõ muyto perigo / & no mar pelejarião mais a seu saluo / porq̃ não auia de pelejar mais que com os do mar / porq̃os da terra não tinhão lugar pera quelhes ajudassem por não caberem coeles nos paraós: outros disserão que deuia de pelejar em terra / porque pelejando no mar somente todos os da terra auião

dajudar aos dos paraós, & os dos paraós nã auião dajudar os da terra posto que desembarcasse / por que auião de cuydar que deixaua gẽte na frota/ de q̃ se auião de temer q̃ lhes queymasse os paraós/ & por isso os não auião de desemparar / nẽ auião dajudar aos da terra: polo q̃ deuia de pelejar nela. E vẽcidos os da terra auería pouco q̃ fazer nos do mar/ outros disserão, que se deuia de deixar aquela empreſa pera quãdo ho gouernador tornasse dos ríos de Bracelor & de Bangalor a que ya tomar os paraós que lá estauão, & despois de tomados ajuntaria a sua armada dous galeões & hũ nauio & tres galeotas & hũ bargãtim: com que estauão em sua goarda Fernão gomez de lemos & Gomez martinz de lemos seu irmão / em q̃ andauão mais de cento & cincoenta homẽs, que fazião muyta mingoa pera os ajudarem naquela peleja, & Pero mazcarenhas foy hũ destes: dizendo mais que não se auião de cometer cousas em que parecia que se atẽtaua nosso senhor. E como ho gouernador não fosse de nenhũ destes pareceres, disselhes. Bem vejo senhores q̃ vossos pareceres neste feyto sam de tão esforçados caualeyros & tão esperemẽtados na guerra como todos sois, & se neles foreis conformes que não tinha eu mais q̃ dizer se não seguirvos, mas como soys diuersos & cada hũ dizo q̃ entẽde/ fica me lugar pera tambẽ dizer o que entendo / q̃ he não fazermos de todo em todo fundamẽto de pelejar no mar com os immigos/ por q̃ tenho sabido por algũas pessoas que ho lugar ôde estão seus paraos he aparcelado/ & os podem ter encalhados na vasa/ & nã poderemos hẽ chegar a eles com os nossos bateys & catures por amor do parcel: pelo que os nã poderemos aferrar/ & farnos hão muyto nojo cõ a artelharia & nosso cometimẽto por mar sera de balde, & por isso os não deuemos de cometer no mar somente/ nẽ menos de todo em todo em terra desembarcando naquela praya darea que vedes, q̃ parece ser lugar de boa desembarcação, porq̃ se os paraós dos imigos estiuerem em nado & nã for parcel como me dizẽ/ irse hão como nos virẽ desembarcados: o que eu muyto receo pelo medo que adiuinho que nos tẽ: ou sey certo que he assi/ que se ho não ouuerão, eles acabarão de seguir a João de melo quãdo lhe sayzão vindo ver a disposição desta baya, & em me vendo se tornarão a recolher, o que não fizerão senão ouuerão medo, porque a tantos mouros & tão cheos de soberba como estes andão & que nos tinhão dãtes em tão pouca conta / pouca gente era a com q̃ lhes podia resistir quãdo me virão, & se recolherão se não foza ho medo. & por isso receo eu q̃ vẽdonos em terra se vão se esteuerẽ em nado, & indo se farão algũ dãno na frota/ em que pola pouca gente que tenho não posso deixar se não muy pouco. E por esta causa me parece que os não deuemos ô cometer somẽte por terra, se não por terra & por mar juntamẽte. E isto logo & não quando tornarmos dos ríos & esperar que se ajũte conosco a gente que lá está, que he

tão pouca que muyto mais nos pode danar esperar por sua ajuda que pelejar agora sem ela: porque agora temos aqui os imigos / que como digo he certo que nos hão medo / & sem ousarem de pelejar nos hão de fugir, & vendo nos ir sem os cometer crerão que he por lhe auermos medo, & sem nos vencerem ficarão com a vitoria que dirão de palaura q̃ ouuerão de nos. E como aq̃les a que ho hão de dizer sam nossos imigos hãolhe de dar credito, porque he em nosso perjuyzo: & sem ser vẽcidos por obra ho seremos por fama. E vede que tais ficaremos dizendo estes mouros q̃ ho gouernador da India não ousou de pelejar coeles, que dara ousadia a todos os de Calicut pera nos irẽ buscar a Cochi, & se leuantarem contra nos todos os que tem paz cõnosco: & por isso ey por escusado deixar a peleja pa quãdo tornar, se não como digo logo ẽ amanhecendo com ajuda de nosso senhor / em que todos deuemos de ter confiança que por sua sacratissima paixão nos ajudara como sempre ajudou / & dom Simão com trezentos homẽs cometera a praya q̃ digo, em que desembarcara: & Pero mazcarenhas & eu cõ ho resto da gente cometeremos os paraós dos imigos. E deste parecer foy João de melo da silua, & disse ao gouernador que por nenhũa cousa ho deuia de deixar de seguir: & que assi lho requeria da parte del Rey seu senhor, porq̃ a mór parte dos outros erão contra ele. E como ho gouernador tinha muyta confiança na prudẽcia & esforço de João de melo / insistio em seu parecer tẽdo bo de sua parte. E todos assentarão que assi se fizesse, posto que lhes não pareceo bem.

¶ Capit. lxxxviij. De como ho gouernador desbaratou os mouros que estauão em Coulete.

ISto assi determinado mãdou ho gouernador chegar as galés a terra ho mais q̃ pode, ser pera tambẽ ajudarem com sua artelharia. E ate a madrugada gastarão os Portugueses em se confessar & encomẽdar a nosso senhor, & aparelhar suas armas: & despois começarão de foliar & cantar & fazer grandes alegrias / porq̃ quebrassem os coraçõnes aos immigos, que toda a noyte derão muytas gritas & tangerão seus instormentos, parecendolhes q̃ coisso fazião medo aos Portugueses, & desparãdo tambẽ suas bõbardas. E em amanhecendo aparecerão os seus paraós toldados & embandeirados, & da outra parte os Portugueses embarcados ẽ seus bateys, paraós, carures & bargantis armados de suas armas. Dom Simão & Pero mazcarenhas defronte dõde auião de cometer, & ho gouernador no meyo cõ a bandeira real: & ẽcomẽdando os a Deos arrancarão hũs & outros pera os lugares que lhes erão assinados que cometessem: ho gouernador & Peromazcarenhas contra os paraós dos immigos que estauão da ponta da baya pera dentro, & dom Simão pera a praya / onde auia de desem-

barcar/remãdo todos cõ a mayor pressa que podião, por escaparem das bombardadas dos imigos, que erão tantas que parecia que chouião, assi dos paraos como das estancias, porem a mayor furia dos pelouros era sobre os que acompanhauão ho gouernador, porquelhes tirauão duas das estãcias & os paraós jũtamẽte. E sẽdo os pelouros tãtos como digo, muytos dos capitães do escoadrão do gouernador & do de Pero Mazcarenhas lhes auião medo & se passauão ao de dõ Simão por lá não ser ho perigo tamanho. Ao que ho gouernador atalhou ho melhor q̃ pode: remetẽdo aos paraós dos mouros, bradando aos Portugueses q̃ não se desmandassem. E nisto algũs dos q̃ yão auiados pera chegar aos paraós chegarão a eles, & o primeyro que aferrou logo hũ dos paraos foy hũ Rodrigo aranha capitão de hũ bem pequeno catur em que irião ate oyto Portugueses/& os mouros que serião bẽ sessenta acodirão logo a bordo pera lhes defenderem a entrada: & com quãto erão tãtos/ & pelejauão valentemente não poderão defender a Rodrigo aranha, q̃ os não entrasse primeyro que nenhũ de seus companheiros que entrarão apos ele, & meteranse com os mouros ás cutiladas & espingardadas: & nisto aferrarão com outros paraós, dom Jorge de noronha, Geronimo de sousa/Antonio pessoa/dom Afonso de meneses/filho do conde dom Pedro, dom Tristão de noronha/& todos em aferrando entrarão dentro cõ sua gente pelejando todos com muyto esforço como muyto especiais caualeyros que erão. Neste tẽpo com a grande reuolta q̃ ya/& cõ os capitães q̃ se passarão do escoadrão do gouernador pera ho de dõ Simão ficarão tão longe hũ do outro que lhe não podia ho gouernador dizer que desembarcasse, porq̃ lhe tinha mandado que ho não fizesse ate lho não dizer, & despois q̃ desembarcasse fosse ao lõgo da praya ate os paraos pera ho ajudar por terra aos desbaratar/& dõ Simão não desembarcaua por esta causa & estaua esperãdo. E q̃ vendo ho gouernador, determinou delho mandar dizer por terra, porq̃ por mar não podia ser pola grãde reuolta q̃ ya/pera o que mãdou saltar em terra dous ou tres homẽs, que derão recado a dõ Simão que desembarcasse. E ele desembarcou logo/& em desembarcãdo forão tãtos os mouros dos da terra q̃ acodirão sobrele que por mais esforçadamente q̃ peleiou com os q̃ ho acompanhauão nunca pode passar aos paraos como lhe ho gouernador tinha mãdado. E pelejando assi algũs dos capitães do escoadrão do gouernador q̃ estauão junto coele quando virão sair em terra os tres homẽs porque mãdou ho recado a dõ Simão não se poderão sofrer q̃ ho não fizessem posto que ho gouernador lhes tinha defeso que não desembarcassẽ/ porque auião de pelejar no mar cõ os paraos, & estes q̃ saltarão em terra forão Diogo pereyra de sam payo, Manuel da gama, Ruy da costa de Goes/Fernão de moura/

filho bastardo de dom Pedro de moura, Gomez d̃ souto maior, Johão d̃ betãcor/da ilha da madeira ꝛ outros ate vinte ou trinta aque não soube os nomes. E como os mouros erão sem conto, ꝛ em cada cabo auia deles assaz, acodirão ali logo muytos: ꝛ como os Portugueses erão poucos posto que pelejarão sem medo, ꝛ lhes fizerão muyto dano cõ ferirem ꝛ matarẽ muytos, tãbẽ ho receberão/ porq̃ Diogo pereyra foy morto, ꝛ forão feridos mortalmente q̃ morrerão despois, Ruy da costa, Fernão d̃ moura, Johão de betancor/ ꝛ outros cinco homẽs baixos, ꝛ tambem foy ferido Manuel da gama, ꝛ outros não podendo sofrer ho grãde impeto dos mouros/ se desbaratarão se não lhes acodira João d̃ melo/ ꝛ Jorge cabral/ ꝛ outros dous fidalgos a que não soube os nomes que estauão cõ ho mesmo João de melo no seu barganti: ꝛ vẽdo João de melo ho desbarato dos que pelejauão em terra/ saltou nela coestes que digo ꝛ com outros, ꝛ sosteuerã os que yão desbaratados, ꝛ tornãdose a peleja a refrescar, erão tantos os mouros que recrecião, que foy necessario ao gouernador acodirlhe, saltando em terra cõ algũs fidalgos ꝛ caualeiros questauão cõ ele/ ꝛ ja a este tempo tudo era baralhado/ ꝛ todos pelejauão, assi na terra como no mar, ꝛ auia muytos feridos de hũa parte ꝛ doutra. E sabendo ho gouernador como dõ Simão ho não podia ajudar, por grande resistencia que achaua nos mouros/ vio que era necessario mudar ho conselho que teuera no modo de como auia de pelejar com os mouros: ꝛ pois ja era em terra, que lhe compria de tomar a outra estãcia que os mouros tinhão no cabo dos paraós pera ho lugar, pera ho que tinha necessidade de mais gente: ꝛ foy necessario mandar a Pero mascarenhas cõ algũs dos seus capitães ho que logo fez: ꝛ foy com ho gouernador cometer a estancia que digo, de que se os mouros defenderão hũ pouco ꝛ despois fugirão/ ꝛ com tudo os do mar se defendião valentemente/ como homẽs que esperauã a vitoria/ porque podendose saluar em terra não ho querião fazer: ꝛ parece que era por achar algũ vagar nos Portugueses/ porque como dos que estauão limitados pera pelejar no mar desembarcarão muytos, não auia quem auiuasse a peleja de nouo: ꝛ pelejauão somente os que primeiro disse que aferrarão. E assi hũ João segurado criado de dom Fernãdo jrmão do conde de Faraão/ que ya por capitão dum dos catures de Porquá/ que aferrou com hum dos paraós que estaua bem cheo de mouros/ ꝛ em aferrando saltou dentro só/ ꝛ pareçe que os Naires que yão tambem no catur/ de roĩs fizerão afastar ho catur antes que os outros Portugueses entrassem, ꝛ João segurado como digo ficou só antre tantos mouros de que não se podia valer se não lançandosse ao mar/ ho que ele não quis fazer como verdadeiro Portugues, antes se arremesou ãtre os mouros q̃ estauã na popa do parao

por onde êtrou ferindo por ôde sua espada podia alcançar, & como erão tantos em demasia quasi q̃ ho afogarão & lhe leuarão a espada das mãos/mas não ho seu brauo coração com que andou tanto coeles abraços que se lhe sayo dãtre as mãos bem ferido & recolheose á proa do paraó seguindo ho os mouros & ferindo ho: & tão apertado se vio que virou a eles & remeteo a hũ que ho mais perseguia/& chegouse tão a ele que ho leuou nos braços. E neste tamanho aperto foy socorrido por outro muyto valente caualeyro chamado Pero Jorge capitão doutro Catur: & ho gouernador q̃ vio de terra o que lhe acontecera ho mãdou tambem socorrer por outros, a que Pero Jorge tirou desse trabalho com despejar os mouros do paraó, hũs mortos & outros feridos. E vendo ho gouernador como os que pelejauão no mar tinhão necessidade de socorro, mandou a algũs dos capitães que estauão coele em terra que ho fizessem: & forão, & com sua ajuda tardarão os mouros pouco em se desbaratar de que saluarão muy poucos, porq̃ quasi todos qui serão morrer: & dos Portugueses q̃ pelejarão no mar não morrerão quasi nenhũs & os mais forão feridos. E ho mesmo aconteceo a dom Simão / que despois de se lhe os mouros defenderem valentissimamente quanto lhes foy possiuel não podendo resistir á furia dos Portugueses ficando muytos feridos & algũs mortos se recolherão pera ho sertão/& elese foy pera ho gouernador/que deu muytas graças a nosso senhor por aquela vitoria, & abraçou a João de melo por quão bẽ ho fizera aquele dia/& por quão bõ cõselho lhe dera. E assi ficou de posse das estancias & dos paraõs/em q̃ forão tomadas duzentas & cincoẽta bombardas grossas & miudas, & delas que forão tomadas aos Portugueses, & muytas camaras & infindos pelouros de ferro coado & muyta poluora/& grande soma de artefícios de fogo. E tudo isto foy recolbido na nossa frota & assi os cozẽta paraõs/& entre tanto ho gouernador fez algũs caualeyros estando muyto de vagar sem os mouros ousarem de tornar sobre le como costumão. E despois ô queymadas hũas dez naos de carga que estauão varadas se recolheo o gouernador muyto a seu prazer. E coeste feyto q̃ os mouros ouuerão por muyto grande cobrarão os Portugueses ho credito que tinhão perdido na India: & el rey de Calicut começou de perder o que tinha aquirido / & começou de se estender pola India a fama do gouernador/& os mouros lhe começarão dauer medo.

Capit. lxxxix. De como forão dadas cartas ao gouernador del rey Dormuz & ô Raix xarafo: de queixumes de Diogo de melo.

Embarcado ho gouernador foyse a Cananor, onde chegou a ôze de Março, cujos mouros achou muyto quebrados polo desbarato dos paraõs de Coulete & dos outros q̃ eles tinhão por inuencieis,

& cuydauão q̃ auião de desbaratar
ō todo a nossa armada, & derãse por
gastados q̃ndo os virão tomados.
E el rey se deu por destruydo, porq̃
em Cananor auia algũs paraós / &
como soube que ho gouernador che
gou lhe mandou a boa boza de sua
chegada, & hũ colar douro & pedra
ria de preço q̃ ho gouernador não
quisera tomar / & tomou ho por lhe
dizerem todos que ho tomasse / por
que era el rey tão descõfiado que se
lho não tomasse, cuydaria que esta
na coele de guerra / & por isso ho to
mou & ho deu despois ao spirital de
Cananor pera se gastar com os doẽ
tes & em outras cousas necessarias,
& mandou dizer a el rey q̃ lhe toma
ra ho colar porque não cuydasse q̃
não era seu seruidor, & que não faria
por ele quãto cõprisse pera se goar
dar a amizade q̃ tinha com el Rey
de Portugal seu senhor / o que ele
faria sẽpre sẽ dadiuas nẽ presentes,
& nunca ho contrairo ainda que lhe
desse quanto auia no mundo / por is
so q̃ sem presentes lhe podia requ
rer o que fosse seruiço del rey seu se
nhor, & que ele ho faria logo. Do q̃ el
rey ficou espantado, porque dãtes
tudo na Jndia se acabaua com pe
tas: & logo foy visitar ho gouerna
dor á fortaleza, o que nunca ateli fi
zera nenhũ rey ó Cananor a nenhũ
viso rey nem gouernador da Jndia,
& vianse em hũa tenda que se arma
ua fora da fortaleza. E ho gouerna
dor não fez nenhũ caso daquilo: & el
rey lhe festejou muyto de palaura
a vitoria dos paraós, & disselhe que
lhe entregaria algũs que auia em
Cananor com toda a artelharia que
tinhão / & lhe prometeo de não se fa
zerem mais outros, & mostroulhe
hũa carta q̃ tinha del rey de Por
tugal / em q̃ lhe fazia merce da ilhas
de Maldiua com cõdição que fosse
obrigado a darlhe tanto cairo quã
to lhe fosse necessario na Jndia ao
preço que custaua nas ilhas, de que
el rey de Cananor requereo ao go
uernador q̃ lhe desse a posse por vir
tude daquela carta. E ho gouerna
dor lha daua com cõdição que desse
ho cairo / de que lhe pedia cadãno
mil babares, q̃ fazẽ dous mil & oyto
cẽtos & vintoyto quintais / q̃ de tã
tos era enformado que auia necessi
dade na Jndia. E el rey as não quis
com aquele encarrego / com o q̃ ho
gouernador folgou por ser pueito
del rey de Portugal / porque sabia
q̃ dos quintos do arroz q̃ as naos
que yão ás ilhas pagauão / se com
prauão os mil babares de cairo & o
mais / & se pagaua mãtimẽto a trin
ta ou corenta homẽs quelá estauão
cõ hũ feytor / & todos enrrequecião
do mais que furtauão. E por isto q̃
sabia folgou del rey não querer as
ilhas / porq̃ ficassem pera el rey seu
senhor / a que esperaua de dar nelas
muyto proueito cõ fazer nelas hũa
torre cercada de muro em que se re
colhesse ho cairo & se podesse defẽ
der os que hi estouessem. E com quã
to el rey ó Cananor nã quis as ilhas
de Maldiua com as condições que
digo, nẽ por isso deixou de mostrar
que ficaua muyto seruidor del Rey
de Portugal & amigo do gouerna
dor, & entregoulhe logo algũs pa
raós que tinha: & os outros lhe pe
dio pera seruirem ó carrega: que ho

gouernador lhe cõcedeo cõ tanto q̃ lhe auia de dar a artelharia q̃ tinhã & lhe auião de cortar os espoldões: & leuãtalos mais & tirarlhes os remos, & assi foy feyto. E desta maneyra ficou Cananor seguro, õdebo gouernador achou hũ mouro com cartas del rey Ormuz & de Raix xarafo pa bo viso rey dõ Nasco da gama, q̃ tanto q̃ soubersão q̃ era na India, crêdo q̃ era homẽ justo, & q̃ os mãdaria ẽ justiça lhe escreuerão logo, dãdo graças a Deos q̃ bo leuara á India, õde auia dele tãta necessidade pa fazer justiça: pedindolhe muyto q̃ lha fosse lá fazer ô muytos agrauos q̃ tinhã recebidos no tẽpo passado de dõ Duarte de meneses, & recebião no presente de Diogo de melo. E com quanto bo mouro que leuaua estas cartas soube ẽ Chaul que bo viso rey era morto, determinou de as dar ao gouernador que hia buscar a Cochim, & achoubo em Cananor: & dãdolhe as cartas que leuaua pera bo viso rey, pediolhe que as ouuesse por suas, & que fizesse a justiça que se esperaua do viso rey, pois tinha seu carrego. E deulhe hũ presente de hũas poucas de perolas & de panos ricos de Persia, q̃ bo gouernador não quisera tomar: & tomoubo polas rezões que tomou bo colar a el rey de Cananor: & disse ao mouro as mesmas palauras que lhe mandara dizer. E logo bo gouernador bo despachou escreuendo a Diogo de melo sobre o que el rey Ormuz & Raix xarafo se agrauauão dele, pedindo lhe muyto por merce da sua parte & requerendolhe da del rey seu senhor que bo não fizesse, & que bo não metesse em pressa de os seus trita annos castigarẽ os seus sessenta E pera que se tirasse a Diogo de melo bo azo de agrauar estes dous bomẽs escreueo bo gouernador ao ouuidor da fortaleza Ormuz que lhe mandasse preso hũ homẽ, por cujo conselho dezião que Diogo de melo caya nas culpas em que bo culpauão. E tudo isto escreueo a el rey de Ormuz & a Raix xarafo, affirmandolhe que quando Diogo de melo não se emmendasse, que bo tiraria da fortaleza: & por nenhũ modo os deixaria agrauar, pois isso que estiuessem muyto firmes na amiza de & no seruiço del rey de Portugal & lhe escreuessem quanto passasse, porque logo acodiria: & que não acodia logo polo muyto que tinha que fazer na India. E bo mesmo disse ao mouro que leuaua as cartas: que se partio muyto contẽte do gouernador, & muyto espantado de quão pouca ou nenhũa cobiça tinha.

¶ Capit. xc. Do que fez Fernão gomez de lemos no rio de Mãgaloz, E de como bo gouernador se recolheo a Cochi, & despachou a Pero mazcarenhas pera Malaca.

PArtido Fernão gomez de lemos de Cananor como disse atras, chegou ao rio de Mãgaloz cõ as q̃tro velas q̃ disse pa bo goardar. E posto na sua boca tapou a q̃ nã podesse sayr de os cento & tantos paraos de mouros q̃ estauão dẽtro, q̃ pro-

uarão de bo fazer algũas vezes, & nũca poderão cõ os muytos tiros dartelharia q̃ lhe tirauã Fernão gomez & os outros capitães. E vẽdo q̃ sua pozfia era poz demais deixarã se estar: & estãdo Fernão gomez nesta goarda, sobzeuierão hũ dia hũa boa soma de paraós de Calicut que yão ali carregar. E como os mouros virão os Portugueses na boca do rio/ & sabião q̃ dẽtro estauão os paraós/ poserãse a tiro dos nossos nauios & começarão de lhes tirar cõ suas bõbardas/ & os mouros q̃ estauão dẽtro acodirã aos ajudar/ & hũs dũ cabo & outros do outro começarão daptar muyto os Portugueses, & arrõbarlhes os nauios principalmẽte a Antonio da silua a q̃ muytas vezes arrõbarão a galeota. E ele como muyto esforçado caualeyro q̃ era esteue sempre q̃do, ate q̃ Fernão gomez parece q̃ polo não meterẽ no fũdo leuou ancora & deu á vela pera ir pelejar cõ os paraós do mar, & bo mesmo fizerão os outros capitães. E ainda bẽ eles não crão leuados/ q̃ndo a mayor parte dos paraós q̃ estauão no rio sayrão pa foza/ & dãdo á vela cõ os outros se fizerão na volta do mar & acolherãse: & Fernão gomez não os quis seguir pera toznar a tomar a barra & não se acabassem de sayr os q̃ ficauão dẽtro: porẽ nã lhe aproueitou, porq̃ os mouros deseſperados dou tro acerto como aq̃le/ se meterã polorio acima ate õde encalbarão. E esta nouа foy ter ao gouernador estando ẽ Cananoz: & porq̃ em tomar os paraós q̃ ficauã se arrifaua muyta gẽte poz peq̃na vitoria ouue poz escusado ir lá/ & poz ser ja meado Março, & saber q̃ erão vidas naos de Malaca onde era necessario mãdar gẽte cõ Peromazcarenhas, determinou de se recolher a Cochim, & porq̃ auia necessidade darroz pera as fortalezas de Cananoz/ de Calicut & de Cochim, mãdou a dõ Simão de meneses q̃ fosse carregar dele a Bracelor & a Baticalá, & mãdou coele algũs nauios ỏ carrega & hũa galé & duas galeotas & algũs catures & paraós ligeiros/ & mãdoulhe q̃ recolhesse cõsigo a Fernão gomez de lemos & a Gomez martinz de lemos cõ os capitães com q̃ estauão ẽ goarda dos rios: & assi lhe mãdou q̃ quando se recolhesse a Cochim deixasse a dõ João delima a gẽte de q̃ teuesse necessidade. E isto feyto partiose pera Cochim/ õde chegou a dezasete de Março, & entrẽdeo logo ẽ despachar a Pero mazcarenhas pera Malaca, pera õde partio a oyto de Mayo/ & foy em hũ galeão de q̃ ya poz capitão Ayres da cunha q̃ auia de ser capitão mór de Malaca: & assi forão mais em sua cõserua hũ nauio velho q̃ viera de Malaca/ & hũ bargãtim & dous paraós. E nesta armada mãdou ho gouernador trezẽtos & cincoenta homẽs poz saber a necessidade em q̃ ficaua Jorge dalbuquerque.

¶ Capit. xcj. Do q̃ fez dõ Simão ỏ meneses a mõte Deli, & de como se recolheo a Cochim.

Dom Simão de meneses despois q̃ partio de Cananoz foy a Barceloz & a Baticalá carregar dar-

roz comolhe ho gouernador mãdara/ & fez ho mais que lhe mandou. E indo de Baticalá pera Cananor com noue velas darmada. s. a galé em que ya/ & ho galeão de Gomez martinz delemos/ & a galeota Dantonio da silua/ & outra galeota & hũa caravela/ & dous bargantins de que erão capitães Antonio pessoa & hũ Domingos fernãdez & dous paraós/ topou a monte Deli com setẽta paraós de mouros Malabares que yão tambem buscar arroz aos rios de Bracelor & de Mãgalor. E como os Portugueses ouuerão vista dos mouros fozanse a eles/ & eles vendo os desupito, & polo medo que lhe tinhão das vitorias passadas cuydarão que erão tomados & mostrarãlhes as popas fugindo quanto mais podião. E dom Simão/ Antonio da silua/ Domingos fernandez & Antonio pessoa & os outros capitães das velas de remo derão a pos os paraós seguindo os ás bombardadas/ & cinco vendose muyto apressados de dom Simão, Dantonio da silua & doutros tres que os querião aferrar vararão na costa & bise perderã & a gente se saluou/ & Domingos fernandez & Antonio pessoa que leuauão os nauios mais remeyzos aferrarão dous paraós/ & saltarão dentro & matarão neles muytos dos mouros/ & os outros saltarão ao mar/ onde tambem fozão mortos & os paraos lhes ficarão, & dos outros que yão fugindo deles se forão na volta do mar, & deles se acolherão ao rio de Barauia que era defronte: donde se toparão com dõ Simão/ que vendo os meter no rio determinou dentrar coeles/ & logo fez ẽbarcar a gẽte nos bateys & esquifes & nauios ligeiros da armada. E remando a boga arrancada cometeo a barra do rio com grandes gritas & estrondo de trombetas, & foy recebido com outro mayor de muytas bõbardadas & frechadas que lhe tirauão algũs paraos que ainda não erão de todo recolhidos no rio: & os Portugueses que estauão fauorecidos com as vitorias passadas não derão pelos pelouros nẽ frechas dos mouros, & rõpẽdo perãtreles trabalhauão cõ os remos por chegar aos mouros/ & ẽ chegãdo deitarão dẽtro ẽ sete ou oyto panelas de poluora cõ que lhes poserão ho fogo. De que os mouros auendo grande medo selãçarão logo ao mar, & os paraos ficarão ardendo ate que fozão de todo queimados. E nesta reuolta Domingos fernandez que era muyto valente caualeyro seguio no seu bargantim acompanhado de hũ parao de hũa nao, outros paraos que se acolhião pelo rio acima, de que queymou dous com panelas de poluora, & tirou apos os outros: & temendo dom Simão que se perdesse por ir tão soo, mandou a Gomez martinz delemos que ya em hũ esquife que fosse a pos Domingos fernandez & ho fizesserecolher: & foy tão mofino que indo a isso errou ho canal por onde auia dir/ & deu em seco dõde não podesayr/ & acodirão ali sobrele tantos mouros da terra que ho matarão ás frechadas/ & a dom Miguel delima filho de dõ Afon-

so de lima com outros quatro. E Domingos fernandez despois que ho bargantim não pode nadar se recolheo pera a barra. E porque este rio era do reyno de Cananor mostrou el rey quando ho soube que lhe pesaua muyto destes seys Portugueses que aqui matarão, principalmente polo fazerem seus vassalos & recolherem nossos immigos & os ajudarem & se aluoroçarem cõtra os Portugueses. E por castigo mandou despois matar algũs mouros & Mayzes que nisso forão culpados, & mandou leuar os corpos mortos dos Portugueses a Eytor da Silueira, pera que os mandasse enterrar: fazendolhe saber ho castigo que fizera por suas mortes, & dizendo q̃ faria mais se fosse necessario. E tudo isto fazia porque ho gouernador não teuesse dele algũa sospeita & por isso lhe fizesse mal. E recolhida per dom Simão sua gente, se tornou a embarcar na frota, & ãdou por aq̃la paragem algũs dias pera ver se passauão algũs paraós de mouros a carregar darroz, porque ateli por a mor que os rios estauão carrados cõ os nauios que disse não ousauão lá de ir nenhũs, nẽ se poderão muytos forneçer de mantimẽtos como dantes fazião, que foy causa de no inuerno seguinte auer no Malabar a mayor fome que nunca ouue, principalmente no reyno de Calicut. E esta foy a mais perjudicial guerra que se lhe podia fazer, porque como disse no Malabar não ha arroz que escuse fome se ho não leuão de fora, & se ho gouernador se lẽbrara mais cedo daquela goarda dos rios mayor fome padecera ho reyno de Calicut. E vendo dom Simão que não passauão mais paraós, & que ho inuerno começaua dentrar, recolheo se a Cochim, porque despois não poderião com as torzoadas & foy se a Cananor: & prouida a fortaleza de seu quinhão darroz se foy á de Calicut, a que tãbẽ deu ho arroz necessario, & quãdo foy pera deixar algũa gente a dom João de lima de que tinha necessidade por se esperar cerco naquele inuerno, não queria ficar nenbũ bomem de qualidade, porq̃ ho gouernador não assinara os que ficassem, & porque se enfadauão do trabalho da guerra que estaua certa. E vendo dom Simão que nenbũ bomem bonrrado queria ficar, tomou ate cento & vinte bomens desses baixos, & por força os deixou na fortaleza, & assi ficou a fortaleza sem gẽte de vergonba se não a que dom João sa tinba que erão algũs seus parentes, amigos & criados, & a outra se foy inuernar a Cochim, onde esteue sem fazer nenbum proueito, & podera fazer muyto no cerco que el rey de Calicut pos sobre a fortaleza, com que esteue muyto perto de se perder: & milagrosamẽte a saluou nosso senbor como direy a diante. E prouida esta fortaleza como digo por dom Simão, foy se a Cochim: onde chegou ho primeyro de Mayo encontrado de muytas torzoadas que lhe sobreuierão no caminho. E com tudo despois de ele recolhido a Cochim os mouros de Calicut pola necessidade grandissima que tinbão darroz se auenturarão ao mar, & foão por ele a

Bracelor ⁊ a Mangalor de q̃ trouuerão algũs paraós: que se isso não fora morrerão todos d̃ fome. E por que os gentios a padecião por sua causa lhes querião muyto grande mal/ especialmente os Nayres: que lhes dizião cada dia que eles não sabião mais q̃ fazer estar mal a el rey de Calicut com os Portugueses: ⁊ porem que não erão pera ho liurar da guerra que lhe fazião, ⁊ que eles os fazião padecer a fome que padecião ⁊ auião de fazer perder ho reyno a el rey: ⁊ assi outras cousas com que os mouros andauão muy alauercados.

¶ Capit. xcij. De como foy morto Christouão de brito, ⁊ os outros capitães desbaratarão as fustas de Dabul.

Quando ho gouernador se partio de Goa pera ira Cochim tomar posse da gouernança/ deixou a Frãcisco de sá que ficaua por capitão de Goa hũa armada de quatro fustas ⁊ seys bargantis que ho gouernador mãdara fazer de paraós pera goarda daq̃la costa ate Dabul. E a capitania mór desta armada se deu a hũ fidalgo chamado Christouão de brito que era alcayde mór da fortaleza de Goa muy esforçado caualeyro/ ⁊ por isso desejaua de seruir naquela armada ãtes q̃ estar ocioso em Goa. E andando ele em goarda daquela costa/ ouue por vezes muytos recontros com frotas de mouros de Calicut a que fez muyto dãno. E andando assi foy hũ dia ter aa barra de Dabul/ õde sendo sabida sua chegada ho Tanadar mandou logo encher de quatro cẽtos rumes sete grandes fustas ⁊ hũa galeota q̃ estauão muyto bem armadas dartelharia ⁊ esquipadas de remeyros ⁊ por seu capitão moor foy hũ valẽte turco cujo nome nã soube que ya na galeota/ ⁊ sayrão com determinação daferrarem com os Portugueses que serião ate cento ⁊ cincoẽta ⁊ matarẽnos a todos / ⁊ assi como sayrão do rio se forão dereytos a eles, ⁊ ho mesmo fez Christouão de brito: ⁊ com grande estrondo de gritas ⁊ de tiros dartelharia ⁊ espingardadas se abalrroarão as capitainas ⁊ quatro fustas dos rumes com outras tantas nossas/ ⁊ começouse hũa braua peleja antre os Portugueses ⁊ rumes q̃ todos pelejauão valentemente. E neste cõflito forão dadas a Christouão de brito juntamẽte duas frechadas no pescoço q̃ ambas lhe passarão hum gorjal de malha que tinha com quãto era fina/ ⁊ deranlhe por tal parte que logo cayo morto, mas nem por isso os Portugueses desacoroçoarão, ãtes com ho pesar da morte do seu capitão moor parece que se esforçarão mais pera a vingar / ⁊ com hũ brauo impeto derã tão rijo nos rumes que os ẽtrarão por força matando hũs ⁊ fazendo saltar outros ao mar/ de que despois os mais forão mortos: ⁊ outro tanto aconteceo aos outros q̃tro capitães dos quatro bargantins que aferrarão com as quatro fustas dos rumes: q̃ tambem os entrarão ⁊ axorarão/ ⁊

os das outras vẽdo isto não quiserão aferrar & voltarão/& poz se salvarẽ dos Portugueses q̃ yão apos eles derão á costa õde se as fustas espedaçarão/& a galeota cõ as q̃tro fustas ficarão ẽ poder dos Portugueses/de que nesta batalha forão mortos cõ Christo não ỹ brito seys & todos os q̃ aferrarão forão muyto feridos/& dos rumes forão mortos a mayor parte. E coesta vitoria q̃ foy muyto grãde pera quão abatidos estauão os Portugueses por aq̃la costa/& quã soberbos estauão os mouros cõ as vitorias passadas se tornarão aq̃les capitães Portuses pa Goa/de q̃ Fraciſco de sá mãdou a nova ao gouernador.

¶ Cap. cxiij. De hũ mil agroso feyto q̃ fizerão vinte Portugueses na ilha de Ceilão.

Atras fica dito como desfeyta a fortaleza de Ceilã fernão gomez de lemos q̃ a foy derribar deixou ẽtregues a el rey de Ceilão ho feytor q̃ lá ficou/& ho escriuão & quinze Portugueses q̃ ficauão coeles/por q̃ assi ficauão mais seguros. E tornado fernão gomez á India, soube Baleacẽ hũ mouro de Calicut & principal armador dos paraos q̃se fazia naquele reyno como a fortaleza era derribada/& quão poucos Portugueses lá ficauão/& pareceolhe que pois ficauão entregues a el rey de Ceilão q̃ lhos êtregaria se lhos pedisse. E coesta determinação partio per alá em q̃tro paraos/em q̃ leuou bẽ quinhẽtos homẽs de peleja. E chegado a Colũbo foy falar a el rey & disselhe q̃ os paraos del rey de Calicut pelejarão cõ a armada do gouernador da India: em q̃ foza desbaratado & morto cõ quãtos Portugueses yão nela/pelo q̃ el rey de Cochi & ho Cananor & todos os outros da India tinhão cercados os Portugueses q̃ morauão ẽ suas terras. E poz isto ser assi el rey de Calicut lhe mãdaua rogar q̃lhe mandasse aq̃les Portugueses q̃ tinha pelo mesmo Baleacẽ. Do q̃ el rey ficou muyto espãtado, & não ho creo poz lhe parecer q̃ os Portugueses não podião ser vẽcidos tão asinha: & disse q̃ aueria seu conselho. E ido Baleacẽ mãdou chamar ho feytor & escriuão & algũs dos outros, & contoulhes o q̃ lhe Baleacẽ dissera, pergũtandolhes se seria verdade q̃ ho gouernador da India era desbaratado. E eles lhe disserão q̃ em nenhũa maneyra podia ser, poz q̃ auia ãnos q̃ não se ajũtara tãta gẽte na India como ẽtão: & mais q̃ o gouernador era muyto essorçado canaleyro/q̃ ho não auião os mouros de poder desbaratar: & q̃ os mouros poz serẽ imigos dos Portugueses aleuãta não aquilo. E poz assegurarẽ mais el rey, disserãlhe q̃ mãdasse saber aa India se era verdade o q̃ dizia Baleacẽ: & se ho fosse q̃ então fizesse o q̃ quisesse. E como el rey era bõ homẽ pareceolhe isto bẽ/& disse a Baleacẽ q̃ não auia dẽtregar os Portugueses atenã saber certo se era verdade o q̃ ele dizia. E cuydãdo ele q̃ el rey nã q̃reria tãto aueriguar aq̃la verdade, & q̃ diria aquilo poz se escusar dẽtregar os Portugueses: disse q̃ mãdasse saber á India o q̃ lhe dizia. E el rey ho fez assi, escreuẽdo ao gouer

nador o q̃ passaua. E q̃ndo ho messe geiro chegou a Cochi/ chegaua ho gouernador de destruyr Coulete, e vio os paraós e artelharia q̃ tomara. E vẽdo Baleacem q̃ el rey nã lhe queria dar os Portugueses/ determinou de os tomar por força: confiado q̃ por a gẽte da terra ser fraca não lhe poderia resistir. E porq̃ não pude saber miudamente como isto foy/ não cõto as particularidades q̃ nisto ouue: se não q̃ el rey se pos a todo risco cõ os mouros por defender os Portugueses/ a q̃ deu toda a ajuda de gẽte q̃ pode: e eles sendo vinte no mais indo muyto diãte da gẽte cõ que os el rey ajudou, forão cometer os mouros q̃ erão quinhẽtos, e pelejarão coeles cõ hũ esforço tão sobre natural, q̃ era cousa despãto grãdissimo defenderẽse tão poucos de tãtos, quãto mais offenderẽnos cõ matarẽ bẽ cincoẽta deles/ e ferirẽ tãtos q̃ os desbaratarão e fizerão fugir como cabras, e os q̃ escaparão se acolherã a dous paraós q̃ tinhão no mar: q̃ os outros dous estauão varados e ficarã. E Baleacẽ se foy muyto corrido de ser desbaratado õ tão poucos Portugueses e disculpauasse q̃ aq̃la vitoria fora milagrosa, e q̃ Sãtiago os ajudara na batalha. O que se deue de crer sem duuida, porq̃ não era possiuel q̃ tão poucos desbaratassẽ tamanho poder de gẽte ficãdo todos viuos. E el rey de Ceilão ficou fora de si vẽdo hũa cousa tão fora de natureza/ e não auia hõrra q̃ não fizesse aos Portugueses, e assi ho fazião os seus, principalmente os q̃ forão na batalha q̃ mais se ocuparão em recolher ho despoio que em pelejar.

¶ Capit. xciiij. Do q̃ Antonio de miranda dazeuedo fez no cabo de Boardafum e em Xael.

ANtonio de miranda dazeuedo que ya por capitão mõr da armada q̃ ya ao cabo de Boardafũ/ assi pera fazer preas como pera tomar as duas naos de madeyra q̃ yão de Diu pera ho estreito, ãdou tão por sua viagem q̃ chegou á paragẽ onde as auia desperar/ e assi as naos que saysem do estreito. E postos os capitães cada hũ a seu cabo vigiauase ho mar tẽdo tẽto no q̃ podia vir. E andando assi/ chegou hũa fusta de mouros Malabares carregada de pimẽta q̃ ya pera dẽtro do estreito, q̃ foy tomada: e despois hũ zãbuco q̃ saia do estreito pa Diu carregado de mercadorias/ e hũa terrada cõ canalos/ e tudo isto se tomou sẽ peleja. E nestes dias q̃ os Portugueses aqui ãdarão nũca as naos õ madeira passarão ao menos q̃ fossẽ vistas. E vẽdo Antonio õ miranda q̃ se lhe começaua de gastar a mouçõ e q̃ as naos não yão/ nã quis mais esperar/ e desferio vela caminho de Xael seguido ho os outros nauios. porq̃ ho mãdaua lá ho gouernador a pedir a el rey oyteta bõbardas q̃ tinha de hũa nao portuguesa q̃ ali dera á costa e se perdera: e assi algũa artelharia q̃ ali ficara a dõ Luys õ meneses. E chegado ao porto õ Xael, mãdou recado sobrisso a el rey, q̃ nẽ lhe mãdou fazer nenhũ recebimẽto, nẽ lhe quis dar a artelharia por estar ainda magoado do dãno q̃ ali fizera dõ Luys de meneses. O q̃ vẽdo Antonio õ miranda, determinou

de se vingar ẽ doze naos de mouros q̃ estauão no porto: & cometendoas cõ os outros capitães de sua armada desbaratou os mouros q̃ as qui serão defender/ matando & ferindo muytos, & queimou sete naos/ & as cinco forão tomadas a foza hũa q̃ deu á costa, & nestas se achou muy rica mercadoria: & porq̃ho galeão de Manuel de macedo fazia muyta agoa & tinha necessidade de se tirar a mõte/ mãdoulho coesta presa a Chaul recolhida toda ẽ duas das naos: & assi leuou a terrada dos caualos. E chegou a Chaul a saluamento: & Antonio de miranda com os capitães que lhe ficauão se foy inuernar a Mazcate.

¶ Capit. xcv. De como Martim afonso de melo jusarte chegou aa ilha de Banda.

DAdo a guerra ãtre Antonio de brito & el rey de Tidore como atras disse entrou ho mes de Janeiro de. M. D. xxv. em q̃ Antonio de brito despachou quatro jungos pera Malaca: & foy por capitão mór Martí afonso de melo jusarte ẽ hũ galeão q̃ corregeo a sua custa pera se ir: & foy ter a Bãda ao porto de Lutatão: & por amor da guerra passada não folgou a gẽte da terra cõ sua vida/ antes lhe pesou muyto: & não se fiauão dos portugueses/ nẽ queriã sua cõuersação: o q̃ tãbẽ eles faziã. E estãdo assi soube Martí afõso q̃ na ilha de Mira hũa das de Bãda estaua hũ jungo da cidade de Pataneẽ q̃ estaua de guerra cõ malaca: partio logo pera lá no seu galeão cõ determinaçã de ho q̃ymar. E no jũgo estauão muytos mouros q̃ quãdo ho virão se poserão em armas: & cõ q̃nto ele não leuaua mais de ate. xxx ou. xl. portugueses mãdou q̃ aferrassem o jũgo: & ẽ chegãdo lhe deitarã muytas panelas de poluora/ com q̃ bofogo se acẽdeo nele: & começãdo de arder os mouros se lãçarão ao már: & ardeo ho jungo cõ a fazẽda q̃ era muyta: & em tãto os nossos matarão algũs mouros fisgãdoos no mar: & como Martí afonso estaua escãdalizado destes de Bãda lhes começou ỏ fazer guerra cõ que os trataua muyto mal.

¶ Ca. xcvi. Do q̃ acõteceo a dõ Garcia anriq̃z: & a Martí afõso de melo jusarte na ilha de Bãda.

ATras fica dito como dõ Duarte de meneses sẽdo gouernador da India a requerimento de Jorge dalbuquerq̃ capitão ỏ Malaca, lhe deu a capitania da fortaleza ỏ Maluco pa cada hũ de seus cunhados. E vẽdo Jorge dalbuquerque q̃ dõ Garcia ãrriquez q̃ era hũ deles nã podia seruir de capitão mór de Malaca por ser prouido desse carrego Martí afonso ỏ sousa. E porq̃ pola guerra q̃ ele fazia a Bitão, Malaca estaua pacifica, & dõ Garcia podia ir fazer seu proueito: determinou ỏ ho mãdar a Maluco cõ a prouisam q̃ tinha de dõ Duarte pera ser capitão da fortaleza por lhe Antonio de brito ter dãtes escrito que a queria deixar. E porque poderia ser q̃ Antonio de brito se mudasse daquela võtade/ & não quereria alargar hũ anno que ainda tinha por seruir, & mais por a prouisam que leuaua ser confusa & pouco firme/ mandoulhe que se ho tal acõtecesse: que ele se tor

naria a Banda ꝛ hi faria hũa casa forte pera que podesse estar hi algũ tempo fazendo seu proueito: ꝛ apercebeo ho pera hũa cousa ꝛ outra, dãdolhe dous nauios redondos ꝛ hũ jungo de cuberta/ ꝛ hũa fusta em q̃ leuaria ate sessenta Portugueses de peleja a fora os marinheiros ꝛ bombardeiros, ꝛ partio pera Bãda em Janeyro de mil ꝛ quinhẽtos ꝛ vinte cinco. E chegado a Banda achou Martim afonso de melo jusarte que estaua de guerra com os da ilha/ de quem fez queixume a dõ Garcia pedindolhe que ho ajudasse nela: o q̃ se ele offreceo a fazer d̃ boa võtade por ser muyto esforçado, ꝛ lhe parecer q̃ Martĩ afõso tinha rezão ẽ fazer aq̃la guerra. E acordarão ãbos de dous q̃ tomassẽ a cidade de Lotir cabeça de todas as pouoações da ilha, porq̃ ali era a força da gẽte, ꝛ aq̃la vẽcida ficaua toda a ilha em paz. E isto acordado/ aperceberãse pera isso/ ꝛ hũ dia saltarão ẽ terra ꝑto de cẽ Portugueses ꝛ poserão logo ho fogo a certos jungos que estauão varados/ que forão queymados, ꝛ entrãdo mais a diãte pera a cidade acharão na cercada de fortes trãqueyras/ ꝛ algũa gente que as defendia/ ꝛ dom Garcia ꝛ Martim afonso poserão diante algũs espingardeyros que leuauão/ ꝛ cometerão dẽtrar a trãqueyra/ donde lhe tirauão muytas frechadas, pedradas ꝛ arremessos: porem chegãdo os nossos espingardeyros fizerão desaliuar algũa gẽte da tranqueyra com que os Portugueses começarão dentrar/ mas forão muyto poucos pera a gente sem conto dos mouros que logo recreceo/ ꝛ forão tãtas as frechadas sobre os Portugueses que era espãto/ ꝛ assi muytos arremessos, ꝛ dũ foy dom Garcia ferido no pescoço por não leuar gorjal: ꝛ assi forão feridos outros da sua companhia, ꝛ por isto não passarão dali ꝛ se tornarão a ẽbarcar deixãdo feyto pouco dãno aos ĩmigos/ ꝛ não quiserão mais sayr ẽ terra/ ꝛ do mar fazião ho mal q̃ podião aos ĩmigos: ꝛ assi esteuerão ate a mouçã pera Maluco como direy a diante

¶ Capit. xcvij. De como Martim afonso de sousa capitão mór do mar de Malaca pelejou com Laqueximena: ꝛ de como foy morto com outros.

SIntindo el rey de Bĩtão muyto a destruyção que Martĩ afonso de sousa fizera na costa de Pão ꝛ Patane/ determinou de se vingar, ꝛ mais sabendo por suas espias como dõ Garcia anrriq̃z era partido pera Bãda cõ parte da armada de Malaca/ em q̃ tãbẽ leuaua gẽte cõ o q̃ ficou pouca ẽ Malaca/ ꝛ ao menos nã tãta como era necessaria pera a defensam d̃ Malaca. E por isto lhe pareceo a el rey de Bintão q̃ tinha tempo pera se vingar: ꝛ determinando de ho fazer/ armou vinte lancharas grandes em que yão mil ꝛ duzentos homens de peleja apercebidos de muytas armas ꝛ petrechos de guerra, ꝛ mandou por capitão mór delas Laqueximena/ que jurou de lhe leuar a cabeça do feytor Garcia chainho (q̃ tão auorrecido era antre os mouros de Bin

tão) & assi hũ par dos nauios da armada de Martim afonso. E partio Laquerimena tão secretamente que chegou a Malaca sem ser sentido: se não quando hũa manhaã dia de nossa senhora de Março chegou de supito & desembarcou na pouoação dos Quelis, onde a sua gẽte começou de matar & roubar na gente da terra/ q̃ salteados daquela maneyra começarão de surgir aleuantando muy grandes gritas/ que logo forão ouuidas de Jorge dalbuquer que & de Martim afonso de sousa & doutros que estauão na igreja ouuindo missa. E conhecendo q̃ aquilo era rebate de immigos/ leuantou se hũ valente caualeyro chamado Ayres coelho & disse a Jorge dalbuquerque que acodissem a aãla gẽte que os immigos matauão: & Jorge dalbuquerque disse que si, & mãdou por terra Garcia chainho com oytẽta Portugueses & antreles forão Nicolao de sá, Antã daguiar/ Frãcisco bocarro, Ruy lobo, Gaspar velho/ Simão mendez/ & obra de vinte homẽs da terra, & por mar mãdou que fossem Martim afonso de sousa & Manuel falcão em duas fustas que não auia mais nauios de remo & nelas forão setenta Portugueses em cada hũa trinta & cinco, em q̃ entrarão Ayres coelho/ Francisco fernandez leme, Aluaro botelho, Garcia queymado, Francisco rabelo/ Gaspar barbudo/ Antonio carualho, João serrão, & partirão todos a hũa, hũs per mar outros per terra. E sintindo Laquerimena que os Portugueses yão, recolheo sua gente ás lancharas: & porque a nossa artelharia que estaua ẽ terra lhe não fizesse nojo por estar perto/ & tãbem porque tirasse Martim afonso pera ho mar que lhe não podesse escapar fez que fugia/ não se alargando muyto dele, nem tirãdo nenhũa artelharia porque não desesperasse de lhe poder chegar & se tornasse. E Martim afonso cuydando que lhe fugia ho yaseguindo muyto ledo/ tirandolhe muytas bombardadas & dando com sua gente grandes apupadas. E sẽdo afastados de Malaca hũa boa legoa que era o que Laquerimena queria: fez ele volta com seus capitães a Martim afonso & a Manuel falcão/ desparando neles toda sua artelharia: & assi como yão tirando assi os yão cercando de modo que os tomarão no meyo: & dãdo grandes gritas começarão as bombardadas de se amiudar mais hũ cabo & do outro: porem como a artelharia dos immigos era mais, assi tiraua mais bombardadas/ & erão tão bastas que estando Antonio carualho, que agora he feytor da casa de Ceita antre João serrão & outro forão eles lenados em pedaços de dous pelouros/ & ele ficou saluo. E nisto os immigos se chegarão tanto aos Portugueses que abalrroarão com as fustas, metẽdo as proas das lancharas por antre as suas apelações/ ficando com os Portugueses a bote de lança, & a golpe de espada: & cada fusta estaua aferrada de quatro lancharas & Martim Afonso, & Manuel falcão começarão desforçar os seus, dizendo que naqueles perigos tamanhos se via ho poder de nosso señor

que se encomẽdassem a ele/ & que os esforçaria. E assi foy que nunca os mouros os poderão entrar/ & cansados hũs afastauanse & chegauão outros, & todos tirauão muytas espigardadas, frechadas de frechas cruadas/ lãças darremesso de trinta palmos daste & dous de ferro: azagayadas de paos dareca tostados/ & de canas tostadas que fazem grande passada. E tudo isto era tanto em demasia, que as fustas dos Portugueses estauão todas pregadas, assi nos mastos como nas vergas, tendais/ coxias & amuradas/ & muytos deles estauão pregados nas mesmas fustas por muytas partes do corpo/ & ficauão em pé mortos que não podião cayr de pregados: & foy a mais braua & espantosa peleja que nunca naquelas partes nem na India se vio/ nem em q̃ morressem tantos Portugueses/ nem que durasse tanto: porque durou das duas horas despois de meyo dia ate horas daue Marias/ & forão mortos corenta & dous Portugueses, & ãtreles forão Martim Afonso de sousa/ Ayres coelho, Alluaro botelho, & Francisco rabelo, & feridos oyto, & destes o que menos feridas tinha erão tres/ & este foy Antonio carualho/ & os outros ate dez. & dos mouros forão mortos duzentos & vinte, que de hum soo tiro da nossa artelharia morrerão corenta & dous, & foy arrombada hũa das lãcharas. E se a frota dos Portugueses fora de mais velas não escapara nenhum. E vendo Laquerimena morta tanta gente da sua & ferida, & a outra muyto cansada, & espantada da valentia dos Portugueses/ mandou que cessasse a peleja, & afastarãse pera bo mar: & assi liurou nosso senhor os Portugueses que ficauão viuos.

¶ Capitolo. xcviij. De como os Portugueses que escaparão da batalha tornarão a Malaca.

Afastados os immigos derão os Portugueses que ficauão viuos muytos louuores a nosso senhor por escaparẽ de tão braua peleja como aquela foy: & estauão tão cãsados os sãos & os feridos tão fracos que não auia quem se podesse bolir: & pola necessidade que tinhão se esforçarão bo mais que poderão pera se partirem como fosse bem noyte/ & trabalharem porq̃ chegassem a Malaca/ dõde se acharão cinco legoas que tanto os leuou a corrente. E Antonio carualho que estaua menos ferido/ disse que gouernaria a fusta em que estaua & a outra iria apos ela: & assi ho fizerã. E quis nosso senhor que as fustas tinhão as vergas dalto, que sem isso não poderão dar ás velas/ & forão cõ ho terrenho ate hũa legoa de Malaca onde surgirão q̃ não poderão mais surdir por amor da maré que vazaua, & ali esteuerão esperando ate bo meyo dia pola viração. E neste tẽpo tornou Laquerimena de mandar enterrar os seus mortos, que forão enterrados na ilha Dupe/ & apareceo ao mar/ & como não

sabia a maneyra de q̃ os das fustas ficarão/nã ousou de tornar a pelejar coeles/temendo que ho acabassem de destruyr:& ãdaua balrraueteãdo a vista deles, com que Jorge dalbuquerq̃ se agastou muyto por ver quão perto os mouros andauã das fustas & viaas surtas/& não sabia como não se yão pera terra a remos. E parecendolhe aquilo mal/mandara de boa võtade ver o q̃ era se teuera algũ parao ou fusta/mas não tinha mais que dous nauios redondos de gauea/que tinhão necessidade de muyta gente,& receaua á armada dos mouros q̃ andaua a vista/& por isto não ousaua de os mandar:& as duas fustas esteuerão em muyto risco de serem tomadas pelos mouros se as cometerã/mas como digo não ousauão. E vinda a viração, Manuel falcão mandou dar ás velas & foyse pera ho porto de Malaca/& por conselho Dantonio carualho ya a artelbaria das fustas carregada/pera que a despa rassem em chegando ao porto:porq̃ os da terra vẽdo este final dalegria cuydassem que yão os Portugueses vitoriosos & não ouuesse antreles aluoroço de que se quererem leuantar. E chegando as fustas ao porto que despararão a artelbaria, acodio Jorge dalbuquerque & ho alcayde de mooz com outros cuydando que ya Martim Afonso muyto vitorioso, se não quando vio tantos mortos,& lhe contarão como passara o feyto,& vio as fustas como yão pregadas/chorou com tristeza & magoa de tamanho desastre como a quele fora. E porque a gente da terra cuydasse como cuydou q̃ os Portugueses ficarão com a vitoria, não quis que tirassem os mortos das fustas se não á meanoyte,& forão soterrados dentro na igreja. E coeste ardil se encobrio ho desbarato dos Portugueseo aos da terra,a q̃ dizião que Martim Afonso de sousa & outros homẽs conhecidos que falecerão estauão doentes/porque os não achassem menos.

Capit. xcix. Do q̃ Laquerimena fez no Colascar:& de como se foy pera Bintão.

VEndo Laquerimena que os Portugueses nã que rião sayr mais a pelejar coele/determinou de se vingar do mal que recebera na gẽte da terra,& foyse a hũa povoação de Malaca afastada hũ pouco do corpo da cidade que se chama Colascar & desembarcou ali cõ toda sua gẽte. E quando os mordomos do Colascar que erão gẽtios virão os mouros sobre si,receando que os matassem/selhe entregarão com cõdição que lhes dessem as vidas & as fazẽdas/& q̃ se irião coeles pera õde os quisessem leuar. E Laq̃rimena os mandou embarcar na sua armada com molheres, filhos & fazenda. E despejãdose ho Colascar foy Jorge dalbuquerque auisado disso por hũ Christão da terra chamado Jacome,& Jorge dalbuquerque mãdou a Garcia chainho que fosse com setẽta Portugueses & desse no rabo dos imigos se visse tempo pera isso:o q̃ veria em chegando a hũ regato que

torria por antre a cidade & ho Colaſcar / & partio, em anoytecendo. E chegando ao regato donde auia de deſcobrir terra, leuauão os Portugueſes tamanho deſejo ô pelejar que nũca Garcia chainho os pode deter pera ſaber o que fazião os imigos: & paſſando ho regato forãſe de reytos ao lugar dõde os mouros ſe acabauão de ſayr: têdo ja os gẽtios embarcados. E quãdo ſentirão os Portugueſes cuydando q̃ foſſem mais / embarcaranſe cõ muyta preſſa & afaſtaranſe pera ho largo. E tudo iſto virão os Portugueſes com ho grande lũar que fazia / & não poderão fazer nenhũ dãno aos mouros. O que vẽdo Garcia chainho, mandou meter ho lugar a ſaco / em q̃ foy achado algũ arroz com que ſe alegrarão muyto por auer grande falta dele ẽ Malaca & ſer muy caro: & aſſi forão achados algũs eſpigar dões & berços, & bũ pouco de gado & aſſi algũa mercadoria. E coeſta preſa ſe tornou Garcia chainho a Malaca / õde chegou á mea noyte / & Laquerimena ſe foy a Bintão deixando feyta em Malaca tamanha perda.

¶ Capit. c. De como Balteſar rodriguez raposo & Aluaro de brito deſbaratarão Laquerimena & el rey de Braguim.

Aqui a algũs dias não ſabendo el rey de Bintão ho grãde dãno q̃ a ſua gẽte fizera aos Portugueſes / & cuydãdo q̃ elaſomẽte ho recebera deles / determinou de ſe vingar em el rey de Linga vezinho de Malaca por ſer amigo dos Portugueſes, & lhe ſocorrer cõ mãtimentos / & mãdou ſobzele el rey de Braguim ſeu genrro & Laquerimena com cento & ſeſſenta lancharas em que irião oyto mil mouros bem armados & apercebidos de muyta artelharia & de muytas munições. E eſtes dous capitães cercarão el rey de Liga por mar & o aptauão muyto. E nã ſe atreuẽdo ele a liurarſe da opreſſam que lhe dauão, mãdou pedir ſocorro a Jorge dalbuquerque, alegandolhe as boas obras q̃ lhe tinha feytas em ſua neceſſidade. E como por eſſa cauſa el rey de Bitão lhe fazia aquela guerra: & poſto que Jorge dalbuquerque eſtaua em tanta neceſſidade de gẽte por quão pouca tinha & eſſa ainda ferida. E canſada a mayor parte dela, determinou de lhe ſocorrer pola obrigação em que lhe era: & porque foſſe exemplo aos outros amigos dos Portugueſes que folgaſſem de os ajudar quando lhes foſſe neceſſario / porẽ como em Malaca ſe ſabia a grande frota que eſtaua ſobze el rey de Linga, & os Portugueſes eſtauão canſados & enfadados de tãta guerra: com muyta difficuldade achou quẽ lá quiſeſſe ir. E com tudo forão cincoenta Portugueſes nos dous naujos que diſſe / em que forão por capitães bum Aluaro de brito & bũ Balteſar rodriguez raposo natural de Beja. E nauegando por ſua viagẽ / chegarão a bũas ilbas que eſtão a tiro de falcão da de Linga, & ali ſurgirão por vazar a maré & as

amarras das ancoras com q surgirão estauão forradas de cadeas de ferro, porq lhas não podessem os imigos cortar. Laqrimena t el rey d Draguim q virão os nauios dos Portugueses ficarã muyto ledos/ parecendolhes q lhes não podião escapar, t mandarão fazer grãdes alegrias por toda a frota. E ás duas horas despois de meyo dia mãdarão saber se era baixa mar de todo pera irem pelejar cõ os Portugueses: o que eles entenderão logo vendo hũ balão que hoya saber, t fizeranse prestes pera a peleja com muytas panelas de poluora/ t rocas de fogo t ceuarão suas espigardas q todos tinhã, t porq os mouros os não podessẽ aferrar cubrirã os nauios cõ hũas esteiras de rota de bẽgala q chegauão das ẽrarcias ate a agoa, t somente as popas t proas ficauão descubertas. E sendo a maré vazia abalarão os immigos pera os Portugueses repartidos ẽ duas batalhas cada hũa doy tenta lanchara: com grãde arroido de instormentos de guerra/ que tocauão de quando em quando. E cessando os instormentos aleuãtauão os mouros muyto grãdes gritas, t a pos ela cantauão em lingoa malaya ao som dos remos. Ja vos jazedes peixes nas redes: porq criã sem duuida que assi estauão os Portugueses/ que cõ quãto vião ir cõtreles tamanhas nuuẽs de nauios q cobrião o mar/ cõ tamanho estrõdo q hoya fazião tremeter. Estauão todos muyto esforçados cõ a esperãça em nosso senhor t hoy primeyro homẽ que pos fogo a hũ falcão foi Antonio carualho que atras no meey. E quis Deos que acertou em hũa lancharat arrombou a/ a q os Portugueses derão hũa grãde grita/ dizendo. Vitoria, vitoria: q Deos be cõnosco. E logo tirarão outros quatro tiros, t arrombarão t desaparelharão outras õze/ em q forão mortos muytos mouros. E q quebrou grandemẽte os spiritos aos outros. L aqerimena t el rey de Draguim tambẽ mãdarão poer fogo á sua artelharia q erã muytos falcões de metal / t fazião remar muyto rijo pera chegarẽ aos Portugueses t os aferrarẽ: q coisso esperauão de os matar a todos t não cõ a artelharia, t quãdo forão pera hoy fazer nunca poderão apegar os arpeos por amor das esteiras: q aq le dia despois ho nosso senhor forão saluação dos Portugueses. E bẽ parece q ele por sua misericordia lhes inspirou aq le ardil, porq se os mouros os aferrarão segũdo erão muytos t eles poucos não escapar nhũ. E vẽdo Laqrimena t el rey de Draguim q não podiã aferrar os Portugueses desbonrrauão os seus de couardos t fracos com q eles se desfazião em tirar frechadas sem cõto de frechas cruadas/ t muytas espigardadas/ t tãtos arremessos ho lãças t azagayas q cobrião ho ár, pelo q nenhũa parte ficou dos corpos dos nossos nauios nẽ dos mastos, nẽ das vergas q não fosse pregada deles que parecião pórcos espis/ nem ouue amarra, nẽ corda/ nem enxarcia q não fossem trincadas. E os Portugueses com quanto erão combatidos tão brauamẽte,

não perdião ho esforço pera se defẽderem, ⁊ parecia q̃ nosso senhor lho acrecentaua de cada vez mais, tirãdo hũs muytas espingardadas, outros com panelas de poluora ⁊ outros com rocas de fogo. E como os nauios dos ĩmigos erão tãtos não perdião nenhũ tiro/ que com todos fazião muyto mal aos ĩmigos: em tanto que desparãdo cõ hũ camelo meterão no fundo dezasete lancharas em que morrerão bem duzẽtos mouros: a que os Portugueses derão hũa grande apupada. Do que corridos Laqueximena ⁊ el rey de Draguim, apertarão com os seus que se chegassem muyto mais aos nossos nauios: ⁊ assi ho fizerão ate se pegarẽ coeles de todo. E a batalha se renouou se se podia renouar/ ⁊ apressa tambẽ se acrecentou nos Portugueses em se defenderem. E tomando Antonio carualho que estaua na popa dũ dos nauios hũa panela de poluora pera a deitar nas lãcharas q̃ a tinhão cercada/ rogoulhe hũ Afonso gil que lha deixasse deitar por estar mais a tiro, ⁊ ele lha deu: ⁊ em Afonso gil a tomando da lhe nela da parte dos immigos hũa azagaya, ⁊ quebrandolha cayolhe aos pés, ⁊ acendeose ho fogo com q̃ foy queymado em quantas partes estaua desarmado, ⁊ o fogo se ateou na mezena do nauio. E cuydãdo os immigos que ardia ho nauio derão hũa grande grita/ remetendo pera entrar pelas duas portinholas que goardão ho leme/ a que algũs dos Portugueses acodirão logo, ⁊ coeles ho condestabre do nauio que se passou diante de todos pera dar fogo a dous berços que estauão nas portinholas. E como ja os ĩmigos estauão sobre os berços ⁊ erão muytos não podia ho condestabre poer ho fogo, ⁊ cõ menencoria apanhou polos cabelos hũ deles que achou mais á mão/ ⁊ com ho punho da espada lhe quebrou os dẽtes ⁊ os beiços/ ⁊ deu coele entre os outros q̃ estauão nas lancharas pera entrar polas portinholas, que vendo aq̃le tão mal tratado nã quiserão ẽtrar/ ⁊ os que entrauão despejarão: cõ o q̃ ho condestabre teue lugar de poer ho fogo aos berços/ que desparãdo fizerão hũa espãtosa esborralhada nos immigos/ leuãdo cabeças/ braços ⁊ pedaços dos corpos de muytos q̃ ali acabarão suas vidas: ⁊ outros ficarão feridos ⁊ aleijados/ com que todos os outros da armada ouuerão tamanho medo q̃ se afastarão ⁊ fugirão sẽ aproueitarem os brados de Laqueximena, nẽ del rey Draguim pera que tornassem a pelejar: que desesperados de os prouocarẽ a isso se afastarão/ ⁊ se forão coeles/ recebendo tamanha perda como digo de lancharas metidas no fundo, ⁊ arrombadas, ⁊ desaparelhadas/ ⁊ mortos ⁊ feridos sem conto/ sem dos Portugueses morrer mais q̃ hũ que auia nome Luys pirez mercador muyto rico: ⁊ forão feridos dezasete. E fugidos os ĩmigos que ho porto ficou despejado, entrarão os Portugueses nele ao sol posto com muyto grãde alegria de gritas ⁊ bõbardadas: ⁊ surtos foy el rey de Linga com hũ seu filho ⁊ gẽrro aos nauios. E era tãta sua alegria de se ver liure/ ⁊ de

de ver a sobre natural vitoria dos Portugueses sendo tão poucos/ q̃ choraua d̃ prazer: ⁊ os capitães lhe dizião que não se espantasse, porque ho seu Deos tinha poder pera fazer mayores marauilhas que aquelas: ⁊ que a ele desse as graças de tamanho beneficio como aquele fora. E ele ho fez assi: ⁊ deixãdo ho os capitães seguro forãse pera Malaca cõ muytas dadiuas que lhes ele deu ⁊ cõ lhes carregar os nauios de sagu que he hũ pao de q̃ se faz pão, como disse/ que pera aq̃le tempo era a melhor cousa que podia ser pola grãde fome que auia em Malaca.

¶ Capit. cj. De como el rey de Bintão tornou a fazer guerra a Malaca: ⁊ do que fizerão seys Portugueses.

Posto q̃ el rey de Bintão recebesse tamanha q̃bra ẽ sua armada como disse/ nem por isso desistio da guerra q̃ fazia a Malaca, porque fazia conta que ainda que não fizesse mais mal aos Portugueses que tolherlhes os mantimentos q̃ este era muyto grande. E não contente cõ mandar Laqueximena por mar cõ hũa armada/ por terra foy ho arrenegado que auia nome Auelar com obra de quatro mil homẽs q̃ assentou seu arrayal obra de mea legoa de Malaca: o que deu muyto tormẽto a Jorge dalbuquerque, porq̃ não tinha mais que ate cẽ Portugueses ⁊ muytos deles doentes, ⁊ assi doentes os punha nas estancias q̃ ordenou pera se defender dos imigos/ porq̃ dali auião de pelejar a pequedo. E estando assi a cousa/ derão os imigos hũa noyte de supito na cidade dos Quelins pola banda q̃ se chama Campuchina q̃ era cercada de muro de madeyra, que por auer dias que era feyto a podrecera a madeyra de comida do bicho/ ⁊ os imigos q̃ isto sabião arrombarão hũ lanço dele dobra de sessenta passos, ⁊ quando cayo fez tamanho estrondo que acordarão a gente que dormia/ a q̃ muytos acodirão pera verẽ o que era, ⁊ derão cõ os immigos que entrarão por aq̃le boqueyrão que matarão estes que acharão diante ⁊ assi outros: ⁊ porq̃ a grita era grande pareceolhes q̃ acodirião os Portugueses/ ⁊ por isso se recolherão pera fora leuãdo catiuos os que poderão. E nisto acodirão os Portugueses, ⁊ dos primeyros forão Nicolao de sá/ ⁊ dous outros q̃ vigiauão coele a ponte: ⁊ assi acodio Garcia chainho/ ⁊ outros muytos. E fazẽdose em corpo no boqueyrão defenderão q̃ não tornassem os imigos a entrar, q̃ vendo q̃ não podião fazer nada se forão pera seu arrayal ⁊ Garcia chainho ficou goardando aq̃le boqueyrão ate q̃ foy manhaã, que Jorge dalbuquerq̃ ho mandou restaurar. E despois disto corrião os imigos muytas vezes á cidade/ assi de dia como de noyte, pelo que era necessario estarem os Portugueses sempre vigiãdo nas trãqueyras cõ as armas vestidas, quasi nã dormindo nunca, ⁊ comendo muyto mal pola grande falta de mantimẽtos q̃ auia. E se Garcia chainho não fora q̃ daua de comer a muytos

de todo não comerão, porque como era muyto rico nã estimaua dinheiro por auer mantimentos, & ho mesmo fazia Jorge dalbuquerque, que auia muyto grande dó dos Portugueses: a que chamaua martires polo grande trabalho que leuauão/ & dizialhes que não sabia com q̃ lhes el rey pagaria tão seruiço/ & quãdo os via feridos cõsolauaos muyto, & dizialhes q̃ prouuera a Deos que fora ele o que recebera aquelas feridas por seruiço de Deos & del rey. E coisto se esforçauão todos & sofrião quanta fadiga padecião/ & pelejauão de modo que vendo Auelar quão pouco fazia se recolheo pera Penagim hũ lugar sete legoas de Malaca, & dali fazia ás vezes suas cozridas. E durãdo assi esta guerra deu ho Auelar hũ bãquete geral em que os principais do arrayal se embebedarão, & despois de bebados se tomarão as mãos, & se derão a fé de irem cozer a Malaca & cortar a cabeça a Garcia chainho, & a trazerem: & isto polo grande odio q̃ lhe tinhão pola causa que disse. Feita esta promessa/ embarcarãse estes que digo com outros que forão por todos duzentos & sessenta homẽs ẽ doze velas. s. lancharas, paraós & calaluzes. E chegãdo a hũ rio duas legoas de Malaca, meteranse nele por ser muyto cuberto daruoredo: & deixando ali sua frota escondida foranse a Malaca, & postos em cilada mandarão cozrer certos mouçõres (que assi chamão aos almogaueres) & estes forão matar certas vacas que andauão pacendo/ pera os Portugueses lhes sayrem & eles os leuarẽ á cilada. E dado rebate na fortaleza/ sayo Garcia chainho cõ esses que poderão sayr/ & os Mouções cõ medo fugirão tanto que os Portugueses os não virão: & tambem cõ a grande bastidão do mato. E vendo Garcia chainho que não parecia ninguẽ/ tornouse & todos os outros saluo seys que antes que ele fizesse volta se apartarão do corpo da gente per hũa vereda/ & por isso não sintirão tornar Garcia chainho & passarão auãte, & estes forão Francisco correa/ Ruy lobo & outros quatro a que não soube os nomes. E indo assi por aquela vereda forão dar na cilada/ & vendo tanta gẽte como disse q̃ era, quiserã fugir se não fora por Francisco correa, q̃ alem de ser muy esforçado caualeyro ya doente & fraco & vio que se os outros fugissem que ele não auia de poder fugir & q̃ ho auião de matar, & por isso fez coeles que não fugissẽ & pelejassem: dizendo lhes q̃ se eles esteuerão descansados que fora bẽ fugirem porque ho poderão fazer/ mas tão cansados como yão q̃ era escusado/ porq̃ os imigos os auião logo de seguir & os auião dalcãçar & matalos: por isso q̃ melhor seria pelejar fazendose fortes debaixo da q̃las aruores/ & que poderia ser que lhes acodiria a outra gente. E parecendo isto bẽ aos outros/ meteraõse todos debaixo de hũas aruores q̃ chamão ramboseiras que se parecẽ cõ larãgeiras & assi sam cãrradas/ & dali começarão de tirar aos imigos com duas espingardas que tinhão/ antre os q̃es & eles ficaua hũ peq̃no escampado. E os imigos q̃

virão aqueles poucos tirarlhes, crerão que ho corpo da outra gente deuia destar ali ⁊ que se encobria cõ ho aruoredo. E coisto que crerão não ousarão de sayr todos a eles, ⁊ tirauãlhes donde estauão muytas frechadas/ ⁊ de lhes crecer a cobiça de os matarem sayão de quando em quando hora sete hora oyto desses que se tinhão por melhores caualeyros. E os Portugueses que os vião tão poucos remetião a pelejar coeles ⁊ sempre matauão algũs cõ as lanças ⁊ com as espingardas. E em espaço de hũa hora que durarão estes cometimẽtos/ forão mortos onze dos principais dos immigos a fora outros muytos que forão feridos / ⁊ dos Portugueses morreo hum que era bombardeyro ⁊ foy morto por cobiça dum cris que quisera tomar a hum dos mortos ⁊ pregarãno com hũa azagaya em cima do morto/ ⁊ foy ferido Frãcisco correa de hũa frecha que lhe atrauessou ho pescoço, ⁊ assi pelejou sempre muyto esforçadamente. E vendo os immigos quão mal os tratauão, ouuerão por seu barato de se ir / ⁊ idos foranse tambem os Portugueses pera a fortaleza leuãdo sobraçado Francisco correa: ⁊ cõtarão a Jorge dalbuquerque o que lhes acontecera, ⁊ a ele lhe pareceo bem que fossem apos os immigos/ ⁊ mandou a Garcia chainho, q̃ foy leuando algũs Portugueses ⁊ gente da terra, ⁊ polo rasto do sangue que era muyto foy apos os immigos ate sayr do mato á praya onde estauão/ ⁊ tanto que virão Garcia chainho poserãse em som de pelejar, parecẽdolhes que Garcia chainho ouuesse medo ⁊ que os não cometeria: mas ele que não desejaua outra cousa se não pelejar coeles/ ordenou sua gente pera ir dar neles / o que eles vẽdo fugirão ao lõgo da praya ⁊ não forão pera ho rio porque os não entendessem que tinhão ali armada: porem os Portugueses os entenderão ⁊ a buscarão/ ⁊ achandoa mandou Garcia chainho arrõbar os mais dos nauios / ⁊ os pequenos mandou os pera a cidade com a gente da terra. E isto feyto tornouse pera a fortaleza por terra em anoytecendo/ onde chegarão ao outro dia pola manhaã/ ⁊ dali por diante fazião os immigos suas corridas aa ciadade, assi por terra como por mar: porem não se fez mais feyto notauel que os que digo, ⁊ durou a guerra ate a chegada de Pero mazcarenhas / em que os Portugueses passarão tanto trabalho ⁊ fadiga quanto não se pode contar, vigiando sempre de noyte/ ⁊ não dormindo de dia, ⁊ estando de contino armados ás chuuas ⁊ vẽtos ⁊ outras vezes ao sol: ⁊ sem comerem mais que arroz: ⁊ carne ou pescado de marauilha, porque pola esterelidade dos mantimentos não se podião auer/ ⁊ valia hũa galinha tres cruzados ⁊ quatro / ⁊ fazia cinco quem a vendia aos quartos porque daua a descaida por hũ ⁊ se não forão Jorge dalbuquerque ⁊ Garcia chainho que dauão mesa quasi que não escapara nenhum Portugues/ porque ainda assi morrerão duzentos ⁊ corenta Portugueses a ferro ⁊ de fome / doença ⁊

trabalho despois que Martim afõso de sousa foy em Malaca.

Capitolo.cij. De como Pero mazcarenhas foy entregue da capitania de Malaca.

Pero mazcarenhas q̃ partio pera Malaca com a armada que disse nauegando por sua viagem topou cõ hũa nao de mouros de Cambaya que foy tomada pelos Portugueses, em que foy achada muyta riqueza. E Pero mazcarenhas fez capitão dela ate Malaca a Diogo chainho que ya por feytor de Malaca, a que chegou primeyro que Pero mazcarenhas. E sabido per Garcia chainho seu irmão como estaua no porto foy por ele á nao em hum calaluz acompanhado de treze homens bonrrados/ & ya vestido tão ricamẽte que a espada que leuaua com as cintas tinha dous mil cruzados douro. E em saindo do rio çoçobrou ho calaluz & morrerão quantos yão nele saluo hũ negro: & assi acabou Garcia chainho tendo feyto tanto seruiço a Deos & a el rey, & ficou por sua morte grossissima fazenda: & de tudo Diogo chainho tomou posse. E nisto chegou Pero mazcarenhas & per virtude da prouisam que leuaua lhe entregou Jorge dalbuquerque a capitania de Malaca/ & como foy capitão mandou prender Diogo chainho por se meter de posse da fazenda de seu irmão sem mais autoridade de justiça, & sendo sua fazenda obrigada a el Rey pelo officio q̃ tinha ate dar cõta. E despois ho mandou preso aa India, onde gastou quanto tinha em se liurar. E passados algũs dias despois de Pero mazcarenhas estar de posse da capitania/ como el rey de Bintão ho soube/ & que era chegada gẽte de refresco a Malaca, porque nã cuydassem os Portugueses que ele por seu medo diffistia da guerra tornou logo a ela, mandando gẽte por mar & por terra que fossem correr a fortaleza: & assi ho fazião. E os portugueses tornarão aos trabalhos da guerra, & continuamẽte estauão armados por quão contínos erão os rebates que os inmigos lhes dauão, com que sayão a pelejar quasi cada dia. E Pero mazcarenhas saya muytas vezes a estas pelejas: & sempre Deos seja louuado leuaua ho milhor dos imigos/ posto que erão muyto mais que os Portugueses. E hũ dia saindo Pero mazcarenhas a pelejar prendeo hũ dos capitães dos imigos/ & assi outro homẽ/ que ambos se defenderão valentemente: & despois de presos ouuera ho capitão de matar a Pero mazcarenhas, cõ hũ cris/ selbe não bradarão que se guardasse: pelo que logo Pero mazcarenhas ho mandou deitar do terrado da torre da menagem a baixo. E ho outro q̃ rẽdoo meter em hũa bombarda pera a despararem coele soltouse/ & matou ho condestabre: & então ho matarão. E durando assi esta guerra por se Pero mazcarenhas liurar dela, & dar que fazer a el rey de Bintão mãdou a Ayres da cunha capi

tão mór do mar que se fosse poer na sua barra com hum galeão & certas fustas com que lhe tolhia os mantimentos & as mercadorias/ & deu assaz que fazer a el rey. E tambem nesse tempo chegou a Malaca Martim afonso de melo jusarte: da ilha de Banda donde inuernara: & Pero mazcarenhas lhe pedio que pois ho Deos ali leuara naquele tempo q̃ fosse fazer guerra a el rey de Patane que estaua leuantado como disse atras. E com quanto Martim afonso não estaua são do braço em que fora ferido em Maluco, por seruir a el rey aceitou a ida/ & foy no mesmo galeão em que fora por capitão mooz de Balthesar rodriguez raposo que ya em hũ nauio de gauia/ & dõ Luys brandão que ya em hũa caravela & doutros quatro capitães que yão em lancharas. E leuando nesta frota duzentos Portugueses se foy dereyto ao porto de Patane, onde achou dezaseys jungos carregados de gente & de mercadoria/ assi da terra como doutras partes, & todos os tomou por força darmas matando & ferindo muytos dos immigos sem dos Portugueses morrer nenhum. E vendo se el rey de Patane assi apertado, mãdou pedir pazes a Martim afonso: offrecendose a pagar todas as perdas que os Portugueses tinhão recebidas em seu porto/ & obrigando se a mandar a Malaca os mantimentos que ho capitão de Malaca quisesse de sua terra: & que Martim afonso tornasse os cascos dos jungos que tinha tomados. E isto jurado & affirmado, se compriu tudo: & Martim afonso se tornou a Malaca, donde se foy despois aa Jndia.

¶ Capitolo. cliij. De como põ Garcia anrriquez chegou á fortaleza de Maluco.

Atrado ho mes de Mayo q̃ era a moução pera Maluco, partiose dom Garcia anrriq̃z da ilha de Banda ondestaua com Martim afonso de melo jusarte. E indo por sua viagẽ chegou aa ilha de Ternate a tempo que Antonio de brito queria mandar sobre ho lugar de Damafo q̃ era del rey de Tidore. E surto dom Garcia no porto de Talangame que he ho porto dos jungos & naos, duas legoas da fortaleza, mandou notificar a Antonio de brito sua chegada & como ya por capitão de Maluco/ por isso que lhe despejasse a fortaleza porque não auia de desembarcar ate não ser despejada. E Antonio de brito vendo este recado tão seco este ue em lhe não dar a fortaleza. E cõ tudo mandoulhe dizer que fosse a ela & que laa se faria o que fosse seruiço del rey. E dom Garcia não ousaua dir sem primeyro Antonio de brito lhe despejar a fortaleza/ por que receaua que desembarcando antes de ser despejada lha não entregasse/ & mais lhe tomasse a armada que leuaua/ & por isto não desembarcaua, nẽ desembarcara se ho nã segurara Antonio de brito, que ho recebeo com muyto grande festa &

bo leuou a comer coele, & assi ao feytor & alcayde moor. E acabando de comer quisera dom Garcia que vira logo Antonio de brito as suas prouisões / & que lhe entregara a fortaleza / & Antonio de brito não quis. E despois de dormirem as virão sendo presentes bo feytor & alcayde moor & outros officiaes da fortaleza. E lidas as prouisões, disse Antonio de brito, que com quãto ele podera não entregar a fortaleza a dõ Garcia por aquelas prouisões leuarem algũas duuidas que logo apontou, que era contente de lhe entregar a fortaleza / mas que não auia de ser senão no Janeyro seguinte que era a moução pera se ir pera Malaca. E porque dali a Janeyro auia oyto meses / disse dom Garcia que não queria tal entrega / & requereo ao alcayde mór & feytor que lhe fizessem logo entregar a fortaleza. E polo não quererem fazer / & ver dom Garcia que era tempo perdido estar ali mais / fez suas protestações & foy se pera sua armada. E despois de ser laa Antonio de brito se concertou coele, que por quanto tinha bum iungo começado que se acabaria no Agosto seguinte, lhe entregaria então a fortaleza / & que entretanto se fosse pera ela / & estarião ambos como era rezão. Do que dõ Garcia foy contente: & logo se foy pera a fortaleza / & estiuerão muyto amigos em todo este tempo.

¶ Capitolo.cliij. De como entrado bo inuerno el rey de Calicut mandou fazer guerra a dõ João de lima.

EL rey de Calicut q̃ tinha determinado de fazer guerra aa nossa fortaleza & tomala como disse atras / por a segurar dom João que perdesse a sospeita dele mandou bũ mouro chamado Lambeamorim com bũa carta de crença ao gouernador sobre pazes / & que posesse ele as condições com que as queria fazer. E isto tambem pera que bo gouernador perdesse algũ receo se bo tinha da guerra, & se descuydasse de prouer a fortaleza como era necessario. E este mouro chegou a Cochĩ na fim de Mayo, & deu ao gouernador a carta de crença que lhe leuaua del rey de Calicut / & disselhe o que leuaua por instrução sobre as pazes. De que bo gouernador foy contente por amor da guerra que esperaua de fazer a el rey de Cãbaya, & disse ao Lambeamorim: q̃ ele não faria pazes com el rey de Calicut se não coestas condições, que auia de tornar toda a artelharia que tinha dos Portugueses, & lhe auia dentregar quantos paraós auia em seu reyno, & nunca mais se auião de fazer outros. E assi lhe auia dẽtregar certos mouros que logo nomeaua, que forão causa de certas treições & mortes que fizerão a Portugueses / & que ymarão a igreja de sam Thome de Cranganor / & que auião de pagar bo dinheiro que custasse a redeficar. E que bũ grão senbor gẽtio chamado Calurte canaire que a judaua el rey de Cochim na guerra q̃ tinha cõ el rey de Calicut / auia de ficar amigo del rey de Cochi como

era, ⁊ ho auia da judar como ajudaua. Coesta reposta se partio Lãbeamorim pera el rey de Calicut auer de confirmar estas pazes/ ⁊ mãdar disso hũ contrato assinado por ele ao gouernador: ⁊ como tudo era fingido não ho mãdou el rey mais nẽ nenhũ recado outro/ antes parecẽdolhe que tinha tempo pera começar a guerra por ser entrado ho inuerno/ em que fazia cõta de não poder ir socorro a dom João, mãdou sobrele ho seu capitão do campo ⁊ ho senhor da serra com doze mil homẽs de peleja, pera que entre tanto que ele ya cingirem a fortaleza de caua que chegasse de mar a mar/ ⁊ assi hũa trincha, porque a gente de suas estãcias se emparasse nelas da artelharia dos Portugueses, ⁊ coeles mandou hũ Cezilliano arrenegado mestre de campo que era grãde official dartefícios de guerra/ ⁊ andara no campo do turco quando esteue sobre Rhodes. E chegada esta gente a Calicut foy hũ dia dar vista aa fortaleza, tirandolhe muytas espingardadas ⁊ frechadas. E por amor da artelharia da fortaleza que começou de varejar não se ousou de descobrir muyto, ⁊ tirauão dantre casas derribadas ⁊ paredes velhas que estauão perto da fortaleza. E dom João como era muyto esforçado, disse aos principais que estauão coele que sayssem aos mouros/ porque cuydassem que os não temião: ⁊ assi ho fez leuando diãte os espingardeyros que tinha/ ⁊ deu tão rijo neles que os fez recolher pera dẽtro da cidade/ ⁊ ele tornouse aa fortaleza, que tinha bem prouida com receo da guerra de muyto caruão pera poluora/ ⁊ lenha pera fazer outro, de muyta pedra ⁊ madeira pera repayrar os muros se disso ouuesse necessidade.

¶ Capit. cv. De como os immigos começarão de cercar a fortaleza de cauas pera assentarem suas estancias.

Logo ao outro dia ante manhaã começarão os imigos com muyta gente de seruiço que tinhão dabrir hũa caua que na guerra passada começarão dabrir, q̃ da banda da cidade começaua da rua dos torneyros ⁊ ya dereyta ás casas de Duarte barbosa: ⁊ assi começarão dabrir hũa trincha que he caua em voltas/ que começaua do cãpo dos mainatos ⁊ ya dereita á rua da China cota, ⁊ na largura delas cabia hũa fieira doyto homẽs que cauauão: ⁊ era com determinação/ como disse de cingirẽ a fortaleza de mar a mar. E oom João que ho entendeo, trabalhaua quanto podia por lho estoruar: dandolhes cada dia muytos rebates/ ẽ que sempre os Portugueses matauão algũs: ⁊ porem como eles erão muytos nã deixauão de leuar sua obra auante. E entendẽdo dom João q̃ era pera lhe tolherem ho socorro que lhe fosse, fez hũa noyte con conselho dos fidalgos ⁊ caualeyros q̃ estauão coele hũa coiraça de pipas cheas de terra que começaua da fortaleza ⁊ chegaua ate ho mar/ ⁊ por cima delas hua trãqueyra muyto forte. E dali por diãte mandaua dõ João vigiar

de noite esta couraça porq̃ lha não queimassẽ: & despois dela feita porq̃ a feitoria estaua fora da fortaleza, & assi ho almazẽ & casa da polvora: & tudo o q̃ estaua dẽtro corria risco ô ser queimado, recolheo dõ João tudo na fortaleza, sobre o q̃ teue grãde peleja cõ os imigos q̃ lhe querião resistir: mas sempre leuauão ho pior. E despejadas estas casas fazião dali os portugueses muyto dãno aos imigos, tirandolhes por espingardeiras muytas espingardadas q̃ndo corriã a fortaleza, q̃ era quasi cada dia: & acabado de se afastar ẽ saltaua dom João nas cauas q̃ os imigos fazião, leuãdo os seus muytas panelas de polvora com q̃ queimauã muytos. E coestes rebates fazia dilatar q̃ não leuassem as cauas de mar a mar. E a força este mal recebiã os imigos outros da nossa artelharia, que lhes fazia muyto dãno. E q̃ vendo ho Cezariano q̃ disse, mãdou cobrir de vigas muyto grossas, o q̃ era aberto das cauas: & assi como yão abrindo assi ho cobrião: & isto porq̃ a artelharia da fortaleza não podesse fazer mal aos imigos: nem tambẽ os Portugueses lhe não podião fazer tãto dãno como dantes com as panelas de polvora. Porem dõ João não deixaua de os saltear cada dia, & se teuera mais gente da q̃ tinha segũdo era esforçado dera batalha aos imigos, & os fizera de todo deixar as cauas, mas nã tinha mais de trezẽtos homẽs. E como cõ tão pouca gente não podia fazer mais q̃ dar picadas, leuauã os imigos a trincheira ate a rua da China onde acabou, & ficaua da bãda do sul. E por industria do Cezariano começarão logo de fazer ali hũ repairo pera assentar ẽ nele hũ trabuco com q̃ deitassem pedras muyto grãdes na fortaleza em quanto lhe não dessem bateria. E posto que dõ João não presumisse ho fim pera q̃ era ho repairo, pareceolhe bẽ com cõselho q̃ sobrisso ouue de estorvar q̃ ho repairo não fosse por diãte: pera o q̃ sayo fora da fortaleza cõ duzẽtos Portugueses. E ficãdo em corpo com os centos, mandou a dõ Vasco de lima & a Jorge de lima q̃ cada hũ com cincoẽta dessem por sua parte nos imigos q̃ estauão em goarda dos q̃ fazião ho repairo q̃ serião bẽ oytocentos. E assi ho fizerão com tamanho impeto q̃ derão logo no chão cõ muytos mortos despingardadas, & outros queimados cõ panelas de polvora, & os vivos se acolherão fugindo: & dos Portugueses aprouue a nosso senhor que não morreo nenhũ, & sós dous forão feridos. E tornãdo os imigos a prosseguir no repairo cõ quasi dobrada gẽte em goarda do q̃ dantes estaua: tornou dõ João a dar neles pela ordẽ que dera da outra vez, & forão escarmẽtados de tal maneyra q̃ não ousarão de tornar mais ao repairo & ho deixarão

Capitolo.cvj. De como despois de el rey de Calicut ser na cidade dom João de lima quimou as casas da feytoria & almazem.

GRande contentamẽto era ho dos mouros de Calicut de verẽ como ho cerco da fortaleza ya por diãte,

porq̃ eles erão os que conselhauão a el rey que fizesse esta guerra/ & ho ajudauão muyto nela com determinação de tomarem a fortaleza, pera coisso tornarem a cobrar ho credito q̃ tinhão perdido na Jndia, porque não ousauão de falar perante os Mayres q̃ lhes dizião mil injurias/ & que não sabião mais q̃ meter a el rey na guerra, & que ho não sabião liurar dela/ & por terem guerra cõ os Portugueses não tinhão q̃ comer & morrião de fome. E cõ tudo el rey de Calicut fauorecia os mouros polo proueito que recebia deles & por isso fazia a guerra, & por se não irẽ de Calicut nem de seu rey no que sem eles ficaua de todo pobre: assi que por os mouros cobrarẽ ho credito que tinhão fazião com el rey q̃ fizesse esta guerra, em q̃ quasi todo ho gasto era á sua custa deles. E por que sabião q̃ com a vinda del rey de Calicut ho cerco da fortaleza auia de ser mais apertado, forãlhe algũs pedir que se fosse pera Calicut: & como ele estaua apercebido do mais de que tinha necessidade pera a guerra/ & acompanhado de muytos reys & senhores que ho ajudauão foyse logo a Calicut, onde chegou na entrada de Junho, & achou que tinha nouenta mil homens de peleja antre mouros & Mayres/ & antrestes auia dous mil espingardeyros & artelharia grossa & miuda q̃ abastaua pera dar bateria á fortaleza. E quãdo el rey chegou foy dissimuladamente aa fortaleza sem nenhũ estado por não ser conhecido/ & lhe não tirar a artelharia: & vendo a fortaleza quão pequena era/ disse que pera que era mais detença se não tomala logo. E ho seu capitão do campo lhe disse que não se podia aquela fortaleza tomar tão leuemẽte como lhe parecia/ porq̃ os Portugueses a defendião tambem/ que se a ele tomasse por espaço de tempo cresse que acabaua hum grandissimo feyto. A que el rey respondeo/ que ele a tomaria: porque não assũtara tamanho poder de gente se não pera a tomar. E coisto se foy a seus paços: & este dia deu vista aa fortaleza bũa boa soma de gente, dando grandes gritas. E dom João lhe sayo ate a feytoria, donde lhe os Portugueses tirarão muytas espingardadas/ & coelas & com a artelharia ficarão no campo bem cincoenta dos immigos. E ho Cezilia no por quebrar ho coração a dom João/ lhe disse aquele dia que el rey de Calicut era na cidade/ fazendolhe a sua gente mais do que era, & engrandecendo muyto seu poder. E dom João lhe disse q̃ folgaua muyto com sua vinda, porque dali por diante pelejaria com gosto, & assi os que estauão coele/ & mostrarião pera quanto erão: porque ateli como lhes parecia que pelejauão com os capitães del rey de Calicut auianse por desbonrrados & não pelejauão pera mais que pera se defender. Do que ho Ceziliano ficou muyto espantado por crer que era assi. E dõ João posto que lhe os immigos não corressem saya com os seus a dar nos que andauão nas canas, assi de dia como de noyte/ & isto tão amiude que os fazia espantar de como com tão pouca gente como

tinhaf azia tanto/ & porem feriãlhe muyta gẽte/pelo q̃ não quis mais irdar nas cauas:mas punhase nas casas da feytoria & almazem, & dalilhes mandaua tirar quãdo corrião a fortaleza. E vendo ho capitão do campo isto/correo hũa tarde cõ algũa gente, & como vio que os Portugueses estauão nas casas que digo manda chegar todos os seus espingardeyros, pera que combatessem as casas com espingardadas: & durou ho combate todo o q̃ estaua por passar do dia & toda a noyte seguinte, reuezãdose os espingardeyros de maneyra que continuamẽte tirauão as espingardadas/ que de serem muytas quebrarão as nossas espingardeiras/ & senão fora hũ tranés de madeira de que hũs tiros varejauão os immigos/os Portugueses se virão em grande aperto: & foçadamente esteuerão tanto tempo nestas casas/porq̃ corrião muyto grande risco se sayrão. E por derradeyro quis nosso senhor, que assi com as espingardas como com a artelharia matarão tantos dos imigos que os fizerão afastar: do que dom João deu muytas graças a nosso senhor de ho liurar daq̃le trabalho que teue muyto grãde de ver ho aperto em que os seus esteuerão. E logo pos em conselho se se poderião soster aquelas casas da feytoria & almazem. E por todos foy acordado que não por amor do grãde poder de gente que os immigos tinhão/ que ho mais seguro seria queymarẽnas & recolherense aa fortaleza. E aquela tarde foy logo feyto/ sem lhe os immigos cõtradizerem/porque folgarão muyto de verem queymar aquelas casas de que recebião tanto dãno: & porque era caminho de os Portugueses não quererem sayr mais da fortaleza/ com que não receberião estoruo em fazer as cauas & as acabarião. E recolhido dom João na fortaleza, fez alardo & achou que tinha perto de trezentos homẽs/ porq̃ algũs erão mortos & outros estauão feridos/ & antresta gẽte auia algũs fidalgos seus parentes todos muyto esforçados & de grande confiança. E porq̃ dom João conhecia ho esforço destes & dos outros/ tinha esperança em nosso senhor que ho liuraria daquele cerco com sua honrra, & mandou fechar hũ poço dagoa nadiuel q̃ tinha a fortaleza, em q̃ auia agoa pera hũ anno sem beberẽ por regra. E fechou ho porque os escrauos nã deitassem nele peçonha, & tinha a chaue porque soubesse quando se abria: & achou que auia na fortaleza tanto arroz que abastaria hũ anno, posto que comessem largamente/ porem doutros mantimentos não auia se não pera poucos dias. E dende nou tambẽ dom João as estancias que auia dauer na fortaleza pera defensa dela que forão seys/ cujos capitães forão dom Vasco de lima/ Jorge de lima/ Antonio de sá, Ruy de melo seu irmão/ João rabelo feytor/ Antonio de serpa, & Manuel de faria escriuães da feytoria. E dõ João com algũs parentes seus/ & ho resto da gente que sobejou das estancias ficou por sobre rolda pera acodir ás partes mais fracas, & por ser a fortaleza conchegada podiãse

todos a sudar bũs aos outros que foy grãde bẽ pera quã poucos erã.

¶ Capit. cvij. De como despois de se dom João recolher na fortaleza/assentarão os immigos suas estancias & começarão de bater a fortaleza.

Recolhido dõ João de lima na fortaleza & queymadas as estancias que tinha fora dela: foy grande prazer nos mouros cuydando que aquilo era com medo/& assi ho disserão a el rey, certificandolhe q̃ auião de tomar a fortaleza/& fazião muytos feros contra os Portugueses fazendo deles muyto pouca conta. E logo na noyte seguinte derão tamanha pressa na caua & na trincha q̃ çarrarão coelas no mar, assi da bãda do sul como do norte/& erão daltura de bũa lança, & ficauão da fortaleza a tiro de pedra, & podião andar por elas sem a artelharia da fortaleza lhes fazer nojo. E a rezã por que cercarão a fortaleza destas cauas & as çarrauão no mar/era pera q̃ onde çarrauão assentassem duas estancias dartelharia pera tolherẽ ho socorro q̃ fosse aa fortaleza por mar. E estas assentarão logo em amanhecendo/em que auia tiros encarrados, que quando não fosse tẽpo de jugarem pera ho mar tirassẽ á fortaleza/& assentarão bũa estãcia da banda do norte em que assentarão dous tiros grossos com que começarão de tirar á fortaleza, & dali por diante começarão de assentar outras estãcias pera baterem a fortaleza: & forão estas. No lugar ondestenerão as casas da feytoria assentarão bũ camelo que foza dos Portugueses cuberto com bũa manta & auia de bater a torre da poluora/& mais afastada desta no mesmo lugar estaua outra estãcia com outra manta em que auia quatro tiros de metal de camaras que tiraua cada hũ pelouro ô ferro coado tamanho como de bũa espera/& deste tamanho os tirauão todos os tiros que tirauão pelouro de ferro coado. E esta estancia auia de bater ho pano do muro que corria do baluarte da fortaleza ate a torre da poluora: fizerão outra da banda do sul, de que auião de jugar sete tiros quatro q̃ deitauão pelouro de pedra de tres palmos de roda, & os outros de ferro coado: & esta auia de bater ho pano do muro dantre ho baluarte do feytor & ho do almazem/& aos mesmos baluartes. Da banda de leste fizerão outra dentro na cidade/em que auia outras sete peças grossas & cinco deitauão pelouro de pedra/ bũa de sete palmos de roda & quatro de tres/& as duas de ferro coado: & esta auia de bater ho pano do muro dantre ho baluarte do feytor & a torre da poluora, & á mesma torre, & ho baluarte/& a torre da menagem. E a foza estas estancias auia outras duas da banda do norte & da do sul cada bũa de seys tiros encarretados que podião jugar pera ho mar se fosse socorro á fortaleza, & ho outro tempo auião de bater os baluartes do alcaide mór & do almoxarife que estauão daq̃las bandas.

E todas estas estancias estauão a tiro de pedra da fortaleza/ a que começarão de dar bateria a treze de Junho pola manhaã: que foy hũa cousa bem espantosa quando se começou com a muyto grossa fumaça que se leuantou de hũa parte & da outra/ & do medonho estrondo dartelharia que fazia tremer a terra & do mar/ & parecia que tudo auia de ficar destruydo: & quasi todo do dia que a bateria durou não se enxergou nada com fumo, & despois que descobrio apareceo a nossa fortaleza saã & a sua artelharia inteira & sem aletrão/ que aprouue a nosso senhor que nunca lhe os immigos poderão acertar com a sua pera a cegarem: & errarão todos os tiros dando por esses muros & baluartes, & outro mal não fizerão: & a nossa artelharia que tirou em todo este tempo lhes fez muyto dãno, porque como eles cuydauão que logo a nossa artelharia auia de ser cega/ descobrirãse muyto & por isso os tiros pescarão muytos. Do que el rey ficou muyto triste quando lho soube: & assi os mouros vendo que os seus bombardeyros erão tão pouco certeiros. E dom João & os seus ficarão muyto ledos/ & derão muytos louuores a nosso senhor & se esforçarão muyto mais que dantes pera se defenderem vendo a merce que lhes nosso senhor fazia, & na noyte seguinte fizerão grandes alegrias de folias & tangeres pera que os immigos soubessem que os não tinhão em conta, que estauão disso muyto espantados.

Capitolo.cviij. De como os immigos começarão de fazer hũa albarrada.

Em quanto os mouros virão quão pouco dãno os seus bombardeyros fizerã na artelharia da fortaleza/ nã deixarão de prosseguir a bateria pera ver se a podião cegar: mas quis nosso senhor que sempre a errarão, & dauão por esses muros & baluartes, a que começarão de fazer dãno, & de dia deixauão apontada a artelharia pera atirarem de noyte: & hũa noyte ao quarto da prima tirou da banda da cidade hum tiro que tirana pelouro de pedra de sete palmos de roda & leuou duas ameas do muro/ & leuou ho fino da vigia em pedaços. E dom João acodio logo ás ameas com seus sobre salentes que as refizerão: & estes trabalhos erão contínos despois que se começou a bateria. E vendo ho Cezíliano quão agastado el rey de Calicut estaua por não se poder cegar a nossa artelharia: disselhe que não se agastasse/ que ele faria hum artefício cõ que os seus tomassem a fortaleza & nã tardarião mais em a tomar que em quanto se acabasse. E este artifício foy hũa albarrada a que por outro nome chamão montanha/ de q̃ o turco vsou no cerco de Rhodes onde este Cezíliano se achou como disse. E estas albarradas são serras darea, de pedras/ & de rama, tudo mesturado q̃ os gastadores q̃ andã nos campos leuão diante de si com pás & enxadas ate as igoalarẽ com

os muros das fortalezas ou cidades que tẽ cercadas: & isto pera lhes embaraçarem os pelouros da artelharia & eles sobirem a seu saluo, ou ao menos sem tamanho perigo como cozrem sobindo poz escadas poz amoz das panelas de poluoza & outros artefícios de fogo que os immigos lanção decima aos que so bem. E nesta albarrada que digo começarã logo de trabalbar tres mil bomẽs de seruiço que chamão gastadozes/fazendo bum dos pés onde fozão as casas da feytozia/& bo outro junto da casa que foy da poluoza/& ambos a tiro de pedra da fortaleza. E quando dom João vio começar esta obza/cuydou que era entulho com que os immigos querião entulbar a caua da fortaleza com determinação de a escalarem/& poz isso se percebeo logo de muytas panelas de poluoza & doutros artefícios de fogo. E esta sospeyta pos dom João em grande cuydado & assi aos que estauão coele, poz saberem de certo a grossa gente dos immigos que estaua sobzeles, & que se prouassem de sobir ao muro cozrião muyto risco de os entrarem/& poz isso acozdarão todos que dom João mandasse pedir socozro de cem bomens ao gouernadoz/& assi de poluoza: dandolbe conta do que passaua. E este recado foy em bũa almadia que não auia outra cousa em que fosse.

Capitolo.cix. De como dõ João de lima mandou pedir socozro ao gouernadoz & bo mandou.

FS nonas do cerco desta fortaleza de Calicut fozão ter ao gouernadoz, estãdo ele esperando pola confirmação das pazes que lbe auia de mandar el rey de Calicut. E como era ja inuerno & a barra de Cochim estaua çarrada, & as tozuoadas erão muy grandes & perigosas na costa não se atreueo a mandar nenbum socozro: pozem tẽ do apos esta noua outra que dom João estaua mais apertado/& que os immigos bo combatião mais rijo que Malabares, começou de mãdar fazer prestes duas caruelas latinas que foy enformado serem naulos/que melboz que outros sayrião pela barra. E nisto aos dez dias de Julbo chegou a Cochim a almadia em que ya bo recado de dom João/que poz milagre de nosso senbor escapou dos muyto grossos mares/& muy furiosos & risos ventos que achou com que mil vezes esteue çoçobzada & mergulbou poz debaixo dagoa: & poz que não soubebo nome do que foy nela bo não digo/mas ele passou bo mayoz perigo que se podia passar poz mar. E sabendo bo gouernadoz a verdade do cerco poz este recado de dom João, & a necessidade que tinba de lbe socozrer com gente/começou de a mandar fazer. E sabendose entre os que ali então estauão/bo pera que era, se lbe offrecerão algũs fidalgos pera irem socozrer a fortaleza, & antre estes fozão Manuel cernije, Chzistouão susarte/& Duarte dafonseca/ poz que como

trão muyto esforçados & desejosos de seruirem elrey não recearão ho perigo que estaua muyto certo, assi no mar como na terra: o que lhe ho gouernador agardeceo muyto, porque estes animarão outros a irem de boa vontade / & ajuntarãse cento & cozenta homens que se embarcarão nas duas caruelas que estauão prestes / de que foy por capitão mooz Christouão jusarte / & na outra caruela foy Duarte dafonseca filho do doutor Fernão dafonseca, & ambos sayrão pela barra de Cochim com grande perigo a treze de Julho: com regimento do gouernador / que chegados sobre Calicut, chegassem ho mais que podessem as caruelas a terra / assi de hũa parte como da outra da fortaleza defronte das estancias dos immigos que nelas estauão / a que tirarião com a artelharia das caruelas, & entretanto que tirasse andarião eles em dous paraós de naos Malabares que leuauão pera desembarcarê antre as caruelas / & andarião assi ate verem recado de dom João / & sem ele não sayrião em terra. E despois de partidas estas caruelas, receando ho gouernador que esgarrassem com algũa tormoada & não podessem tomar Calicut, & a fortaleza ficasse sem socorro, mãdou apos elas hũa galeota com a mais gente que pode, de que foy por capitão Francisco de vasconcelos caualeyro de muyto esforço / a que deu em regimento que sendo caso que achasse que a fortaleza não era socorrida se fosse com Duarte dafõseca a Cananor, & diria da sua parte a Eytor da silueira que socorresse a fortaleza, porque de laa ho poderia melhor fazer que ho gouernador: & a Eytor da silueira escreueo por terra ho cerco da fortaleza, & ho socorro de gente que lhe mandaua / pedindolhe que a socorresse por sua pessoa com mantimentos, & poluora / & gente se a que mãdaua lá não podesse ir.

¶ Capit. cx. De como os immigos começarão de tirar com hũ trabuco á fortaleza, & de como foy espedaçado.

DEspois de dom João mandar pedir socorro ao gouernador vẽdo os mouros que a sua detença em se acabar a albarrada, fizerão por industria do Ceziliano armar hũ trabuco que ele fabricou / & foy armado nas casas de Duarte barbosa pera deitarem coele na fortaleza pedras muyto grandes com quelhe derribassem os baluartes & as casas. E coeste trabuco começarão os immigos de tirar ho primeyro dia dagosto / tirando á torre da poluora pera a derribarem, parecẽdolhes que ali farião mais dãno q̃ em outra parte / & acertarãlhe com seys pedras arreo & erão as pedras tamanhas que logo lhe abrirão as paredes / & os immigos com prazer leuantarão muytas gritas. E dom João como vio ho dãno q̃ as pedras do trabuco fazião na torre, ouue medo q̃ selhe acẽdesse fogo na poluora, & por isso no mesmo dia a

mãdou mudar pera outro Baluar te/ & foy mudada com trabalho immenso & grande perigo das pedras que dauão na torre / com que em quatro dias continos que ho trabuco tirou lhe derribou hũa esquina, do que dom João estaua grãdemente agastado: mas este agastamẽto lhe tirou Diogo pirez ho cõdestabre da fortaleza hũ bõ homẽ & bẽ destro em seu officio, que lhe disse q̃ não se agastasse, porque com ajuda de nosso senhor ele esperaua de quebrar ho trabuco pa ho q̃ ja tinha apõtado nele hũ camelo. E dõ João lhe prometeo merce se ho fizesse. E encomendandose ambos muyto deuotamente a nossa senhora cujo bo dia era, forãse ondestaua ho camelo apontado no trabuco: & dãdolhe Diogo pirez fogo despara ho pelouro/ & com seu medonho impeto foy dar no trabuco que leuou em pedaços: & coeles & cõsigo matou tambẽ muytos dos imigos q̃ estauão ao derredor do trabuco, oulhando muyto ledos a destruyção q̃ ele fazia na torre da poluora. E q̃ vendo dom João se assentou em giolhos & chorãdo de prazer deu muytos louuores a nosso senhor/ & a sua gloriosa madre: por cuja intercessã tinha q̃ lhe fizera merce tamanha & á sua honrra disse logo a Salue com os outros que tambem não cabião cõ prazer: & dauão grandes apupadas aos immigos zombando deles. E dom João lhes mandou dar rebate aquela noyte porque lhes parecesse que os tinha em pouco/ & forão a darlho dom Vasco de lima & Jorge de lima com corenta Portugueses q̃ sayrão per hũas bombardeiras/ como sayão outras vezes, que poucas noytes passauão q̃ nã sayssem/ de que os immigos sempre recebião dãno/ & sempre estauão sobre salteados/ receando quando os Portugueses darião neles. E com quanto os tinhão cercados auiãlhes medo vendo sua ousadia & esforço.

¶ Capit. cxj. De como Christouão jusarte chegou a Calicut & êtrou na fortaleza cõ os que yão coele.

DArtidos Christouão jusarte & Duarte dafonseca pera Calicut, como então era a força do inuerno achará ho tẽpo tão forte/ que por milagre de nosso senhor escaparão de não serẽ comidos do mar: & a força a fadiga escaparem de tamanhos perigos, a teuerão tambem muyto grande com todos os q̃ yão coeles por lhes faltar agoa/ que não tomarão em Cochim com a pressa de partirem/ cuydando que no mar a tomarião da agoa do monte/ que nã acharão & por isso forão sem ela: & não teuerão outra se não a que chouia/ que como era de tornuoadas não a tomauão se não quando vinhão: & algũa que lhes ficaua ate tomarem outra fedia tanto & amargaua em tanto estremo que quasi a não podião beber. E coesta afrição & angustia forão vinte cinco dias, que tanto poserão na viagem por amor dos contrastes que teuerão não sendo mais que de vinte ou dezanoue legoas,

E com navegação tão trabalhosa derão fim a seu caminho / chegãdo sobre Calicut / onde Christouão jusarte chegou primeyro a horas de vespora & cõ a viração q̃ vẽtava entrou logo no arrecife / & Duarte dafonseca chegou dahi a pouco / & por a viração a calmar não pode entrar & ficou de fora. E cõ a vinda destas caravelas foy grande alvoroço no arrayal dos imigos cuydando q̃ fosse ho socorro mayor: & logo os que estauão nas estãcias da parte do mar se aperceberão pera receber os que quisessem desembarcar / & na fortaleza foy ho prazer muyto grãde por verẽ ho socorro. E vendo dõ João Christouão jusarte dẽtro no arrecife, receãdo q̃ quisesse desembarcar acodio á porta da fortaleza pera lhe acenar q̃ não desembarcasse logo / porque seria duuida escapar nenbũ dos que sayssem coele segũdo a multidão dos immigos era grande / & era sua tenção ficar pera de noyte: & porẽ Christouão jusarte como era muyto esforçado / & ho desejo que tinha dentrar na fortaleza lhe fez entender quando vio que dõ João lhe capeaua que lhe dizia que desembarcasse: & tambem ouue medo que como era inuerno sobreuiesse algũa torvoada de vento trauessam q̃ desse á costa com a caravela & se perdesse, & por isto não quis esperar por Duarte dafonseca nẽ dilatar mais a desembarcação. E isto determinado disse ho aos que yão coele q̃ erão oytenta Portugueses / que vendo as muytas bombardadas que neste tempo os imigos tirauão de terra duuidarão muytos de sayr, & requererão a Christouão jusarte q̃ goardasse ho regimẽto do gouernador / porq̃ doutra maneyra perderseyão todos: & ele os desenganou / q̃ ainda que desembarcasse só que auia de desembarcar: por isso q̃ quẽ quisesse desembarcar que se embarcasse no paraó / & quẽ não que ficasse. E trinta & cinco se offrecerão a ir coele, de q̃ foy ho primeyro Manuel cernije & os outros ficarã, a q̃ mãdou q̃ em q̃nto desẽbarcasse jugasse cõ a artelharia & saltãdo no paraó cõ os .xxx. & cinco tirasse pera a praya que estaua cuberta de imigos, frecheiros & espingardeyros: & ele leuaua sua bandeyra no espoão do paraó & suas trombetas que tocauão de quando em quando: & elas acabando daua ele com os seus hũa grande grita / & a este som remauão os remeyros quanto podião, gouernando dereytos á coiraça da fortaleza pera ali desembarcarẽ. E era cousa de muyto grande espãto ver ir tão poucos meterse antre immigos que não tinhão conto / que todos desparauão muytas nuuẽs de frechas / & tãtas espigardadas q̃os pelouros cayão tão bastos como saraiua q̃ndo caye do ceo. E nisto começa a artelbaria dos immigos de tirar á fortaleza & a da fortaleza a eles: & a revolta era muy grande & espantosa em todas as partes do estrõdo da artelbaria & da grita dos imigos & dos Portugueses. E indo assi Christouão jusarte / chegou a terra hum pouco desuiado da coiraça q̃ ho desuiou a grande corrente & braueza daquela costa: pelo que os imigos teuerão tempo de ho apertar como deseja-

não, & não esperando que tomasse terra de todo/nem receando as espingardadas q̃ tirauão os que yão coele/nem lançadas nẽ cutiladas: remetem ao paraõ com hũ impeto bestial/dandolhes ainda a agoa pelos peitos chouendo sobreles espingardadas & frechadas, & arrebatão a bandeira que leuaua, & assi dous trombetas que yão tangẽdo que leuarão foza do paraó/que os leuarã hũ pedaço arasto/& outros dauão punhadas nos Portugueses tão perto estauão deles: porem neste tẽpo pelejauão Christouão jusarte & os outros de maneyra que fizerão afastar os immigos do paraó: & saltando todos nagoa começarão de fazer cousas tão milagrosas, q̃ bem parecia q̃ pelejaua nosso senhor por eles. E cõ tudo forão mortos quatro deles/dous homẽs do mar & João demacedo, & Fernã de siqueyra filho de Gonçalo de siqueyra de Salua terra/& quasi todos os outros forão muyto feridos & antreles foy Manuel cernise que pelejando como muyto valente caualeyro que era se recolheo dos derradeiros/& por acodir a hũ seu amigo q̃ os mouros matauão, & ele ò saluou foy ferido em hũa perna/de que faleceo da hi a poucos dias. E pelejãdo assi Christouão jusarte tão esforçadamente como digo, foy rompẽdo por antre os imigos ate chegar a coiraça onde ho dom João estaua esperando com oytenta homens & coele dom Vasco de lima. E aqui foy a peleja muyto braua em demasia/porque os immigos entrauão de volta com os Portugueses pela entrada da coiraça não temendo nẽ nhũas feridas q̃ recebessem sobrisso nẽ mortes/& carregauão tantos que era medo velos como arremetião denodados: & isto com tenção dentrarẽ com os Portugueses dẽ volta na fortaleza, porq̃ não sabião se terião outro tam bõ tempo como este. E dom João & os outros que ho entendião fazião mais do que se esperaua domẽs por lho defendẽr, & pelejando com esforço milagroso recolhianse pera a porta da fortaleza. E era muyto peralouuar a nosso senhor/de como os Portugueses sendo tão poucos não forão todos espedaçados dos immigos q̃ erão tantos que parecia que os somião antre si: & com tudo chegarão á porta da fortaleza onde se recolherão quasi sem esperança de não entrarem sem os immigos: & dõ João foy ho derradeyro que entrou pelejando tão brauamẽte que parece q̃ despois de Deos ele foy o q̃ resistio aos immigos que não entrassem: & foy todo cuberto de frechas de que ho ferirão quatro. E prouue a nosso senhor que neste tão brauo conflito não morrerão mais que os q̃ disse/mas forão quasi todos feridos: & dos immigos morrerão tantos q̃ ho chão ficou todo cuberto, & se dõ João passou foza grãde perigo em pouco menos achou os que ficauão na fortaleza, porque muytos dos immigos vendo a braua peleja que yа foza/parecẽdolhe que todos os Portugueses estauão nela, & q̃ não auia quem defendesse a fortaleza poserão as escadas em hũ cobelo da bãda da cidade/& começarão de so-

bir por elas/mas os q̃ estauão nele acodirão logo a defendelo lançãdo panelas de poluora sobre os immigos: porem como erão muytos ainda que bũs cayão queimados/outros sobião logo. E estando nesta pressa chegou dom João & foy ajudar a defender a sobida aos imigos que forão tão mal tratados que deixarão a perfia de quererem sobir. E porque os mortos erão muytos & se ficassem ali poderião corrõper ho ar com ho fedor/mandou dõ João dizer do muro por hũ lingoa aos immigos que seguramente podião tirar dali os mortos/que ele lhes dana sua fe de não receberẽ por isso dãno: & assi ho fizerão/& foy feyto grande pranto polos mortos. E el rey de Calicut sentio muyto ho dãno q̃ os seus receberão de tão poucos Portugueses/& muyto mais ho seu atreuimento de terem ho seu poder em tão pouco/que assi ousarão de desembarcar diante dele.

Capit. cxij. De como ho gouernador mandou mais socorro a dom João.

VEndo Duarte dafonseca o q̃ fez Christouão jusarte, esperou ate que tornou a viração, com que ao outro dia entrou no arrecife & chegousse a terra ho mais que pode. E porq̃ ho dia passado vira ho perigo que auia em desembarcar nã ho quis fazer sem saber de dõ João o que faria/& per hũ escrito que mãdou lançar com hũa frecha em terra lho preguntou. E auido ho escrito per dom João/pos em conselho o que lhe mandaria: & praticado ho risco que correrão de os matarem a todos, & de lhes entrarem os immigos a fortaleza. E como estauão muyto feridos/assentousse q̃ Duarte dafonseca não desembarcasse, por que como não fosse hũ corpo de quinhentos homẽs não podião desembarcar sem passarem ho perigo que passarão & assi os da fortaleza. E q̃ pera ho gouernador lhe mandar socorro não podia ser de menos q̃ de quinhẽtos homẽs que tambẽ erão muyto necessarios por amor dos muytos feridos que auia/& pera resistirem aos fortes combates que esperauão cegandolhes a caua como parecia que os imigos querião fazer com ho entulho q̃ ajũtauão: & assi ho escreueo dõ João ao gouernador, & tãbẽ Christouão jusarte. E deitadas as cartas com bũas frechas/partiose Duarte dafonseca leuando a outra caruela em sua companhia: & ainda perto de Calicut achou Francisco de vasconcelos, que sabendo o que passaua lhe deu ho recado que leuaua do gouernador/pelo que Duarte dafonseca lhe deu a outra caruela com que se partio pera Cananor, & Duarte dafonseca seguio sua viagem pera Cochim, onde chegou cõ menos trabalho por ser quasi na fim Dagosto, & cõtou o que passara em Calicut ao gouernador, a que deu as cartas q̃ leuaua. E visto por ele quã mal Christouão jusarte goardara seu regimento, ouue muyto grande menencoria, mas perdooulhe por quão bẽ ho fizera. E vendo quanto importaua ho so-

corro da fortaleza: & porq̃ se temeo doutro desarrãjo no desembarcar/ determinou descolher algũ homem de confiãça pera isso/ & este foy Frãcisco pereyra pestana homẽ sobre os dias/ bõ caualeyro & rico que poderia leuar gente porque tinha q̃ gastar: & mandando bo chamar lhe deu conta do aperto em q̃ estaua a fortaleza/ pedindolhe que fosse bo capitão móor do socorro pois importaua tanto ao seruiço del rey, q̃ Frãcisco pereyra aceitou por essa causa/ posto que estaua pera se ir aquele anno: & não somẽte quis seruir el rey nesta jornada, mas ainda lhe emprestou dez mil pardaos douro que lhe bo gouernador & vedor da fazenda pedirão emprestados. E tendo bo gouernador a vontade de Frãcisco pereyra pera ir/ fez logo a mayor parte dos quinbentos homẽs q̃ se embarcarão na mesma caruela de Duarte dafonseca, & em hũ nauio de q̃ era capitão hũ Pero velbo, & ẽ hũa barcaça/ & em duas galeotas: & mãdoulbe que Francisco pereyra fosse ẽ hũa das galeotas, de q̃ era capitão Antonio da silueira. E saido a galeota pola barra, quebroulbe bo leme/ pelo q̃ Francisco pereyra não quis ir nela/ & disse ao gouernador que iria em hũ galeão q̃ se deitaua ao mar pera ir com socorro a Calicut. E bo gouernador quisera que fora na galeota q̃ logo se concertou, mas elenã q̃s: & porq̃ o gouernador bo conbecia por de sua cõdição não quis perfiar coele/ & deixou bo ir no galeão: q̃ porque estaua de vagar & bo socorro era necessario de pressa & estaua prestes, deu a capitania móor dele a Antonio da silueira ate Calicut/ dandolbe por regimento que auendo necessidade de lançar gente ẽ terra a lançasse, & quando não q̃ esperasse por Frãcisco pereyra q̃ ya a pos ele no galeão. E porq̃ bo gouernador era certificado polas cartas de dõ João & de Christouão jusarte da maneyra q̃ os imigos combatião a fortaleza/ & dos petrechos q̃ tinbão: começou de se fazer prestes pera partir apos este socorro.

¶ Capit. cxiij. De como os imigos assentarão dous trabucos/ & de como foy queymado hũ deles.

OS mouros q̃ estauão cõ el rey de Calicut ãdauão muyto corridos do pouco q̃ fazião cõtra os Portugueses/ & fizerão armar dous trabucos: hũ nas casas q̃ forão da feytoria, & outro nas da ferraria com senbos bastiães diante de cada hũ, porq̃a artelbaria da fortaleza os nã podesse desmãcbar como ao outro, & armados começarão de tirar coeles á torre da menagem & a outras partes em que fazião muyto dãno: & cõ medo das pedras q̃ cayã a miudenã ousauão os Portugueses dãdar pola fortaleza. ¶. Diogo pirez bo condestabre como era homẽ de cuydado, trabalbou logo de ter maneyra pera os desmanchar/ porque cõ os bastiães q̃ os encobrião não lhes podia tirar cõ nenbũ tiro, & fez bũs pelouros artificiais que queymassem ôde dessem cõ determinaçã de tirar ás casas da ferraria/ porq̃ dali via sayr algũas pedras/ & mais

via de noyte ali candea/ por ôde lhe pareceo que estaua hi algũ dos trabucos. E apontando hũ tiro, tirou lhe hũa noyte dos quinze dagosto dia da Assunção de nossa senhora/ & ho pelouro q̃ era de fogo artefial cayo ondestaua ho trabuco & pegou se no bastião & dali se ateou ao trabuco: & os immigos nũca ho poderão apagar com as bombardadas & espingardas que logo começarão de jugar da fortaleza, & pescauão os que se descobrião: & isto por os Portugueses os verem com bombas de fogo que tinhão acesas/ & grandes fogueiras que auia no arrayal. E vendo os immigos que não podião apagar ho fogo do trabuco/ quiserãse vingar dos Portugueses/ & cuydando de lhes fazer dãno tirarão com sua artelharia & espingardaria a toda a fortaleza: a q̃ os Portugueses responderão com a sua, & foy hũ brauo jogo que durou todo ho quarto da prima/ & forão mortos & feridos dambas as partes, principalmente da dos imigos que ficarão muyto tristes por lhes arder ho trabuco sem lhe poderẽ valer/ & assi ho ficou el rey. E parecendolhe que quebraria os corações a os Portugueses lhes mandou dar mostra de toda sua gẽte/ apartados hũs dos outros/ espingardeiros, frecheiros/ & os escudos de lãça/ & espadas. E todos passarão sem se deterẽ: & como erão tãtos como disse era medo velos. E com quãto passauão de pressa/ a nossa artelharia que não fazia se não tirar pescou muytos. E dom João entendẽdo a mostra que lhe dauão & a causa porque/ porque desse a entẽder aos imigos que os não estimaua mãdou logo embãdeirar a fortaleza & tanger as trõbetas, & fazer grandes festas: do que el rey se espantou muyto quando ho soube, & jurou q̃ se tomaua os Portugueses que os auia de matar a todos: & consolouse cõ o outro trabuco que ficaua/ que este não pode Diogo pirez nunca queimar nem desmanchar, por não ver donde estaua, & porque ho não visse nã tinhão de noite candea: mas este não podia fazer tanto dãno como os outros por não estar em lugar pera isso.

¶ Capit. cxliij. De como foy queimada hũa manta dos imigos.

E mêdo os mouros que cõ tam pouco como fazião contra os Portugueses, se enfadasse el rey do cerco & ho deixasse, andauã muyto de pressa a inventar ardijs com q̃ lhe dessem esperança de lhes fazer mal/ & ho antreteuessẽ na guerra: & por isso nunca deixauão ho Cziliano, q̃ como sabia muytos lhos dauа a miude. E o q̃ lhes então deu foy minarẽ ho baluarte do feytor q̃ estaua da banda do sul/ pera lhe darem fogo com q̃ ho derribassem/ & despois de derribado entrarião facilmente. E pera ho minarẽ milhor porq̃ ao dirredor da fortaleza era tudo area/ & não se podia fazer mina sem arrunbar: & mais por os Portugueses a não verem & lhes não tirarem, ordenou hũa manta sobre seys rodas com q̃ se encobrissem os q̃

minassem/ & pera ter a area q̃ não arrunhasse bũs payneis de vigas q̃ sempre auião de çarrar cõ a manta. E pera esta obra auer effeyto/ leuarão mão da albarrada, & acodirão todos a ela: & como erão muytos forão logo acabados os payneis & a mãta, & começouse a mina bũa noyte. E quis nosso senhor que a outra dantes foy Sastião ho arrenegado cãtádo pola caua em Portugues. Soarda debaixo, dando a entẽder aos Portugueses q̃ se goardassem da mina. E estas palauras entẽdeo dõ João o que querião dizer, quãdo ao outro dia vio a manta cõ os painais q̃ logo estranhou porq̃ os não via dantes. E isto entendido/ pos em conselho ho modo q̃ se teria pera a mina não ir auante pelo muyto grande perigo q̃ disso se seguia. E foy acordado que se queymasse, & porque os imigos não podessem apagar ho fogo, q̃ deitassem por bũa genela do mesmo baluarte do feitor hũ calabrete q̃ atarião em duas rodas da manta, & dali seria alada per bũ cabrestante q̃ ficaria armado no mesmo baluarte, a que ho calabrete estaria dado. E pera fazer este feyto foy escolhido dom Vasco de lima/ q̃ de noyte se poria em Cilada cõ corenta homẽs pera tolher aos imigos que não apagassem ho fogo da manta. E assi foy feyto & ãtre os corenta que leuaua dõ Vasco forão Antonio de sá, & Fernão de lima, & Jorge de lima & sayrão todos per bũa bombardeyra do muro, & recolheranse ao canto dũ traues q̃ fuguaa pera ho mar: & dõ Vasco/ & Antonio de sá/ Fernão de lima/ Jorge de lima, ho condestabre Diogo pirez & dous bombardeyros forão atar ho calabrete per duas aselhas nas duas rodas da manta. E feyto final aos q̃ encima estauão ao cabrestante q̃ a manta estaua amarrada, começarãna dalar pelo calabrete. E tudo isto se fez sẽ os mouros ho sintirem/ assi polo grande escuro q̃ fazia como porq̃ eles estarẽ ocupados com os sentidos em suas ceas que fazião com grande festa, por não comerem mais que a noyte q̃ era neste tempo a sua coresma a que chamão remedão: & nunca sintirão nada se não quando a manta começou darder com ho fogo artefical que lhe foy posto, a que acodirão logo pera ho apagar, & acodindo virão q̃ lha leuauão sem verẽ quẽ, do q̃ se espantarão muyto. E começando doulbar pera õde a leuauão, remete dõ Vasco cõ os q̃ estauão coele tirãdolhes muytas espingardadas com q̃ os fizerão deter que não passassem auante. E neste tempo foy a manta impinada/ & os Portugueses ficarão q̃si emparados coela das muytas espingardadas & frechadas q̃ os imigos começarão de tirar quãdo os virão: no que durarão pouco porq̃ os fez fugir a artelharia q̃ começou de jugar do traues q̃ digo. E vendo dõ Vasco q̃ a mãta estaua em saluo/ recolheose pela bombardeira/ por õde sayo ja quasi no cabo do quarto dalua q̃ tanto durou este feyto: dẽ q̃ os mouros ficarão muyto cozidos por verẽ em quã pouca conta os tinhão os Portugueses/ & quã facilmẽte lhes desfazião seus ardis. E el rey de Calicut estaua es-

pantado de tamanho esforço domês/ & de quã pouco estimauão seu poder, que dauão mil vezes rebates a sua gête: & parecia q̃ nenhũ trabalho os cansaua, & dizia aos mouros que fizera mal de tomar guerra cõ taes homẽs. E eles ho cõselhauão/ dizendo que não se agastasse/ porq̃ poucos contra muytos nũca poderão durar muyto: & que os Portugueses se auião de deminuir tanto por quão poucos erão/ q̃ ou se lhe auião dentregar ou os auia de tomar por não se poderem defender/ & fizerão fazer outra manta pera minar pela mesma maneyra ho baluarte da poluora/ & Diogo pirez lhe despaçou a manta com hũ camelo a cujo tiro estaua. Do q̃ el rey ficou tão aborrecido por tomar nisso agoiro que não quis que fizessem mais minas/ & mandou que tornassem a trabalhar na albarrada,

¶ Capit. cxv. De como dom João fez hũa tranqueyra sobre ho muro contra hũa albarrada que os immigos fabricauão.

TRabalhãdose nela cõ muyta diligencia/ começou logo de crecer: o que dauа muyto cuydado a dom João/ porq̃ cuydaua q̃ lhe querião os immigos entulhar a caua da fortaleza pera lhe sobirem a ela/ o que receaua por amor da pouca gente que tinha. E porem muyto mayor perigo se lhe aparelhaua na albarrada se ouuera effeyto: porq̃ sem duuida fora entrado dos immigos/ & morto com quantos estauão coele/ q̃ fora cousa com q̃ todos os mouros da India se leuãtarão logo contra quãtos Portugueses auia nela. E porque os de Calicut não vissem este prazer/ & os Portugueses não recebessem tamanha desonra, parece que quis nosso senhor q̃ se descobrisse o segredo da albarrada. & foy que falãdo ho Cheziliano com dõ João lhe disse como q̃ lhe pesaua que el rey de Calicut ho auia de tomar cõ quantos estauão coele, sem lhes valer sua defensam/ o que disse em Castelhano/ do que dom João deitou mão/ & folgou õ praticar co ele pera ver se podia saber por ele algũa cousa da determinação dos imigos: & muyto mais quando lhe disse que homẽ era, & dali por diãte falaua muytas vezes coele. E falando hũ dia ho Cheziliano õ ter por certo que dom João auia de ser tomado com a albarrada lhe disse o pera que era, mostrandose muyto triste por isso. E dom João como era prudentissimo dissimulou/ & rindose lhe disse que bẽ sabia ho pera q̃ a albarrada era porque ja vira outras, & por isso a conhecera & buscara logo ho remedio pera se defẽder dela como veria quando fosse tempo: do que ho Cheziliano ficou muyto espantado: & dõ João deu muytas graças a nosso senhor por lhe descobrir aquele segredo: & contoubo a dom Vasco & aos outros fidalgos com grãde prazer. E logo na noite seguinte com a mayor parte da gente da fortaleza começou de fazer hũa tranqueira sobre ho muro da banda dõde se fazia a albarrada: & esta trãqueira era de duas ordẽs õ vigas muyto grossas

metidas no entulho do muro com outras atrauessadas das partes de fora pregadas com pernos muyto grossos. E esta obra se fez esta noyte cõ muyta pressa & era pera sobre pojar por cima da albarrada, pera que os Portugueses defendessem nela que não podessem os imigos entrar polo muro/o que se auia de fazer cõ hũa andaina dartelharia que se auia dassentar nesta tranqueyza despois dentulbada. E quãdo ao outro dia os immigos virão este dasafio derão hũa grande grita/& ho Cezilia no pelo que ao outro dia passara cõ dom João logo entendeo o que era, mas não ho quis dizer por não dar desgosto aos mouros/& mãdou aquele dia apontar nas vigas hũ tiro grosso/com que lhes tirarão na noyte seguinte andando dom João com outros em pressa de a entulhar & ho pelouro acertou pela quadra de hũa das vigas/de que leuou hũ pedaço em rachas/com que forão escalaurados nos rostos dõ João/ dom Vasco, Jorge de lima & Antonio de sá, & foy morto hũ criado do sogro de dom João com hũa pedra do trabuco que tambẽ começou de tirar cõ toda a mais artelbaria dos immigos, q̃ como tinhão muyta poluora nã estimauã de a gastar nestes tiros perdidos pera ver se podião espantar coeles os Portugueses pois lhe nã podião fazer outro mal. E com tudo deranlhe grande fadiga toda a noyte, mas nem por isso deixarão dacabar dentulbar a tranqueyza/em que logo forão assẽtadas certas peças dartelharia ao oliuel daltura que a albarrada podia ter com que dom João ficou seguro dela.

¶ Capit. cvj. De como querẽdo os mouros combater a fortaleza cõ hũas mantas de campo forão atalbados.

Tyto agastados ficarão os mouros de verẽ esta tranqueyza porq̃ virão que era muy per judicial pera ho effeyto que esperauão da sua albarrada. E preguntando ao Cizziliano se auería outro ardil pera se a fortaleza tomar: ele deu logo ordem com que forão fabricadas duas mantas quasi ao modo das de campo daltura do muro da nossa fortaleza/& de largura de quize palmos feytas de vigas de grossura dũ & dous dedos forradas de fora de coiros crus porq̃ não selhe podesse pegar fogo/& estauão empinadas cada hũa sobre sua grade de vigas q̃ andaua sobre dozeros & das & das põtas das mãtas da bãda de dẽtro tinhão hũs tirãtes ỏ vigas que se preganão nas põtas das grades, & de tirante a tirãte se fazia hũ andaimo em que auião dir oyto espingardeiros pera tirar por hũas espingardeiras feytas nas mesmas mãtas aos que esteuessem sobre ho muro da fortaleza õde auião de chegar, & detras delas auião dir os imigos em fieras pera se empararẽ da artelbaria da fortaleza, a q̃ chegadas as mãtas auião de sobir por escadas. E coestas mantas certificou ho Cezilliano q̃ entrarião a fortaleza, porq̃ os espingardeyros des-

despejarão bo muro, que bo não podessem defender delles quando sobissem polas escadas. E segundo bo ardil era bõ & bẽ ordenado, & os immigos muytos em demasia & os Portugueses tam poucos como erão, parecia claramente que deuia ser assi. E os mouros tendo isto por muyto certo bo disserão a el rey que bo creo, & derão pollisso ao Cezilliano muy ricas joyas. E logo fizerão fabricar as mantas detras de bũas casas, porque as não vissem os da fortaleza senão quando fossem de todo acabadas. E crendo assi os mouros que daquela vez auião de ser tomados dõ João & os outros andauão muyto ledos: & segundo a cousa estaua ordenada assi ouuera de ser se as mantas ouuerão effeyto, mas nosso senhor por sua misericordia ordenou bo cõtrairo: & Bastião descobrio a dom João bo segredo das mantas, & bo Cezilliano não ousou porque lhas dom João não atalhasse como a albarrada. E sabido isto por ele vio as pontas das mantas que sobrepojauão a altura das casas detras dõde se fazião, a que logo mandou tirar com bũ camelo que todo bũ dia tirou ás casas ate q̃ deu coellas no chão & as mantas ficarão descubertas, & bũa delas estaua acabada. E os Portugueses derão grãdes gritas com prazer de as verem, porq̃ esperauão de as desmanchar, & toda a noyte jugou bo camelo & assi a artelbaria daquela bãda que tolhesse aos imigos que aquela noyte não andassem com a manta por diante, & bo mesmo fizerão os imigos, & nẽ bũs nem outros não dormirão, & teuerão toda a noyte muyto trabalho jugando ás bombardadas. E como ai ranheceo, parecẽdo aos imigos que se vingarião dos Portugueses os forão cometer cõ a mãta q̃ tinhão acabada postos nela os espingardeyros, & eles detras dela em ficiras leuando suas escadas, & fazendo grandes matinadas de gritas & de seus instromentos de guerra: & coisto desparárão toda sua artelbaria, & bo trabuco juntamente lançaua suas grandes pedras que quando cayão parecia que auião de fundir a fortaleza, & começasse bũ bem brauo & medonho combate de tanta diuersidade de cousas pera fazerem mal aos da fortaleza, que bẽ se parecia goardalos nosso senhor milagrosamente de todas, porque q̃l quer delas abastaua pera os destruyr de todo segũdo erão poucos, & a fortaleza estaua danefficada dos contínos combates da artelbaria, em que sempre dos Portugueses morrião algũs, ou de bõbardadas ou despingardadas: de que não digo per ordẽ os que morrião porque bo não pude saber, se não que a este tẽpo erão mortos dos Portugueses cincoenta & estauão feridos cẽto ou mais, de que algũs pelejauão com cẽto & sessenta que estauã sãos. E começandose este temeroso combate antes q̃ a outra artelbaria da fortaleza começasse de jugar, desparou bo condestabre hũ camelo com q̃ acertou na manta, & feyta em pedaços a fez voar per esse ar, espedaçando tambẽ os espingardeyros q̃ yão nela, & os das ficiras que yão

detras de que matou muytos. E fes
tejado este tiro com muytas gritas
dos Portugueses, ⁊ muyto tanger
das trõbetas / desparão todos os
outros com seu brauo impeto, ⁊ fa-
zem acolher os immigos que esta-
uão descubertos, polo que não re-
ceberão mays dãno nos corpos /
mas na outra manta si / que tambẽ
foy feyta em pedaços / ⁊ assi ho fo
rão tambẽ outras duas que esta-
uão começadas / que foy ho mayor
mal que lhe então podião fazer, por
que nestas mantas tinhão toda sua
esperança de entrarem na fortaleza:
⁊ coisto ficarão de todo desespera-
dos de ho fazer / principalmente el
rey que com vergonha quisera leuã
tar ho cerco. E tão auorrecido esta-
ua de si que nunca quis que vsassem
de mais ardijs contra os Portu-
gueses por mais que os mouros ho
persuadirão pera que ho cõsentisse.
⁊ dizialhes que era escusado / porq̃
erão grãdes feyticeiros, polo que
não lhes podia empecer cousa ne-
nhũa. E coeste desgosto mandou lo
go que cessasse a obra da albarrada
⁊ sobre aquele entulho mandou fa-
zer hũa tranqueyra singela de pal-
meiras cuberta desteiras. O que dõ
João teue por sinal de sua desespera
ção, ⁊ assi ho disse aos que estauão
na fortaleza / dizendo que se alegras
sem / porque dali por diante auião
de ser desaliuados do trabalho que
padecião. E derão todos muytas
graças a nosso senhor / ⁊ embandei
rarão toda a fortaleza / ⁊ tangerão
as trombetas: do que os mouros se
espãtarão muyto / ⁊ se virão algũs
nauios no porto pareceralhes que
era vindo socorro: por terem cartas
dos mouros de Cochim que o go-
uernador se fazia prestes pera ir so-
correr a fortaleza / por tanto que se
apressassem em a tomar: ⁊ por isso a-
miudauão tanto os ardijs pera a
tomarem como disse. E vendo que
el rey não queria que vsassem mais
deles / combatião a fortaleza cada
dia, ⁊ sempre matauão ⁊ ferião al-
gũs Portugueses / ⁊ lhes dãnefica
uão os baluartes ⁊ muros / ⁊ os ti-
nhão em sobresaltos continos com
tão amiudados combates assi de
noyte como de dia com que os nun
ca deixauão repousar: com que pa-
decerão neste tempo trabalho incõ
portauel de continuamente estarem
armados, ⁊ pelejando de noyte ⁊
de dia com tantos pelouros darte-
lharia tão medonhos que lhe ti-
nhão a fortaleza furada por todas
as partes / ⁊ com tão espantosas pe
dras de trabucos, com tão bastos
pelouros despingarda / com tão
brauos combates de não cuyda-
dos ardijs / com que de cada vez se
vião abraçados da morte, ⁊ com
terriueis dores das mortais feri-
das que recebião, ⁊ por derradey-
ro com estranha fraqueza que lhes
causaua ho não comer / porque em
cinco meses em que ya ho cerco não
comerão a mayor parte deste tempo
se não arroz cozido em agoa sem sal
porque ho não tinhão: ⁊ enfastiauã
se tanto dele / que pera ho poderem
comer ho mandauão cozer aa noy-
te pera ao outro dia estar azedo ⁊
lhe acharem algum gosto. E estan-
do dõ João ⁊ os outros neste traba
lho, chegou hũ dia Antonio da sil-

ueira sem nenbũ dos outros capitães que partirão coele de Cochij que todos se tornarão do caminho não podendo sofrer bo mar que os comia: & entrando no arrecife com a viração surgio: & cuydãdo os imigos q̃ queria desembarcar/ acodirão bẽ quinbentos espingardeiros a bũa estancia junto do mar/ donde tirauão muyto riso. Surto Antonio da silueira escreueo bũa carta a dom João/ em que lhe mandaua preguntar q̃ queria q̃ fizesse, & esta lenou bũ homẽ a nado/ q̃ nũca pode dagllavez tomar terra com as muytas espingardadas dos imigos, que matarão outro q̃ tornou com outra carta: & outro foy de noyte com outra, & pode sayr & deuba a dom João que escreueo a Antonio da silueira que não desembarcasse: & selbe podesse mandar algũa poluora que lha mãdasse. E ele lhe mandou tres barris dela/ q̃ forão dados de noite com muyto perigo de peleja, & lhe mandou dizer que esforçase que bo gouernador ficaua de caminho pera lhe socorrer como o que dom João ficou muyto ledo, & disseo a todos, que fizerão por isso muyto grãde festa. E dada a poluora como Antonio da silueira estaua só & não podia fazer nada tornouse logo pera Cochim, onde chegou muy asinha/ por ir cõ vẽto a popa/ & contou ao gouernador o que fizera, & como ficaua a fortaleza & em Cochim achou os outros capitães q̃ arribarão.

¶ Cap. cxvij. De como dom João foy socorrido por Eytor da silueyra: & despois por Francisco pereira pestana.

Com muyto perigo atrabalho (pola fortaleza do tempo) chegou Francisco de vasconcelos a Cananor: pera onde partio de Calicut como disse, & chegado deu bo recado do gouernador a Eytor da silueira, que ja estaua prestes pera isso/ & por falta dembarcação de naujos grandes não partia. E tanto q̃ Frãcisco de vasconcelos chegou, desembarcouse cõ algũa gẽte na carauela & na galeota: & leuou cinco paraós ligeiros carregados de mantimẽtos & de poluora: & deixando a fortaleza encomendada ao alcaide mór se partio pera Calicut/ onde chegou na fim dagosto. E êtrado no arrecife surgio: & cuydando dom João que queria desembarcar lhe mandou fazer sinal que não desembarcasse. E logo os imigos cuydando que queria desembarcar lhe tirarã muytas bombardadas, & acodirã muitos á praya. & Eitor da silueira polo sinal q̃ lhe foy feito se deixou estar ate que foy noyte: & então mãdou disparar sua artelbaria assi da galeota em que hia como da caraue la: & pos se as bombardadas cõ os imigos/ pera q̃ com isso perdessem bo tento dos paraós/ que entre tãto partirão pera terra/ & forãse de reytos á coitaça, onde os dõ João estaua esperando, acompanhado d quarenta homẽs: & os paraós forã descarregados/ de bizcoyto, carne pescado em sarras/ cocos/ & outros mantimentos necessarios/ & poluora ô bõbarda & despingarda.

E sabẽdo dom João ho socorro q̃ lhe ya/ ⁊ como ho gouernador se fazia prestes pera ir logo, mãdou dizer a Eytor da silueira que não tinha necessidade de mais gente que a que estaua na fortaleza pera se defender ate a vinda do gouernador. E toda aquela noite se gastou em se recolherem os mantimentos/ ⁊ em bõbardadas ⁊ espingardadas. E porque não era necessario estar ali mais Eytor da silueira tornou-se ao outro dia pera Cananor. E dom João por quebrar ho coração aos ĩmigos conuidou Bastião cõ tres postas de carne de salmoeira/ ⁊ tres molhos de betele fresco que lhe mandou deitar do muror. E bastião muyto espantado de as ver, as mostrou aos ĩmigos que ficarã muy tristes: ⁊ então conhecerão q̃ dom João fora socorrido com mãtimentos: ⁊ ate li não cuydauão se não que Eytor da silueira não desembarcara por não se atreuer: ⁊ estauão por isso muyto ledos: ⁊ conhecendo que os da fortaleza estauão abastados de mantimẽtos desesperarão de os poderem tomar/ porque cuydauão que a fome os auia de fazer ẽtregar/ que bẽ sabião pelos naires que seruião na feitoria que não tinhão mais q̃ arroz. E se não fora por eles nũca ho souberão, porq̃ dom João teue sempre tam boa vigia na fortaleza/ que nũca nenhũ escrauo lhe pode fugir pera os ĩmigos. E partido Eytor da silueira ja na fim de Setembro chegou Francisco pereira pestana no galeão, que com achar ho vẽto por dauante ⁊ os mares muyto grossos se ouuera de perder/ ⁊ esteue muytos dias surto na foz do rio d̃ Chatuá, que se isso não fora perderase: ⁊ chegado ele a Calicut surgio defora do arrecife pera esperar pelos outros capitães/ que cuydou que fossem ter coele, ⁊ entre tanto como foy noyte mandou ho paraó do galeão a terra com mantimentos, ⁊ muniçoẽs, cuydando q̃ dom João estaua em necessidade deles. E sabendo dom João como ho paraó ya, por fazer luar muyto claro ho foy receber a coiraça, a que logo acodirão os immigos: ⁊ sobre ho desembarcar do paraó foy hũa braua peleja, em que forão mortos cinco Portugueses: ⁊ dom João foy ferido de hũa espingardada ẽ hũa perna: ⁊ com tudo ho paraó foy descarregado, ⁊ se tornou pera ho galeão, com recado a Francisco pereyra que não desembarcasse, porque como não fossem quinhentos homẽs juntos, era escusado desembarcar outra gente. E dos immigos morrerão nesta peleja algũs: ⁊ forão feridos tantos das nossas espingardas/ ⁊ queimados de panelas de poluora/ que lhes cõueo a fastarense. E dom João se recolheo á fortaleza desapressado deles: ⁊ então se achou tão manco da ferida q̃ tinha (que ate li não sentira com a furia do pelejar) que foy necessario leualo Jorge de lima ás costas/ ⁊ foylhe necessario deitarse na cama porque a ferida não podia sarar em pè/ ho que ele sentio muyto por ser em tal tempo/ ⁊ pola necessidade que tinha se deitou.

¶ Capit. cxviij. De como os immigos tomarão o paraó do galeão com a carrega que leuaua. E de como cuydádo el rey de Calicut q̃ dom João era morto ho mandou saber.

DAlli a tres ou quatro dias tornou Frácisco pereyra a mandar ho paraó a terra com outra barcada/ & mãdou ho pola sesta/ parecendolhe q̃ era tempo de menos perigo porque estarião então os immigos assessegados/ & não acodirião por lhes parecer que não iria a tal tempo, & forão nele cinco marinheiros Portugueses pera ho remarem. E não esperãdo os da fortaleza por ele atais horas não ho virão/ & os immigos si: & vẽdo ho perto de terra/ & não sintindo reboliço na coiraça como das outras vezes, foyse hũ dos seus capitães com algũs deles meter na coiraça/ pera q̃ em ho paraó chegando ho apanhassem. E a vigia da coiraça começou de bradar que entrauão os immigos nela, ao que acodirão dom Vasco de lima & Jorge de lima com sessenta homẽs, mas antes que chegassẽ chegou ho paraó/ & os immigos ho apanharão logo/ & ho leuará carregado pera diante das suas estãcias cõ os cinco marinheiros q̃ hião nele/ hũs mortos & outros feridos: & ho capitão que digo cõmuytos dos immigos se pos coeles á porta da coyraça quando a vio abrir pera defender a dom Vasco & aos outros que não sayssem, & foy sobrisso hũa muy ferida peleja. E dom João q̃ ouuio a grita chamou pera saber o q̃ era/ & não lhe respondeo mays que hũa escraua/ que lhe disse o que era, & q̃ os immigos erão muytos. E que ele ouuindo não se podeter que não se leuantasse & assentousse a hũa genela de grades de ferro, donde via a peleja que era debaixo. E quando vio q̃ não podia acodir começou de tirar aos immigos com duas espingardas que lhe a escraua atacaua, & em quãto lhe cenaua hũa tiraua com a outra. E dali matou bẽ trinta dos immigos em quanto durou a peleja, porq̃ os tinha a tiro/ & tiraua a salvo. E dom Vasco matou nesta peleja ho capitão dos immigos/ passandolhe ho escudo com hũa lança, & a ele por derradeiro, & cayo morto. E com sua morte se desbaratarão os immigos. E dom Vasco se recolheo indo Jorge de lima ferido de hũa espingardada que lhe leuou a coxa do capacete: & ho mesmo capacete o ferio hũ pouco sobre hũ olho. E eles recolhidos dom João se tornou a deitar: & a perna se lhe agrauou de maneira que lhe ouuerão de saltar berpes nela. E por Francisco pereyra não ter paraó não mandou mais nada a fortaleza/ & deyrouse estar: E os immigos fizerão grandes alegrias pola tomada do paraó: & dali tornarão a ter esperança q̃ tomarião a fortaleza, & combatiãna brauamente: & mais por crerem que dõ João era morto, porque como Bastião falaua muytas vezes coele achauao menos. E preguntando por ele/ foy lhe dito que estaua ferido: o q̃ ele cõtou a el rey de Calicut & aos mouros q̃ forã cõsso muy alegres:

porque crerão que dõ João era mor-
to: & os seus polo encobrirẽ dezião
que estaua ferido. E pera saberem a
verdade disto disserão a Bastião q̃
lhe mandasse pedir licença pera ho
ir ver. E dom João quando lha ele
mandou pedir lhe pareceo logo oq̃
era/& por tirar aquela sospeita lha
deu: & quando vio Bastião lhe disse
o que entẽdia de sua visitação, escõ
jurandoo muyto que lhe disesse a
verdade: & ele lha disse/& que el rey
de Calicut lhe queria tamanho mal
que nenhũa cousa desejaua mais q̃
matalo/por se auer por muyto inju
riado dele por se lhe defender tanto
tempo com tam pouca gente, tendo
ele tamanho poder. E dom João ro
gou muyto a Bastião que lhe disses
se, que posto q̃ ele morresse/ que ca
da hũ dos que estauão na fortaleza
erão pera serem capitães & sabião
da guerra mais que ele/& lhe auião
de fazer mais mal do q̃ lhe ele tinha
feyto: porisso que não ganhaua na-
da em sua morte. E porẽ que se a tã
to desejaua que cõbatesse em pessoa
a fortaleza: & poderia ser q̃ cõ seu fa
uor a entrarião os seus mouros de
que fazia grãde cabedal/& q̃ ho ma
tarião: porq̃ lhe certificaua q̃ ho a-
uião dachar na dianteira pera o to
mar viuo & ho mandar preso a el rey
de Portugal pa lá pagar suas trey
ções & maldades. E porẽ que pois
não auia dousar de cõbater em pes
soa a fortaleza que lhe rogaua q̃ não
fugisse pera o sertão/porq̃ ele ho mã
daria buscar à cidade com a artelha
ria. E dom João trabalhou muyto
cõ Bastião que se tornasse pera nos
so senhor/& que ele ho leuaria pera
Portugal & lhe auería perdão del
rey, & ele não quis. E dandolhe dõ
João de vestir ho despedio.

Capit. cxix. De como os imigos quiserão queymar hum baluarte de madeira da fortaleza & não po derão.

BAstião se foy logo a el rey de Calicut, & lhe contou como achara dom João & deulhe bo seu recado cõ o que el rey se indinou muyto mais conertle, & fazia combater a fortale za de dia & de noyte que nunca dom João nem outros tinhão nenhũ re pouso & leuauão muyto trabalho. E hũa noyte poserão os immigos fogo ao baluarte de madeyra porq̃ lhes impidia chegarem á porta da fortaleza. Dõ Vasco de lima q̃ ser uia de capitão acodio logo cõ gẽte ao baluarte pera matar ho fogo/& os immigos lho defendião, sobre o que se começou antreles hũa braua peleja. E dom João que soube o q̃ passaua posto que estaua ferido/mã douse leuar ao baluarte ainda que contra vontade de todos/porque receou que ardesse ho baluarte/a que mandou logo leuar muyta ter ra pera apagar bo fogo porque cõ a goa não podia ser, nem os Portu gueses tinhão muyto lugar pera o apagarem polla dura resistẽcia q̃ lhe os immigos fazião/& ho fogo se ya embrauecendo de cada vez mais. E estando os Portugueses nesta fadiga quis lhe nosso senhor Jesu Christo acodir com chegar naque la hora Eytor da silueira, q̃ estãdo

em Cananor por capitão como disse em ausencia de dom Simão de meneses, desaueose dom Simão em Cochim do gouernador, & nã quis mais andar coele & tornouse pera sua capitania. E vendo Eytor da silueira que não fazia nada em Cananor, pareceolhe bem ir goardar ho porto de Calicut pera fauorecer a fortaleza, & esperaria hi ho gouernador q̃ sabia que estaua de caminho, & embarcouse na galeota de Francisco de vasconcelos, & leuou comsigo a caravela & algũs paraós, & do mar vio ho fogo q̃ estaua aceso no baluarte: & conhecendo que era na fortaleza, chegouse a terra o mais q̃ pode, & começou de desparar sua artelharia com q̃ fazia grande estrõdo. E ouuindo ho os immigos tão desupito cuydarão que era ho gouernador por terem auiso dos mouros de Cochim que era ja partido pera Calicut em socorro da fortaleza. E com ho aluoroço desta sospeita acodirão logo á praya, não somẽte os immigos q̃ defendião que não apagassẽ os Portugueses ho fogo do baluarte, mas outros muytos de todas as estancias. E como os Portugueses q̃ pelejauão forão desaperçessados da peleja, apagarão logo ho fogo: & os imigos esteuerã toda a noyte em vigia, cuydando q̃ os Portugueses q̃ estauão no mar desembarcassem, mas nẽ então nem despois não o desembarcarão, porque cado de dom João quelhe mandou lãçar hũa carta ẽ quelho escrenia. E ao outro dia a noyte Eytor da silueira se pos com todos os nauios a tirar ás bombardadas aos immigos, & entretanto mãdou muytos mantimentos, & poluora á fortaleza pela coiraça. E escreueo a dom João que ho gouernador se ficaua aparelhando pera ho socorrer, & por isso senão auia dir dali, & auia desperar por ele, q̃ se se visse em necessidade de gente quelho mandasse dizer & que logo desembarcaria. E dali a poucos dias chegou Pero defaria que ya por capitão mór de hũa frota de fustas q̃ partio de Goa em socorro da fortaleza em que yão muytos casados de Goa á sua custa a seruir el rey, que como souberão do cerco posto q̃ era inuerno pedirã embarcação a Francisco de sá & partirão q̃si na fim de Julho, & por ho tempo ser muyto forte não chegarã mais cedo. E com a armada de Pero defaria se ajuntou no arrecife de Calicut hũa arrezoada armada, cõ que os mouros se agastauão muyto porque vião que daquela vez nã poderião tomar a fortaleza, a q̃ amiudauão muyto os combates: mas ja os que estauão nela os não tinhão em conta: & tambem lhes tirauão muytas bombardadas, & assi os q̃ estauão no porto com que os immigos estauão muy afrontados, & os mouros muyto agastados & enuergonbados de quão pouco tinhão feyto naquele cerco. E el rey de Calicut muyto corrido por tomar seu conselho: & cõ tudo apercebeose pera receber ho gouernador.

¶ Capit. cxx. De como ho gouernador socorreo a fortaleza de Calicut, & do conselho que teue sobre pelejar com os mouros.

Sabendo ho gouernador quão bẽ socorrido fora dõ João de lima/ descãsou algũ tãto do cuydado q̃ tinha de saber q̃ estaua cercado/ ⁊ dos cõbates q̃ lhe dauão os imigos. E determinou d̃ ho nã yr socorrer se não com tempo feyto/ porque fosse com toda a armada q̃ tinha/ ⁊ tão poderoso como conuinha ao gouernador da India, ho que não podia ser sem dar ho mar jazigo, porque não ho dando chegaria a Calicut com a armada espedaçada ⁊ sem nenhũ poder, ho que pera ho tempo era muy perjudicial: por el rey de Calicut estar muyto poderoso/ ⁊ os mouros cõ grãde soberba, ⁊ se vissem ho gouernador com pequena armada não ho terião em conta: ⁊ com grande ⁊ bẽ fornecida de gente ⁊ dartelharia acrecẽtar selheya ho medo que dãtes tinhão dele. E porque ele isto sabia partio na entrada Doutubro, em que ja ho mar estaua seguro dos cõtrastes do inuerno: ⁊ leuou hũa armada em que forão mil ⁊ nouecẽtos Portugueses. E os pricipais capitaẽs forão dom Jorge de meneses, dom Jorge telo de meneses, dom Tristão de noronha, dõ Afõso de meneses, dõ Pedro de castelo branco, João d̃ melo da silua, dom diogo d̃ lyma Antonio da silueira, Manuel de macedo/ Anrrique de macedo, dõ Jorge de crastro/ Jorge cabral/ Antonio dazeuedo irmão d̃ Martim lopez dazeuedo senhor d̃ Caures, Duarte dafõseca, Fernão gomez de lemos/ Antonio da silua, Antonio de lemos, Jorge d̃ vascõcelos, Antonio pessoa, Rodrigo aranha, ⁊ outros capitais d̃ catures a q̃ não soube os nomes. E coesta armada chegou ho gouernador ao porto de Calicut meado Outubro por chegar cõ a frota jũta. E quando vio a q̃ estaua no porto, ficou muyto ledo de ver ho bõ cuydado dos Portugueses no q̃ cõpria a seruiço del rey. E foy ho arroido grãdissimo da artelharia da frota q̃ estaua no porto que saluou ho gouernador, como da sua q̃ saluou ela/ ⁊ assi grãde festa de gritas/ ⁊ de muytas trõbetas: q̃ foy tãto q̃ cuydarã os imigos q̃ ho gouernador desẽbarcaua: ⁊ a codirão á praya: fazẽdo jugar a artelharia q̃ estaua pera ho mar. E os Portugueses tãbẽ lhes tirarão/ ⁊ nisto se passou hũ pedaço q̃ estaua por passar daq̃le dia: ⁊ ao outro dia ẽamanhecẽdo por ho grãde poder q̃ estaua sobre a fortaleza, a cõbaterão os imigos cõ toda a artelharia q̃ tinhão, q̃ toda tirou jũtamẽte ⁊ o trabuco coela/ ⁊ passada esta primeyra çurriada, mostrarãse todos na praya/ os adargados diãte, ⁊ detras os espingardeiros ⁊ frecheiros/ apartados hũs dos outros, ⁊ assi tirarão pa ho mar cõ muyto cõcerto/ ⁊ dãdo medonhas gritas q̃ foy bẽ pera espãtar. E assi se espãtarão os Portugueses q̃ estauã no mar, de v̄ tãtos imigos jũtos q̃ nũca virão tãtos: ⁊ erã nouẽta mil homẽs, porq̃ posto q̃ dos primeyros nouẽta mil muitos fossẽ mortos logo se refaziã, ⁊ nũca faltauão deste numero. E ho gouernador folgou muyto de os ver porque soubesse

que soma fazião/ & deixandoos bẽ mostrar/ lhes mandau tirar quando se recolherão: & eles recolhidos tornarão a cõbater a fortaleza, & durou ho combate todo ho dia. E visto pelo gouernador a grãde força de gente que os imigos tinhão, & quão apercebidos estauão/ nem por isso perdeo ho esforço com que partira ô Cochim pera pelejar cõ eles/ antes parece que se lhe acrecentou, porque isto era muyto natural nele, quanto as cousas erão de mayor perigo tanto menos as temia & desejaua mais de as cometer, & logo ao outro dia pelejara com os imigos, ho que não fez, por ho regimento que tinha del rey lhe defender que não cometesse as cousas semelhantes sem fazer cõselho geral/ & seguir a parte que teuesse mais votos. E por isso juntos ao outro dia em cõselho todos os capitães & fidalgos & pessoas principais, lhes propos ho aperto ẽ que estaua a fortaleza/ & a gẽte que a tinha cercada, & quão soberbos estauão os mouros/ & a gente q̃ ele leuaua, pedindolhes seus pareceres. E forão que não se deuia de pelejar com os imigos/ porque a força terẽ muyto demasiado poder de gente & grande força dartelharia/ em cujas bocas auião de desembarcar/ & a desembarcação era muyto roi/ por ser costa brauа, & andar sempre ho mar de leuada/ pelo que auião de desembarcar a nado, & os immigos que logo auião dacodir os matarião a todos sem peleja/ & que se perderia ho estado q̃ el rey de Portugal tinha na India, que importa ua mais que aquela fortaleza: por isso que ho bom seria fazer pouco caso dela/ & despejala & deixala/ & todos quantos estauão no cõselho forão deste parecer, se nã Antonio dazeuedo/ Francisco pereyra pestana/ Eytor da silueira, Manuel de macedo, & dom João de lima, que mãdou por escrito ho seu ao gouernador: & dizião estes quatro que estauão no conselho, que nunca ho estado del rey de Portugal esteuera em tanto risco de se perder por não pelejarem como naquele negocio/ nem nunca compriра tanto pelejarem pera ho fosterem como então, & mais se perderia não pelejando que com pelejarẽ/ por quão perdido estaua ho credito dos Portugueses na India/ & quão aleuantado ho del rey de Calicut, que nunqua mais fora castigado/ despois da morte do Marichal & do desbarato da Fonso dalbuquerq̃: hũa ofensa tamanha pera Portugueses. E posto que ho não fosse por quão daneficado ficara Calicut/ abastaua que os mouros tinhão q̃ era ofensa, & se então lhe deixassem passar sem castigo aquela ô fazerẽ guerra á fortaleza/ & poerẽa em tamanho aperto/ que descrerião ô todo dos Portugueses, & os não terião em nenhũa conta, & logo se leuantarião contra as outras fortalezas, porque verião que não perdoauão se não ho que não podiam castigar: & por isso de necessidade auião de pelejar/ pera que ao menos mostrassem que fizerão ho que poderão/ & que esperassem em nosso Senhor que os ajudaria, & como

ajudara a Duarte pacheco que tantas vezes desbaratara a el rey ō Calicut sem ter gente. E posto que a rezão destes era muyto boa/ & tal parecia ao gouernador/ não tomaua seu parecer porque ho contrairo tinha mais vozes. E por não se determinar de todo que não pelejassem, leuātou ho cōselho deixando a cousa suspensa, parecēdolhe que em outro conselho se determinaria que pelejassem: o que ele desejaua muyto pera castigar os mouros/ porque auia por grande injuria sendo gouernador cercarem aquela fortaleza, mas como via tantos contra si & não podia al fazer se nā compzir ho regimento que tinha, que era irse cō os mais pareceres não ousaua de se declarar: esperando como digo que em outro conselho ouuesse outros pareceres nos que dizião que não pelejassem: mas não os ouue em cinco ou seys conselhos q̄ fez despois deste. E todauia sempre os aleuantaua sem se assentar a determinação de não pelejarem/ o que não podia acabar comigo. E neste tempo dauão os immigos muy bzauos combates á fortaleza/ por darem a entēder ao gouernador q̄ ho nā temião, & ele mandauaua cada noyte mātimētos á fortaleza. E indo būa noyte dom Jorge de meneses em bū batel carregado deles & de duzentos padeses de campo/ em ho descarregando carregarão sobrele muytos dos immigos, tirandolhe com suas espingardas & com muytas rocas & frechas de fogo, & era medo velas de noyte polo escuro, & muytos se metião no mar com croques com q̄ puxauão pelo batel: mas como dom Jorge era muyto esforçado liurouse deles com matar muytos & leuar feridos quantos yão coele.

¶ Capit. cxxj. De como dom João de lima deu bū rebate no arrayal dos immigos: & de como ho gouernador assentou de pelejar coeles

¶ Continuandose estes conselhos acerca de pelejarem com os immigos em q̄ os mais como disse erão q̄ não pelejassem/ Antonio dazeuedo a que parecia bem que ho fizessem, pesaualhe muyto de ver caminho pera não pelejarem: porque tinha por sem duuida que auião os immigos de ser vencidos, & que perdião os Portugueses būa muyto grande honrra se não pelejauão. E porque a não perdessem, escreueo a dom João o que passaua: pedindolhe muyto que se fosse possiuel desse de dia bū rebate nos immigos/ que esperaua em nosso senhor que auião de fugir: & que então veria ho gouernador quão errado era ho parecer dos que dizião que não pelejasse/ & quão bem lhe dizião os que tinhão ho contrairo. E esta carta mandou per bū seu criado que foy de noyte a nado, & leuaua a carta metida em cera por não selhe molhar. E vista esta carta por dō João/ folgou muyto com ho conselho Antonio dazeuedo, & tomando ho de algūs desses fidalgos que estauão coele/ assentou de dar bū rebate em būa estācia dos imigos q̄ estaua onde se chama

a China cota da banda do sul em q̃ auia menos gente que nas outras: & ordenou que hũ fidalgo chamado Jorge de Vasconcelos que fora cõ bo gouernador & estaua coelle/ desse ao outro dia pola sesta na estancia q̃ digo cõ cincoenta espingardeyros, & se tornasse logo a recolher: & q̃ ele lhe iria nas costas pera lhe acodir. E o que foy feyto ao outro dia ás boras que digo: & entre tãto que Jorge de vasconcelos ya dar naquela estancia/ mandou dom João aos q̃ ficauão na fortaleza q̃ tirassem espingardadas ás outras: porq̃ ocupados os immigos nisso não sintissem Jorge de vasconcelos quando desse nos que auia de dar, & não lhe acodisse: & assi foy. E como ele era muyto esforçado, & os que yão coelle escolhidos ferirão muy bravamẽte nos immigos com suas espingardas, & como se virão cometer tão rijo & assi tão de supito forão tão cortados do medo que logo se acolherão & deixarão a estancia ficando algũs mortos, & nela tomarão os Portugueses tres berços & hũa bombarda: & ho primeyro que chegou a ela foy hũ fidalgo mancebo chamado Belchior de brito da cidade de Beja/ que saltãdo sobreia começou de bradar. Amores/ amores. E tomando os Portugueses estas quatro peças pera as leuarem fizerão os immigos volta sobreles com outros que logo acodirão tirãdo muytas espingardadas & rocas de fogo & vando grandes alaridos. E se a este tempo dom João não esteuera cõ Jorge de vasconcelos que se ya recolhẽdo/ ele se vira em grande afrõta, porque os imigos carregauão muyto, & hũa espingardada deu por hũ ombro a dõ João: & quis Deos que não lhe fez mais mal q̃ leuarlhe quãto lhe alcançou do corçolete, & outras matarão ho almoxarife dos mantimentos da fortaleza que auia nome Jorge diaz & hũ amo de dom Diogo de lima. E ja neste tempo a artelharia da fortaleza desparaua polas outras partes, & era a grita muy grande: & nisto se recolheo dõ João com algũs feridos. E ho gouernador que vio o que dom João fez folgou muyto, porque vio com quão pouca cousa os immigos seco meçarão de desbaratar/ & q̃ se fora mais força de gente q̃ se desbaratarão de todo: & gabou muyto aquele rebate/ dizendo q̃ bem vião todos que se podia pelejar com os imigos & por isso q̃ ele auia de pelejar. Do q̃ todos os que crão contra isso ficarão muyto corridos: & na noyte seguinte escreueo muytos agardecimentos a dõ João pelo que fizera/ & assi aos q̃ sayrão: dizẽdo que lhes parecerão todos muyto gentis homẽs/ & que lhe mãdasse dizer se lhe parecia ainda bem q̃ pelejassem cõ os imigoo/ porq̃ ele determinaua de pelejar coeles: por isso que lhe mãdasse algũ homẽ que lhe dissesse onde desembarcasse. E dom João lhe respondeo/ que ainda lhe parecia bẽ que pelejassem, & q̃ nũca outra cousa diria. E ho homem q̃ lhe mãdou foy Jorge de lima que lho pedio, & foy em hũa almadia remãdo ho hũ marinheiro que chamauão bo Guisado/ & a almadia foy arrõbada cõ hũ tiro dos imigos q̃ toda a noyte

tiranão/porq̃ pelcassem os q̃ fosse a fortaleza, & arrõbada a almadia Jorge de lima & bo marinheiro forão a nado: & chegados á frota foy Jorge de lima leuado ao galeão do gouernador, que toda a noite esteue falando coele/enformandose do poder dos imigos, & assi do que passara no cerco. E ele lhe deu tão boa enformação/ que bo gouernador assentou õ todo de pelejar. E ao outro dia logo pela menhaã chamou a cõselho, não pera tomar mais pareceres, mas pera declarar a todos como auia de pelejar cõ os imigos E porque os q̃ erão de parecer contrairo não ficassem descontẽtes disselhes estando todos juntos.

¶ Como quer q̃ muytas vezes bo nosso juyzo se engana/ & julga por falso o verdadeiro & a verdade por mentira: acontece outras tãtas fazermos obras muy desuiadas de nossa tenção/pelo q̃ esta deue sempre de ser posta na vontade de nosso senhor, pera q̃ por sua misericordia guie bo efeito dela a seu seruiço & por isso pus sempre neste negocio õ pelejarmos cõ os imigos minha tenção, na vontade daquele deos eterno todo poderoso, pedindolhe que ordenasse tudo como fosse mais seu seruiço: & tendo nele esta esperãça estiue tantos dias sem me declarar se tomaria vossos pareceres de não pelejar com os imigos: que como ley pelo que vi & ouui q̃ soys todos de muy assinada valẽtia, & vos acbastes em feytos muy façanhosos/ a que cõ sobre natural esforço destes marauilhoso fim, receaua muyto de não tomar vossos pareceres/crendo que pois erão q̃ não pelejassemos, que vos mouia a isso licita causa. E por outra parte pesando bẽ as causas que vos podiã mouer/que me não satisfazião pera deixarmos de pelejar/ parecia-me que como bo vosso parecer era humano/ que se enganaua, porq̃ se vos fundaueis em serẽ os imigos muytos & nos poucos: por muyto menos que nos quis nosso senhor que se ouuessem na Jndia & fora dela de quasi tãtos mouros & tambẽ apercebidos como estes/ tantas & tã famosas vitorias como sabeis: & porisso volas não lẽbro. E de crer he que pois nos pelejamos por exalçamento de sua santa fé, que assi nos ajudará como aos passados/ & tendo esta fé de vencermos fica tirado bo receo de sermos vencidos & de se perder bo estado da Jndia. Assi que parecendome que vos enganaueis em vossos pareceres, esperey tantos dias a ver se me mostraua nosso señor ser isto assi/ & ele seja louuado que lhe aprouue õ mo mostrar em os imigos fugirẽ ontẽ tão asinha com bo rebate que lhes deu dom João. E quãdo tam poucos & sem ordẽ os fizerã fugir: que faremos nos todos postos em ordẽ, & cõ a esperança em nosso señor que os auemos de vencer: certifico uos da sua parte/ q̃ ainda ey estes por poucos pera os vencermos/ & que em nos vendo lhes auemos de parecer muytos mais do que eles sam. Porisso senhores peçouos q̃ vos pareça bẽ pelejarmos/ porq̃ eu nisso estou. ¶ E vendo os q̃ erão de parecer q̃ não pelejassem, sua võ

tade, disserão todos que pelejassem pois lhe parecia bẽ. E dandolhe ho gouernador por isso muytos agardecimentos/assentou com ho parecer de dom João delima que Eytor da silueira se meteſſe na fortaleza cõ trezentos homẽs escolhidos: & despois de metidos logo na noyte seguinte darião nos imigos ao quarto dalua, & no começo dele se farião na gauia da capitania q̃tro fogos ẽ cruz & tiraria hũa bõbarda grossa/ & despois se farião tres fogos pera que soubeſſem na fortaleza que monia o gouernador pera terra. E em acabando os fogos tocarião hũa trombeta no baluarte de madeyra, cuja porta estaria desatupida pera sayr logo Fernão de mouais cõ vinte cõpanheiros escolhidos & todos com panelas de poluora que deitarião na estancia do trabuco pera queymarem os immigos, & acodirẽ os outros ali: & no meſmo instante sayria Eytor da silueira/ que com os trezentos que leuara de refresco estaria na coira ça & daria nas estãcias da banda do sul. E tambem dõ João de lima com a gente da fortaleza que daria pola banda do norte: & ho gouernador ficaua da banda do este/ & pera a de leste auia de jugar a artelbaria da fortaleza.

¶ Capit. cxxij. De como ho gouernador pelejou com os immigos q̃ tinhão cercada a fortaleza de Calicut & os venceo.

ISto assentado como foy noyte mãdou ho gouernador a algũs capitães q̃ chegaſſem os seus naujos a terra ho mais que podeſſem, & que tiraſſem com sua artelbaria, porque impediſſem aos immigos q̃ não acodiſſem sobre Eytor da silueira quando desembarcaſſe. E entretanto q̃ a artelbaria desparaua desembarcou ele com cento & cincoẽta homẽs: q̃ não quis ho gouernador que foſſem aquela noyte mais/ porque se detiueſſem menos em se meter na fortaleza/ & entraſſem mais sem perigo. E sintindo os imigos a gente que desembarcaua, & que lhe não podião resistir por amor da artelbaria despararão tambem a sua, & tirarão muytas espingardadas cõ que não fizerão nada. E Eytor da silueira se meteo na fortaleza cõ os que yão coele sem perigo/ & na noyte seguinte desembarcarão outros cẽto & cincoẽta homẽs, cujo capitão foy dõ Diogo delima, & êtrarão na fortaleza pela meſma maneyra que os outros. E vẽdo os mouros quantos dias auia que ho gouernador estaua no porto sem desembarcar pera pelejar coeles: & que no cabo deles mandaua recolher aq̃la gente na fortaleza/ pareceolhes que era pera seir/ & que não ousaua de pelejar coeles, & assi ho disserão a el rey de Calicut, & lho fizerão crer/ dandolhe pera isso as melhores rezões que podião: & gabauanse que a vitoria de tomar a fortaleza como se ho gouernador foſſe por mais gẽte que deixaſſe ela/ & ensoberbecianse tanto como que ho teueſſem feyto. E metidos estes trezentos homẽs que digo, logo na noyte seguinte q̃ foy a de velpera de todos os sãtos: os Portugueſes assi na fortaleza co

mo na frota ſe aperceberão pera ho feyto que eſperauão de fazer ẽcomẽdandoſe todos a noſſo ſenhor. E começando ho quarto dalua/ foy feyto ho primeyro final na gauia da capitayna/com que Fernão de morais & Eytor da ſilueira ſe poſerão cõ ſua gente nos lugares que lhes erão aſſinados: & ao ſegundo final começou ho gouernador dabalar pera terra a boga ſurda com mil & ſeys centos homẽs que leuaua de q̃ deu a dianteira a dõ Jorge de meneſes filho de dõ Rodrigo de meneſes/ & a dom Jorge telo filho de dõ João telo ambos muyto eſforçados caualeyros, & leuaua cada hũ a ſeu cargo ſeſſenta homẽs com panelas de poluora pera queymarem os imigos & os embaraçarẽ coiſſo. E com ho gouernador yão todos eſſes capitães & fidalgos da frota acompanhãdo a bandeira real. E tãto q̃ ho ſegũdo final (que declarana abalar ho gouernador pera terra) foy viſto na fortaleza, mandou dom João tocar hũa trõbeta no baluarte de madeira em que os imigos não atẽtarão porque quaſi toda a noyte na fortaleza tangião trombetas por feſta, & eſtauão todos bẽ deſcuydados de ho gouernador os cometer tão de verdade/nem eſperauão por mais que polos rebates que lhes dom João daua algũas noytes. E eſtãdo coeſte deſcuydo/em começando de ſetãger a trombeta que digo ſae Fernão de morais cõ os vinte das panelas de poluora do baluarte: & remetendo á eſtancia do trabuco arremeſſam as panelas ſobre os imigos que canſados da vigia da noyte paſſada começauão de dormir. E ho fogo que ſupitamente ſe acendeo & os começou de queymar/os fez acordar tão fora de ſi que começarão logo de fugir/ & mais começando Eytor da ſilueira de os ferir com a ſua gẽte, q̃ aſſi como Fernão de morais ſayo ſayo ele tambẽ dando os ſeus grandes gritas. E dõ João cõ a gẽte q̃ tinha na fortaleza deu por outra parte cõ muyto grande impeto deſpingardadas & grande matinada de gritas q̃ deſatinauão os immigos/ q̃ logo fugirão das eſtancias em q̃ eſtauão: porẽ os outros q̃ eſtauão aloſados nas cauas ſintido ho arroido que ya acodião cuydando q̃ não foſſe mais q̃ algũ rebate q̃ dõ João daua como das outras vezes & q̃ ho farião recolher: mas os Portugueſes q̃ não eſperauão de ho fazer ate os imigos não ſerẽ de todo deſbaratados, reſiſtirão como homẽs que eſperauão de leuar auãte ſua determinação. E niſto deſembarcou ho gouernador com grande arroido de trombetas & de gritas q̃ fazião moſtra de ſerẽ mais gente do q̃ era a dos imigos: & eles aſſi ho cuydarão principalmẽte deſpois q̃ ambos os dõ Jorges deſembarcarão/ q̃ com os das panelas de poluora remeterão ás cauas & derã coelas dẽtro cõ que ſe acendeo hũ ſupito & eſpãtoſo fogo antre os imigos de q̃ muytos forão queymados. E em ſe eſte fogo acendendo chega ho gouernador com ho corpo da gẽte & começão as eſpingardadas de deſparar, & todo outro genero darmados Portugueſes de fazerẽ ſuas obras/com q̃ os imigos ficarão deſa

M

tinados porque virão que aquillo era mais que rebate, & que os cometião de verdade o que eles não esperauão: & como se vião queymar do fogo/ & atrauessar das espingardadas & ferir de lançadas/ & de cutiladas: hũs desatinauão & fugião/ outros queriã resistir aos Portugueses, & tudo era cheo de gritas, de feridas & de mortes. E era espantosa cousa de ver como tudo andaua baralhado: & sobre tudo ver ho grãde milagre que nosso senhor queria fazer em tão poucos Portugueses vencerem tantos milhares de mouros q̃ estauão tão apercebidos de munições pera os destruirẽ: & q̃ esquecidos disso fugião, & querião antes morrer fugindo q̃ vencer pelejãdo. E os Portugueses q̃ viã a grãde merce q̃ lhes nosso senhor fazia/ sabiãse muyto bẽ aproueitar dela, não perdẽdo momẽto sem ferirẽ & matarẽ tantos dos imigos q̃ era espanto fazendo neles medonha destruyção, principalmente hũs poucos q̃ trazião espadas dambas as mãos, em q̃ entrauão Jorge de lima dõ Vasco de lima, dõ João de lima ho moço seu irmão, Antonio de sa, & Ruy de melo seu irmão, dõ Jorge de meneses, Fernão de morais, Belchior de brito & outros a quem̃ sou be os nomes que estes despejauão brauamente os immigos por onde quer que chegauão fendẽdo hũs pelo meyo ao comprido, & fazendo os em duas partes ao trauês/ & a outros cortando braços/ decepando pernas, & apartãdolhes as cabeças dos corpos: o que era causa de lhes parecer que os Portugueses não erão homẽs senão diabos q̃ erã alt vindos pera sua total destruyção/ q̃ assi fugião deles & despejauão as cauas onde era toda esta peleja. E seguindo os Portugueses sua vitoria, vio dom Jorge de meneses pola caua a diante hũ magote dos imigos que tinhão cercado hũ Portugues que se adiantara dos outros: & temendo que ho matassem acodiolhe corrẽdo/ pelo q̃ ho não seguirão mais de dous Portugueses. E ele com a espada dambas as mãos que leuaua ferio nos imigos que se afastarão & ho Portugues ficou liure. E recolhẽdose dõ Jorge coele pera os outros que ficauão atras virarão os immigos sobrele tão de supito, ferindo ho muyto rijo, & cercãdo ho de modo que não se pode seruir da espada dambas as mãos, & com hũa adaga se defendia dos imigos/ que apertãdo muyto coele ho ferirão no rosto & em hũa mão de q̃ despois ficou aleijado. E nisto ho deixarão dous dos tres Portugueses que estauão coele fugindo com medo de ho verem assi apertado, & o que ficou auia nome Balteſar fernãdez criado de dõ Antão capitão de Lisboa, que nunca se apartou de sũ to de dõ Jorge ajudando ho quãto podia. Porẽ dom Jorge não se cõtẽtando de sua ajuda lhe pedio a sua espada & tomandoa começou de ferir os imigos cõ tã brauo impeto q̃ os fez afastar/ & não tardou muyto q̃ não fugirão por acodirem outros Portugueses a dõ Jorge q̃ nunca deixou de pelejar cõ quãto estaua ferido, & por seu grande esforço/ & de todos os outros Portugueses: de

q̃ não ouue nenhũ q̃ aquele dia não fizesse cousas muyto assinadas. E sobre tudo pola immensa bondade de nosso señor forão os imigos deitados das cauas fugindo muy torpemẽte. E não parando fora das cauas acõpanhados ainda do medo q̃ tinhão / se espalharão acolhendose hũs por esses palmares ⁊ outros a a cidade ficando bẽ dous mil mortos a fora os q̃ despois morrerão das feridas: ⁊ dos Portugueses forão mortos corenta ⁊ feridos duzẽtos ⁊ cincoenta: ⁊ eles estauão tão encarniçados nos imigos q̃ os quiserão seguir ⁊ ẽtrar na cidade. O q̃ ho gouernador não quis por conhecer os Portugueses por desmãdados / ⁊ recearse de quererem roubar a cidade despois de serẽ nela, ⁊ os imigos tornarẽ sobreles / ⁊ acõtecerlhe outra tal como ao Marichal, ⁊ por isso não quis: q̃ se isso não fora daq̃la vez podera ser a cidade toda queimada. E ho gouernador se contentou cõ decercar a fortaleza / ⁊ desbaratar tamanha força de gẽte como ali estaua. E assi foy este hũ dos mayores feytos darmas q̃ se fizerão na India / porq̃ nũca em outro nenhũ se ajũtarão tantos imigos / ⁊ tãbẽ apercebidos como aq̃les estauão. E coesta vitoria ficou elrey de Calicut d̃ todo desacreditado. ⁊ os reys da India se meterão todos por dentro cõ medo do gouernador / a quẽ dali por diãte teuerão em muyto grãde conta. E soou tanto a fama desta vitoria q̃ foy ter ao turco, q̃ ficou muy espãtado: porq̃ tinha por muyto poderoso a el rey de Calicut / ⁊ mais sabendo a muyta gente que tinha.

¶ Capit. cxxiij. De como ho gouernador mandou despejar ⁊ derribar a fortaleza de Calicut.

Dadas muytas graças a nosso senhor pelo gouernador por esta tão milagrosa vitoria: ⁊ assi muytos agardecimẽtos a esses principais por quão bẽ ho fizerão contra os imigos, alojou sua gente ao derrador da fortaleza: porq̃ era sua determinação derribala pera o q̃ se auia de deter algũs dias. E a causa de a querer derribar era porq̃ lhe não parecia seruiço del Rey auer fortaleza ẽ Calicut estãdo el rey de guerra, ⁊ q̃ a gente que esteuesse nela estaua ẽ muyta auẽtura de a leuarẽ os imigos hũ dia nas mãos. E sobre tudo ter assentado consigo / de no cabo daq̃le verão ir á boca do mar roxo esperar os rumes, q̃ tinha por noua certa q̃ estauão de caminho pera a India, ⁊ podião vir a quinze de Mayo ou na fim Dabril: ⁊ queria ir lá pera inuernar ẽ Mazcate, porq̃ não vindo os rumes na mouçã Dabril ⁊ de Mayo, poderião ir na Dagosto ⁊ de Setembro / em q̃ ele esperaua de ser na põta de Diu que eles auião de ir demandar ⁊ pelejar coeles antes q̃ entrassem em Diu, ⁊ por isto era necessario ir inuernar a Mazcate / porq̃ inuernando na India não podia sayr em Agosto ⁊ chegar a Diu em Setẽbro por amor do tempo q̃ era contrairo / ⁊ quãdo nã ouuesse rumes fazia cõta de tomar Diu antes q̃ os mercadores ⁊ gente estrangeira que ho podião defẽder chegassem: porq̃ era certificado que

antes de chegarẽ ho podia tomar por estar em desposição pera isso. E porque pera esta empresa lhe fazia muyto pejo ficar fortaleza em Calicut ficando de guerra/ & muyto mais ficando de paz/ porque sabia a pouca verdade del rey queria ele derribar aquela fortaleza/ ho que não disse a pessoa nenhũa. & fingindo que esperaua que el rey de Calicut lhe cometesse pazes se detinha/ & porq̃ se entre tanto os mouros cozressem á fortaleza como era certo cozrerem, se aloiou com sua gente ao derredor da fortaleza/ pera que estando ali/ estouesse mays prestes pera lhes resistir se viessem/ & fortaleceo suas estancias, com a artelharia que tomou aos immigos: que toda lhes ficou em seu poder quanta tinhão. E vendo eles como ho gouernador se aloiara ao derredor da fortaleza, se ajuntarão todos os espingardeiros/ & forão dar sobrele cuydádo de lhe fazer dano: & por detras de hũas ballas onde se punhão, tirauão muytas espingardadas aos Portugueses/ & assi por detras de valos donde os perseguião/ & não lhes aproueitaua tirarem aos immigos porque estauão êparados, E vendo ho gouernador a opressã que os Portugueses recebião, determinou de derribar os valos & balsas com que se os immigos emparauão/ & assi ho fez: & ele mesmo foy a isso em pessoa/ & foy ho primeyro que começou de cortar as balses com sua espada sem temor das espingardadas que os immigos tirauão/ & logo se todos chegarão/ & acabarão de as decepar & derribarão os valos: & os immigos fugirão, & nũca mais ousarão de tornar. E como el rey de Calicut via isto, & estaua muyto quebrado/ & via que por mal não se podia vingar dos Portugueses, mãdou pedir paz ao gouernador, offrecendose a pagar todas as despessas q̃ forão feytas naquela guerra, & que daria todos os paraós que auia no reyno de Calicut/ & toda a artelharia. E ho gouernador q̃ tinha a determinação que disse/ & queria derribar a fortaleza buscou maneira pera el rey de Calicut não fazer a paz: & pedioihe mais que lhe auia dentregar ho Arel de Porquá/ que sendo amigo dos Portugueses sem causa se leuantara, & lançara cõ el rey de Calicut & ho ajudara naquela guerra. E por el rey de Calicut ho não querer êtregar, dizendo que ya contra seu costume, não quis ho gouernador conceder a paz/ & despois disso estando em conselho com todos esses capitães & fidalgos, & pessoas principaes, lhes propos que el rey de Calicut não queria coele pazes/ & pera terem coele guerra lhe parecia que não era seruiço del rey seu senhor estar fortaleza em Calicut, porque a foza não ser de nenhũ proueito/ & gastarse nela hũ conto & duzentos & vinte sete mil fs/ em ordenados do capitão feytor/ & outros officiais/ & mãtimentos dos soldados/ ocupaua gente & artelharia/ que poderião fazer proueito em outra

parte, pelo q̃ se deuia de derribar/ & assi pareceo bem a muytos: contra o que foy Eytor da silueira, dom João ỹlima, & outros algũs. Dizendo que el Rey de Portugal recebia muyto proueito em ter aq̃la fortaleza em Calicut, / porque não podia ser mayor honrra pera sua alteza, que estando el rey de Calicut coelle de guerra ter aquela fortaleza em Calicut principal cidade de todo seu reyno/ & tão principal em toda a India, & onde el rey de Calicut residia ho mais do tẽpo, & ẽ q̃ tinha todo seu poder: & sofrer esta fortalezaçõtra sua vontade era conseruar se de todo, ho credito do poder del Rey de Portugal que elle restaurara com vẽcer os immigos. E poder se sofrer aquela fortaleza estaua claro pois se defendera hum inuerno por tão poucos Portugueses contra tamanho poder de gente que nã podia ser mayor nem melhor apercebido de petrechos & munições pera baterias & combates: & quãdo se defenderão tambem no inuerno em que não podião ser socorridos, que muyto melhor se defenderião no verão em que auião cada dia de ser visitados & socorridos pela armada que goardasse a costa: & que nela não se entẽdia fazer gasto pois tinha seus fronteiros limitados/ & artelharia que não entrauão na armada da India/ & coelles sómente se faria tanta guerra a el rey de Calicut/ que ou ho destruyrião de todo, ou se entregaria sem nenhũa condição, ou lhe seria forçado despouoar a cidade & fazer sua morada em outra parte, que seria ho mayor feyto que se podia fazer na India / pelo muyto credito que tinha nela de poderoso, & fama em muytas partes fora dela de seu poder ser inuẽciuel/ & que este era ho mór proueito que se podia fazer cõ a gẽte que era ordenada á fortaleza/ & mais q̃ não tornaua quaesquer outras q̃ se podião fazer: antes seria muyto grande ajuda pera se fazerem, porque ho medo de verẽ abatido tamanho poder como ho del rey de Calicut com tão poucos Portugueses / quebraria ho esforço a outros reys pera se defenderem & terem guerra coeles, antes lhes deixarião fazer fortalezas onde quesessem: & mais que pera durar sempre a memoria da muyto grande vitoria que lhe nosso senhor dera contra el rey de Calicut estando tão poderoso/ era bem sofrer se aquela fortaleza / porque derribandoa se apagaua de todo, & auião de dizer os mouros que por seu medo fora derribada. E dom João de lima se offreceo ao gouernador pera ser capitão dela, & a defender com seus parentes & amigos em quanto a guerra durasse. E ho gouernador pola determinação que tinha não quis senão que se derribasse a fortaleza. do que se a gente comũ espantou muyto quando ho soube/ & dizião que não se fizera mais se os immigos vẽcerão: & culpauão muyto ho gouernador & os do conselho que tal cousa aconselharão. E assentado pelo gouernador que a fortaleza fosse derribada / mandou a logo despejar & embarcousse/

deixando em terra Manuel de macedo com algũa gẽte pera que a derribasse com minas quelhe mandou fazer & apoztilhala ẽ algũas partes. E quando se deu ho fogo ás minas da poluora nas mais delas não pode pegar / pelo que cayo muy pouco da fortaleza: & a mayor parte dela ficou em pẽ com a torre da menagẽ. Do q̃ pesou muyto a todos os da armada / & dizião que não podia ser mayor injuria / nẽ abatimento dos Portugueses q̃ deixarem assi hũa fortaleza sobre tamanha vitoria. E embarcado Manuel de macedo com os q̃ ficarão coele, ho gouernador se partio pera Cochim, dãdo licença a dõ João de lima que fosse a Cananor acõpanhado de certos catures pera recolher algũa pouca de fazẽda q̃ lá tinha / porq̃ ho mais gastara ho todo no cerco, & ainda isso leuou ho de Portugal: porq̃ como quasi todo ho tempo de sua capitania foy de guerra / nã pode multiplicar sua fazenda se não gastala / pelo que ficou muyto pobre.

¶ Capit. cxxiiij. Do que fez el rey de Calicut despois de despejada a fortaleza.

PArtido o gouernador do porto dõ Calicut, os mouros que virão cair algũs lanços do muro da fortaleza entenderão o que era / & a forão ver. E quãdo a acharão despejada foy ho seu prazer muyto grande / & coele forão dar a noua a el rey de Calicut / louuãdo muyto ho conselho quelhe derão de fazer guerra á fortaleza, pois coela lançarão fora da terra os Portugueses / & lhes fizerão desemparar a fortaleza / em que ganhara tanta honrra que mais nã podia ser. E assi lhe dauão outros muytos louuores, com q̃ el rey ficou muyto soberbo: & assi bo ficarão os mouros / & não sómẽte os de Calicut mas os de toda a India / sabẽdo como o gouernador despejara a fortaleza de Calicut. E esses reys & senhores em cujas cidades el Rey de Portugal tinha fortalezas / começarão de ter esperança que as farião despejar, & ho primeyro foy ho Hidalcão quelhe pareceo que poderia tomar Goa / ou que a faria despejar cõ muyta guerra: o que logo escreueo a el rey de Calicut / dizẽdo que queria tomar exẽplo dele: & dãdolhe muytos louuores pelo que fizera, pedindolhe q̃ ho ajudasse com a sua armada pa coela fazer a guerra per mar, porq̃ tambẽ Meliquiaz capitão de Diu ho ajudaua com a sua armada: & que com tamanho poder de gente acabarião de deitar os Portugueses fora da India. Do q̃ el rey de Calicut foy cõtente / pa o q̃ ajuntou logo toda sua armada, deq̃ fez capitão mór hũ mouro chamado Patemarcar: & entretanto que ho socorro não ya mandoulhe que soltasse os paraós pela costa, & que fizesse quanta guerrra podesse aos Portugueses. E assi ho fizerão / porem quis nosso senhor q̃ ho Hidalcão embaraçado com outras guerras que lhe mouerão seus vezinhos não pode entender naquela / pelo que não ouue effeyto: mas el rey

de Calicute ficou muyto soberbo/ & mãdou reformar a fortaleza que tinha em muyto grande estima, pera poder dizer a todos como dizia que os Portugueses lha deixarão com medo.

¶ Capit.cxxv. De como ho gouernador mandou Eytor da silueira ao cabo de Boardafum.

Chegado ho gouernador a Cochim achou hũa nao que auia pouco que chegara de Portugal, acusou capitão nã sou be ho nome. E este disse ao gouernador, que aquele anno partirão ó Portugal tres naos pera a India/ de que fora capitão mór Felippe de crastro, de que não sabia parte, nem do capitão da outra nao. E vendo ho gouernador que não yão mais naos de Portugal/ deu ordê pera irem cõ a carrega essas que hi auia, & despois se partio pera Goa. E como ele determinaua ó ir inuernar a Mazcate, pera da hi tornar cedo sobre Diu & tomalo: despachou de Goa Eytor da silueira cõ fama de ir a Maçua por dom Rodrigo de lima: & a ele disse em segredo/ q̃ ho esperase no cabo ó Boardafũ ate Março: & não indo que fosse a Maçua ver se achaua dom Rodrigo, & deulhe quatro nauios de q̃ afora ele forão capitães/ Francisco de mêdoça, Fernão de mozais & Frãcisco de vascõcelos. E partido Eytor da silueira, tornouse ho gouernador á costa do Malabar/ pera andar hi darmada ate a entrada de Feuereiro, em q̃ esperaua de se partir pa a outra costa: & ẽ Goa deixou recado q̃ lhe fizesse muytos cestos de cãpo, muytos picoẽs, enxadas/ escadas/ cadeas, & grãde soma de polnora de bõbarda/ & espingarda/ & outras munições, porque de tudo tinha necessidade pera ho que determinaua:

¶ Capit.cxxvi. Do q̃ aconteceo a Jorge dalbuquerque com ho Arel de Porquá.

Vindo a moução de Malaca pera a India/ Jorge dalbuquerque que esperaua por ela se partio ẽ hũ jũgo seu, porq̃ como era muyto amigo do seruiço dl rey nã quis ir ẽ nhũ nauio Portugues/ (posto que lho daua Pero mascarenhas) porq̃ sabia quão necessarios erão em Malaca: & naquele jungo forão coele cozenta & quatro Portugueses seus amigos & criados: & indo tanto auãte como Porquá saiolhe ho Arel grande imigo dos Portugueses/ & andaua darmada cõtreles/ com vinte cinco catures muyto bem armados & esquipados/ & leuou apos si todos os do lugar ẽ almadias, aq̃ cõuidou pera ho desposo do jũgo, Jorge dalbuq̃rque q̃ os vio fezse prestes pa pelejar, mandando ceuar sua artelharia q̃ erão doze berços & hũ falcão, & repartio a gente na tolda/ popa/ & na proa, & estando prestes seria as nouue horas do dia quãdo chegou ho Arel cõ sua armada dando grãdes

gritas: & pos se da balrauẽto: porq̃ ho jungo não podesse arribar sobre les, & cercarãno daquela banda pola proa & popa/ & começão de despa rar nele suas bombardas/ & da primeyra bõbardada lhe leuarão a ceuadeira cõ a verga & com ho masto: & daqui forão as bõbardadas tão bastas que parecia q̃ choutão. E co mo ho jungo era forte, & tinha por dẽtro suas arrõbadas/ & as bõbar dadas erão de tiros miudos não lhe fazião nenbũ nojo, & os Portu gueses a eles muyto, arrõbandolhe muytos catures, & matãdolhe per to de trezentos homẽs segundo se despois soube com bombardadas & espingardadas: & fizerãno aqui muy esforçadamente/ a forca Jorge dalbuquerque/ Antonio de melo que moca em Bucelas, Gomez do campo & Ruy lobo, q̃ das portinholas da popa matarão muytos imigos ás espingardadas, & Francisco bocarro, & Riculao de sá cõtador dos cõtos del Rey, & Antonio carualho feytor da casa de Ceita/ & ho cõdestabre do jungo/ que tirauão da tolda com dous berços/ & bũ falcão/ com que fizerão grande destruição nos caturs/ arrombando os com morte de muytos imigos. E frãcisco fernãdes leme/ & Bastião rodriguez marufim/ & outros a que não soube os nomes/ que da proa núca estiuerão ociosos: & fazẽdo dabi jugar os tiros espedaçarão muyta soma dimigos, que com quanto mal recebião nunca deixarão de pelejar ate ho meo dia/ então se apartarão coesta perda que digo. E Jorge dalbuquerque não recebeo outra, se não matarenlhe bũ escrauo seu porque se descobrio muyto. E nisto gastou quanta polnora & pelouros leuaua: & assi se foy a Cochim/ onde ho gouernador que hi estaua antes que fosse pera Goa/ soube a fadiga em que estaua ho jungo, & lhe mandou socorrer/ & ja ho socorro não foy necessario.

¶ Cap. cxxvij. Do q̃ aconteceo ao almoxarife da fortaleza de Maluco indo pa a ilba dos Celebes.

TRãdo a amizade antre dom Garcia anriquez capitão de Maluco, & Antonio debrito que ainda lá estaua/ pareceolhes bẽ de mãdarem as ilbas dos celebes/ que sam sessenta legoas da ilba de Ternate/ porque tinha por fama q̃ auia nelas muyto ouro, & pera sabe rem se era assi mandarão ho almoxarife da fortaleza em bũa fusta cõ panos & outras mercadorias, com que tratassem cõ os Celebes: & partio na entrada do mes de Julho: & chegado a bũa destas ilbas foy bẽ recebido dos moradores dela/ que sabendo a causa de sua ida/ que era ho ouro, recearão que por amor de lelbes tomassem a terra: & por isso determinarão de matar ho almoxarife & quantos hião coele, & tomar a fusta/ parecendolhe que não irião lá mais outros: & assi ho quiserão fazer bũa noite estando os Portugueses dormindo na fusta/ que tendo os imigos mea forca da agoa acordarão, & defenderãse tambẽ q̃ fizerã

afastar os imigos. E tornada a fusta ao mar se forão a outra ilha / ôde os não quiserão agasalhar / nẽ menos em outra. E vẽdo q̃ não auia effeyto bo pera que forão, determinarão de se tornar a Ternate, pera onde os ventos lhes erão contrairos por ser gastada a mouçáo / & por isso se desuiarão tanto de seu caminho q̃ forão ter a bũas ilhas q̃ se chamão as do Meyo / de que não poderão aferrar nenhũa com a tormenta que leuauão / & cõ as muytas agoagẽs que auia antreles que correm muyto cõ que as escorrerão todas, & sayrão a bũ largo golfão de mar q̃ he o que se faz antre bo estreito de Magalhães & as ilhas de Maluco & outras muytas. E como era desabrigado & os ventos erão brauos correrão ali muy medonha tormẽta com q̃ andarão trezentas legoas em que muytas vezes se virão quasi perdidas: & bũa noyte cõ a brauza dos mares lhes saltou bo leme fora das femeas / & nunca bo poderão tornar a meter, & esteuerão em muyto grande perigo ate pola manhaã que se acharão junto de bũa ilha q̃ seria de trinta legoas, em q̃ sayrão dando muytos louuores a nosso senhor por lha deparar: & ali forão bẽ recebidos da gente da ilha que era baça & bem desposta, assi homẽs como molheres & cõ fermosos rostos, & os homẽs tinhão as barbas pretas & compridas / & geralmente era bo seu trajo bũs panos cingidos q̃ chegauão ate os artelhos & erão de bũas palhas como iuncas, saluo q̃ erão mais aluos & tã massios como olanda / & cobrianse com outro pano tal como este q̃lhes chegaua ate bo embigo: & outro tal pano saluo q̃ era mais delgado trazião bũas camisas. A terra era muyto viçosa darnozedo em que auia muytos cocos / & figos como os da India & inhames. E assi auia muytas galinhas & algũas cabras, & era muyto fresca de agoas / & muyto boas & da ua algũs ligumes. E souberão os Portugueses por acenos que auia muyto ouro ao ponente desta ilha que era tão sadia que não auia hi nenhũ doente nẽ aleijado, & auia muytos velhos / & a gente tinha paraós em que pescauão / & nauegauão ao lõgo da ilha, & cortauão a madeyra cõ os ossos de peixes, & algũs Portugueses q̃ yão doentes forão aqui logo sãos. E vendo eles bo bõ gasalhado que recebião daquela gente, & por lhes serem os ventos contrairos pera tornar a Maluco se deteuerão ali quatro meses / que tornarão os ponentes com que se partirão, fazendo crer aos da terra que sintião muyto sua partida que logo auião de tornar / q̃ andauão descobrindo terra, & chegarão a Maluco a vinte de Janeyro do ãno de mil & quinhẽtos & vinte seys / onde cuydauão q̃ erão todos mortos, & lhes tinhão vendidas suas fazendas / porque a viagem das ilhas dos Celebes era ao mais de mes & meyo ida & vinda & eles ya em sete que erão partidos.

¶ Capitolo. cxxviii. De como Antonio de brito entregou a fortaleza da ilha de Ternate a dom Garcia anrriquez.

ATras fica dito como Antonio de brito & dõ Garcia anrriquez secõcertarão/que por quãto Antonio de brito tinha começado bũ jungo que se poderia acabar ate Agosto, esteuesse por capitão na fortaleza ate então: & da hi por diãte estaria em bũ lugar chamado Toloco duas legoas da fortaleza/& dõ Garcia ficaria por capitão liure & desembargado. E como os Portugueses que estauão com Antonio de brito/esteuessem os mais enfadados da guerra/& teuessem junto muyto cravo que era ho que lhes mais lembraua que ho seruiço del Rey desejauão de se ir daquela terra/& por isso pedirão a Antonio de brito que os leuasse em sua companhia: & elelho prometeo. E como sabia que dõ Garcia se ho soubesse lhes auia dimpedir a ida/& lhes auia dembargar as certidões do sol do q̃ tinhão vencido, tirou as secretamente antes que se fosse: & pouco a pouco lhes mãdou lá leuar ho seu fato, dando a entender que era seu. E secretamente mandou leuar os petrechos da ferraria da fortaleza, & ferro/& chumbo quanto pode, & mandou diante quantos carpinteiros & calafates pode auer: assi polvora & pelouros/& tudo ho de q̃ lhe pareceo que tinha necessidade/posto que via em quanta ficaua a fortaleza do que leuaua. E sem dõ Garcia disto ser sabedor, por q̃ como os officiaes que tinhão estas cousas erão mais amigos Dantonio de brito que do seruiço del Rey/dauã lhas muyto secretamente. E vindo ho mes Dagosto em q̃ Antonio de brito se auia dir pera ho Toloco, entregou a fortaleza a dõ Garcia sem ho muro da banda do mar estar de todo çarrado, & ho da banda da terra por amear a mayor parte dele/& cõ bũ baluarte da mesma bãda em altura de duas braças, & outro não tinha feyto mais q̃ os alicerces, & a torre da menagẽ altura de. xl. palmos cõ dous sobrados/& do derradeyro ate ho telhado sem paredes se não cõ caniçadas de canas fẽdidas forradas desteiras, & disto erão feytos os repartimẽtos das camaras. E estas erão as paredes que tinhão as casas da feytoria/pelo q̃ os porcos & cabras entrauão nelas quãdo querião: & assi se goardaua a fazẽda del Rey/& este cuydado se tinha de la. E esta tão grãde & suntuosa obra foy feyta ẽ tres ãnos, & assi se entregou dõ Garcia dela. E quãdo Antonio de brito se foy/fozanse coele todos aq̃les que esperauão que os leuasse de Maluco fazendo que ho acompanhauão por q̃ fora capitão, & que logo tornarião. E q̃ dõ Garcia consentio cuydando q̃ fosse assi/mas eles despois que forão no Toloco não tornarão mais/nem Antonio de brito os mandou, porque folgaua de leuar companhia pera ho mar.

¶ Capit. cxxix. De como vendo dõ Garcia que Antonio de brito lhe não queria dar os homens que se forão coele, lhe mandou tomar ho leme, & as bombas & velas de hũa nao.

Vendo dõ Garcia passar algũs dias / & que não tornauão os que fozã cõ Antonio de brito, pareceolhe mal: & pozisso lhe escreueo pedindolhe que lhos mandasse pois sabia que ficaua õ guerra & lhe erã muyto necessarios, com o que Antonio de brito desimulou / respondendolhe que bẽ sabia a necessidade que tinha deles & que lhos mandaria: & que lhos não mandaua logo pozlhe serẽ necessarios ate acabar ho seu jungo, & pera leuarem a nao sancta Ofemea que lhe ficara diante da fortaleza pozserẽ agoas mortas / & esperaua de leuar pera onde estaua, como fossem viuas. E não sendo dom Garcia contente cõ aq̃la reposta / repricou pedidolhe mais asperamente os homẽs q̃ tinha: do que Antonio de brito se escusaua compalauras muy frias: no que dõ Garcia entendeo que lhos não queria dar: & tambẽ pozlhe certificarem algũs que ficarão na fortaleza que Antonio de brito não auia de querer dar os homẽs que tinha & q̃ auia de desimular cõ palauras ate se ir & leualos, pozisso que visse o que lhe cõpria. E ainda sobre esta certeza dõ Garcia teue algũs comprimentos cõ Antonio de brito pedindolhe muyto pozmerce que lhe mandasse os homẽs que tinha / representandolhe a necessidade que tinha deles pera seruir el rey, & quãto se perderia de seu seruiço leuãdo os / lembrãdolhe que ho não deuia de fazer / assi pozsua fidalguia, como pozser tão obrigado ao seruiço del rey. E vendo q̃ sempre Antonio de brito respondia sem effeito / deu conta de tudo ao feitor, & ao alcayde mór & aos outros officiaes da fortaleza & pessoas principais dela pozcujo conselho lhe fez hũ requerimẽto em que lhe nomeaua todos os Portugueses que tinha cõsigo que erão obrigados á fortaleza requerendolhe da parte del rey de Portugal que lhos desse fazendo sobrisso grandes protestações. E mãdoulho per hũ escriuão da feitoria / a q̃ respondeo q̃ logo mandaria os homẽs: & dilatãdo de dia em dia de os mãdar: acordou dom Garcia com conselho dos que disse de lhe mandar tomar ho leme / bõbas & velas da nao sancta Offemea antes que a leuasse, pozq̃ sem ela não se podia ir & pozela lhe daria os homẽs q̃ lhe tinha. E mandadas tomar soubeo Antonio de brito, que q̃do se vio assi atalhado fez conselho com os que estauão coele, & vendo que não tinhão em que se ir / que não auião de caber no jungo / pozserem muytos: determinarão que fossem tomar a nao pozforça de armas / & que lhe farião leme / bombas & velas. E estauão todos tam danados da cobiça das fazendas que ja tinhão / que esquecidos da lealdade Portuguesa / com aquela vontade se armarão / & tomando suas lanças & espingardas / & outras armas offensiuas partirão contra a fortaleza de seu rey & cõtra seus vassalos, cõ tão brauo impeto como se foza contra mouros, fazẽdo grãdes ameaças de prisam a dõ Garcia, & de mortes a quem ho quisesse defender, & coeste rumor passarão

por diante da fortaleza: & com muyto grande desacatamento & diaboli ca ousadia se forão todos meter na nao santa Ofemia, cõ grandes brados de pesar de tal: quero ver quem nola defende/que lhe não tiremos a vida. Dom Garcia que os vio passar/ & vio oque yão fazer agastou se muyto, porque selhe representou quãto mal se aparelhaua: & por lhe atalhar mandou hũ requerimẽto a Antonio de brito & aos que estauão coele/que não bolissem com a nao/ nem lhe desobedecessem pois estaua por capitão daquela fortaleza em lugar del Reyõ Portugal cujos vassalos erão, & mandoulho pelo ouuidor da fortaleza/com que foy hũ tabalião publico que lho publicou. E em acabando de ho ler, os que estauão com Antonio de brito se rirão do requerimento/dizendo que não conhecião a dõ Garcia por capitão se não a Antonio de brito, cujo tempo da capitania duraua ate se ir, & q a ele obedecião & não a outrem: & se dõ Garcia lá fosse que lhe tirarião com as espingardas. E tornãdo ho ouuidor coesta reposta/foy dõ Garcia aconselhado que mãdasse meter a nao no fũdo com bombardadas/ pera o q̃ se começou õ fazer prestes.

¶ Capit. cxxx. Da grãde desauẽça que ouue antre Antonio de brito & dom Garcia: & de como Antonio de brito se partio pera Bãda.

Estando a cousa nestes termos soube ho Cabril daroes: & como ele era grande amigo Dãtonio de brito acodio logo/ & foy falar a dom Garcia: estranhandolhe muyto a rotura que auia antrele & Antonio de brito: porque deixando ser antre Portugueses que tinhão fama de serem muyto cõformes no seruiço de seu rey sobre todas as outras nações, denialhe lembrar quã apartados estauão de sua natureza & ãtre homẽs differẽtes da sua ley, & que começauão de conuersar: que lhe lembrasse em quão má conta os terião vendo os desauindos & postos em tamanha rotura. Do que dõ Garcia selhe diseulpou com lhe cõtar a causa que tinha pera fazer o q̃ fazia. E todauia como Cachil daroes era mayor amigo Dantonio de brito que de dõ Garcia/ & lhe vinha bẽ ficar dom Garcia cõ pouca gẽte pera ter necessidade dele/quis ser terceyro de os concertar. E despois de falar com hũ & com outro, fez de maneyra que Antonio de brito leuou a nao com prometer de mãdar logo os homẽs q̃ estauão coele, que nunca mandou/porque sabia a necessidade q̃ tinha deles pera sua viagẽ/do que naceo antreles mortal odio/principalmente por mexericos que nunca falecem onde ha desauenças. E vẽdo os Portugueses esta tamanha antre dom Garcia & Antonio de brito, trabalhauão pola sustentar assi os que estauão com hũ como os que estauão cõ ho outro, parecẽdolhes que terião deles mais necessidade / & farião coisso melhor seu proueito. E começouse a cousa deburilhar de maneyra que dos que estauão com Antonio de brito fugião pera dõ Garcia/ & dos

que estauão coele fugião pera Antonio de brito: & todos leuauão nouas de hũa parte a outra pera crecer ho odio ãtreestes dous homẽs. E destes passadiços teuerão algũs tanto poder que prouocarão a Antonio de brito que matasse dõ Garcia: pera o q̃ ho fizerão hũ dia ir dissimuladamente aa fortaleza, & não podendo fazer ao que ya se tornou. E sendo disso dom Garcia auisado mandou logo tirar hũa deuassa cõtra Antonio de brito, & assi do mais que tinha cometido contra ho seruiço del Rey. E sabendo ho ele, & temendose de lhe perjudicar, buscou maneyra pera que dom Garcia lhe ficasse publicamente por imigo, por que a deuassa que tirauа não fosse valiosa: & foy fazer com hum fidalgo chamado Lionel de lima que era seu parente que se fosse pera dõ Garcia, fazendo se agrauado Antonio de brito, & dizẽdo muyto mal dele, & que se conuidasse a dom Garcia pera lho matar: & Lionel de lima o fez assi. E entendendo dom Garcia ho ardil, mostrouse grande amigo de Antonio de brito, & q̃ se algũa cousa fizera contrele foza pelo q̃ compria ao seruiço del Rey, & não por mal q̃ lhe quisesse: de modo q̃ Lionel de lima não teue ẽtrada coele & ficou ho ardil perdido. E porque nã passasse assi, & Antonio de brito soubesse q̃ era entendido, escreueolhe dõ Garcia hũa carta sobrisso, & porque lhe não mudasse a sustancia, mostrou a primeyra a Martim correa alcayde mór, & a outras pessoas, contandolhe ho sobre a q̃ escreuia, & pedindo lhe q̃ teuesse memoria do q̃ dizia nela pera sua justificação se Antonio de brito dissesse outra cousa, porque assi ho fez ele despois q̃ lhe foy dada a carta, dizendo que dom Garcia ho mandaua matar por Lionel de lima como seu immigo que era, & por tal ho publicaua. E nesta desordem & desconcerto esteuerão ate ho Janeyro seguinte que se Antonio de brito partio pera Banda deixando escrochada a fortaleza da gẽte & do mais que disse. E vendo dom Garcia quã necessitado ficaua de tudo, mãdou a Martim correa que fosse a Sãda & tomasse gente & fazẽda pera a feytoria aos jungos ou a quaesquer naios de Malaca que bi achasse, por que nem em Malaca, nem na India não auia lembrança de mandar a Malu co nenhũa destas cousas.

Capit. cxxxj. Decomo ho gouernador andando na costa do Malabar se achou mal de hũa perna, pelo que se foy a Cananor.

PArtido o gouernador de Goa foy correndo a costa ate Panane sem achar nenhũs paraos: porque posto que andassem no mar tinhão em terra suas atalayas que lhe fazião fumaças que dauão final dos Portugueses andarem na costa, & metiã se por esses rios onde se escondião. E tornando ho gouernador defrõte de Calicut, mandou queymar ho lugar de Chale per dom Jorge de meneses & certas naos que bi estauão varadas: & ele ho fez assi. E tornando daqui pera Cananor chegãdo ja perto dele vio passar quatro

paraós de Malabares que se apartarão da conserua doutros que yão buscar arroz. E quando os vio, sintio muyto ousarem eles daparecer sabendo que andaua na costa. E auẽdo aquilo por grãde desauergonbamento, determinou de os castigar: pera o que mãdou deitar batel & armouse, posto que andaua mal tratado dũa perna em que trazia hũa cbagã, & por isso algũs lhe dizião que não fosse quelhe faria mal: quauto mais que bo gouernador da India não auia dir pelejar cõ quatro Malabares, que abastauão quaesquer capitães de catures ou bargantis. Mas ele não quis deixar de bo fazer tão amigo era de pelejar, & mais auia de ser o que foy. E metido no batel com outros q̃ se meterão coele/ & indo virão algũs bargantins que forão aferrar os paraós/ & os tomarão matando quantos yão neles. E cõ tudo bo gouernador quis chegar a eles dalueorçado de ver a peleja, & despois tornouse ao galeão onde chegou com a perna muyto inchada & agrauada de ir em pé ate os paraós/ & tornar ẽ pé ate bo galeão que foy caminbo de hũa legoa: & tãbem com bo esquentamento das armas & do alueorço / & logo aquela noyte lhe acodio febre, & achouse tão mal que lhe foy forçado recolherse a Cananor pera se curar & recolheose no mes de Janeyro deixãdo por capitão moor da costa dom Jorge de meneses telo, que andãdo por ela foy ter com Pero de faria á boca do rio de Bacanor hũ lugar delrey de Narsinga / onde estauão carregando de pimenta cento & cincoẽta paraós Malabares pera Cãbaya: & os senhores dos paraós asũtarão ali a pimenta pera a carregarem sem serem sentidos dos Portugueses/ que por ser a terra delrey de Narsinga que era seu amigo não atẽtarião nisso nem os estoruarião. E os que estauão nos paraós erão quatro mil bomẽs, de que muytos erão espingardeiros: & tinbão os paraós muy bem artilbados. E posto que dom Jorge isto soube não quis entrar dentro por ter pouca gente: & escreueo ao gouernador q̃ lbe mandasse mais, que como não sabia quantos os immigos erão mandoulbe mais algũa gente de q̃ foy capitão moor dom Jorge de meneses, por quem escreueo a dom Jorge telo/ que se com a gente que lbe mandaua podesse pelejar com os immigos que pelejasse/ & se não que esperasse ate lbe mandar mais.

¶ Capitolo. cxxxij. De como dom Jorge telo pelejou com os immigos no rio de Bacanar/ & de como os desbaratou.

Chegado dom Jorge de meneses á boca do rio de Bacanor onde staua dom Jorge telo deulbe bo regimento que lbe mandaua bo gouernador acerca de pelejar com os immigos. E quãdo dom Jorge bo vio/ disse que não se podia goardar aquele regimento por não auer tempo pera se leuar recado ao gouernador, que estauão os immigos pera partir no dia seguinte, & era

forçado pelejar coeles & defender-lhe a sayda/& por isso ho pos em cõselho em que se acordou que se deuia de pelejar/com quãto não erão por todos mais de seys centos homẽs. E aquela noyte se fizerão prestes encomẽdandose todos a nosso senhor, & toldando & embandeirando seus bargantis, catures & bateis em que auião dêtrar no rio: em q̃ entrarão ao outro dia em começando de repẽtar a maré fazẽdo grandes alegrias de tangeres & gritas/& em pouco espaço toparão com os immigos q̃ decião com a vazante dagoa que acabaua então. E em os Portugueses os vendo começarão de despararar muytas bombardadas enchẽdo tudo de fumo & de tozões. E como os immigos não esperauão que eles os fossem cometer dentro no rio quando os virão de supito: & de supito ouuirão aquela espãtosa tozoada de bombardadas & escurecer ho dia com ho fumo delas/ cuydarão que os Portugueses não tinhão conto/& com medo fizerão logo volta polo rio acima: & ajudados da enchente dagoa & dos remos fugião quanto podião/ indo os Portugueses apos eles com a mesma pressa/ tirandolhes coela com sua artelbaria/ com que os forão dãnificando ate onde ho rio começaua de ser baixo/& ali começarão dencalbar assi dos seus paraós como dos bargantins dos Portugueses, ficando hũs por hum cabo outros polo outro: porem os immigos porq̃ os Portugueses os não aferrassem assi como encalhauão fugião logo pera terra que não ousauão mais desperar. E era pera louuar a nosso senhor de como fugião sem verẽ de que/porque os Portugueses erão tão poucos como digo. Os nauios mais leues que podião nadar/assi dos imigos como dos Portugueses forão remando ate onde ho rio estreitaua tanto que se passaua por hũa ponte/& ali encalbarão todos: & dos nauios Portugueses nã chegarão mais que dous bateys em que yão ambos os dõs Jorges & quatro catures, em que auia quasi nenhũa gente pera a muyta dos immigos. E quando eles vendo cobrarão coração/& fazendo rosto aos Portugueses começarão de lhes tirar cõ sua artelbaria & grãde soma de frechadas com q̃ os começarão de ferir principalmente no batel de dõ Jorge de meneles, que como vio q̃ os immigos tornauão sobre si porque lhe não matassem a gente os quisera aferrar, & chegouse a borde lança. E dom Jorge telo que vio á grande multidão dos immigos & que de cada vez auião de ser mais, porque recrecião os outros dos paraós que ficauão atras encalhados/ parecelhe que era doudice aferralos sẽdo tã poucos como erã: & mais não lhe podẽdo socorrer os outros Portugueses que ficauão encalhados/ & parecelhe melhor tornarse pareles pera despois todos juntos pelejarem com os immigos. E fazẽdo final de recolher/ recolheose: & ao dobrar de hũa ponta por vazar a maré ficou em seco hũ to de vinte paraós dos immigos que tambem ali estauão em seco. que vendo os Portugueses daquela

maneyra acodirão logo com sua artelharia por terra desparandoa neles que não se podião valer tão bastos erão os pelouros, & hum deu no paiol da polvora dũ catur em que se acendeo fogo que bo queymou todo, & a gẽte se saluou saltãdo no rio. E esforçandose os immigos coeste desastre, pareceolhes como erão milhares pera a pouquidade dos Portugueses/que não somente os podessem matar mas q̃ os tomassem ás mãos: & dando muyto grandes coquiadas/ & desparando tanta soma de frechas que quasi tirauão a claridade ao sol lançaranse no rio/ & rompendo pela agoa se chegauão a eles. E quevendo dom Jorge telo começou de esforçar os Portugueses, que de muyto esforçados muytos não quiserão esperar os immigos nos naulos & forã nos receber com muytas espingardadas, & começouse antreles hũa bem aspera & perigosa peleja pera os Portugueses por quão poucos erão. E senos so senbor milagrosamente os não liurara, dandolhes marauilhoso esforço pera se defenderem não poderão escapar: & todos pelejarão tão esforçadamẽte com a ajuda diuina que fizerão retirar os imigos pera terra ficando no rio algũs mortos, de cujo sangue & doutros feridos a agoa ficou de cor de sangue/ & dos Portugueses tambem forão muytos feridos/ & forão postos ẽ muyto mayor trabalho despois q̃ cessar a peleja, porque de terra lhes tornarão á tirar os immigos como dantes, & fazião lhes muyto dãno tirãdolhes como a aluo, & eles não se podião valtbolir por estarem em seco: & se aquilo durara ate tornar a marẽ não ficara nenhum vivo: mas quis nosso senbor que naquela conjũção acertou de chegar ali hum capitão del rey de Narsinga com trinta mil homẽs que ya recolher a renda daquela comarca, & ouuindo bo estrõdo da artelharia & as gritas dos immigos, chegousse a ver o que era: & com sua chegada esteuerão os immigos quedos & se forão/ porque sabendo dom Jorge telo como aquele capitão era del rey de Narsinga, mãdoulhe dizer que não deuia de consentir que aqueles Malabares pelejassem com os Portugueses na terra del rey de Narsinga, pois era amigo del Rey de Portugal. A q̃ bo capitão respondeo que assi bo faria: & por chegar naquele instante & não saber nada deles estauão ali. E castigando de palaura os seus capitães pelo que fazião/ os fez meter pelo sertão cõ sua gente. E os Portugueses ficarão desapressados, & acharão que erão mortos cozenta deles. E determinando dom Jorge telo de os vingar/ como foy tempo tornouse á boca do rio a esperar os immigos quando sayssem/ & fez em terra algũas estãcias dartelharia/ porque coelas & com a armada que tinha na boca fizesse dãno aos immigos, & mandou dizer ao gouernador o que passana, mandandolhe preguntar o que faria.

Capitolo. cxxxiij. De como faleceo dom Anrrique de meneses.

Mando este recado foy ao gouernador/ tinha ja herpes na sua perna/ que lhe tirauão a vida de todo em todo. E que elle conhecendo, como fiel Christão que era tirou ho sentido das cousas mũdanas/ & entendeo nas spirituaes confessandose de seus peccados/ o que em sãa costumaua fazer a miude. E feytos todos os autos de verdadeiro Christão começou a alma de se despedir do corpo: & chamando ho nome de Jesu, & de sua gloriosa madre de quem era muyto deuoto ispirou este esforçado caualeyro em dia da Purificação de nossa senhora do anno de mil & quinhẽtos & vinte seys, & foy seu corpo sepultado na igreja de Cananor com muyto grande sentimẽto de todos/ principalmẽte dos que erão amigos do seruiço de Deos & del Rey/ porque sabião que perdião nele estas duas cousas hũ grande executor/ por tãbem ser delas muyto grãde amigo: & que todo seu pensamento & cuydado era em seruir a Deos & a el Rey, em tanto que isto lhe tirauа ho cuydado de sua fazenda/ q̃ auẽdo dous annos que estaua na India & cõ tão bõs dous cargos como teue não tinha de seu cousa algũa como se vio claramente, em não lhe acharem na sua bueta mais que ate noue tãgas q̃ fazião na moeda portugueſa seys centos & corenta rs/ nem menos se lhe deuia dinheiro/ nem ho tinha mandado a outras partes empregado: que posto que em Portugal quãdo partio pera a India vendesse de sua fazenda & arrendasse suas rendas dãte mão pera leuar bõ emprego/ como foy na India & vio que não se podia seruir el Rey com ter cargo de tratos os deixou logo/ & gastou isso q̃ leuaua sem mais querer aquirir outro/ dizendo que se viuesse que el Rey seu senhor lhe faria merce, & se morresse a faria a seus filhos. Foy muyto esforçado & sem nenhũ medo como se vẽ nas batalhas & pelejas/ em que se achou na India despois de ser gouernador/ & em Africa antes de ir á India: & assi como era esforçado/ era muy amigo dos homẽs em que auia esforço/ & louuaua os publicamente/ & fazialhes merce de dinheiro ou de officios segũdo era a qualidade do feyto que fazião. E deste esforço q̃ tinha naturalmente lhe vinha ser tão amigo de sua honrra que não sofria fazerlhe ninguem cousa que fosse contrela/ o que se via claramente, que dizendolhe ho viso rey dõ Vasco da gama estando em Goa algũas palauras de que se ele agastou: lhe disse logo que lhe nã disesse aquilo, porque em Portugal nã auia dous homẽs como ele pera injuriarem hum grande senhor que lhe não falasse muyto bem. E ho viso rey como era prudente & vio que dõ Anrrique tinha rezão de estar agastado polo que lhe disera, deitou ho feyto a zombaria, dizendo a algũs fidalgos que hi estauão que lhe acodissem/ que ho queria matar dom

Anrrique, & isto rindo. Foy tão isento em fazer justiça, que nem odio/ nem temor, nem afeyção lhe tornarão que a não fizesse de quaes quer pessoas de que era bẽ que se fizesse/ & porisso foy malquisto dalgũs fidalgos da India de que a fez, & dizião mal dele. Foy homem de boa estatura & membrudo, de rosto bem proporcionado: foy de boa condição & discreto. Era sua determinação tomar Diu/ & Adem/ & fazer sempre guerra aos mouros: & assi ficarão eles muy desaliuados por sua morte.

Aqui faz fim ho seysto libro da historia do descobrimẽto & cõquista da India pelos portugueses. Feyto por Fernão lopez de Castanheda. E impresso em a muyto nobre & sempre leal cidade de Coymbra per João de barreira empremidor da vniuersidade. Acabouse aos iij. dias do mes de Fevereiro. de M. D. LIIII.